

**O Outro Lado de Mim: O Peso da Orientação Sexual  
no Envelhecimento LGBT**

**Judite Beatriz Pais da Silva**

**Dissertação de Mestrado em Sociologia  
Especialização em Políticas Públicas e Desigualdades  
Sociais**

**Novembro 2018**

**O Outro Lado de Mim: O Peso da Orientação Sexual  
no Envelhecimento LGBT**

**Judite Beatriz Pais da Silva**

**Dissertação de Mestrado em Sociologia  
Especialização em Políticas Públicas e Desigualdades  
Sociais**

**Novembro 2018**

## RESUMO

Portugal tem apresentado um aumento da população envelhecida, levando a que esta faixa etária tenha vindo a ser alvo de diversas implementações de medidas e políticas, motivadas pela preocupação pública que tem surgido em torno da temática do envelhecimento. Aqui, destacamos especificamente os seniores LGBT e as necessidades, medos ou desafios que estes têm vindo a apresentar ou a enfrentar.

À medida que vão envelhecendo, com o medo de se tornarem alvo de discriminação ou perseguição, muitos destes elementos chegam a uma fase da sua vida em que sentem que têm de renunciar à sua orientação sexual, “voltando para o armário”, para viverem sem medo das consequências da exposição da sua sexualidade. O objetivo da presente investigação consiste, então, em adentrarmos sobre o que significa envelhecer como uma pessoa LGBT, bem como tentar compreender que lacunas é que ainda permanecem no conhecimento sobre o envelhecimento LGBT.

Assim, este estudo incide sobre as histórias de vida de indivíduos com sessenta e mais anos ( $> +60$ ), homens e mulheres, que apresentam uma orientação sexual não heterossexual, residentes tanto no seu domicílio, como em instituições. Este não é um estudo representativo ao nível estatístico, sendo que quisemos propor-nos a chegar a tantos indivíduos que pudessem representar tanta diversidade de casos quanto possível (no presente caso, nove entrevistados), para aprofundarmos esta temática. Para o efeito, realizámos, então, entrevistas com foco nas histórias de vida de alguns seniores LGBT, a fim de obter os dados pretendidos para o estudo.

Desta fase, foi possível observar que estes carecem de apoio ao nível institucional e residencial, de uma entidade ou políticas que vão ao encontro das suas necessidades, como uma residência ou instituição (no caso da uma institucionalização), que aceite seniores LGBT sem que estes tenham medo de ser discriminados, ou que tenham de renunciar à sua sexualidade e/ou orientação sexual para que possam viver a sua velhice de uma forma mais plena e sem temor.

**Palavras-chave:** velhice, sexualidade, LGBT, institucionalização, estratégias, políticas públicas.

## ABSTRACT

Portugal has shown an increase in the aging population, leading to the fact that this age group has been the target of various implementations of measures and policies, motivated by the public concern that has arisen around the theme of aging. Here, we specifically highlight the LGBT seniors and the needs, fears or challenges they have been presenting or facing.

As they grow older, with the fear of being discriminated against or persecuted, many of these elements reach a stage in their life where they feel they have to renounce their sexual orientation, "going back to the closet", to live without fear of the consequences of exposing their sexuality. The purpose of the present research is then to delve into what it means to grow old as an LGBT person as well as try to understand which gaps is still lingering in the knowledge about LGBT aging.

Thus, this study focuses on the life histories of individuals aged equal and over sixty ( $> +60$ ), men and women, who have a non-heterosexual sexual orientation, living both in their homes and in institutions. This is not a representative study at the statistical level, being that we wanted to propose to reach as many individuals that could represent as many different cases as possible (in this case, nine interviewees), to deepen this theme. To that end, we conducted interviews focusing on the life histories of some LGBT seniors, in order to obtain the data intended for the study.

From this phase, it was possible to observe that they lack institutional and residential support of an entity or policies that meet the needs they present, such as a residence or institution (in the case of an institutionalization) that accepts LGBT seniors without that they are afraid of being discriminated against, afraid, or that they have to renounce their sexuality and / or sexual orientation so that they can live their old age with plenitude and without fear.

**Keywords:** old age, sexuality, LGBT, institutionalization, strategies, public policies.

## **AGRADECIMENTOS**

Diversas pessoas contribuíram com um papel fundamental para que este estudo fosse levado a cabo, as quais não posso deixar de reconhecer e agradecer:

A todos os entrevistados que se disponibilizaram a partilhar as suas histórias comigo e com o mundo, expondo todos os seus medos, dificuldades, experiências, vitórias e momento íntimos. Sem a vossa colaboração, este estudo não seria possível.

Ao pessoal das instituições (Diretoras e pessoal técnico), por me concederem o espaço e os meios para a realização das entrevistas (tanto nos lares, como nos domicílios), sendo sempre prestáveis e atenciosos.

Ao meu orientador, o Professor Doutor Bruno Dionísio, que desde a discussão do tema, passando pelas inúmeras reuniões, até ao fim do estudo, foi uma pessoa fundamental para este trabalho. Foram as suas palavras de motivação, as suas sugestões, o seu conhecimento, as suas orientações e a sua presença constante que permitiram que eu avançasse para a conclusão da dissertação.

À minha família e ao meu namorado, pelo apoio infindável que me prestaram a todos os níveis, pelas palavras de alento e motivação constante, e pelo amor e carinho que me transmitiram até ao fim.

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

**LGBT** – Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transsexuais.

**DST** – Doenças Sexualmente Transmissíveis.

**HIV** – Human Immunodeficiency Virus (ou em português, VIH: Human Immunodeficiency Virus).

## ÍNDICE GERAL

<b>Capítulo I – Apresentação do Estudo</b>	<b>11</b>
<b>1. Introdução</b>	<b>11</b>
<b>2. Apresentação do estudo</b>	<b>13</b>
2.1. Questão de partida e objetivos	13
2.2. Pertinência e (in)visibilidade do problema de pesquisa	13
<b>Capítulo II – Instituições</b>	<b>21</b>
1. Instituições: revisitando Goffman	21
2. Transformação das instituições: aquilo que permanece e aquilo que se transforma	31
<b>Capítulo III – Construção social da velhice: representações e estigmas</b>	<b>37</b>
1. Conceções	38
2. Estratificação social da velhice	41
3. Representações, estereótipos e estigmas	43
4. Mito da velhice assexuada	46
5. (Des)Valorização do corpo	48
<b>Capítulo IV – Políticas Públicas</b>	<b>55</b>
1. Definição	55
2. Modelos de políticas	56
3. Políticas públicas e dispositivos de intervenção	57
4. Associativismo LGBT em Portugal	59
<b>Capítulo V – Metodologia</b>	<b>61</b>
1. Introdução	61
1.2. Metodologia qualitativa	61

2. Processo de recolha de dados	63
2.1. Definição da amostra	63
2.2. Captar relatos de vida LGBT na velhice: as entrevistas	64
2.3. Obstáculos	72
<b>Capítulo VI – Perfis dos entrevistados</b>	<b>77</b>
1. Características sociodemográficas	77
2. Momento da descoberta	84
3. Perceções sobre as instituições	88
3.1. Lares: O receio da perda de privacidade, de intimidade e de liberdade	94
4. A privacidade e a exposição (in)voluntária ao outro	101
5. A importância da privacidade e da intimidade para a sexualidade	108
5.1. Comportamentos sexuais de risco	114
5.2. A sombra do HIV	120
6. Nove realidades: contrastes e semelhanças	122
<b>Capítulo VII – Conclusão</b>	<b>125</b>
<b>Referências bibliográficas</b>	<b>129</b>
<b>Anexos</b>	<b>135</b>
<b>Anexo I - Modelo de Consentimento Informado e de Confidencialidade</b>	<b>136</b>
<b>Anexo II – Guião das entrevistas</b>	<b>138</b>
<b>Anexo III – Transcrição das entrevistas</b>	<b>142</b>
<i>Francisco</i>	143
<i>Ana</i>	162
<i>Paula</i>	194
<i>Manuel</i>	219



<i>Maria</i>	237
<i>Joaquim</i>	258
<i>Mário</i>	276
<i>Isabel</i>	295
<i>António</i>	312

## ÍNDICE DE GRÁFICOS

**Gráfico 1** – Pirâmide etária, Portugal, 2013 (estimativas), 2035 e 2060 (projeções, cenário central). *População residente em Portugal com tendência para diminuição e envelhecimento*. INE 15

**Gráfico 2** – Nados vivos (N.º) e Índice sintético de fecundidade (N.º), Portugal, 2008-2013. *Número de nados vivos abaixo de 83 mil – 2013*. INE 16

## ÍNDICE DE TABELAS

**Tabela 1** – Padrões de Vida na Velhice, com base no texto *Padrões de vida na velhice*, de Rosário Mauritti, 2004. 42

**Tabela 2** – Perfis dos entrevistados, com base nas entrevistas. 78

## I – INTRODUÇÃO E APRESENTAÇÃO DO ESTUDO

### 1. Introdução

No âmbito do mestrado de Políticas Públicas e Desigualdades Sociais, surge a presente dissertação, intitulada de O Outro Lado de Mim: O Peso da Orientação Sexual no Envelhecimento LGBT. Este estudo incide sobre as histórias de vida de indivíduos com mais de sessenta anos ( $> +60$ ), homens e mulheres, que apresentam uma orientação sexual não heterossexual, ou seja, pertencem à categoria LGBT, residentes tanto no seu domicílio, como em instituições. Este estudo surge, portanto, com base no interesse da temática do envelhecimento, tido como um problema social atual (Lenoir, 1989)<sup>1</sup> que, cruzado com a questão da orientação sexual na velhice, se traduz num fenómeno interessante de explorar e analisar, e de grande atualidade.

De fato, o próprio fenómeno do envelhecimento dentro da sociologia começou a alcançar um maior destaque. Tal é possível confirmar pelo aumento da procura da compreensão do fenómeno do envelhecimento, pela sua tentativa de compreensão dos problemas sociais contemporâneos. A própria Sociologia especializou-se na problemática do envelhecimento que propende, neste sentido, a procurar “*desconstruir concepções que foram sendo moldadas nos discursos demográficos, economicistas, políticos ou comerciais e que limitam a compreensão da multiplicidade de vivências associadas aos diferentes acontecimentos demográficos*” (Guerra, 2016: 11)<sup>2</sup>. Na obra *Sociologie de la Vieillesse et du Vieillissement*<sup>3</sup> é-nos demonstrado, do mesmo modo, a importância de olhar o envelhecimento não como um estado, mas como um processo, compreendendo-o como um acontecimento único, complexo e individual e, por isso, de difícil definição dada a multiplicidade de vivências experimentadas pelos diferentes seres sociais.

---

<sup>1</sup> Lenoir, R. (1989). *Object sociologique et probleme social, Initiation à la pratique sociologique*. Dunod/Bordas, Paris.

<sup>2</sup> Guerra, Rosália. (2016) Contos de Solenes Entardeceres: Vivências e Rotinas Singulares do Cuidador da Pessoa com Alzheimer. Dissertação em Gerontologia, Instituto Politécnico de Portalegre – Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, Escola Superior de Saúde de Portalegre.

<sup>3</sup> Caradec, Vincent. (2008) *Sociologie de la Vieillesse et du Vieillissement*. Armand Colin, coll. «128», 2<sup>o</sup> Édition.

Neste sentido, compreender o fenómeno do envelhecimento através das experiências dos seniores LGBT, ou seja, através das histórias de vida dos nossos entrevistados, extraíndo os momentos que os marcaram ao longo das suas vidas e, especialmente, nos seus processos de envelhecimento, bem como os seus medos, os desafios que ultrapassaram e que enfrentam no dia-a-dia, em muito associado às suas orientações sexuais, às suas práticas, às suas vivências, ou ainda às suas necessidades que ficam em falta, por vezes pelo poder do medo ou do preconceito, permitiu-nos compreender melhor este fenómeno.

Para o efeito, realizámos, então, entrevistas com foco nas histórias de vida de alguns membros desta parte da população, leia-se, os seniores LGBT, a fim de obter os dados pretendidos para o estudo. Desta fase, foi possível observar que estes carecem de apoio ao nível institucional e residencial, de uma entidade ou políticas que vão ao encontro das necessidades que estes apresentam, como uma residência ou instituição (no caso da uma institucionalização), que aceite seniores LGBT sem que estes tenham medo de ser discriminados, alvos de perseguição ou medo, ou que tenham, por exemplo, de renunciar à sua sexualidade e/ou orientação sexual para que possam viver a sua velhice com pacificidade e sem temor.

As próprias Associações LGBT existentes em Portugal circunscrevem a sua intervenção a pessoas LGBT com idades compreendidas entre os 16 anos e os 30 anos (pessoas estas que vão envelhecer e, possivelmente, também precisar deste apoio), excluindo-se, assim, este segmento populacional da terceira e da quarta idade. Aqui excetua-se apenas a Associação Opus Gay, a qual se revelou ser a única com um projeto em mãos que visa este segmento, nomeadamente o projeto *Envelhecer Fora do Armário*, o qual pretende, precisamente, evitar o acima descrito, ou seja, permitir que as pessoas vivam as suas vidas livremente e com as suas necessidades atendidas. Todavia, uma única Associação não se revela suficiente para se resolver todas as questões sentidas e abordadas nas entrevistas, que pedem uma resolução, revelando-se essencial criar medidas e políticas públicas que suprimam estas necessidades.

Deste modo, a presente investigação vai, essencialmente, permitir-nos adentrar sobre o que significa envelhecer como uma pessoa lésbica, gay, bissexual ou transsexual (LGBT), bem como tentar compreender que lacunas é que ainda permanecem no conhecimento sobre o envelhecimento LGBT.

## **2. Apresentação do Estudo**

### **2.1 Questão de partida e objetivos**

Para levarmos a cabo esta investigação, focada no fenómeno do envelhecimento LGBT, definimos como pergunta de partida a seguinte questão: De que forma é que o envelhecimento LGBT é condicionado pela orientação sexual? Esta permitiu-nos balizar o que pretendíamos investigar, criando um fio condutor ao longo do trabalho. Neste sentido, e para procurarmos responder à nossa pergunta de partida, também definimos como objetivos os seguintes:

- I) Perceber de que forma os medos, dificuldades, desafios e experiências vividas pelos seniores LGBT contribuíram para as imagens que detêm sobre a realidade institucional e para a forma como vivem o seu quotidiano.
- II) Perceber de que modo as representações sobre as instituições podem levar à rejeição de uma possível institucionalização e de que modo pode condicionar as estratégias de exposição/ocultação da orientação sexual em caso de institucionalização (“voltar para o armário”).
- III) Perceber que importância tem a sexualidade para os seniores LGBT e que peso tem a orientação sexual nesta, mesmo em caso de institucionalização.

### **2.2 Pertinência e (in)visibilidade do problema de pesquisa**

Eleito o campo de investigação, definida uma pergunta de partida e os objetivos, procedeu-se a pesquisa sobre estudos já realizados sobre o tema e constatou-se que, em termos da temática do envelhecimento existem, realmente, obras sobre esse campo, como por exemplo acerca da representação social da velhice. Grande parte destas obras referem-se às representações sobre a velhice dos idosos e ao seu bem-estar subjetivo, ou ao problema demográfico que representam. Todavia, ainda que tenhamos encontrado alguns trabalhos que assentavam em métodos qualitativos, notámos que os trabalhos encontrados privilegiavam maioritariamente o método quantitativo e, ainda que estes por vezes integrassem alguma análise observacional, este era de cunho mais descritivo que interpretativo.

Contudo, ao nível da temática do envelhecimento LGBT, sendo esta a área de interesse da presente investigação, já se tornou mais complicado encontrar obras nesse

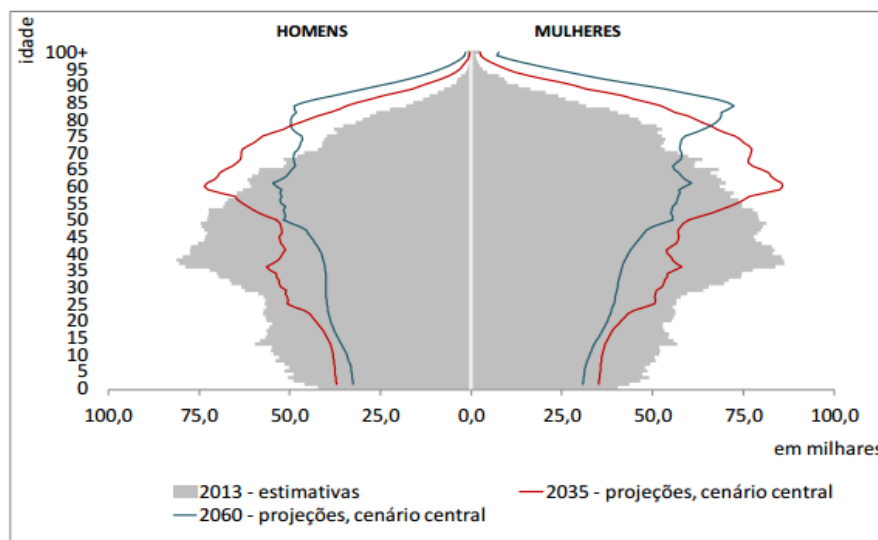
sentido. As que encontramos foram, essencialmente, representantes das realidades brasileiras e anglófonas, e não propriamente sobre Portugal, o que se revelou uma pesquisa documental limitada. Encontrámos, assim, alguns textos sobre o problema do HIV na homossexualidade sénior, sobre a disseminação de doenças sexualmente transmissíveis entre homossexuais seniores, sobre o medo da institucionalização pelo peso da orientação sexual, ou sobre a decisão de “voltar para o armário”<sup>4</sup> durante o processo de envelhecimento motivado pelo medo.

Dentro do tema do envelhecimento LGBT, para além do pouco que encontrámos, essencialmente dentro do supramencionado, notámos a ausência de questões como a existência de lares LGBT em Portugal, a ausência de apoios específicos para a população LGBT sénior ao nível associativo (dado que as associações LGBT só lidam com casos dos 16 anos aos 30 anos, excetuando a Associação Opus Gay, como será explicado adiante), ou mesmo de propostas ou soluções para se lidar com os casos dos seniores LGBT institucionalizados que sentem receio de se expor. Como tal, apurou-se a ausência de um estudo aprofundado neste sentido, ao qual tentamos fazer jus com a presente investigação.

Todavia, para falarmos no envelhecimento LGBT, temos que abordar também o envelhecimento em si. Deste modo, temos noção de que, como se tem vindo a observar, Portugal está a tornar-se num país com uma população cada vez mais envelhecida, algo que aumenta de ano para ano. De facto, se observarmos o Gráfico 1, podemos notar que esta pirâmide, até ao período de 2013, revela alguma discrepância, apontando já a existência de poucos jovens (indivíduos com idades entre os 0 e os 25 anos), em comparação com a proporção que se encontra na faixa etária dos 40 aos 55 anos, que se revela mais extensa. Neste sentido, se se observar as projeções para 2060, podemos perceber que a pirâmide, neste período de tempo, transformou-se. Esta deixou de ser uma pirâmide normal ou convencional para ser uma pirâmide invertida; a população da base passa para o topo – menos jovens, mais população envelhecida.

---

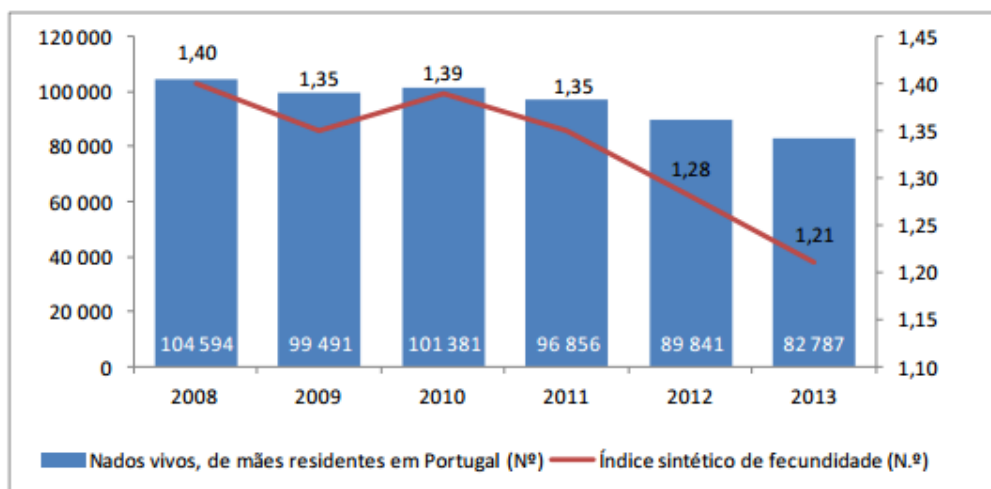
<sup>4</sup> Referência à Opus Gay, que utiliza esta expressão para traduzir o momento em que o sénior sente que tem de renunciar à sua orientação sexual para viver sem medo, numa falsa ilusão de felicidade, e que será explicitado adiante.



**Gráfico 1** – Pirâmide etária, Portugal, 2013 (estimativas), 2035 e 2060 (projeções, cenário central). *População residente em Portugal com tendência para diminuição e envelhecimento.* INE

Este prolongamento do tempo de vida deriva de evoluções nas mais diversas áreas (melhores saneamentos, melhor qualidade na alimentação, cuidados médicos que se revelam mais eficazes e modernos, alterações dos estilos de vida, etc.), levando a que as pessoas tenham melhores condições de vida do que no passado. Isto permitiu que se pudesse prolongar mais a duração da nossa existência, provocando, assim, uma alteração contemporânea a pontos de tornar a sociedade mais envelhecida. Ou seja, mais crianças sobrevivem ao seu primeiro ano de vida, mas as famílias continuam com os membros mais velhos durante mais tempo, resultando num conseqüente envelhecimento da população e inversão da pirâmide, algo já visível atualmente. Para tal contribuem outros fatores como uma baixa taxa de natalidade, pois se nascem cada vez menos crianças, passa a haver cada vez menos jovens, levando a que a população se torne cada vez mais envelhecida (contribuindo para esta inversão da pirâmide), como é possível observar no gráfico 2, que foca o período do ano 2008 até ao ano 2013.

**Nados vivos (N.º) e Índice sintético de fecundidade (N.º), Portugal, 2008-2013**



**Gráfico 2** – Nados vivos (N.º) e Índice sintético de fecundidade (N.º), Portugal, 2008-2013. *Número de nados vivos abaixo de 83 mil – 2013. INE*

Neste sentido, destacando a crescente população envelhecida de Portugal, podemos notar que a orientação sexual, que tem peso neste campo, está pouco desenvolvida, seja de um modo mais geral (políticas ou instituições criadas com vista aos seniores LGBT, por exemplo,) ou de um modo mais específico (ao nível de medos, dificuldades que estes indivíduos enfrentam no dia-a-dia, por exemplo). Ainda que não possamos representar todos os seniores LGBT estatisticamente (nem este é um estudo representativo ao nível estatístico), quisemos propor-nos a chegar a tantos indivíduos que pudessem representar tanta diversidade de casos quanto possível (no presente caso, nove entrevistados), para aprofundarmos esta temática, como nos propusemos de início.

Neste sentido, este campo de investigação pareceu-nos pertinente na sua exploração porque, com os tempos que correm, a orientação sexual LGBT tem vindo a tornar-se mais visível no espaço público, mas não deixa de ter consequências na forma como esta é representada socialmente e percebida. Contudo, parece ser ainda entre os mais jovens que esta diversidade é mais compreendida ou aceite, sendo que no segmento sénior antes se reforça o preconceito: não se basta ser velho (peso da idade), como também se é LGBT (peso da orientação sexual). Está presente, então, uma interseccionalidade (Crenshaw, 1994), uma vez que o indivíduo passa a ser alvo de preconceito ou discriminação por diversas razões (idade, género, orientação sexual, poder económico, raça, religião, entre outros).



Dado que a população está cada vez mais envelhecida e que há agora mais pessoas assumidas face à sua sexualidade (não heterossexual), à medida que vão envelhecendo, com o medo de se tornarem alvo de discriminação ou perseguição, muitos chegam a uma fase da sua vida em que sentem já não ser possível serem eles mesmos (no caso dos que sentiram em algum momento das suas vidas poderem ser eles próprios) e preferem renunciar à sua orientação sexual, “voltando para o armário”, para viverem sem medo das consequências da exposição da sua sexualidade, numa falsa ilusão de felicidade.

Nestes casos, interrogamo-nos: como é que se expressa a sexualidade e a orientação sexual dos indivíduos? E dos indivíduos LGBT? É sequer permitida ou aceite? Como é que a instituição atua nestes casos? O facto das necessidades dos indivíduos serem orientadas e geridas pela organização / grupo de atores que dirige a instituição, permite que haja um maior nível de controlo por parte da instituição para com a vida dos indivíduos, passando estes a estar condicionados e a depender do regulamento instituído.

Neste sentido, a decisão que por vezes se toma antes da velhice – o assumir da orientação sexual, o “sair do armário” – volta a ser pesada aquando da entrada na velhice, em que os indivíduos medem os riscos da exposição da sua orientação sexual e decidem por qual estratégia optar, se pela exposição, se pela renúncia da sua orientação sexual. Esta reflexão é observada, principalmente, mas não exclusivamente, em casos em que os seniores LGBT passem a depender de terceiros ou que tenham de ser institucionalizados.

Como Savin-Williams & Dubé referem: *“Coming out to others can be a risky undertaking for some gay and lesbian individuals who may have legitimate reasons not to disclose; however, remaining in the closet can lead to feelings of alienation and isolation from friends and family”* (Savin-Williams & Dubé, 1998). Portanto, diversos indivíduos, incluindo alguns dos entrevistados, sentiram ou sentem que têm de renunciar à sua sexualidade ou orientação sexual para poderem passar despercebidos, por exemplo, numa situação de institucionalização ou de dependência de uma terceira pessoa ou familiar.

Por esta ordem de pensamento, e uma vez que os jovens LGBT, entre os 16 anos e os 30 anos, também vão envelhecer, portanto, aqueles que as Associações LGBT abrangem em Portugal, e uma vez que esta questão tem contornos e reflexões

“recentes”, torna-se preocupante pensar não só nos casos dos seniores LGBT atuais, como no futuro destes seniores vindouros. Que hipóteses de escolha terão no futuro? Sentir-se-ão livres e desinibidos com a sua sexualidade e orientação sexual nas suas velhices? Poderão continuar a usufruir das suas sexualidades e relações LGBT mesmo que sejam dependentes de terceiros ou que estejam institucionalizados? Os seniores LGBT, de acordo com os entrevistados, atualmente, sentem que têm de renunciar àquilo que são ou querem ser, ou em muitos casos, que conquistaram tardiamente o que queriam verdadeiramente ser, para poderem usufruir da sua velhice em caso de dependência de terceiros ou de uma institucionalização, principalmente se não tiverem condições económicas para investirem numa alternativa que lhes ceda maior liberdade, tolerância e privacidade face à sexualidade e à orientação sexual da terceira e quarta idade.

Na realidade, as instituições nos dias que correm são cada vez mais diversificadas e presentes nas alternativas dos cuidados dos quotidianos dos indivíduos à medida que vão envelhecendo ou que vão necessitando destas. De públicas a privadas, as instituições surgem-nos nos mais diversos modelos e formas de funcionamento. Contudo, a sexualidade ou a orientação sexual são variáveis que podem interferir num processo de institucionalização. A interação sexual, ao fazer parte do ser humano e do seu bem-estar, ainda que a sua expressão varie de indivíduo para indivíduo e que se manifeste essencialmente durante a juventude e a sua vida adulta (seja pelo simples prazer, para constituição familiar, por novas experiências, ou por outro motivo), pode continuar a manter a sua importância nesta fase da vida de um indivíduo.

Portanto, percebemos que não é por se passar a ser sénior ou a atingir-se uma determinada idade que se deixa automaticamente de ter intimidade ou vontade sexual (*mito da velhice assexuada*, conceito de Mauro Brigeiro e Guita Debert). Como tal, o peso que esta variável vai ter para o sujeito (que também varia de indivíduo para indivíduo), ainda para mais numa relação LGBT, pode traduzir-se numa preocupação ou num fator de peso que pode condicionar a negociação e as estratégias do seu processo de institucionalização (por exemplo, omissão da sua sexualidade / orientação sexual, ou renúncia total às mesmas) e influenciar de algum modo a escolha do lar para o indivíduo, caso a escolha parta do próprio.

A questão de se assumir ou não a orientação sexual é, portanto, deveras complexa. Segundo Bettina, “*Coming out (...) is a sexual identity recognition process*

*culminating in a self-awareness of a gay, lesbian, or bisexual orientation and/or sharing this information with others (...)*” (Bettina, 2010: 4). Portanto, escolher “*sair do armário*” é uma situação que pode ocorrer a qualquer momento da vida de um indivíduo LGBT, quando este assim achar oportuno, decisão essa que pode tentar renunciar mais tarde, se assim sentir necessidade, motivado pelo medo ou pelo preconceito do ambiente em que está inserido.

A necessidade de se “*sair do armário*” prende-se ainda com o *mito da heteronormatividade*, em que se assume automaticamente que uma pessoa é heterossexual até prova em contrário, pelo que, muitas vezes, para uma pessoa ser feliz ou ter uma relação com quem desejar, tem de “*sair do armário*”, contrariando esse mito, passando a estar exposta ao que daí advier. De acordo com Rust, o assumir da orientação sexual é necessário, portanto, numa cultura heterossexista: “*Is the process by which individuals come to recognize that they have romantic or sexual feelings toward members of their own gender, adopt lesbian or gay (or bisexual) identities, and then share these identities with others. Coming out is made necessary by a heterosexist culture in which individuals are presumed heterossexual unless there is evidence to the contrary.*” (Rust, 2003: 227).

Deste modo, torna-se interessante tentar perceber como é que os processos de envelhecimento são condicionados pela sexualidade e pela orientação sexual, como foi o caso destes indivíduos que partilharam as suas histórias de vida connosco, representantes de tantas outras, conduzidos pela falta de políticas públicas, receios, carências, de Associações e/ou de entidades que assegurem a colmatação das suas necessidades, independentemente destes residirem nos seus domicílios ou em instituições. As suas práticas, vivências, formas de agir e desafios em muito contribuem para a exploração desta problemática.

Assim, e a fim de contextualizar o referido, nos próximos capítulos será focado a importância e o papel das instituições (eg. como é que estas atuam, qual o seu nível de intervenção, que propósito servem, os tipos de instituições, ...), a construção social da velhice (ao nível das representações e estigmas que esta traduz, como o mito da velhice assexuada, o mito da heteronormatividade, a importância do corpo, ...), o papel das políticas públicas nos processos de envelhecimento LGBT (no que consistem, as Associações e a sua ausência, falta de medidas que correspondam ao necessário, ...), bem como os perfis dos entrevistados (momentos que os marcaram, desafios, medos,

estratégias, ...). De notar, desde já, que a velhice não é uma situação homogénea, mas antes estratificada e que, neste sentido, os processos de envelhecimento LGBT não ocorrem todos da mesma forma, com as mesmas variáveis ou estratégias, traduzindo-se, assim, nos diferentes perfis que serão explorados adiante.

## II – INSTITUIÇÕES

### 1. Instituições: revisitando Goffman

É no âmbito institucional social que surge o tipo de instituição que tem vindo a ser referido desde o início do presente trabalho, nomeadamente, os lares para idosos, sejam estes de cariz privado ou público. As instituições, portanto, surgiram e desenvolveram-se ao longo da modernidade, como é o caso da família e da transformação que tem sofrido na sua configuração ao longo do tempo ou, por exemplo, o mundo do trabalho assalariado, que também sofreu transformações com o evoluir dos tempos.

Neste sentido, o próprio Estado Providência também surge e adquire um papel muito importante no que diz respeito às instituições, pois vai representar a passagem de uma fase do mundo do trabalho para o mundo da reforma, em que passa a haver necessidade de dar resposta aos indivíduos que precisam de ajuda por não terem possibilidade de sobreviverem sozinhos. De acordo com Dionísio, é neste sentido que a velhice *“constitui, pois, um dos impactos sociodemográficos mais significativos das sociedades modernas, pondo a nu a caducidade dos sistemas de segurança social dos Estados-Providência.”* (Dionísio, 2001: 242)

Ao mesmo tempo, dá-se também a alteração das solidariedades mecânicas e orgânicas: a solidariedade orgânica entra em vigor quando a solidariedade mecânica deixa de funcionar. Para Durkheim, a solidariedade social destacava-se através da consciência coletiva, sendo esta o elo de ligação entre as pessoas. Contudo, será a solidez, o tamanho ou a intensidade dessa consciência coletiva que mede a ligação entre os indivíduos, sendo que esta também varia segundo o modelo de organização social de cada sociedade. Neste caso, começamos por uma solidariedade mecânica, caracterizada pela dependência da extensão da vida social que a consciência coletiva alcança, em que quanto mais forte a consciência coletiva, maior é a intensidade da solidariedade mecânica.

Deste modo, a solidariedade mecânica funciona devido ao sentimento que está na base ser um sentimento de pertença a uma nação, a uma religião, à tradição, à família. Quando este tipo de solidariedade deixa de funcionar, entra então em vigor a solidariedade orgânica. Esta, por sua vez, ocorre enquanto processo de individualização

dos membros dessa sociedade, os quais assumem funções específicas dentro dessa divisão do trabalho social. Aqui, os indivíduos unem-se não porque se sentem semelhantes ou porque haja consenso, mas sim porque são interdependentes dentro da esfera social. É neste sentido que o Estado-Providência se vai destacar: surge como resposta à solidariedade social necessária, principalmente através das reformas dos indivíduos que atingem a velhice.

Estas alterações vão ainda desafiar o que esses laços oferecem. O próprio papel da mulher, enquanto figura exclusivamente cuidadora, também sofre uma transformação quando esta entra no mercado de trabalho, até então pertencente exclusivamente ao homem. Esta transmutação vai, então, levantar outra questão: se a mulher deixou de se dedicar exclusivamente ao lar e ao ato de cuidar e passou a entrar no mercado de trabalho, então quem cuida agora? É neste sentido que os lares surgem como resposta e que se tornam prementes, pois tornou-se necessário dar uma resposta de outra natureza. Com as modificações no trabalho, na família e no ato de cuidar, as instituições vão, assim, adquirindo uma maior importância na sociedade à medida que a modernidade se transforma.

Os lares de velhice surgem, como tal, para suprir essa necessidade humana, bastante notória nos tempos que correm, sendo que estes inicialmente eram “*dirigidos aos asilos, à população carente que necessitava de abrigo, frutos da caridade cristã diante da ausência de políticas públicas*” (Camarano e Kanso, 2010: 233). Frequentemente associadas a edifícios que albergavam mendigos, doentes psiquiátricos e, posteriormente, pessoas idosas, as instituições foram sendo associadas a representações negativas e estereótipos, as quais se têm vindo a modificar com o tempo. Atualmente servem para dar resposta aos casos de institucionalização necessária, seja por motivos de saúde, dependência ou deterioração do indivíduo, por viuvez, por solidão, por decisão individual ou familiar, entre outras.

Actualmente, os lares de velhice surgem também como “*uma das alternativas de cuidados não-familiares existentes*” (Camarano e Kanso, 2010: 233), deixando de fazer parte apenas da rede de assistência social, passando a integrar também a rede de assistência à saúde. Os lares pretendem dar resposta, portanto, aos casos das populações mais vulneráveis: as crianças, os jovens e os idosos. Como tal, estes lares assumem como características serem “*governamentais ou não-governamentais, de carácter residencial, destinadas a domicílio coletivo de pessoas [normalmente] com idade igual*

*ou superior a 60 anos, com ou sem suporte familiar, em condição de liberdade, dignidade e cidadania”* (Camarano e Kanso, 2010: 234).

De notar, no entanto, que existe uma grande dificuldade em se conseguir qualificar a velhice, pois não há um termo consensual na literatura para o efeito. O termo que mais se verifica é o de “terceira idade”, sendo que este é maioritariamente empregue ao nível demográfico. De facto, temos uma primeira idade (alusiva às crianças e jovens), uma segunda idade (alusiva aos jovens mais maduros e aos adultos), e uma terceira idade (que engloba todos os que tenham sessenta ou mais anos de idade). Na verdade, seria necessário aqui criar outro segmento, como a quarta idade (os jovens velhos) ou mesmo uma quinta idade (para uma idade bem mais avançada) para que fosse possível abranger praticamente todos os casos da população, tornando mais fácil caracterizar cada situação e necessidade.

Refletindo, quando se fala de jovens, não parece existir qualquer pudor na sua referência. Todavia, quando falamos de *velhos*, este parece estar associado a uma carga negativa (um lado simbólico negativo associado à velhice). Neste sentido, recorre-se a outros termos para se suavizar esta carga, como *idoso* ou *sénior*, ao mesmo tempo que os próprios seniores demonstram alguma relutância em caracterizarem-se como velhos. Parece, então, não existir um termo que designe tudo isto de uma forma sem ser associada a uma conotação negativa. Esta própria definição complexa leva a que os lares não sejam criados com foco na especificidade de cada caso (leia-se, para os casos de terceira idade, para os casos de quarta idade ou para os casos de quinta idade), mas numa amálgama de situações que caracterizam todos idosos num coletivo.

Neste sentido, associa-se frequentemente as razões de institucionalização apenas ao surgimento de dependência ou de perda de autonomia de um indivíduo aquando da sua entrada num lar. Contudo, as razões de institucionalização não são iguais para todos os casos. Podemos encarar casos de doença, de perda de independência, solidão, isolamento, uma interrupção do quotidiano derivado de uma viuvez, em que os indivíduos, embora sejam autónomos, vão para um lar (em que a pressão familiar pode estar presente), entre outras possibilidades – tudo isto pode variar com a idade em que o indivíduo se encontra (terceira idade, quarta idade ou quinta idade), pelo que a especialização do lar pode fazer toda a diferença. Portanto, estas pessoas vivem de forma diferente em comparação com os casos dos indivíduos que estão em situações mais decadente, deterioradas, ou terminais, pelo que se tem de apostar numa

diferenciação dos cuidados e não na manutenção desta homogeneização dos cuidados que, por sua vez, contribuem para a aceleração de perda cognitiva, das suas funções e para o isolamento / depressão. Os diferentes tipos de instituições adquirem, então, uma grande importância para o efeito.

Os lares, assim, são por vezes associados apenas a instituições de saúde, todavia, há que notar que as instituições que servem de lares de velhice, apesar de poderem ter na sua estrutura e na sua oferta de serviços uma área médica, não se trata de uma unidade médica, pois os lares “*não são estabelecimentos voltados à clínica ou à terapêutica, apesar de os residentes receberem – além de moradia, alimentação e vestuário – serviços médicos e medicamentos*” (Camarano e Kanso, 2010: 234), do qual são exemplo os serviços de enfermagem ou de fisioterapia, representando as ofertas mais comuns. O usufruto destes serviços varia, aqui sim, de acordo com a saúde, necessidade e autonomia de cada indivíduo.

Com o decorrer do tempo, a própria Sociologia foi interpretando o papel das instituições, notório não só, mas principalmente em autores como Michel Foucault ou Erving Goffman, os quais focam esta temática das instituições como algo totalizador, embora divirjam posteriormente na sua justificação. Para ambos os autores, as instituições estavam enquadradas como algo totalizante, mas era justamente sobre a leitura desse seu lado totalizante que estes divergiam. Neste sentido, para Erving Goffman, um lar de velhice pode ser traduzido como uma instituição total, no sentido em que uma instituição total pode ser definida como “*um local de residência e trabalho onde um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, levam uma vida fechada e formalmente administrada*” (Goffman, 2001: 11).

Tal é visível num lar de velhice, dado que os indivíduos que são institucionalizados, seja por que motivo for, passam a residir num mesmo local que um grande número de outros indivíduos, muitos deles em situação semelhante face aos restantes, de forma temporária ou permanente, passando a respeitar e cumprir o que é instituído pela instituição em causa. Estas instituições, neste sentido, investem na padronização de comportamentos, num determinado nível de controlo, e num determinado nível de intervenção nas situações dos indivíduos, algo que varia consoante as instituições.



As instituições totais para Goffman, deste modo, eram analisadas através do olhar da modernidade. Para o autor, estas não faziam parte da modernidade e representavam uma deficiência que tinha de ser corrigida, pois a modernidade representa ideais de liberdade e de autonomia, o que se torna incompatível com a noção de instituição total e com o que esta representa. Foucault, neste sentido, pensa o contrário, pois para este autor as instituições totais são, justamente, um aspeto da modernidade, um projeto específico desta, com o intento de criação da ordem social (disciplinarização dos corpos). É algo que faz parte da própria modernidade, com o propósito de enquadrar, de ordenar, de disciplinarizar, de oprimir, de retirar do espaço público os “anormais”, os “inúteis”, os “mutilados” – serve, essencialmente para higienizar o espaço público e realizar uma vigilância dos corpos. Portanto, o assunto é o mesmo para os dois autores, mas a sua tónica é diferente: para Goffman as instituições totais são um problema a resolver e a eliminar, e para Foucault estas fazem parte da modernidade e têm um propósito.

Não obstante o referido, as instituições permaneceram e têm vindo a sofrer transformações desde então. Neste sentido, as instituições que atendem aos cuidados de velhice costumam reger-se por um regulamento interno<sup>5</sup>, o qual ilustra direitos e deveres dos utentes e da instituição, visando a dignidade não só dos utentes, mas também do pessoal trabalhador, o respeito mútuo e o respeito pela privacidade dos utentes, bem como o bom funcionamento da instituição e cumprimento dos parâmetros do regulamento. Para tal contribuem documentos como a Legislação Nacional (que emite decretos-lei para regular as instituições, para que se regulem por eles para

---

<sup>5</sup> Excerto exemplar de um regulamento interno que traduza os princípios de uma instituição, neste caso do tipo ERPI: “Norma 4ª - Objetivos e Princípios. 1. Constituem Objetivos do Lar de Idosos:

- a) Proporcionar serviços permanentes e adequados às necessidades biopsicossociais das pessoas idosas;
- b) Ajustar as respostas às necessidades e expectativas do utente tendo em conta as suas potencialidades por forma a dar uma resposta individual e personalizada, garantindo a dignidade da pessoa;
- c) Contribuir para a estabilização e/ou retardamento do processo de dependência;
- d) Contribuir para a estimulação de um processo de envelhecimento ativo;
- e) Prevenir e despistar qualquer inadaptação, deficiência ou situação de risco, assegurando o encaminhamento mais adequado;
- f) Promover o envolvimento e competências da família por forma a garantir a integração social e o bem-estar do utente.
- g) Promover a convivência social entre os utentes e com os familiares e amigos, com os cuidadores e com a própria comunidade;
- h) Promover a participação dos familiares ou representante legal, no apoio ao utente, dentro das normas e bom funcionamento da Instituição.”

desempenharem um bom funcionamento); o documento dos Direitos dos Idosos, constituinte dos Princípios das Nações Unidas para o Idoso, constituído na Resolução 46/91, aprovada na Assembleia Geral das Nações Unidas de 16/12/1991, o qual visa os direitos dos idosos e que, nesse sentido, tem de ser respeitado pelas instituições que funcionem como lares de terceira idade.

Também o documento da Constituição da República Portuguesa, texto integral após IV revisão constitucional (lei constitucional 1/2004, de 24/07), atualizado nos Artigos 295 e 296 pela Lei Constitucional 1/2005, de 12 de Agosto, a qual também visa proteger as condições, direitos e deveres dos idosos institucionalizados. Todos os referidos servem de Políticas Públicas para regular e apoiar as instituições e os seus respetivos utentes, sendo que tais políticas transcritas nesses documentos serão posteriormente apropriadas pelos diferentes membros da instituição, sendo formatadas por eles, e aplicadas com vista às suas finalidades.

Numa instituição, todas as áreas correspondem a diretrizes mínimas de um regulamento. Desde os horários, às higiene, à alimentação, às atividades, aos quartos, à privacidade, tudo se encontra minimamente estabelecido consoante a instituição, sendo que no que diz respeito à sexualidade ou à orientação sexual, poucas são aquelas que apresentam documentos explícitos sobre essa temática. Por exemplo, no caso da expressão da sexualidade e da orientação sexual, cada indivíduo o fará de forma diferente, mediante o contexto em que se encontra, algo que é igualmente maioritariamente controlado ou determinado pela instituição em que se encontra a residir, estabelecido previamente pela estrutura que apresenta. Uma vez que muitas instituições se regem pelo *mito da velhice assexuada* e pelo *mito da heteronormatividade*, a institucionalização de indivíduos LGBT acaba por ser mais complexa do que os processos de institucionalização de indivíduos não-LGBT.

De acordo com Goffman, as instituições sociais apresentam propensões ao fechamento e variam na sua estrutura de umas para as outras – *“toda instituição tem tendências de ‘fechamento’ (...). algumas são muito mais ‘fechadas’ do que outras. Seu ‘fechamento’ ou seu carácter total é simbolizado pela barreira à relação social com o mundo externo e por proibições à saída que muitas vezes estão incluídas no esquema físico”* (Goffman, 2001: 16). Portanto, as instituições de velhice apresentam diversos níveis de fechamento, os quais vão divergindo de acordo com cada uma, com as suas ideologias e modos de atuação.

Neste sentido, recorrendo novamente a Goffman, as instituições, consideradas totais devido à sua característica de fechamento, podem ser apresentadas de acordo com cinco características (Goffman, 2001: 16):

- 1) Instituições criadas para cuidar de pessoas que se apresentam como incapazes e inofensivas (casas para cegos, velhos, órfãos e indigentes).
- 2) Instituições criadas para cuidar de pessoas consideradas incapazes de cuidar de si mesmas e que são também uma ameaça para a comunidade, ainda que de forma não intencional ou involuntária (sanatórios para tuberculosos, hospitais para doentes mentais e leprosários).
- 3) Instituições criadas para proteger a comunidade de perigos intencionais, sendo que o bem-estar das pessoas isoladas não constitui o problema imediato (cadeias, penitenciárias, campos de prisioneiros de guerra, campos de concentração).
- 4) Instituições criadas com a intenção de realizar de modo mais adequado alguma tarefa de trabalho (quartéis, navios, escolas internas, campos de trabalho, colónias e grandes mansões).
- 5) Instituições criadas para servir de refúgio do mundo e como locais de instrução para os religiosos (abadias, mosteiros, conventos e outros claustros).

De acordo com a tipologia apresentada pelo autor, os lares para a terceira idade encontram-se presentes no primeiro grupo apresentado, sendo que nestes estão vigentes diversas características comuns, as quais, segundo este, são o aspeto central das instituições totais. Entre elas pode-se apontar o facto de que *“todos os aspectos da vida são realizados no mesmo local e sob uma única autoridade”*, de que *“(...) cada fase da atividade diária do participante é realizada na companhia imediata de um grupo relativamente grande de outras pessoas, todas elas tratadas da mesma forma e obrigadas a fazer as mesmas coisas em conjunto”*, de que *“todas as atividades diárias são rigorosamente estabelecidas em horários, pois uma atividade leva, em tempo predeterminado, à seguinte, e toda a sequência de atividades é imposta de cima, por um sistema de regras formais explícitas e um grupo de funcionários”*, e de que *“as várias atividades obrigatórias são reunidas num plano racional único, supostamente planejado para atender aos objetivos oficiais da instituição”*. (Goffman, 2001: 17-18)

As instituições totais apresentam, portanto, diversos pontos comuns, os quais são visíveis na forma de funcionamento dos lares de velhice, onde está vigente um nível de

controle determinado de acordo com a estrutura da instituição. Este é realizado de forma diferente, mediante o tipo de instituição em causa, pelo que, no processo de institucionalização, se recorre, nesse caso, a diferentes estratégias, como a ocultação da orientação sexual, se não mesmo renúncia total da mesma, bem como das suas sexualidades. As instituições fechadas levam, assim, a uma vigilância dos corpos e à opressão em geral, da qual a orientação sexual pode ser alvo.

Numa primeira instância, o controle que existe face aos indivíduos institucionalizados passa pelo grupo do pessoal técnico que está constantemente na presença desses indivíduos, vigiando-os, dado que se encontram encarregues de corresponder às necessidades dos seniores. Como tal, a interação social existente entre os indivíduos que estão institucionalizados e o pessoal auxiliar é mediada de acordo com as situações que ocorrem. Num processo de institucionalização, este tende a ser frequentemente negociado e alvo de diferentes estratégias por parte do ator que recorreu à institucionalização, consistindo, justamente, na exposição da informação pessoal, dado que, no momento da formalização desse processo, é necessário o preenchimento de dados pessoais, médicos e formais, ao qual o futuro institucionalizado tem de corresponder verdadeiramente, informação essa que fica disponibilizada para um número de diferentes pessoas (ex. direção, equipa médica, etc.).

Existe, neste sentido, uma “*violação da reserva de informação quanto ao eu*” (Goffman, 2001: 31), no sentido em que “*ocorre uma espécie de exposição contaminadora*” (Goffman, 2001: 31). No caso da orientação sexual, exemplifique-se, pode ocorrer que, o indivíduo em questão, por motivos de vergonha de se ter de expor obrigatoriamente a um grupo de pessoas que lhe são alheias, ou por receio de repressão, humilhação, exclusão ou estigmatização daí resultantes, recorra a estratégias de omissão da sua orientação sexual. Está, assim, vigente um jogo de negociação de variáveis referente à vida do indivíduo, anterior à sua institucionalização, que este pode querer manter ou esconder, e que pesarão, pois, nesse processo.

A partir do momento em que o sénior passa a estar institucionalizado, este passa a estar sujeito, portanto, às *regras da casa*, isto é, a um “*conjunto relativamente explícito e formal de prescrições e proibições que expõe as principais exigências quanto à conduta do internado*” (Goffman, 2001: 50). Normalmente, estas estão definidas dentro do regulamento interno da instituição, focando os direitos e deveres dos institucionalizados, mas não só. Estes, por sua vez, divergem em diversos parâmetros de

acordo com as instituições, mantendo, contudo, os aspetos bases instituídos pela Lei como obrigatórios numa instituição social do qual é exemplo os lares de velhice. A homossexualidade, por exemplo, dentro de uma instituição total, de acordo com Goffman, constitui uma infração típica: “*As infrações típicas na embrulhada são: brigas, bebida, tentativa de suicídio, fracasso nos exames, jogo, insubordinação, homossexualidade, licença não-autorizada, participação em revoltas coletivas*” (Goffman, 2001: 53-54).

Neste sentido, isto é, no caso em que a orientação sexual ou a sua expressão é tida como infração, ou pelo menos como algo não tão bem aceite pelos restantes da instituição, como é que o indivíduo negocea esta variável? Como é que pode expressar quem é ou manter as suas práticas sem infringir as regras vigentes ou sem ter de esconder quem é? Para além dos regulamentos instituídos, as próprias representações que o corpo auxiliar / técnico / médico possui acerca dessas variáveis podem interferir de diversos modos na forma como estes atuam para com os indivíduos institucionalizados – desde o tipo de linguagem utilizado, a forma de atuação, bem como a gestualidade, as expressões faciais e corporais para com o indivíduo, o sentido atribuído e as significações conferidas às variáveis em causa, todos estes elementos diferem de pessoa para pessoa, promovendo dinâmicas diferentes entre os indivíduos e o corpo auxiliar / técnico / médico. Como tal, dentro da instituição, as “*práticas existentes na vida íntima do estabelecimento social (...) ocorrem com diferente frequência e sob diferentes formas*” (Goffman, 2001: 53-54).

De notar que a manifestação das práticas íntimas que um indivíduo possa querer expressar na instituição onde se encontra, pode não ser possível ou, pelo menos, estar limitada relativamente aos espaços a que pode ter acesso. De acordo com o que Goffman demonstra, “*para que tais atividades de vida íntima possam ocorrer, precisam ocorrer em algum local ou alguma região*” (Goffman, 2001: 188), todavia, existem espaços reservados a atividades diferentes, podendo alguns estar condicionados ou proibidos relativamente ao seu acesso, ou não. Exemplo do referido temos, como tal, os espaços que são tidos como fora do limite ou do alcance dos indivíduos institucionalizados, sendo que nestes espaços a “*simples presença [do idoso] era a forma de conduta ativamente proibida*” (Goffman, 2001: 189). Da mesma forma, existem espaços mais permissivos, designados como *espaços de vigilância*, em que o indivíduo institucionalizado “*não precisava de uma desculpa específica para ficar, mas*

*onde estava sujeito à autoridade e às restrições usuais do estabelecimento”* (Goffman, 2001: 189). Por fim, temos ainda espaços que não são regularizados pela autoridade usual instituída, nos quais a pessoa tenta ser ela própria e expressar-se livremente, ainda que possa não manifestar um sentimento de apropriação ou afeiçoamento ao mesmo.

Num processo de institucionalização, especialmente quando este ocorre não partindo do próprio idoso, mas da tomada de decisão de terceiros, e tomando essencialmente o sénior como um sujeito autónomo e independente, onde o indivíduo passa da sua própria residência, do seu próprio espaço, da sua própria rotina, para um espaço comum e partilhado, este passa a ter necessidade de criar um espaço / território pessoal no novo ambiente em que passou a estar inserido, no qual possa manter ou manifestar aspetos que pretenda e que mantinha no seu padrão de vida anterior. É a criação de um *“contínuo, onde, num extremo, existe um lar ou um ‘ninho’, e, no outro, apenas um local de refúgio, em que o indivíduo se sente tão protegido e satisfeito quanto isso seja possível no ambiente”* (Goffman, 2001: 200).

Todavia, esse espaço / território pessoal pode ser criado, acedido e possibilitado de formas diversas, mediante o tipo de instituição em que se encontra, o seu tipo de ideologia, o seu nível de intervenção e controlo, e o tipo de atuação da mesma. Neste sentido, a possibilidade de expressão da vida íntima adquire diferentes significados e importância para os indivíduos. Como tal, segundo Goffman (2001: 246-247), o *“estudo da vida íntima em instituições totais restritivas tem algum interesse específico (...) [pois] quando a existência é reduzida a um mínimo, podemos compreender o que as pessoas fazem com os aspectos mais importantes de sua vida”*.

Este tipo de estruturas deveriam, como tal, de ser alteradas para colmatarem as necessidades das novas realidades vigentes, pois poucas instituições estão preparadas para tratar o idoso, qualquer pessoa com 60 anos ou mais, da atualidade, onde a sexualidade, a orientação sexual, e a necessidade de liberdade para manterem as suas práticas quotidianas se reforçam mais do que nunca. Numa fase de modernidade avançada ou de uma sociedade singularista, tal como Martuccelli (Martuccelli, 2010) a apresenta, em que a valorização está no indivíduo e na forma como é visto, está a surgir uma maior desinibição do indivíduo face a estes temas que são considerados tabus, principalmente entre os jovens (que também vão envelhecer), mas as instituições continuam a não estar preparadas em termos de estruturas para as mudanças das gerações.

As pessoas, as realidades e os tempos mudam, e as estruturas aparentam permanecer imutáveis no tempo, não acompanhando a evolução, e exemplo de tal é o facto de ainda não haver estruturas / lares de terceira idade LGBT oficiais em Portugal (não exclusivamente em Portugal). As instituições demoram a mudar, pois o seu funcionamento é pesado, têm dificuldade em transformar-se e a acompanhar os desafios que vão surgindo e as pessoas que são trazidas para dentro delas. Aqui há, portanto, uma crítica que pode ser feita às instituições neste sentido: as próprias instituições apresentam uma ambivalência, pois são pesadas no seu funcionamento, tendem a conservar-se, e quando decidem mudar, quando procuram abrir-se à mudança, levam muito tempo a fazê-lo.

## **2. TRANSFORMAÇÃO DAS INSTITUIÇÕES: AQUILO QUE PERMANECE E O QUE SE TRANSFORMA**

Tem-se vindo a assistir à transformação da estrutura, do nível de fechamento, da forma de atuação, intervenção e controlo nas vidas dos indivíduos por parte das instituições. Estamos, portanto, a assistir à transformação das instituições porque as críticas (política, científica e social) ao nível de fechamento destas têm um denominador comum: não engrandecem, não protegem, e não garantem a singularidade do indivíduo. O garantir da singularidade da pessoa é garantir a sua autonomia. Como tal, pretende-se que passe a ser feito, assim, uma desinstitucionalização das instituições. Ou seja, não se pretende acabar com as instituições, mas sim fazê-las de outra forma, mais focadas na realidade das diferentes idades e necessidades.

Um exemplo do referido é a mediatização dos escândalos que envolvam instituições, a denúncia que é feita do seu funcionamento (eg. casos de abusos, violência, maus-tratos, etc.). Tal mediatização cria na opinião pública a ideia de que as instituições oprimem, violentam, abusam, e aniquilam a autonomia, em vez de promoverem o bem-estar, sendo os casos dos lares ilegais outro exemplo do referido. De notar que tal não ocorre só ao nível dos lares de velhice, não é exclusivo desta faixa etária, mas também ocorre ao nível dos lares para crianças ou nos lares para deficientes.

Atualmente, já existem diversos tipos de lares, leia-se, públicos e privados, que, com a diversidade de serviços e preços que oferecem, com os diferentes tipos de

estruturas e regulamentos que apresentam (níveis de permissividade e abertura), se assemelham ao tipo de residência que o indivíduo sénior possuía anteriormente, no sentido em que já permitem uma manutenção dos seus padrões de vida, dos seus interesses na vida instituída. Presentemente, assiste-se a um trabalho de transformação das instituições, mas que está longe de ser uma realidade que abarque todas as instituições, que já se encontram a ser ajustadas a estas necessidades, que procuram promover a qualidade de vida dos utentes e a proximidade com o estilo de vida que o indivíduo possuía antes do momento da institucionalização – almeja-se a manutenção das características que compõe a identidade do indivíduo, abrindo espaço para a exploração e aquisição de novas características. Essas características passam a ser alcançadas pelo indivíduo que procura manter um maior nível de privacidade, liberdade e de expressão pessoal (sexualidade, orientação sexual, práticas, crenças, etc.), de acordo com o pagamento mensal de valores mais elevados.

De acordo com Duarte, as instituições “*não deveriam ser configuradas apenas como instituições que acolhem idosos rejeitados ou abandonados pela família, mas também devem ser lembradas, compreendidas e respeitadas como uma escolha dentro do contexto de vida de cada indivíduo*” (Duarte, 2014: 201). Assim, independentemente dos motivos que levam à escolha / tomada de decisão de entrada num lar (solidão, doença, dependência), o sénior pode decidir por si próprio, passar a residir num lar, traduzindo-se essa escolha numa preferência pela vida na instituição face à sua situação atual. “*É notável e também frequente a presença de idosos que, embora possuam o convívio familiar, preferem viver na instituição pelos mesmos motivos: a falta do cônjuge, a independência dos filhos no papel de cuidadores formais e por maus tratos dos familiares; porém, através de uma decisão mais autónoma e não imposta por outros*” (Duarte, 2014: 211). Esta escolha pode ser incutida também pelo poder económico que cada indivíduo possui, influenciando o processo de negociação do indivíduo aquando da sua entrada no lar.

Apesar do referido, a tomada de decisão também pode não provir do indivíduo em si, mas sim da soberania de outra pessoa, como um familiar (peso da família). À medida que as capacidades da pessoa vão desaparecendo, a família vai avaliando os riscos que lhe estão inerentes (solidão, doença, alvo de enganos, etc.). Há, portanto, um ajustamento das escolhas à perceção da realidade de vida, o que pode levar a constrangimentos familiares pelo peso que a família pode exercer, principalmente na



soberania na decisão e quando existem casos de desacordo da decisão tomada ou pretendida. Seja um caso decidido por familiares, ou por exemplo, sinalizado como risco por técnicos que decidam, mediante avaliação, que o indivíduo já não pode continuar em casa, ou nas condições em que se encontrava, ou que necessita de cuidados especiais, esta decisão não parte então, nestes casos, do indivíduo.

Neste sentido, partindo ou não do indivíduo, se refletirmos sobre o domínio do poder económico que cada um possui, é possível notar que essa variável, ao diferir de acordo com cada sénior, traduz diferenças na forma como se processam as escolhas do lar. Como tal, creio que mediante a possibilidade económica de cada futuro utente de um lar, assim varia o leque de possibilidade de escolha<sup>6</sup>, pois os lares variam em diversas questões, especialmente no preço e nos serviços que oferecem, consoante a sua forma e estrutura, do qual é exemplo a diferença entre um lar privado e um lar público. Após uma pequena exploração das tipologias e diversidades de lares (três privados e três públicos), foi possível notar que existem algumas diferenças entre estes, mais precisamente, à medida que o preço ia subindo, mais distintos eram os tipos de serviços oferecidos<sup>7</sup> e mais aberta é a instituição face à sua estrutura, permitindo que os indivíduos em processo de institucionalização efetuem a negociação das suas condições de vida de forma diferente (principalmente ao nível da orientação sexual).

A noção que permanece após a visualização de diversos lares, deste modo, é a de que, nos lares que apresentam custos mais elevado ou mesmo de luxo, há uma maior liberdade a vários níveis, como a hora de despertar ou de dormida não ser fixa, única ou obrigatória (desde que a mesma respeite ou não interfira com a rotina dos restantes utentes), bem como as horas das refeições ficarem ao desígnio de cada um, existe acesso livre ao quarto, e no caso de haver um casal, este poder partilhar um quarto sem qualquer constrangimento ou separação por género. Da mesma forma, há uma maior liberdade relativamente à orientação sexual dos indivíduos e à sexualidade dos mesmos. Estas condições, quando analisadas, assemelham-se mais ao quotidiano de um indivíduo

---

<sup>6</sup> Relembrando que esta escolha pode não depender do idoso em questão, mas sim de um membro familiar ou de uma outra entidade.

<sup>7</sup> Exemplos da diversidade de serviços que iam surgindo com o aumento dos preços dos diferentes lares: habitação individual, serviços médicos e terapêuticos, serviços de lavandaria, ginásio, restaurante, salão de cabeleireiro e manicura/pédicure, piscina, biblioteca, jardins, atividades lúdicas, aulas de música e pintura, trabalhos manuais, golf, hidroginástica, bingo, culinária, passeios e visitas a museus, entre outros exemplos.

que reside na sua própria casa, em que este decide pelo seu livre arbítrio o quê, quando, onde e como fazer<sup>8</sup>. Esta é uma característica que varia de acordo com as instituições de velhice, nas quais os regulamentos internos também têm um papel fundamental.

No caso dos lares que oferecem preços mais acessíveis, alguns mantêm algumas características supramencionadas, mas cingem-se principalmente aos serviços básicos e obrigatórios para manutenção da qualidade de vida e da dignidade do indivíduo. Nestes, os utentes encontram-se mais facilmente regidos pelo que o regulamento da instituição dita, havendo um maior nível de controlo. Nestes, os idosos deparam-se com uma hora comum e fixa para despertar e para dormir, bem como para as refeições, sendo que o acesso aos quartos por vezes é inexistente (a não ser por motivos de descanso noturno, ou diurno mas apenas por autorização) ou no mínimo limitado, onde, dependendo do tipo de lar, por vezes não são permitidos casais (instituições essas, por exemplo, que só aceitam homens ou só mulheres), nem membros LGBT assumidos.

Em face do exposto, o que é possível extrair em primeira mão é que os idosos podem acabar por sofrer um certo tipo de desigualdade no acesso à escolha do lar (e consequentemente na negociação do seu processo de institucionalização). Os lares mais dispendiosos apresentam um maior nível de liberdade e proximidade à vida anterior à institucionalização, mas são, na mesma medida, mais dispendiosos em termos de custos por idoso – nestes casos, haverá provavelmente uma negociação menor por parte dos idosos, pois a possibilidade de manter as suas características é maior, onde este pode expressar os seus interesses de forma menos constrangida. Por sua vez, os lares mais acessíveis são mais atingíveis, mas mais fechados em termos de estrutura e permissividade de certas variáveis que possam interessar ser mantidas por parte dos idosos, como é o caso do interesse de manutenção da expressão da sua sexualidade ou da sua orientação sexual – nestes casos, haverá provavelmente uma negociação maior ou diferentes estratégias empregues por parte dos idosos, como omissão ou renúncia à sua sexualidade e orientação sexual.

Como exemplo do referido, expomos regulamentos internos de três lares observados mais dispendiosos, em que o custo mensal de permanência (tanto temporária como permanente) ronda valores entre os 925,00€ e os 1.715,00€. No caso dos lares mais acessíveis, o custo mensal de permanência descrito nos seus regulamentos ronda

---

<sup>8</sup> No caso dos indivíduos com 65 ou mais anos que têm autonomia para viverem sozinhos e que demonstram capacidade para decidirem por si mesmos nas diversas áreas das suas vidas.

valores entre os 290€ e os 630€. Tal evidencia a existência de uma diferença considerável entre os custos dos diversos tipos de lares. Tal revela que essa diferença de preços pode, portanto, limitar a escolha do lar de acordo com as possibilidades existentes em termos económicos do indivíduo em causa.

De acordo com o inquérito realizado pela DECO<sup>9</sup> em Março de 2012, apurou-se que dois em cada três idosos que vivem em lares têm um rendimento inferior à mensalidade da instituição, tendo de recorrer a poupanças ou à família para conseguir pagá-la. Esta é a representação da maioria dos casos de institucionalização, onde estes processos são negociados de forma mais escrutinada e se recorre a diversas estratégias para manutenção dos interesses e características dos indivíduos. Como tal, os lares mais dispendiosos acabam por ficar reservados a um segmento da população mais pequeno. O *privilegio* de manter a sua vida, rotina e interesses está, então, reservado à população sénior das classes mais altas, o que se traduz num tipo de desigualdade face aos restantes indivíduos das outras classes, que não possuem poder económico para optar por um destes lares.

Nestes, a necessidade de negociar as variáveis de interesse de manutenção do padrão de vida do indivíduo é feita de forma diferente do que num lar de cariz mais acessível, pois o indivíduo tem liberdade e privacidade para exercer o seu padrão de vida, tem o seu próprio espaço para manter os seus interesses vigentes, bem como a sua orientação sexual, contando que não interfira ou desrespeite a vida de terceiros. A negociação do processo de institucionalização, ao depender do poder económico, de acordo com as quantias demonstradas, não está ao nível de todas as classes. Estas diferenças acabam por se traduzir em desigualdades, expressas em diferentes níveis.

Estas desigualdades, segundo Therborn (Costa, 2012; Therborn, 2006), podem ser essencialmente de três tipos: *vitais*, sendo estas correspondentes às necessidades básicas, face às necessidades humanas de vida, as quais podem interferir no próprio momento em que se morre (eg. consoante o local onde se nasce, a probabilidade de sobrevivência à nascença pode ser maior ou menor, sendo tal visível, por exemplo, na esperança de vida em países do primeiro ou do quarto mundo); de *recursos*, sendo estas correspondentes às questões socioeconómicas, as quais interferem na classe social e no

---

<sup>9</sup> O estudo da revista Proteste, que decorreu em Março de 2012 em Portugal, na Bélgica, na Espanha e em Itália, envolveu uma amostra da população entre os 50 e os 65 anos, tendo como destinatários familiares de utentes de lares que acompanharam o processo de institucionalização.

posicionamento do indivíduo nesta; e *existenciais*, sendo estas correspondentes ao tratamento que cada pessoa é alvo, interferindo na forma que cada pessoa é tratada no quotidiano (se é mais ou menos discriminada, humilhada, etc.).

Como exemplo desta última, temos o caso da orientação sexual, a idade, a cor da pele, entre outros. Esta é, neste sentido, também uma desigualdade que se pode interseccionar com a desigualdade de recursos: eg. uma mulher LGBT negra vs. uma mulher branca heterossexual; ou um idoso LGBT pobre vs. um idoso heterossexual rico – portanto, as condições de favorecimento oscilam consoante o que caracteriza cada indivíduo, sendo que a orientação sexual não é exceção e que, em conjunto com a questão dos recursos, tende a aumentar essa intensidade.

### III – CONSTRUÇÃO SOCIAL DA VELHICE: REPRESENTAÇÕES E ESTIGMAS

*“A sociedade taxa os velhos de ‘menos homens e mulheres’, de ‘seres assexuados’. É um grande malefício que se faz com indivíduos de idade avançada, porque muitos são os que podem até usufruir mais do que quando eram jovens”.*

(Debert e Brigeiro, 2012: 40)

À medida que vamos passando pelo processo de envelhecimento e entrando na velhice, podemos notar que estes são únicos para cada indivíduo. Do mesmo modo, a passagem da vida adulta para a velhice, através do processo de envelhecimento, não é algo repentino, pois esta não é uma passagem linear de uma fase para a outra, é antes algo que vai sendo construído gradualmente em cada caso. Assim, a uniformização da ideia de que existe apenas uma forma de envelhecer, a noção de que a velhice é maioritariamente decaída ou negativa, tem vindo, nos últimos tempos, a ser combatida com a ideia de que esta uniformização de velhices é, na verdade, muito mais plural – não existe só uma velhice, mas uma grande variedade destas. Neste sentido, não podemos dizer que passamos de uma velhice para outra, mas sim que existem maioritariamente dois paradigmas que se confrontam: o da velhice gloriosa (que é vista de uma forma mais positiva) e o da velhice mais decadente (que é vista de uma forma negativa). Não existe, portanto, uma passagem linear da velhice, mas sim uma confrontação de vários mundos. Enfrentamos então, cada vez mais, uma superação dos estigmas.

Neste sentido, o processo de envelhecimento e a velhice em si apresentam, na sua constituição, construções sociais, as quais contêm na sua essência representações, estigmas e estereótipos, em que alguns dos quais têm vindo a ser dissipados com o avançar das épocas, das investigações e das descobertas, traduzindo-se na transformação do olhar sobre as mesmas. Passou-se de uma única velhice associada à pobreza, à doença, e à desvalorização do corpo, em que o mito da velhice assexuada e da heteronormatividade lhe são intrínsecos, para a perceção da existência de *outras velhices* – uma estratificação social da velhice e a possibilidade de uma velhice gloriosa, onde está vigente a possibilidade da manutenção e expressão dos padrões / estilo de

vida dos indivíduos, mesmo que institucionalizados (dependendo da instituição), e da expressão das suas sexualidades ou das suas orientações sexuais.

Contudo, e antes se avançar, passemos às definições dos conceitos principais que serão mencionados.

## 1. Conceções

Como já foi notado anteriormente, cada vez mais é possível observar o envelhecimento da população, um problema social e demográfico, pois a esperança média de vida das pessoas vai aumentando cada vez mais, prolongando-se também a longevidade do ser humano, principalmente através de mecanismos de retardamento do envelhecimento, tais como a medicina, os tratamentos estéticos, a alteração de hábitos alimentares e quotidianos, práticas saudáveis, como o exercício físico, entre outros. Tal contribuiu para o aumento da faixa etária sénior, levando à construção gradual da categoria de velhice, sendo que esta tem vindo a ser construída socialmente.

Neste sentido, torna-se curioso observar a transformação de um problema demográfico – o excesso de população envelhecida e a falta de natalidade e de jovens – num problema social, ou seja, um problema que tem repercussões na sociedade e que tem de ser resolvido. Observamos aqui, então, um paradoxo: as pessoas conseguem cada vez mais alcançar idades mais avançadas, derivado do progresso civilizacional em que investimos diariamente, mas depois não sabemos o que fazer com esta população envelhecida.

Do mesmo modo, é possível notar que têm vindo a ser criadas e utilizadas diversas noções alusivas a esta faixa etária, maioritariamente de conotação negativa, como se fossem sinónimos uns dos outros, algo que não é tão linear assim. Os conceitos *envelhecimento*, *velhice*, *terceira idade* e *idoso*, de facto, referem-se à mesma faixa etária, mas os seus significados não são assim tão equiparados.

Como tal, por *envelhecimento* entende-se um “*processo de diminuição orgânica e funcional, não decorrente de doença, e que acontece inevitavelmente com o passar do tempo*” (Ermina, 1999: 43), o qual pode ser dividido em três dimensões: biológica (alteração estrutural e funcional), cronológica (idade) e social (papéis e hábitos). Geralmente considera-se o envelhecimento como algo equivalente a um fenómeno natural, o qual manifesta um incremento da fragilidade e vulnerabilidade devido à

influência das alterações de saúde e do estilo de vida, a qual se expressa de forma diferente de acordo com os indivíduos. Por sua vez, **velhice** é associada ao último ciclo da vida, para a qual contribuem fatores externos e internos, como por exemplo as condições de saúde e os hábitos de vida do indivíduo. Estão-lhe associadas, neste sentido, perdas psicomotoras, sociais e culturais, “(...) *está associada à pobreza, à dependência e à incapacidade* (...)”. (Birman, 1995: 23)

Já a noção de **terceira idade** torna-se sinónimo dos *jovens velhos*, isto é, dos “*aposentados dinâmicos que se inserem em actividades sociais, culturais e desportivas*” (Birman, 1995: 23), a fim de se manterem ativos e saudáveis, contribuindo para um envelhecimento ativo. Por seu turno, **idoso** é a designação utilizada para se fazer referência aos velhos respeitados, sendo que este conceito designa uma categoria social, o que “*implica o desaparecimento do sujeito, da sua história pessoal e das suas particularidades*”. (Birman, 1995: 23) Assim, de uma forma simples e sumária, pode-se considerar o *envelhecimento* como um processo, a *velhice* como uma etapa da vida, e *idoso* como o resultado e sujeito destes (Netto, 2002).

Aquilo que podemos retirar de quando realizamos uma pesquisa sobre os conceitos alusivos à velhice é que, essencialmente, a literatura respetiva desta temática é controversa quanto ao uso dos termos, em que as suas conotações são simbolicamente negativas. De facto, pela velhice ser frequentemente conotada a uma noção negativa, tal levou à criação de diferentes termos, estes tidos como sinónimos, para se suavizar a carga negativa que lhe está associada. Torna-se, então, essencial haver um *olhar* do fenómeno a partir da mancha grisalha, seja ao nível demográfico, seja ao nível do problema social, associando-o às suas consequências, bem como à noção da existência de uma pluralização de velhices.

Deste modo, o envelhecimento ativo adquire grande importância no combate à conotação negativa que é associada ao envelhecimento. Segundo Ana Fernandes et. al, o envelhecimento ativo deve ser uma área a investir para se poder combater problemas sérios – não só de saúde – no futuro: “*Uma das grandes preocupações sobre a população mundial para os próximos 50 anos é o processo de envelhecimento da população, a sua repercussão sobre os problemas de saúde, a vigência de uma transição epidemiológica em concomitância com novas doenças, a busca de avanços científicos e tecnológicos para responder à procura emergente e a adopção e consolidação de modelos de saúde centrados na prevenção.*” (Fernandes et al, 2007:

43) Através da melhoria das condições de envelhecimento, a longevidade pode aumentar e, essencialmente, traduzir-se numa velhice de qualidade, com saúde e com mais autonomia, contribuindo para uma maior pluralização de velhices. Para tal, o investimento num envelhecimento ativo torna-se essencial.

Desta forma, as Políticas Públicas adquirem um papel primordial para o efeito, pois é através destas que se consegue alcançar um maior número de entidades (associações, lares de velhice, cuidadores, fornecedores de cuidados de saúde, as próprias pessoas, etc.) que implementem estas medidas de contribuição para o envelhecimento ativo: “(...) *As políticas públicas implantadas têm como preocupação maximizar a melhoria da qualidade dos anos vividos da população, numa perspectiva interdisciplinar, integrada, articulada e individualizada, que percorra todo o curso de vida e seja capaz de consolidar estratégias de estilos de vida saudáveis, enfatizando, entre outras, a prática regular da actividade física.*” (Fernandes et al, 2007: 43) A importância de haver medidas que premeiem o envelhecimento ativo torna-se, portanto, evidente, agora mais do que nunca.

Neste sentido, o envelhecimento também se torna num paradigma, no sentido de que este se destaca de duas formas: por um lado, ou os idosos se tornam num peso para o Estado Providência, através de tudo o que é necessário para a continuidade e melhoria das suas vidas, como é o caso da necessidade de medicação, de cuidados médicos, de lares de velhice, entre outros; ou, por outro lado, os idosos tendem a envelhecer “por si próprios”, de maneira a não pesarem no Estado Providência. É aqui que o envelhecimento ativo se destaca, pois este também contribui para uma maior autonomia do indivíduo, levando a melhores condições de saúde que, por sua vez, levam a uma menor necessidade de se recorrer ao Estado Providência.

Atualmente, a possibilidade do ser humano vivenciar uma vida longa tem aumentado de tal forma que a importância do fator idade para definir a categorização do indivíduo na velhice está a perder sentido, passando a ter peso apenas como uma variável. “*O mais importante na definição de idoso não tem a ver com a idade cronológica, mas sim com o estado de saúde*”. (Pereira, 2015: 17) Por outro lado, dado que se vive mais tempo, a qualidade de vida também foi ganhando importância, pelo que a questão da saúde que se possui tem vindo a ganhar outros contornos e preocupações por parte dos indivíduos no decorrer dos seus processos de envelhecimento – alusão ao envelhecimento ativo e da sua importância para um



envelhecimento saudável, que categoriza diferentes tipos de velhice, autonomia, independência e manifestação dos interesses do indivíduo, mesmo que esteja institucionalizado. Como tal, “*Ser velho não significa ser doente. Ser velho consiste numa condição que varia perante a época, cultura, o estilo de vida bem como um conjunto de factores científicos e tecnológicos*” (Pereira, 2015: 17).

## **2. Estratificação social da velhice**

Neste sentido, e de acordo com a tipologia de Rosário Mauritti, dentro do processo de envelhecimento dos indivíduos pode-se observar a existência de diversos perfis sociais, sendo que existem, neste contexto, dois discursos dominantes sobre a etapa da velhice, nomeadamente, os discursos da *velhice negativa*, “*onde se sublinham, fundamentalmente, as situações de pobreza, isolamento social, solidão, doença e dependência*” (Mauritti, 2004: 340) e os discursos da velhice que são associados a *designações positivas*, os quais “*a projectam num tempo de lazer, de liberdade e de auto-aperfeiçoamento*”. (Mauritti, 2004: 340)

Do mesmo modo, num processo de envelhecimento, é possível realizar-se uma associação “*a uma «quarta idade»*” (Mauritti, 2004: 340), a qual é caracterizada essencialmente pelo surgimento de vários tipos de incapacidades mais debilitantes e consequente aumento de dependência. Relativamente à “*«terceira idade»*” (Mauritti, 2004: 340), esta é uma representação que é associada à categoria de *reformado*. É desta forma que os seniores estão, assim, devido ao fator *idade*, a passar a pertencer a um escalão etário especificado. Todavia, existe um problema, pois não existe um “*consenso quanto ao limiar a partir do qual um indivíduo se pode classificar no conjunto das pessoas mais idosas*”. (Mauritti, 2004: 342)

Dentro desta faixa etária, há que notar que existe uma grande “*heterogeneidade de configurações vivenciais e culturais de que estes indivíduos e respectivos quadros familiares são portadores*”. (Mauritti, 2004: 351) Através destes, podem-se traçar os seguintes perfis:

<b>Padrões de Vida na Velhice</b>	
<b>Perfil A – <i>velhice de pobreza</i></b>	Os idosos apresentam rendimentos muito baixos, menores recursos tanto do ponto de vista de qualificações escolares, como das redes familiares.
<b>Perfil B – <i>velhice precária</i></b>	Os idosos apresentam níveis de consumo elementares ou de sobrevivência em vetores do cotidiano, bem como ausência de consumos em práticas culturais e novas tecnologias.
<b>Perfil C – <i>velhice remediada</i></b>	Os idosos apresentam padrões de práticas de consumo de nível médio e um ligeiro aumento no consumo de práticas culturais e novas tecnologias face ao perfil anterior.
<b>Perfil D – <i>velhice autónoma</i></b>	Os idosos apresentam patamares médio-altos de práticas nas diversas componentes consideradas, traduzindo condições gerais de vida de algum conforto e estabilidade.
<b>Perfil E – <i>velhice distintiva</i></b>	Os idosos apresentam um forte volume de práticas em todos os vetores considerados, revelando também uma forte presença familiar, uma componente forte de práticas culturais, investimento em novas tecnologias de lazer, comunicação e lar, um grande investimento em vestuário e imagem pessoal, e ainda na habitação.

**Tabela 1** – Padrões de Vida na Velhice, do texto *Padrões de vida na velhice*, de Rosário Mauritti, 2004.

Neste sentido, segundo o que a autora demonstra, as qualificações que um indivíduo detém também adquirem importância no seu processo de envelhecimento, especialmente com a sua entrada na velhice: “*o volume de capital escolar detido por estes protagonistas sociais condiciona, de forma significativa, as respectivas condições sociais de existência*”. (Mauritti, 2004: 357) De notar ainda que, de acordo com o tipo de perfil em que um idoso estiver inserido, tal levará à variação dos critérios a ter em conta para a escolha do lar num processo de institucionalização, seja por parte do próprio idoso, seja por outro ator que tenha esse poder de decisão, não esquecendo que também a orientação sexual será um fator preponderante.

Se se refletir nesta tipologia de velhice apresentada por Mauritti, é possível perceber que existe, não uma velhice homogênea, mas sim uma estratificação da

velhice, isto é, esta não ocorre de forma igual para os indivíduos, não há uma única velhice. A idade cronológica, atualmente, não apresenta um peso estrutural categórico da condição onde o indivíduo se insere, apresentando-se antes como uma variável. De acordo com o estudo feito pelo IIASA (International Institute for Applied Systems Analysis), apoiado pelo European Research Council, as formas tradicionais de medição da idade, utilizadas para se categorizar as pessoas no envelhecimento, já não se aplicam como antes: *“Traditional measures of age simply categorize people as ‘old’ at a specific age, often 65. But (...) the traditional definition puts many people in the category of ‘old’ who have characteristics of much younger people”*.

Segundo o que o IIASA demonstra o conceito de *velho* tem vindo a modificar-se com o tempo, derivado do aumento do tempo de vida, pelo que uma pessoa com 60 anos não se considera velha: *“What we think of as old has changed over time, and it will need to continue changing in the future as people live longer, healthier lives. Someone who is 60 years old today, I would argue is middle aged. 200 years ago, a 60-year-old would be a very old person”*. Ou seja, os 60 [anos] são os novos 40 [anos]. Isto permite, como tal, encontrar-se um maior número de casos de *velhice gloriosa*, leia-se, casos em que, ao contrário do que por vezes se associa à velhice – conotações negativas, estereótipos e estigmas –, estes casos antes primem por um envelhecimento saudável, feliz e com qualidade de vida, nos quais os indivíduos se recusam a sentir *velhos/idosos*.

### **3. Representações e estigmas**

É possível perceber que muitas perceções e lugares comuns acerca das pessoas mais velhas são baseadas em estereótipos (muitos dos quais tidos como tradicionais)<sup>10</sup>. Por vezes, associado ao processo de envelhecimento e à velhice reside a ideia de que os indivíduos, ao atingirem uma determinada idade, passam a demonstrar uma certa debilidade, diversos tipos de dificuldades, dependência, manifestações de grandes estados de tristeza/depressão, situações de abandono, entre outros. A velhice surge, então, frequentemente associada *“à ideia de pobreza ou, pelo menos à escassez de meios materiais, de solidão, doença e também, de alguma forma, de segregação social (...)”* (Fernandes, 1997: 10). Contudo, é importante notar que cada caso é um caso, ou seja, a velhice não decorre de forma igual e linear para todos os indivíduos, ainda que

---

<sup>10</sup> Segundo o Relatório Mundial sobre Envelhecimento e Saúde da Organização Mundial da Saúde.

exista um certo universalismo que pautar a “*velhice como uma experiência homogeneamente negativa, ignorando as experiências agradáveis que são vivenciadas por alguns grupos*” (Lima e Silva et al., 2009: 298) – ao universalizar-se as *velhices* dos indivíduos como algo linear e homogêneo, reduz-se os indivíduos a um grupo que vive a velhice de forma equitativa, quando na verdade não é o que ocorre. De facto, de acordo com os resultados da antropóloga Mirian Goldenberg (2013), muitos indivíduos contrariam esta ótica, pois procuram envelhecer de forma feliz, com saúde, objetivando projetos, amizades, relações e atividades, evitando a solidão ou a tristeza. Como tal, a velhice não deve ser conotada a algo negativo.

O processo de envelhecimento pode ser descrito, então, como um processo que “*a nível individual, remete para múltiplas trajectórias de vida e que, no plano colectivo, sofre a influência de factores socioculturais como o acesso à educação, aos cuidados em saúde, à alimentação e ao lazer e a uma rede de relações estáveis*”. (Mendes et al., 2014) O objetivo visado nestes processos, assim, é o de melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas ficam mais velhas, pois o processo de envelhecimento e a condição de velhice não têm de ser sinónimo de degradação motora ou mental, ou das condições de vida. Embora ainda seja possível depararmo-nos com algumas noções negativas agregadas à ideia de envelhecimento ou de velhice, estas já se encontram a ser combatidas e dissipadas. Todavia, outras perceções ficam por ser ainda difundidas.

O envelhecimento, assim, é reconhecido cada vez mais tido como um problema social. De acordo com Villaverde Cabral, e após o inquérito que realizou acerca do envelhecimento em Lisboa, Portugal e Europa, este concluiu que Portugal demonstra ter uma grande longevidade, mas ainda não tem qualidade de vida quando se chega a velho. Segundo o mesmo, “*o índice de envelhecimento da população portuguesa, medido convencionalmente pelo rácio entre as pessoas com 65 anos ou mais e as crianças e adolescentes até aos 15 anos, aumentou de 125,8 em 2011 para 138,6 no final de 2014: em números absolutos, os «idosos» já ultrapassam os 2 milhões de habitantes. Estes valores, combinados com a queda do índice de fecundidade, que neste momento se situa em 1,2, valor muito inferior aos 2,1 requeridos para a substituição de gerações, fazem com que o envelhecimento da população portuguesa fosse em 2013 o 5.º mais elevado na Europa e 7.º no mundo.*” (Cabral et al., 2016: 25-26) Do mesmo modo, com o avançar do seu estudo, Cabral et al. concluíram que os seniores portugueses em comparação com os dos outros países europeus selecionados, bem como com a média

européia “*apresentam perfis do curso de vida, da sociabilidade e das actividades de «envelhecimento activo», bem como o estado de saúde, semelhantes ou inferiores à média europeia*”. (Cabral et al., 2016: 26) Como tal, este é reconhecido como um problema social que necessita de resolução, ser identificado e discutido nas arenas públicas de discussão, bem como de Políticas Públicas que foquem o referido.

A temática do envelhecimento tem, assim, levado a muitos debates em torno da tentativa de resolução deste problema, de desenvolvimentos de soluções, de políticas, de atividades e de programas de apoio que correspondam e erradiquem as causas dos problemas identificados, garantindo as condições e apoios necessários a este grupo etário mais envelhecido, destacando-se a questão da falta de lares que incluam a velhice LGBT. Todo este processo de problematização social ocorre no espaço público, pois tal resulta de uma preocupação pública. Como tal, estas novas medidas que têm vindo a ser implementadas, as quais visam fornecer novas experiências e mais oportunidades aos idosos, revelam que a sociedade está a tornar-se cada vez mais sensível às envolventes da velhice, ainda que a área da sexualidade e da orientação sexual seja pouco refletida.

Neste seguimento, um problema social é tido como o “*processo pelo qual os membros de uma sociedade definem uma condição putativa como um problema social*”, sendo que “*a emergência de um problema social é contingente com a organização de actividades de afirmação da necessidade de erradicação, melhoramento ou outra forma de mudança de uma dada condição*” (Franco, 2004: 118). Neste sentido, tem-se criado inúmeras propostas e alternativas para se combater essa conceção acerca do envelhecimento: centros de convívio ou centros de dia, lares/cuidados alternativos, universidades para seniores, atividades para grupos intergeracionais, diversos tipos de arte para seniores (teatro, dança, canto, pintura, olaria, etc.), atividades desportivas, workshops, viagens/programas especiais para seniores, entre outros. Actualmente, já são inúmeras as propostas apresentadas e disponíveis para que os idosos possam envelhecer ativamente, incentivando a sua participação nas mais diversas esferas sociais, bem como a sua interação com as mais diversas faixas etárias, os quais contribuem para o bem-estar e para a saúde dos mesmos.

Estamos, assim, a assistir a mudanças nas representações que os indivíduos fazem, uma mudança dos tempos, uma evolução das vivências que contribuem para a desmistificação de certos mitos e representações, bem como a *desestigmatizar-se* os estigmas, que tendem a atuar todos de um certo modo homogéneo sobre os indivíduos.

No entanto, questões que digam respeito à envolvente da sexualidade e da orientação sexual continuam atrás das acima mencionadas.

#### **4. Mitos da velhice assexuada<sup>11</sup> e da heteronormatividade**

Apesar do referido, segundo Areosa et al. descrevem (Apud Santos e Vaz, 1997), a velhice é uma fase das suas vidas que é marcada por vários estereótipos, tais como a passividade, a improdutividade, a assexualidade, a degeneração orgânica e psíquica, além da desvinculação com o futuro, que pode levar à alienação. Todavia, com as medidas que têm vindo a ser implementadas e com os estudos mais aprofundados sobre os problemas e causas existentes nesta etapa, estes estereótipos têm vindo a ser combatidos por várias entidades e pelos próprios idosos para, no mínimo, manter o padrão de vida que mantinham anteriormente, especialmente se se encontrarem num processo de institucionalização. Os seniores têm vindo, assim, a investir na sua “jovialidade” e bem-estar, no qual a sexualidade e a orientação sexual também apresenta um papel importante, sendo que “(...) *o declínio da actividade sexual, relacionado à idade, tende a ser cada vez menos tolerado, sendo visto como uma alteração do bem-estar corporal passível de tratamento médico*”. (Simões 2011)

Neste sentido, há que se especificar, então, aquilo que se entende por sexualidade e intimidade, pois apesar destas noções estarem ligadas habitualmente, não são necessariamente a mesma coisa. Como tal, a **sexualidade** faz referência ao conjunto das condições anatómicas, fisiológicas e psicológicas que caracterizam cada sexo, fazendo também alusão ao apetite sexual (prazer carnal) e ao conjunto dos fenómenos emocionais e comportamentais relacionados com o sexo. De acordo com a Organização Mundial da Saúde, a sexualidade humana pode abarcar tanto as relações sexuais, como o erotismo, a intimidade e o prazer – a sexualidade é experimentada e expressada através de pensamentos, ações, desejos e fantasias. A sexualidade, assim, com o passar do tempo, foi adquirindo uma noção social e cultural. Todavia, há que ter em atenção que este termo é muito abrangente, o qual engloba inúmeros fatores e dificilmente se encaixa numa definição única e absoluta.

Por fim, a **intimidade** pode estar relacionada com a sexualidade e com sentimentos de afeto que podem estar conectados ou serem confundidos com

---

<sup>11</sup> Termo empregue pelos autores Mauro Brigeiro e Guita Debert.

sentimentos sexuais. Associada a esta noção estão os momentos divididos pelos indivíduos, estando também ligada a sentimentos de afeto entre parceiros num tipo de relacionamento. Assim, as principais formas de intimidade reconhecidas por Morris são a intimidade emocional, a intimidade física e a intimidade intelectual (comum entre amigos). Morris destaca de igual modo três dimensões da intimidade, sendo estas: a dimensão pessoal (vivências, história pessoal, tudo o que se refere ao ser humano como ser indivíduo), a dimensão relacional (envolvimentos interpessoais, relações, envolvendo contacto com outro objeto ou pessoa), e a dimensão universal (varia consoante o contexto espacial, temporal, ou histórico). (Morris, 1997) De notar que também esta definição se torna ampla e de difícil definição absoluta e única.

A questão da institucionalização, atualmente, já vai portando diferentes conotações face à noção vigente relativamente há algumas décadas, pelo que a instituição de velhice traduz a colmatação de diferentes necessidades e interesses. “*Nas sociedades modernas a opção pelo Lar de Idosos não deve ser representada como uma solução para quem não tem uma rede de apoio informal, mas como uma oportunidade da população idosa poder beneficiar de uma melhor qualidade de vida*”. (Pereira, 2015: 19) De facto, no decorrer do processo de envelhecimento, os sujeitos pretendem que este “*ocorra com qualidade e manutenção da autonomia dos indivíduos*” (Mendes et al., 2014) a todos os níveis, essencialmente naqueles que promovem o bem-estar do indivíduo e a manutenção do respeito pela sua privacidade e intimidade.

Agregada à construção social da velhice, vigora a ideia de que a partir de uma determinada idade essa vontade deixa de existir – o sénior (leia-se, pessoas com 60 anos ou mais) passa a ser visto ou tratado como um *ser* assexuado, como se o interesse sexual desaparecesse ao atingir-se essa etapa da vida, sendo que a orientação sexual aqui também adquire um grande peso. Neste sentido, a velhice tem integrado o “*mito da velhice assexuada*” (Simões, 2011), sendo a velhice uma das “*areas generally thought to be asexual*”. (Gamson e Moon, 2006: 47) Este *mito* é agravado pelo surgimento dos problemas biológicos dos indivíduos, como a disfunção erétil (no que diz respeito aos homens) e a síndrome do climatério (no que diz respeito às mulheres). Problemas esses que, de acordo com a evolução medicinal existente, já podem ser resolvidos (mesmo que temporariamente) ou pelo menos atenuados através da utilização de produtos ou medicamentos. Todavia, as dificuldades sexuais sentidas pelos seniores são muitas vezes associadas erroneamente à andropausa ou à menopausa: “*São os preconceitos que*

*fazem pensar que a chamada andropausa no homem e a menopausa na mulher são responsáveis pelas dificuldades sexuais*”. (Debert e Brigeiro, 2012: 42)

A questão da sexualidade, neste sentido, deixa de ser inexistente e passa a ser encarada como algo que pode ser passível de resolução mediante a vontade do indivíduo e a sua situação. Por exemplo, se o motivo impeditivo à realização de relações sexuais for a disfunção erétil, esta é passível de resolução, já que o sujeito poderá recorrer a medicamentos ou produtos para resolver esse problema, do qual é exemplo o tão conhecido Viagra. De facto, a “*compreensão da sexualidade como uma técnica ao alcance de todos, a ser aprendida, renovada e preservada, favoreceu as intervenções terapêuticas e dá ênfase crescente à dimensão mecânica da actividade sexual*”. (Simões, 2011)

Do mesmo modo, principalmente ao nível das instituições, vigora uma ideia de *heteronormatividade*, ou seja, subentende-se que todos os indivíduos são heterossexuais até prova do contrário, algo que pode não querer ser manifestado pelos mesmos. Com a modernidade e a desconstrução de certas noções mais tradicionais, estas novas formas de se fazer e ver o mundo, têm vindo a favorecer uma certa abertura à ideia de que a velhice assexuada é, de facto, um mito para diversos indivíduos seniores, LGBT ou não. Como tal, se a sexualidade ou a orientação sexual, por exemplo, for um dos fatores a ter em conta no processo de institucionalização de um indivíduo (pois pode ter uma expressão forte na sua vida anterior à sua entrada na instituição e querer continuar a mantê-la), então esta já pode ser negociada de forma diferente comparativamente há uns anos atrás.

## **5. (Des)valorização do corpo**

Do mesmo modo, o que se pôde observar dentro desta exploração documental é que o próprio corpo e as transformações corporais que um indivíduo experiencia mantêm um papel importante durante o processo de envelhecimento, pois passam a existir diferentes perceções e valorizações do corpo, não só do idoso em relação a si próprio, como também dos outros em relação a si, as quais podem afetar a sua vida tanto ao nível pessoal como em termos de identidade, levando-o a questionar o que é na atualidade e o que foi em tempos: “*a importância que o corpo tem (...) reforça essa desvalorização dos velhos*”. (Lima e Silva et al., 2009: 297) Portanto, a transformação



que é vivida ao nível corporal pelos indivíduos e que leva, consequentemente, à desvalorização do corpo pela sociedade que os rodeia, acaba por ajudar a reforçar o mito da velhice assexuada. Não obstante, continuam a persistir questões culturais, por exemplo, associadas à viuvez, à honra social, à vergonha, entre outros, que leva a que seja difícil combatê-las.

Apesar do referido, atualmente essas transformações corporais já podem ser combatidas, ou pelo menos atenuadas. Com a idade, principalmente por parte do lado feminino, ainda que já seja igualmente visível uma preocupação do lado masculino, começa a existir um investimento de conservação e melhoria para com o próprio corpo (dietas, tratamentos, cremes, cirurgias) a fim de o preservar o mais perto possível da jovialidade que almejam. Passa a haver, neste sentido, um grande “*consumo de produtos e serviços destinados a retardar a acção do tempo*”. (Lima e Silva et al., 2009: 297) Todavia, nem todas as pessoas têm acesso a este tipo de consumo, ainda que mesmo no caso daqueles que têm, não seja possível retardar para sempre o seu processo de envelhecimento. “*Envelhecer passa a ser o ficar cada vez mais distante do ideal da perfeição do corpo, já que a beleza e a juventude são associadas à saúde*”. (Lima e Silva et al., 2009: 297) Como tal, ainda que o indivíduo revele visivelmente uma aparente condição saudável ou jovialidade, o alcançar da idade, de uma determinada faixa etária, transporta a conceção do indivíduo para a velhice e para a desvalorização – “*o corpo de mais idade é quase invariavelmente associado à doença, invalidez, decrepitude, proximidade da morte*”. (Lima e Silva et al., 2009: 297)

Assim sendo, as transformações corporais de um indivíduo durante o seu processo de envelhecimento podem levar a que, quando não são bem aceites, quando não são satisfatórias para o sujeito, ou mesmo quando afetam alguma função motora ou mental, tal possa interferir com a sua identidade e levar a um processo de negação – “*o velho é sempre o outro*”. (Birman, 1995: 23) Para Lima e Silva et al., as “*alterações corporais internas e externas têm repercussões no comportamento das pessoas idosas*”. (Lima e Silva et al., 2009: 300) Como tal, um processo de envelhecimento saudável e ativo promove uma velhice mais sadia e autónoma, promovendo o afastamento da noção de velhice assexuada. Contudo, apesar do investimento nesse estilo de vida por parte do indivíduo, este está sujeito a fatores externos, como por exemplo a *doença*, que pode alterar de algum modo as suas funções/capacidades motoras e mentais, afetando

consequentemente o alcance ou a possibilidade de realização de diversos tipos de bem-estar pretendidos, incluindo a sexualidade.

Neste sentido, para tal ser possível, é necessário que o indivíduo mantenha um mínimo de controlo corporal e cognitivo: *“o que importa é a capacidade de conservar o controlo sobre movimentos e funções corporais, sobre as emoções e as faculdades cognitivas – atributos básicos que permitem que uma pessoa seja reconhecida, valorizada, levada em conta em qualquer relação social. A velhice torna-se, então, a falência desses controlos e competências”*. (Simões, 2011) Assegurando a manutenção desses controlos e competências, o indivíduo assegura também um outro tipo de perceção dele mesmo, das suas capacidades e da sua própria maturidade. Este parâmetro, por sua vez, num processo de institucionalização, poderá influenciar a escolha do lar, dependendo dos serviços médicos de que necessitar.

Segundo Guimarães (1997), no decurso do envelhecimento de uma pessoa, esta sente necessidade de produzir diversas versões do seu *self* para que consiga garantir representações multifacetadas de si próprio e, adicionalmente, uma maior probabilidade de sucesso no decurso da vida. Como tal, *“(...) os atributos que usualmente marcavam a juventude, como o esforço de exploração e a construção da identidade, são transpostos à vida adulta e à maturidade, vistas agora como abertas à variação e à reinvenção pessoal (...)”*. (Simões, 2011) É uma fase da vida do indivíduo em que passa a haver um maior investimento por parte do sujeito na construção da sua identidade e daquilo que promove a sua satisfação pessoal, sendo a sexualidade, por exemplo, um desses componentes contribuidores da procura do aprazimento – há um *“lugar central da sexualidade”* (Lima e Silva et al., 2009: 300).

Apesar das diversas transformações que possam ocorrer ao nível da identidade, a velhice é uma etapa em que, precisamente por o sénior gozar de mais tempo livre (proporcionado pela reforma) e de outras responsabilidades, é ideal para investir em si mesmo e moldar-se consoante os seus objetivos e vontades: *“A velhice também pode ser um período de recuperar perdas, de alcançar novas conquistas e de se buscar o prazer e a satisfação pessoais”*. (Lima e Silva et al., 2009: 298) O mito da velhice assexuada pode, assim, começar a ser dissipado pela própria etapa da velhice e pelas ações do indivíduo que consta nela, independentemente de se encontrar institucionalizado ou não.

A identidade, assim, consiste essencialmente no reconhecimento de que um certo indivíduo é ele próprio, em que para tal contribuem um conjunto de caracteres

particulares que identificam uma pessoa, os quais vão sendo modificados e aprimorados ao longo da sua vida. A identidade é, portanto, formada pelos próprios indivíduos enquanto eles interagem com outros (incluindo a interação e o interesse sexual, ou mesmo a sua orientação sexual), sendo que, no entanto, a identidade não está unicamente dependente da interação sem mais e dos significados atribuídos que o próprio percebe – esta é, também, formada pelas percepções do que os outros recebem acerca de nós.

Todavia, o envelhecimento é um processo que não é igual para todos os indivíduos, dado que os *“homens e mulheres enfrentam de maneiras distintas a experiência do envelhecimento”* (Freitas et al., 2010: 411), onde cada caso é um caso que se manifesta, desenrola e constrói dentro dos seus próprios moldes – todavia, o envelhecimento não tem de significar como que uma morte social do indivíduo. Do mesmo modo, não é só o processo de envelhecimento em si que ocorre de forma diferente entre os homens e as mulheres, mas também todos os outros parâmetros e áreas da vida do ser humano, tais como a intimidade, a orientação sexual e a sexualidade: *“There is growing evidence that human sexuality takes somewhat different forms in women and men. (...) Women's sexuality tends to be relationship-focused, with love and intimacy typically playing a more prominent role in sexuality for women than for men. (...) Men are more likely to sexualize and women to romanticize their sexual orientation”*. (Garnets e Peplau, 2006: 70) Estas diferenças na forma de encarar a sexualidade de acordo com o género levam à noção de que a sexualidade adquire, portanto, um nível de importância diferente para o homem e para a mulher sénior de acordo com a sua vivência, experiências e interiorização de habitus de género, de formas distintas. Igualmente, o próprio local de residência também pode interferir com o desejo ou a possibilidade de haver relações sexuais.

Deste modo, as políticas e medidas sociais que contribuem para um envelhecimento com qualidade ganham cada vez mais importância. O envelhecimento, portanto, deve ser considerado como *“o resultado da melhoria generalizada das condições de vida, (...) induzida pelo sucesso de políticas sociais públicas (...). O risco existe, isso sim, (...) porque o último troço de vida (...) pode ser vivido sem a qualidade a que qualquer cidadão tem direito”*. (Capucha, 2005: 338) Todavia, a qualidade de vida tende a ser, com alguma frequência, associada apenas à saúde ou à ausência dela e

às suas implicações, esquecendo outras componentes igualmente importantes para que o indivíduo usufrua de qualidade de vida.

Tal como a alimentação, a higiene, o vestuário ou algum tipo de atividade podem contribuir para o bem-estar do ser humano, também a sexualidade deve ser tida em conta, pois também esta contribui para o bem-estar do indivíduo, variando a sua importância de situação em situação. Neste sentido, ao assumir-se automaticamente que um indivíduo se torna num ser assexual ao entrar numa determinada idade, nega-se-lhe o reconhecimento de que este ainda tem o direito e a possibilidade de manifestar alguma vontade sexual se assim o desejar. A sexualidade ou a atividade sexual é, deste modo, uma forma de envelhecimento ativo e é um direito humano, pelo que, como tal, impedir a sua expressão é vedar um direito humano.

É neste sentido que o mito da velhice assexualizada tem vindo a ser combatido por diversos académicos e atores sociais, evidenciando a existência de uma “*associação entre a manutenção da atividade sexual na velhice e a qualidade de vida*” (Lima e Silva et al., 2009: 295), reforçando, assim, a sua importância nesta etapa da vida de um indivíduo, talvez até a sua transformação, mas não o seu desaparecimento, algo que se torna ainda mais mitificado ou complexo nos indivíduos LGBT.

A sexualidade na velhice transformou-se num mito devido ao papel que a sociedade exerce nas representações que vigoram daquilo que nos rodeia, levando a que, neste sentido, acabe por se tratar quase de um assunto tabu por parte das representações que vigoram da própria sociedade. De acordo com Lima e Silva et al., a sociedade tem um papel fundamental na forma como esta pode ser encarada, pois é por parte da própria sociedade que emerge um tabu para com a questão da sexualidade existente na velhice: “*a sociedade, por discriminar os velhos de forma geral, condena a sua sexualidade*” (Lima e Silva et al., 2009: 300), levando à ideia de que esses atos caibam antes aos mais novos: “*esse controle sobre seus atos seria exercido pelos jovens*”. (Lima e Silva et al. 2009, 300) Este mito tem-se prolongado porque tem a sua origem num esquema interpretativo básico que marcou a história da reflexão sobre o envelhecimento, a qual postulava que “*um estilo de vida prudente deveria procurar retardar esse declínio [sexual], mas aceitá-lo era parte do exercício moral de ajustamento aos efeitos do processo de envelhecimento*”. (Debert e Brigeiro, 2012: 38)

Apesar dos tempos terem mudado, este mito ainda é alimentado, pois “*no que diz respeito às discriminações identificadas contra os mais velhos, considera-se que é*

*próprio das sociedades como a nossa reprimir a sua sexualidade*”. (Debert e Brigeiro, 2012: 39) Tal é visível essencialmente, mas não só, através de diversos tipos de censura, dos quais são exemplo a censura familiar, particularmente por parte dos filhos do indivíduos em causa, os quais tendem a ter uma maior dificuldade de aceitação, ou através da censura nas instituições que não sabem lidar com esta temática e portanto preferem erradicá-la ou ignorá-la, ou mesmo através da censura na própria comunidade.

Todavia, este mito tornou-se mais mitigado, mais diluído, as áreas de investigação alargaram-se, as mentalidades tornaram-se mais abertas, e as descobertas e conclusões sofreram inovações e, atualmente, já se refuta este mito, incluindo-o como uma dimensão existente (e não excluída) da velhice. O esforço dos estudos para combater este mito reside no facto destes investigadores crerem que este mito assenta na existência de uma conceção social do fim da vida sexual na velhice, tida como generalizada e errónea: *“evidenciada através de uma série de preconceitos (...) a associação excludente entre idade e sexualidade é uma representação equivocada”* (Debert e Brigeiro, 2012: 39-40).

A sexualidade pode ser, assim, também ela encarada como uma construção social: *“as experiências sexuais têm significados diversos, dependendo do contexto em que se inserem”*. (Lima e Silva et al., 2009: 301) Neste sentido, torna-se importante analisar os sentidos que são atribuídos pelos indivíduos às suas práticas sexuais, pois atualmente está-se a deixar para trás a tendência de se pensar a velhice como uma situação de decadência física, de perda de papéis sociais e de repressão sexual por parte da sociedade, e mais como uma etapa de investimento em si próprio, liberdade, conquistas e reinvenção pessoal – *“Se por um lado, (...) a sexualidade tem pouco ou nada a ver com a idade, por outro a velhice exige uma nova forma de experimentá-la”* (Debert e Brigeiro, 2012: 40), onde o papel da instituição se vai manifestar.

Neste sentido, interessava existir um posicionamento político que propendesse a favor do *desconstrangimento* dos indivíduos, para estes se sentirem livres para expressar a sua sexualidade, incluindo LGBT, não sendo constrangidos por algum tipo de censura social para *“manter ou não a actividade sexual após os 60 anos, com qualquer significado que esta possa ter para eles, independentemente dos padrões culturais construídos”*. (Lima e Silva et al., 2009: 302) A orientação sexual e a sexualidade devem apresentar-se como uma opção pessoal, livre de constrangimentos, como uma *“atividade benéfica para o envelhecimento bem-sucedido”*. (Debert e Brigeiro, 2012: 37)

Actualmente o prazer / interesse sexual é tido como “*um direito humano, (...) universal, e parte indissociável do bem-estar físico e subjetivo*”. (Debert e Brigeiro, 2012: 41)

Após a exploração da construção social da velhice vigente, torna-se importante legitimar a inclusão da vida sexual na velhice, especialmente ao nível institucional, como algo normal e integrante da mesma, incluindo indivíduos LGBT. Estes indivíduos sofrem, assim, um triplo estigma (pelo menos) ao nível da sexualidade, da velhice, e da orientação sexual – interseccionam-se. É, então, necessário acabar com a separação destas duas dimensões, com a exclusão da sua participação no quotidiano dos indivíduos que vivenciam a velhice e que desejam manter essa expressão da sexualidade nas suas vidas, mesmo que institucionalizados, pois a sexualidade, expressando-se de diferentes formas e intensidades para os indivíduos, continua a existir, podendo mesmo influenciar a forma como a negociação e seleção de um lar é realizada. “*A sexualidade não se esgota com o passar dos anos (...). Apesar (...) do declínio da frequência de atividade sexual com o avanço da idade, (...) esse decréscimo é substituído por uma intensidade ampliada do prazer sexual*”. (Debert e Brigeiro, 2012: 38).

## IV - POLÍTICAS PÚBLICAS

### 1. Definição

As Políticas Públicas têm cada vez mais importância no nosso dia-a-dia, nos seus diferentes níveis de atuação e nos seus diferentes efeitos. Mas, na verdade, o que são políticas públicas? Que papéis exercem? Que impactos podem e devem ter? De acordo com Howlett e Ramesh (1995), em termos de políticas públicas e relativamente à implementação do “*policy cycle*”, as políticas sofrem como que uma espécie de ciclo para alcançarem o seu desenvolvimento e implementação. Primeiro começa-se por se compreender e definir o problema por parte dos decisores políticos, sendo que, após essa etapa, faz-se um diagnóstico do mesmo. Depois, desenvolvem-se soluções para o problema definido e, em seguida, executam-se as decisões consideradas adequadas à resolução do problema. Posteriormente, implementa-se a política que resultou desse processo e, por fim, avalia-se o seu impacto e sucesso de correspondência ao problema identificado inicialmente.

Segundo Souza (2006: 24), apesar de existirem diversas definições conhecidas ao longo da literatura, por parte de autores como H. Laswell, H. Simon, C. Lindblom e D. Easton, a definição que continua a ser tida mais em conta é a de Laswell: “(...) *ou seja, decisões e análises sobre política pública implicam responder às seguintes questões: quem ganha o quê, por quê e que diferença faz*”. De uma forma talvez simplista (no sentido em que definir-se Políticas Públicas é uma ação complexa), e citando o que descreve Souza, pode-se definir Políticas Públicas como “*políticas públicas, [que] após desenhadas e formuladas, desdobram-se em planos, programas, projetos, bases de dados ou sistema de informação e pesquisas. Quando postas em ação, são implementadas, ficando daí submetidas a sistemas de acompanhamento e avaliação*”. (Souza, 2006: 26) Portanto, o que é possível traduzir com esta sequência é que uma política pública traduz o acordo e o interesse acerca de um determinado número de questões em torno de um problema e a implementação de uma possível solução, o que, uma vez mais, pode ser observado ao nível dos lares de terceira idade e das associações LGBT.

Todavia, e como foi supramencionado, definir este conceito não é algo que possa ser feito de forma linear, dado que existem diversas perspetivas sobre a questão

das Políticas Públicas, onde vigora a ideia principal de que estas se passam essencialmente ao nível dos governos: as *“definições de políticas públicas, mesmo as minimalistas, guiam o nosso olhar para o locus onde os embates em torno de interesses, preferências e ideias se desenvolvem, isto é, os governos. (...) as definições de políticas públicas assumem, em geral, uma visão holística do tema, uma perspectiva de que o todo é mais importante do que a soma das partes e que indivíduos, instituições, interações, ideologia e interesses contam, mesmo que existam diferenças sobre a importância relativa destes fatores”* (Souza, 2006: 25).

Neste sentido, podemos encontrar diversos autores que defendem o outro lado da equação, isto é, que as Políticas Públicas não ocorrem somente ao nível governamental. Segundo Balsa<sup>12</sup> (2014), as políticas públicas são desenvolvidas não só pelo Estado, como também por outros atores, para corresponderem à resolução da causa de algum problema considerado público ou social, a fim de o solucionarem. De notar que a implementação de políticas não é um processo único ou mesmo simples, dado que as políticas podem sugerir diversos sentidos e constar em diferentes contextos que a podem minar, pelo que segundo Balsa demonstra, é importante *“considerar os diferentes sentidos que a política recebe, ao ser apropriada por lógicas de ação distintas, à medida que ela se enraíza nos sucessivos níveis de implementação que a concretizam”*. (Balsa, 2012: 1)

## **2. Modelos de políticas**

Neste sentido, e de acordo com Souza (2006), existem diversos tipos de políticas que nos rodeiam constantemente de alguma forma no nosso quotidiano. O presente trabalho, dentro dos diversos modelos, enquadra-se no tipo da política pública (2006: 28). Este modelo é destacado por Theodor Lowi, no qual, se desenvolveu a máxima de que é a política pública que faz a política. O que esta máxima traduz é que *“cada tipo de política pública vai encontrar diferentes formas de apoio e de rejeição e que as disputas em torno de sua decisão passam por arenas diferenciadas”* (2006: 28). Neste sentido, a política pública pode assumir quatro formatos: **1) Políticas distributivas:**

---

<sup>12</sup> De acordo com o V SEMEAP – Seminário de Modelos e Experiências de Avaliação de Políticas Públicas, Programas e Projetos Sociais / III Seminário Internacional sobre Avaliação. Avaliação de Políticas Públicas no Capitalismo Globalizado: para quê e para quem. 2014.



consistem em decisões tomadas pelo governo; 2) **Políticas regulatórias:** consistem essencialmente em burocracia, em políticos e em grupos de interesse; 3) **Políticas redistributivas:** consistem em políticas sociais universais, no sistema tributário e no sistema previdenciário; e 4) **Políticas constitutivas:** lidam essencialmente com procedimentos.

As políticas constitutivas, possivelmente, revelam-se as mais adequadas à questão que se tem vindo a explorar até este ponto, no sentido em que os processos de institucionalização decorrem de um procedimento que é cumprido para se formalizar a entrada do idoso na instituição, independentemente do seu cariz (seja pública ou privada), após a cessação de negociação dos interesses que se visa manter e da realização da estratégia escolhida para manter o seu padrão de vida após a sua formalização do processo de institucionalização. Do mesmo modo podemos referir as associações LGBT, as quais também agem através de procedimentos para chegar às pessoas que delas necessitem. Pese embora o referido, todas os quatro tipos de políticas referidas acima, de uma forma ou de outra, afetam as vidas dos cidadãos de diversos modos e graus.

Os seus elementos principais, assim, os quais passam pelo seguinte: “a política pública permite distinguir entre o que o governo pretende fazer e o que, de facto, faz; (...) envolve vários atores e níveis de decisão, embora seja materializada através dos governos, e não necessariamente se restringe a participantes formais, já que os informais são também importantes; (...) é abrangente e não se limita a leis e regras; (...) é uma ação intencional, com objetivos a serem alcançados; embora tenha impactos no curto prazo, é uma política de longo prazo; (...) e envolve processos subsequentes após sua decisão e proposição, ou seja, implica também implementação, execução e avaliação”. (2006: 36-37).

### **3. Políticas públicas e dispositivos de intervenção**

Actualmente as políticas públicas encontram-se cada vez mais presentes em todas dimensões da vida do ser humano, no sentido em que, como já foi referido, estas não ocorrem apenas através dos grandes organismos, como o Estado, por exemplo, mas também ao nível do indivíduo, nas suas ações, interações e decisões quotidianas, essencialmente através da forma como este se apropria das políticas que o rodeiam e as

formatada por e para si mesmo, visando uma qualquer finalidade. Do mesmo modo, tem-se investido nas políticas que visam as instituições: *“O debate sobre políticas públicas também tem sido influenciado pelas premissas advindas de outros campos teóricos, em especial do chamado neo-institucionalismo, que enfatiza a importância crucial das instituições/regras para a decisão, formulação e implementação de políticas públicas”* (Souza, 2006: 37).

Como exemplo de uma política ao nível da instituição temos a Carta Europeia dos Direitos e Liberdades do Idoso Residente em Instituições, a qual visa a implementação do respeito e da promoção das condições, qualidade e dignidade de vida dos idosos: *“A Carta Europeia dos Direitos e Liberdades do Idoso Residente em Instituições remete ainda para (...) uma política europeia comum gerontológica que abranja o respeito pela qualidade de vida, a adequação dos serviços, o atendimento digno e a supervisão e financiamento, dos idosos”* (Neves, 2012: 3). Esta foi implementada por um organismo maior, através da Lei (decretos-lei e despachos normativos), instituindo as forma de comportamento a ter, os direitos e deveres, regras, entre outros. Todavia, não se dissipa nessa camada; pelo contrário, vai ser, posteriormente, apropriada pelos atores sociais nos seus quotidianos. As instituições, como tal, são tidas como *“regras formais e informais que moldam o comportamento dos atores”* (Souza, 2006: 38-39).

O mesmo se pode dizer dos processos de institucionalização, no sentido em que existe uma negociação que visa os interesses do futuro institucionalizado, isto é, existe um jogo constante de estratégias por parte do idoso (ou do membro familiar ou de outra entidade encarregue dessa função) aquando da escolha do lar. Existe, portanto, uma apropriação de políticas públicas que são, nesse caso, formatadas e utilizadas de acordo com as ações do indivíduo em questão, negociadas com a instituição em causa, a qual também usufrui de políticas públicas. Estas diferentes negociações e estratégias de acesso existentes num processo de institucionalização, que se diversificam de indivíduo para indivíduo, tornam-se, assim, numa forma de política.

Os lares de velhice costumam reger-se por um regulamento interno, o qual ilustra direitos e deveres dos utentes e da instituição, visando a dignidade não só dos utentes, mas também o respeito pelo pessoal técnico, o respeito mútuo e o respeito pela privacidade dos utentes, bem como o bom funcionamento da instituição e cumprimento dos parâmetros do regulamento. Dado que, como referiu Souza (2006), as instituições

são regras formais e informais que moldam o comportamento dos atores, estas instituem um regulamento interno que institui todos os direitos e deveres da casa. Para a instituição destes regulamentos internos, contribuem documentos como a Legislação Nacional (que emite decretos-lei para regular as instituições, tal como para as instituições, para que se regulem por eles para desempenharem um bom funcionamento); o documento dos Direitos dos Idosos, constituinte dos Princípios das Nações Unidas para o Idoso, constituído na Resolução 46/91, aprovada na Assembleia Geral das Nações Unidas de 16/12/1991, o qual visa os direitos dos idosos e que, nesse sentido, tem de ser respeitado pelas instituições que funcionem como lares de Terceira Idade; assim como o documento da Constituição da República Portuguesa, texto integral após IV revisão constitucional (lei constitucional 1/2004, de 24/07), atualizado nos Artigos 295 e 296 pela Lei Constitucional 1/2005, de 12 de Agosto, a qual também visa proteger as condições, direitos e deveres dos idosos institucionalizados.

Todos os referidos servem de Políticas Públicas para regular e apoiar as instituições e os seus respetivos utentes, sendo que tais políticas transcritas nesses documentos serão posteriormente apropriadas pelos diferentes membros da instituição, sendo formatadas por eles, e aplicadas com vista às suas finalidades. É nestas diferentes formas de apropriação que se traduzem as diferentes formas de funcionamento dos lares posteriormente, leia-se, públicos ou privados, por exemplo, ao nível da aceitação ou recusa de pessoas LGBT, de casais LGBT, na restrição de comportamentos ou na sua compreensão e dos seus modos de vida, entre outros.

#### **4. Associativismo LGBT em Portugal**

As associações, em termos de políticas públicas e da sua apropriação / implementação, também têm manifestado um papel importante, principalmente ao nível LGBT. É através destas que passa a ser possível haver um maior apoio (e mais direto também) aos indivíduos LGBT que dela necessitem. Estas tentam assegurar que os mesmos usufruam destes direitos: 1) casamento civil igualitário; 2) projeto de Lei de Identidade de Género (PL 5002/2013); 3) criminalização da homofobia; 4) ações na educação. Apesar do descrito, as associações LGBT em Portugal ainda estão pouco desenvolvidas e carecem de políticas para atuarem aos mais diversos níveis, dado que estas, por exemplo, atuam apenas em casos de pessoas com idades compreendidas

entres os 16 anos e os 30 anos, excluindo uma grande parte da população LGBT, os seniores.

Apenas uma associação – Opus Gay – prima o envelhecimento LGBT, tendo mesmo um projeto focado nesta temática. Este projeto – Envelhecer Fora do Armário – surgiu para “*combater o chamado ‘regresso ao armário’ de indivíduos que vivem remetidos à vergonha e ao isolamento e que merecem viver a sua velhice de uma forma plena, sem medos nem receios*<sup>13</sup>”. Pese embora o referido, uma única associação que atenda questões concernentes ao envelhecimento LGBT não é o suficiente, pelo que aqui se observa, desse já, uma falha nas Políticas Públicas, a este nível, em Portugal, algo que terá de mudar com o futuro, dado que este país tem uma população cada vez mais envelhecida e em que a sexualidade e a orientação sexual se está a tornar um assunto mais falado.

Outro exemplo prende-se com a questão de não existir um lar de terceira idade LGBT *formal* (leia-se, um lar onde as pessoas não tenham de esconder, renunciar ou negociar a sua sexualidade e orientação sexual para permanecerem no mesmo), ainda que a Opus Gay tenha um projeto desses em mente para o futuro. Todavia, atualmente não há Políticas Públicas a este nível, o que leva à carência da resolução deste parâmetro para os indivíduos que dela pudessem depender, traduzindo-se tal na renúncia/omissão da orientação sexual por medo, de acordo com os entrevistados, ou ao investimento em lares privados que se assemelhem às condições das residências anteriores e aos seus modos de vida.

---

<sup>13</sup> Informação disponibilizada no site <https://envelhecerforaarmario.wordpress.com/>. Acedido a 01 de Setembro de 2018, às 14.31h.

## V - CAPÍTULO METODOLÓGICO

### 1. Introdução

#### 1.2. Metodologia Qualitativa

Uma das partes mais significativas de um trabalho de investigação prende-se, essencialmente, com as metodologias que são escolhidas e utilizadas para se levar a cabo a mesma. A dificuldade sente-se, acima de tudo, na escolha da metodologia, que seja a mais conveniente para o propósito: *“Os sociólogos, da mesma forma que todos os demais estudiosos que se dedicam ao trabalho científico, devem ser metodologicamente prudentes: devem conhecer a finalidade da pesquisa (...)”* (Merton, 2010:155). Entre as metodologias quantitativas e as metodologias qualitativas, o investigador encontrará infindáveis opções e técnicas, ou optará por uma combinação de ambas, para poder proceder ao seu processo de recolha de dados e, posteriormente, ao tratamento dos mesmos.

Neste caso, a decisão prende-se, essencialmente, ao nível qualitativo, tendo este resultado da avaliação de quais as metodologias mais capazes de responder aos objetivos da investigação que é proposta. Uma vez que o estudo incide sobre as histórias de vida de indivíduos com mais de sessenta anos (> +60), homens e mulheres, que apresentam uma orientação sexual não heterossexual, ou seja, pertencem à categoria LGBT, residentes tanto no seu domicílio, como em instituições, pareceu-nos ser a melhor decisão metodológica a seguir para captar estas realidades. Deste modo poderemos analisar o peso que a orientação sexual pode apresentar no envelhecimento de um indivíduo LGBT com sessenta ou mais anos e a forma como o pode condicionar.

Dada a sensibilidade do estudo, tendo em conta que aborda temáticas íntimas e por vezes tabu, como a sexualidade ou a temática LGBT no envelhecimento, as metodologias qualitativas demonstram ser as mais eficazes na captação desta sensibilidade. Neste sentido, através das histórias de vida destes elementos, seria possível extrair os momentos que os marcaram ao longo das suas vidas e, especialmente, nos seus processos de envelhecimento, bem como os seus medos, os desafios que ultrapassaram e que enfrentam no dia-a-dia, em muito associado às suas orientações sexuais, às suas práticas, às suas vivências, ou ainda as suas necessidades que ficam em falta, por vezes pelo poder do medo ou do preconceito. Para o efeito, torna-se inevitável o uso de ferramentas de teor mais qualitativo.

Assim, e inicialmente, em termos metodológicos, o método utilizado passou bastante pela exploração de literatura, na pesquisa documental (que se revelou limitada<sup>14</sup>), na tentativa de se alcançar um bom enquadramento e clarificação do tema, uma boa definição do problema dentro dos contornos da realidade portuguesa face ao envelhecimento LGBT. A grande parte da literatura encontrada remetia, portanto, para a realidade brasileira ou para literatura anglófona, o que levou a um maior esforço para se conseguir ter noção dos contornos da realidade portuguesa no que diz respeito ao envelhecimento LGBT.

As leituras têm um papel importante num trabalho de investigação porque nos auxiliam a balizar o que pretendemos abordar, servindo de orientações àquilo que se procederá, ou como Quivy et Campenhoudt sugerem, “*a constituir a problemática da investigação. (...) ajudam a fazer o balanço dos conhecimentos relativos ao problema de partida*”. (Quivy et Campenhoudt, 1992:67). Através destas, conseguimos obter uma maior noção de qual a perspetiva que queremos adotar na nossa investigação, qual o ângulo que está menos explorado e que nos parece essencial explorar e aprofundar. O objetivo prende-se, essencialmente, com a necessidade de se conseguir obter conhecimento suficiente sobre o tema/assunto que será explorado na investigação.

Posteriormente, explorámos ao nível metodológico qual a metodologia que se encaixaria melhor para levar a cabo esta investigação, já tendo sido eleita a metodologia qualitativa como a metodologia mais eficaz para captar esta mesma realidade portuguesa. Mais concretamente, recorremos a entrevistas semiestruturadas com finalidade de obtenção de histórias de vida, ou seja, entrevistas com um foco nos relatos e narrativas de vida.

Os métodos qualitativos revelaram-se pertinentes para o efeito, pois estes permitem que se capte o significado que é atribuído às experiências de vida das pessoas em questão. Estes métodos podem ser aplicados ao “*estudo da história, das relações,*

---

<sup>14</sup> A nossa pesquisa documental revelou-se limitada porque, tal como foi referido, a maioria dos textos encontrados e utilizados que exploram e analisam esta temática são de natureza estrangeira (realidade brasileira ou literatura anglófona). Deste modo, torna-se mais difícil obter uma imagem mais precisa do quadro português. Todavia, ao obtermos um quadro da realidade estrangeira, podemos daqui retirar noções, imagens ou conclusões que nos auxiliem na compreensão e elaboração da presente temática. Contudo, os quadros divergem consoante as realidades dos diferentes países, pelo que a realidade portuguesa não pode ser explicada através da realidade dos outros países. Quanto muito, socorremo-nos de análises e observações destas para tentarmos compreender fenómenos da nossa própria realidade, no que concerne esta questão. É precisamente neste sentido que se torna mais complexa esta tarefa de pesquisa e análise documental – mas não impossível. Esta limitação permite-nos ainda ter a consciência de que a literatura portuguesa é, neste sentido, escassa, o que nos serve de alerta para a noção de que se torna necessário investir neste tema.

*das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem os seus artefactos e a si mesmos, sentem e pensam (...) as abordagens qualitativas conformam-se melhor a investigações de (...) histórias sociais sob a óptica dos actores, de relações e para análises de discursos e de documentos”.* (Minayo, 2010:57) Dado que o objetivo se prende com a necessidade de se obter mais informação acerca de como o envelhecimento LGBT é condicionado pela orientação sexual, e de como a orientação sexual LGBT condiciona ou não os processos de envelhecimento e vivências da velhice, tanto ao nível institucional, como ao nível domiciliário, cremos que os métodos qualitativos se adequam ao que é pretendido, mais precisamente, através de entrevistas semiestruturadas com um foco nos relatos e narrativas de vida, a fim de captarmos as interpretações, significações e singularidades destes.

## **2. Processo de Recolha de Dados**

### **2.1. Definição da Amostra**

A definição da amostra revela-se outra parte significativa de uma investigação, principalmente quando a metodologia escolhida prima pela decisão e avaliação qualitativa. Ao criarmos os nossos próprios dados, fica evidente a necessidade de se definir, atenciosamente, critérios de construção da amostra e da seleção das unidades de observação relativas ao objeto de estudo em análise. É aqui que se definem os critérios que nos permitirão focar numa população alvo, começar a incluir e a discriminar aquilo que nos interessa ou não, guiando o nosso trabalho na direção certa, tornando tudo mais claro. Neste caso, sendo o tema focado no envelhecimento LGBT e em como a sua orientação sexual condiciona o seu envelhecimento, interessava que os indivíduos apresentassem as seguintes características: 1) ter mais de 60 anos de idade; 2) ter uma orientação sexual não heterossexual (leia-se, LGBT); 3) viver no seu domicílio ou numa instituição de velhice. Quanto ao género, interessava também colher relatos que refletissem a diversidade de marcadores e identidades de género: como tal, entrevistaram-se nove indivíduos (cinco homens e quatro mulheres, o que pode ser verificado na Tabela 1).

No presente estudo, sendo este um trabalho qualitativo, não temos pretensões de representatividade estatística ou de representação da «realidade sénior LGBT». Contudo, e ao mesmo tempo, procurámos que os relatos espelhassem a maior

diversidade possível: de perfis, de origens e trajetos de vida, de experiências e sentidos. Tencionamos, neste sentido, o aprofundamento do conhecimento da realidade e não a generalização de resultados. Como refere Pais: *“Em ambivalências qualitativas, os critérios de seleção são critérios de compreensão, de pertinência e não de representatividade estatística. (...) A relevância deste tipo de amostra não reside na pretensão de representação de uma população com o objectivo de generalização de resultados; em contrapartida procura-se aprofundar o nível de conhecimento de realidades cuja singularidade é, por si, significativa”*. (Pais, 2001:110)

Portanto, o objetivo passa pela vontade de explorar diversos casos de envelhecimento LGBT, apurando as suas singularidades, as suas histórias, as suas noções e percepções, não de modo a que estes representem toda a população LGBT, mas os diversos “casos-tipo” que permitem representar outros tantos casos com que os indivíduos se identificam. De novo, como Pais sugere: *“(...) um caso não pode representar o mundo, embora possa representar um mundo no qual muitos casos semelhantes acabam por se refletir”*. (Pais, 2001:109)

Esta amostra visava chegar a tantos perfis quanto fosse possível captar, para se tentar atingir uma *“saturação informativa”* (Pais, 2001:110). Dado este assunto ser ainda tabu nesta faixa etária, e haver alguma relutância de se expor em primeira mão, após uma séria ponderação metodológica, decidimos que a melhor forma de chegarmos às pessoas que apresentavam as características necessárias seria através do método de bola-de-neve. Através deste método, conseguimos chegar ao primeiro entrevistado que, por sua vez, nos fez chegar a outras pessoas através dos seus contactos e conhecimentos. Do mesmo modo, estas fizeram-nos alcançar mais indivíduos. Tal permitiu-nos chegar a nove pessoas. Posteriormente, seguiram-se as entrevistas.

## **2.2 Captar relatos de vidas LGBT na velhice: as entrevistas**

Dado que o objetivo passava por se aprofundar o conhecimento das realidades destas nove pessoas, recorreremos à aplicação de entrevistas semiestruturadas, a fim de conseguirmos captar o olhar destes atores, relativamente aos seus processos de envelhecimento, mediante as suas orientações LGBT.

Decidimos aqui premiar o papel da entrevista, em função dos objetivos do estudo formulados, pelo impacto que esta pode ter, quando bem executada, permitindo-



nos adentrar pela intimidade e percepção do mundo pelos olhos do entrevistado. Esta subjetividade que daí provém permite-nos compreender as noções destes, as suas realidades, de um modo mais íntimo e profundo. Tal, feito com cautela, permite-nos desviar do mero senso comum. Como sugere Pais: “A *objectividade não tem, necessariamente, de ficar amarrada à obsessão do mensurável e do quantificável. Com efeito, é tão perigosa a ilusão subjectivista quanto a ilusão objectivista*”. (Pais, 2001:109)

Esta fase inicial, e em conjunto com a realização das entrevistas aos indivíduos em questão, passou também pela exploração de seis regulamentos internos de lares públicos e privados, a fim de conseguirmos obter uma visão mais precisa da realidade que vigora ao nível das instituições relativamente à manifestação de uma orientação sexual diferente, à questão da vivência da sexualidade, e ao direito da intimidade e da privacidade. Através da realização simultânea das entrevistas, tornou-se mais fácil de se perceber e interpretar esses mesmos regulamentos nas instituições em que algumas entrevistas ocorreram. Destas leituras, o que foi possível observar e traduzir a este nível foi que esta é uma realidade que se alterna consoante a estrutura da instituição.

A exploração destes seis regulamentos internos de lares públicos e privados durou menos tempo (leia-se, dois meses) do que o período de entrevistas, o qual decorreu, mais ou menos, durante 4 meses, e ocorreu tanto no domicílio, como nas instituições dos respetivos. Estas realizaram-se entre o distrito de Setúbal e o distrito de Lisboa. As entrevistas apresentaram sempre um formato semiestruturado (ver anexo II), conduzindo-se as mesmas com temas e questões abertas, para servir de fio condutor, balizando a conversa, evitando-se a perda de informação ou o desvio do ambicionado. Deste modo, é facultado espaço ao entrevistado para se expressar livremente nos seus termos, que disponha de uma certa liberdade para poder desenvolver as respostas ao que lhe era perguntado.

O guião utilizado foi composto por cinco grandes temas, que fossem comuns a todos os entrevistados, sendo que o guião foi adaptado para o caso dos indivíduos institucionalizados e para o caso dos indivíduos não institucionalizados. Os dois primeiros grandes temas eram iguais nos dois casos, sendo que a partir desse ponto apenas divergem na sua estrutura. Neste sentido, o primeiro grande tema era referente aos seus percursos, trajetórias e retratos de vida, sendo que aqui interessava abranger os planos pessoal, familiar, escolar, profissional e saúde das vidas dos indivíduos. O

segundo grande tema diz respeito às percepções que os entrevistados tinham sobre as instituições, sendo que para este tema contavam as suas imagens, percepções, representações sobre as mesmas, e as fontes para a construção dessas «imagens».

A partir daqui, os restantes três grandes temas foram adaptados aos casos dos indivíduos institucionalizados e aos casos dos indivíduos não institucionalizados. Nomeadamente, no primeiro caso, dos indivíduos institucionalizados, o terceiro grande tema refere-se ao processo de escolha da institucionalização, em que interessava aferir o tipo de decisão ocorrida, os fatores que influenciaram, e o peso da orientação sexual. Por sua vez, no caso dos indivíduos não institucionalizados, o terceiro grande tema diz respeito à possibilidade de uma futura institucionalização, em que contam as suas percepções acerca do quotidiano institucional, a forma como vivenciariam o dia-a-dia, a importância dos profissionais da instituição e a importância da privacidade e intimidade.

No quarto grande tema, no caso dos indivíduos institucionalizados, diz respeito aos seus quotidianos institucionais, em que para tal interessava abordar pontos como os seus desafios, medos ou dificuldades, a forma como vivenciavam o dia-a-dia e a importância dos restantes utentes e profissionais. Por sua vez, no caso dos indivíduos não institucionalizados, este quarto grande tema refere-se ao possível processo de escolha dos indivíduos no que diz respeito à institucionalização, em que para tal contaram os pontos da tomada de decisão, os fatores que influenciaram essa decisão, e o peso da orientação sexual dos indivíduos.

Por fim, no quinto grande tema, tanto para um caso como para outro, este refere-se à sexualidade, sendo que aqui divergem nos pontos abordados em cada caso. No caso dos indivíduos institucionalizados, foram abordados pontos como a importância da sexualidade, a importância do respeito pela privacidade e intimidade, o papel da instituição, as noções dos comportamentos sexuais de risco, e os tipos de relações experienciadas<sup>15</sup>. No caso dos indivíduos não institucionalizados, foram abordados pontos como a importância da sexualidade, as noções dos comportamentos sexuais de risco, e os tipos de relações experienciadas. Apesar do referido, é também possível consultar os dois tipos de guiões nos anexos, nos anexos, nomeadamente, o anexo II.

A escolha destes temas e deste formato de entrevista (semiestruturada) deve-se à noção que a entrevistadora tem de que cada indivíduo representa um caso diferente e

---

<sup>15</sup> Aqui referimo-nos a tipos de relações no sentido do número de parceiros que estas tinham, nomeadamente, monogamia, bigamia, poliamorosas, etc..

que, como tal, apresentam singularidades que interessam captar. Deste modo, se se recorresse a um guião fechado e se se o aplicasse de forma linear, como se os seniores selecionados fossem todos iguais, estaríamos a homogeneizar todas as situações, deixando de fora essas singularidades que interessam captar. Como tal, um formato semiestruturado permitirá que se possa explorar, de uma forma flexível e aprofundada, os aspetos que se considerem mais relevantes, apesar do guião elaborado pelo entrevistador. A escolha deste tipo de entrevistas é motivada pela razão de que, assim, será possível observar-se os indivíduos e as “(...) *leituras que fazem das próprias experiências, (...) os pontos de vista presentes, (...) [e a] reconstituição de (...) experiências ou de acontecimentos passados*”. (Quivy e Campenhoudt, 2005:96)

Estes métodos permitem, como Godoy (1995:62) demonstra, usufruir do ambiente natural onde os entrevistados residem como uma fonte direta de dados, obter bastante informação devido ao seu carácter descritivo, bem como obter o verdadeiro significado que as pessoas dão às *coisas* e à sua vida, captar essa subjetividade. Esta escolha prende-se também pela noção de que pode “*produzir resultados científicos de acentuado interesse, muitos dos quais com o potencial de acrescentar inovação*”. (Gomes, 2015:91) O objetivo é enfatizar “*os episódios significativos, a sequencialidade dos acontecimentos em contexto, a totalidade do indivíduo*” (Gomes, 2015:92). Por sua vez, tal é possível porque existe um quadro de significações comum que é partilhado entre os indivíduos: “*Entrevistados e entrevistadores exibem determinadas pertenças sociais e posicionam-se em contextos de influência específicos, sendo que estes elementos são fundamentais para a compreensão daquilo que ocorre na relação de entrevista. O resultado da entrevista nasce, pois, desse encontro específico e das interações nele criadas*”. (Gomes, 2015:97)

Através das entrevistas, o discurso ganha poder, no sentido em que apresenta “*sentidos derivados dos propósitos das situações sociais*” (Duarte, 2014:208), os quais partem dos indivíduos. Ou seja, apesar de haver uma visão pessoal e uma significação própria acerca de uma determinada questão, o que interessa é captar as significações dos seniores LGBT entrevistados (e não as nossas significações pessoais), pois estas variam conforme as interpretações e sentidos que as pessoas atribuem ao que os rodeia. Como tal, dado que o discurso “*possibilita, através do estudo da linguagem, os entendimentos que permeiam a vida do idoso em questão – plena de experiências e valores*” (Duarte, 2014:208), esta fornece elementos que permitem o reconhecimento e a observação de

dados muito importantes para se captar o conhecimento da realidade na qual o idoso está inserido. As entrevistas, após a sua transcrição e análise, traduzem-se em perfis captados que permitem observar a sua diversificação e semelhança (algo visível adiante), sendo que interessa que estes casos se apresentem como casos analisadores, como casos significativos que sejam expressivos do peso da orientação sexual no processo de envelhecimento dos indivíduos.

Este método, como Ana Brandão explica, “(...) faz, pois, parte de uma tradição que procura dar conta das influências socioculturais naquilo que o indivíduo é e faz, inserindo-se na linha das metodologias qualitativas de investigação social, sobretudo quando é usada como técnica principal de recolha de dados”. (Brandão, 2007:1) Ao recorrermos a esta técnica, portanto, premiamos a visão do entrevistado face aos acontecimentos que o marcaram mais, as suas perceções, as suas noções sobre o que o rodeia, nomeadamente, o peso da orientação sexual no seu processo de envelhecimento e tudo o que lhe está inerente.

Um aspeto importante para a compreensão da vida das pessoas, neste caso dos seniores LGBT, passa não só por nos focarmos no peso da orientação sexual não-heterossexual, ou pela sua identidade de género, mas também por fazermos um levantamento da sua história. O peso do passado, do que já viveram até ao momento da entrevista, das experiências que os marcaram de algum modo, é a mais-valia que nos servirá para apurarmos esses dados e transformá-los em conhecimento científico. Como Almack sugere, “*An important aspect of understanding the lives of older LGBT people is not just about their differing sexual orientation or gender identity but also their differing history. Their past becomes important when exploring hopes, fears, and concerns around later life and end of life care when they may be in a position of receiving care from people who they fear might not respect or even recognize their differing sexual orientation or gender identity*”. (Almack *et al.*, 2015:3) Torna-se, portanto, em material de primeira mão, que nos permite enriquecer o estudo.

A história de vida narrada durante a entrevista, permite-nos captar as singularidades dos indivíduos e das suas histórias, através da subjetividade que exprimem com o entrevistador. Cada história de vida representa a vida de um indivíduo, a sua singularidade, pelo que cada uma destas adquire um certo valor muito próprio. Como Brandão sublinha “(...) uma história de vida é sempre individual e única – a história de um indivíduo particular contada a partir da sua perspectiva e à luz da sua

*experiência. (...) contar a própria história é uma forma de reviver os eventos que se recorda e é também um re-experimentar os sentimentos e as emoções que lhes estão associados*". (Brandão, 2007:1-2) É precisamente este "re-contar" e este "re-experimentar" que confere o valor pessoal a cada história de vida, que caracteriza cada singularidade apresentada por cada entrevistado. Toda esta subjetividade adquire, assim, importância sociológica na execução de um estudo.

Apesar do referido, qualquer sociólogo tem presente a noção de que a subjetividade tem de ser bem gerida para não passar a barreira do senso comum. Todavia, neste caso, é a subjetividade que confere o valor às singularidades captadas. De facto, como Brandão elucida, *"(...) uma história de vida não constitui – não pode constituir – um relato objectivo e exaustivo dos eventos ocorridos na vida do narrador, nem exterior a eles. (...) é um relato dotado de uma afectividade particular justamente porque é através dele que o actor se reconta e se reafirma como entidade distinta das demais"*. (Brandão, 2007:2) Exigir uma objetividade que nunca será possível obter por parte do entrevistado, traduz-se num desvalorizar do material que obtemos em primeira mão, a subjetividade.

De acordo com Brandão, a subjetividade subjacente ao método da história de vida é visto pelo lado científico como algo que rasa o senso comum e que depende da memória dos entrevistados para traduzir fielmente o que nos é contado no momento da entrevista. Esta memória, se for distorcida, poderia, assim, enviesar os resultados, traduzindo-se como um método menos fiável do que a recorrência aos métodos mais objetivos, como o questionário, que depois se traduz em dados representativos. Todavia, como a autora evidencia, o mesmo pode ocorrer com os métodos mais objetivos: *"(...) ao narrar a sua história, o actor sempre omitirá, voluntária ou involuntariamente, aspectos e eventos que poderiam ser relevantes do ponto de vista sociológico. Porém, não existe razão objectiva para considerar que o mesmo não aconteça quando se recorre, por exemplo, ao questionário. Também aqui se está dependente da memória e da vontade do inquirido, da sua capacidade de compreensão das questões que lhe são colocadas e das suas representações do mundo"*. (Brandão, 2007:4) Neste sentido, deve-se reconhecer o valor científico do senso comum, sem o confundir com a mera explicação comum.

Na verdade, se refletirmos sobre o significado da palavra subjetividade, notamos que esta diz respeito ao indivíduo, àquilo que este pensa, que este percebe, que este

reflete face ao que o rodeia ou ao que experienciou. Uma vez que esta subjetividade remete à individualidade, e à ciência interessa maioritariamente a coletividade e não os casos individuais, para que possam ser traduzidos em representações estatísticas, a subjetividade (encontrada em métodos como a história de vida, entrevistas, etc.) é remetida à categoria de método menos fiel e menos rigoroso. *“Em geral, as acusações dirigidas ao estudo de casos articulam-se em torno de argumentos que remetem para questões de (ausência de) representatividade, fiabilidade e rigor. Estas acusações partem da fé num modelo de ciência positivo e dedutivo, no seio do qual a singularidade adquire um estatuto problemático. (...) Tácita ou explicitamente, assume-se que o conhecimento científico procede por dedução e o actor é encarado como peão mais ou menos ignorante das determinantes da sua conduta”*. (Brandão, 2007:3)

Uma vez mais, se refletirmos no papel da subjetividade, facilmente percebemos que esta, ainda que remeta à individualidade e à singularidade dos indivíduos, é igualmente espelho da existência e influência da sociedade no indivíduo: *“(...) a experiência subjectiva nunca é exclusivamente individual: ela traduz também uma experiência comum (...). Se devemos acreditar que até no nosso acto mais individual e solitário a nossa sociedade está presente (...), é ainda através da nossa consciência e da nossa experiência individuais que ela se manifesta. Através do individual é possível chegar à compreensão do modo como o universal se manifesta na singularidade, pois, (...) estudar o social individualizado é estudar a realidade social na sua forma incorporada, interiorizada, permitindo compreender como é que a realidade “exterior”, através da experiência socializadora, se faz corpo.”* (Brandão, 2007:5) Portanto, o papel da subjetividade adquire mais valor, traduzindo maior rigor e fidelidade, uma vez que não remete somente ao indivíduo, mas sim à sua existência também espelhada coletivamente.

Portanto, até aqui, é possível extrair que a subjetividade também é representativa, não estatisticamente, mas dos diversos mundos existentes, traduzidos pelas entrevistas e pelas histórias de vida a que recorremos enquanto metodologia eleita para o presente estudo. *“A representatividade dos casos analisados – e, portanto, o valor sociológico dos dados recolhidos – não assenta, nem pode ser avaliada em termos meramente estatísticos, procedimento característico das metodologias quantitativas. São as suas qualidades teóricas e metodológicas – em particular, a sua*

*ligação à natureza do fenómeno investigado – que determinam o seu valor em termos de representatividade – no caso, sociológica –, não a sua relação quantitativa com um universo que, aliás, não é, muitas vezes, passível de ser determinado”.* (Brandão, 2007:5) Apesar da falta de representação estatística, que também não se prendia com o foco do estudo, estas metodologias permitem a tradução (valorizada) das singularidades dos indivíduos que, no presente caso, interessavam captar.

As singularidades de cada indivíduo, como tal, uma vez que traduzem a presença do coletivo, permitem o alcance de generalização de teorias, de reflexões, e de elucidação sobre certos fenómenos e/ou problemas sociais: *“Cada caso pode, assim, ser visto como uma espécie de protótipo, caracterizando se a singularidade pela concentração do global no local e sendo entendido como um facto, uma espécie, ou uma coisa caracterizadora e não como um traço particular de um facto, de uma espécie, ou de uma coisa. (...) A generalização, nos estudos de casos, refere-se, então, não à extrapolação das conclusões para um universo, sob a forma de enumeração de frequências de resultados, mas mais propriamente à expansão e generalização de teorias.”* (Brandão, 2007:6) Neste sentido, a subjetividade obtida através da metodologia escolhida mantém um papel primordial no que diz respeito ao presente estudo.

O poder das histórias de vida está presente na forma como os diferentes indivíduos contam as suas histórias, na forma como se aproximam e distanciam de tantos outros sujeitos que, sem saberem, partilham momentos chave no decorrer das suas vidas, experiências e histórias com que se identificam, mesmo que se tratem de desconhecidos. Segundo Pais, *“As potencialidades do método biográfico radicam, sobretudo, num valor de subjectividade que permite que a história de vida exista e circule: a via de subjectividade (...) é a que possibilita reconstruir o alcance objectivo de uma consciência individual, de grupos ou de época.”* (Pais, 2001:107) Através destas, bem como da partilha de experiências e de momentos marcantes, pode-se, assim, permitir evidenciar pormenores, problemas, noções de uma realidade, fenómenos que, de outra forma, poderiam passar despercebidos: *“(...) em jogo está também a possibilidade de tornar visível o que (...) nem sempre é empiricamente detectável.”* (Pais, 2001:107) Estas ferramentas traduzem-se, então, numa fonte rica de dados que se revelam bastante importantes para o estudo.

## 2.3 Obstáculos

Durante o período de realização das entrevistas, fomos enfrentando alguns obstáculos, com os quais tentámos lidar da melhor forma possível. Desde logo, deparamo-nos com a questão do *tabu*. Sempre existiram certos temas considerados tabu e, ainda que a sua dimensão varie ao longo do tempo e sejam atenuados, de alguma forma nunca desaparecem por completo. O mesmo se sucedeu com o presente tema. Falar-se de sexualidade / intimidade só por si não é uma tarefa simples, seja ela LGBT ou não, e junto de pessoas mais velhas, sente-se ainda mais algum fechamento. Tal sucede por este se apresentar como um tema que exige um certo nível de exposição pessoal, da intimidade da pessoa em questão, o que se pode traduzir num sentimento de vulnerabilidade e desconforto, que leva, por sua vez, à evasão de se dialogar sobre o assunto.

Como tal, e para o efeito, tivemos sempre presente a noção de que falar de sexualidade e de orientação sexual com pessoas seniores, especialmente ao fazer-se perguntas que são tidas como do foro íntimo, poderia criar algum tipo de constrangimento, o que poderia tornar-se num obstáculo, ainda que diversos seniores tenham aceitado disponibilizar-se para o efeito. Para contornarmos este possível obstáculo, tentámos sempre fazê-lo com naturalidade, demonstrando que esta é uma componente natural do ser humano e foi com informalidade, compreensão e delicadeza que foi abordado, evitando criar-se qualquer tipo de constrangimento nos indivíduos.

Este receio de exposição deve-se, frequentemente, ao medo das repercussões que daí possam advir. Apesar de ter havido um avanço na desmistificação do tabu da sexualidade entre gerações, ainda existe um certo nível de preconceito para com as pessoas no momento de se assumirem como LGBT, principalmente quando se é sénior. Como exemplos destas repercussões negativas temos a discriminação no trabalho, a desaprovação familiar, intervenções psiquiátricas, criminalização, entre outras formas de preconceito ou intolerância possíveis, como Almack et al. explicam, “(...) *coming out could result in serious negative repercussion including job discrimination, family disapproval, psychiatric interventions, criminalisation, and various other forms of prejudice or intolerance.*” (Almack et al., 2015:3).

Na realização das entrevistas, aquilo com que nos deparámos foi que este desconforto e temor daí emergido influencia as pessoas no momento da abordagem para a solicitação da entrevista. Para além das pessoas que rejeitaram desde logo a



possibilidade de entrevista, não demonstrando qualquer abertura para o efeito (justificado desde o medo das repercussões à vergonha de se assumir perante outros, mesmo que anonimamente, algo que têm como privado e secreto), lidámos também com outros “dois tipos de pessoas”: 1) as que confirmaram as entrevistas e as quais se concretizaram; e 2) as que confirmaram as entrevistas, mas que adiaram *eternamente* a data de entrevista, até deixarem finalmente de responder às tentativas de contacto por parte da investigadora.

Nos casos em que esta última situação se verificou tentámos sempre respeitar o espaço do possível entrevistado, insistindo somente no sentido de se demonstrar a importância do seu contributo para o estudo, sem querer provocar qualquer desconforto, constrangimento ou insistência abusiva. Pelo mesmo motivo, quando estes adiavam a data mais de três a cinco vezes, e manifestavam desconforto com o contacto e renitência em remarcar nova data, concluíamos o contacto com a pessoa. Tal sucedeu-se quatro vezes. Passámo-nos então a focar nos casos de resposta afirmativa e voluntária, explicando-lhes qual o objetivo do estudo, a importância da sua colaboração, apresentar-lhes o formulário de consentimento e proteção de dados, e providenciar uma ideia daquilo que poderiam esperar face aos temas que seriam abordados, a fim de se evitar qualquer futuro constrangimento e possível desistência. Daqui resultaram nove entrevistados.

Nestes casos, apesar da resposta afirmativa e manifestação de vontade para contribuírem para o estudo, também lidámos com pormenores que, se não fossem desconstruídos e trabalhados, poderiam dificultar ainda mais a tarefa de se entrevistar. Exemplificando, a posição corporal que os entrevistados apresentavam no início da entrevista – inicialmente, tanto os entrevistados que residiam no seu domicílio como os entrevistados que residiam numa instituição de velhice, apresentavam uma posição corporal mais fechada, como se adotassem uma postura de defesa, de preservação da sua intimidade, com pouca abertura inicial no que dizia respeito à fala, com respostas mais curtas e um pouco mais vagas. Inicialmente, tudo apontava para um sinal de constrangimento, de relutância em expor a sua intimidade, a sua vulnerabilidade, a sua história, mesmo com noção de que estavam protegidos pelo anonimato. Portanto, nesta fase de partida, e a juntar às posturas demonstradas, também as expressões faciais se carregavam de seriedade e de concentração.

À medida que se ia avançando nas entrevistas e se ia puxando mais pelos entrevistados, esta posição de fechamento ia-se tornando num “descontrair dos

membros” e passavam a adotar uma postura de maior abertura. Passavam a estar mais “leves e soltos”, posicionados já não de lado e sim de frente para a entrevistadora, e as respostas passavam a ser mais elaboradas, longas e cheias de pormenores. Mais ou menos a meio das entrevistas, os entrevistados apresentavam já uma posição de total descontração, envolvimento no tema e descrição pormenorizada dos momentos que consideravam ser mais marcantes e importantes para responderem ao que lhes havia sido questionado. A conversa era fluída, por vezes animada, por vezes mais intensa e pesada, mas o envolvimento dos entrevistados passava a ser notório.

Aqui a dificuldade passava então a ser outra: não tanto de tentar adentrar na intimidade dos entrevistados, naquela espécie de barreira erguida inicialmente, mas sim o controlo da direção da entrevista. Aqui interessava conseguirmos manter o foco no assunto / temas da entrevista, evitando o desvio do tema, a dispersão. Nestes momentos, o papel do guião da entrevista semiestruturada foi fundamental, pois através dos temas apresentados no mesmo era possível balizar os objetivos que deveriam ser falados, os temas que deveriam ser tocados e desenvolvidos.

Outro pormenor a ter-se em atenção para se evitar o enviesamento das entrevistas consistiu na atenção dos laços criados com os entrevistados, no decorrer das mesmas. Durante o tempo que passamos com os entrevistados, pode haver alguma tendência a criar-se empatia com quem entrevistamos e observamos, algo que tem de ser bastante medido, pois quando a relação se torna pessoal, podemos deixar de focar os objetivos principais do estudo, o que acarretaria consigo um risco de enviesamento face à informação que recolhemos. Como tal, adotou-se mecanismos de defesa e de distanciamento necessários para evitarmos a influência e o enviesamentos dos mesmos, tais como evitar guiar o entrevistado por respostas de acordo com a nossa opinião, ou ajudar o entrevistado a retornar ao tema que interessa aprofundar, evitando que se dispersem.

Durante a execução do estudo, também lutámos contra a possibilidade deste apresentar limitações desnecessárias. Um dos fatores que se tornou evidente na exequibilidade deste projeto consistiu, justamente, em se conseguir captar a existência de diferentes perceções dos indivíduos sobre um mesmo fenómeno (nomeadamente, o processo envelhecimento de um indivíduo LGBT), com as histórias de vida obtidas. Dado que cada indivíduo tem uma perceção pessoal sobre a realidade que vive, esta pode divergir bastante para o outro indivíduo, principalmente porque cada história de vida partilhada, por mais semelhanças que possa contrair com outras, é única. Tal pode

traduzir-se, assim, nalguma dificuldade na obtenção de um rigor conceptual e operacional. Todavia, é justamente essa riqueza da variação de percepções que interessa captar e analisar, que se traduzirá na variedade de singularidades pretendidas.

Outra dificuldade que pudemos sentir durante a obtenção das histórias de vida foi a necessidade de se conseguir chegar ao indivíduo, até ao fundo da questão durante as entrevistas. No momento em que os entrevistados partilhavam as suas histórias, tivemos sempre a necessidade de tentar explorar um pouco mais esse assunto, para tentarmos chegar ao fundo da questão, para aprofundarmos essa partilha íntima, evitando que algo importante pudesse ficar de fora do relato. Esta tarefa nem sempre se revela fácil, pois uma partilha íntima implica um certo nível de exposição, de vulnerabilidade perante o outro, o que pode causar constrangimento no indivíduo e dificultar a narração dos acontecimentos. Neste caso, dado que a temática girou em torno do envelhecimento LGBT e do peso da orientação sexual neste processo, tal verificou-se em diversos momentos dos relatos partilhados. A solução foi contornar esse constrangimento com compreensão e naturalidade face ao relatado, criando um ambiente de descontração, a fim de que o entrevistado não se sentisse julgado pelo descrito. Através desta solução, chegámos à obtenção de nove histórias de vida.

Não obstante o referido, outro obstáculo que sentimos foi ao nível do contacto com as Associações LGBT. Uma vez que o tema aborda o envelhecimento LGBT, decidimos recorrer às Associações LGBT para que estas servissem de ponte para chegarmos mais facilmente aos entrevistados com as características necessárias. Através destas, poderíamos comunicar com muito mais pessoas e chegar a mais histórias e a uma variedade de perfis. Como tal, contactámos sete associações, nomeadamente: ILGA-Portugal, Ex aequo, Opus Gay, Panteras Rosa, Clube Safo, Associação Janela Indiscreta e Não Te Prives. Contactamos também outras duas entidades não associativas. Todavia, de todos estes contactos, apenas dois nos responderam, neste caso, a ILGA-Portugal e a Ex aequo. Dos diversos contactos realizados e dos diferentes formatos e tentativas (e-mails, contactos telefónicos e presencial), aquilo que se sentiu mais foi a não resposta.

As duas Associações LGBT que nos responderam, apesar do feito, em termos de colaboração, revelaram-se nulas. Em resposta, tanto uma como a outra justificavam a impossibilidade de apoio prestado ao estudo pelo motivo de que não lidavam com seniores LGBT, apenas auxiliavam pessoas entre os dezasseis e os trinta anos de idade, o que deixa todo um outro grande segmento etário excluído. Juntando este fator à

grande não resposta que obtivemos das restantes Associações e entidades, para além de termos tido mais dificuldade de chegar aos entrevistados selecionados (primazia do método bola-de-neve), pudemos retirar uma breve conclusão – os seniores LGBT têm falta de apoio ao nível de associações LGBT, uma vez que estas estão focadas no segmento jovem da população.

A única Associação que trabalha com o envelhecimento LGBT é a Associação Opus Gay, que tem um projeto denominado “*Envelhecer Fora do Armário*”<sup>16</sup>, com o apoio da Câmara Municipal de Lisboa, o qual pretende impedir o “retorno ao armário” (motivado pelo medo, pela ida para uma instituição, pela coerção familiar, etc.) no processo de envelhecimento do indivíduo. De acordo com estes, “*Esta causa visa combater o chamado “regresso ao armário” de indivíduos que vivem remetidos à vergonha e ao isolamento e que merecem viver a sua velhice de uma forma plena, sem medos nem receios. Acredita-se ainda que a população sénior LGBT poderá constituir uma fonte de determinação para os mais jovens que convivem diariamente com situações de homofobia e discriminação social, resultante da sua orientação sexual*”<sup>17</sup>.

Esta associação tem também como proposta um lar LGBT (o primeiro em Portugal), mas o projeto ainda não está apurado. Até lá, os seniores LGBT do nosso tempo enfrentam certas dificuldades (como a decisão de residência, a decisão familiar, a decisão de ocultação / renúncia à sexualidade ou a sua divulgação, etc.) que poderiam ser auxiliadas por várias associações LGBT e/ou diferentes lares de velhice configurados para a velhice LGBT. A criação deste apoio especializado na velhice LGBT adquire agora maior importância do que nunca, pois Portugal, uma vez que está cada vez mais envelhecido, e uma vez que há cada vez mais jovens assumidos e auxiliados pelas associações LGBT, vão precisar de maior apoio, focalizado no envelhecimento LGBT, no futuro. Estes jovens também vão envelhecer e precisarão de apoios específicos e precisos no envelhecimento LGBT. Se estes não tiverem sido desenvolvidos, continuar-se-á o perpetuar de um envelhecimento de retorno ao armário, por sentirem que essa é a única solução possível para um envelhecimento pacífico.

Mesmo ao nível da temática da sexualidade, também se evidencia uma preocupação com apoios neste âmbito. Uma vez que os seniores LGBT ainda mantêm relações sexuais, a falta de noção deste fator e o tabu que existe em torno desta questão

---

<sup>16</sup> Projeto que chama a atenção para a problemática sentida pelos seniores, em especial dos LGBT, com o apoio da Câmara Municipal de Lisboa. Link do Projeto: <https://envelhecerforaarmario.wordpress.com/>.

<sup>17</sup> Comunicado de divulgação de um evento da Opus Gay a favor do Projeto Envelhecer Fora do Armário.

(mito da velhice assexuada) levam a que não existam tantos apoios ao nível da sexualidade, leia-se, de esclarecimento de certas questões, de auxílio médico, de prevenção nos comportamentos sexuais, entre outros: *“Outro aspeto relevante que afeta os idosos é a dificuldade no reconhecimento da existência de práticas sexuais na terceira idade e, como consequência, a quase inexistência de campanhas de prevenção de doenças sexualmente transmissíveis que promovam a formação e informação da população idosa relativamente a estes perigos”*<sup>18</sup>. (Opus Gay, 2015) Seria, assim, necessário criar-se apoios a este nível, que os indivíduos pudessem recorrer e evitar comportamentos sexuais de risco, evitar exposição desnecessária, ou apenas terem onde dirigir-se quando necessário.

Em jeito de reflexão, aquilo que consideramos é que se torna, pois, imprescindível que ocorra uma transformação ao nível da configuração das instituições atuais e do papel das associações existentes para que o futuro seja mais adaptado à colmatação das necessidades e às realidades destes indivíduos, no qual o papel das políticas públicas será fundamental para fazer a diferença. É fundamental que ocorra uma modificação das estruturas atuais, a fim de aperfeiçoá-las e moldá-las às realidades vigentes, para que no futuro os indivíduos se sintam protegidos e satisfeitos com o que os rodeia, sem terem de considerar como opção o “retorno ao armário”.

## **VI - PERFIS DOS ENTREVISTADOS**

### **1. Características sociodemográficas**

Após a análise dos dados obtidos, chegámos a nove histórias de vida / perfis de entrevistados, com base em orientações sexuais diferentes. No que diz respeito às características sociodemográficas, atentando na questão da idade, podemos notar que as idades dos nossos entrevistados se encontram relativamente próximas umas das outras, variando entre os 60 anos e os 82 anos. Daqui podemos retirar uma média de idades de 70,4 anos. Do mesmo modo, no que diz respeito às habilitações literárias, nota-se uma divisão em dois segmentos: quatro entrevistados (Francisco, Ana, Paula e Joaquim)

---

<sup>18</sup> Notícia acerca do papel da Opus Gay relativamente ao Projeto Envelhecer Fora do Armário e ao papel da sexualidade no envelhecimento LGBT: <https://www.jn.pt/nacional/interior/opus-gay-preocupada-com-idosos-homossexuais-4607105.html?id=4607105>.

apresentam estudos de Ensino Superior, e os restantes cinco entrevistados (Manuel, Maria, Mário, Isabel e António) situam-se no Ensino Secundário e de Ensino Básico.

No que diz respeito ao estado civil, temos sete entrevistados que, em termos legais, são solteiros (ainda que alguns tenham namorados), um é casado e outro está em união de facto. No que concerne ao local de residência, temos três entrevistados a residir em instituições de velhice, e seis entrevistados a residir em domicílios (uns sozinhos, outros com familiares). Se atentarmos ao nível da orientação sexual, temos um entrevistado bissexual, duas entrevistadas lésbicas, duas entrevistadas transsexuais, e quatro entrevistados homossexuais. Portanto, em primeira instância, as diferenças e aproximações começam-se a revelar aqui. Daqui, criámos a seguinte tabela e extraímos os dados sociodemográficos, bem como as respetivas notas biográficas.

**Tabela II - Perfis dos Entrevistados**

Entrevistados	Nº1 <i>Francisco</i>	Nº2 <i>Ana</i>	Nº3 <i>Paula</i>	Nº4 <i>Manuel</i>	Nº5 <i>Maria</i>	Nº6 <i>Joaquim</i>	Nº7 <i>Mário</i>	Nº8 <i>Isabel</i>	Nº9 <i>António</i>
<b>Idade</b>	76	82	73	66	62	75	71	69	60
<b>Género</b>	Masc.	Fem.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Masc.	Fem.	Masc.
<b>Orientação Sexual</b>	Bi.	Lésb.	Trans. <sup>1)</sup>	Gay	Trans. <sup>2)</sup>	Gay	Gay	Lésb.	Gay
<b>Habilitações Académicas</b>	Lic.	Lic.	Pós-Grad.	9º ano	9º ano	Lic.	1º Ciclo	12º ano	12º ano
<b>Estado Civil</b>	Solt.	Solt.	Cas.	Solt.	Solt.	Solt.	Solt.	U. F.	Solt.
<b>Local de Residência</b>	Inst.	Dom.	Inst.	Inst.	Inst.	Dom.	Dom.	Dom.	Dom.
<b>Legendas</b>	<b>Género:</b> Masc. = Masculino ; Fem., = Feminino <b>Orientação Sexual:</b> Lésb. = Lésbica ; Bi. = Bissexual ; Trans. = Transsexual <b>Habilitações Académicas:</b> Lic. = Licenciatura ; Pós-Grad. = Pós-Graduação <b>Estado Civil:</b> Solt. = Solteiro/a ; Cas. = Casado/a ; U. F. = União de Facto <b>Local de Residência:</b> Inst. = Instituição ; Dom. = Domicílio								
<b>Notas</b>	1) Nasceu com sexo masculino, mudou para o sexo feminino, e vê-se como mulher. 2) Nasceu com sexo masculino, não mudou de sexo, mas vê-se como mulher.								

Assim, o nosso primeiro entrevistado, de seu nome **Francisco**<sup>19</sup>, é do sexo masculino, tem 76 anos e assume-se como bissexual. Actualmente é divorciado, mas já foi casado com uma mulher durante quinze anos, relação da qual surgiu um filho. Enveredou pela área de Enfermagem, onde tirou a sua licenciatura e exerceu sempre até à sua reforma. Foi num dos locais onde trabalhou como enfermeiro que teve a certeza de que se sentia atraído por homens, nomeadamente, por um colega de turno. Aí conheceu o companheiro com quem esteve durante quase dez anos e pelo qual deixou a mulher e o filho, este com sete anos na altura, os quais não compreenderam, nem aceitaram a situação. Actualmente, a relação que tem com ambos é parca. Posteriormente, a sua relação com este companheiro também terminou, tendo sido trocado por outro quando foram viver juntos. Desde aí, envolveu-se com outros companheiros e companheiras, ainda que por períodos de tempo mais curtos. Afirmando-se cansado dessa vida de desilusões e desamores, decidiu que queria ir para um lar em que pudesse ter uma boa vida, em que pudesse ser ele próprio, que pudesse conhecer outras pessoas e em que pudesse ser assumido. Para tal, socorreu-se da sua reforma, a qual diz ser suficiente para investir nesta instituição privada mensalmente e ter tudo aquilo que pretendia. Aqui, voltou a encontrar um companheiro, ainda que este não seja assumido publicamente, decisão que respeita. Apesar disso, conseguem estar juntos intimamente no seu quarto privado, através de estratégias para ninguém desconfiar que estão juntos, em respeito ao seu companheiro. Actualmente, sente-se feliz com a forma como lhe corre a vida e com as decisões que tomou.

A nossa segunda entrevistada, **Ana** tem 82 anos, assume-se como mulher e é lésbica. É solteira e, embora se tivesse juntado por diversas vezes, nunca casou, tendo “aperfilhado” apenas os filhos das companheiras. Tem um curso de enfermagem e foi a única profissão que exerceu toda a vida, na qual teve de se reformar mais cedo, depois de se deparar com duas lutas contra o cancro. Com isto, sofreu algumas penalizações ao nível da reforma. Desde nova que percebeu que gostava de mulheres e, apesar desse tema ser um tabu na altura da sua adolescência, decidiu assumir-se. Com uma família conservadora que não compreendeu, nem aceitou, depressa se encontrou sozinha. Também os seus amigos se afastaram e passara a ser falada e perseguida, o que a motivou a sair daquele local. Mais tarde, juntou-se com uma parceira que conheceu no

---

<sup>19</sup> Todos os nomes presentes nas notas biográficas e que digam respeito aos entrevistados representam nomes fictícios.

seu local de trabalho, tendo vendido tudo o que tinha e partido com ela para a Suíça, onde sofreu de violência doméstica e foi roubada. Posteriormente, noutra relação, voltou a sofrer de violência doméstica, tendo voltado a perder os seus pertences e a sua casa, a qual foi vendida pela sua companheira para ajudar o filho a sair da droga. Após ficar sem nada pela segunda vez, foi abandonada pela companheira e pelo filho desta. Actualmente, vive solteira num local com poucas condições, mas recusa-se a ir para um lar, pois afirma saber como estes funcionam (de quando exercia a sua profissão) e não querer voltar a ser maltratada por ter uma orientação sexual diferente.

A nossa terceira entrevistada, **Paula** tem 73 anos, é transsexual e é casada com o seu companheiro de longa data. Não tem filhos, mas tem uma sobrinha por parte do seu marido, a qual trata como se fosse filha. Paula nasceu com sexo masculino, mas nunca se sentiu no corpo certo. Desde cedo que se sentia diferente, sentia uma discrepância entre aquilo que sentia no seu interior e aquilo que via ao espelho. Gostava de brincadeiras tipicamente femininas, de vestir a roupa da mãe às escondidas, calçar os seus saltos, usar as suas joias, pintar-se com a sua maquilhagem. Enquanto era pequena, contou com a ajuda da mãe para se esconder do seu pai, austero e conservador, que nunca compreendeu nem apoiou, e só em fim de vida aceitou retomar a ligação com Paula. Mais tarde enveredou pela Engenharia de Arquitetura, pois sempre sentiu prazer em “dar forma às coisas e em transformar aquilo que não se enquadrava em lado nenhum”, mantendo-se sempre nessa área até à sua reforma, indo ainda acompanhando alguns projetos quando lhe é requisitada essa atenção. Fez a transformação do corpo integral perto dos seus quarenta anos, tendo na altura sofrido um pouco com os seus projetos de trabalho. Foi também nessa altura, ainda antes da transformação, que conheceu o seu marido, tendo-se casado com este em 2010. Actualmente, reside numa instituição privada com o companheiro, a qual refere ter sido escolhida a dedo por ambos, pois agradava-lhes a ideia de estarem “rodeados de luxo, sem terem de se preocupar com nada, pois até têm empregados para tudo e, acima de tudo, respeito e liberdade” para serem eles próprios, o que contribui muito para a sua intimidades e vida sexual, coisa que ambos prezam.

O nosso quarto entrevistado, **Manuel** tem 66 anos, é homossexual, identifica-se como homem e é solteiro. Nunca teve filhos, mas tem uma sobrinha por parte da sua única irmã, a qual ajudou a criar por ser mãe solteira, e tratou sempre como se fosse a sua própria filha. Durante a sua juventude, Manuel sentia que era diferente, apenas não



sabia identificar como ou no quê. Ensinado pelos que o rodeavam que gostar de raparigas era a coisa certa, as suas relações tiveram sempre uma curta duração, tendo inclusivamente tentado ter relações sexuais com uma companheira aos seus 17 anos. Sem saber que na verdade gostava de rapazes, descobriu-o pouco mais tarde no seio do seu grupo de amigos durante uma ida ao cinema ao ar livre. Entre amores e curtas relações, nunca casou ou se juntou com alguém, pois teve permanentemente a intromissão da família nesse assunto, com quem sempre viveu por dificuldades financeiras. A sua família, composta pela mãe viúva, pela irmã que viria a ser mãe solteira, e pela futura sobrinha que viria a nascer, revelou-se contra desde que o descobriram, ainda que mantivessem uma relação, embora atribulada, por viverem juntos. Manuel deixou a escola cedo, com quase 15 anos, altura em que o pai morreu, para assumir a sua profissão, de talhante, a qual viria a exercer até à sua reforma. Há cerca de dois anos faleceu a mãe. Actualmente, depois de um acidente de viação, ficou com graves problemas no andar e a família (irmã e a sobrinha) optou por pô-lo no lar, ainda que contra a sua vontade. Não obstante, encontrou um companheiro e, apesar de a família o visitar poucas vezes, são contra essa relação, tentando-os impedir de estar juntos. Aqui, contam com o papel da instituição, que é quem os protege das suas famílias, permitindo que estes estejam juntos e felizes.

A nossa quinta entrevistada, **Maria** tem 62 anos, é transsexual, nasceu com o sexo masculino, o qual mantém por nunca ter tido dinheiro para avançar para a cirurgia, e identifica-se como mulher. É solteira e nunca teve filhos. Abandonada pelos pais ainda em pequena, viveu com uma tia e com os seus sete filhos, sentindo que cresceu sempre sozinha. Em termos de escolaridade, fez “apenas” até ao 9º ano porque não gostava da escola e saiu assim que pôde. Teve vários trabalhos, mas aquele que teve durante o maior período de tempo foi o de barman/barmaid num bar noturno associado ao movimento LGBT (dependia da forma que se apresentava no seu trabalho). Tem uma reforma de pouco mais de 300€, dado o tempo que trabalhou quando jovem, sendo que, posteriormente, passou a maior parte da sua vida na rua, entre a droga e a prostituição. Sem casa e sem família, aos 42 anos perde também o seu trabalho e passa viver na rua, situação que durou 13 anos, sobrevivendo com a esmola, a prostituição e com negócios de droga. Acabou presa durante uma rusga policial e ficou condenada a 5 anos. Dado o seu sexo ser masculino, ainda que se identificasse como mulher, cumpriu a prisão num estabelecimento prisional para homens, acabando por ser violada e humilhada diversas

vezes por outros reclusos. Esta situação foi algo que a “marcou profundamente” e a fez pensar em tudo o que tinha feito até ali. Sem saber exatamente quando, descobriu que tinha contraído HIV. Quando saiu, tinha 60 anos, decidiu que queria mudar de vida e procurou sair da rua. Encontrou um lar que a acolheu após o conhecimento da sua situação, tendo de pagar apenas uma pequena verba, onde reside atualmente e onde diz sentir-se “feliz pela primeira vez na vida”.

O nosso sexto entrevistado, **Joaquim** tem 75 anos, é homossexual e identifica-se como homem, mas reconhece que a sua orientação sexual é complicada, porque vai para além disso. Actualmente é solteiro, mas em tempos esteve casado com uma mulher, com a qual teve uma filha, vivendo nessa altura numa relação poliamorosa. Mais tarde, essa relação acabou de forma inesperada e atualmente vive apenas com o companheiro que fazia também parte dessa relação poliamorosa. Em termos de escolaridade, sempre gostou da área das ciências e da natureza, pelo que enveredou pelo curso de Biologia, concretizando a sua licenciatura nesse campo. Ainda frequentou um mestrado na mesma área, mas devido a uma oportunidade de trabalho que surgiu, acabou por não concluir o mestrado e desistiu do mesmo. Trabalhou sempre nessa área até à sua reforma, excetuando um ou outro ano em que esteve desempregado ou a trabalhar fora do país. Actualmente encontra-se já reformado, com uma reforma que ronda os 1.300€, reforma essa que lhe permite manter a vida que quer manter nesta fase da sua vida. Vive na sua casa com o seu companheiro e não pondera a ideia de ir para um lar, excetuando uma situação inevitável em que passe a depender de cuidados de terceiros e não tenha mais ninguém com quem possa contar. Nesta fase da sua vida, diz-se feliz e a aproveitar para “namorar muito” e “viver ao máximo” até ao dia em que morrer.

O nosso sétimo entrevistado, **Mário** tem 71 anos, é homossexual e identifica-se como homem. Actualmente é solteiro, mas já esteve casado com uma mulher, com a qual teve dois filhos. Em termos de escolaridade, saiu cedo da escola, tendo completado até ao quarto ano, saindo de seguida para ajudar o pai e o avô no mar. Estes eram pescadores desde sempre, uma tradição de família que se passava entre gerações, e ele não foi exceção. Todavia, nunca obrigou os seus filhos a seguir a mesma tradição, os quais escolheram enveredar por outras áreas. Trabalhou desde esta altura na mesma área, até ao fim dos seus dias de trabalho. Actualmente encontra-se já reformado, com uma reforma que ronda os 300€, reforma essa que o faz depender da ajuda económica de um dos filhos para sobreviver, com quem vive na mesma casa. Teve sempre uma boa

relação com os seus filhos, até se assumir como homossexual depois de ser apanhado com outro homem, algo que mudou drasticamente. Um dos filhos cortou a relação com ele, e o outro, com quem vive, apoiou-o tanto quanto possível. Após ter assumido esse companheiro, relação que acabou mal e onde passou por um desgosto, não teve mais companheiros. Actualmente, não perspectiva arranjar mais ninguém, até porque teme a reação dos filhos. Para Mário, a ideia de ir para um lar, se deixar de poder contar com a ajuda do filho, aterroriza-o profundamente, mas reconhece que se não tiver outra alternativa pretende pelo menos escolher um que o aceite como ele é. Até lá, diz querer aproveitar para viver bem e criar memórias bonitas com o filho, e tentar reconciliar-se com o outro filho antes de morrer.

A nossa oitava entrevistada, **Isabel** tem 69 anos, é lésbica e identifica-se como mulher. Actualmente vive com a sua companheira em união de facto, sendo que nenhuma das duas tem filhos. Embora tenham tentado engravidar, através da ajuda de um amigo de ambas, a gravidez acabou por não dar certo e passaram por uma situação de aborto por parte da sua companheira. Após a situação do aborto, desistiram da ideia de continuar a tentar engravidar, pensando que era um sinal para não terem filhos. Em termos de escolaridade, frequentou a escola até ao sétimo ano do antigo liceu, correspondente ao décimo segundo ano atual, pois para ela era suficiente, dado que queria começar a trabalhar e começar a ganhar a sua independência e deixar de depender dos pais. Quando se assumiu, pôde contar com o apoio dos pais, que fizeram questão de a proteger e de conhecer as suas companheiras ao longo da sua vida. Trabalhou como funcionária pública num centro de emprego, como técnica de emprego, em dois países, Angola e Portugal, nomeadamente. Actualmente encontra-se já reformada, com uma reforma que ronda os 900€. Juntamente com a companheira, afirma viverem bem sem precisar de grandes luxos nem grandes gastos, tendo o suficiente para serem felizes e viverem o seu dia-a-dia. Para Isabel, ponderar a ideia de ir viver para um lar assusta-a, mas reconhece que os lares não são todos iguais e que pode até ser feliz, desde que fique com a sua companheira.

Por fim, o nosso nono entrevistado, **António** tem 60 anos, é homossexual e identifica-se como homem. Actualmente é solteiro e vive sozinho, mas já foi casado com uma mulher, relação da qual nasceram três filhos. Obrigado a esconder a sua sexualidade e com medo do que lhe pudesse acontecer, optou por aceitar casar com uma mulher, fazendo vida com a mesma, acabando mais tarde por arranjar um amante

masculino. O que não contava é que esse mesmo amante fosse, na verdade, também amante da mulher dele nas suas costas, sendo ele o único que não estava a par dos acontecimentos. Mais tarde, ambos ficaram juntos e António acabou por sair de casa e refazer a sua vida, deixando os filhos com a mulher. Em termos de escolaridade, frequentou a escola até ao décimo segundo ano, ingressando posteriormente na Polícia, do qual fez vida até à atualidade e na qual pretende permanecer até à sua reforma. Após a situação do amante e do divórcio da sua mulher, decidiu assumir-se, já com quase quarenta anos de idade, sendo que esta decisão o afetou a vários níveis, passando por situações delicadas principalmente ao nível do trabalho. António voltou a ter novos companheiros mas nenhum durou o suficiente para assentar numa relação séria e estabilizada. Para este, pensar em abandonar o seu apartamento alugado para ir para um lar é um pensamento que já lhe passou pela cabeça diversas vezes, não por o desejar, mas sim por o temer, uma vez que não quer voltar a viver a sua sexualidade em segredo.

## **2. Momento da descoberta**

Se observarmos os dados recolhidos, podemos observar que o peso da orientação sexual na vida destes indivíduos manifesta-se não só no momento da sua velhice, mas desde o momento em que estes tomaram consciência da sua orientação. Nesta perceção da “*diferença*”, começam a surgir sentimentos de receio pela decisão de exposição, medo pelas consequências que daí possam advir, temor pelo julgamento, pela discriminação, pelas reações do outro (família, amigos, colegas de trabalho,...), pelos possíveis atos intimidatórios. Muito deste zelo deve-se ao conhecimento que os indivíduos em causa detinham de outros casos de exposição, de histórias alheias, do medo da família, ou pelo peso religioso. Atente-se nos testemunhos dos entrevistados:

(...) andei um bom tempo perdido e confuso, porque nesse tempo não se falava dessas coisas, percebe? Era tudo um tabu e não se podia ser diferente que se era logo vítima de discriminação, de maus tratos, e ham... e as pessoas punham-nos rótulos de... pronto, de paneleiros, de maricas, de doente, de tudo o que tivesse uma conotação mais pejorativa... Nem havia cá isto de se ser *bi*. Ou se era normal, ou se era gay, e já esses eram muito mal vistos e mal tratados, como disse, mas não havia cá disso de se gostar das duas coisas. Por norma se se soubesse era-se logo posto num hospital psiquiátrico porque estávamos doentes mentalmente, porque era uma coisa das nossas cabeças era um defeito. Percebe? Um defeito que tinha de ser corrigido para sermos hétero, porque só assim éramos normais. Não, passava-se um mau bocado. **Francisco, 76 anos, Bissexual, II 29 – 39**

(...) sempre fui (...) uma pessoa isolada. Excluída. Gozada. É assim desde nova, desde que soube que gostava de mulheres. Sempre soube. Antes até da minha adolescência. (...) Devia ter os meus 14 ou 15 anos (...) quando (...) me declarei a uma melhor amiga que tive desses tempos. (...) Naquela altura não havia cá nada destas coisas. Era um tabu gigante. (...) Não havia cá gays, quanto mais lésbicas. Imagine-se, e com uma família conservadora... era o escândalo. O vexame. A desonra. Era-se ostracizado de imediato! (...) passava-se de pessoa a um monstro, a uma aberração, a um ser odiado, que deveria de ser alvo de ódio pelos outros, descartado e abominado pela sociedade e que deveria de ser invisível enquanto pessoa. (...) Ninguém queria ter nada a ver connosco. Demarcavam-se de nós como se estivéssemos a morrer com uma doença totalmente mortal e contagiante. (...) fartei-me de chorar... com medo, com raiva. (...) Enquanto a minha mãe chorava desalmadamente (...), o meu pai agarrou-me pelo braço. (...) e só me lembro de ver a mão dele a vir em direção à minha face. Começou a bater-me (...) com toda a força que tinha, como se aquela tarefa fosse fazer desaparecer a lésbica que havia em mim. **Ana, 82 anos, lésbica, II 67 – 225**

(...) em nada me sentia homem. Sentia que estava no corpo errado, eu sentia-me como se fosse uma mulher. (...) Quando era pequena fazia praticamente só brincadeiras de menina. (...) Isto até aos meus 7 ou 8 anos. E olhe que os meus pais repararam e insistiram o máximo possível no contrário, e eu com medo do meu pai ia tentando disfarçar o melhor que podia. (...) enquanto fui crescendo, fui sempre escondendo esta parte de mim. (...) vivia o meu lado feminino em segredo. (...) mulher à noite e homem de dia. (...) Quando tinha de ser homem, tinha de gostar de mulheres, que não gostava. Portanto, só podia gostar de homens à noite, enquanto era mulher, quando me sentia verdadeiramente na minha pele! (...) Decidi falar com os meus pais, ainda que a minha mãe soubesse, o meu pai e restante família não sabiam. (...) Claro, o meu pai não reagiu bem, cortámos relações, disse que tinha tido um filho e não uma filha (...) tive que explicar que ser transsexual não significa que fosse gay, porque eu era mulher e gostava de homens como sendo mulher e não como sendo homem, porque não me identificava como homem, e que queria ser mulher na íntegra em breve, que iam passar a ter uma filha e não um filho (...) que seria feliz. Mas ele não percebia, de todo. **Paula, 73 anos, transsexual, II 27 – 397**

Nestes casos, exemplificando, aquilo que mais se destaca são as noções que estes construíram com base nas suas próprias experiências e nas histórias alheias, sendo estas essencialmente negativas. Do mesmo modo, para além de lidarem com as próprias experiências e com as histórias dos outros, lidaram com a humilhação, discriminação e ostracismo por parte dos outros. Rótulos pejorativos, insultos, alvos de “gozo” e perseguição, rejeição, incompreensão, intolerância, agressões físicas e psicológicas são apenas exemplos de experiências negativas que estes entrevistados enfrentaram, não só nesta fase, como durante diversos momentos nas suas vidas. Como estes casos, temos os restantes que também se assemelham neste sentido:

(...) crescemos envolta dos valores morais católicos que defendem que a homossexualidade é um crime, é imoral, é contra a nossa natureza, que é uma abominação, entre outras coisas absurdas. (...) Não é que levasse homens lá para casa ou que alguma vez tenha vivido com um, mas quando elas descobriram que eu era homossexual, já o meu pai tinha morrido e eu ... pronto, não me meteram fora de casa porque precisavam de toda a ajuda financeira possível, porque como ele morreu, eu saí da escola na altura, tinha quase quinze anos, e deixei tudo para ir trabalhar para que não faltasse comida na mesa. **Manuel, 66 anos, homossexual, II 25 – 34**

(...) aí já eu tinha interesse no lado feminino das coisas, ou seja, preferia as brincadeiras delas, brincava mais com elas, e até quando podia vestia as roupas das minhas primas, vestia, e uma vez vesti as da minha tia. É claro que gerei a maior confusão possível e imaginária. Isto porque os cabrões dos meus primos viram e foram contar à minha tia, e claro, levei umas belas senhoras donas chapadas. (...) Ainda hoje é tabu uma pessoa ser transsexual, quanto mais naquele tempo e com aquela idade, que nem havia nome para isso. Era-se logo aberração e pronto, doente, a precisar de tratamento mental. Mostrar-se interesse por uma coisa daquelas, tão simples quanto ter interesse em vestir a roupa do sexo oposto, era um crime punível da maior surra possível que o nosso encarregado se pudesse disponibilizar a dar. E soubesse quem soubesse, era sempre bem merecida, que era para ver se aprendia a ser normal. **Maria, 62 anos, transsexual, II 65 – 76**

(...) quando eu era jovem, cresci rodeado de rapazes e de raparigas, e até sabia apreciar as raparigas. E foi isso que também nos era ensinado. Os rapazes gostam de raparigas e as raparigas gostam de rapazes. E eu cumpria com o que me tinha sido passado, mas houve uma altura que comecei a perceber que gostava de rapazes, era eu adolescente, mas sempre pus essa parte de lado. Acabei por namorar com (...) a minha melhor amiga, (...) e ao fim de algum tempo de namorados, com a pressão da minha família, acabei por a pedir em casamento. (...) Como sentia um grande carinho por ela, mas também gostava de homens, achei que gostava de ambos. Tive uma fase que achei que era bissexual. Mas afinal não. (...) gostava da minha mulher mas não sentia que gostasse da mesma maneira que gostava de homens, e cobiçava os corpos masculinos em segredo porque não podia revelar isso a ninguém nem desgraçar o meu casamento. Ia desmoronar uma data de outras coisas. (...) Completamente impensável. Mas foi exatamente isso que aconteceu! O impensável! **Joaquim, 75 anos, homossexual, II 40 – 62**

(...) agora já não sou casado, mas já fui, e fui com uma mulher. Sabe que isto os pescadores aqui, e mesmo no geral, e mesmo na minha família, aí então... é tudo muito conservador. Não se podia gostar de homens. Que é o meu caso. (...) pense lá no que seria ir para o mar num barco, às vezes pequenos (...) ir para o mar cheio de homens, um dia inteiro e às vezes mais do que isso. Em que um dos homens era gay. Imagina o caos que se levantava? Uma pessoa levava logo uma tarefa, como eu cheguei a levar! Mas isto repare lá, nem era um cenário possível, essas coisas ali naquele trabalho não existiam. Homens ali... era tudo macho (...) Claro que eu sabia que gostava de homens, aí talvez desde os meus treze ou catorze anos. (...) Mas com a família que eu tinha, como é que podia dizer uma coisa dessas? Que gostava de homens? Não, não, não,

nem era possível sequer. Claro que tive de manter esse meu lado escondido e casei com uma mulher lá filha de um outro pescador (...) mas não gostava dela, gostava de homens e arranjei um amante. (...) depois fomos apanhados. Gerou uma confusão dos diabos. (...) vá de insultos, de nomes, de ficarem agressivos. Tentámos assumir-nos e defender-nos. (...) Vieram logo todos para cima de nós para nos tentar separar, para nos agarrarem e fazerem mal, e como nos defendemos, começaram a bater-nos. Vá de murros, vá de pontapés, vá de puxões (...) ficámos um bocado em mau estado. **Mário, 71 anos, homossexual, II 33 – 362**

(...) os meus pais perceberam, e sempre me apoiaram em todas as decisões que eu tomava. Em tudo o que decidi até aqui, sempre estiveram ao meu lado. Posso dizer que fui e sou uma sortuda. Até as namoradas que fui tendo, e mesmo quando me assumi, pude falar com eles. Pude sempre desabafar com a minha mãe, que depois da primeira vez falou com o meu pai, e foi sempre muito recetivo e carinhoso, aliás, foram sempre os dois, muito compreensivos e apoiantes. (...) Tenho amigas e amigos também não heterossexuais (...) e as histórias deles, meu Deus, o que eles passaram... Desde valentes enxertos de porrada, a cintos, a chicotes, a panelas, a queima de cigarros, a igrejas transformadoras da orientação sexual, a manicómios, a tudo o que fosse possível ser utilizado para se acabar com a monstruosidade de se ter um filho que não fosse hétero. **Isabel, 69 anos, lésbica, II 23 – 34**

(...) Quando eu entrei [na Polícia] não se falava dessas coisas. Não era possível sequer entrar-se se se soubesse uma coisa dessas. Se se soubesse que uma pessoa era gay ou fosse o que fosse, que não fosse hétero, uma pessoa era logo corrida, e era crime até. Provavelmente acabava-se espancado ou algo do género também. Por isso é claro que nunca me atrevi a mostrar o mínimo sinal da minha orientação sexual. Era como se eu não existisse. (...) hoje não faria de forma igual, mas também hoje não seria necessário, já há uma maior tolerância, há mais compreensão, mais... ham... talvez aceitação, sim, talvez seja essa a palavra. Mas naquela altura não havia. **António, 60 anos, homossexual, II 15 – 52**

A partir destes excertos, é possível verificar que as experiências dos entrevistados, ao assumirem as suas orientações sexuais (voluntária ou involuntariamente), foram delicadas. Excetuando um caso, em que a entrevistada teve uma boa experiência (entrevistada Isabel), os restantes casos aqui transcritos revelam experiências mais complexas neste sentido. Desde experiências que se traduziram em episódios de medo, de confronto, de descoberta inesperada, de agressões físicas, verbais, e psicológicas, de discriminação, entre outros, os nossos entrevistados revelaram ter enfrentado momentos delicados e amargos no momento da exposição da sua orientação sexual. Estes mesmos momentos, ocorridos nas suas juventudes, traduzem-se, da mesma forma, em memórias agora distantes que, no entanto, continuam a estar presentes nas suas memórias atuais e nas suas maneiras de ser e viver a vida. Nos seus quotidianos continuam a ter medo de passar por momentos semelhantes (ou

piores), o que os influencia na percepção de determinados elementos, como por exemplo a imagem que concebem de uma instituição de velhice.

### 3. Percepções sobre as instituições

As representações acerca das instituições de velhice estão, em muito, ligadas àquilo que nos rodeia e a que temos acesso, como por exemplo as notícias que nos são passadas pelos *media*, as histórias de que tomamos conhecimento, os casos polémicos que ganham grandes proporções, como os casos dos lares ilegais, de situações de maus-tratos, de abandono, de lares sem condições, entre outros. Independentemente das fontes a que recorremos para a construção dessas “imagens”, somos sempre influenciados de alguma forma, positiva ou negativamente, sobre um determinado assunto. Os nossos entrevistados não são exceção. Atentemos nas suas representações face aos lares de velhice e aos motivos que originaram tais percepções:

(...) foi uma decisão minha, partiu apenas de mim, porque como já disse basicamente estou sozinho, por isso vim por mim próprio, mas não me desfiz da minha casa. Acabei por ficar com a casa que era dos meus pais, que felizmente já está paga, e como não tenho irmãos fiquei eu com ela e por isso continuo a tê-la ainda, e se algum dia quiser sair daqui, saio, como não me dá despesa... Disso pode ter a certeza, saio e retorno para casa. Mas até agora tem sido... interessante pelo menos. (...) a minha reforma ronda os mil e tal euros, por isso decidi procurar algo que apresentasse condições, que fosse aquilo que eu tinha mais ou menos em mente, e dentro das minhas possibilidades económicas escolhi este lar. Visitei alguns, fui conhecer os espaços, as pessoas, as estruturas e as formas de funcionamento dos lares, os outros tipos que lá vivem. **Francisco, 76 anos, bissexual, II 199 – 212**

(...) um lar? (...) Eu não vou para lar nenhum, já disse! Disse-o à minha amiga, e digo-o a si, e a quantos quiserem ouvir! Não vou sair daqui, esta é a minha casa, não a perco mais vez nenhuma, não até ir desta para melhor. (...) eu não quero nem por nada deste mundo. Não acha que eu já levei pouco na vida? Ainda agora ir para um lar? Não, nem pensar, nem por sombras, caramba! (...) eu sou enfermeira, não se esqueça! Quer dizer, era! (...) acompanhei muitos idosos de instituições! Cheguei a fazer turnos em instituições quando trabalhei em dois sítios ao mesmo tempo. Eu assisti de perto à realidade que se vivia nas instituições. (...) eu trabalhei em instituições, eu assisti a muitas realidades, e intervim em outras tantas. Sei em primeira mão as faltas de respeito que existem, a discriminação, o tratamento que se lhes é dado, orientação sexual nem sequer pode existir que se arranja um valente trinta e um (...), vida sexual, carinhos, intimidade, não existe ou então é-se menosprezado, vexado, diminuído, infantilizado... se não pela administração, pelas funcionárias, se não por elas, por outros utentes. Não que eu queira algo assim, tive a minha dose e fechei-me de vez, mas e quem quiser? (...) Não, isso não.



Tenho muito medo porque se assim, independente e livre já foi o que foi, imagina depender de um terceiro? De regras que não são suas e que lhe são impostas? De ter de se esconder? De ter medo de que lhe batam, humilhem, diminuam, etc. tudo outra vez? Não, não, já tive que chegar. Para mim chegou. Enquanto puder mantenho-me assim. No dia que não puder, que Deus me leve e me acabe com todo o sofrimento que tive de vez. **Ana, 82 anos, lésbica, II 705 – 742**

Nestes dois casos podemos, desde já, notar a diferença de realidades e percepções no que diz respeito às instituições de velhice. No primeiro caso, o Francisco revela-nos ter ido, voluntariamente, procurar residir num lar, revelando ter construído uma imagem mais positiva acerca destas instituições. Justifica-nos a sua ida para o lar com a necessidade de convívio, de combater a solidão, mas com a condição de manter a sua privacidade e liberdade. Por outro lado, no segundo caso, a Ana revela uma total rejeição da ideia de habitar num lar de terceira idade, decisão que justifica com sentimentos de insegurança, medo, receio de perda de liberdade e privacidade, receio da intolerância, da discriminação, entre outros. Como estes dois casos, temos os restantes que se vão aproximando e afastando um pouco destes:

(...) decidimos procurar uma coisa que valesse a pena. Não uma instituição vá, banal, com todo o respeito que tenho a tais instituições, mas não queria isso, porque para isso não saía de casa. Queríamos mesmo era algo luxuoso, em que não tivéssemos de fazer nada, que tivesse piscina, atividades a sério como ténis, badminton, natação, golfe, paddel, jardins para se caminhar, ginásios com bons instrutores, spa, restaurante, cabeleireiro... tudo isto, e foi isto que encontramos aqui, que escolhemos. Por isso é que viemos para aqui. (...) nunca pensei muito bem a favor dos lares. É que com tudo o que se ouvia falar das pessoas LGBT que iam para lares, e que até nem eram assumidas, ou apenas haver suspeição destas serem e não serem na verdade, mas tudo o que se ouvia era... desastroso! Sofriam horrores! E é claro que eu não queria uma coisa destas para mim! (...) as pessoas que residem nos lares, mais nos públicos e naqueles de cariz assim muito social, já têm aquela imagem de debilitados, de mal tratados, de desrespeitados, de infelizes, de prontos para morrer. Seja por tudo o que se ouve e vê, seja pelo que se sabe e se conta, e mesmo sabendo que existem lares que não é assim, é uma ideia que tenho muito presente, por tudo o que sei, o que vi e ouvi. Mas também sei que não há lares assim, mas é praticamente tudo mais para o privado é que se começa a diferir nessa forma de tratar as pessoas, de as respeitar, de as cuidar... E nem toda a gente pode. (...) este onde vivemos, isto não é um lar, é como que um resort residencial sénior, com direito a luxos, (...) em que se pretende dar um bom estilo de vida, sem preocupações e com muito lazer a esta fase da vida de uma pessoa. É a valorização do idoso. Onde cada um é respeitado, pode ser quem quer, como quer, desde que respeite os outros também, e viver com tudo a que tem direito sem se ter de preocupar com nada. Seja de limpeza, seja de alimentação, seja de atividades, seja de saúde, seja de afazeres... Mas claro, tudo por um bom dinheiro desembolsado. E aqui paga-se bastante bem. **Paula, 73 anos, transsexual, II 552 – 582**

(...) não foi por minha vontade. (...) depois do acidente ainda estive em casa durante um tempo, mas como precisava destes cuidados, a minha irmã com a minha sobrinha (...) decidiram que o melhor para mim era vir para aqui. Como não queria, fizeram-me a vida num inferno. Acabei por decidir que estava naquela vida há demasiado tempo e decidi aceitar acabar com aquilo e vir para o lar. Não é que eu quisesse ir... Não gostava muito da ideia de ir para um lar, um sítio que não podia ser eu próprio, um sítio que não era a minha casa, um sítio que não conhecia ninguém, onde havia regras que não eram as minhas, horários para tudo, pronto, tudo que não me agradava. Tanto que quando a minha mãe morreu, antes de morrer, nunca a ponderei meter num lar. E rejeitei sempre a ideia para mim, até deixar de aguentar aquele inferno em casa, e decidir render-me, porque aqui pelo menos poderia tentar ter alguma paz. (...) Quando vim para este lar, vim porque era o que minha reforma dava para ser, tenho 400€ de reforma e por isso, não dá para muito, e quanto menos temos para dar, mais básicos costumam ser os lares. Pelo menos é o que eu acho. Tanto que se eu tivesse um bruto dinheirão, estava antes num hotel, num resort, num sítio qualquer do que aqui. Mas pronto, o que tenho foi para o que deu, e aqui estou. Mas surpreendeu-me pela positiva. **Manuel, 66 anos, homossexual, II 301 – 322**

(...) Quando saí da prisão decidi que queria procurar melhor para mim. Que não queria continuar nas ruas ou naquele estilo de vida de drogada porque ia acabar por voltar a entrar na vida que tinha conseguido fugir. Então procurei alternativas, pessoas, ajudas, associações, tudo, para poder sair das ruas. Acabei por encontrar este lar, que foi a única mão que me foi estendida. (...) era algo que nem sequer havia considerado quando era nova. Quando procurei ajuda indicaram-me este lar, mas nunca tinha pensado nisso. Ir para um lar com sessenta e um anos era algo que para mim estava fora de questão. Ainda era muito nova para ir para um lar. Ainda por cima para um lar. E por mim própria. Um sítio que sempre ouvi falar como algo que não queremos para nós próprios se estivermos sãos mentalmente. Por tudo o que se lê, vê ou fala, um lar não era o que idealizava para mim. Para mim um lar era abdicar de quem nós somos para se viver nas regras de outros. Para se abdicar da nossa liberdade, das nossas vontades, das nossas vidas. Não era de todo algo que quisesse para mim. Mas foi justamente isto que aconteceu e que me salvou. **Maria, 62 anos, transsexual, II 447 – 467**

(...)ir para um lar? Não, nem pensar. De todo, mesmo. Quer dizer, acho que ninguém pondera isso assim. Não é algo que pondere para mim, pelo menos. (...) estou velho mas não estou morto! Vou para um lar fazer o quê? Porque é que haveria de querer ir para um lar se só a ideia de um me tolda logo a felicidade? Não, gosto de lares. Não gosto por tudo o que conheço deles. Já viu bem as notícias que vemos sobre isso? “Idoso é espancado por...” ; “Idoso é humilhado ou maltratado por...” ; “Idoso é negligenciado devido a...” ; “Idoso gay é perseguido porque...”. Não, nem pensar. E repare, até acredito que sejam casos pontuais, que possam ser casos ou situações que tenham acontecido aqui e ali, notícias que sejam exageradas pelos jornais ou pelos noticiários para vender mais, e que até haja lares que não sejam ou não funcionem assim, mas repare, se eu posso viver em casa, com o meu companheiro (...) que não tenho de me sujeitar a uma coisa dessas, porque é que eu haveria de ponderar um lar? Uma coisa era eu não ter mesmo

ninguém, não ter condições de viver sozinho, não ter forma de me sustentar, não conseguir manter-me aqui em casa, agora, isso não é o caso! **Joaquim, 75 anos, homossexual, II 317 – 334**

Grande parte das percepções dos nossos entrevistados até aqui oscilam entre a rejeição e a ponderação da possibilidade de uma futura institucionalização, sendo que para a estruturação destas percepções contaram as suas experiências e histórias de que tomaram conhecimento ao longo do seu crescimento e maturação, condicionado pelo peso da orientação sexual. Os desafios ultrapassados, os momentos que se revelaram mais marcantes, os medos que os condicionaram, ou as vitórias que conquistaram em muito contribuíram para a construção destas imagens e estruturação desta forma de encarar as instituições, de uma perspectiva LGBT. Atente-se ainda os casos dos restantes entrevistados que, para além do referido, entram ainda num momento de reflexão acerca da realidade LGBT num lar de terceira idade:

(...) Tá a brincar, com certeza, não ‘tá? Os lares aterrorizam-me profundamente, nem brinque! Porque é que acha que prefiro viver com o meu filho? (...) Se aqueles que me conheciam, alguns sangue do meu sangue, outros com quem cresci, que me conheciam e rodeavam desde pequeno, se esses reagiram daquela maneira quando souberam que eu era gay, que me deram aquela tarefa e me perseguiram, então ia para um lar fazer o quê? Eu do que acho, daquilo que sei, os lares até podem aceitar pessoas gay, ou seja do que for, mas sei que lá dentro depois não podemos ser aquilo que a gente somos, ou que o que agente queremos ser. Agora quero dormir com o meu namorado ou marido ou seja o que for, vão deixar? Quantas notícias sobre isso já saíram? Quantas porras se ouve por causa deste e daquele que no lar foi agredido ou perseguido porque era gay, porque era mais feminino, porque foi apanhado a fazer isto, aquilo ou outro? Não, não, não é uma coisa que queira para mim. É assim, também sou realista. Eu atualmente não tinha condições para me governar sozinho. Se não fosse pelo meu filho, então nem casa tinha, provavelmente. Sim, porque pelo meu outro filho bem que podia até viver na rua. Não lhe fazia diferença nenhuma, desde que estivesse longe dele. Por isso se não fosse por este meu filho mais velho, bem que podia andar na lama com esta porra toda. Mas pronto, se não houvesse ele, ou no dia que ele não me quisesse na casa dele, claro que tenho de me resignar e aceitar o meu destino, ir para um lar ou o que quer que seja. Acho que sempre deve ser melhor do que viver na rua, pronto, não é? Mas que nunca me assumia aí, não, nunca. Para que é que me ia sujeitar à humilhação e aos maus tratos? Não preciso disso para nada. Ficava sossegadinho no meu canto, sem levantar suspeitas, sem dar azos a confusões, e pronto, quando morresse, morria. Claro que me resignava, que remédio. **Mário, 71 anos, homossexual, II 404 – 428**

(...) a ideia que eu tenho... Bem, então é assim, a verdade é que eu nunca parei muito para pensar nisso... A maioria das pessoas tem de passar por esse pensamento quando tem familiares mais velhos que possam precisar desses cuidados... Aí creio que já haja mais algum tipo de pensamento formado a esse respeito... Eu como não tive de passar por isso (...) Não sei, acho

que me agrada mais a ideia deles envelhecerem em casa, rodeados das coisinhas deles, nem que contratasse alguém para ir lá durante o dia facultar as coisas mais importantes, como o tratar da limpeza da casa, o tratar das refeições, das roupas... essas coisas. O mesmo para mim. Claro que há situações mais... pronto, mais delicadas não é, que devem precisar de mais atenção e que se calhar só um lar é que consegue ajudar nisso, mas sou sincera, apesar de não ter propriamente uma ideia formada sobre isso... a ideia de envelhecer em casa, agrada-me bastante. Porque é sempre a nossa casa, não é? É o nosso espaço, as nossas coisas, as nossas rotinas, as nossas maneiras de fazermos as nossas coisas, a nossa liberdade... Não sei, não é que tenha propriamente nada contra lares em concreto, e reconheço que provavelmente até ajudam muitas pessoas, mas no meu caso... acho que a ideia de se ir envelhecendo em casa, perto dos nossos, com as nossas coisinhas... Tudo isso me agrada bem mais do que a ideia de ir para um lar rodeada de gente desconhecida, como se fosse um acampamento comunitário, que não é igual à nossa casa em nada, nem na comida... nada. Eu se quiser fazer uma sesta no sofá a ver um filme e depois ir sair, passear a algum lado e ir comer porcarias, fast-food, gelados, sei lá, qualquer coisa, aí posso! Como é que faria num lar? Não sei, não sei bem como funciona mas duvido que tivesse tanta liberdade assim para fazer as coisas da maneira que quisesse e bem me apetecesse... Mas pronto, acho que acima de tudo, ainda assim, aquilo que mais me faz confusão é a ideia da minha mulher. Não somos legalmente casadas, apenas estamos juntas, como se fossemos casadas, pronto, vá, mas a verdade é que estamos juntas. Como é que isso funciona num lar? Posso ir para um lar com a minha mulher? Isto é, podemos ficar juntas, no mesmo quarto? Podemos ter um espaço só para nós ou...? E há lares só para pessoas homossexuais? Eu nunca pensei nisso... Também porque acho que como é uma coisa que nunca precisei, que nunca pensei nisso... Acho que é daquelas coisas que só pensamos quando precisamos, porque até lá... passa simplesmente despercebida. É uma boa questão. Agora deixou-me a pensar... Se precisar, para onde é que vou? E como é que faço? Olhe esta agora... Tenho que me informar sobre isso, porque não quero ir para um lar e ficar sem a minha mulher, não poder estar com ela! **Isabel, 69 anos, lésbica, II 216 – 266**

(...) Viver num lar... Não. Sem qualquer hesitação. Não mesmo. E digo-lhe já porquê: porque não quero voltar a ter de ser oprimido. Os tempos mudaram e as mentalidades também, é verdade, algumas pelo menos, e agora no trabalho também se sabe da minha orientação sexual, mas desde que não misture as coisas, corre tudo minimamente bem, mas aprendi com os meus erros. Não quero ter de voltar a esconder-me, a fingir ser uma pessoa que não sou, a ter medo de mostrar quem sou. Posso não ter companheiros, mas não quero voltar a negar quem sou. Vivi assim quase quarenta anos. (...) Já pensei muitas vezes o que é que faria se precisasse de ir para um lar. Porque agora não tenho família que me ajude, que tome conta de mim, nem os filhos, porque a nossa relação é muito fraquinha. Eles depois também não lidaram muito bem que essa parte de me assumir, o que não ajudou. Por isso... Sei que se precisar, se e quando a hora vier, vou ter de aceitar a minha ida para um lar, mas não quero. De todo. Não é uma coisa que me deixe resignado, deixa-me mesmo revoltado. Tenho medo, porque não quero voltar a ter de me esconder. É a última fase da minha vida e quero vivê-la como sou, já perdi quase quarenta anos

numa mentira, não quero também ter de perder mais uns tantos na última fase da minha vida quando devia poder ser feliz a ser quem sou verdadeiramente. (...) Sei que muita coisa mudou, mas não é o suficiente. Vivi rodeado de hétéros a minha vida toda, tive de agir como um quase quarenta anos, e agora ia pôr-me num lar rodeado de mais não sei quantos hétéros, provavelmente mais nenhum como eu, e sofrer mais opressão? Mais perseguição? Mais medo? Eu bem sei as histórias que ouvi, os casos que aconteceram, os casos que fomos averiguar em que depois as pessoas mentiam a dizer que não tinha sido nada porque tinham medo de assumir, de contar, e depois ainda levarem mais. Não, eu sei bem o que não quero, e isso é uma das coisas que não quero. (...) É que isto da aceitação, da modernidade, das novas mentalidades... tudo isto é muito bonito, mas pouco acontece de verdade, pouco mudou a sério. Porque há de haver sempre alguém que seja homofóbico, e essa única pessoa pode ser o suficiente para criar redes de ódio entre as outras pessoas (...). **António, 60 anos, homossexual, II 317 – 355**

Se atentarmos nos excertos supramencionados, podemos perceber que estas nove histórias de vida se podem combinar em quatro *situações* principais no que diz respeito às representações das instituições, sendo estas as seguintes: **1)** a situação dos indivíduos que vivem num lar porque procuraram um por si mesmos, de acordo com aquilo que tinham em mente, imagem essa que foi construída com base nalguma influência, possivelmente positiva; **2)** a situação dos indivíduos que vivem num lar por decisão de outros, sendo tal do seu agrado ou não, em que a sua vontade e preferência pode ou não ter influenciado a escolha do lar; **3)** a situação dos indivíduos que vivem no domicílio, e que ponderariam o ingresso num lar de velhice, todavia como último recurso, devido às representações negativas que detém dos lares; e **4)** a situação dos indivíduos que vivem no domicílio e que não ponderam de maneira nenhuma o ingresso num lar de velhice, também este devido às representações negativas que detém dos lares.

Nestas quatro situações observadas, facilmente compreendemos que, independentemente da situação em que o indivíduo se encontra, as suas representações contribuem para a forma como encara o que o rodeia e onde se insere. Quer seja ao nível de considerar o lar de velhice ou o domicílio como algo agradável ou desagradável, estas imagens constituídas por influência dos *mass media*, de experiências vividas por conhecidos/familiares, por experiência própria, dos medos, dos ‘traumas’, entre outros, estão presentes. Ainda que a realidade das instituições ao nível da sua configuração atualmente já não seja, por exemplo, a mesma quando comparada com a realidade demonstrada por M. Foucault – uma vez que ocorreram imensas mudanças ao

nível legislativo<sup>20</sup>, de políticas públicas, de melhoria da formação dos profissionais, entre outras –, as representações mantêm-se negativas nesse sentido.

Através dos testemunhos podemos observar que a maior fonte de influência advém de experiências vividas quando novos, das suas juventudes, e perto da altura em que assumiram (ou foram descobertos face) as suas orientações sexuais, bem como das histórias que tomavam conhecimento por parte de outros, sendo estas maioritariamente negativas. Seja por experiência própria, medo, traumas, estas fontes contribuíram para as noções/representações que agora expressam acerca das instituições e da institucionalização. Estas imagens negativas acerca desta matéria podem, no entanto, toldar o discernimento no que diz respeito a novas realidades, a novas formas de encarar as instituições, uma vez que as instituições também já sofreram transformações desde os tempos de juventude destes indivíduos. No entanto, consciente ou inconscientemente no que diz respeito à noção das transformações das instituições, essa opção é maioritariamente rejeitada.

### **3.1. Lares: O receio da perda de privacidade, de intimidade e de liberdade**

Grande parte desta rejeição no que diz respeito às instituições, de acordo com os testemunhos, prende-se com a ideia de que nos lares se vive em opressão, num ambiente de medo, de perseguição aos indivíduos LGBT. Não é que tal não se possa verificar, contudo, importa não generalizar essa noção a todas as instituições existentes, uma vez que é possível encontrar-se múltiplas realidades ao nível institucional. Desde lares ilegais, lares sociais, lares privados, lares públicos, lares do tipo *resort*, centros de dia, a lares abandonados (entre outros), podemos encontrar uma panóplia de alternativas e de realidades. Esta variedade ainda é mais intensificada pela forma de funcionamento de cada um deles, dado que cada um destes funciona de maneira diferente, não só devido aos seus regulamentos internos, que apesar de serem baseados na Lei, são interpretados e aplicados de maneiras diferentes, mas também devido às pessoas que se encontram a

---

<sup>20</sup> Aqui referimo-nos, por exemplo, às melhorias dos direitos dos idosos que, como já foi descrito no capítulo das Políticas Públicas, levaram à transformação da configuração das instituições, no sentido de as progredir. Para efeitos do referido contribuíram a Carta Europeia dos Direitos e Liberdades do Idoso Residente em Instituições, os decretos-lei e despachos normativos, a Legislação Nacional, o documento dos Direitos dos Idosos, constituinte dos Princípios das Nações Unidas para o Idoso, constituído na Resolução 46/91, aprovada na Assembleia Geral das Nações Unidas de 16/12/1991, assim como o documento da Constituição da República Portuguesa, texto integral após IV revisão constitucional (lei constitucional 1/2004, de 24/07), atualizado nos Artigos 295 e 296 pela Lei Constitucional 1/2005, de 12 de Agosto.

dirigir os lares e aos indivíduos que lá se encontram a trabalhar, que por si só também são seres únicos e distintos uns dos outros. Como tal, é possível encontrar-se um pouco de tudo, e não só situações positivas ou só situações negativas.

Outra associação respetiva a estas representações prende-se igualmente com a ideia de se viver de forma diferente daquela a que se está habituado ou que se pretende manter. As regras impostas pelos outros, os horários fixos pela instituição, a padronização dos comportamentos dos indivíduos, dos horários e das atividades dos mesmos, indicam que se perde a própria essência e a liberdade de tomada de decisão, o livre arbítrio, e que se passa a fazer parte de uma homogeneização dos institucionalizados. Se observarmos com atenção, notamos que estão também intimamente relacionados com o receio da perda de privacidade, de intimidade e de liberdade. Todas estas imagens/noções contribuem para as representações negativas que os entrevistados apresentam no que diz respeito às perceções das instituições. Do mesmo modo, podem contribuir para a recriação dessas imagens negativas em imagens positivas, como é o caso de quatro entrevistados, situações que são positivas, nestes testemunhos, nomeadamente, os entrevistados Francisco, Paula, Manuel e Maria. Atente-se nos seguintes excertos:

(...) Outra preocupação era ter um quarto só para mim. Isso para além de ser uma preocupação era mesmo uma exigência, foi um requisito que fiz questão de manifestar logo ao início quando andei a fazer visitas aos lares. (...) Porque é assim, se vim para aqui à procura de conhecer pessoas novas, também pode acontecer que me interesse por alguém, não é!? E depois? E se quisermos mais... mais privacidade, vá! Como é que é? Pois, há que pensar nisto! Não quero ter medo das pessoas, não quero ter medo dos outros, das conversas que possa querer ter, dos momentos que possa querer viver no meu quarto e ainda ter de me esconder! Não, quero poder ser eu próprio, e ter o meu espaço, e fazer lá o que assim bem entender e ainda ser respeitado por tudo isso. Sim, um dos medos que eu tive e tenho (...), é de que não me aceitem como sou, que me tratem mal, porque isso ainda sou independente e bom de cabeça e não admito isso de ninguém, porque para isso ficava na minha casa e não permitia fosse o que fosse. Mas pronto, também não ando aí a dizer o que sou a toda a gente. Se perguntarem, respondo, não escondo mas também não espalho na cara das pessoas, sou quem sou, olhe. Mas lá está, se quiser ter intimidade com alguém, alguma relação, alguma privacidade... quis ter esse direito. (...) Estou velho mas não 'tou morto! (...) Por isso sim, acho que tenho direito a ter um espaço onde possa ter a minha intimidade quando queira. (...) **António, 76 anos, bissexual, II 242 – 271**

(...) a privacidade da pessoa? Onde está? Que direito tem de se devassar o outro só porque é diferente? (...) sei que muita gente diz que os lares atualmente são muito diferentes, que são mais modernos, que as pessoas são mais tolerantes, mais compreensivas, mais aceitadoras da

diferença... mas continuo a achar tudo isso uma utopia. Seriam precisas décadas de investimento na formação das pessoas que lidam com os utentes para que houvesse uma volta de 180º para que tudo mudasse e se comesse a tratar as pessoas como pessoas, com respeito por todas as suas diferenças, respeito pelo seu espaço, pela sua liberdade, e não como velhos ali esquecidos à espera do fim. (...) É que uma pessoa chega ali e os utentes são todos tidos como iguais. É tudo heterossexual, tudo solteiro, sem vontade de fazer relações, sem vontade de fazer coisas diferentes do que pintar, jogar dominó ou cartas, fazer trabalhos manuais, ou tricô, e sempre com vontade de se comer as mesmas coisas. (...) Aliás, nem podiam dois utentes estar no mesmo quarto ao mesmo tempo, que pelo menos um não seja dali, por exemplo um homem e uma mulher, porque do mesmo sexo era muito, mas muito mais difícil encontrar, e que alguém que desse conta não fosse lá meter o nariz. (...) torna-se muito difícil, muito difícil tudo isso e muito difícil conseguir-se ter intimidade ou mesmo apenas a sua privacidade... A maioria dos lares não tem formação do pessoal para lidar com isso, para respeitar, aceitar, apoiar e fornecer condições de segurança para isso, e depois as próprias estruturas também não estão preparadas para isso. São quartos para não sei quantos utentes, não há cá misturas, quer dizer, parece um reformatório. As higenes já são o que são, quanto mais as intimidades. **Ana, 82 anos, lésbica, II 786 – 830**

(...) estava na altura de nos mimar (...) É como se estivesse sempre de férias, sabe? (...) Não nos preocupamos com a limpeza, nem com a comida, nem com nada! E temos sempre as visitas de quem quisermos, porque temos como que um pequeno apartamento! É um quarto com cama de casal, e uma wc, ou seja, é uma suite, e depois temos varanda, que têm todas uma vista maravilhosa, cozinha e sala, sendo a cozinha aberta para a sala. É um apartamento amplo, moderno, espaçoso, e prático! Olhe, é como que um aparthotel! Mas com tudo incluído. Com o benefício de que já está tudo pago, não há surpresas extras, a não ser que as queiramos nós, e ainda podemos ter as nossas visitas sempre que quisermos, mesmo à noite, tendo as pessoas que apenas se identificar na entrada e respeitar apenas a questão da hora do silêncio. É isso que sinto, que estou de férias, e sinto que o mereci e muito. Aqui estamos rodeados de luxo, sem termos de nos preocupar com nada, pois há empregados para tudo e, acima de tudo, respeito e liberdade. Aqui sinto-me livre para ser quem sou. Eu e o meu marido. As pessoas respeitam-se, não só os funcionários, como também os outros residentes. **Paula, 73 anos, transsexual, II 586 – 602**

(...) Sempre se ouviu falar de como os velhos eram tratados, quanto mais os gays. O que é que eu ia fazer à minha vida? Iam maltratar-me? Ia ser desrespeitado, humilhado, posto de parte? E quem é que me ajudava? Sei lá, passou-me tudo pela cabeça. Porque ainda para cima, estando mais dependente, porque como estou numa cadeira de rodas tenho de depender mais dos outros para certas coisas, mas estando mais dependente, tenho menos liberdade, e saberem que eu sou homossexual... e se fossem preconceituosos ou odiosos ou fosse o que fosse, iam fazer-me mal. E toda a gente sabe que os próprios velhos são intoleráveis face a essas coisas, não aceitam. (...) Mas afinal os meus medos não precisavam de ser assim tão fortes. (...) a senhora Diretora era uma pessoa aberta e compreensiva e falou comigo abertamente sobre o que eu sentia, sobre a minha situação, pela minha versão da história, sobre os meus medos, sobre o que é que eu esperava encontrar, sobre as maneiras de agir e pensar das pessoas que ali estavam e



trabalhavam, como eram os outros utentes em relação a esse tema... (...) Até aqui sempre me senti bem tratado, respeitado dentro do possível, mesmo na minha privacidade. Se quero ficar no quarto, conversam comigo para perceber se se passa alguma coisa ou se 'tou bem e respeitam. Tentam ajudar no que podem, preocupam-se connosco, e tentam animarmos assim que nos vêm mais cabisbaixos. Não, por acaso foi uma agradável surpresa, não era de todo o que contava encontrar. **Manuel, 66 anos, homossexual, II 326 – 365**

(...) A partir do momento em que fui forçada a ter sexo, na prisão, deixei de procurar sexo. Desde essa altura que não voltei a ter uma única relação sexual. Nem tenho interesse para isso. Fiquei com um trauma muito grande e não consigo sequer pensar em voltar a estar intimamente com ninguém. (...) Vivo a minha vida, não quero mais parceiro nenhum, e não digo que não possa acontecer daqui uns anos, talvez, encontrar alguém que faça valer a pena, mas não quero. Por tudo o que passei, por ter HIV, por tudo o que isso implica... Por tudo mesmo. É uma complicação tremenda, tudo o que esta porcaria envolve. Os cuidados, os tratamentos, as medicações, as pessoas, tudo. Não, não quero mais nada disso, prefiro não ter mais ninguém e viver sossegada na minha vida, com os meus livros. (...) Estou sempre com medo de infetar mais alguém, de ser maltratada, de ser humilhada uma vez mais, de ser perseguida, de piorar... por isso intimidade sexual não creio vir a ter. Mas a Diretora do lar foi fantástica comigo. Desde o momento em que soube da minha história que me deu a mão e que me ajudou em tudo. Quando saíram os resultados dos exames e deu que eu tinha HIV, ela foi a primeira a dizer que se arranjaría uma solução, porque me quis isolar. E arranjou. Tratou de designar uma funcionária só para mim, um quarto só para mim, um mais pequeno e mais isolado, porque era o único individual que sobrava também, mas pronto, é só meu, com a minha casa de banho, tudo de alimentação servido em loiças e talheres descartáveis para garantir que não há contágios, porque assim usa-se e vai direto para o lixo, e também tenho atenção médica mais focada em mim. Quer dizer, caiu-me um anjo do céu. Tenho respeito, carinho, preocupação... Finalmente começou algo a dar certo, a correr bem, a mostrar uma luz que brilha ao fundo do túnel. **Maria, 62 anos, transsexual, II 497 – 531**

Como é possível verificar até aqui, também aqui as imagens construídas em torno do receio da perda de privacidade, de intimidade e de liberdade associadas à entrada / institucionalização num lar de terceira idade, oscilam de acordo com os nossos entrevistados. Para uns, essa ideia estava presente e foi desconstruída quando entraram numa instituição para residência permanente, afirmando ter-se revelado uma experiência positiva e surpreendente. Para outros, a ideia permanece e rejeitam por completo a possibilidade de integração e residência permanente num lar, se não mesmo em última instância. Vejamos os restantes casos:

(...) Podemos usufruir a vida com o descanso e o prazer que temos direito de usufruir nesta fase das nossas vidas. Porque é que iria para um lar para depois seguir as regras dos outros? Comer o que me querem dar? Às horas que impõe para todos? Seja para comer, seja para os banhos, seja

para dormir, seja para ter visitas, seja para passear e entrar, seja para tudo? Quero ver televisão, só existem os quatro canais (...) Se queremos ir passear, temos de dizer a cinquenta pessoas onde é que vamos, a que horas vamos, porque é que vamos, a que horas voltamos, com quem vamos, e é se for autorizado sairmos, porque se algum deles decidir que não podemos sair seja porque motivo for, então não podemos sair e pronto. (...) Quer dizer, isto é um absurdo! E a comida! (...) Quer dizer, e se não quiser comer nada daquilo? Ou àquelas horas? E se não me apetecer comer nada sequer? Não, isso mexe comigo profundamente. E as horas do deitar e do acordar. Meu Deus, mas o que é isso! E se eu não quiser acordar àquela hora? E se quiser acordar mais cedo? Posso andar ali a fazer a minha vida, a despachar-me para depois ir fazer o que quiser? Ir logo tomar o pequeno-almoço? Ir passear? Ou se me apetecer ficar na cama, posso ficar a dormir até mais tarde? Quando acordar ainda vou ter direito a pequeno-almoço? E posso sequer? E se não houver nada daquilo que quero? Tenho que comer apenas o que há porque assim querem que seja? E tenho de comer naquele sítio, naquele refeitório, com aquele cheiro horrível a comida, a alumínio ou inox ou lá raio que parta que seja? Não, não. Então eu em casa às vezes acordo seja tarde ou seja cedo, vou fazer o pequeno-almoço que me apetece e às vezes vou comer na cama, com o meu tabuleiro, ou no sofá, a ver televisão, a ler um livro, seja no quarto, seja na sala, seja na cozinha! Como à hora que quero, o que quero, e como quero. Esta arbitrariedade é um poder gigante. É de um valor fenomenal que não tem preço. Que ninguém nos deveria poder tirar. É isto que nos faz ser quem somos, todos seres individuais uns dos outros, diferentes uns dos outros, com horários, gostos, vontades, desejos, tudo, tudo diferente uns dos outros. Porque é que teria de fazê-lo de forma igual a toda a gente? (...) E as pessoas, meu Deus, as funcionárias então... a forma como falam connosco! Ou falam de forma bruta, (...) ou infantilizam-nos de uma forma absurda! Não acho normal! E depois gozam com tudo, são mexeriqueiras, falam mal de tudo e de todos, das vidas das pessoas, não respeitam a privacidade que as pessoas têm, que por sua vez já têm de partilhar quartos não sei quantas outras pessoas, nem podem escolher com quem querem ficar ou se querem sequer partilhar o quarto! E os casais? E as pessoas que são homossexuais ou lésbicas ou seja lá o que for? Como é que essas pessoas vivem o dia-a-dia delas? Olhe, eu não sei se me sentiria à vontade para ser o meu eu todos os dias! E se me humilhassem? Se me andassem atrás de mim por causa disso? Opa, não, não acho que haja necessidade alguma de passar por algo assim. De todo. Até porque depois como é que fazia com o meu companheiro? Como é que vivíamos os dois a nossa intimidade? Podíamos ficar juntos no mesmo quarto? Podíamos ficar sequer juntos no mesmo lar? E podíamos namorar ali, como namoramos em casa? Podíamos fazer a nossa rotina, manter os nossos hábitos, fazermos as coisas que gostamos, que nos fazem felizes, irmos passear, comermos o que quiséssemos, onde quiséssemos e às horas que quiséssemos, como fazemos aqui em casa? E a nossa privacidade? Podíamos ficar a namorar? Podíamos andar de mãos dadas? Podíamos trocar beijinhos? Podíamos estar no quarto a fazer amor? Olhe agora o caso, íamos os dois para o mesmo lar, e vá, até podíamos ter o mesmo quarto, e por obra e milagre do Espírito Santo, até podíamos namorar, e agora de repente tínhamos interesse em criar uma relação novamente poliamorosa com outro elemento, que por acaso e pela raridade do mundo, também fosse homossexual, vá, ou bissexual,

ou transsexual que gostasse de homens, e que quisesse estar connosco porque se interessou em nós, porque demos abertura para isso, porque nos interessámos nele também, e os três, juntos, quereríamos criar uma relação a três! Acha que isso seria possível sequer? Não!! Mas é claro que não! Uma coisa dessas dificilmente é bem aceite no mundo de adultos aqui fora, quanto mais num lar onde há mais mentes conservadoras e preconceituosas que sabe Deus o que lhes passa pela cabeça! Não, seria muito complicado! **Joaquim, 75 anos, homossexual, II 342 – 413**

(...) se puder ser eu a decidir, não vou, será a minha última opção. E logo atrás dessa fica a opção de viver na rua. (...) Porque pronto, o dinheiro é um problema, a minha reforma não dá nem para me governar sozinho, quanto mais investir num lar porreirinho. Mais que não fosse, onde desse para eu poder ser quem sou. Até podia não arranjar mais companheiros, coisa que já não faço aqui por respeito aos meus filhos, que prometi que não o fazia, mas ao menos não tinha de ter medo de que soubessem que gosto de homens, não é? Por isso acho que só resta poder viver aqui enquanto der, e quando não der, olhe moça, lá me resignarei para ir para o raio do lar, mas vou ter de mudar aquilo que sou. Pelo menos sempre me protejo de outra tarefa ou seja lá do que for que as pessoas intolerantes fazem hoje em dia. Isto deve ir mudando com as gerações, sei lá. (...) não pretendo ter mais ninguém. Pronto, é assim, não é que não quisesse, porque até gostava de ser mais feliz, de voltar a viver o amor, e de fazer, e de ter noites acompanhado. Ter alguém ao meu lado. Mas assim é difícil. Até aqui em casa do meu filho, que é meu filho, quanto mais num lar, que ninguém me é nada. Acha que iam perceber? Que iam aceitar? Que ia poder namorar? É que isto os velhos ainda namoram, se é que me entende! Mas não, assim não dá... Porque estou sempre em guerra com toda a gente para poder ser eu feliz. E depois de tudo o que fiz os meus passar, não me sinto no direito de impor a minha felicidade à dos outros que sofreriam com isso, como os meus filhos. (...) A intimidade faz falta, começa a pesar ao fim de tanto tempo de solidão. **Mário, 71 anos, homossexual, II 440 – 498**

(...) prefiro viver na minha casa, com a minha mulher! Como é que faria num lar? Quer dizer, não sei se há lares só para homossexuais, mas se houver, como é que faço para ir? As condições? Há vagas? Há restrições? E se não houver, vou para um lar “normal” que pode não aceitar pessoas com orientações sexuais diferentes? Não sei como é que isso pode funcionar bem... Porque até posso ser aceite por uns e não por outros... e depois, como é que lido com o conflito se tenho de viver ali? Não sei, não sei bem como é que isso pode resultar sem dar problemas... E a minha mulher? Poderíamos ficar juntas? É que esta questão para mim é a principal. Se precisarmos de um lar, uma de nós, a outra vai querer ficar lá, onde a outra está, a acompanhar todos os dias, como se vivêssemos em casa, percebe? Onde está uma, está a outra! O nosso dia-a-dia, como é que ia ser? Acho que isso me assusta um bocado... Ela é o amor da minha vida, a minha alma gémea. Tudo só faz sentido com ela. Todas essas questões são importantes, de ter a minha casa, a minha rotina, a minha maneira de fazer as coisas, a minha comidinha que nem sempre é a melhor, reconheço, mas que me sabe tão bem... tudo isto mexe já comigo só de pensar, mas o que me aperta o coração é mesmo a questão da minha mulher, de se podemos ficar juntas ou não, e manter a nossa normalidade do dia-a-dia que temos aqui... Sabe, mesmo as coisas mais simples... o dar as mãos, estarmos agarradas, darmos uns beijinhos, termos a nossa

intimidade, tomarmos banho juntas, o trocarmos carinhos, a nossa cumplicidade, lermos os nossos livros no sofá, com as nossas pernas embrulhadas uma na outra, com a nossa mantinha na posição que mais gostamos... Quer dizer... todas estas coisas podem não querer dizer nada às outras pessoas, mas aquilo que significam para nós... Percebe? São as nossas rotinas, são tudo coisas que têm significados, sentidos, simbolismos para nós, e que talvez só nós duas percebamos, mas é nosso. É tão nosso que só faz todo o sentido do mundo ser assim. (...) Como é que ia lidar com a perda e a mudança de todas estas coisas? Tudo isto que tem tanto significado para nós? Sim, não só para mim, mas para a minha mulher também! **Isabel, 69 anos, lésbica, II 269 – 325**

(...) Pretendo adiar essa possibilidade o mais possível. E digo possibilidade porque sempre me ensinaram que não podemos dizer que dessa água não beberei, porque não sei o que me aguarda no futuro. Amanhã acontece-me qualquer coisa e preciso de ir para um lar, e como é? Percebe? Mas não, é adiar o mais possível. (...) Mas sim, isso seria sempre eu a escolher, a não ser que estivesse chéché do dia para a noite e não pudesse decidir nada. Aí talvez fosse a única situação em que não dependesse de mim. Mas no que depender, sim, será uma decisão minha. Mas sim, fatores... Então olhe, tinha de ser algo que pudesse pagar, porque não sei qual será a minha reforma, mas tinha que poder pagar... Ham... Sim, tinha de ter as melhores condições possíveis, porque não passei tanto tempo na Polícia, a “dar o corpo às balas” pelos outros, para depois não usufruir da minha velhice em paz e no melhor possível. Ham... Idealmente teria de aceitar pessoas gays e afins, e se possível ser mais assim do que ter héteros. Ou até podia ter, desde que houvesse garantia de eles eram realmente compreensivos e tolerantes da diferença, para poder ser o que sou à vontade, ‘tá a ver? Ser eu... Ham... Que as pessoas ‘tivessem todas elas formadas para lidarem com a diferença, e não só com o não hétero, que acho que nem isso há assim uma grande formação. E não tratem os velhos como se fossem idiotas cheios de baba à espera morrer. A formação, a educação, o conhecimento... todo esse tipo de coisas nesta área, acho que é preciso investir-se mais nisso, que é preciso mudar-se muita coisa ainda. Essencialmente acho que era isso que ia contar... E gostava de poder ter à vontade para poder ter intimidade se gostasse de alguém. Vá, privacidade, nos termos da palavra. **António, 60 anos, homossexual, II 358 – 381**

De acordo com o observado, nos casos de associação negativa, percebemos que o receio da perda de privacidade, de intimidade e de liberdade, juntamente com o sentimento de opressão, leva que haja de imediato uma recusa da possibilidade de se ponderar uma futura institucionalização. A ideia de terem de alterar as suas rotinas, de terem de alterar os seus modos de vida, de terem de se submeter a horários, ordens e regras que não são as suas, ou pelo menos que não funcionavam do mesmo modo nos seus domicílios, de terem de escolher entre as opções de alimentação fornecidas sem sentirem liberdade para optar por outra escolha, manifestam-se ser das principais preocupações destes entrevistados, sendo pensamentos que os desagradam.

De igual modo, a preocupação da partilha de quartos com estranhos também parece assolar a mente dos nossos entrevistados. A ideia de se ter de partilhar um espaço que consideramos nosso, como algo privado, como algo íntimo, como um quarto, ou uma casa de banho, por exemplo, com pessoas que não conhecemos e que não nos dizem nada, pode provocar estranheza, desconforto ou um grande mal-estar na pessoa em questão. Uma vez que a maioria dos lares ainda apresenta na sua configuração um certo número de quartos para dois ou três indivíduos juntos (assim como existem quartos para mais pessoas ou quartos individuais, ou alas só para mulheres e outras só para homens), torna-se difícil não partilhar um quarto com outros indivíduos.

Apesar de existirem quartos individuais, estes existem em menor número e por vezes têm custos mais elevados para a pessoa que o escolher, o que limita a escolha destes às pessoas com maior poder económico. Por sua vez, dada a afluência de idosos nos lares, motivada pela população cada vez mais envelhecida de Portugal, torna-se quase fisicamente impossível para algumas instituições criar apenas quartos individuais para os utentes. Neste sentido, tende-se a investir nos quartos duplos ou triplos (podendo ser ainda maiores), para se acolher o máximo possível de idosos na instituição. Todavia, de acordo com as representações dos entrevistados, este acaba por ser um dos problemas, principalmente ao nível da privacidade.

#### **4. A privacidade e a exposição (in)voluntária ao outro**

Para os nossos entrevistados, a privacidade é um aspeto que tem muito peso, principalmente no que diz respeito à sua orientação sexual. Para estes, é fundamental que sintam que possuem um espaço só seu, em que possam ser eles próprios, que seja respeitado pelos outros enquanto espaço pessoal, que sirva de refúgio quando precisam de um momento ou mesmo para poderem ter a sua intimidade, a sós ou com outra pessoa de sua permissão para adentrar nesse espaço. Esta preocupação com a privacidade diz, portanto, também respeito à intimidade, ao respeito desta, nos momentos em que esta ocorre. A vontade de se querer ter intimidade com um companheiro é uma reação natural do corpo humano, pelo que daqui parte a inquietação respetivamente à forma como e quando seria possível fazê-lo numa instituição, principalmente entre pessoas LGBT. Portanto, todas estas inquietações se agregam às representações que os indivíduos já detêm acerca das instituições.

O encarar do desconhecido, leia-se, ir para um lar que nos é estranho, em que não se conhece ninguém, em que tudo é diferente, juntamente com representações baseadas por vezes em histórias ou conteúdo noticiário, levam a que a hipótese de se encarar esse desconhecido de forma negativa logo à partida. Adicionalmente à influência dos *mass media* e das histórias partilhadas, juntam-se as experiências vivenciadas pelos próprios na sua juventude, as quais se tornaram em momentos marcantes, que balizam agora a forma como encaram as instituições e a possibilidade de institucionalização, traduzindo-se maioritariamente em rejeição da ideia: *“With diminished personal support networks, more lesbian, gay and bisexual people over 55 expect to rely on external services than their heterosexual peers as they get older. However, many have experienced discrimination with health and social care services in the past and this leaves them doubtful that these services will be able to understand and meet their specific needs in the future. (...) There is a severe lack of understanding about the particular needs of older lesbian and gay people, especially from some faith-based organizations that provide care services.”*<sup>21</sup>

Neste sentido, a questão da orientação sexual é outra preocupação veemente relacionada com a temática da institucionalização. Muitos dos indivíduos LGBT receiam a ida para um lar também por receio de terem de expor a sua orientação sexual. A exposição de algo tão íntimo perante os outros, como a orientação sexual, pode ser uma situação constrangedora. No caso dos nossos entrevistados, estes passaram por essa situação maioritariamente na juventude ou já em adulto, sendo que não abordamos nenhuma história de vida que a pessoa não se tenha assumido nesse campo. Contudo, algumas pessoas não se assumem uma vida inteira com medo das represálias/consequências que daí possam advir. Ou ainda, como a Opus Gay refere com o seu projeto “Envelhecer Fora do Armário”, anteriormente referido, algumas pessoas assumem a sua preferência sexual durante a juventude e, posteriormente, quando necessitam de ir para uma instituição ou de depender de terceiros, passam a renunciar a sua sexualidade/orientação sexual – ou seja, “voltar para o armário”.

Através dos seguintes excertos, poderemos observar a forma como os entrevistados passaram pela exposição da sua orientação sexual já na velhice perante outros indivíduos e/ou perante a sua entrada numa instituição de velhice. Uns

---

<sup>21</sup> Estudo realizado pela Stonewall, através do YouGov, em Inglaterra, Escócia e Gales, em 2010: “Lesbian, Gay Bisexual People in later life”. [www.stonewall.org.uk](http://www.stonewall.org.uk)

renunciaram à sua exposição por vontade própria, outros assumiram por si mesmos, naturalmente, as suas preferências no que diz respeito ao gosto pelo outro, e outros ainda foram “assumidos” por terceiros (como por exemplo, familiares). Em qualquer dos casos, os entrevistados tentaram recorrer a estratégias para o fazer, considerando ser o melhor para eles, fosse para “dar a volta à situação” de exposição involuntária e vulnerabilidade, fosse para se assumirem por si próprios, ou ainda para se esconderem perante *o outro*. Atente-se nos testemunhos:

(...) A estratégia acho que passou mais por aqui, por uma coisa mais deste nível. Procurei informação sobre os lares que visitei assumindo que sou bissexual, porque assim via logo as reações e como me poderiam tratar logo à primeira vista. Depois cá dentro sou eu próprio. Não ando aí com um papel na testa a dizer que sou A, B, ou C, mas também não me escondo. E se alguém tiver alguma questão, que ma faça diretamente, porque é assim que eu funciono. Claro que tive... e às vezes ainda tenho... tenho medo de algumas represálias, de poder ser discriminado, de ser maltratado... Porque infelizmente ainda há muita gente conservadora e com mentalidade retrógrada, que não aceita as diferenças dos outros, e que quando conhece pessoas diferentes podem fazer-nos mal, e disso sim, eu tive medo, e dependendo das pessoas às vezes ainda tenho, mas ainda assim já passei demasiado tempo confuso sobre aquilo que eu devia ser e neste momento, que sei aquilo que sou, acho que não tenho que me esconder. Não provooco ninguém, nem espeto nada na cara de ninguém sobre aquilo que sou, não ofendo ninguém, mas também não me escondo. Acho que cheguei a esse direito ao fim de tanto tempo de vida, não é?

**Francisco, 76 anos, bissexual, II 342 – 354**

(...) Ali, vejamos, é como que se uma pessoa fosse depositada numa última casa, numa última etapa da sua vida, à espera de o dia final chegue. E até lá, ficamos à mercê dos outros e somos tratados como bem lhes apetercer, conforme os humores diários. Principalmente se se for dependente. Se formos diferentes, é mais um motivo de destaque para alguém agarrar e implicar connosco, para nos rebaixar, humilhar, sempre que surja a oportunidade. Não sei se me esconderia, talvez não o quisesse porque sempre lutei contra isso toda a minha vida, mas que tinha medo das consequências dessa decisão, tinha, sim. Mas lares para mim nunca. (...) É que uma pessoa chega ali e os utentes são todos tidos como iguais. É tudo heterossexual, tudo solteiro, sem vontade de fazer relações, sem vontade de fazer coisas diferentes do que pintar, jogar dominó ou cartas, fazer trabalhos manuais, ou tricô, e sempre com vontade de se comer as mesmas coisas. (...) A maioria dos lares não tem formação do pessoal para lidar com isso, para respeitar, aceitar, apoiar e fornecer condições de segurança para isso, e depois as próprias estruturas também não estão preparadas para isso. **Ana, 82 anos, lésbica, II 799 – 831**

(...) A minha preocupação maior sempre foi a questão de se saber que eu sou transsexual. Saber qual o impacto que isso poderia ter, tanto para mim, como para o meu marido, como para as pessoas da instituição que escolhêssemos, funcionários e residentes. Haveria respeito? As pessoas da instituição foram formadas para lidarem com estas questões? Haveria tolerância pela

diferença? Haveria mais pessoas como eu? Com histórias como a nossa? Ia encontrar tolerância ou preconceito? Tratar-me-iam de igual forma ou seria discriminada? Eram tudo questões que tiveram o seu quê de peso na hora da nossa decisão. (...) E dado que já passei por tanto, de bom e de mau, mas muito de mau, é natural que receie ceder tudo o que é meu, mesmo por opção, porque na verdade nunca sabemos quem vamos encontrar. É que lá está, há sempre medos, passamos sempre por coisas que nos deixam ou com traumas, ou com receios, ou com experiências menos boas, sejamos LGBT ou não, Mas ainda mais quando somos LGBT, e lá está, isso ainda que achemos que as ultrapassamos, vão sempre pesar em decisões importantes, como estas, na escolha de algo tão importante, e ao mesmo tempo simples, quanto um local para viver. E isto pesou, claro que sim. Por isso antes de decidir, decidimos informarmo-nos e vir cá saber tudo, como se processava tudo, saber coisas particulares, como o nível de tolerância, o modo como tudo funcionava, o que estava incluído pelos preços, que opções tínhamos, etc., etc., e até acabei por me sentir tão à vontade que acabei por explicar a minha situação e os meus receios, as minhas dúvidas e preocupações, que foram todas esclarecidas ternamente pela senhora que estava lá a atender-nos. Senti-me tão bem que o meu marido concordou e decidimos vir para cá, está a fazer seis meses. (...) durante o dia-a-dia sinto que tudo é normal, que não sou olhada de lado, que não sou discriminada, que não sou alvo de preconceitos. Bem, até pode ser que os haja, mas não me fazem sentir mal. **Paula, 73 anos, transsexual, II 605 – 640**

(...) Quando vim para aqui, a minha irmã foi falar com a senhora Diretora, e sem eu querer ou ter opinião sobre o assunto, ela disse-lhe que eu era homossexual, sem me avisar ou perguntar sequer. Não é que eu fosse esconder, quer dizer, se calhar, não sei, mas tinha de ser uma decisão minha, não dela. E claro que fiquei logo assustado. Sempre se ouviu falar de como os velhos eram tratados, quanto mais os gays. O que é que eu ia fazer à minha vida? Iam maltratar-me? Ia ser desrespeitado, humilhado, posto de parte? E quem é que me ajudava? Estava sozinho. Sei lá, passou-me tudo pela cabeça. Porque ainda para cima, estando mais dependente, porque como estou numa cadeira de rodas tenho de depender mais dos outros para certas coisas, mas estando mais dependente, saberem que eu sou homossexual... e se fossem preconceituosos, homofóbicos ou odiosos ou fosse o que fosse, iam fazer-me mal? (...) os próprios velhos são intoleráveis face a essas coisas, não aceitam. Podem fingir que não se importam porque apenas têm medo de arranjar confusão, mas são raros aqueles que realmente não se importam com isso. Há que perceber também que eram outros tempos, por isso também têm outras cabeças, mas ainda assim é complicado. Não era uma decisão que lhe cabia. (...) mas afinal os meus medos não precisavam de ser assim tão fortes. Quando o processo de entrada ficou concluído, se assinou tudo e se tratou de tudo, a minha irmã foi-se embora e a senhora Diretora quis falar comigo, só nós dois. Pensei logo que aquilo ia dar merda (...) Pensei que ia advertir-me logo ou pôr-me no lugar, sei lá, passou-me tudo pela cabeça. Mas afinal não tinha razões para isso. Afinal a senhora Diretora era uma pessoa aberta e compreensiva e falou comigo abertamente sobre o que eu sentia, sobre a minha situação, pela minha versão da história, sobre os meus medos, sobre o que é que eu esperava encontrar, sobre as maneiras de agir e pensar das pessoas que ali estavam e trabalhavam, como eram os outros utentes em relação a esse tema... Ham... Ah! E que havia



outro senhor que era homossexual também, mais velho que eu, mas que sabia que isso não queria dizer nada, apenas para eu saber e sentir que não era diferente ali, não era o único, mas que pronto, era como tudo, que podíamos nem nos dar bem, quanto mais surgir dali algo... Bom, tudo isso. **Manuel, 66 anos, homossexual, II 322 – 351**

Até aqui os nossos entrevistados passaram por diversas situações que os obrigaram a recorrer a diferentes estratégias. Seja por exposição involuntária, derivada de familiares, amigos ou colegas, seja por exposição voluntária, em que se decidiram assumir a alguém em específico ou no geral, os nossos entrevistados tentaram sempre resolver a situação da melhor maneira e “dar a volta por cima”, tanto no caso das situações mais negativas, como das situações mais positivas, tentando adaptarem-se às reações e consequências que daí resultassem. Atente-se nos restantes relatos dos outros casos de exposição da orientação sexual:

(...) finalmente sinto a minha sorte a mudar, devido a uma pessoa que me ajudou como um anjo, a Diretora desta instituição. Para mim é o meu anjo. Devo-lhe muito. Desde o momento em que lhe contei a minha história, o que sou, como me sinto, como queria ser vista... tudo! Foi impecável! Até agora tem sido tudo muito pacato. Noto alguma renitência e reserva das pessoas que trabalham diretamente comigo, que me ajudam, que me “servem”, que me fazem seja o que for, noto que há cautela, que há cuidado e receio comigo, como se tivessem medo de eu passar seja o que for só pelo ar, ou pronto... Mas sim, há de haver sempre algum preconceito, mesmo que não queiram transparece-lo, mas há. Sempre. Ainda para mais sendo eu a transsexual cá do sítio. Passei a ter de me vestir de forma mais masculina, mas dentro do meu quarto posso estar vestida como quiser. Combinámos isso porque há muita gente velha aqui e são suscetíveis a essas coisas, por isso resguardo o meu verdadeiro ser e querer ser para a minha privacidade do quarto. Aí posso estar vestida de mulher, ser mulher, e passar os meus tempos livres ou na cama ou no cadeirão/sofá a ler, mas cá fora não posso andar assim. Posso até passar mais tempo no quarto do que os outros por causa disso. Foi esse o acordo. Principalmente para não criar problema nem preconceitos nem nada do género. Acedi porque também não quero viver mais na rua. Foi um meio termos e todos temos o que queremos e precisamos de algum modo. Foi melhor assim. E felizmente não tenho tido assim... ham... vá, problemas. (...) Continuo a ser a mulher-homem, homem em público, mulher em privado, ainda que quisesse ser sempre mulher em cem por cento do tempo e ser reconhecida pelos outros como tal, mas pronto, como te disse, foi o meio-termo que se arranjou para a condição de eu ficar aqui, algo que eu queria muito, porque não queria voltar para a rua. Se voltasse, sei que não duraria muito tempo a voltar a entrar na vida que tinha, na droga e na prostituição, e não queria isso para mim outra vez. (...) E acho que me sinto verdadeiramente feliz aqui. Com este meio-termo todos temos o que queremos e finalmente tenho um teto sobre a minha cabeça, comida, higiene, privacidade, respeito dentro do possível, tratamento de uma doença que nem sabia ter... Não, prefiro assim realmente. **Maria, 62 anos, transsexual, II 534 – 567**

(...) agora somos só nós dois. E não ponderamos a entrada de mais ninguém na relação. Nesta fase, para nós pelo menos, já não faz tanto sentido procurarmos pessoas para integrarem a nossa relação. Já somos dois há muitos anos, porque ficámos juntos, só nós dois, desde essa altura, desde o fim dessa relação, e por isso não justifica arranjar-se outro elemento para tal. Conhecemo-nos demasiado bem para necessitarmos de outro elemento para apimentar, ou seja o que for, a nossa relação. Agora namoramos os dois, bastante até, e aproveitamos ao máximo a vida, vivemos ao máximo e namoramos ao máximo. Sei lá eu quando vou morrer. Até lá aproveitamos para viver na nossa casinha, os dois, o melhor que podermos! (...) Algo assim num lar... uma coisa dessas dificilmente é bem aceite no mundo de adultos aqui fora, quanto mais num lar onde há mais mentes conservadoras e preconceituosas que sabe Deus o que lhes passa pela cabeça! Acho que não seria possível manter-se essa vida num lar. Tínhamos que mudar quem somos! Não, seria muito complicado! E fosse homem ou fosse mulher! Uma relação poliamorosa implica sempre haver mais do que dois elementos numa relação, pelo que isso já uma coisa fora da normalidade, e que já mexe muito com as mentes das outras pessoas e portanto, já cria comichões, quanto mais agora ser uma relação só de três homens, ou só de três mulheres, ou de não sei quantos homens e não sei de quantos mulheres! Isso é uma coisa que é pouco vista, que é muito condenável, que é mal vista pelos que estão de fora! **Joaquim, 75 anos, homossexual, II 307 – 420**

(...) Tivemos uma conversa final, em que ele me disse que não podia esperar mais por mim, que eu me decidisse pela minha felicidade – ele – ou pela minha obrigação – os meus filhos –, e que tinha conhecido outra pessoa, que essa pessoa gostava muito dele e que queria começar uma relação com ele, mas que ele ainda me amava e que aquela era a nossa última oportunidade de ficarmos juntos se eu assim quisesse. Claro que a minha decisão está à vista, uma vez que não ‘tou com ele. Ele acabou por refazer a vida dele, e olhe, ainda hoje está com essa pessoa. Eu, pronto, é o que se vê. Promessas são promessas, porque prometi aos meus filhos que “deixava de ser gay” por eles... mas que saudades tenho de uma noite de pezinhos quentes a meu lado. Tive que abdicar da minha felicidade pelos meus filhos, pelo mais velho, para poder continuar a viver com ele e não ir para um lar, e pelo mais novo, para tentar fazermos as pazes. Olhe, não é que deixe de ser eu, gay, mas apenas está escondido. Está inativo, adormecido. Mas pelos meus filhos, para os compensar o que passaram, faço-o. **Mário, 71 anos, homossexual, II 483 – 496**

(...) Sei que se me acontecer algo, se não ficar bem da cabeça ou se ficar numa condição que precise de ajuda especializada... Pronto, se não houvesse outra solução... A decisão teria sempre de ser minha. Mas se por algum motivo não puder decidir, se não estiver em condições para o fazer... Bom... Sei que poderia confiar na minha mulher para decidir por mim. Desde o escolher um lar no melhor possível, no salvaguardar-me na minha intimidade... Tudo. Ela conhece-me bem, às vezes até demais, para saber o que eu queria que fosse feito se eu não pudesse decidir. Por isso, a decisão seria sempre minha, mas... e no máximo, vá, também da minha mulher. Mais do que isso não. Bem, mas também já não existe mais ninguém que pudesse tomar essa decisão por mim, vendo bem as coisas... (...) Se realmente tivesse de ir, em último caso... Pronto, a localização acho que teria de ser num sítio que gostasse, mas isso ainda era ao menos, porque só

teria amigos para me visitarem, porque como lhe disse, família já não tenho. Ham... os valores... Sim, teria de ser algo que fosse bom, que me agradasse nas suas condições e nos seus serviços prestados, no pessoal trabalhador... Algo que não fosse demasiado caro para poder ter algum dinheiro para mim ainda, para o que quisesse, mas que desse para ser algo bom. Não sei bem como é que isso funciona, mas penso que seja algo do género de darmos parte do nosso dinheiro para a mensalidade, não é? Pois, não sei, deve ser algo assim. Por isso... lá está... Não sei se daria para algum tipo de lar privado ou assim, não sei como é que isso funciona, nem mensalidades, nem as diferenças em si, mas tenho a ideia de que um lar privado deve ser melhor, mais... mais parecido com uma casa, não sei, não faço ideia. Parto do princípio de que se se paga mais, é porque deve de poder ter e oferecer mais condições a quem lá está... Creio eu, lá está. Ham... a orientação sexual, sim, pois... aí não lhe sei responder, porque acho que não conseguiria não ser eu mesma! Mas também não sei o que é ter de viver em segredo, oprimida, com medo, ser humilhada... Não sei o que isso é, a verdade é essa! Durante toda a minha vida sempre foi uma coisa pela qual mal passei! Aliás, sempre me assumi, sempre tive muito amor e carinho! Sempre tive os meus pais que sempre lutaram comigo e por mim! (...) Não sei o que isso é, mas a minha mulher sabe. Não a sujeitaria a passar por isso de novo. Nem eu queria saber o que é afinal passar por isso, muito menos no meu fim de vida, nesta altura e fase da minha vida. Não faz qualquer sentido. **Isabel, 69 anos, lésbica, II 342 – 379**

(...) Eu sou de um tempo que sei o que se fazia às pessoas que eram gays, bissexuais, lésbicas, transsexuais, tudo isso. É que estas pessoas sempre existiram, desde sempre, desde o início da espécie humana que houve pessoas assim, agora, a sua divulgação é que foi sempre diferente. Por isso... Eu assisti ao evoluir disto. Sei que muita coisa mudou, mas não é o suficiente. Vivi rodeado de héteros a minha vida toda, tive de agir como um quase quarenta anos, e agora ia pôr-me num lar rodeado de mais não sei quantos héteros, provavelmente mais nenhum como eu, e sofrer mais opressão? Mais perseguição? Mais medo? Esconder-me mais anos? Assumir-me e achar que ia ser amado por tudo e por todos? Eu bem sei as histórias que ouvi, os casos que aconteceram, os casos que fomos averiguar em que depois as pessoas mentiam a dizer que não tinha sido nada porque tinham medo de assumir, de contar, e depois ainda levarem mais. Não, eu sei bem o que não quero, e isso é uma das coisas que não quero. Não o faria. **António, 60 anos, homossexual, II 336 – 347**

O medo de se exporem e a exposição involuntária levou a que os indivíduos recorressem a estratégias para se defenderem das situações em questão, no que diz respeito à exposição destes. Destacamos aqui quatro casos (entrevistados Francisco, Paula, Manuel e Maria), que tanto se expuseram por opção própria, como foram expostos por terceiros, no que diz respeito à sua orientação sexual, nas instituições em que passaram a residir, em que as experiências acabaram por se revelar positivas. Do outro lado, em vez de se depararem com discriminação, humilhação, perseguição, desrespeito, intolerância, entre outros sentimentos e ações esperadas, acabaram por se

deparar antes com compreensão, tolerância, carinho, apoio, e naturalização dessa temática perante toda a instituição, ainda que possivelmente fosse exercida de maneira diferente pelas diversas entidades dos lares (desde as funcionárias, os utentes, a administração, o pessoal técnico, o corpo médico, entre outros).

Através desta forma de atuação, estes indivíduos passaram a deter outras representações acerca da institucionalização e dos lares em si. Independentemente do que sentiam e das representações que detinham relativamente a esta temática, bem como os receios ou traumas, construídos durante o decorrer das suas vidas, com o vivenciar destas experiências positivas, essas representações passam a ser influenciadas, agora noutro sentido para além do negativo. A visão sobre os lares passa agora a ser menos pejorativa e encarada como uma boa escolha, onde se encontram felizes e respeitados.

À parte destes quatro casos que se revelaram positivamente influenciados, os restantes cinco continuam a não encará-los de forma positiva. Estas cinco pessoas vivem nos seus domicílios e expressam as suas preocupações no sentido da perda de liberdade, no medo da intolerância, na perda de privacidade, e na perda de intimidade, rejeitando qualquer hipótese de ingresso livre numa instituição, se não em último caso. Juntamente com a ideia de perda da própria essência, da erradicação do *eu*, da renúncia à sua orientação sexual, também a ideia da inexistência da intimidade/sexualidade continua a conferir-lhes um caráter depreciativo, dado que, para os nossos entrevistados, a intimidade/sexualidade revelou ter algum peso, pelo que a possível privação desta opção remete à ideia de opressão e de renúncia da vontade individual.

## **5. A importância da privacidade e da intimidade para a sexualidade**

Durante as entrevistas, esta temática foi também abordada, para tentarmos compreender que peso é que esta dimensão teria nas vidas dos nossos entrevistados. Apesar de termos três casos em que a sexualidade não é vivida (entrevistados Ana, Maria e Mário), pelo menos nesta fase, estes reconhecem que não o é por escolha própria, mas sim por acontecimentos do passado que os marcaram e os fizeram decidir pôr completamente essa opção de parte. No entanto, os mesmos conferem importância a esta dimensão da vida do ser humano. Nos restantes casos, os entrevistados afirmam manter prática sexual, uns a solo, outros a par com o(s) seus(s) companheiro(s), uns com mais frequência, outros com menos, algo que associam à condição de saúde, à

privacidade concedida, e ao facto de terem uma orientação sexual LGBT, algo que julgam dificultar ainda mais as suas vivências sexuais. Notemos os seguintes excertos:

(...) não me considero velho. Ou sequer acabado. Por isso sim, acho que tenho direito a ter um espaço onde possa ter a minha intimidade quando queira. E vou ser honesto. Na verdade já conheci uma pessoa aqui, e já há quase um ano que estamos juntos. Quer dizer, juntos, juntos não, porque ele não é assumido. (...) não temos assim uma relação do estilo... mesmo namorados, daqueles que estão sempre juntos, que vivem juntos e assim, não é como as relações que já tive, que mencionei ainda há pouco. Nós é mais... vamos estando juntos... vamos namorando, e... e... ham... e olhe, vamos colmatando as necessidades um do outro, não só sexuais, mas num todo, ‘tá a perceber? Estamos a conhecer-nos com muita calma, muita paciência, muita compreensão e muito... vá, muito... prazer! E isso era uma coisa que mantinha na minha vida fora daqui, o namorar, o relacionar-me com um outro ser, não só intimamente mas a todo um nível geral... Não gosto de estar sozinho. E aqui fazia questão de manter isso aqui também, porque vim para aqui mais para socializar, para conhecer pessoas novas, lá está, para não estar sozinho! (...) tem alguma importância pelo menos. Sei que há pessoas que não vivem sem sexo e também sei que há pessoas que vivem totalmente sem ele, mas eu acho que posso dizer que estou no meio. No meio é que está a virtude, não é verdade? Não, mas sim, eu... pronto, gosto de... ham... de ter os meus momentos de prazer, seja sozinho, que também faz falta sabermos conhecer-nos, não é, como acompanhado, que é totalmente diferente. E sim, pronto, para mim tem alguma importância, sim, e faço questão de... enquanto conseguir não é, manter-me ativo sexualmente. Faz-me bem, faz bem namorar, estar intimamente com outra pessoa, conhecê-la, estar naquela fase de sedução, ver tudo isso crescer e tornar-se numa coisa bonita. Faz-me sentir bem, faz-me sentir feliz, preenchido por dentro. É uma parte das nossas vidas, como tantas outras, não é? (...) no início dos nossos encontros, quando tínhamos aquela vontade de estarmos juntos, eu vinha para o quarto primeiro, e vínhamos para o meu quarto porque o meu é de individual, o dele é partilhado com outra pessoa, e então sempre que queríamos vínhamos para o meu. Mas sim, vinha à frente dele, deixava a porta semiaberta com uma camisa pendurada do lado de dentro da porta, em que do lado de fora dava para ver as mangas penduradas, ‘tá a ver, e então esse era o meu sinal de que ele já podia entrar quando quisesse. **Francisco, 76 anos, bissexual, II 269 – 383**

(...) é assim, a sexualidade não, porque é opção pessoal, porque por tudo o que sofri acho que não vou encontrar mais o amor, pelo menos ninguém que me faça sentir vontade de ter intimidade com alguém... Fechei-me de vez para esse campo. Mas sim, claro que essa opção também seria válida. Qualquer pessoa, seja praticante sexual ou não, mais ou menos frequente, com homens, mulheres, seja o que for, tem o direito de decidir se quer ou não ter relações. Pode até nem querer, como eu, mas tem de ter essa opção, entende? Isso tem que ser uma opção. (...) Mas bem, lá está, eu fechei-me para essa possibilidade, mas há quem não se tenha fechado, e tem de ser dada essa opção, e tem de ser respeitada e assegurada com condições de segurança. **Ana, 82 anos, lésbica, II 867 – 916**

(...) sinto que não tenho de me condicionar a nada. Que posso ser quem quero ser, e mesmo com o meu marido, estamos à vontade, se quisermos andar de mão dada, se quisermos trocar umas carícias, uns beijinhos, estamos à vontade, ou se quisermos ter privacidade no quarto também temos. Está a ver? Aqui não sou a mulher que era um homem, que é gay porque casou com um homem, que também se torna gay por ter casado com uma mulher que foi homem! Sou eu, a [nome pessoal] e apenas a [nome pessoal], uma mulher que é vista como tendo sido sempre mulher, que casou com um homem e que se amam, que gostam de estar juntos, de namorar, e são absolutamente normais. E isso para mim é muito importante. E mesmo ao nível da nossa privacidade, respeitam muito, e acho isso fabuloso! (...) se não tivesse tido o mínimo de privacidade possível em nova, nunca poderia ter explorado esse meu lado. Nunca poderia ter percebido o que sei com tanta clareza atualmente. Por isso sim, para mim a privacidade é um aspeto que tem de ser prezado e respeitado, e que também teve peso na escolha de virmos para aqui. É preciso que seja respeitada. E quem diz privacidade diz intimidade. Por exemplo, eu no meu caso ainda mantenho relações sexuais com o meu marido, e gosto de saber que posso estar à vontade no meu quarto com ele sem termos de fazer tudo a correr, a não ser que isso seja mesmo uma opção nossa. Não há necessidade disso, há que haver respeito pelo espaço e intimidade do outro. E aqui felizmente prezam o respeito pelos residentes, ninguém entra no nosso apartamento a não ser que seja dada permissão por nós, e acho que mesmo o pessoal da instituição está preparada para aceitar a ideia de haver relações sexuais entre o pessoal residente, porque até Viagra têm disponível para requisição, por isso... E preservativos também! **Paula, 73 anos, transsexual, Il 696 – 724**

(...) encontrei aqui um novo amor. E aqui posso ter a minha relação, pudemo-nos assumir, dizer o que somos, e ser feliz. (...) Curiosamente demo-nos logo bem. Começamos a falar mais vezes, depois todos os dias, sobre o que vivemos, como vivemos, as coisas que passámos por causa da nossa orientação sexual, a questão do choque, as famílias, os amigos, os trabalhos como foram afetados, as relações que tivemos, as intimidades com os outros, eu até lhe contei sobre o me esforçar a estar com raparigas, (...) e fomo-nos aproximando. Acabámos por criar um carinho um com o outro e ainda que houvesse desejo, ham, ao nível sexual, sim, mas ainda que houvesse, era aquele sentimento de carinho, de ternura, que se notava, sabe? Acho que já passei aqueles anos de paixões loucas e avassaladoras, que mal se dorme com o desejo de se estar com o outro, que mal se respira, que não se tem fome, que se sonha acordado... essas coisas de adolescência. Agora ainda há desejo sexual, mas sinto que estou noutra fase da minha vida. Sinto que estou mais calmo, que quero mais é a companhia, a presença do outro, o ser amado, o não estar só, o ter alguém com quem partilhar o dia-a-dia, ter aquilo que acabei por não ter antes, porque ou era muito jovem, e podia haver sentimentos assim, mas era tudo mais carnal, ou era tudo relações mais fugazes que não permitem solidificar esses sentimentos. (...) Não é que a vontade seja assim menos frequente... Quer dizer, sinto necessidade de fazer menos vezes, mas as que faço já não são movidas pelas hormonas da adolescência, em que queremos fazer com tudo e com todos. Aqui nesta fase... são movidas pela vontade certa do coração, do amor, do querer estar com aquela pessoa porque a amamos e queremos amá-la de forma ainda mais especial naquele

momento, de forma mais intensa. Lá está, queremos ‘fazer o amor’. (...) é engraçado porque sei que não costuma acontecer no lares, mas... Ou melhor, expressei-me mal. O que quero dizer é que existe, portanto, nos lares existe, ou seja, os utentes, que há pessoas de todas as idades, muitos ainda sentem o mesmo que eu, uns mais, outros menos, e acredite que sei, porque vejo-o aqui, mas muitos têm medo, e outros nem noção têm, mas muitos têm medo! Medo de serem gozados, medo de serem maltratados, medo da rejeição do companheiro depois ou antes... e isto seja pelas pessoas que vivem aqui, seja pelos que trabalham aqui. **Manuel, 66 anos, homossexual, II 379 – 417**

(...) A partir do momento em que fui forçada a ter sexo, na prisão, deixei de procurar sexo. Desde essa altura que não voltei a ter uma única relação sexual. Nem tenho interesse para isso. Fiquei com um trauma muito grande e não consigo sequer pensar em voltar a estar intimamente com ninguém. Não consigo, pura e simplesmente não consigo. (...) Vivo a minha vida, não quero mais parceiro nenhum, e não digo que não possa acontecer daqui uns anos, talvez, encontrar alguém que faça valer a pena, mas não quero. Por tudo o que passei, por ter HIV, por tudo o que isso implica... Por tudo mesmo. É uma complicação tremenda, tudo o que esta porcaria envolve. Os cuidados, os tratamentos, as medicações, as pessoas, tudo. Não, não quero mais nada disso, prefiro não ter mais ninguém e viver sossegada na minha vida, com os meus livros. Já basta as preocupações que tenho em tentar recompor minimamente tudo isto com as possíveis pessoas infetadas, fora as que não consigo contactar e que não sei nada delas, e que sei que será impossível avisar todos, porque até eu não me lembro de muitos, quanto mais, mas pronto, quanto mais agora também ainda me preocupar com questões amorosas. Não, não quero nada disso. Já basta ter de cuidar também do meu dia-a-dia aqui no lar, ainda por cima que foi o único que me deu a mão. (...) Estou sempre com medo de infetar mais alguém, de ser maltratada, de ser humilhada uma vez mais, de ser perseguida, de piorar... por isso intimidade sexual não creio vir a ter. **Maria, 62 anos, transsexual, II 497 – 521**

Até aqui o que podemos notar é que os nossos entrevistados passaram por um misto de situações, tanto positivas como negativas, que os condicionaram na forma de encarar a necessidade de sexualidade ao nível pessoal. Situações de maus-tratos, violência física e psicológica, humilhação, violações intermináveis, doenças sexualmente transmissíveis, proibição familiar, coerção e perseguição, entre outras, estão presentes entre as experiências mais negativas vivenciadas pelos nossos entrevistados. Para os que passaram por estas situações marcantes, negativas e profundas, a necessidade sexual foi posta de parte. Para estes, estas experiências foram de tal forma violentas que os levaram a decidir que a sexualidade ao nível pessoal não interessava mais, pois nada de bom traria para além do sofrimento e do reavivar das memórias que querem esquecer (exemplo de Maria, que foi violada diversas vezes e que contraiu HIV, ou de Mário que foi proibido pelos filhos de ter relações com outros

homens, ou ainda de Ana, que foi humilhada, traída, arrastada para uma relação a três sem saber e forçada a fazer sexo quando não tinha vontade, ainda que não encare como violação). Contudo, para estes nossos entrevistados, a sexualidade continua a ter importância, conferindo-lhe um papel fundamental na vida e no bem-estar do ser humano (para quem assim o entender), apenas não para eles próprios.

Nos restantes casos, as experiências revelaram-se mais positivas e não tão marcantes, pelo menos no sentido negativo. De facto, por terem vivido experiências positivas ao longo das suas vidas, por terem experienciado momentos mais intensos, estes continuam a atribuir importância à sexualidade nesta fase de velhice, ainda que uns mais do que outros, naturalmente. Com diferentes frequências, com diferentes intensidades, e com diferentes parceiros, a sexualidade continua manifestar-se na vida destes seniores que, agora mais do que nunca, necessitam e prezam a sua intimidade e privacidade para se sentirem satisfeitos, onde a orientação sexual continua a pesar, principalmente num lar.

(...) quero e faço questão de continuar a namorar, e muito, a usufruir, a viajar, a viver bem, e a partilhar tudo com o meu companheiro. Estamos juntos desde a nossa relação a quatro e por isso... Claro que a sexualidade continua a ter muito peso. Foi o meu companheiro desde sempre, e sempre tivemos uma sexualidade muito forte, muito ativa, muito intensa. Tanto ele como eu. E repare, praticamente tudo que aprendi, foi com ele, não é? (...) descobri tudo pela primeira vez, que aprendi tudo, que aprendi como amar outro homem. E mantemo-nos juntos até hoje. Por isso sim, para mim mantém-se como uma coisa importante, e creio que se há de manter sempre, porque o sentimento é muito forte. **Joaquim, 75 anos, homossexual, II 433 – 445**

(...) Eu vivo para mim. E para os meus filhos, mas é diferente. A gente quando quer ter alguma intimidade e não podemos, viramo-nos para a nossa satisfação, pronto. É normal, no meu caso então há muito tempo que não tenho ninguém. Desde esse rapaz, desde que acabamos a nossa relação. A intimidade faz falta, começa a pesar ao fim de tanto tempo de solidão. (...) tem, claro que tem importância. Privei-me por respeito e promessa aos meus filhos. A frequência desapareceu não é, por causa de tudo isto que lhe disse, da promessa de não ter mais ninguém, mas claro que faz falta na mesma. Não sei como é que são as outras pessoas, mas eu sinto saudades de ter intimidade, essa intimidade, com quem nos faz feliz e sentir bem. Claro que é importante. Faz parte da gente, do ser humano, não é? Pronto, para mim é importante. Mas não tendo outras pessoas, olhe, foco-me em mim. **Mário, 71 anos, homossexual, II 499 – 511**

(...) A nossa intimidade é muito importante para mim. Sem dúvida. Para nós, aliás. Nós gostamos muito de namorar, e... ham... pronto, manter a nossa sexualidade viva. Faz sentido para nós, somos o amor da vida uma da outra, queremos sempre estar juntas, queremos manter a nossa faísca acesa. Não está bem a ver, nós quando estamos juntas, a atração física, as faíscas



que soltamos, são completamente visíveis a olho nu. O desejo que temos uma pela outra é completamente notório. Todas as pessoas que estão connosco dizem-nos sempre o mesmo. Por isso... não sei, não sei o que lhe diga. Sei que a sexualidade vai variando com a idade, com as fases das nossas vidas, com o que vamos passando, mas acho que a nossa... muito honestamente... acho que se tem mantido igual. Talvez até melhor, porque agora, e com o passar dos anos, conseguimos ir aprofundando o conhecimento do corpo uma da outra e... pronto... sabemos o que cada uma gosta mais, o que queremos... Esse tipo de coisas. Não lhe digo que faça todos os dias, porque há dias que temos coisas para fazer (...) não, não vou ser hipócrita e dizer que sim, porque não faço, mas.... Mas fazemos muito frequentemente, sim, isso sim. Por isso sim, é um fator para nós, seria algo que pesaria muito também se fosse para um lar... Lá está, primeiro tinha que ter a minha mulher comigo, e depois... Pronto, gostaria de ter o meu quarto, o meu espaço, a minha casa de banho, a minha zona de refeições, a minha privacidade... Gostava de poder até estar de mãos dadas com a minha mulher, apenas isso, sem resultar em opressão ou conflito por parte das outras pessoas, quanto mais conseguir ter privacidade para poder fazer amor! Não sei se isso seria possível, se dá para as pessoas terem a sua privacidade, terem o seu quatinho como casais, estarem juntas sem serem interrompidas ou.... Não sei. Mas no meu caso sei que gostaria de poder ter um espaço só meu e da minha mulher, sermos respeitadas por sermos como somos, e podermos estar juntas nesse sentido. Nesse e em todos. Não sei como funciona, mas eu pelo menos gostaria de que fosse assim, no mínimo... **Isabel, 69 anos, lésbica, II 383 – 410**

(...) É assim, não vou ser aqui todo politicamente correto... Ham... O sexo faz falta. É importante para nós, pessoas e animais. Não é só para a reprodução, como a igreja ensina, percebe, claro que também é importante para isso, mas também é para o prazer, para sermos felizes, para nos satisfazermos. Eu... Ham... Para mim tem importância. Continua a ter importância, mesmo não tendo relações mais frequentes ou mais sérias, ou mais duradouras, seja. Serve-me para ter relações casuais, para ir satisfazendo a vontade de estar com alguém, a necessidade de sentir a proximidade do outro, do toque, do calor do corpo... Mas sim, já não faço com tanta frequência, mas também nunca fiz assim muito. Fazia poucas vezes com a minha mulher, como disfarce e por obrigação (...) Depois tive a relação com o meu amante, que aí sim, fiz muitas vezes, tantas quanto pude, até a relação der dado para o torto, mas também valeu o que valeu. Valeu mais por ter sido o meu primeiro em tudo, a começar pela entrada no mundo homossexual. Teve mais peso por aí. E depois pronto, fui tendo relações mais casuais depois desse desgosto. Mas claro, o sexo tem sempre importância. É claro que se calhar para mim tem mais importância do que para outras pessoas, ou menos, em comparação a outras pessoas, mas tem sempre. E para mim não é exceção. É algo que nos faz sentir bem, bem no geral, connosco próprios também, mas pronto, cada um é como é. Ham... E sim, num lar também é uma coisa que faz falta. As pessoas que vivem num lar têm diversas idades, não são só pessoas a morrer de velhice. E mesmo assim continua a haver essa necessidade. Eu tenho sessenta anos, caminho para o aumento da idade, e não me vejo a perder o interesse nesse sentido. Posso se calhar não fazer com tanta frequência, ou não conseguir fazer sozinho e precisar da ajuda de um ou outro

medicamento, gel, pomadas, tudo o que vai existindo para melhorar a vida sexual de uma pessoa, seja de que idade for, e posso se calhar até já não fazer sexo da mesma maneira que fazia quando era mais novo, que de certeza que isso vai mudar, mas sei que a sexualidade continua a ter importância nessa fase da nossa vida. Não é por estarmos velhos, mais velhos a cada dia que passa, que vamos perder tudo a que temos direito, que vamos obrigatoriamente perder o interesse em tudo aquilo que nos faz felizes. **António, 60 anos, homossexual, II 388 – 421**

Como pudemos observar, portanto, a sexualidade na velhice, ainda que possa diminuir na sua frequência, ainda revelou manter algum peso e importância na vida dos entrevistados. De acordo com os mesmos, a vontade sexual, é uma componente que faz parte do ser humano e que é normal manifestar-se em diferentes fases da vida, mesmo na velhice, e não só na juventude. O desejo, a atração, a sedução, a intimidade, os carinhos, as trocas de carícias, ou o simples dar as mãos, continuam a fazer parte do seu quotidiano nesta fase das suas vidas. Para alguns dos nossos entrevistados, a importância da privacidade acresce precisamente por haver necessidade de momentos de intimidade, seja a sós ou com o(s) parceiros(s), embora não se cinja completamente a esta razão, o que declaram não ser fácil numa velhice heterossexual, e muito menos numa velhice LGBT, em que tais comportamentos são encarados com maior estranheza.

A preocupação surge pelo receio de, ao ingressarem um lar de velhice, perderem o direito a esta privacidade/intimidade, ideia que vigora sobre as instituições, de acordo com os mesmos, e não terem liberdade para ou manterem as relações que trazem da vida não institucional (no caso dos casais que entrem em conjunto numa instituição), ou para encontrarem alguém novo dentro da vida institucional com quem possam criar uma nova relação, caso surja oportunidade. Esta ideia de proibição, ainda que visível em algumas instituições, não é aplicável a todas. No caso dos entrevistados Francisco, Paula e Manuel, as instituições revelam uma atitude diferente, sendo que para além de permitirem e compreenderem, ainda promovem a compreensão e naturalização dessa componente entre os trabalhadores e os utentes.

### **5.1 Comportamentos sexuais de risco**

Pela importância que os nossos entrevistados revelaram atribuir à sexualidade, decidimos também questioná-los acerca das suas noções relativamente aos comportamentos sexuais de risco. Uma vez que algumas instituições não permitem este contato, ou as que permitem por vezes não estão preparadas para lidar com esta matéria,

acaba por não se promover uma intimidade segura para aqueles que assim o desejam concretizar. Dentro das instituições que visitamos para entrevistarmos os nossos entrevistados, reparámos que, tirando a instituição onde reside a terceira entrevistada, não existem campanhas de segurança (ou as que existem são insuficientes) no que diz respeito à sexualidade na velhice, ações de promoção de métodos contraceptivos seguros, informação esclarecedora no que diz respeito a esta temática. Não é que tal não exista dentro da instituição, mas quando abordados sobre esta temática, obtivemos poucas respostas. Esta ausência de informação acaba, por sua vez, por contribuir para que, quando os seniores desejam ter momentos de intimidade, muitas vezes às escondidas, que acabem por se submeter a comportamentos sexuais de risco, desvalorizando o peso das doenças sexualmente transmissíveis (DST), como o HIV, a gonorreia, a herpes genital (não só genital), a candidíase, entre outras. Atente-se nos seguintes testemunhos:

(...) estamos no meu quarto, sem qualquer problema, e se alguém entrar a meio é porque me esqueci de fechar a porta, ou porque entrou sem bater, sem autorização para entrar, porque só entram se eu deixar. E se entrar sem autorização, se fez isso, de certeza que da próxima bate, depois de ver o que viu! Mas não, por acaso comigo nunca aconteceu nada assim desse tipo, e também não o permito, e é importante deixarmos logo essas barreiras explícitas desde início. Isso de se ter de fazer amor tudo muito rápido, sem se preparar nada... não, acho que temos de nos precaver e preparar tudo! Tudo com segurança porque estamos velhos mas não estamos mortos, não estamos acabados! Mas no dia que acontecer, exijo medidas, então!? **Francisco, 76 anos, bissexual, II 481 – 489**

(...) Como profissional da área de saúde tinha mesmo que ter essas noções, não é? Olha agora o que era eu incentivar duas pessoas a exprimirem a sua sexualidade, a instigar ao amor, e depois não lhes dar condições de segurança para isso? A verdade é que nós não conhecemos as pessoas, nem as que temos ao nosso lado, e às vezes uma vida inteira, quanto mais! Já viu o que era agora promover relações sexuais sem segurança, e algum apanhar uma DST? E depois? E se depois ainda passassem a mais alguém? Olhe o que eu fazia à minha vida? E à dos outros, claro! Não, não, não! Tudo com segurança! Se é para haver, que seja com segurança! E eu que o diga, que hoje estamos com alguém que nos quer muito, que somos tudo para essa pessoa, e logo a seguir somos abandonados, porque os parceiros ou as parceiras depois andam com este e com aquele, e depois somos deixados com uma DST nas mãos. Felizmente não me foi o caso, porque me protegi sempre, mas poderia não ter protegido e olhe, sabe Deus o que poderia ser. Era mais uma para o meu historial médico. Sim, porque no calor do amor e do momento dizemos que sim a quase tudo, e depois é que são elas. (...)nunca conhecemos quem temos a nosso lado. Porque já viu, nós lá ainda tivemos relações e provavelmente ela já andava metida sexualmente com o outro e comigo ao mesmo tempo. Sei lá eu como é que o outro tem as relações dele! Se se protege, se não, quantas parceiras teve, se passou algo à minha companheira na altura... já viu,

se não me protegesse, corria sempre um grande risco sem necessidade! Não, não acho que valha a pena correr esses riscos. E é que enquanto enfermeira vi cada coisa... Tratei de muitas DST's, e bem vi o horror que aquilo era, de aspeto, de tratamento, de embaraço, de dor, de tudo... não há necessidade, não é? (...) Mas pronto, isso também é lá com a vida de cada um, por isso... Cada um sabe de si, e Deus sabe de todos, não é o que se costuma dizer? Pois muito bem. **Ana, 82 anos, lésbica, II 919 – 956**

(...) eu no meu caso ainda mantenho relações sexuais com o meu marido (...) e acho que mesmo o pessoal da instituição está preparada para aceitar a ideia de haver relações sexuais entre o pessoal residente, porque até Viagra têm disponível para requisição, por isso... E preservativos também! É verdade, já me passava essa! Nós atualmente já não usamos tanto, somos companheiro há 30 anos e sempre tivemos uma relação monógama, e enquanto mulher também só estive com ele, pelo que também fizemos exames na altura e estava tudo bem e acabámos por deixar de usar tanto, mas sei que é muito importante e que deve ser um item que nunca deve faltar nas relações, a verdade é essa. Mas acho que quando se está há tanto tempo junto como estamos, que se passou pelo que nós passámos, que só queremos e estivemos um com o outro... começa a não fazer tanto sentido. Ainda por cima eu também não posso engravidar, por isso... Mas pronto, temos noção de que há riscos, mas nós somos precavidos e aqui também há precauções à venda para quem quiser! **Paula, 73 anos, transsexual, II 716 – 733**

(...) Bem, é assim, primeiro... ham, eu não acredito em relações sexuais com vários parceiros ao mesmo tempo, ou seja, eu e o [nome do companheiro], que é o meu companheiro, só estamos um com o outro, mas sim, ham, sei que isso não chega, até porque não sabemos quem já tivemos na vida um do outro, mas sim, sou honesto e assumo que nem sempre usamos. É verdade. Ham... Por vezes conseguimos comprar ou pedimos aqui, que se pedirmos comprem-nos, mas sai do nosso bolso, mas pronto, comprem, mas por vezes quando não há... olhe, nesses momento acabou por não dar para esperar e não se usou. Por isso é assim, é um misto. Tenho noção que existem doenças, que há essas coisas todas, que não acontecem só aos outros, mas por vezes pensamos: “Ah, é só desta vez! Também não faz mal nenhum, já estamos juntos há algum tempo e só estamos um com o outro.” E pronto, acabamos por não usar. Mas eu sei que é um erro. Mas também olhe, já está, já está. Até agora ainda não morri, e quando morrer, sei que agora fui feliz. **Manuel, 66 anos, homossexual, II 492 – 504**

(...) Pronto, quando foi ou onde não sei, mas quando este lar me aceitou, depois de ter dado a conhecer a minha história e de ter tratado de tudo para ficar aqui, tive de fazer exames, principalmente para garantir a veracidade da minha história de estar limpa da droga, e tudo mais, e nesses exames descobri que tinha contraído HIV. Lá está, quando e onde ou com quem, não sei, não faço ideia, porque fosse nas festas que ia, nas noitadas que tinha e que fazia, na prostituição, na droga ou na prisão, ham, das vezes que fui forçada a ter sexo, ham, nem sempre tive cuidado. Nem sempre tive sexo protegido. Fosse pela droga que me toldava o juízo do que deveria fazer ou não, para me proteger a mim, e mesmo os outros, mas principalmente a mim, ou fosse por, sei lá, pela excitação que me fizesse ficar cega e esquecer as proteções... E pronto, não

acontece só aos outros. Infelizmente, aconteceu-me a mim. Não é que desejasse aos outros, mas também não o queria para mim. E agora sei lá quem é que me passou e a quem é que eu passei. A quem pude e consegui, contactei e falei, falei e disse o que se passava, para fazerem exames... claro que criei o caos, e tenho criado porque ainda contacto pessoas, tento fazê-lo, mas não é fácil. Nem encontrar as pessoas, nem dar as notícias. Mas também, ainda que tenha vergonha, sei que tenho de o fazer. Principalmente para evitar o contágio e o espalhar da doença. Eu não sabia que tinha. Muitos que também têm se calhar também não sabem. Por isso tenho que fazer o meu papel e lutar para tentar controlar um pouco essa disseminação desenfreada da doença. Ainda por cima HIV... meu Deus... Em jovem não quis saber, só descobri em quase velha, e olhe, agora sim, tenho noção dos riscos porque os vivo na pele. **Maria, 62 anos, transsexual, II 473 – 494**

Até aqui podemos notar que os nossos entrevistados revelam deter noções sobre os comportamentos sexuais de risco. Apesar de terem esses conhecimentos, confessaram ter tido pouco cuidado em algum momento das suas vidas. Fosse por descuido, fosse por inconsciência, fosse por influência, fosse por desvalorização, fosse por vergonha de comprar métodos contraceptivos, fosse por necessidade de reprodução ou por viverem relações polígamas sem consciência num momento inicial, acabaram por praticar sexo desprotegido e exporem-se aos perigos que daí possam advir.

De tal é exemplo o caso de Maria que, antes de ter sido violada, também confessou não ter tido cuidado nas relações sexuais que tinha. Quando começou a consumir droga e a prostituir-se, aceitava fazer sexo de qualquer forma para poder lucrar mais, o que a levou a expor-se ainda mais aos perigos do sexo desprotegido, mesmo tendo conhecimento destes. Posteriormente, foi presa e aí violada diversas vezes, pelo que não tem a certeza do momento de contágio da doença sexualmente transmissível de que foi alvo, nem a certeza da pessoa que lho possa ter passado, nem mesmo de quantas pessoas pode ter ela infetado posteriormente. Atualmente, e longe de uma vida de drogas e prostituição, por ter noção dos perigos em primeira mão, pôs a prática sexual de parte e valoriza imenso a proteção neste campo, incentivando outros.

Portanto, o que podemos destacar até aqui é que os nossos entrevistados têm, de facto, conhecimento sobre as práticas sexuais e os comportamentos sexuais de risco, sabendo o que devem fazer para se proteger. Contudo, por diversos motivos, como foram acima mencionados, e em diferentes momentos das suas vidas, nem sempre insistiram nessa proteção. Quando confrontados com as possíveis consequências, foram invadidos por uma sensação de preocupação e medo. Esta falta de cuidado, no entanto, ainda se verifica nesta fase de velhice, seja por vergonha de pedir contraceptivos, seja por

receio de serem julgados ou humilhados, o que potencia uma maior disseminação de doenças sexualmente transmissíveis. Atentemos ainda nos restantes casos:

(...) sei que os riscos existem. Eu com a minha mulher, aliás, ex-mulher, usei sempre preservativo, tivemos sempre precaução, até percebermos que queríamos ser pais e que éramos exclusivos. Aí deixamos de usar precauções. Mas por exemplo, quando descobri que ela estava envolvida com o terceiro elemento, por acaso a grande preocupação que tive foi se ela usava proteção, não só porque não queria que o filho que queríamos ter fosse de outra pessoa, como também não queria depois saber que tinha apanhado alguma doença que fosse por causa deles. Na altura exigi fazermos exames a tudo nesse sentido, para descobrir se ela tinha sido sincera quando me disse que tinha usado sempre proteção, e para saber se estava eu mesmo salvaguardado nesse sentido. Os exames chegaram, e deram todos normais, ou seja, nenhum de nós tinha contraído nada em termos de doenças. Depois quando se decidiu que o terceiro elemento iria juntar-se a nós na relação, ou seja, o meu atual companheiro, desde essa altura, também ele se submeteu a exames para se tirar tudo a limpo e se garantir que não haveria surpresas nenhuma depois para nós. Os resultados vieram e também deram todos como normais, dentro do expectável. Ainda assim, decidimos usar sempre preservativos entre nós, porque foi mesmo uma exigência minha. Porque é assim, se de dois passamos a três inesperadamente, então qualquer um poderia acabar por se envolver com outro qualquer e haver desproteção nesses momentos. Logo, assim estaríamos sempre protegidos dentro da nossa relação. Ou seja, como entre nós os três usávamos sempre preservativo, a não ser eu e a minha mulher quando era para engravidar, assim estaríamos sempre precavidos se tivesse havido algum deslize por parte de algum de nós com outra pessoa qualquer. E ainda bem que assim foi, porque assim sempre nos protegemos fielmente. E pronto, depois quando apareceu o quarto elemento repetimos o processo todo. Todos fizemos exames, nós os quatro, e continuamos a usar preservativo entre todos. Depois, pelo menos anualmente fazíamos sempre exames de rotina para garantir que todos estávamos bem de saúde e que não seríamos riscos uns para os outros. Aliás, ainda agora, com o [nome do companheiro], continuamos a fazer isso. Usamos preservativo, ainda que seja honesto e haja algumas vezes que passem esquecidas, tenho que dar a mão à palmatória, e também continuamos a fazer exames anualmente para garantirmos a nossa saúde. (...) Mas tentámos e tentamos sempre ter esse cuidado. **Joaquim, 75 anos, homossexual, II 448 – 480**

(...) Sim, oh, a gente sempre teve cuidado. Quer dizer, houve algumas vezes que não usámos proteção. Mas isto porque toda a gente sabia ali da vida uns dos outros. Se eu fosse à farmácia ali da zona, se fosse comprar preservativos, logo a seguir ou ao fim do dia, já se sabia que eu tinha comprado. Depois se não usasse com a minha mulher, havia falatório. E isso sabia-se porque bastava alguém ir ter com ela e perguntar se a noite tinha sido boa, como chegou a acontecer, ou ela ir depois à farmácia comprar remédios para os putos e depois perguntarem-lhe se ela tinha gostado dos preservativos que eu tinha levado, se tinha sido uma boa noite. (...) As pessoas daqueles meios sabem tudo, falam de tudo, têm de saber da vida de todos. (...) tive de passar a comprar fora ali da zona, onde não me conhecessem, para poder comprar sem ser apanhado e

falado por isso. E comprava logo algumas embalagens, dentro do possível, para evitar também ter de justificar as voltas extras e longas dali. Porra, que ali tudo se sabia e se falava. Mas pronto, quando dava, usávamos, quando não dava, não usávamos. Mas também só tínhamos relações os dois um com o outro (...). **Mário, 71 anos, homossexual, II 516 – 539**

(...) eu tenho noção, sim, de que existem doenças sexualmente transmissíveis, de que há muita porcaria prontinha a ser passada uns pelos outros, sim... mas... Ham... Bem, não sei se sabe, existem preservativos femininos. Existem já há uns vinte e poucos anos, se não estou em erro... Mas pronto, nem sempre era fácil encontrar-se um, ou nem sempre dava tempo de se usar, ou às vezes havia vergonha de se usar ou mesmo de se ir comprar... Por isso, sim, eu tenho noção sim, dos riscos, do que existe, dos cuidados a ter... Pronto, sempre fiz o melhor que pude, sempre usei o melhor que encontrei e pude usar, e sempre tive cuidados com as minhas parceiras todas. Mas pronto, houve vezes que... ham... pronto, devia ter tido mais cuidado. Percebe, não é? Ham... Mas também com a minha mulher já estamos juntas há trinta e quatro anos, já não tivemos mais parceiras desde aí, e também só temos uma relação as duas, por isso... Sei que uma relação monógama ajuda na diminuição do contágio de doenças, mas que mesmo assim é preciso haver cuidado, mas pronto, acho que quando se está há tanto tempo numa relação como nós, da maneira que nós estamos, que vivemos mesmo uma para a outra... Esses cuidados ficaram um bocado de parte... Ham... Mas pronto, sim, tenho noção de que há riscos, de que há doenças, de que há também pessoas maldosas que sabem que têm doenças e que fazem questão de não usar proteção quando têm relações sexuais com outras pessoas... (...) Nós no nosso grupo de amigos não os julgamos, porque não somos ninguém para o fazer, não somos melhores nem piores, mas lá está, é aquele tal pensamento de que só acontece aos outros. Mas que mesmo assim, quando temos casos mesmo à frente do nosso nariz, que às vezes nos puxam para a noção da realidade, e ainda assim não temos sempre tanto cuidado como deveríamos ter... Mas tenho noção sim. Plenamente. **Isabel, 69 anos, lésbica, II 413 – 445**

(...) Comportamentos sexuais de risco? Ham... Sim, sei o que isso é, sim. Claro que sim. A ideia que tenho foi das coisas que vi e soube através dos anos, ao longo dos anos que vivi e fui tendo relações, que fui conhecendo pessoas e as suas histórias... Eu com o meu amante tive relações sempre protegidas, mas com a minha mulher não tinha. Por sua vez, a minha mulher não teve relações protegidas com nenhum dos dois, fazia coito interrompido, porque o preservativo provoca-lhe irritações na área genital. Ham... Portanto, acabava por não ficar protegido à mesma. Depois de saber disso fui fazer exames, em pânico, não é, porque nessa altura ouvia-se muito falar em doenças passadas pelo sexo, altamente contagiosas e resistentes, como a Sida, havia um grande número de casos de Sida que começavam a ser cada vez mais falados, e começou-se a ver o que é que isso provocava, não é, mortes lentas, dolorosas, em que qualquer pessoa olhava para nós e sabia logo que estávamos doentes, porque era uma coisa visível de aspeto, e era terrível. (...) Muita coisa mudou. E isso acho que ainda se torna mais um risco. É uma doença que antes era visível, que antes se dava para nos fazer aperceber que a outra pessoa não estaria bem de algum modo. Isso evitava que houvesse sexo até, quanto mais desprotegido ou não. Mas agora não, agora não é tanto assim. As pessoas atualmente podem ter Sida e

aparentarem ser pessoas minimamente saudáveis. Tornou-se numa doença invisível, silenciosa, muda, que ninguém dá conta a não ser que saiba já que a tem, ou que se tenha mesmo precauções para evitar uma coisa dessas. Na pior das hipóteses, acontece como aconteceu comigo, que me protegia de um modo mas não me protegia do outro. Com ele, ele tinha sempre proteção e usávamos proteção para estarmos juntos sexualmente, mas com a minha mulher não, porque ela ficava naquele estado, como lhe disse. Portanto, acabei por ficar desprotegido à mesma. Felizmente não aconteceu nada, mas nunca mais repeti o erro. Fiquei tão assustado que nunca mais fiz relação alguma sem proteção que fosse, ainda por cima depois do surto que houve nessa altura. Não me pus a jeito mais vez nenhuma por ninguém. Por isso... ham... sim, tenho noção do que são comportamentos sexuais de risco, e foi através da minha história, da minha própria experiência, que obtive a minha noção acerca desse tema, para além claro das notícias, dos filmes, de tudo isso que ia surgindo ao longo dos tempos. Tentei precaver-me o melhor que pude depois de ter passado pelo susto durante uma época de surtos desses tipos de doenças, principalmente entre homossexuais. Posso dizer que depois de um lapso, aprendi a minha lição.

**António, 60 anos, homossexual, II 511 – 551**

Após a observação dos testemunhos supracitados, podemos concluir que está em causa a importância de se adotar segurança na sexualidade, não só durante a velhice, mas em todo o decorrer da vida. Todavia, na fase da velhice, esta é vivida de forma diferente, o que pode levar a que não exista tanto esclarecimento relativamente a este assunto. A propagação de DST, neste sentido, adquire uma preocupação importante. De acordo Queiroz *et al.*, dá-se um grande impacto da presença de diversos sentimentos, por exemplo, tanto do medo como da ansiedade na qualidade de vida nos indivíduos que portam DST, especialmente HIV. Esses sentimentos estão intimamente relacionados com o diagnóstico do HIV e à expressão dos seus relacionamentos afetivo-sexuais, ainda que, face aos avanços na terapia antirretroviral, a infeção pelo HIV ainda seja representada como uma doença estigmatizada, mortal e digna de medo. Tal medo restringe as formas de relações afetivo-sexuais, enclausurando a sexualidade motivada pelo medo de exposição, gerando um tipo de distanciamento forçado, angústias, repressão e sentimentos de negação. (Queiroz *et al.*, 2017:1060)

## **5.2 A sombra do HIV**

No caso dos nossos entrevistados, e como já mencionado, a Maria é portadora de HIV, a qual afirma ter agora noção dos comportamentos sexuais de risco, que em jovem não teve, mas que tenta alertar os que a rodeiam para essa preocupação. Ainda que atualmente a doença não se manifeste como na década de 80 e 90, esta continua a existir



e a propagar-se por existir uma desvalorização face aos cuidados durante relações sexuais. Ainda que o acesso à medicação antirretroviral tenha vindo a aumentar e ainda que esta tenha proporcionado uma alteração na perceção sobre a doença (o status do HIV passou de doença fatal para uma condição de saúde crónica), uma pessoa que seja detentora desta condição atualmente ainda sofre com o estigma/preconceito acerca da mesma em diversas áreas da sua vida, ainda mais se for uma pessoa LGBT. O acesso ao tratamento, aliado à terapia antirretroviral e à ampliação da oferta do diagnóstico têm provocado impactos na qualidade de vida das pessoas portadoras desta doença. Tal leva a que haja um aumento no tempo de vida dos indivíduos, à queda da mortalidade (tão observada nos anos 80 e 90), ao aumento da expectativa de vida e à ressignificação de projetos futuros. (Queiroz *et al.*, 2017:1057)

De acordo com os autores Queiroz *et al.* (2017:1057), conviver com o HIV exige mais do que apenas o tratamento da doença – as pessoas que são portadoras do HIV têm de lidar constantemente com problemas transdisciplinares que envolvem sintomas depressivos, estigma, discriminação e os efeitos adversos do regime terapêutico. Conjuntamente, os preconceitos face à orientação sexual mantêm a sua expressão, uma vez que o HIV continua a ser um grave problema no quotidiano dos homossexuais. De facto, a população LGBT, principalmente os elementos masculinos, ainda carregam a representação social dessa doença, o que os leva a sofrer estigmas e preconceitos.

De realçar que, devido à construção histórica da doença no meio LGBT, essa condição causa uma maior estranheza entre pessoas heterossexuais que, antes de se infetarem, julgavam não correr risco, dado não serem homossexuais. O aumento do estigma e do preconceito em muito se associam a este aspeto. Daí que, quando ocorria um caso de infeção num indivíduo heterossexual, houvesse preocupação/necessidade de se manter em sigilo o seu diagnóstico, como forma de preservar a sua identidade pessoal, social e perante o constructo da família. Actualmente, já é possível observar uma certa transformação deste tipo de pensamento, ainda que se mantenha o preconceito e o estigma, afetando estas a qualidade de vida dos indivíduos detentores desta condição, especialmente se pertencerem ao meio LGBT.

De acordo com os autores Emlet *et al.*, o HIV é cada vez mais reconhecido como uma doença que afeta os seniores. Tal deve-se ao facto destes seniores permanecerem sexualmente ativos e recorrerem a um uso inconsistente do preservativo, apesar da infeção do HIV. Assim, a atividade sexual e o comportamento sexual em risco entre

adultos mais velhos tornou-se numa fonte comum de novas infeções de HIV (Emlet *et al.*, 2013:963-964), traduzindo-se numa preocupação adicional no que diz respeito a receio do estigma e da discriminação pelos outros face à pessoa portadora da doença.

Em conjunto, todos estes fatores pesam nas mentes dos entrevistados – medo de perda de liberdade, opressão, perda de privacidade, perda de intimidade, importância da sexualidade no dia-a-dia, noção dos comportamentos sexuais de risco, viver sobre regras de outrem, etc. –, aludindo às representações negativas (e algumas positivas) que estes portam no que diz respeito às instituições de velhice. Consequentemente, estas representações levam à rejeição de uma possível institucionalização ou, em caso de tal, uma provável renúncia à sua orientação sexual / sexualidade devido ao medo do que possa advir da tomada de decisão de exposição perante o outro.

## **6. Nove realidades: Contrastes e semelhanças**

De acordo com o quadro de entrevistados, e com as entrevistas com foco nos relatos das histórias de vida que conosco foram partilhadas, podemos observar que entre estas existem diferenças e semelhanças, que as afastam e as aproximam umas das outras. Do mesmo modo que diferem entre si pelas suas singularidades, pelas suas características que as tornam em histórias únicas, ao mesmo tempo assemelham-se pelos momentos similares que os nossos entrevistados passaram e exprimiram durante a obtenção destes dados.

Algo que é importante destacar a esse nível, desde já, neste «balanço» é de que todos têm uma orientação sexual não heterossexual, mas que apresentam perfis (de género, de capital escolar, de trajetória de vida, de classe social, etc.) muito diversificados. Por outro lado, a condição sexual é um marcador poderoso no modo como a velhice é narrada e representada, assim como nas fragilidades demonstradas, o que a torna, por vezes, como um ponto em comum mais poderoso que a classe social.

Posteriormente, se atentarmos nos momentos decorridos ao longo das vidas dos entrevistados, podemos igualmente fazer esta observação. Nos momentos vividos durante as suas infâncias, os entrevistados revelaram todos ter experienciado uma infância e crescimento conturbado, com problemas familiares, com negação, com intolerância, com agressões físicas e psicológicas e com humilhação, aquando da revelação das suas orientações sexuais, à exceção da entrevistada Isabel. Esta última,

dentro dos nossos casos, foi única que revelou ter tido uma infância e crescimento repleto de apoio, compreensão, tolerância e carinho por parte dos seus pais.

Estas relações familiares atribuladas levaram a que alguns dos parentes mais próximos dos nossos entrevistados (como pais, filhos ou irmãos/irmãs) os tentassem “curar” da sua orientação sexual – “*Praying to heal someone of their sexual identity*”<sup>22</sup>. Para o alcançarem, por vezes através da humilhação e da invasão de privacidade, expuseram-nos a pessoas alheias aos seus círculos de confiança, retirando-lhes o poder de decisão no que diz respeito à exposição das suas orientações sexuais. Para alguns dos nossos entrevistados, de acordo com as suas histórias, se estes já apresentavam dificuldade em assumir a sua preferência sexual e em ter relações com alguém da mesma orientação sexual (nalguns casos já bem tardia), esta exposição involuntária transforma-se num duro golpe no que concerne às suas privacidades e decisões.

Do mesmo modo, as constantes partilhas de histórias alheias sobre outras pessoas LGBT, das notícias dos *mass media* sobre acontecimentos que envolvam a temática LGBT, as ameaças e agressões por parte do outro (nestes casos, familiares, amigos e desconhecidos), moldaram, durante os seus crescimentos, as suas noções sobre aquilo que acham que devem rejeitar ou não no mundo que os rodeia. Tal ainda é visível nas suas velhices, pela forma como encaram as instituições de velhice – grande parte das representações dos nossos entrevistados provieram dos *mass media* e das referidas histórias partilhadas pelos familiares /amigos, estas maioritariamente negativas, sobre a forma como as pessoas LGBT eram tratadas nestas instituições. As representações que obtiveram sobre estas, ainda que pudessem ser verdadeiras, foram associadas a ideias de medo, discriminação, intolerância, agressões, humilhação, entre outras, conferindo assim uma representação maioritariamente negativa sobre estas instituições. Ainda que estas representações pudessem não se materializar, esta imagem predomina em cinco dos nossos entrevistados.

Os quatro casos que sobram (Francisco, Paula, Manuel e Maria) partilham o inverso, leia-se, uma imagem positiva sobre as instituições. Estas noções, inicialmente, foram construídas de igual modo aos entrevistados anteriores, com a diferença de que, na velhice, através da experiência própria (não só, mas principalmente), essas

---

<sup>22</sup> Conclusões de um programa piloto que recorreu a consultores comunitários LGBT na Inglaterra: “*Developing inclusive environments for older lesbian, gay, bisexual and trans (LGBT) people in care homes: Findings from a pilot scheme using LGBT Community Advisors in England*”.

representações negativas que detinham anteriormente, foram desconstruídas, dando lugar a uma noção positiva das mesmas. Destes quatro casos, dois associaram o poder económico à melhoria destas representações, no sentido em que investiram em instituições privadas com características de luxo, alegando sentirem-se como se residissem no seu próprio domicílio. Os outros dois casos, por sua vez, associaram à melhoria destas representações o fator *ajuda*, no sentido em que foram estas instituições em que agora residem que os ajudaram em momentos difíceis das suas vidas, a fazê-los sentirem-se felizes e livres para exprimirem as suas orientações sexuais sem receio.

De acordo com estas representações negativas, influenciados por estas – excetuando os quatro casos referidos em que estas representações são positivas –, os nossos entrevistados revelaram, assim, renitência numa possível institucionalização. Para estes, esta hipótese ocorreria em último lugar e, de acordo com as suas estratégias de exposição numa situação desse tipo, prefeririam ocultar a sua orientação sexual, por sentirem medo das consequências que daí pudessem advir, receio de lidar com as dificuldades que os rodeiam. Nos casos das representações positivas, em que os entrevistados residem em instituições, as suas estratégias de exposição da orientação sexual não passam pela ocultação, mas sim pelo assumir e pela naturalização desta, revelando-se satisfeitos com o ato.

Outro ponto que podemos observar nestas nove entrevistas com foco nas histórias de vida passa pela sexualidade e pela importância que esta tem para os mesmos. Apesar de ter mais importância para uns do que para outros, esta foi reconhecida como uma componente do bem-estar do ser humano, a qual adquire uma expansão do seu significado na velhice. Para todos os entrevistados, este teve e/ou tem expressão nas suas vidas e a forma como se protegeram e/ou protegem também se equipara. Todos os entrevistados revelaram ter tido comportamentos sexuais de risco em diversas fases das suas vidas, promovidos por alguma desvalorização destes, ainda que em alguns momentos se tentassem proteger e tivessem noção dos perigos respetivos desta temática. Também aqui o peso da orientação sexual se manifesta. Ter-se uma doença sexualmente transmissível, como o HIV, que por si só já confere um certo estigma ao indivíduo em questão, e ainda ser-se LGBT (ao qual a doença é comumente associada) e sénior, traduz-se em experiências mais delicadas, que influenciaram as suas representações, do qual é o maior exemplo a história de vida da entrevistada Maria, portadora de HIV.

Portanto, com estas nove histórias de vida, o que podemos notar é que o peso da orientação sexual na velhice não pesa somente nessa fase. Pesa sim, desde o momento do crescimento dos entrevistados, desde o momento em que assumem para si próprios a sua orientação sexual, a qual vai pesando de diferentes formas durante toda a vida, e que se vai traduzindo em medos, desafios, dificuldades experiências marcantes (seja positiva ou negativamente). A forma como esta influencia o crescimento e a maturação do indivíduo vai, assim, influenciar a forma como este escolherá agir e interagir na velhice, de forma a procurar proteger-se mais, ou dar-se mais, de acordo com as suas representações face ao que os rodeiam, obtidas pelo que vivenciou anteriormente. Dentro destas experiências mais positivas ou mais negativas, os indivíduos, portanto, afastam-se e aproximam-se uns dos outros consoante as suas vivências e representações, caracterizando tantos outros casos que com estes se identifiquem.

## VII – CONCLUSÃO

Através das histórias de vida que foram gentilmente partilhadas connosco, podemos chegar à conclusão de que existem algumas áreas alusivas ao envelhecimento LGBT que são necessárias colmatar, segundo as considerações dos nossos entrevistados. Desde já, há que notar que estamos a visibilizar públicos que apresentam vulnerabilidades muito singulares e que estão relativamente invisíveis no campo das políticas e problemas públicos – os seniores LGBT. É justamente neste sentido que interessa, então, levar a sério as abordagens qualitativas como histórias e relatos de vida para se (re)pensar as políticas, os dispositivos e as dinâmicas de intervenção, chegar-se à raiz do problema e corrigi-lo. Tal inclui repensar também o funcionamento das instituições.

As latentes faltas de apoio especializados no envelhecimento LGBT revelam ser outra área que necessita de ser explorada e melhorada de acordo com as necessidades dos seniores LGBT, estas principalmente sentidas ao nível das instituições de velhice e das associações. São, então, necessárias inovações políticas para se garantir a colmatação dessas necessidades: *“Policy innovations are needed to ensure accessibility to services and information as well as to the development and integration of innovative preventive health initiatives. To support such efforts, there must be greater opportunities for LGBT older adults, as consumers, to be actively involved on boards and commissions that plan and develop services and programs.”* (Fredriksen-Goldsen &

Espinoza, 2014-15:103) – destaca-se, neste sentido, a importância de políticas e de medidas que corrijam estas falhas.

A falta de lares LGBT ou de associações LGBT para seniores leva a uma sensação de maior desamparo, pois os indivíduos sentem-se pouco apoiados para exprimirem livremente a sua orientação sexual durante todos os momentos das suas vidas, sem terem que renunciar à sua orientação sexual/sexualidade em momento algum – problema destacado pela associação Opus Gay, com o projeto *Envelhecer Fora do Armário*. Para reduzir a fragmentação existente, então, os prestadores de cuidados de saúde, os investigadores, os defensores e os decisores políticos devem trabalhar a todos os níveis para garantirem um acesso simplificado e uma melhor integração dos cuidados. Ambas as intervenções, a montante e a jusante, que promovem a prevenção e o bem-estar das pessoas LGBT durante toda a vida são, assim, necessárias.

As doenças sexualmente transmissíveis e as noções de comportamentos sexuais de risco revelam ser outra área que precisa de atenção. Há que se combater a desvalorização dos comportamentos sexuais desprotegidos, bem como a falta de informação a este respeito: *“Thus, the continued improvement of primary and secondary prevention strategies for older G/B men is critical to improved public health. The relationships between intrapersonal and psychological processes such as stress and internalized stigma, and how they interact with behavioral processes, such as utilization of health care, and interpersonal processes, including enacted stigma, will need to continue to evolve in the coming years. How society views and accepts older adults who are sexual minorities and living with HIV and the societal influence of public policy need to remain key public health issues to support the treatment and prevention of HIV among older adults.”* (Emlet *et al.*, 2015: 17) A atenção a este assunto torna-se também urgente, portanto, alertando-nos para a falta de apoios nesse sentido.

A falta de campanhas informativas e de sensibilização sobre os perigos dos comportamentos sexuais de risco nesta fase da vida de um indivíduo leva a que haja uma frequente desvalorização das ações neste sentido. Estas também são, muitas vezes, motivadas pelo constrangimento ou pelo embaraço de procurarem informação sobre esta temática ou de falarem com alguém para lhes providenciarem meios contracetivos – exemplificando, no caso de o indivíduo residir numa instituição, pedir a outro utente com quem se sente mais à vontade, ou a algum membro do pessoal técnico que saiba

que pode confiar, ou no caso de residir no domicílio, pedir ajudar a algum familiar ou a algum amigo que se mostre disponível a compreender e a ajudar nesse sentido.

A vergonha de se exporem ao demonstrarem interesse em manter a prática sexual ou a existência do desejo perante o outro, com o receio da exposição, por vezes motivada por experiências de diminuição, humilhação ou infantilização destes indivíduos por demonstrarem esse interesse, ainda mais agravado pela orientação sexual, promove, assim, a facilitação desse comportamentos sexuais de risco, uma vez que os indivíduos preferem evitar sentimentos como constrangimento, embaraço, humilhação, incompreensão, entre outros, e praticarem relações sexuais desprotegidas do que pedirem apoio nesse sentido. Esta revelou também ser, portanto, uma temática que necessita de atenção essencialmente por parte das instituições e das associações.

Do mesmo modo, durante o estudo tornou-se fundamental pensarmos igualmente na questão das desigualdades sociais que estes indivíduos sentem, para além da esfera estrita das desigualdades de recursos socioeconómicos, como é o caso das desigualdades existenciais, segundo explicita Therborn. As desigualdades existenciais, segundo o autor, traduzem-se no desigual reconhecimento dos indivíduos humanos enquanto pessoas. Focam, neste sentido, desigualdades resultantes de opressões e restrições à liberdade individual e/ou coletiva, às discriminações, estigmatizações e humilhações. (Therborn, 2006: 7) De acordo com António Firmino da Costa, do mesmo modo, existem atualmente múltiplas versões dessas e de outras desigualdades existenciais, umas mais institucionalizadas, outras mais difusas socialmente. (Costa, 2012: 11)

Se atentarmos, então, nestas desigualdades, na falta de campanhas de sensibilização para os comportamentos sexuais de risco entre seniores LGBT (e não só), para as representações maioritariamente negativas associadas às instituições de velhice devido ao peso que a orientação sexual de um indivíduo pode representar para este, podemos concluir que este é um problema que necessita de resolução em diversas frentes. Possivelmente, ao explorarmos estas questões, ao chegarmos ao fundo da questão daquilo que é sentido por estes indivíduos, que representam tantos outros, e poder-se-á propor soluções, políticas, dinâmicas e alternativas que vão de encontro ao necessário. Deste modo podemos atuar ainda a tempo de propor soluções para as gerações vindouras, de modo a que não tenham de passar pelos mesmos tipos de

problemas, transformando-se as configurações das instituições e da própria sociedade em si a este respeito.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**Almack**, Kathryn; Yip, Andrew; Seymour, Jane; Sargeant, Anita; Patterson, Anne; e Makita, Meiko. (2015) *The Last Outing: exploring end of life experiences and care needs in the lives of older LGBT people*. Marie Curie Research Programme, 2012-2014 - Final report, March.

**Amado**, Thaís da Silva. (2012) *Institucionalização da Pessoa Idosa: entre as condições familiares e direitos em construção*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina; Centro Sócio Económico; Departamento de Serviço Social. Florianópolis – SC.

**Areosa**, Sílvia Coutinho; Bevilacqua, Patrícia; Werner, Juliana. (2003) “Representações sociais do idoso que participa de grupos para terceira idade no município de Santa Cruz do Sul”. *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*. Porto Alegre, v.5, pp. 81-100.

**Balsa**, Casimiro, 2012, *Estado Poiético, Autopiesis e Agir Poiético – A coordenação em rede das políticas de desenvolvimento social em Portugal como instrumento de luta contra a pobreza* in Adilson Marques Gennari e Cristina Maria Pinto Albuquerque (Org), Políticas Públicas e Desigualdades Sociais – Debates e Práticas no Brasil e em Portugal, Ed Cultura Acadêmica, Série, Relações Internacionais e Mundo Contemporâneo, Capítulo, IV, S. Paulo.

**Birman J.** (1995) “Futuro de todos nós: temporalidade, memória e terceira idade na psicanálise”. In: Veras, R. *Terceira Idade: um envelhecimento digno para o cidadão do futuro*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; pp. 29-48.

**Brandão**, Ana M. (2007) *Entre a vida vivida e a vida contada: A história de vida como material primário de investigação sociológica*. In Configurações, n.º 3 pp. 83-106.

**Cabral**, M. V., Silva. P. A. da, Batista, M. T. (2016). *Envelhecimento em Lisboa, Portugal e Europa: uma perspectiva comparada*. Inquérito SHARE 2010-2011. Lisboa: ICS. Imprensa de Ciências Sociais.

**Camarano**, Ana Amélia; Kanso, Solange. (2010). “As instituições de longa permanência para idosos no Brasil”. *Revista Brasileira de Estudos da População*, vol.27 no.1 São Paulo Jan./June.

**Capucha**, Luís. (2005) “Envelhecimento e Políticas e Políticas Sociais: novos desafios aos sistemas de protecção. Protecção contra o “risco de velhice”: que risco?” *Sociologia, Problemas e Práticas*, XV, pp. 337-348.

**Costa**, António Firmino. (2012) “Desigualdades Globais”. *Sociologia, Problemas e Práticas*, n.º 68, pp. 9-32.

**Crenshaw**, Kimberle. (1994) “A Interseccionalidade na Discriminação de Raça e Género”, *Cruzamento: raça e género*, Paineil 1.

**Debert**, Guita e Brigeiro, Mauro. (2012) *Fronteiras de género e a sexualidade na Velhice*. Revista Brasileira de Ciências Sociais.

**Dionísio**, B. M. (2001) “Os Velhos ao espelho e o reflexo dos outros: imagens, percepções e atitudes em torno da velhice”. *Fórum Sociológico* n.º 5/6 (2ª Série), pp.241-255.

**Duarte**, Lidiane Mendes Nazareno. “O processo de institucionalização do idoso e as territorialidades: espaço como lugar?” *Estudos Interdisciplinares do Envelhecimento*. Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 201-217, 2014.

**Emlet**, Charles A.; Fredriksen-Goldsen, Karen I.; Kim, Hun-Jun; e Hoy-Ellis, Charles. (2015) “The Relationship Between Sexual Minority Stigma and Sexual Health Risk Behaviors Among HIV-Positive Older Gay and Bisexual Men”. *Journal of Applied Gerontology*, pp. 1 – 22.

**Emlet**, C. A., Fredriksen-Goldsen, K. I., & Kim, H. J. (2013) “Risk and protective factors associated with health-related quality of life among older gay and bisexual men living with HIV disease”. *The Gerontologist*, Vol. 53 No. 6, pp. 963–972.

**Erminda**, J. G. (1999) “Processo de Envelhecimento”. In: Costa, M. A. M.; et al. (Orgs.). *O Idoso: Problemas e Realidades*. Coimbra, PT: Formasau, pp. 41-50.

**Fernandes**, Ana. *Velhice e Sociedade. Demografia, Família e Políticas Sociais em Portugal*, Celta Editora, Oeiras. 1997.

**Fernandes**, Ana; Pinto, Paulo; Botelho, Maria. (2007) “Envelhecimento Activo e Estilos De Vida Saudáveis: O Exercício Físico”, *Fórum Sociológico*, nº17.

**Franco, Luísa.** (2004) “Um Processo de Problemática Social: as drogas no Diário de Notícias (1974/1993)”. *Sociologia, Problemas e Práticas*, nº 46, pp. 117-132.

**Fredriksen-Goldsen, Karen I., and Espinoza, Robert.** (2014–15) “Time for Transformation: Public Policy Must Change to Achieve Health Equity for LGBT Older Adults”. *Generations – Journal of the American Society on Aging*. Winter, Vol. 38, No. 4, 97–106.

**Freitas, M. C.; Queiroz, T. A.; Sousa, J. A. V.** (2010) “O significado da velhice e da experiência de envelhecer para os idosos”. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 44(2), pp. 407-412.

**Gamson, J., & Moon, D.** (2004) “The sociology of sexualities: queer and beyond”. *Annual Review of Sociology*, 30, pp. 47–64.

**Garnets, L.; Peplau, L.** (2006) “Sexuality in the lives of aging lesbian and bisexual women”. In: Kimmel, D.; Rose, T.; David, S. (ed.). *Lesbian, Gay, bisexual and transgender aging: research and clinical perspectives*. New York: Columbia University Press, pp.70-90.

**Godoy, Arilda S.** (1995) “Introdução à pesquisa qualitativa e as suas possibilidades”. In *Revista de Administração de Empresas*, v.35 n.2 Mar/Abril, pp.57-63.

**Goffman, Erving.** (2001) *Manicômios, Prisões e Conventos*. Tradução de Dante Moreira Leite. 7ª edição. São Paulo: Editora Perspectiva.

**Goldenberg, Mirian.** (2013) *A Bela Velhice*. Rio de Janeiro: Record.

**Gomes, Maria Inês Carvalho e Costa de Monteiro.** (2015) “Dispondo de si: Autonomia, género e envelhecimento nos quotidianos de saúde”. *Tese de Doutoramento em Sociologia*. Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.

**Guimarães, R. M.** (1997) *Ciência, tempo e vida*. Arquivos de Geriatria e Gerontologia.

**Hermano Projectos** – “Pensar o Trabalho, o Trabalho de Pensar”. *O Que É Uma Instituição*. Acedido a 03 de Junho de 2017. <https://hermanoprojetos.com/2016/04/08/o-que-e-uma-instituicao/>.

**Howlett, Michael; e Ramesh, M.** (1995) *Studying Public Policy: policy cycle and policy subsystems*. Canadá: Oxford University Press.

**Instituto Nacional de Estatística.** *População residente em Portugal com tendência para diminuição e envelhecimento*. Acedido a 01 de Abril de 2017. [https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_destaques&DESTAQUES\\_dest\\_boui=218629052&DESTAQUESmodo=2](https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUES_dest_boui=218629052&DESTAQUESmodo=2)

**Instituto Nacional de Estatística.** *Número de nados vivos abaixo de 83 mil – 2013*. Acedido a 01 de Abril de 2017. [https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_destaques&DESTAQUES\\_dest\\_boui=211422351&DESTAQUESmodo=2](https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUES_dest_boui=211422351&DESTAQUESmodo=2)

**International Institute for Applied Systems Analysis – Higher life expectancy could lead to slower aging**. Acedido a 11 de Junho de 2017. <http://www.iiasa.ac.at/web/home/about/news/150415-aging-life.html>

**Jornal de Negócios - Mais de metade dos portugueses teme não conseguir subsistir sem ajuda na velhice**. Acedido a 13 de Junho de 2017. [http://www.jornaldenegocios.pt/economia/detalhe/mais\\_de\\_metade\\_dos\\_portuguese\\_s\\_teme\\_nao\\_conseguir\\_subsistir\\_sem\\_ajuda\\_na\\_velhice](http://www.jornaldenegocios.pt/economia/detalhe/mais_de_metade_dos_portuguese_s_teme_nao_conseguir_subsistir_sem_ajuda_na_velhice)

**Jornal de Notícias - Reformados ricos passam à frente nos lares de IPSS**. Acedido a 13 de Junho de 2017. [http://www.jornaldenegocios.pt/economia/detalhe/reformados\\_ricos\\_passam\\_a\\_frente\\_nos\\_lares\\_de\\_ipss](http://www.jornaldenegocios.pt/economia/detalhe/reformados_ricos_passam_a_frente_nos_lares_de_ipss)

**José de Mello – Residências e Serviços. Residências assistidas garantem velhice de luxo**. Acedido a 04 de Junho de 2017. <http://www.jmellors.pt/velhice-de-luxo>

**Lima e Silva, V. X.; Marques, A. P. O.; e Lyra-da-Fonseca, J. L. C.** (2009) “Considerações sobre a sexualidade dos idosos nos textos gerontológicos”. *Revista Brasileira Geriátrica de Gerontologia*. Vol.12, n.2, pp. 295-303.

**Martuccelli, Danilo.** (2010) *La société singulariste*. Paris, Armand Colin.

**Mauritti, Rosário.** (2004) “Padrões de vida na velhice”. *Análise Social*, vol. XXXIX (171), 339-363.

**Mendes**, Felismina; **Marques**, M. C.; **Mendes**, João; **Lopes**, MJ. (2014) Introdução d' "As Representações Sociais do Envelhecimento Activo de Idosos e Profissionais" In **Lopes**, M.J.; **Mendes**, F.R.P. & **Silva**, A.O. (orgs). *Envelhecimento: Estudos e Perspectivas*. S. Paulo: Martinari.

**Merton**, Robert K. (2010). *Sociologia: Teoria e Estrutura*. São Paulo, Editora Mestre Jou.

**Minayo**, Maria C. S. (2010) *O desafio do conhecimento: Pesquisa Qualitativa na Saúde*. (12ª edição). São Paulo: Hucitec-Abrasco.

**Morris**, Desmond. (1997) *Intimate Behavior: A Zoologist Classic Study of Human Intimacy*. New York: Kodansha Globe.

**Netto**, Matheus Papaléo. (2002) "O estudo da velhice no séc. XX: histórico, definição do campo e termos básicos". In: **Freitas E.** et al. (Orgs) *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; pp. 2-12.

**Neves**, Helena M. F. (2012) "Causas e Consequências da Institucionalização de Idosos - Estudo tipo série de casos". *Dissertação de Mestrado*, Universidade da Beira Interior – Ciências da Saúde.

**Oliveira** F. B. M., **Queiroz** A. A. F. L. N., **Sousa** A. F. L., **Moura** M. E. B., **Reis** R. K. (2017) "Sexual orientation and quality of life of people living with HIV/Aids". *Revista Brasileira de Enfermagem*. 70(5):1004-10.

**Pais**, J. M. (2001) *Ganchos, tachos e biscates: jovens, trabalho e futuro*. Lisboa: Âmbar.

**Pereira**, Joana Raquel da Silva. (2015) "Humanizar o Habitar na Terceira Idade - Lar Casa de Magalhães". *Dissertação de Mestrado*. Universidade Fernando Pessoa, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Arquitectura e Urbanismo, Porto.

**Portal da Sociologia** - *O Conceito de "Interseccionalidade"*. Acedido a 13 de Junho de 2017. <http://www.sociologia.com.br/o-conceito-de-interseccionalidade/>.

**Portal da Sociologia** – *Instituições Sociais*. Acedido a 03 de Junho de 2017. <http://www.sociologia.com.br/as-instituicoes-sociais/>.

**Quivy**, Raymond e **Campenhoudt**, Luc Van. (1992) *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva. 4ª Ed., Outubro de 2005.

**Segurança Social** - *Manual de Processos-Chave do Lar Residencial*. Acedido a 13 de Junho de 2017. [http://www.seg-social.pt/documents/10152/13454/gqrs\\_lar\\_residencial\\_processos-Chave/flf50be0-d188-4016-8a5c-25cf3191da6a](http://www.seg-social.pt/documents/10152/13454/gqrs_lar_residencial_processos-Chave/flf50be0-d188-4016-8a5c-25cf3191da6a) .

**Simões**, Júlio Assis. (2011) “Corpo e sexualidade nas experiências de envelhecimento de homens gays em São Paulo”, in: *A Terceira Idade – Estudos sobre Envelhecimento* – Revista Electrónica – Serviço Social do Comércio (SESC). Edição n. 50, v. 22, Jul., pp. 07-19.

**Souza**, Celina. (2006) “Políticas Públicas: uma revisão da literatura”. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 8, nº 16, jul/dez, p. 20-45.

**Therborn**, Göran. (2006) “Meaning, mechanisms, patterns, and forces: an introduction”, in Göran Therborn (org.), *Inequalities of the World*, Londres, Verso, pp. 1-58.

**Toda Matéria** – Conteúdos Escolares Para Professores e Alunos. *Instituições Sociais*. Acedido a 03 de Junho de 2017. <https://www.todamateria.com.br/instituicoes-sociais/>.

## **ANEXOS**

**ANEXO 1 – MODELO UTILIZADO DE CONSENTIMENTO INFORMADO,  
ESCLARECIDO E LIVRE PARA PARTICIPAÇÃO EM ESTUDOS DE  
INVESTIGAÇÃO**

**Título do estudo:** O Outro Lado de Mim: O Peso da Orientação Sexual no Envelhecimento LGBT.

**Enquadramento:** Dissertação de Mestrado em Sociologia, Especialização em Políticas Públicas e Desigualdades Sociais, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.

**Explicação do estudo:** Trata-se de uma entrevista que tem em vista a temática do envelhecimento LGBT e do peso da orientação sexual no envelhecimento. Para tal serão abordados os seguintes temas principais: 1) Retrato de vida, percursos e trajetórias, 2) Perceções sobre as instituições, 3) Perspetiva sobre uma possível futura institucionalização ou sobre o quotidiano institucional, 4) Possível processo de «escolha», e 5) Sexualidade. Esta será realizada pessoalmente, sendo a mesma gravada com o consentimento do/a entrevistado/a, para posterior transcrição da informação e análise da mesma. Fica, desde já, garantida a destruição das gravações das entrevistas dois anos após a conclusão da dissertação e da sua apresentação.

**Condições e financiamento:** Este é um projeto que não implica financiamentos de terceiros. A participação neste projeto é de carácter voluntário e é possível desistir do mesmo assim que desejado, sem qualquer prejuízo.

**Confidencialidade e anonimato:** Este projeto garante a confidencialidade e o uso exclusivo dos dados recolhidos para a presente dissertação, prometendo igualmente anonimato do/a participante (não se regista os dados de identificação, seja dos entrevistados, seja da instituição em si). Garante-se que, em qualquer caso, a identificação dos participantes nunca será tornada pública; assegurando-se que todos os contactos serão feitos com tanta privacidade quanto possível.

**Responsável pelo Projeto:** Judite Beatriz Pais da Silva, aluna de Mestrado em Sociologia, Especialização em Políticas Públicas e Desigualdades Sociais, na Faculdade



de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa. [N.º de Telemóvel];  
[judite\\_silva\\_16@hotmail.com](mailto:judite_silva_16@hotmail.com)

Por favor, leia com atenção a seguinte informação. Se achar que algo está incorreto ou que não está claro, não hesite em solicitar mais informações. Se concorda com a proposta que lhe foi feita, queira assinar este documento.

**Assinatura/s de quem pede consentimento / aluna:**

---

Declaro ter lido e compreendido este documento, bem como as informações verbais que me foram fornecidas pela/s pessoa/s que acima assina/m. Foi-me garantida a possibilidade de, em qualquer altura, recusar participar neste estudo sem qualquer tipo de consequências. Desta forma, aceito participar neste estudo e permito a utilização dos dados que de forma voluntária forneço, confiando em que apenas serão utilizados para esta investigação e nas garantias de confidencialidade e anonimato que me são dadas pelo/a investigador/a.

**Nome:**

---

**Assinatura:** \_\_\_\_\_ **Data:** \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

ESTE DOCUMENTO É COMPOSTO DE 2 PÁGINA/S E FEITO EM DUPLICADO: UMA VIA PARA O/A INVESTIGADOR/A, OUTRA PARA A PESSOA QUE CONSENTE.

## ANEXO 2 – GUIÃO DAS ENTREVISTAS

### GUIÃO DE ENTREVISTA – INDIVÍDUOS INSTITUCIONALIZADOS

#### I – Retrato de vida, percursos e trajetórias

- a) no plano pessoal** (idade, género com que se identifica, orientação sexual com que se identifica, ...)
- b) no plano familiar** (estado civil: foi sempre solteiro/a? Casou, divorciou, enviuvou, união de facto, refez a vida, etc.; tem filhos? Qual o seu agregado familiar anterior: composição, vivia só?...)
- c) no plano escolar** (escolarização, graus académicos....)
- d) no plano profissional e situação atual** (carreira profissional, profissões ao longo da vida, situação atual ativa / inativa / reformada, fontes e tipo de rendimentos...)
- e) situação atual /saúde** (autónoma, independente/dependente, semiautónoma... avaliação subjetiva do estado de saúde).

#### II - Perceções sobre as instituições

- a) imagens, perceções, representações sobre as instituições** (positivas, negativas, neutras, públicas, privadas...)
- b) fontes para a construção dessas «imagens»** (*mass media*, experiências vividas por conhecidos/familiares, experiência própria, medos, ‘traumas’...)

#### III - O processo de «escolha» da institucionalização

- a) decisão individual, influência de outros / imposição** (quem?)
- b) fatores que influenciam** (condições económicas, condições físicas e mentais, tipo de instituição, proximidade geográfica, ideologia da instituição...)
- c) a orientação sexual** (peso/impacto no processo de escolha, ocultou ou não a orientação sexual...)

#### **IV - O cotidiano institucional**

- a) desafios, medos ou dificuldades** (experiências marcantes antes da e na instituição...)
- b) forma como vivencia o dia-a-dia** (esconde orientação sexual, condiciona comportamentos, mede o que diz e a quem diz, interage à vontade, isola-se...)
- c) restantes utentes e profissionais** (importância da formação do pessoal, forma como se lida com a orientação sexual: compreensão, humilhação, segregação, integração, medo, homofobia, heteronormatividade...)

#### **V – Sexualidade, privacidade e intimidade**

- a) importância da sexualidade** (interesse, necessidade, frequência...)
- b) respeito pela privacidade e intimidade** (estar à vontade no quarto quando e com quem quiser, restrições impostas pela instituição, força dos horários...)
- c) papel da instituição** (modos de agir: apoio, proteção, compreensão, respeito, humilhar / gozar com o interesse sexual, perseguir ou gerar preconceito...)
- d) comportamentos sexuais de risco** (perceções do que são riscos, se há falta de cuidados e desvalorização face à proteção no ato sexual, perigos do HIV e das DST, soluções / ações por parte da instituição,...)
- e) tipos de relações** (monogamia, bigamia, poliamorosas...)

## GUIÃO DE ENTREVISTA – INDIVÍDUOS NÃO INSTITUCIONALIZADOS

### I – Retrato de vida, percursos e trajetórias

- a) no plano pessoal** (idade, género com que se identifica, orientação sexual com que se identifica, ...)
- b) no plano familiar** (estado civil: foi sempre solteiro/a? Casou, divorciou, enviuvou, união de facto, refez a vida, etc.; tem filhos? Qual o seu agregado familiar anterior: composição, vivia só?...)
- c) no plano escolar** (escolarização, graus académicos....)
- d) no plano profissional e situação atual** (carreira profissional, profissões ao longo da vida, situação atual ativa / inativa / reformada, fontes e tipo de rendimentos...)
- e) situação atual /saúde** (autónoma, independente/dependente, semiautónoma... avaliação subjetiva do estado de saúde).

### II - Perceções sobre as instituições

- a) imagens, perceções, representações sobre as instituições** (positivas, negativas, neutras, públicas, privadas...)
- b) fontes para a construção dessas «imagens»** (*mass media*, experiências vividas por conhecidos/familiares, experiência própria, medos, ‘traumas’...)

### III – Perspetiva sobre uma possível futura institucionalização

- a) perceções acerca do quotidiano institucional** (desafios, medos, dificuldades que idealiza face à sua orientação sexual...)
- b) forma como vivenciaria o dia-a-dia** (esconderia a sua orientação sexual ou não, como interagiria, se comportaria, o que diria e a quem diria, isolar-se-ia...)
- c) profissionais da instituição** (qual a importância da formação do pessoal, da forma como estes lidam com a orientação sexual: se há compreensão, humilhação, segregação, integração, medo, homofobia, heteronormatividade...)
- d) privacidade e intimidade** (tratamento da higiene: tabu do toque, perspetiva acerca do modo como a instituição e os funcionários lidam com estas dimensões: se há à vontade ou restrições impostas pela instituição, qual crê ser o papel da instituição e os seus modos de agir...)

#### **IV – Possível processo de «escolha»**

- a) decisão individual, influência de outros / possível imposição** (quem?)
- b) fatores que influenciariam** (condições económicas, condições físicas e mentais, tipo de instituição, proximidade geográfica, ideologia da instituição...)
- c) a orientação sexual** (peso/impacto no processo de escolha, ocultaria ou não a orientação sexual...)

#### **V – Sexualidade**

- a) importância da sexualidade** (interesse, necessidade, frequência que esta representa no seu dia-a-dia...)
- b) comportamentos sexuais de risco** (perceções do que são riscos, se há falta de cuidados ou desvalorização face à proteção no ato sexual, perigos do HIV e das DST, soluções / alternativas a que recorre...)
- c) tipos de relações** (monogamia, bigamia, poliamorosas...)

### **ANEXO 3 – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS**

## **Transcrição da entrevista N°1 – Francisco**

1 **E.: Bem, já recolhi os seus dados, podemos então começar?**

2 **A.: Sim, sim.**

3 **E.: Muito bem, passarei então à realização de algumas questões, sim?**

4 **A.: Sim, sim, mas... aviso já que estou assim... um bocadinho nervoso!**

5 **E.: Ora! Não esteja, não há necessidade. Trata-se apenas de... vá, uma conversa!**

6 **Sinta-se à vontade para partilhar o que sentir que deve partilhar, mas não se sinta**

7 **nervoso ou constrangido, ou seja o que for! Estou aqui para o ouvir, não para o**

8 **julgar. Combinado?**

9 **A.: [Risos] Combinado! Vamos lá, dispare!**

10 **E.: Muito bem! Então diga-me, quando é que veio para esta instituição?**

11 **A.: Ora, eu tenho 76 [anos]... vim para cá com 72... estou cá há quatro anos, menina.**

12 **Portanto, vim em 2013. [Pausa 4 segundos] Foi, não foi? Foi sim. Aliás, já vai a**

13 **caminho dos cinco anos, faz agora no ano que vem. É, é isso.**

14 **E.: E qual foi o motivo para a decisão de se recorrer à instituição?**

15 **A.: Olhe, vou ser muito sincero consigo. Acho que estava farto. Passei por muito e creio**

16 **que senti que era o que fazia mais sentido neste momento. [Pausa 2 segundos] Deixe-me**

17 **ser mais explícito que o seu ar parece confuso, menina! [Risos]**

18 **E.: [Risos] Agradeço! Força.**

19 **A.: Bom, fui casado durante 15 anos com uma mulher, tivemos um filho, ham, e ham...**

20 **fui-me apercebendo de que os homens não me eram indiferentes. E antes que me**

21 **pergunte, respondo-lhe já... foi uma coisa que... Bem, não é que os homens alguma vez**

22 **me tivessem sido indiferentes, mas também nunca pensei neles nesse sentido... Na**

23 **verdade acho que tinha medo de pensar... Porque lá está, eu gostava de mulheres. Aliás,**

24 **todos gostavam de mulheres no meu tempo. E gosto. Mas também gosto de homens.**

25 **Porque como lhe disse, sou bissexual. Percebe? ‘Tou a ser confuso, não ‘tou?**

26 **E.: Não, não, continue, estou a acompanhar o que diz, não se preocupe.**

27 **A.: Bem, lá está, percebi que pensava em homens também noutra sentido, não só em**

28 **mulheres, e vim a ter a certeza disso lá no trabalho, quando era enfermeiro no [nome do**

29 **local de trabalho], porque andei um bom tempo perdido e confuso, porque nesse tempo**

30 **não se falava dessas coisas, percebe? Era tudo um tabu e não se podia ser diferente que**



31 se era logo vítima de discriminação, de maus tratos, e ham... e as pessoas punham-nos  
32 rótulos de... pronto, de paneleiros, de maricas, de doente, de tudo o que tivesse uma  
33 conotação mais pejorativa... Nem havia cá isto de se ser *bi*. Ou se era normal (ou seja,  
34 hétero), ou se era gay, e já esses eram muito mal vistos e mal tratados, como disse, mas  
35 não havia cá disso de se gostar das duas coisas. [Pausa 0,3 segundos] Por norma se se  
36 soubesse era-se logo posto num hospital psiquiátrico porque estávamos doentes  
37 mentalmente, porque ham, era uma coisa das nossas cabeças, ham, era, ham, um defeito.  
38 Percebe? Um defeito que tinha de ser corrigido para sermos hétero, porque só assim  
39 éramos normais. [Pausa 2 segundos] Não, passava-se um mau bocado e se não se  
40 tivesse alguém que nos desse a mão, então daí a afundarmo-nos em nós próprios e numa  
41 tristeza profunda era um pulinho. Aliás, eu passei. Eu dei esse pulinho. E ham, ham...  
42 pronto, e passei por um período mais triste e confuso até descobrir o que era, *quem* era,  
43 aquilo que me fazia ser e sentir eu próprio. E isso, essa certeza, levou tempo a chegar,  
44 mas deu-se. E se se deu! Deu-se quando durante um tempo em que fiz os turnos da  
45 noite, eu e um outro colega, ham o [*nome da pessoa*], e nós aproximamo-nos... Ham...  
46 Éramos os dois assim pelas mesmas idades, ele era dois anos mais velho... Mas  
47 parecíamos assim... aqueles grandes e bons amigos, como as mulheres, aquelas que  
48 andam sempre juntas para todo o lado. Assim começámos a ser nós. Ham, no início não  
49 sabíamos que ambos tínhamos esse interesse, mas... essa proximidade, pronto, foi  
50 aumentando, não é... E percebemos depois que tínhamos, e... Mas também foi confuso  
51 para nós, sabe? Ele era solteiro, eu era casado, ambos tidos como heterossexuais, então,  
52 tínhamos enfermeiras novinhas e jeitosas a fazerem-se a nós, e pronto, erámos o quadro  
53 da normalidade da época. Mas pronto, fomos tornando-nos cada vez mais amigos e  
54 estávamos sempre juntos, e começamos a chamar à atenção por parte da restante  
55 equipa... Quer dizer, isto actualmente parece-me já mais tolerado, que é tudo malta  
56 jovem e muitos já sem preconceitos, mas a menina imagina como isto era há uns 30, 40  
57 anos ou mais atrás? Claro que era notado. E como pode calcular, não era bem aceite.  
58 Mas pronto, ham, começámos a estar cada vez mais juntos, mais próximos, mais  
59 íntimos, tínhamos brincadeiras e... lembro-me como se fosse ontem, que engraçado...  
60 em que dizíamos piadas, fazíamos cócegas um ao outro, passávamos a mão nas costas,  
61 no ombro, no braço... Havia necessidade de haver toque, percebe? Lembro-me da  
62 primeira vez que ele me tocou na mão, quando me passou um medicamento para a mão,  
63 estávamos só os dois na sala da medicação, e ele fez questão de tocar e agarrar a  
64 minha mão. Agarrar, com força, 'tá a ver? Não foi um toque despercebido, foi um toque

65 propositado! Um toque do tipo “*Tás a perceber que me estou a meter contigo? Que te*  
66 *‘tou a fazer notar neste momento? Que te ‘tou a provocar uma reacção?’*”. E provocou  
67 mesmo. Nesse momento senti um aperto no estômago, uma súbita falta de ar, como se  
68 fosse... ham... como se fosse uma cena de romance, num filme! Ali, os dois, muito  
69 íntimos, numa sala sem mais ninguém, no turno da noite... ‘tá a perceber a cena de  
70 romance que costuma dar nos filmes, em que tudo desaparece à volta? Assim estávamos  
71 nós... E vermelho, senti-me a ficar vermelho e atrapalhado! Oh meu deus, que  
72 atrapalhado fiquei... Mas nesse momento percebi. Percebi perfeitamente. Os homens  
73 não me eram de todo indiferentes. Ele. Ele não me era de todo indiferente. E ele  
74 percebeu. E acho que era isso que ele pretendia, porque acho que também ele estava  
75 andava confuso com o que sentia da nossa relação de amizade. Confuso comigo. Mas  
76 aquele toque... Ainda hoje sinto o aperto daquela mão forte, sabe? Os dedos suaves, o  
77 calor dos dedos dele ao tocarem na minha pele... Lembro-me tão bem, mas tão bem...  
78 Entretanto ouvimos passos e o momento perdeu-se, parece que tinha sido sugado para a  
79 realidade novamente [*risos*]. Mas tínhamos o último turno da noite na noite seguinte e  
80 decidi que ia falar com ele, perceber o que se passava, o que tinha sido aquele momento,  
81 sim porque eu sei que ele também o sentiu, e ia perceber, tinha de perceber se aquilo era  
82 só da minha cabeça ou se ele também sentia o mesmo que eu estava a começar a sentir.  
83 E assim foi, na noite seguinte, já pelas 2h e pouco da manhã, estavam os outros dois  
84 colegas na pausa e fiquei eu e o [*nome da pessoa*], e então tive de ir à tal sala da  
85 medicação e decidi que tinha de falar com ele, que não podia passar dessa noite,  
86 que tinha de esclarecer o que se passava. Passei a noite toda a pensar no que fazer, a  
87 falar comigo mesmo, na minha mente, a tomar e retomar decisões. Ao fim e ao cabo  
88 tinha uma mulher em casa com o meu filho. Tinha que dar um rumo à minha vida, saber  
89 que sentimentos eram aqueles, tomar uma decisão que fosse justa para todos. E pronto,  
90 quando ‘tava na tal sala, fui guardar *stock*, ia com esses pensamentos a revolverem-se na  
91 minha mente, de tal modo que nem me apercebi de que ele tinha entrado atrás de mim.  
92 Virei-me para sair da sala e ir falar com ele e quando rodei fiquei sem reacção. Ele tinha  
93 entrado atrás de mim e estava parado agora, pronto, à minha frente não é. O meu  
94 estômago começou a embrulhar-se, e queria começar a falar, queria aproveitar para  
95 dizer o que sentia, mas só senti um nó na garganta, estava ansioso, e comecei a ficar  
96 nervoso claro, parecia um gago. Que vergonha! [Pausa 0,4 segundos] Mas ele avançou  
97 na minha direcção e agarrou-me a mão, e parecia a pessoa mais calma de sempre, como  
98 se já soubesse tudo o que ia acontecer. Elevou a minha mão à face dele, deu-me um

99 beijo muito terno na mão e depois olhou para mim, com aquele olhar de se atravessar a  
100 alma, puxou-me para ele, até bati com o meu peito no dele, e depois deu-me o melhor  
101 beijo da minha vida. [Pausa 0,3 segundos] Credo, olhe os meus pelos! Tenho os pelos  
102 [do braço] todos arrepiados!! Quem diria, ao fim destes anos ainda me provoca arrepios!  
103 [risos] Mas sim, tivemos um belo beijo, demorado, com tudo a tive direito [risos] e... e  
104 pronto, a partir daí ficámos conversados! [risos] Mas sim, daí a passarmo-nos a  
105 encontrar nessa sala os dois sempre que podíamos foi um pulinho e... e.... e confesso,  
106 passámos muitos bons momentos naquela sala, ao ponto de termos sido quase  
107 apanhados a... [Pausa 0,5 segundos] não sei se posso dizer isto aqui... ham... a fazer  
108 amor, posso dizer isto aqui?

109 **E.:** Pode, pode, claro, não se preocupe, a ideia é mesmo essa, é entrar nos seus  
110 momentos mais marcantes com os seus olhos. Esteja à vontade.

111 **A.:** Bem, é isso, fizemos amor algumas vezes nessa sala, quando estávamos os dois no  
112 turno da noite, porque fazíamos sempre as pausas juntos, e os outros dois colegas  
113 também faziam as pausas deles juntos, e então quando eles estavam na pausa deles, eu e  
114 o [nome da pessoa] aproveitávamos, íamos sempre para aquele piso, para aquela sala, e  
115 estávamos juntos. E é claro que tínhamos de ser rápidos, não podíamos arriscar ser  
116 apanhados, e pronto... [Pausa 0,3 segundos] Bem, dessa vez quase aconteceu, mas foi  
117 por uma unha negra... Mas pronto, nós envolvemo-nos não é, e entretanto decidi que  
118 não podia viver aquela... aquela... vida dupla, vá. Já não era feliz com a minha mulher,  
119 ultimamente só discutíamos, só restava mesmo a empatia pelo filho, o mínimo não é, só  
120 queria estar com ele, estava apaixonado não é... e pronto, ganhei coragem para contar à  
121 minha mulher, porque também já havia muito diz que disse, e aí eu acho que fosse pelo  
122 que fosse que lhe devia isso, que lhe devia a verdade. Afinal de contas, ham, estava a  
123 traí-la, com outro homem, sim, mas continuava a ser traição, não é... Então pronto, um  
124 dia cheguei do trabalho e no meio de uma discussão pelas minhas horas a mais de  
125 trabalho aquilo saiu-me, saiu-me assim de rompante boca fora! Disse-lhe com todos os  
126 dentes quantos tinha na boca “*Já não te amo! Chega, não aguento mais! Vou deixar-te,*  
127 *isto tem de acabar!*”, e como se isso já não fosse bruto o suficiente, analisando isto  
128 agora, não é, ainda me virei para trás, porque já estava a sair da sala, e virei-me e ainda  
129 acrescentei ao ar de incrédula dela “*E mais, vou deixar-te por outro. Sim, outro, um*  
130 *homem. Descobri que gosto de homens. Chega desta relação sem amor, só de discussão*  
131 *e mágoa! Chega!*”. [Pausa 0,4 segundos] E tivemos mesmo de nos sentar a falar os dois,

132 tive de falar com ela para ela perceber todo aquele processo, que na verdade nem eu  
133 ainda percebia muito bem, mas claro, ela não reagiu nada bem, e o meu filho já  
134 crescido, tinha 7 anos na altura creio, também não aceitou. Afastaram-se e ele deixou de  
135 me falar com o tempo. Bem, actualmente já falamos mais o básico, o ligar assim uma  
136 vez por semana ou assim, o típico “*Olá, como vais?, Vou indo, e tu?, Então e novidades?*”, e por aí, mas nada acerca da minha vida íntima. Mas sim, ham, depois  
137 separámo-nos eu fui para outra casa. Depois durante um tempo tive de lidar com os  
138 burburinhos dos que nos conheciam, das nossas famílias, nos corredores do meu  
139 trabalho, e não só os burburinhos como também os afastamentos de muitos dos que me  
140 eram próximos... aliás passei por uma depressão nesse período, fizeram-me sentir uma  
141 aberração. [Pausa 0,2 segundos] Mas pronto, tive que me assumir perdi muitos amigos,  
142 muita gente que ham, se afastou... Enfim, é de se esquecer. Mas ele ajudou-me,  
143 ultrapassei a depressão, porque ele também se assumiu, e ultrapassámos isso juntos,  
144 mudámos de casa, fomos viver juntos, e naquele momento nada interessava, porque o  
145 tinha a ele, percebe? Porque estava a começar a ser realmente feliz, porque estávamos  
146 juntos e finalmente felizes e então tinha valido a pena enfrentar aquelas tormentas e  
147 tempestades para estarmos juntos. Estivemos juntos quase 10 anos, tivemos momentos  
148 maravilhosos, noites fenomenais, mas tudo tem um fim... estivemos juntos alguns anos,  
149 como disse, e entretanto ele mudou de local de trabalho e nisto conheceu outro... e o dia  
150 da conversa [*faz aspás com os dedos*], o fatídico dia da conversa, chegou e tudo  
151 terminou... e deixou-me. Acho que se pode dizer que houve aqui alguma força kármica,  
152 não é? Passei pelo mesmo que fiz a minha mulher sofrer, ironia do destino, não é  
153 verdade? De repente eu é que era o outro em casa à espera dele, o outro que reclamava  
154 com as horas extra, o outro que discutia por tudo e por nada, o outro que agora era  
155 ciumento... E terminou. [Pausa 0,3 segundos] Ainda conheci outras pessoas depois  
156 disso, tive alguns casos pontuais, alguns amores... acho que posso dizer que me estava  
157 a explorar, a descobrir. A solidificar, é. E ainda estive com uma mulher, mas também  
158 não durou mais do que um par de anos. Depois estive novamente com outro homem, um  
159 dos que com quem ‘tive num caso pontual, mas depois encontrámo-nos ao fim de  
160 alguns anos, e a coisa deu-se, quer dizer, deu-se durante algum tempo. Acabámos por  
161 nos separar pouco depois, um pouco antes de eu decidir vir para cá. A relação também  
162 não era grande espingarda, sabe? Quando conhecemos alguém como o [*nome da*  
163 *pessoa*], é como se fosse o nosso grande amor. Todos os que vêm a seguir são sempre  
164 comparados a esse grande amor, àquela pessoa que há de ter sempre aquele grande  
165

166 destaque... [Pausa 0,2 segundos] Isto tudo para dizer, e desculpe menina, que acho que  
167 estava a fugir à razão da sua pergunta, mas tinha de lhe explicar o porquê da minha  
168 vinda para cá, e o que motivou isto, mas isto tudo para dizer que entre casos, um  
169 casamento e relações furadas, que acabei por chegar a uma altura na minha vida em que  
170 dei por mim a pensar no que andava a fazer, por tudo o que tinha passado, em como  
171 tinha acabado sozinho, em como tudo isto me tinha afastado de alguns grandes amigos,  
172 de grande parte dos meus familiares, a relação com a minha ex-mulher, a primeira  
173 mulher que eu verdadeiramente amei, mãe também do meu filho, e em como tudo isto  
174 me tinha afastado tanto das outras pessoas e agora não tinha ninguém ao meu lado,  
175 alguém especial, que fizesse valer a pena, já para não falar que os meus pais já  
176 morreram. Repare, sou filho único, não tenho mais irmãos, já não tenho pais, só tenho  
177 alguns tios e primos que se afastaram, não tenho cônjuge, e tenho um filho que mal me  
178 fala e pouco faz parte da minha vida. Para que é que queria estar em casa sozinho e  
179 abandonado, já a entrar naquela fase da vida em que reflectimos toda a nossa vida e que,  
180 pronto, já me sentia sozinho, não é, triste... Não, decidi que queria estar rodeado de  
181 gente e pensei em vir procurar alguns lares, residências, ver como era, até porque  
182 existem algumas ideias estranhas acerca dos lares, como eu próprio também tinha, mas  
183 felizmente já não é como eu imaginei há uns anos atrás, e como muitos me contavam  
184 que era e o que podia ser, mas pronto, isso também depende um bocado daquilo que se  
185 desembolsa não é... Mas sim, então decidi que ia eu ver e procurar saber como era, ver  
186 o que existisse. Que enquanto tivesse independência e autonomia suficiente para isso, e  
187 que como vê, ainda tenho, graças a Deus, que me cabia a mim a decisão. E se  
188 encontrasse algum que me agradasse, e ia fazer o melhor que pudesse para encontrar o  
189 melhor possível que eu pudesse pagar, ia ponderar a ida para lá, para esse lar. Ou  
190 residência. Ou seja lá como lhes chamam hoje em dia. E aqui estou, para aqui vim parar,  
191 mas basicamente vim porque estava farto da vida que tinha e vim para cá à procura de  
192 pessoas novas, de companhia, de outra vida, mas com condições. A alternativa seria  
193 encher a casa com uma data de gente desconhecida, lá está, para estar rodeado de  
194 pessoas novas, mas achei que não era uma grande alternativa! *[risos]* E provavelmente  
195 ainda me destruíam as coisas, ou ainda tinha de ser eu a tomar conta das coisas, das  
196 pessoas, das necessidades de todos... Não, assim é melhor! *[risos]*

197 **E.:** Estou a ver! Então veio para esta instituição por si, por decisão sua e não por  
198 terceiros, é isso?

199 **A.:** Sim, sim, foi uma decisão minha, partiu apenas de mim, porque como já disse  
200 basicamente estou sozinho, por isso vim por mim próprio, mas não me desfiz da minha  
201 casa. Acabei por ficar com a casa que era dos meus pais, que felizmente já está paga, e  
202 como não tenho irmãos fiquei eu com ela e por isso continuo a tê-la ainda, e se algum  
203 dia quiser sair daqui, saio, como não me dá despesa... Disso pode ter a certeza, saio e  
204 retorno para casa. Mas até agora tem sido... interessante pelo menos [risos].

205 **E.:** Humm, *interessante?* Já vou pegar nisso! [risos] Mas já agora, diga-me  
206 primeiro, como é que foi feita a escolha do lar em questão? O poder económico  
207 teve algum peso?

208 **A.:** Sim, como lhe disse, a minha reforma ronda os mil e tal euros, por isso decidi  
209 procurar algo que apresentasse condições, que fosse aquilo que eu tinha mais ou menos  
210 em mente, e dentro das minhas possibilidades económicas escolhi este lar. Visitei  
211 alguns, fui conhecer os espaços, as pessoas, as estruturas e as formas de funcionamento  
212 dos lares, os outros tipos que lá vivem... Devo confessar-lhe que vi coisas muito  
213 interessantes, que adorei, mas pronto... o dinheiro não dá para tudo, não estica e não  
214 pude optar por esses que eram mesmo tipo *resort*, com tudo *XPTO* e à maneira. E  
215 muito, muito caros. Mas também vi coisas que, por preços mais módicos não é, que  
216 bem, não lembra a ninguém mesmo! Coisas de querer sair dali a correr e não olhar para  
217 trás. [Pausa 0,3 segundos] Cheguei mesmo a pôr em causa a minha decisão. Coisas  
218 ainda muito retrógradas, sabe? Mas pronto, depois vi este e gostei deste. Não é como  
219 um hotel de luxo, mas também tem muito boas condições, bom pessoal, há respeito e  
220 isso. Olhe, está aqui à maneira! [risos] Mas sim, o dinheiro faz sempre peso. Aliás, não  
221 há nada nesta vida que não se pague, que não se tenha de fazer contas ao dinheiro que se  
222 tem no bolso e ao preço que é apresentado para o que queremos e para aquilo que temos  
223 de bolso para podermos gastar. Hoje já nem morrer se pode sem se gastar rios de  
224 dinheiro nos funerais. Bem, a nossa ser que se queira ir para uma vala comum, mas isso  
225 já é toda uma outra história! [risos] Sim, a não ser que se seja algum multimilionário,  
226 então sim, temos de contar o que temos e isto foi para o que deu, mas lá está, escolhi  
227 dentro daquilo que mais me agradou e escolhi o melhor para mim. Aliás, eu tive esse  
228 privilégio, de ser eu a decidir e a vir, algo que muitos infelizmente não têm. Mas pronto,  
229 isso já não me compete.

230 **E.:** Hum-Hum. Estou a ver. E que variáveis (interesses a manter) contaram no seu  
231 processo de institucionalização?

232 **A.:** Como assim...? Interesses a manter como o quê? Aquilo que eu quero continuar a  
233 fazer é isso?

234 **E.:** Sim, sim, exactamente. Por exemplo, que outros factores podem ter estado  
235 incluídos nessa decisão (medos ou desafios)?

236 **A.:** Oh, bem... foram algumas não é... há sempre algumas preocupações... alguns  
237 medos... Bom, uma delas foi a minha liberdade, foi que pudesse continuar a fazer as  
238 minhas caminhadas pela fresquinha, assim cedinho, poder continuar a fumar, porque  
239 sou eu quem decide isso e não um médico qualquer, já me bastou os palpites durante o  
240 tempo de trabalho. [risos] A ter os meus cigarrinhos no bolso e também a poder beber  
241 uma ou outra cervejinha à tarde, e naqueles dias de caloraço então, que mais parece que  
242 se abriram as portas do Inferno então... Isso para mim é como que uma rotina. Outra  
243 preocupação era ter um quarto só para mim. Isso para além de ser uma preocupação era  
244 mesmo uma exigência, foi um requisito que fiz questão de manifestar logo ao início  
245 quando andei a fazer visitas aos lares ou residências ou lá o que é. Porque é assim, se  
246 vim para aqui à procura de conhecer pessoas novas, também pode acontecer que me  
247 interesse por alguém, não é!? E depois? E se quisermos mais... mais privacidade, vá!  
248 Como é que é? Pois, há que pensar nisto! Não quero ter medo das pessoas, não quero ter  
249 medo dos outros, das conversas que possa querer ter, dos momentos que possa querer  
250 viver no meu quarto e ainda ter de me esconder! Não, quero poder ser eu próprio, e ter o  
251 meu espaço, e fazer lá o que assim bem entender e ainda ser respeitado por tudo isso.  
252 Sim, um dos medos que eu tive... [Pausa 0,2 segundos] um dos medos que eu tive e que  
253 às vezes ainda tenho! Pois, tive e tenho, é de que não me aceitem como sou, que me  
254 tratem mal, porque isso ainda sou independente e bom de cabeça e não admito isso de  
255 ninguém, porque para isso ficava na minha casa e não permitia fosse o que fosse. Mas  
256 pronto, também não ando aí a dizer o que sou a toda a gente. Se perguntarem, respondo,  
257 não escondo mas também não espalho na cara das pessoas, sou quem sou, olhe. Mas lá  
258 está, se quiser ter intimidade com alguém, alguma relação, alguma privacidade... quis  
259 ter esse direito.

260 **E.:** Portanto, ter mesmo um espaço para poder estar intimamente com a pessoa  
261 que quer. Poder ter relações sexuais, namorar, ter privacidade e intimidade, por  
262 exemplo, é isso?

263 **A.:** Bem, já que falou tão abertamente e tão claramente das coisas... é isso, sim. Vamos  
264 lá ver uma coisa, pôr tudo em pratos limpos... Eu estou na flor da idade! [risos] Estou

265 velho mas não ‘tou morto! [risos] Quer dizer, velho... estou mais velho, isso sim,  
266 porque não me considero nada velho! ‘Tou mais crescido! [risos] Ora, agora só porque  
267 tenho mais do que 65 anos vem de lá alguém da Organização Mundial da Saúde decidir  
268 sobre a minha vida e dizer que eu afinal agora sou velho só porque tenho mais do que  
269 65 anos! Ora q’isto! [Pausa 0,3 segundos] Não, não me considero velho. Ou sequer  
270 acabado. Por isso sim, acho que tenho direito a ter um espaço onde possa ter a minha  
271 intimidade quando queira. E vou ser honesto. Na verdade já conheci uma pessoa aqui, e  
272 já há quase um ano que estamos juntos. Quer dizer, juntos, juntos não, porque ele não é  
273 assumido. Quer dizer, acho que ele é daquele tipo de pessoas que não faz questão de  
274 dizer que é homossexual mesmo quando lhe perguntam, e é reservado, muito discreto,  
275 não anda aí a colar a vida íntima nas capas dos jornais, percebe? Nem eu, mas não  
276 escondo o que sou. Mas também não temos assim uma relação tipo... mesmo  
277 namorados, daqueles que estão sempre juntos, que vivem juntos e assim, não é como as  
278 relações que já tive, que mencionei ainda há pouco. Nós é mais... vamos estando  
279 juntos... vamos namorando, e... e... ham... e olhe, vamos colmatando as necessidades  
280 um do outro, não só sexuais, mas num todo, ‘tá a perceber? Estamos a conhecer-nos  
281 com muita calma, muita paciência, muita compreensão e muito... vá, muito... prazer!  
282 [risos] E isso era uma coisa que mantinha na minha vida fora daqui, o namorar, o  
283 relacionar-me com um outro ser, não só intimamente mas a todo um nível geral... Não  
284 gosto de estar sozinho. E aqui fazia questão de manter isso aqui também, porque vim  
285 para aqui mais para socializar, para conhecer pessoas novas, lá está, para não estar  
286 sozinho! Então e agora vinha cá para me isolar na mesma?! Ou para afinal não me sentir  
287 bem aqui, não ter privacidade, não ter condições e querer ir para casa para poder passar  
288 uma tarde no vale dos lençóis com a pessoa com quem eu quisesse estar?! Não fazia  
289 muito sentido, não é? Senão para isso não fazia sentido vir para cá. [Pausa 0,3  
290 segundos] E eu que já me apanhei em algumas situações caricatas! [risos]

291 **E.:** Estou a ver, estou a ver, já vou pegar nisso então. Mas diga-me, utilizou alguma  
292 estratégia para entrar nesta instituição (por exemplo, escondeu ou expôs a sua  
293 orientação sexual)?

294 **A.:** Com certeza! [risos] É assim... não sei bem se o que fiz se pode chamar  
295 estratégia... Basicamente, como já disse, andei a visitar e conhecer vários lares e  
296 residências, seja lá o que for, e nessas visitas também falava com o pessoal respectivo  
297 dos atendimentos e de como se realiza um processo de institucionalização e isso...



298 Bem, fazia várias perguntas, tirava dúvidas, perguntava pelas normas da instituição, os  
299 horários, os quartos, tudo isso, mas quando via aqui algum lar que me interessasse,  
300 guardava sempre a minha pergunta final para o fim da conversa. Era como que a minha  
301 cereja no topo do bolo, não sei se me ‘tou a fazer entender. Basicamente, fazia as  
302 questões daquilo que queria saber acerca do lar e depois de saber tudo, se a residência  
303 me agradasse, eu próprio perguntava com muita naturalidade se aceitavam pessoas com  
304 orientações sexuais diferentes. E fazia esta pergunta porquê? Ora, então eu tenho uma  
305 orientação sexual diferente, e agora vinha para um lar sem saber se aceitam, se são  
306 tolerantes, se são compreensivos, se são homofóbicos, ou se é permitido sequer, como já  
307 vi ser, se não vou ter condições para seu eu próprio, quando a minha finalidade é a de  
308 poder ser eu próprio e conhecer pessoas novas e por aí fora? Não fazia muito sentido,  
309 pois não? E pronto, lá as pessoas me respondiam ao que queria saber, algumas com  
310 mais estranheza do que outras pelo cariz das perguntas, pela calma e naturalidade com  
311 que eu perguntava esse tipo de questões acerca da aceitação, das diferentes orientações  
312 sexuais, etc etc, como se perguntasse que horas eram naquele momento. [risos] E é  
313 engraçado porque houve um caso numa das visitas, um em que uma senhora do  
314 atendimento me respondeu muito naturalmente à pergunta, como se fosse muito normal  
315 esse tipo de malta, os tipos como eu, ‘tá a compreender, ir para aquele lar, e então  
316 respondeu-me “*Aceitamos sim, senhor [nome da pessoa]. O senhor é homossexual, se  
317 não é indiscrição perguntar? Fique a saber que aqui não temos problemas nenhuns em  
318 aceitar pessoas com orientações sexuais diferentes, aqui temos uma política de aceitar  
319 a diferença. Aqui somos todos muito tolerantes pelas diferenças dos outros, muito  
320 tolerantes, e tentamos incutir isso a todos os que trabalham connosco e diretamente  
321 com os utentes!*”. Realmente foi uma querida, mas quando me fez aquela pergunta de  
322 questionar se eu era homossexual apeteceu-me brincar e ser um bocado sarcástico e  
323 dizer “*Não, não, eu só estou a perguntar por curiosidade, para ver a sua reação,  
324 porque não tenho mais nada que fazer e apeteceu-me vir aqui aleatoriamente saber  
325 mais sobre si e as suas opiniões!*” [risos] Mas não, não o fiz porque era uma querida,  
326 ainda uma moça jovem, olhe, talvez uns 10 ou 15 anos mais velha que a menina, e até  
327 porque achei uma atitude querida, portanto não o fiz. Mas na verdade o que lhe respondi  
328 teve tanto efeito como o que eu queria dizer para brincar com a senhora! [risos] Disse-  
329 lhe muito humildemente “*Não minha senhora, na verdade não sou. Quer dizer... sou e  
330 não sou. Ou melhor... Olhe, sou bissexual.*” [risos] Gostava que tivesse visto a  
331 expressão da senhora, a cara dela mudou, passou de ar convicto de que eu era *homo*,

332 para quase um ar de “*Então mas afinal o que é que o senhor come!? Gosta do quê*  
333 *afinal!?*” [risos] Foi uma expressão praticamente impagável. Mas percebi, percebi que  
334 não era algo muito comum pel’aquelas bandas. Homossexuais sim, lésbicas talvez,  
335 esses talvez mais frequentes, mas bissexuais não tanto. [Pausa 0,2 segundos] Mas sim,  
336 para responder ao ar de confusão que a senhora apresentou naquele momento,  
337 acrescentei ao que tinha dito “*Bissexual, sabe...? Gosto de homens e de mulheres...*  
338 *gosto de pessoas, pronto!*” [risos] E pronto a senhora recompôs-se de novo, algo  
339 envergonhada, atrapalhada pelo seu momento, mas continuou a tentar mostrar que ali  
340 todos eram aceites, todos eram bem-vindos. Contudo, vi este lar e gostei mais deste, das  
341 condições, do pessoal, etc., e aqui fiquei. Por uma pequena diferença de preço gostei  
342 mais deste no conjunto que apresentava. A estratégia acho que passou mais por aqui,  
343 por uma coisa mais deste nível. Procurei informação sobre os lares que visitei  
344 assumindo que sou bissexual, porque assim via logo as reações e como me poderiam  
345 tratar logo à primeira vista. Depois cá dentro sou eu próprio. Não ando aí com um papel  
346 na testa a dizer que sou A, B, ou C, mas também não me escondo. E se alguém tiver  
347 alguma questão, que ma faça diretamente, porque é assim que eu funciono. Claro que  
348 tive... e às vezes ainda tenho... tenho medo de algumas represálias, de poder ser  
349 discriminado, de ser maltratado... [Pausa 0,2 segundos] Porque infelizmente ainda há  
350 muita gente conservadora e com mentalidade retrógrada, que não aceita as diferenças  
351 dos outros, e que quando conhece pessoas diferentes podem fazer-nos mal, e disso sim,  
352 eu tive medo, e dependendo das pessoas às vezes ainda tenho, mas ainda assim já passei  
353 demasiado tempo confuso sobre aquilo que eu devia ser e neste momento, que sei aquilo  
354 que sou, acho que não tenho que me esconder. Não provoço ninguém, nem espeto nada  
355 na cara de ninguém sobre aquilo que sou, não ofendo ninguém, mas também não me  
356 escondo. Acho que cheguei a esse direito ao fim de tanto tempo de vida, não é?

357 **E.:** Muito bem, estou a ver. E já que me falou em episódios caricatos que  
358 experienciou, conte-me que importância tem a sexualidade para si no seu dia-a-  
359 dia? Que episódios foram esses?

360 **A.:** Bom... tem alguma importância pelo menos, como já viu. Sei que há pessoas que  
361 não vivem sem sexo e também sei que há pessoas que vivem totalmente sem ele, mas eu  
362 acho que posso dizer que estou no meio. No meio é que está a virtude, não é verdade?  
363 [risos] Não, mas sim, eu... pronto, gosto de... ham... de ter os meus momentos de  
364 prazer, seja sozinho, que também faz falta sabermos conhecer-nos, não é, como

acompanhado, que é totalmente diferente. [Pausa 0,2 segundos] E sim, pronto, para mim tem alguma importância, sim, e faço questão de... enquanto conseguir não é, manter-me activo sexualmente. Faz-me bem, faz bem namorar, estar intimamente com outra pessoa, conhecê-la, estar naquela fase de sedução, ver tudo isso crescer e tornar-se numa coisa bonita. Faz-me sentir bem, faz-me sentir feliz, preenchido por dentro. É uma parte das nossas vidas, como tantas outras, não é? Por isso sim, e devido a isso já me encontrei em situações curiosas [risos], e uma delas foi aquela que lhe contei no início, da sala de medicação, quando comecei a minha relação com o [nome da pessoa]. Outra situação, por exemplo, foi aqui na instituição, já com o meu companheiro, o [nome da pessoa], de que lhe referi há pouco. Como lhe disse, os que sabem da minha orientação sexual, pronto, sabem, e pelo menos à minha frente respeitam-me, não se metem na minha vida. Mas pronto, não sabem do [nome da pessoa]. Então um dia, no início dos nossos encontros, quando tínhamos aquela vontade de estarmos juntos, eu vinha para o quarto primeiro, e vínhamos para o meu quarto porque o meu é de individual, o dele é partilhado com outra pessoa, e então sempre que queríamos vínhamos para o meu. Mas sim, vinha à frente dele, deixava a porta semiaberta com uma camisa pendurada do lado de dentro da porta, em que do lado de fora dava para ver as mangas penduradas, ‘tá a ver, e então esse era o meu sinal de que ele já podia entrar quando quisesse. Algum tempo depois ele vinha, trazia sempre um livro na mão, como se fingisse que me ia entregar um livro, porque nós fazíamos muito isso, sabe? Trocávamos – e ainda trocamos [risos] – muitos, diversos livros. Ambos temos esse hábito de ler, de devorar livros, e então essa era, é, a nossa forma de justificar a ida dele ao meu quarto aos olhares alheios, percebe? Uma vez lá dentro pronto, fechava a porta, fechava também com a chave, porque do meu quarto sei eu e se o quiser trancar, tranco, e então depois pronto, acho que fazíamos tudo menos ler livros em conjunto! [risos] Uma dessas vezes estávamos a... pronto, já a namorar... já no momento, não é, na troca de afectos e de... e de... pronto, já despidos, e vem de lá uma outra senhora que reside também na residência, e foi lá bater à porta, porque queria falar comigo. Eu disse logo que já ia, que estava ocupado e que já ia, para me esperar no bar, mas claro que o [nome do companheiro] ficou logo muito constrangido, muito aflito, e logo muito preocupado que o fossem descobrir ali, e pronto, tivemos de parar, e lá paramos. Entretanto ele foi para a minha casa de banho, porque tenho uma no quarto, e eu lá me recompus e lá abri a porta para ir despachar a senhora. Assim que abri a porta, ela entrou-me de rompante no quarto, sentou-se logo na minha cadeira e começou logo a chorar e a desabafar do

399 telefonema que tinha tido da filha, que elas têm alguns problemas, sabe, não se dão  
400 muito bem, e é uma pena porque ela até é uma querida... Mas sim, e então ela tem  
401 desabafado comigo, e de vez em quando vai ter comigo para falarmos, e foi assim nesse  
402 dia, mas com um extremo mau *timing*! [risos] E eu já muito atrapalhado com aquilo  
403 dela ter rompido por ali dentro só pensava “*Merda! Tenho o [nome do companheiro]*  
404 *fechado na casa de banho, ninguém o pode descobrir, perdemos o nosso momento, e*  
405 *agora mais isto! Tenho de a tirar daqui!*” [risos]. E assim tentei, lá a consegui  
406 convencer ir ao bar, beber um chá para se acalmar e tal, e pronto, saímos do quarto.  
407 Assim que íamos a meio do caminho, disse-lhe que me tinha esquecido do dinheiro e  
408 que ia num instante buscar ao quarto, para me esperar ali ou que fosse andando. Fui  
409 logo ver do [nome da companheiro] e pronto, lá ele estava a sair muito discretamente do  
410 meu quarto. Claro que não achámos graça nenhuma não é, mas como poderia impedir e  
411 reclamar com as pessoas de lá irem e interromperem algo que ninguém sabia que se  
412 passava? É um bocado complicado, mas ele prefere assim e eu respeito, pronto. Mas  
413 isso foi mais ao início. Agora acho que algumas pessoas devem desconfiar, porque  
414 pronto, já estamos juntos há um ano praticamente e pronto, vamos muitas vezes para o  
415 meu quarto, e acho que isso já deve levantar assim... alguma curiosidade aos outros  
416 olhares, vá, mas por respeito ou... espero que seja por respeito... [Pausa 0,3 segundos]  
417 Seja como for, ninguém nos disse nada, ninguém teceu nenhum comentário sobre nós,  
418 acerca disso, seja o que for, pelo menos à nossa frente. Ou isso ou acham que criei  
419 algum Clube de Leitura! Por isso mantemos as coisas assim! [risos]

420 **E.:** [Risos] Muito bem. E como é que lidam com a sua orientação sexual aqui na  
421 instituição, dentro daqueles que sabem?

422 **A.:** Bom, sempre me trataram bem, mas no início tive um episódio digamos, ham...  
423 caricato. Ao início ninguém sabia da minha orientação sexual, porque lá está, não ando  
424 com um cartaz na testa, não é, não cheguei aqui e logo no primeiro dia fui para o meio  
425 da sala, reuni as pessoas, abri os braços e disse “*Olhem para mim, fiquem a saber que*  
426 *sou bissexual! Estejam preparados!*” [risos] Não, claro que não, mas também não me  
427 escondia se alguém perguntasse alguma coisa. E sei que há atitudes, acções,  
428 comportamentos, modos de falar que... bem, pronto, que demonstram ou dão  
429 indicações de que a pessoa pode ser isto ou aquilo. Olhando para mim, acho que não  
430 sobressaio muito, mas pronto, de nós próprios temos sempre outra ideia da realidade,  
431 não é verdade? Se bem que no meu caso posso dar pistas confusas, porque lá está, tanto

432 me posso interessar e seduzir uma mulher, como um homem. E pronto, então comecei  
433 no início a dar-me bem com um senhor, tudo na base da amizade, que eu conheci até ali  
434 no bar de cima, durante o jogo de futebol que estavam passar à tarde, e que lá fui buscar  
435 a minha cervejinha e fumar o meu cigarrinho, e então sentei-me numa mesa a ver o  
436 jogo. Nisto estavam lá mais pessoas e comentava-se o jogo, e nós dois começamos a  
437 falar, e entendemo-nos bem, e nisto com o tempo tornámo-nos amigos. Mas sempre na  
438 base da amizade, percebe? É que também não me interesso por tudo o que mexe! [risos]  
439 Mas com o passar do tempo, um mês depois ou coisa assim, esse meu amigo, o [nome  
440 da pessoa] veio falar comigo, assim um bocadinho incomodado, meio constrangido, e  
441 disse-me assim “Olha lá [nome do entrevistado], epá, desculpa lá vir com esta  
442 conversa pá... Mas... Epá, eu tenho ouvido uns zunzuns e uns burburinhos de que tu...  
443 de que tu...”, e como eu vi que ele estava a começar a ficar um bocadinho aflito,  
444 interrompi-o e completei a sua frase, e disse-lhe “De que sou homossexual?”. Acho que  
445 ele até perdeu a cor quando fui tão directo. E ele, lá meio a medo, disse-me “Sim... de  
446 que... pronto... de que gostas de homens e... e dessas coisas pá!”. E eu apesar de gostar  
447 do novo amigo que fiz, que foi um dos propósitos de ir para lá, que era conhecer gente  
448 nova e não andar sozinho, mas não me ia esconder, e assumi “Sim. Bem, quer dizer,  
449 não. Quer dizer, sou bissexual, percebes [nome da pessoa]? Sabes o que isso quer  
450 dizer? É que tanto gosto de homens, como de mulheres. Gosto de pessoas, sem olhar a  
451 que sexo são. Pronto, é isto. Mas fica lá descansado que não gosto de ti. Quer dizer,  
452 pelo menos não dessa maneira.” E não gostava mesmo. E acho que isso o aliviou um  
453 bocado, mas ele ficou na mesma assim um bocado embasbacado, e meio que meteu os  
454 pés pelas mãos, e diz lá algo do género “Epá... eu não disse isso, eu não disse que  
455 gostavas de mim... Também não sou presumido... Mas se gostasses... pronto, quer  
456 dizer... Mas pronto, também sabes que eu não... bem, que eu não... que eu não pasto lá  
457 por esses prados, se é que me entendes, estás a ver? Mas [nome do entrevistado],  
458 amigos à mesma ham, só queria esclarecer isto contigo, porque sabes... os zunzuns...  
459 pronto!”. E assim foi, ainda somos amigos há quase quatro anos. Ele é mais novo do  
460 que eu, está entrar nos setentas agora e também veio para cá pela mesma altura que eu  
461 vim. Aliás, um pouquinho depois, creio, mas ele já veio por parte da família. Eles  
462 tinham lá os seus problemas... talvez por ele ser mais novo também seja uma mente um  
463 pouco mais aberta. Não sei. Mas fora isso não, tudo pacato, e mesmo isso também não  
464 foi nada de significativo. Considero-o mais um episódio caricato porque houve sempre

465 respeito. Aliás, é isso que tem de haver sempre, não é? O respeito pelos outros, pelo que  
466 são, e eu exijo isso para mim, assim como eu faço para com os outros.

467 **E.:** Muito bem, compreendo. E diga-me, durante o dia-a-dia, sente que respeitam a  
468 sua privacidade e intimidade?

469 **A.:** Sim, quer dizer, normalmente há sempre alguém que aparece aqui ou ali, ou mais de  
470 manhã, ou mais à tarde, ou mais à noite, como lhe contei à pouco daquela senhora que  
471 foi ao meu quarto bater para falar comigo. [Pausa 0,2 segundos] Quer dizer, vamos lá  
472 ver, por muito bom que seja, isto é um lar, uma residência, é uma casa para não sei  
473 quantas pessoas, todas elas diferentes em tudo, que foi isso que me atraiu para vir para  
474 cá, o poder conhecer pessoas novas. Mas é algo com qualidade, com outras condições,  
475 que honestamente parece mais outra coisa do que um lar. Quis deixar de estar sozinho,  
476 conviver, conhecer pessoas, conhecer todo o tipo de gente, e onde melhor do que um lar  
477 para encontrar essa diversidade de pessoas e pelas minhas idades? Mas também fiz  
478 questão de ficar num quarto só para mim, porque no momento que sentir que preciso  
479 dessa privacidade para ter a minha intimidade, então aí sei que tenho o meu quarto e que  
480 quando quero estar sozinho com a pessoa que referi anteriormente e que conheci aqui,  
481 então estamos no meu quarto, sem qualquer problema, e se alguém entrar a meio é  
482 porque me esqueci de fechar a porta, ou porque entrou sem bater, sem autorização para  
483 entrar, porque só entram se eu deixar. E se entrar sem autorização, se fez isso, de certeza  
484 que da próxima bate, depois de ver o que viu! [risos] Mas não, por acaso comigo nunca  
485 aconteceu nada assim desse tipo, e também não o permito, e é importante deixarmos  
486 logo essas barreiras explícitas desde início. E no dia que acontecer, exijo medidas,  
487 então!? Ora, agora venho para aqui, por acaso entrei no meu pé, porque quis, porque há  
488 quem não tenha sido assim não é verdade, e agora quero estar na minha intimidade com  
489 outra pessoa, ou mesmo sozinho(!), e tenho que andar ali em *stress*, à pressão para  
490 despachar o assunto? Não, o sexo é para ser usufruído, com paixão, com sentimento, e  
491 para isso tem que haver calma, *relax*, descontração, confiança de que estamos no nosso  
492 espaço e de que vamos ser respeitados por isso. Eu já não caminho para novo, tenho que  
493 estimar o coração não é, não se pode apressar o amor, o prazer. Ainda me dava uma  
494 sulipampa qualquer! [risos] Não, não, tudo o que tenho direito. Se não for assim, então  
495 exijo medidas. Então eu agora pago para ter privacidade, para ser respeitado, e não  
496 tenho à mesma? Não, não, não. Assim não saía de casa se não fosse para ter no mínimo  
497 as mesmas condições. Mas isso sou eu, porque ali com o outro casal, os [nome das

498 *pessoas*], que são marido e mulher há já uns bons valentes anos, e ela até é muito minha  
499 amiga, estão num quarto também só para eles, que pagaram para ter um quarto de casal,  
500 e então não é que não podem estar à vontade? Agora há uns tempos atrás, houve um dia  
501 que estavam lá na sua vidinha, não é, e então não é que a outra, a dona [*nome da*  
502 *pessoa*], uma velha chata, coitada, que anda sempre com ela, aliás, que anda sempre  
503 atrás dela, da [*nome da senhora do casal*], e então ela não me vai lá a correr pelo quarto  
504 dentro, para avisar a dona [*nome da senhora do casal*] de que novela ia começar? Quer  
505 dizer, não há noção? É só uma novela, para quê aquele histerismo? Só porque ia  
506 começar a novela e ia dar a parte não sei do quê? Meu Deus do Céu. Fui logo atrás dela  
507 e disse-lhe logo “*Oh senhora! Mas deixe-se lá de novelas e arranje um companheiro*  
508 *para se entreter. Esses sim, são reais, e não interrompa ninguém com disparates! Não*  
509 *vê que eles estão a namorar?”* [risos] Não, mas é assim mesmo, tem de haver respeito  
510 pelo espaço dos outros, não é? Pela privacidade e pela intimidade que acontece lá  
511 dentro.

512 **E.:** Hum-hum, estou a ver. E só para finalizar, gostaria de que algo fosse diferente  
513 no dia-a-dia?

514 **A.:** Ora, que algo fosse diferente... Que algo fosse diferente... Bem, talvez só mesmo  
515 ao nível das mentalidades das pessoas, e mesmo das estruturas das instituições, porque  
516 vi coisas mesmo de bradar aos céus, coisas que não lembram a ninguém. Acho que  
517 devia ser possível cada um ter o seu quarto, assim como eu fiz questão de ter, mas que  
518 há pessoas que não podem e têm que partilhar esse espaço íntimo com outra pessoa  
519 completamente estranha, não é, que tanto quanto sabemos até pode ser um *serial killer*  
520 homofóbico e estar ali a dormir ao meu lado! Quer dizer, é daquelas coisas... podemos  
521 dar-nos bem com a pessoa com quem partilhamos o quarto, mas se não dermos, e se não  
522 nos dermos bem com ninguém, não sei como acontece... E depois, mesmo que nos  
523 demos bem, devíamos sempre ter a opção de não querer partilhar o quarto. O melhor  
524 sempre é termos mesmo o nosso quatinho, o nosso canto, o nosso espaço, que é isso  
525 que depois nos dá privacidade, que nos faz sentir como se estivéssemos em casa à  
526 mesma, apenas com a diferença que aqui, apesar de estarmos em casa, temos pessoas  
527 que estão constantemente a cuidar das nossas necessidades, onde podemos também ter a  
528 nossa privacidade, a nossa intimidade, percebe? Isso devia ser obrigatório, devia haver  
529 quartos individuais. E depois é mesmo ao nível das mentes de cada um. Sim, porque  
530 ser-se uma pessoa mais velha, ser-se homossexual, bissexual, seja o que for, e ainda por

531 cima continuar a manter relações sexuais... Quer dizer, é um choque de se parar o  
532 coração para muita gente, não é? [risos] [Pausa 0,2 segundos] Mas a sério, há muita  
533 gente que não aceita, que não permite. Aos meus avós, que Deus tenha as suas almas em  
534 descanso, se ressuscitassem e me vissem como sou, iam logo recambiadinhos de novo  
535 para a campa! Aliás, se me virem lá de cima, de certeza que estão a dar voltas na campa  
536 com o desgosto! [risos] Mas isso é mesmo assim em tudo, há mentalidades diferentes,  
537 educações, compreensões e tudo mais que seja... E isso é que é um desafio enorme,  
538 sermos todos diferentes. E somos todos diferentes, é certo, mas temos que nos respeitar  
539 uns aos outros, temos que saber compreender as diferenças dos outros porque não  
540 somos todos iguais, é óbvio. E ao nível da mente, temos de ser abertos cada vez mais,  
541 porque cada vez mais há uma maior diversidade em tudo. Acho que é isso que mudava,  
542 que gostava que gostava que fosse diferente. Principalmente isso, é. Mas pronto, isso já  
543 está fora do meu alcance, tem de partir de cada um, não é verdade?

544 **E.:** Muito bem, chegámos então ao fim da entrevista! Como tal, gostaria de lhe  
545 agradecer a sua participação e disponibilidade. Muito obrigado! Não custou nada  
546 pois não? [risos]

547 **A.:** [Risos] E não é que não custou mesmo!? [risos] Mas de nada menina, obrigado eu  
548 pelo momento interessante [sorri].





## **Transcrição da entrevista N°2 – Ana**

1 **E.: Muito bem, então, o que acha, podemos começar?**

2 **A.:** Sim... sim. Mas... Nada, nada, esqueça. Sim, deixe lá.

3 **E.: Diga, diga. Passa-se alguma coisa?**

4 **A.:** É que... apenas sinto um desconforto. Sabe? Estou preparada, sim, mas sei que  
5 voltar a falar de todas as situações da minha vida por que passei que... bem, pronto, que  
6 trazem ao de cima certas mágoas já enterradas... Mas bem, é por uma boa causa.  
7 Vamos lá. Já passei 82 anos assim, não será por mais uns momentos.

8 **E.: Claro, compreendo. E agradeço a sua colaboração. Mas fazemos assim, se**  
9 **sentir necessidade de parar em qualquer instante, diga por favor. Parece-lhe bem?**

10 **A.:** Sim, parece-me bem.

11 **E.: Então, 82 anos, ham. Isso é que uma boa longevidade!**

12 **A.:** É verdade. Mas olhe que não é tão boa assim. Creio que tem conhecimento de  
13 algumas situações, e... como sabe, tive uma vida bastante... apoquentada. Mas hoje  
14 passará a ter conhecimento de praticamente tudo.

15 **E.: Sim, sim, de algumas. E por achar a sua história tão rica é que a convidei a**  
16 **colaborar nisto comigo, pelo que lhe agradeço uma vez mais pela sua participação.**

17 **A.:** Ora... de nada. Que sirva para fazer alguma diferença que seja, pelo menos.

18 **E.: Então, sendo assim, fale-me um pouco de si.**

19 **A.:** Alguma coisa em concreto? Ou assim no geral?

20 **E.: Assim mais ao nível pessoal. A sua idade já sei, mas fale-me mais de si. Por**  
21 **exemplo, o que estudou ou onde, se é casada ou não... esse tipo de informações.**

22 **A.:** Ah. Sim, estou a ver. Aquela coisa toda assim dos dados mais biográficos, não é?  
23 Também fiz alguns assim quando era estudante. Pois, pois. Já sei. Então, como já sabe  
24 tenho 82 anos. Sou enfermeira de profissão. Quer dizer, era, deixei isso tudo já há  
25 algum... muito, muito tempo. Mas sim, era enfermeira. Tirei esse curso porque sempre  
26 foi o que me atraiu mais. O cuidar, sabe? Tratar do outro, percebe? Não olhando para  
27 mais factor nenhum do que apenas o facto de ali estar um ser humano que precisava de  
28 alguém. Não interessava se era rico ou pobre, se era alto ou baixo, se era gay ou não, se  
29 tinha estudos ou não, nada. Apenas o tratar do outro de igual para igual. Percebe? Tirei-  
30 o assim que pude, nova, nos meus vintes [anos]. Fui enfermeira toda a vida, até me

31 reformar, o que teve de acontecer antes do previsto, dadas as condições e os problemas  
32 de saúde que passei. E que passo...

33 **E.: Que problemas, mais concretamente?**

34 **A.:** Bem, eu sou uma doente oncológica. Por duas vezes. Quer dizer, nunca deixamos de  
35 ser, posso ter sobrevivido ao primeiro cancro, que foi no pulmão, mas não deixei de ser  
36 uma doente oncológica. Apenas se vive num período indeterminado em que achamos  
37 que estamos livres, somente vigilantes, até levarmos com a notícia de que reapareceu ou  
38 de que se metastizou para diversas zonas, ou que apareceu noutro lado qualquer sem às  
39 vezes nada ter a ver com o órgão em que estive anteriormente... E cá estou eu para o  
40 validar. Depois de me livrar do primeiro, lutei contra o aparecimento do segundo e...  
41 com muito esforço, muita luta, cá estou eu, passei mais um. Mas todos os dias luto, para  
42 continuar a ter alguma qualidade de vida, porque como vê fiquei muito debilitada. Não  
43 sou dependente, mas sei que não estou igual ao que fui. *[Pausa 0,3 segundos]* Já vou  
44 precisando de algumas ajudas, mas isso já a todos os níveis... Fiquei mais magra, bem  
45 mais magra, mais fraca, mais cansada... já noto a necessidade de algum apoio para  
46 algumas coisas do dia-a-dia... e financeiramente também, a verdade é essa. Embora me  
47 envergonhe um pouco admitir isto, a verdade é que por me ter tido de reformar mais  
48 cedo devido à questão do cancro, e de outros problemas de saúde na altura, sofri  
49 penalizações na reforma. Tenho uma reforma de 700€. Hoje em dia o que é que isto  
50 vale? Dá para quê?! E ainda por cima com todos os medicamentos que tenho de tomar,  
51 que não são só para a questão dos cancros mas de outros problemas também, e –  
52 atenção, os quais não são comparticipados! –, e mais a alimentação, água, luz, gás...  
53 sobra o quê?! Dá para quê?! Não é? Compreende?

54 **E.: Compreendo. Mas vive sozinha, ou tem alguém que a ajude a suportar esses**  
55 **custos que refere?**

56 **A.:** Olhe, não. Estou só há já muitos anos, aqui na minha casinha... Sei que não tem  
57 aspecto de casa, que tem parcas condições... mas é, é minha, e esta já ninguém ma tira.  
58 Só quando morrer. Não caio novamente na esparrela. Mas não, nunca casei, mas estive  
59 junta diversas vezes. Mas correu sempre mal. Muito mal... *[Pausa 0,4 segundos]*  
60 Também não tenho filhos. Só tive os filhos dos outros. Isto é, das companheiras com  
61 quem estive, que como sabe, eu gosto de mulheres, que já tinham os seus filhos, e tratei-  
62 os o melhor que pude, como se fossem meus. Mas sempre fui muito sozinha, sabe?

63 Quer dizer, se tem algum conhecimento de algumas das minhas situações, com certeza  
64 deve ter um pouco essa noção.

65 **E.: Sim, tenho alguma noção, mas pode explicitá-las mais um pouco, se não se**  
66 **importar.**

67 **A.:** Sim, bem... sempre fui só. Não *só* em termos de ter relações, porque essa eu fui-  
68 lhas tendo. Falo de *só* em termos de ter sido sempre uma pessoa isolada. Excluída.  
69 Gozada. É assim desde nova, desde que soube que gostava de mulheres. Sempre soube.  
70 Antes até da minha adolescência. E nunca fui daquelas mulheres que parecem assim...  
71 mais masculinas, sabe? Sempre fui um pouco mais feminina, mas sabia que gostava de  
72 mulheres. Mas acho que sempre passei mais despercebida por isso. Devia ter os meus  
73 14 ou 15 anos, mais coisa menos coisa, quando arranjei toda a coragem do mundo e me  
74 declarei a uma melhor amiga que tive desses tempos. Ainda me lembro perfeitamente.  
75 Numa tarde depois da escola, estávamos a passear no jardim. Tínhamos ido buscar um  
76 gelado, estava um dia de muito calor, estávamos no verão. Sentámo-nos num banco, e  
77 enquanto ela falava de rapazes, eu estava muito calada. Lembro-me de estar sempre a  
78 esfregar as minhas mãos nas calças, porque apesar daquele calor, eu tinha as mãos  
79 geladas e suadas, dos nervos da decisão de me ir declarar! Mas ela não se calava! *[risos]*  
80 Havia uns dois ou três rapazotes da nossa turma de quem ela gostava. Gostava...  
81 achava-os bonitinhos. E ali falava ela, toda muito alegre sobre os seus planos para o  
82 verão, e em como iria fazer para estar com cada um deles, porque os seus pais eram  
83 mais para o conservadores, como eram os meus, e então isto naquele tempo não era  
84 como é agora, que com 10 anos, mais coisa, menos coisa, já se anda aí a passear  
85 sozinhos e a namorar como se fosse tudo muito sério. Mas bem, no meio disto,  
86 encontrei coragem para a calar e disse-lhe, levantando assim a mão, como que em jeito  
87 de lhe fazer o sinal do “shiu!”: *“Oh [nome da amiga]! Cala-te lá um bocado porque eu*  
88 *tenho uma coisa muito importante para te dizer e tu não paras de falar de rapazes!”*. Só  
89 depois de eu ter dito aquilo é que percebi que o disse quase a gritar, o que atraiu a  
90 atenção de algumas pessoas ao nosso redor, pois claro, não é... Bem, a *[nome da*  
91 *amiga]* ficou assim a olhar para mim, com os olhos muito abertos, meio para o  
92 estupefacta, e lá reagiu e depois perguntou-me o que é que me tinha dado, se estava maluca  
93 para estar a gritar, ainda para mais com ela e no meio da rua! *[risos]* E eu, de tão  
94 perdida e envergonhada que me sentia, mas e ao mesmo tempo motivada pel’aquela  
95 coragem arrebatadora, pel’aquele grito... apenas lhe respondi: *“Estou! Por ti!”*. *[risos]*

96 Escusado será dizer que ela se desatou a rir porque achou que eu estava a brincar.  
97 Naquela altura não havia cá nada destas coisas, percebe? Era um tabu gigante. Hoje é  
98 tudo muito liberal, tudo muito à vontade, tudo muito solto e livre e sem preconceitos.  
99 Mas não era nada assim, eram outros tempos. Ui, se não era. E eu que o diga. Não havia  
100 cá gays, quanto mais lésbicas. Imagina-se, e com uma família conservadora... era o  
101 escândalo. O vexame. A desonra. Era-se ostracizado de imediato! A pessoa que era gay,  
102 lésbica, transexual, fosse o que fosse, até hermafrodita se assim fosse, quando se  
103 sabia... passava-se de pessoa a um monstro, a uma aberração, a um ser odiado, que  
104 deveria de ser alvo de ódio pelos outros, descartado e abominado pela sociedade e que  
105 deveria de ser invisível enquanto pessoa. Era como se não existisse e ao mesmo tempo  
106 tivesse que andar sempre escondido porque se tinha um alvo nas costas constantemente  
107 colado à espera do próximo ataque. Hoje acho que já não é bem assim. Felizmente. Mas  
108 bem, eu de determinada que me senti, fiz questão de frisar que estava a falar a sério.  
109 Que gostava dela, e muito. Que queria ser namorada dela. E assim meio entre dentes,  
110 ‘cuspi’ uma série de planos que já tinha pensado para nós, para o futuro. E acho que me  
111 perdi ali um pouco, até devo ter fechado os olhos ou algo do género, assim durante um  
112 bocado, porque a verdade é que quando abri os olhos, quando vi com olhos de ver o que  
113 tinha à frente, apenas notei o ar de choque da [nome da amiga]. Em segundos, o ar de  
114 choque passou a ar de escárnio e de ar de escárnio passou para um “Adeus e até  
115 nunca!”. Levantou-se como se corresse pela vida e foi-se embora. Foi-se embora a  
116 correr e deixou-me ali sozinha, como se de melhores amigas passássemos a  
117 desconhecidas, que nunca se tivessem visto, e eu fosse uma portadora de todas as  
118 doenças contagiantes do mundo. De repente... fiquei a encarar o vazio. À minha frente  
119 apenas restava a paisagem.

120 **E.: Compreendo. E é por isso que se diz ser uma pessoa só?**

121 **A.:** Sim, mas não só por isso. Digo-o porque foi a partir daí que toda a minha vida  
122 mudou. Que tudo se desmoronou.

123 **E.: Pode explicitar? Em que sentido?**

124 **A.:** Sim. Bem... Depois desse episódio, em que tive coragem para me declarar e tudo  
125 terminou daquele modo, é claro que fiquei mais apreensiva quanto à ideia que já tinha  
126 de me assumir... Ia ganhar coragem, assumir-me, mudar as mentes, mudar o mundo  
127 uma pessoa de cada vez, e quem gostasse de mim, eu sabia que iria ficar a meu lado, e  
128 que isso me bastaria para ser um exemplo ou pelo menos motivar pessoas que pudessem

129 ser como eu e que sentissem medo de se assumir. Ia mudar tudo, entende? Sentia-me  
130 uma ativista, mas pela orientação sexual. Coisa que agora é muito comum, mas na altura  
131 não era! Mas eu faria a diferença, ou tentaria pelo menos! Mas depois disso, de ver  
132 como uma pessoa que eu amava, que supostamente também gostava de mim, ainda que  
133 como amiga, de ver como reagiu, o ar que fez, o modo como me olhou, como me fez  
134 sentir por dentro... acabei por pôr tudo em causa! Se a minha melhor amiga de tantos  
135 anos me havia olhado e tratado assim, que me conhecia melhor do que ninguém e  
136 éramos tão próximas, se nem me deixou falar, explicar, ou resolver fosse o que fosse...  
137 porque não precisava ter terminado assim, não é? Mas e então como agiriam os outros  
138 que não fossem meus amigos? A minha família? Os preconceituosos e os odiosos que se  
139 faziam saber existir? Iriam apedrejar-me na rua? E não estou a brincar, corria um rumor  
140 de que havia um senhor homossexual que se havia assumido e que devido a isso havia  
141 sido apedrejado severamente para lhe darem uma lição em nome de Deus, porque Deus  
142 não queria que houvesse pessoas diferentes. [Pausa 0,2 segundos] Quem não teria medo  
143 de uma coisa dessas?! Mas que Deus permitiria isso?! Mas que raio de pessoas fariam  
144 isso!? ... Percebe? Compreende?

145 **E.: Sim, sim, estou a acompanhar. Continue, não se preocupe.**

146 **A.:** Pronto, claro que fiquei cheia de medo não é... E tinha razão para isso. Mas pronto,  
147 nesse dia fui para casa, fui para o quarto, chorei que me fartei, e a minha irmã – que eu  
148 tenho uma irmã, ou melhor tinha –, ela então foi lá ao meu quarto, e foi tentar perceber  
149 porque é que eu estava naquele estado, porque nos dávamos muito bem. Claro que  
150 depois daquilo já não queria contar nada a ninguém. Não logo naquele momento, pelo  
151 menos. Iria esperar umas semanas, um mês, algum tempo pelo menos para reganhar a  
152 minha coragem, deixar de questionar tudo novamente, e iria então começar por falar  
153 com as pessoas lá em casa, porque achava que a família seria o ponto mais importante  
154 por onde começar. Se eles aceitassem, então estava quase tudo ganho e poderia sentir-  
155 me bem e mais à vontade comigo mesma perante os restantes. Se eles me aceitassem,  
156 então todos os outros não teriam tanto peso. Percebe?

157 **E.: Percebo. E como correu então?**

158 **A.:** Bom... Bem é que não correu... Acontece que me esqueci de um fator muito  
159 importante. Daquela minha paixão declamada. Acontece que uma rapariga da nossa  
160 turma me ouviu a declarar-me à [nome da amiga] no dia anterior lá no jardim. E essa  
161 rapariga era aquela típica rapariga da turma que parece que tem uma espécie de poder

162 sobre todos, que sabe tudo de todos, que só ela parece ser perfeita. Daquele tipo de  
163 miúda de quem todos querem ser amigos porque se forem inimigos são arrasados. E  
164 calhou-me a mim. No dia seguinte, essa parva foi falar com a [nome da amiga] e acho  
165 que a confrontou sobre o que tinha ouvido. Claro, naquele tempo como era um tabu tal,  
166 ninguém queria estar associado a uma pessoa que fosse gay, ou lésbica, ou transexual...  
167 ou fosse o que fosse. Bastava ser-se diferente. Ninguém queria ter nada a ver connosco.  
168 Demarcavam-se de nós como se estivéssemos a morrer com uma doença totalmente  
169 mortal e contagiante. E foi o que aconteceu. A [nome da amiga] foi confrontada por  
170 essa rapariguita e como nós já não tínhamos falado mais até essa manhã, a manhã na  
171 escola, do dia seguinte, pelo que soube, acho que confirmou tudo o que a outra ouviu e  
172 eu virei alvo de chacota. Assim que entrei na escola... lembro-me de passar pelos  
173 portões da entrada e de ver montes de grupinhos assim... meio cochichantes, a falar  
174 entre eles e olhando para mim à medida que eu ia passando... As pessoas com quem  
175 falava ou cumprimentava todos os dias não me falavam, outros olhavam para o lado  
176 enquanto outros olhavam para mim fixamente como se fosse uma aberração... e  
177 comecei a perceber que aquilo que mais temia – que fossem os outros a falar de mim em  
178 vez de ser eu a assumir-me, ser eu a controlar essa decisão e esse momento –, que  
179 aconteceu. [Pausa 0,2 segundos] Nisto tocou, entrámos todos para as aulas e aquela  
180 aula foi só de burburinhos constantes. Quando saí da aula, pediram-me logo para ir à  
181 sala do Diretor, que precisavam de falar comigo. Quando cheguei lá, sabe quem lá  
182 estava sentado já à minha espera? Os meus pais. [risos] Meu Deus... que parvoíce. Nós  
183 também vivíamos perto da escola. Mas foi um absurdo. Tinham chamado os meus pais  
184 porque aquela rapariguita foi fazer queixa ao Diretor. Conclusão, tivemos uma longa  
185 reunião sobre o que eu era ou deixava de ser, onde fui duramente criticada, humilhada,  
186 enxovalhada pelo Sr. Diretor e pela incredulidade dos meus pais, que agora já sabiam de  
187 uma coisa que queria ser eu a decidir. Ao qual claro, também não reagiram nada bem.  
188 Não tive uma única palavra de carinho ou compreensão de ninguém, mas  
189 principalmente dos meus pais, que... Caramba, eram meus pais... Claro que aproveitei  
190 para me assumir. Não ia ser cobarde agora que tinha sido completamente exposta. Já  
191 que estava a chocar, a ser vexada, a ser maltratada como se fosse... como se fosse...  
192 nem sei, nem sei o que me senti ser! Mas não iria passar por aquilo de novo, e então  
193 aproveitei o embalo do cenário e assumi. Disse que sim, que a queixa não devia ter sido  
194 queixa porque apenas estava apaixonada, e isso não era crime, ou não devia ser, apenas  
195 porque gostava de uma rapariga em vez de um rapaz! Mas pronto, já não fiquei mais lá,



196 nesse dia já não concluí as aulas e o Diretor falou aos meus pais sobre uma escola  
197 especial de freiras ou lá o que era que revertia as raparigas lésbicas para raparigas  
198 normais. Subentenda-se, que gostassem de rapazes, que fossem heterossexuais. Mas  
199 felizmente consegui terminar a escola noutro sítio. Também já não faltava muito. Mas  
200 sempre na condição de esconder quem era. Não me podia manifestar, não podia ter  
201 interesse nas raparigas, e mal tinha amigas. E assim que terminei, que fui ao mesmo  
202 tempo trabalhando num café aqui, numa loja ali, onde desse, para juntar o máximo que  
203 pudesse, fui logo tirar o curso de Enfermagem. E consegui.

204 **E.: Então e os seus pais? Como ficou a vossa relação depois desse episódio?**

205 **A.:** Ah, sim. Depois disso fomos para casa, os meus pais puseram-me de castigo até a  
206 minha irmã chegar e quando ela chegou reuniram-se todos comigo na sala. Começaram  
207 por lhe perguntar se ela sabia, para não lhes mentir – até um estalo lhe deram porque  
208 como nos dávamos bem achavam que ela me estaria a encobrir e que soubesse tudo,  
209 mas não, por acaso não –, e lhe dizer tudo o que soubesse. Ela estava bastante confusa,  
210 sem perceber nada, e acho que foi aí que os meus pais perceberam que ela não sabia e  
211 acabaram por lhe pôr a par do que se passava. Percebe? O eu gostar de mulheres, o ter-  
212 me declarado à minha amiga, o ter sido dispensada da escola pelo Diretor, o ser falada  
213 pelos colegas, os cochichos, a vergonha, tudo isso... Lembro-me que me fartei de  
214 chorar... com medo, com raiva, com pena da minha irmã pelo estalo, pela impotência,  
215 pela frustração... E pelo que ouvia... do que eles me diziam... [*Pausa 0,4 segundos*]  
216 Lembro-me de ter respondido a certa altura que não tinha feito mal a ninguém, que tinha  
217 orgulho em mim já que ninguém tinha, e que iria assumir-me e mudar o mundo. O meu  
218 pai ficou estático com aquela afronta, branco como a cal, como se tivesse visto a morte  
219 em pessoa a dizer a maior barbaridade do mundo. Tenho as palavras dele tão presentes  
220 como se tivesse sido hoje... Enquanto a minha mãe chorava desalmadamente agarrada à  
221 minha irmã, que estava muito assustada, o meu pai agarrou-me pelo braço, arrancou-me  
222 do sofá da sala onde nos havíamos reunido, e pôs-me de pé. E de repente só me lembro  
223 de ver a mão dele a vir em direção à minha face. Começou a bater-me. Creio que com  
224 toda a força que tinha, como se aquela tarefa fosse fazer desaparecer a lésbica que havia  
225 em mim. Enquanto me batia, lembro-me dele me dizer: *“Tu vais ser normal outra vez!*  
226 *E eu vou fazer com que isso aconteça, nem que seja a última coisa que eu faça! Não*  
227 *admito que nos humilhes desta maneira com essas fantasias de adolescente! Queres*  
228 *matar-nos de vergonha?! Queres desonrar a nossa família? Vais ver quem é que te*

229 *desonra a ti! Não há cá fufas nesta família, isso não existe, percebeste bem!? Isso vai*  
230 *acabar, esse devaneio vai morrer imediatamente ou és tu quem morre com ele! ”.*  
231 *[Pausa 0,6 segundos]*

232 **E.: Precisa de fazer uma pausa? Respirar fundo um pouco?**

233 **A.:** Não... *[Pausa 0,3 segundos]* São as memórias. Sabe? Aquelas malditas memórias  
234 que nos marcam pela negativa, pelo que de terrível tiveram em nós, e nós em vez de nos  
235 libertarmos disso para sempre, continuamos a guardar tudo cá dentro. Achamos que por  
236 não pensarmos nisso durante décadas que já esquecemos, que ultrapassamos. Mas não.  
237 Isso nunca acontece verdadeiramente... E recordo-me perfeitamente do que ele me  
238 disse, das suas palavras exactas, porque foi no que me foquei para me tentar abstrair da  
239 dor da tarefa que ele me estava a dar... A certa altura abri os olhos e dei por mim no  
240 chão, parecia que tinha perdido a consciência, pois nem apercebi de como lá fui parar,  
241 completamente dormente da pancada que levei, que já nem sabia onde me doía. Se na  
242 cara, se nos braços, se nas costas, se nas pernas... Tudo onde aquele cinto pudesse ter  
243 acertado, e que acertou, estava numa dor extenuante de tal ordem que me sentia mais  
244 dormente do que dorida por nem saber identificar a fonte da dor. Senti que tinha sido  
245 atropelada por uma betoneira vezes sem conta... Por trás do zumbido que tinha nos  
246 ouvidos, das palavras que me foram gritadas e dos meus próprios gritos, estavam os  
247 gritos e o choro da minha mãe e da minha irmã, que agora tinha a mão da minha mãe  
248 em frente dos seus olhos, ou seja, quando me apercebi que estava no chão. Quando o  
249 meu pai viu, que deve ter percebido quando viu para onde eu estava a olhar, agarrou na  
250 minha mãe e obrigou-a a destapar os olhos da minha irmã, aos gritos, completamente  
251 louco, a dizer que ela que visse e bem, que tinha de ver para também aprender, porque  
252 servir-lhe-ia já de exemplo a ela se ela se pusesse com ideias também. E voltou a levar  
253 um estalo. Se no estalo pouco antes a tinha magoado a sério, deixado marca e a chorar,  
254 desta vez tinha-lhe rebentado com o lábio. Não satisfeito, ainda agarrou a minha mãe  
255 pelo pescoço e disse-lhe: *“Que seja a última vez que alguém decide tentar humilhar a*  
256 *minha pessoa! Não tolerarei outro vexame deste género, a humilhação pública, o*  
257 *falatório, a minha imagem denegrida. A desonra desta família! Se o tentarem, não*  
258 *haverá uma próxima vez para o contarem a ninguém.”.* Depois apontou o dedo para  
259 mim e acrescentou: *“E tu, que amanhã sejas normal de novo. Todos! Todas vós agirão*  
260 *normalmente amanhã, contradizendo qualquer opinião em contrário e especialmente*  
261 *no que disser respeito a este episódio de fufice! Fufa, a minha filha acha que é fufa!*

262 *Mas que merda é esta! Uma aberração de merda, o meu próprio fruto! Onde é que isto*  
263 *já chegou!?”* E tive de ser. Foi assim que consegui não ir para o tal colégio de freiras.  
264 Tive de ir para uma escola nova, mudámo-nos de casa, e tive de ser a miúda nova, que  
265 entra a meio das aulas, e que ainda por cima estava proibida de fazer amigos. Era ir de  
266 casa para a escola e da escola para casa. Consegui convencer o meu pai de que tinha  
267 voltado a ser normal para ir podendo fazer uns trabalhos aqui e ali para juntar o meu  
268 dinheiro o máximo possível e poder sair dali para ir fazer o meu curso de Enfermagem  
269 bem longe deles, para poder ser eu própria finalmente. Enquanto ele fosse vivo ou eu  
270 vivesse ali ou dependesse deles... nunca iria ser feliz. Sim, porque não bastava o terror  
271 que vivi naquele dia, e vivia todos os dias com a perseguição do meu pai, com o medo e  
272 o silêncio da minha mãe, que nunca me soube dar uma palavra de carinho ou fosse do  
273 que fosse, como ainda a minha irmã me deixou de falar. Passou a odiar-me. Culpou-me  
274 por tudo o que aconteceu, por ter tido de deixar tudo para trás, por tudo. E nunca me  
275 aceitou. Basicamente vivia com mais três pessoas mas era como se estivesse sempre só,  
276 com medo, e a viver uma mentira. Depois lá consegui juntar o dinheiro para o curso, e  
277 nem pensei duas vezes. Fui-me embora dali.

278 **E.: Estou a ver. Viveu uma situação bastante delicada. E depois do curso? Referiu-**  
279 **me no início que tinha conhecido uma companheira.**

280 **A.:** Ah, sim. É a tal história, uma desgraça nunca vem só. E no meu caso acho que não  
281 parou sequer. Depois de ter tirado o meu curso, arranjei um trabalho num hospital. O  
282 meu primeiro trabalho na área. Desde que comecei a tirar o curso que tinha arranjado  
283 coragem para me assumir novamente. Claro que nada havia mudado não é, os  
284 pensamentos e os tabus eram os mesmos. Mas consegui arranjar companheira. Mais  
285 uma vez, ali era posta de lado. Os homens repudiavam-me e humilhavam-me como  
286 podiam, tinham conversas sobre mim, ao pé de mim, em tons jocosos, e as mulheres  
287 afastavam-se de mim com medo de serem associadas a mim como minhas companheiras  
288 e sofrerem também o preconceito. Tive apenas dois amigos. Aliás, amigas. Duas  
289 enfermeiras. Conheci a primeira pouco tempo depois de ter começado a exercer, que era  
290 também um pouco mais velha do que eu, e anos mais tarde, já eu tinha quase 40 anos,  
291 conheci esta segunda amiga, sendo ela mais nova do que eu uns 15 anos, salvo erro.  
292 Actualmente uma delas já não é viva, a primeira amiga que fiz, e foi quem me ajudou  
293 no fim desta relação, e a outra, a segunda e mais nova, é quem ainda me ajuda no meu  
294 dia-a-dia. Mas bem, passado um tempo de estar a trabalhar e de bastante sozinha, uma

mulher da parte do bar começou a aproximar-se de mim, o que estranhei. A falar  
comigo com frequência, a convidar-me para um café aqui, outro ali, e começámos a sair  
mais vezes juntas. Claro que começou a haver burburinho, mas eu já estava habituada e  
ela também não se pareceu incomodar com isso. Um dia perguntei-lhe se não tinha  
medo das represálias por sair comigo e ela respondeu-me que não, que sabia quem eu  
era muito bem, e que apesar de eu ser uma pessoa sozinha e falada por outros, que era  
isso que a atraía. Só no fim percebi porquê, mas pronto, foi isso que ela disse. Nisto  
começamos a namorar. Havia pouca intimidade, não da minha parte, mas da dela, mas  
pronto, sempre respeitei isso porque cada um é como é e portanto respeitei. De repente,  
pessoas que eu não conhecia de lado nenhum começaram a vir falar comigo, a dizer-me  
que ela não era flor que se cheirasse, que não era lésbica coisa nenhuma, que só se  
queria aproveitar de mim... etc etc etc. Nestes entretantos, faço amizade com aquela  
primeira enfermeira que era mais velha. Nisto, eu e a [*nome da namorada*] começámos  
a ter uma relação mais séria e contei-lhe o que se dizia sobre ela só ter interesse por  
mim e tudo mais. Ela quis provar-me que não e para me mostrar o quão séria eu era para  
ela, propôs-me irmos viver juntas. Claro, eu fiquei muito surpresa, mas a ideia de ter  
finalmente alguém a amar-me de verdade me agradou muito, alguém que me aceitava  
como eu era e me compreendia. Nem estranhei! E deixei-me levar! Entretanto  
começamos a fazer planos para nos juntarmos e ela diz-me que tinha problemas com a  
casa dela, que não podíamos viver lá porque tinha de sair de lá, porque não era dela, era  
arrendada ou algo assim, e o senhorio queria mudar o contrato, bem, não sei, uma  
história muito mal contada, vendo bem sem ter o sentimento a toldar-me a visão, mas na  
altura estava com os sentimentos à flor da pele, claro que acreditei e nem quis saber.  
Propus-lhe então irmos viver juntas na minha casa! Tinha dois quartos, duas casas de  
banho, uma cozinha e uma sala, uma varanda e uma despensa. Pronto, era uma casa que  
não era de muitas divisões, mas era ampla. Dava para vivermos bem ali as duas. E assim  
foi. Ela mudou-se, começámos a fazer a nossa vida a dois, a adaptar um bocado as  
nossas rotinas, e depois de uns dois meses juntas, a nossa vida íntima começou a... a  
esmorecer, vá. Não é que tivéssemos relações todos os dias, mas havia alguma  
frequência. E ao fim desse tempo começou a diminuir. Resolvi falar com ela, porque  
comecei também a vê-la assim mais... mais... menos presente, percebe? Andava mais  
na lua, mais distraída, não sei, diferente. Nisto decidi falar com ela, um dia já perto da  
hora do jantar, preparei tudo e quando ela chegou, que nesse dia cheguei mais cedo,  
pedi-lhe para se pôr mais à vontade, para se sentar à mesa, e comecei a falar com ela.

329 Expliquei-lhe o que me apoquentava, o que me ia na alma, e nisto ela diz-me que  
330 andava assim porque andava com problemas no trabalho e que lhe queriam fazer a  
331 folha, ou seja, entalá-la para a dispensarem, pronto. Que se sentia mal, humilhada, mal  
332 tratada, que gozavam com ela... mas sem nunca me dizer o porquê, qual a razão disso.  
333 E eu, que toda a vida passei por isso, pensei e pensei no que ela me dizia, e resolvi  
334 perguntar-lhe se por acaso o motivo para isso não seria eu. Ou seja, se por ela ter  
335 assumido uma relação comigo, se andava a ser perseguida e gozada por isso. Porque lá  
336 está, havia muito tabu ainda, era das piores coisas que uma pessoa podia revelar ser. Ela  
337 não quis olhar para mim, começou a chorar, e não me respondia. E eu percebi. Percebi  
338 que era por minha causa, senti-me mal e impotente, frustrada por ver que uma pessoa de  
339 quem gostava tanto, que amava daquela forma, não estava feliz por minha causa, por  
340 estar comigo, que sofria com isso em silêncio. Era por isso que supostamente a queriam  
341 pôr dali para fora, porque ela agora era uma ameaça. Uma lésbica num local de trabalho  
342 de mulheres, imagina o pânico que se sentia ali? Tinham todas medo de serem  
343 associadas à “fufa” de serviço. Ridículo, mas é verdade. Lá conseguimos falar um  
344 pouco e perguntei-lhe o que ela pensava fazer, o que queria, que ideias tinha, o que é  
345 que eu podia fazer para a ajudar... Bom, ela lá desenvolve e diz que já tinha pensado em  
346 sair dali, que tinha um grande amigo que trabalhava na Suíça (que por acaso eu nunca  
347 tinha ouvido falar, mas pronto, podia acontecer), e que tinha calhado falar com ele ao  
348 telefone a semana passada, e lhe explicou por alto o que se passava e que ele lhe tinha  
349 dito que a podia ajudar a encontrar outro trabalho lá, porque conhecia muita gente e  
350 tinha muitos amigos, e então podia ajudá-la, mas que ela tinha de ir viver para lá. Eu  
351 fiquei assim em choque, não é, não se ouve isso assim de supetão e se fica tranquilo e  
352 muito compreensivo. Comecei a equacionar tudo. Se ela ia, o que eu fazia, onde ficava a  
353 nossa relação, o que ia acontecer... tudo! E perguntei-lhe: *“Então e nós? O que  
354 pretendes fazer? Sabes que te amo, que faço tudo por ti. Se não estás bem nem feliz,  
355 quero que o sejas. Seja onde for. Mas gostava de não te perder.”* E ela responde-me:  
356 *“Eu sou feliz contigo, mas não aqui. Fazes tudo por mim... virias comigo para a Suíça?  
357 Podíamos começar do zero lá, ser felizes.”* E bem, aquela possibilidade não me tinha  
358 passado pela cabeça. Tinha pensado na possibilidade dela ir, do ficar sem ela, mas não  
359 ir. Não porque não fosse possível, apenas porque não me passou mesmo pela cabeça  
360 essa possibilidade. Ou o facto dela querer tanto que eu fosse com ela, que a fazia feliz a  
361 esse ponto! E eu disse: *“Queres mesmo que vá contigo? E o que faço à casa? Se vamos  
362 viver na Suíça não posso manter duas casas, não consigo! E o trabalho? O que eu faço*

363 *no meu caso? Tenho trabalho lá para mim? Meu deus... tanta coisa!”* E era, era muita  
364 coisa! Estava tão assolada com aqueles pensamentos! O que eu ia fazer à minha vida? Ia  
365 mesmo fazer aquilo? Estava em pânico! E ela diz-me: “*Sim, também há para ti!*  
366 *Vendemos tudo, abrimos uma conta as duas, e vamos! E vamos começar do zero! E*  
367 *vamos ser tão felizes! Vamos, não vamos? Vens comigo, não vens?”*. Claro, toda aquela  
368 ideia de felicidade suprema, de irmos juntas para longe de tudo, de começarmos do  
369 zero... o pânico deu lugar à idealização, comecei a idealizar tudo, comecei a imaginar  
370 as coisas, a sentir um felicidade interior e uma calma que substituíram o medo e o  
371 pânico que sentia antes! Nem suspeitei de nada!

372 **E.: Então foi com ela para a Suíça, é isso?**

373 **A.:** Sim, vendi tudo, ela vendeu o pouco que tinha, mas eu vendi tudo, a casa, carro,  
374 tudo! Saí do trabalho, deixei tudo para trás, juntei todo o dinheiro que resultou das  
375 vendas, abri a tal conta conjunta, tratámos de tudo o que era preciso, e fomos para a  
376 Suíça. Tudo isto em cerca de um mês. Inicialmente ficámos com o tal amigo dela, o  
377 [nome do amigo], enquanto procurávamos casa para nós, enquanto nos adaptávamos a  
378 tudo, etc. Depois lá nos mudámos para a casa que gostámos. Nisto, ela supostamente  
379 começou a trabalhar, que o tal amigo conseguiu-lhe trabalho, mas eu nada. Ela vinha  
380 cada vez menos a casa, cada vez mais tarde, supostamente fazia turnos nocturnos... Até  
381 que um dia a segui. E qual não foi o meu espanto quando afinal o trabalho que ela tinha  
382 era na verdade um *affair* com o tal amigo. Voltei para casa, esperei que ela chegasse,  
383 liguei-lhe a dizer que precisava de falar com ela, para ir a casa assim que pudesse, e  
384 então quando ela chegou confrontei-a. Disse-lhe que tinha visto tudo, que sabia de tudo,  
385 que ela não me ia enganar mais, que aquilo tinha sido tudo um esquema para ela ir ter  
386 com ele, que eu não ia permitir, que não me ia enganar mais, que me ia embora e levar  
387 tudo o que pudesse comigo, que ela não ia mexer mais um tostão que fosse da nossa  
388 conta, tudo! E assim que falei no dinheiro... aí é que a expressão dela se transformou.  
389 Levantou-se, veio direita a mim, e começou a agarrar-me, assim nos braços, com muita  
390 força, e a sacudir-me enquanto me gritava que não era eu que a ia impedir de ser feliz,  
391 que não me tinha aturado aquele tempo todo para agora não ter nada, que aquele  
392 também era dinheiro dela porque me tinha aturado aquele tempo todo, que eu não ia  
393 deixá-la, que não ia a lado nenhum, que me ia ficar com o dinheiro todo porque também  
394 era dela e que merecia mais, e quando dei por mim deixei de a ouvir porque me apercebi  
395 que ela me estava bater, e se calhar nem dei pela primeira chapada. [Pausa 0,5

396 *segundos*] Triste, não é? Aquele plano ardiloso... aquele nível de maldade... não é?  
397 Quer dizer, ela tinha tudo planeado! Tudo! O fazer o choradinho, o sair do trabalho, o  
398 vender tudo, o abrir conta conjunta... tudo. Para ir ter com ele. Para poder usar-me  
399 como meio para ir ter com ele! E quando a confrontei, ainda me agride?! Não podia  
400 ficar naquilo. Depois dela me agredir voltou para a casa do [*nome do amigo*], e eu  
401 agarrei no telefone e mesmo àquela hora liguei àquela enfermeira mais velha, a que  
402 referi como minha primeira amiga, e ela felizmente atendeu. Chorei que me fartei,  
403 contei-lhe tudo tim tim por tim tim, o que aconteceu, o que vi, o que ela me fez, o que  
404 disse, tudo. Ela disse-me para eu ter calma, para tratar de tudo, para voltar poder voltar  
405 assim que fosse possível, e que assim que eu voltasse que me ajudaria lá a recompor  
406 tudo, lá em Portugal. No dia seguinte, ou seja, logo de manhã, dali umas horas, ela  
407 ainda não tinha voltado. Eu aproveitei, fui logo cedo ao banco para fazer o que fosse  
408 possível para a impedir de aceder à conta, quando me foi dito e mostrado que já não  
409 tinha dinheiro nenhum na conta. Ela havia levantado tudo. E podia, porque ela tinha  
410 esse poder. Ainda estive umas duas horas a falar com o dirigente do banco, a explicar a  
411 situação vezes sem conta, para tentar reaver o mínimo que fosse naquele desespero,  
412 porque ao fim e ao cabo vendi tudo e tinha acabado de ficar sem nada. Mas nada feito.  
413 Era tudo legítimo e ela podia ter feito o que fez porque também era titular da conta.  
414 Voltei para casa lavada em lágrimas, voltei a ligar para a minha amiga, atualizei-a  
415 sobre tudo e ela... ela acalmou-me. E eu, eu estava completamente desesperada! O que  
416 é que eu ia fazer? Sem dinheiro para voltar, sem dinheiro para pagar a próxima renda,  
417 para ir às compras comprar comida, para pagar as contas! Em breve ficaria sem água,  
418 luz e gás, sem comida suficiente que durasse para o tempo que eu iria precisar, e sem  
419 um tecto onde me abrigar! Em menos de nada passei de ter tudo para não ter nada e  
420 estar à beira de me tornar uma sem-abrigo! Disse tudo isto à [*nome da amiga*] e ela  
421 descansou-me, disse-me para me acalmar e disse-me que me iria emprestar a quantia  
422 necessária mas para outra conta, para evitar que ela pudesse perceber e levantar essa  
423 quantia também, e assim fiz, fechei a outra conta, abri outra, dei-lhe a informação que  
424 ela precisava, a minha amiga, ela transferiu o dinheiro, eu fui de imediato tratar de tudo  
425 o que precisei, terminar contrato de arrendamento, despesas que ficassem em falta para  
426 poder vir embora, comprei o bilhete de avião e vim-me embora. Devo o mundo a esta  
427 minha amiga. Se não tivesse sido ela... nem sei. Não sei como seria a minha vida.  
428 Provavelmente teria acabado na prostituição, no roubo ou numa valeta, porque sendo  
429 lésbica, que já era perseguida e discriminada só por isso, sem nada, sem casa, sem

430 dinheiro, sem trabalho, que ele nunca mo arranjou, sem ter família com que contar, sem  
431 ter ajuda de ninguém a não ser desta minha única amiga, sem nada... não sei mesmo.  
432 Quer dizer, como é que eu faria? Que hipóteses teria? Uns anos mais tarde, esta minha  
433 amiga morreu. Mas foi ela que me salvou a vida, dessa vez pelo menos. Quanto à [*nome*  
434 *da ex-companheira*], nunca mais soube nada dela.

435 **E.: Viveu uma situação muito marcante. E a partir daí, até à data?**

436 **A.:** Bem, achei que agora seria feliz. Não me interprete mal, estava destroçada, desfeita  
437 em mil cacos. Sentia-me gozada, enxovalhada, humilhada, diminuída, abandonada,  
438 traída, magoada, enganada e magoada de todas as maneiras e feitios. Tudo, com toda a  
439 revolta do mundo. Mas a minha amiga teve um papel fundamental neste processo.  
440 Arranjou-me trabalho, fiquei com ela até poder pagar uma casa, fui também juntando  
441 para lhe pagar o que ela me havia emprestado para eu poder voltar, e fiz tudo o que  
442 podia para juntar o máximo de dinheiro possível. Trabalhei horas a fio até acusar o  
443 cansaço, trabalhei em dois lados até, canalizei todo o meu sofrimento para o trabalho e  
444 não tive mais vida para além disso. Levei dois anos até ter tudo pago e a recompor a  
445 minha vida. Como já tinha condições para poder juntar para mim, comecei a juntar  
446 durante uns meses e dei entrada para uma casa. Já que estava a gastar dinheiro  
447 mensalmente para viver numa casa, ao menos que fosse uma renda para ela ser minha  
448 para sempre. E assim foi, voltei a comprar casa, uma coisa muito simples, já da outra  
449 vez tinha sido, mas esta era ainda mais. Tinha só um quarto, uma casa de banho, sala e  
450 cozinha. Bastava-me perfeitamente. Com o tempo a dor, a raiva, a mágoa, as  
451 memórias.... Tudo, foi-se tudo atenuando, e eu continuava cada vez melhor, a juntar as  
452 minhas coisinhas, a juntar dinheiro, sempre canalizada no trabalho. Como já disse, um  
453 tempo mais tarde morreu-me a minha amiga, com leucemia, que nada pude fazer, a não  
454 ser estar com ela todos os dias, e um ano e meio depois aparece-me a mim o meu  
455 primeiro cancro. Senti-me a cair novamente. Desta vez sem ninguém. Sentia-me  
456 finalmente derrotada, sentia-me a contar os dias para o meu fim, mas farta de que fosse  
457 constantemente uma luta tão árdua todos os dias. Acho que há pessoas que nascem  
458 viradas com a sorte para a lua, e outra que nascem para sofrer, como é o meu caso.  
459 Devo ter feito muito mal a alguém numa vida passada, com certeza. Porque não vejo  
460 outra explicação para a vida que tive até aqui. Percebe?

461 **E.: Compreendo. Mas safou-se e continua aqui. Voltou a ser feliz?**



462 A.: Não. Bem, sim... mas não. Quer dizer, é assim, quando estava a meio dos  
463 tratamentos, conheci uma senhora que era voluntária na ala da oncologia, e dia após dia,  
464 mais convalescida, menos convalescida, comecei a permitir que ela falasse comigo.  
465 Desde o episódio da minha ex-companheira que me havia fechado muito. Mal falava  
466 com as pessoas se não fosse por motivos estritos ou se não fossem meus pacientes. E  
467 pronto, entrava muda e saía calada. Ganhei uma má imagem no meu novo local de  
468 trabalho por causa disso. Já não só falavam de mim porque eu era lésbica, porque não  
469 sei como, sabia-se sempre, e eu também não fazia questão de esconder, mas desta vez  
470 andava sempre no meu canto, portanto não sei como se soube, mas dizia, já não bastava  
471 ser a lésbica lá do sítio, como também era um feitio de merda, arrogante, que não falava  
472 a ninguém sem ser necessário. Se soubessem tudo por que tinha passado, se calhar não  
473 mantinham essa imagem de mim, mas é mais fácil assim. Mas pronto, nisto essa tal  
474 voluntária que tentava falar comigo todos os dias começou a conseguir arrancar-me um  
475 “Bom dia” ou um “Até à próxima”, e acho que de tão sozinha que me sentia e de tão  
476 zangada com o mundo que estava, que me permiti ceder à aproximação, às palavras de  
477 motivação e de suposto carinho e força. O tratamento estava a surtir efeito e já lá mais  
478 para o fim, já eu mais fraca também, começamos a ficar sentadas lado a lado durante as  
479 minhas sessões e as conversas já eram mais longas. Partilhava comigo as histórias da  
480 sua vida, os seus infortúnios, os seus dramas, os seus problemas, o seu filho que amava  
481 muito mas que vivia da droga, o seu sofrimento... e acho que foi isso que me fez baixar  
482 a guarda. Foi pensar: *“Caramba... Esta mulher também sofreu e sofre diariamente,*  
483 *principalmente com a situação do filho, e continua a tentar aproximar-se das pessoas,*  
484 *falar com elas, exorcizar o seu sofrimento com a partilha das suas histórias, e a tentar*  
485 *ser mais feliz todos os dias. Porque é que eu não hei-de conseguir também?”*. E aos  
486 poucos, para além de continuar a fazer questão de a ouvir, comecei a partilhar também.  
487 Daqui resultou uma aproximação e a partilha de coisas cada vez mais íntimas. Eu, que  
488 jurei nunca mais pensar em nenhuma mulher ou envolver-me com uma, comecei a dar  
489 por mim a pensar em como ela estaria, em como teria passado o dia, em que teria para  
490 me contar de novo... percebi que estava a criar, se não um sentimento, uma atracção  
491 pelo menos. Na minha última sessão de tratamento, estava lá eu sentada no cadeirão,  
492 algo animada até, pois as perspectivas até ali eram mais animadoras, eu estava a reagir  
493 bem ao tratamento, e ela apareceu, mais uma vez, para se vir sentar a meu lado para  
494 conversarmos. Nesse dia ela fez questão de me perguntar se era verdade o que se dizia,  
495 se eu era realmente lésbica. Eu confirmei, porque as histórias que eu partilhava nunca

496 tinha dito se era com um homem ou uma mulher, deixei que ela assumisse o género da  
497 pessoa à sua vontade. Na altura, quanto menos ela soubesse de mim, para além do que  
498 eu quisesse partilhar, melhor. Mas pronto confirmei, e ela deu-me a mão de imediato,  
499 olhou-me nos olhos e disse-me, com um sorriso de ponta a ponta: “*Eu também!*”. Eu  
500 devo ter ficado com um ar de choque tremendo porque a [nome da voluntária] ficou  
501 meia atarantada e retirou logo a mão dela sobre a minha e ficou muito vermelha! E  
502 disse-me logo: “*Desculpa! Estou a ser atiradiça, não estou? Uma mulher bela como*  
503 *tu... de certeza que já está comprometida novamente! Que vergonha, e eu aqui a*  
504 *evidenciar-me! Desculpa, mas a verdade é que és cada vez mais irresistível e este é o*  
505 *teu último tratamento. Se não to dissesse agora, poderia correr o risco de nunca mais*  
506 *de to dizer!*”. Digo-lhe... Não sei com o que é que fiquei mais em choque, se com o  
507 primeiro avanço ou se com essa frase! E meio que gaguejei, mas lá lhe disse que não,  
508 que não tinha ninguém e que estava numa fase da minha vida muito difícil, que depois  
509 de tudo o que passei, incluindo o cancro, que o melhor era ficar sozinha, era não me  
510 meter em problemas, essas coisas. Mas ela ficou tão triste que não me contive e disse-  
511 lhe que apesar do que lhe tinha dito que também pensava nela, mas não sabia se era  
512 sentimento. Mas voltei a acrescentar que o melhor era manter-me solteira e longe de  
513 encargos porque já me havia bastado tudo aquilo até ali. Com aquilo ela irradiou  
514 felicidade. Disse-me: “*Também pensas em mim? Então agora sei que pelo menos uma*  
515 *hipótese eu tenho. E vou provar-te que podes ser amada e feliz. Vá lá, dá-me uma*  
516 *oportunidade! Eu não te vou desiludir, prometo! Vamos sair, fazer algo que queiras ou*  
517 *gostes! Vamos, dá-me essa oportunidade e não te vais arrepender!*”. Não lhe vou  
518 mentir. Depois de tudo o que passei, aquilo fez-me muito bem ao ego. E foi isso mesmo  
519 que lhe deu uma lavagem. E que lavagem. Que estúpida fui.

520 **E.: Porquê? Afinal sentiu-se minimamente feliz...**

521 **A.:** Porque foi exatamente essa felicidade estúpida, momentânea e passageira que podia  
522 ter evitado e ter escusado acabar onde e como estou hoje. Mais uma que me ludibriou,  
523 foi o que foi!

524 **E.: Pode explicitar?**

525 **A.:** Sim... [Pausa 0,4 segundos]

526 **E.: Precisa de um momento?**

527 A.: Não, minha senhora, não. São... É... é apenas o peso das memórias. A constatação  
528 da realidade, de que não posso voltar a atrás no tempo e mudar este destino de que  
529 deveria ter previsto. Ainda para mais já ter passado aquela primeira situação.

530 E.: **Compreendo, mas se precisar de um momento...**

531 A.: Sim, sim, eu sei, obrigado. [*Pausa 0,3 segundos*] Mas bem, isto para dizer que com  
532 aquelas palavras, com aquele toque na minha mão, com aquele carinho espontâneo... eu  
533 já não sabia o que aquilo era, aliás, quase toda a vida que não soube, e os que achei que  
534 soube, afinal fui enganada. Ou seja, tudo aquilo contribuiu para eu ter aceite dar-lhe a  
535 oportunidade pela qual ela tanto pediu. Começamos a sair, pouco tempo de cada vez e  
536 perto da minha casa porque eu estava ainda debilitada, depois quando fui melhorando já  
537 fazíamos mais planos. Algo que me chamou à atenção era a espontaneidade dela, a  
538 despreocupação do que os outros iriam pensar ao ver-nos. Em plena rua, ela puxava-me  
539 para junto dela e abraçava-me. Ou dava-me a mão, com um sorriso imenso. Sem  
540 qualquer medo do que pudessem pensar, ignorando qualquer coisa que fosse dita! Isso  
541 fez-me ceder mais um pouco. E um dia, junto do mar, com esplanadas e isso, num dia  
542 que nem era verão mas estava imensa gente lá, ela deu-me a mão, abraçou-me e depois  
543 olhou-me nos olhos e disse-me: “*Desculpa!*”, e eu sem perceber, perguntei porquê, ao  
544 que ela me diz “*Por isto!*”, e puxou-me para um beijo! Um beijo, lésbico, em plena luz  
545 do dia, no meio da rua, isto é, num espaço público, rodeadas de gente! Imagina o  
546 escândalo? O drama? A afronta? As reações!? Da forma que foi, foi assolador até para  
547 mim! Claro que quem nos rodeava reagiu, e fomos embora logo dali. Quando me  
548 apercebi do que tinha acontecido ao certo, caí em mim e comecei-me a rir. Começámos  
549 as duas! Percebi que me estava a voltar a apaixonar. De rir passei a chorar, porque me  
550 relembrei de tudo o que já tinha passado quando decidi entregar-me a alguém, e de  
551 chorar voltei a rir por olhar para ela a sorrir para mim. Foi uma enorme trapalhada, foi o  
552 que foi! Mas pronto, falámos sobre isso, sobre o que sentíamos, sobre o que eu estava  
553 preparada ou não, sobre o que iria ou poderia acontecer, o que se fazer... Daí um mês,  
554 mais coisa menos coisa, estávamos a namorar. Ao fim de uns 6 meses, decidimos  
555 juntar-nos. Ela passava uns dias em minha casa, outros eu na dela. Ao fim de uns 4  
556 meses daí, passámos só a ficar na minha, porque cada vez que estávamos na dela, o  
557 filho dela volta e meia aparecia ressacado da droga, a querer dinheiro ou coisas para  
558 vender para poder ter dinheiro para a droga. Discutiam, por vezes ele tornava-se  
559 violento, eu tentava ajudar mas pronto, meter-me numa situação destas era difícil, ele

560 não era meu filho afinal de contas, ainda que eu já o tivesse ajudado e até gostasse dele.  
561 Entretanto, ele já tinha estado duas vezes na reabilitação, mas saiu pouco tempo depois,  
562 mal aguentou dois meses da primeira vez, e da segunda mal chegou a um mês. E a mãe  
563 dele é que pagava tudo não é... Fazia o que podia. Mas pronto, assistindo a isto,  
564 decidimos que para acabar com aquelas situações, que ela passaria a estar comigo na  
565 minha casa. Tudo começou a parecer idílico, à parte do filho dela de vez em quando  
566 ainda lá ir à minha, agora nossa casa. Ia lá jantar de vez em quando, tinha dias melhores,  
567 em que parecia realmente motivado para mudar, outros dias piores, que realmente nem  
568 sei com conseguia lá chegar. Mas sim, tornamo-nos mais íntimas, fazíamos amor mais  
569 vezes, raramente discutíamos a não ser pelo filho dela e pela droga, fazíamos muito  
570 juntas. Lembro-me de pensar que pela primeira vez sabia o que era fazer amor, ter  
571 relações com carinho, com paixão, com intimidade a sério. Mas como eu estava errada.  
572 Quanto mais nos aproximávamos intimamente, mais falávamos sobre o filho dela, sobre  
573 o problema dele com a droga, e a necessidade dele precisar de ajuda. Dizia-me que ele  
574 melhoraria se vivesse connosco duas, que estaria sob vigilância, que com ajuda deixaria  
575 a droga, porque entre nós duas íamos conseguir vigiá-lo e apoiá-lo melhor, etc.. Claro,  
576 eu não achava piada nenhuma a essa ideia, até porque só havia um quarto. Depois  
577 dessas conversas, discutíamos sempre mais, e em seguida, aproximávamo-nos sempre  
578 mais também. Era como que um ciclo. Tanto falámos e discutimos sobre isso que acabei  
579 por concordar, uma vez mais toldada pelo sentimento, de que talvez fosse realmente  
580 melhor para ele ficar sob a nossa vigilância. Não tinha lugar para ele, mas o sofá era  
581 sofá cama, pelo que poderia servir para ele, pelo menos para se começar a endireitar.  
582 Assim foi, ele veio viver connosco, e cedo começaram os problemas. Ora aparecia  
583 empenhado em querer sair da droga, ora aparecia de caixão à cova. Voltámos a juntar  
584 poupanças para o pormos numa reabilitação, e desta vez durou três meses e qualquer  
585 coisa. Voltou para casa e voltou a consumir, cada vez mais, porque cada vez que vinha  
586 da abstinência, ainda vinha pior. Pela última vez, voltámos a investir na reabilitação  
587 para ele sair de vez da droga, com um programa inovador. Desta vez durou 6 meses,  
588 voltou, e aparentemente tudo estava bem. Ao fim de um mês e pouco ele voltou a sair,  
589 disse que ia passear, mas que já não ia ter com as antigas companhias, e quando voltou  
590 notei-o diferente. A mãe dele dizia que não, mas eu percebi que sim. E tinha razão.  
591 Entretanto a nossa vida continuava nisto, e eu voltei a ter problemas de saúde.  
592 Enfrentava agora pela segunda vez outro cancro. Este era mais agressivo, então desta  
593 vez foram mais sessões, mas mais ainda agressivas, e com perspectivas já não tão

594 animadoras como no caso anterior. O dinheiro começou a escassear, a intimidade  
595 desapareceu, as discussões e o ambiente estavam cada vez piores, e ele tinha voltado a  
596 consumir. Tudo isto no espaço dali a um ano e meio. Estava a acabar de pagar a casa, e  
597 tudo estava cada vez pior. Comigo ainda nas sessões de tratamento, ela [*a companheira*]  
598 veio falar comigo, muito preocupada, porque havia vendido a casa dela para os últimos  
599 tratamentos do filho, dado que vivia comigo não havia necessidade de se suportar outra  
600 casa, e estava preocupada que se me acontecesse alguma coisa por causa do cancro,  
601 como eu morrer ou ficar numa cama de um hospital, algo assim, que ficaria sem ter sítio  
602 onde viver, porque a casa estava em meu nome e se eu morresse ela, vá, eles, ficariam  
603 sem ter sítio onde viver, e sem ter posses para causa dos tratamentos do filho. Decidi  
604 então que se ela tinha abdicado da casa dela para vir viver comigo, ter vendido a dela,  
605 confiar em mim sem nunca me pedir nada da casa, então também deveria confiar nela.  
606 Decidi, mais uma vez burra, tratar dos papéis todos para atualizar os documentos para  
607 que ela pudesse ser também proprietária da casa. Entretanto, no meio deste processo  
608 todo, dentro das minhas capacidades, porque voltei a estar bastante combalida, ia  
609 enfrentando as sessões e o tempo ia passando, com ela sempre dividida entre mim e o  
610 filho. Com a questão da casa, a nossa relação melhorou bastante. Com o tempo cheguei  
611 à última sessão, sobrevivi a mais um, e quando recuperei o mínimo possível para poder  
612 trabalhar, voltei ao trabalho e ia trabalhando o que podia, porque fiquei com algumas  
613 mazelas e bastante mais fraca. Trabalhava menos horas, com algumas condicionantes,  
614 com cortes no salário, mas ao menos ia entrando dinheiro em casa. Com isto as  
615 dificuldades iam-se fazendo sentir porque ela para nos acompanhar, a mim e ao filho,  
616 acabou por ser despedida, e eu com aqueles cortes também recebia muito menos. Para  
617 agravar, as poupanças que tínhamos tinham ido todas para os tratamentos do filho dela.  
618 Para facilitar e porque já não aguentava aquele ritmo e o cansaço, com os problemas que  
619 tinha, meti os papéis para a reforma. Sabia que ia sofrer uma penalização, mas nunca  
620 pensei que fosse algo assim. Durante uns tempos só entrou a minha reforma, até ela  
621 conseguir encontrar um *part-time* noutro lado, mas já sentíamos algumas dificuldades.  
622 Entretanto o filho dela, que já havia voltado a consumir, começou a aumentar cada vez  
623 mais as doses, a roubar e ser agressivo. Nisto, nessa semana ele tem de ser assistido no  
624 hospital, porque estava em consumo excessivo, em risco de *overdose*. Quando ele vem  
625 para casa, ela decide que quer vender tudo o que puder para o pôr mais uma vez na  
626 reabilitação. Uma última vez porque esta era de vez. E desta vez eu não concordei,  
627 opus-me logo e disse que não contasse comigo, porque afinal já tinha passado não sei

628 por quantas reabilitações e não tinha mudado nada, continuava a querer saber apenas da  
629 droga, com ele presente. Começamos a discutir, os tons elevaram-se, e lembro-me dela  
630 dizer nos seus argumentos que uma mãe no desespero, por um filho, que era capaz de  
631 tudo. Eu contradisse, disse que mesmo assim tinha de haver limites, e de discussão  
632 passou a gritaria. Ela começou a dizer que esta era de vez, que ia vender tudo, que não  
633 queria saber, que tinha de ajudar o filho, que eu tinha de compreender, que eu tinha de a  
634 ajudar e como lhe fiz frente... ela agrediu-me. Voltei a ser vítima de violência  
635 doméstica pela segunda vez. A cair na mesma esparrela. E a culpa era toda minha.  
636 Tentei defender-me, a dizer que ia chamar a polícia, que não tolerava aquilo na minha  
637 casa, e ela começou a gritar que aquilo não era minha casa mas sim a nossa casa, e que  
638 eu não a podia impedir, que tinha de a ajudar, porque o filho podia morrer se não fosse  
639 ajudado como deve de ser e de vez, e que eu não podia impedir, que não ia impedir, e  
640 que tinha de compreender, e começou a agredir-me violentamente ao mesmo tempo que  
641 me pedia desculpa e que me pontapeava, e ainda me lembro de chamar o filho. Depois  
642 disso já só me lembro de acordar no hospital. Explicaram-me que como levei uma tarefa  
643 muito grande e que como estava muito combalida dos problemas de saúde que tive, que  
644 tinha várias zonas do corpo afectadas gravemente, como os rins, por exemplo, e que  
645 como estava muito agitada, que não podia sair do hospital. Estive induzida em coma  
646 durante 4 dias para o corpo recuperar minimamente e eu sem nada poder fazer, que só  
647 queria voltar para casa para impedir alguma desgraça que ela pudesse fazer. E que fez.  
648 Ah, neste processo, fiz amizade com a segunda enfermeira de que lhe falei no início.  
649 Recordar-se? Aquela mais novinha.

650 **E.: Sim, sim. Não se preocupe, estou a acompanhar tudo, pode continuar.**

651 **A.:** Ah, muito bem. Então... ah, sim! Quando pude voltar para casa, defrontei-me com  
652 um cenário do mais triste possível. [*Pausa 0,3 segundos*] Ela tinha vendido tudo,  
653 incluindo a casa, porque ela agora também era proprietária, e eu tinha estado em coma  
654 no hospital e passaram-lhe uma declaração qualquer a dizer que eu não estava capaz ou  
655 algo assim e que isso lhe conferia todo o poder de decisão e etc. Burlas! Vigarices! Foi  
656 o que foi! Quando eu saí, ela foi contactada, encontrámo-nos em casa e ela explicou-me  
657 tudo o que tinha feito e a chorar deu-me um envelope com tão pouco dinheiro que só  
658 dava para comer um mês e tentar arrendar uma espelunca qualquer que fosse. Com a  
659 minha reforma penalizada e sem nada na conta naquele momento, dava para quê? Nem  
660 em tribunal a pude pôr, nem a ela nem ao hospital, porque nem dinheiro tinha para

661 comer, nem casa tinha para viver, nem ninguém onde me amparar! E mais, fui eu que  
662 lhe dei o poder para as mãos de ficar com a casa... Meu Deus, como é que alguém que  
663 tira um curso de Enfermagem, que queria fazer a diferença, que queria mudar o  
664 mundo... como, como é que me deixei enganar assim? Quão burra poderei ser para ter  
665 acabado assim? *[Pausa 0,7 segundos]* O mais ridículo é que só queria ser amada, ser  
666 desejada, integrar-me, ser feliz. Quão desumano isso pode ser para ter acabado assim,  
667 para ter feito as escolhas mais burras que me trouxeram até aqui? Para se aproveitarem  
668 de mim, se aproximarem de mim com intenção de me fazerem mal logo à *priori*? Para  
669 ser um mero pião nas mãos destas pessoas? Não compreendo. Não compreendo como.  
670 *[Pausa 0,9 segundos]*

671 **E.: Precisa de fazer uma pausa?**

672 **A.:** Preciso, preciso sim. Dê-me licença.

673 **E.: Com certeza.**

674 **[Interrupção 7 minutos e 48 segundos]**

675 **A.:** Desculpe, já podemos retomar. Peço desculpa. É que... Eu vivo com este peso todos  
676 os dias, mas relembrar com esta intensidade, o recontar, o reviver tudo isto... por vezes  
677 é peso a mais. Pensar cá para com os meus botões é doloroso, mas verbalizar as  
678 memórias é... uma dor excruciante.

679 **E.: Compreendo. Sente-se pronta para continuar o que dizia?**

680 **A.:** Sim, creio que sim. Só precisei de me recompor um pouco. *[Pausa 0,4 segundos]*  
681 Bom, retomemos.

682 **E.: Força então, estou a acompanhá-la.**

683 **A.:** Bem, essa foi a minha história, o meu percurso até aqui, foi essencialmente isso. Foi  
684 assim que acabei aqui, sem nada a não ser a minha mísera reforma, a viver neste casebre  
685 espécie de barracão, sem ter amigos ou família com quem contar, a não ser esta tal  
686 enfermeira que se tornou minha amiga, esta segunda enfermeira mais novinha, como lhe  
687 referi à pouco, que é quem ainda me ajuda trazendo refeições para eu comer.

688 **E.: Estou a ver. Então e com a sua família, não manteve relação alguma?**

689 **A.:** Não. Cortámos relações totalmente. Aliás, com os meus pais deixei de falar, apenas  
690 telefonava pelo natal ou aniversários, e era quando atendiam, e com a minha irmã  
691 deixámos mesmo falar também. Ela não me aceitava nem me falava, mas tudo piorou de

692 vez quando os meus pais morreram e ela não me disse. Soube quase um ano depois por  
693 terceiros, e confrontei-a. Ela disse que não me comunicou porque tinha vergonha de me  
694 ter lá no funeral, porque ia desonrar os nossos pais e ia estragar a imagem da família.  
695 Ah, e nisto já ela tinha tido uma filha, que também não me tinha dito, e que também não  
696 me queria conhecer, e que nunca se deu comigo por tudo o que lhe diziam a meu  
697 respeito, nem permitiam que me conhecesse na altura. Agora há uns 5 anos, soube que  
698 morreu a minha irmã, também por terceiros, e que a minha sobrinha, a filha dela,  
699 portanto, que é a minha única família viva, que não gosta de mim sem nunca me ter  
700 conhecido. Cresceu numa nova geração ainda toldada pelo preconceito, pelo tabu, pelo  
701 conservadorismo, pela estupidez. [*Pausa 0,4 segundos*] É triste, não é? Bela família a  
702 minha. Mas bem... No fundo, esta é a minha história. Há piores, mas também poderia  
703 ser melhor.

704 **E.: Estou a ver. E alguma vez pensou na ideia de uma instituição?**

705 **A.:** Como um lar? Também você!? Eu não vou para lar nenhum, já disse! Disse-o à  
706 minha amiga, e digo-o a si, e a quantos quiserem ouvir! Não vou sair daqui, esta é a  
707 minha casa, não a perco mais vez nenhuma, não até ir desta para melhor. É para isso que  
708 isto tudo serve? Para me convencer a ir para um lar!? Não vou, já disse que não vou!  
709 Ainda tenho as minhas faculdades para poder decidir isso!

710 **E.: Não, não, não! Nada disso! Lamento, não a queria perturbar! O que quis dizer**  
711 **é se a senhora por si já havia pensado nisso, nessa hipótese. Faz parte dos temas,**  
712 **vê? Queria perceber que ideias, que percepções é que tem acerca das instituições?**  
713 **Percebe?**

714 **A.:** Ah... Sim... Estou a ver... Olhe, desculpe. Não é a primeira vez que me falam nisso  
715 e eu não reajo bem a esse assunto... Aliás, zanguei-me com a minha única amiga por  
716 causa disso. Porque ela me propôs considerar essa hipótese e eu não quero nem por nada  
717 deste mundo. Não acha que eu já levei pouco na vida? Ainda agora ir para um lar? Não,  
718 nem pensar, nem por sombras, caramba!

719 **E.: Então, o que quer dizer é que tem uma percepção negativa acerca das**  
720 **instituições, é isso? Porquê, já agora?**

721 **A.:** Sim, claro que sim! Então, eu sou enfermeira, não se esqueça! Quer dizer, era! Não  
722 se esqueça que acompanhei muitos idosos de instituições! Cheguei a fazer turnos em  
723 instituições quando trabalhei em dois sítios ao mesmo tempo. Eu assisti de perto à



724 realidade que se vive nas instituições. Se calhar agora muitas até são diferentes, ouvi  
725 falar naquelas que são de luxo, que parecem *resorts* de férias, mas isso para mim são só  
726 versões de luxo dessa realidade institucional. Para além de que isso não está ao alcance  
727 de todos! Olhe, de mim não está de certeza, nem de perto nem de longe. Mas muito  
728 menos de perto. E eu trabalhei em instituições, eu assisti a muitas realidades, e intervim  
729 em outras tantas. Sei em primeira mão as faltas de respeito que existem, a  
730 discriminação, o tratamento que se lhes é dado, orientação sexual nem sequer pode  
731 existir que se arranja um valente trinta e um para si até morrer, vida sexual, carinhos,  
732 intimidade, não existe ou então é-se menosprezado, vexado, diminuído... se não pela  
733 administração, pelas funcionárias, se não por elas, por outros utentes. Não que eu queira  
734 algo assim, tive a minha dose e fechei-me de vez, mas e quem quiser? Que hipóteses  
735 têm? Não, não quero, sei como funciona, não quero isso para mim. Pode ser que  
736 existam boas instituições, mas do que conheço, que isto vi eu, ninguém me contou,  
737 percebe? Não, isso não. Tenho muito medo porque se assim, independente e livre já foi  
738 o que foi, imagina depender de um terceiro? De regras que não são suas e que lhe são  
739 impostas? De ter de se esconder? De ter medo de que lhe batam, humilhem, diminuam,  
740 etc. tudo outra vez? Não, não, já tive que chegue. Para mim chegou. Enquanto puder  
741 mantenho-me assim. No dia que não puder, que Deus me leve de vez e me acabe com  
742 todo o sofrimento que tive de vez.

743 **E.: Compreendo. Portanto, põe de parte qualquer possibilidade de uma futura**  
744 **institucionalização, é isso?**

745 **A.:** Claro, certamente! Ouça, é assim, quando acompanhei certos casos de idosos do  
746 meu tempo de enfermeira, pude ouvir as suas histórias, saber das suas vidas, conhecer o  
747 modo como funcionava o dia-a-dia deles, e isto não só quando os atendia nos hospitais,  
748 que acabamos por partilhar sempre um pouco do nosso lado mais pessoal, de criar um  
749 laço, e eu com os meus utentes sempre fui assim, mas também quando fiz turnos nos  
750 lares. Vi como os lares onde trabalhei funcionavam no seu interior. Como se lidava com  
751 as pessoas, com as suas necessidades. E não estou a falar do comer e do dar banho, da  
752 medicação e das terapias, que isso também já é complicado que chegue, já daria pano  
753 para mangas certas e determinadas coisas que vi. Falo mesmo das outras coisas que são  
754 invisíveis no quotidiano! Entende? O haver casais, o haver carinho entre casais, o haver  
755 interesse sexual nesses casais ou em pessoas que se juntam no lar, ou o ser-se diferente,  
756 com uma orientação sexual diferente, percebe? Tudo isso parece ou é tratado como

757 inexistente. Não havia! Era-se tratado como uma data de gente que mais parecia uma  
758 mistura homogénea para bolos, como se fossem todos iguais, percebe que era: acordar,  
759 fazer-se higiene, comer, fazer-se medicações, ver TV, comer outra vez, fazer-se  
760 medicações, fazer-se alguma atividade que quem quisesse participar, participava, quem  
761 não quisesse, não participava, depois era comer outra vez, fazer-se medicação, e alguns  
762 conseguiam ver um pouco de TV novamente, e outros eram forçados a ir para a cama. E  
763 o dia-a-dia desta gente é isto. A adicionar a isto, esta “mistura homogénea para bolos”  
764 era tratada conforme cada funcionária era, em termos de personalidade, e de feitio. Hoje  
765 chamavam “meus amores” a tudo e a todos, e amanhã era-se o “velho caído ou  
766 desgraçado” que estava a dar problemas. Portanto, se eu vi tudo isto, se acompanhei  
767 todas estas questões, é claro que receio a minha ida para um lar! E sendo eu lésbica, e  
768 que muitas das auxiliares que me conheceram não gostaram de mim (e ainda não devem  
769 gostar), porque chamava-as sempre à atenção para a forma como tratavam os utentes,  
770 imagina como seria o meu dia-a-dia num lar? Eu sei que não teria de ir para esses que  
771 me conhecem, mas dessa laia há em todos os lares. Ter de sair de casa para ser  
772 humilhada no tratamento que me dão? Ouvir comentários grotescos e diminutivos da  
773 minha pessoa? Ser desprezada, como vi fazerem com um velhote que era homossexual  
774 não assumido, mas que se sabia da vida dele, aqui há uns vinte ou vinte e poucos anos  
775 atrás? [Pausa 0,3 segundos] Ele precisava de ir à casa de banho, tinha tido um problema  
776 de saúde e aterraram com ele no lar, e então eu estava a acompanhá-lo. Nisto ele pediu  
777 que chamasse a auxiliar para ir com ele à casa de banho, que os comprimidos da  
778 medicação mexiam-lhe com os intestinos, e eu fui chamá-la. Não veio essa que chamei,  
779 mas sim outra, e já passados uns quase cinco minutos. Essa outra que veio, quando veio,  
780 disse ao velhote: “Sr. [nome do utente] está muito aflito para ir aos lavabos? Deixe-me  
781 só acabar aqui isto e vou já lá consigo, está bem? Também, quem já teve a vida ativa  
782 traseira que o Sr. teve, de certeza que aguenta mais este bocadinho!”. Quer dizer... que  
783 nível de maldade, de mesquinhez, de desumanidade é que é preciso ter-se para se chegar  
784 a este ponto?! Porquê essa necessidade de humilhação!? E ainda por cima ali, com  
785 tantos outros utentes à volta! Pode haver quem não tivesse percebido, mas eu percebi e  
786 outros também! E quem não sabia da vida dele, ficou a saber! Então e a privacidade da  
787 pessoa? Onde está? Que direito tem de se devassar o outro só porque é diferente? E  
788 disse aquilo mas não veio a tempo, porque entretanto o pobre do senhor acabou por  
789 fazer nas calças. Quer dizer, qual era a necessidade? Eu ainda tentei ajudar, a levá-lo na  
790 cadeira de rodas para a casa de banho, olha, não iria deixar o homem morrer sentado à

791 espera da funcionária após aquele tempo todo! Mas não fui já a tempo, com muita pena  
792 minha! E com esse Sr., nesse caso, eu apresentei queixa formal contra a funcionária. E  
793 olhe, agora é mais um exemplo de quem me passou a querer mal. Repare, qual é a  
794 necessidade que eu tenho disso? De passar por isso? Já fui tão maltratada toda a vida, já  
795 sofri tanto e já perdi tudo tantas vezes que não preciso de me enfiar num purgatório até  
796 à minha hora chegar. Compreende?

797 **E.: Sim, sim. Então, não esconderia a sua orientação sexual, mas recearia o**  
798 **tratamento por parte do pessoal que acompanha o quotidiano dos utentes, é isso?**

799 **A.:** Exato. Ali, vejamos, é como que se uma pessoa fosse depositada numa última casa,  
800 numa última etapa da sua vida, à espera de o dia final chegue. E até lá, ficamos à mercê  
801 dos outros e somos tratados como bem lhes apetecer, conforme os humores diários.  
802 Principalmente se se for dependente. Se formos diferentes, é mais um motivo de  
803 destaque para alguém agarrar e implicar connosco, para nos rebaixar, humilhar, sempre  
804 que surja a oportunidade. Não sei se me esconderia, talvez não o quisesse porque  
805 sempre lutei contra isso toda a minha vida, mas que tinha medo das consequências dessa  
806 decisão, tinha, sim. Mas lares para mim nunca. Por isso lá está, eu não passei a vida que  
807 passei para agora ir para um lar e sujeitar-me mais a isso. E sei que muita gente diz que  
808 os lares actualmente são muito diferentes, que são mais modernos, que as pessoas são  
809 mais tolerantes, mais compreensivas, mais aceitadoras da diferença... mas continuo a  
810 achar tudo isso uma utopia. Seriam precisas décadas de investimento na formação das  
811 pessoas que lidam com os utentes para que houvesse uma volta de 180° para que tudo  
812 mudasse e se comesse a tratar as pessoas como pessoas, com respeito por todas as  
813 suas diferenças, respeito pelo seu espaço, pela sua liberdade, e não como velhos ali  
814 esquecidos à espera do fim. Compreende? É que uma pessoa chega ali e os utentes são  
815 todos tidos como iguais. É tudo heterossexual, tudo solteiro, sem vontade de fazer  
816 relações, sem vontade de fazer coisas diferentes do que pintar, jogar dominó ou cartas,  
817 fazer trabalhos manuais, ou tricô, e sempre com vontade de se comer as mesmas coisas.  
818 Lá está, é o que digo, parece que é tudo uma cambada de farinha homogénea para bolos,  
819 caramba! Aliás, nem podiam dois utentes estar no mesmo quarto ao mesmo tempo, que  
820 pelo menos um não seja dali, por exemplo um homem e uma mulher, porque do mesmo  
821 sexo era muito, mas muito mais difícil encontrar, e que alguém que desse conta não  
822 fosse lá meter o nariz. E não bastava meter o nariz como ainda opinar acerca do mesmo  
823 e arranjar forma de os vexar! Então se se tivesse formado ali um novo casal? Se eu

824 quisesse fazer um casal, se fosse no meu caso? Como, aliás, eu vi alguns se tornarem!  
825 Que é normal, ora, as pessoas estão sozinhas, naquela fase da vida, estão velhas mas não  
826 estão acabadas. Eu não estou acabada. Quer dizer, estou mas por opção, mas quem não  
827 quer não está, não é? Ou pelo menos deveria poder-se decidir assim, por opção. Mas  
828 torna-se muito difícil, muito difícil tudo isso e muito difícil conseguir-se ter intimidade  
829 ou mesmo apenas a sua privacidade... A maioria dos lares não tem formação do pessoal  
830 para lidar com isso, para respeitar, aceitar, apoiar e fornecer condições de segurança  
831 para isso, e depois as próprias estruturas também não estão preparadas para isso. São  
832 quartos para não sei quantos utentes, não há cá misturas, quer dizer, parece um  
833 reformatório. As higiènes já são o que são, quanto mais as intimidades. Não, não  
834 consigo pensar nisso como uma hipótese para mim, não imagino o meu dia-a-dia que  
835 não fosse à base de sofrimento e opressão. Para isso fico aqui, tem poucas condições,  
836 mas é minha, e esta não caio no mesmo e não saio daqui.

837 **E.: Compreendo. E essa será então uma decisão apenas sua, dado que, como**  
838 **referiu, não tem família para além de uma sobrinha com quem não fala, é isso?**

839 **A.:** Pois, evidente. Como disse, essa sobrinha é como se não tivesse, e aquela amiga que  
840 lhe falei, que me sugeriu isso, mas zangámo-nos por causa disso e tudo. Agora já  
841 fizemos as pazes, mas fiquei indignada com a sugestão e até fui rude com ela. Disse-lhe  
842 que se não queria ter trabalho para me vir ajudar na alimentação diariamente que mais  
843 valia deixar de vir do que me tentar convencer a entrar num lar, que era manipuladora,  
844 que só se tinha aproximado de mim por causa disso, por interesse, que era mais uma que  
845 me queria enganar... bem, esse tipo de coisas. Ela depois explicou-me que não tinha  
846 maldade na sugestão, mas fiquei tão assustada com a possibilidade de alguém me querer  
847 tentar tirar daqui, da minha casa, mais uma vez, que a pus de imediato na rua. Percebe?  
848 Eu para ir para um lar teria de querer por mim, e não quero. Pronto, ponto final.  
849 Verdade que também tenho uma reforma poucozinha, não sei para o que é que daria,  
850 mas já viu o que era? Eu ainda estou... vá, independente, o que é que iria fazer para lá  
851 se ainda posso ficar aqui? Também não ia ter ninguém para me visitar, ao menos aqui  
852 sempre vem a minha amiga! Eu sei como funcionam os lares... se a casa já mal alguém  
853 nos vem visitar, quanto mais ir visitar a um lar, que com os horários de visitas que têm,  
854 ou as pessoas vêm porque não têm encargos e têm tempo livre, ou vêm mas vêm a  
855 correr porque é o saltinho que deu para ir lá fazer só para dizer que foi, ou então não vão  
856 porque não podem e deixam de ir de vez com o tempo... não, não preciso disso. Para

857 isso fico aqui que estou bem e tenho as minhas coisinhas como eu gosto, como quero,  
858 como eu bem entender, recebo quem quiser à hora que quiser, faço o que quiser no  
859 interior da minha casa, na minha privacidade do lar, tudo. Não, não.... Só se já não  
860 estiver plena das minhas faculdades e não der conta de que vou ser levada para um lar, e  
861 passar os restos dos meus dias a babar a um canto esquecida sem saber onde estou,  
862 quem são os que me rodeiam, e quem eu própria sou, caso contrário, até mordo se for  
863 preciso.

864 **E.: Já percebi que preza muito o seu espaço, a sua privacidade do lar. Isso era uma**  
865 **coisa que temeria perder num lar, é isso? A sua intimidade, a sua privacidade, ou a**  
866 **sua sexualidade, se assim o decidisse.**

867 **A.:** Exacto. Bem, é assim, a sexualidade não, porque é opção pessoal, porque por tudo o  
868 que sofri acho que não vou encontrar mais o amor, pelo menos ninguém que me faça  
869 sentir vontade de ter intimidade com alguém... Fechei-me de vez para esse campo. Mas  
870 sim, claro que essa opção também seria válida. Qualquer pessoa, seja praticante sexual  
871 ou não, mais ou menos frequente, com homens, mulheres, seja o que for, tem o direito  
872 de decidir se quer ou não ter relações. Pode até nem querer, como eu, mas tem de ter  
873 essa opção, entende? Isso tem que ser uma opção. [*Pausa 0,3 segundos*] Olhe, num dos  
874 casos dos utentes que acompanhei, num dos lares, isto já há uns trinta anos ou mais, eu  
875 conheci um casal que se tinha apaixonado lá nas instalações, de homens, um casal de  
876 homens, mas aquilo parecia um regime ditatorial qualquer. Os coitados mal  
877 costumavam estar juntos, para ninguém desconfiar, e olhe, eu não desconfiava, mas... e  
878 um dia quando estavam, apanhei-os eu a... pronto, a terem relações. Mas por engano,  
879 porque me enganei no quarto! Na verdade era suposto ter entrado no quarto do lado,  
880 mas acho que assim quis o destino. Pronto, ficaram muito constrangidos, e eu também,  
881 mas acho que consegui lidar melhor com isso porque como enfermeira estava habituada  
882 a ver pessoas em trajes mais menores e assim. Mas sim, e então eles ficaram muito  
883 aflitos e só me pediam para eu não chamar ninguém, para não chamar ninguém, para  
884 não chamar ninguém, e que podiam explicar, e que para não chamar ninguém, e etc. E  
885 eu vi-os tão atrapalhados que realmente não chamei ninguém. Disse que ia esperar lá  
886 fora, para se vestirem e terem calma que eu não ia chamar ninguém, que ia lá fora só  
887 para eles se vestirem, e que já voltava para falarmos um pouco, mas para ficarem  
888 calmos que não ia chamar ninguém. E assim foi, lá se vestiram, lá entrei, e comecei por  
889 os acalmar e tranquilizar que não ia dizer nada a ninguém. Eles contaram-me a sua

890 história, de como se tinham aproximado, de como gostavam um do outro, de como  
891 queriam estar juntos, de como lamentavam aquela situação de eu os ter visto assim, mas  
892 que gostavam um do outro e queriam estar juntos e não pensassem que alguém fosse  
893 entrar. E achei a história deles tão meiga e inspiradora que decidi ajudar como pudesse.  
894 E então o que é que eu fiz! Foi assim, como eu ia àquele lar duas vezes por semana,  
895 essas duas vezes eu requisitava uma sala para, alegadamente, ajudar esses dois utentes  
896 com exercícios para problemas que eles tinham, e na altura justifiquei-o com problemas  
897 de postura e respiração para o problema dos pulmões do Sr. [nome do utente], um dos  
898 membros do casal, e para o outro Sr., problemas da anca. Como na altura só havia uma  
899 fisioterapeuta, e que estava cheia de utentes com problemas com necessidade de atenção  
900 dela, mostraram-se gratos com a minha ajuda com aqueles dois alegados casos que  
901 haviam passado despercebidos e que eu, a Sra. Enfermeira, tinha captado. Então lá me  
902 cederam a sala, e cerca de 40 minutos, duas vezes por semana, eu tinha essa sala para  
903 estar com esse casal, que ninguém sabia serem um casal. Então e o que é que eu fazia:  
904 entrava com eles lá para dentro, deixava indicações exteriores específicas para não  
905 incomodarem durante as minhas sessões, e depois, alegadamente, deixava-lhes um  
906 número de indicações de tarefas para fazerem e saía só para verificar umas coisinhas cá  
907 fora de material que precisaria e etc., enquanto eles continuavam na sala a fazer os  
908 alegados exercícios! Só que em vez de fazerem esse teatro todo, olhe, faziam o amor  
909 que também era muito bom para a saúde! [risos] [Pausa 0,3 segundos] Sim, esse casal  
910 marcou-me muito. Se tiveram sempre relações sexuais, não sei, porque poderia não lhes  
911 apetecer algum dia, mas que todas essas vezes lhes entregava dois preservativos, isso  
912 entregava. Sexo seguro acima de tudo. E dois porque um poderia romper ou ter um  
913 problema, assim tinham o outro, e se não acontecesse nada, olhe, iam guardando! [risos]  
914 Mas bem, lá está, eu fechei-me para essa possibilidade, mas há quem não se tenha  
915 fechado, e tem de ser dada essa opção, e tem de ser respeitada e assegurada com  
916 condições de segurança.

917 **E.: Muito bem, situações caricatas. E compreendo que tem noções acerca dos**  
918 **comportamentos sexuais de risco, portanto.**

919 **A.:** Ah, sim, exacto. Como profissional da área de saúde tinha mesmo que ter, não é?  
920 Olha agora o que era eu incentivar duas pessoas a exprimirem a sua sexualidade, a  
921 instigar ao amor, e depois não lhe dar condições de segurança para isso? A verdade é  
922 que nós não conhecemos as pessoas, nem as que temos ao nosso lado, e às vezes uma

923 vida inteira, quanto mais! Já viu o que era agora promover relações sexuais sem  
924 segurança, e algum apanhar uma DST ? E depois? E se depois ainda passassem a mais  
925 alguém? Olhe o que eu fazia à minha vida? E à dos outros, claro! Não, não, não! Tudo  
926 com segurança! Se é para haver, que seja com segurança! E eu que o diga, que hoje  
927 estamos com alguém que nos quer muito, que somos tudo para essa pessoa, e logo a  
928 seguir somos abandonados, porque os parceiros ou as parceiras depois andam com este  
929 e com aquele, e depois somos deixados com uma DST nas mãos. Felizmente não me foi  
930 o caso, porque me protegi sempre, mas poderia não ter protegido e olhe, sabe Deus o  
931 que poderia ser. Sim, porque no calor do amor e do momento dizemos que sim a quase  
932 tudo, e depois é que são elas.

933 **E.: As suas relações foram sempre monógamas, não é? Mas claro, isso não impede**  
934 **que não seja possível contrair uma DST se não houver cuidado. Basta um deslize.**

935 **A.:** Sim, sim. Quer dizer, eu sempre me vi em relações monógamas e sempre as  
936 procurei, mas com a [*nome da ex-companheira com quem foi para a Suíça*] vi-me  
937 assim, de repente, numa relação polígama. Ou seja, eu namorava com ela, estávamos  
938 juntas, e eu achei que éramos só as duas. Na verdade, éramos sim três. Portanto, ela  
939 sabia que namorava comigo e ia namorando com o [*nome do amigo da Suíça*] ao  
940 mesmo tempo, ele, por sua vez, sabia que ela namorava com ele e que ia namorando  
941 comigo ao mesmo tempo, e eu, metida na relação, achava que ela namorava apenas  
942 comigo, que eramos apenas um casal as duas. Ou seja, metida numa relação polígama,  
943 eu era a única que não sabia disso. Portanto, analisando bem as coisas... sim, estive  
944 numa relação polígama, ainda que sem saber na altura. Todavia, não era algo que  
945 procurasse. Mas está a ver, mais um exemplo daquilo que lhe falava agora. Ou seja,  
946 nunca conhecemos quem temos a nosso lado. Porque já viu, nós lá ainda tivemos  
947 relações e provavelmente ela já andava metida sexualmente com o outro e comigo ao  
948 mesmo tempo. Sei lá eu como é que o outro tem as relações dele! Se se protege, se não,  
949 quantas parceiras teve, se passou algo à minha companheira na altura... já viu, se não  
950 me protegesse, corria sempre um grande risco sem necessidade! Não, não acho que  
951 valha a pena correr esses riscos. E é que enquanto enfermeira vi cada coisa... Tratei de  
952 muitas DST's, e bem vi o horror que aquilo era, de aspeto, de tratamento, de embaraço,  
953 de dor, de tudo... não há necessidade, não é?

954 **E.: Sim, sim, compreendo.**

955 **A.:** Mas pronto, isso também é lá com a vida de cada um, por isso... Cada um sabe de  
956 si, e Deus sabe de todos, não é o que se costuma dizer? Pois muito bem.

957 **E.:** **Exacto. Mas bem, chegámos ao fim da nossa entrevista. O que é que achou, o**  
958 **que é que sentiu com o que foi falado?**

959 **A.:** Já? Passou a correr... Mas tem aí uma conversa que lhe dá pano para mangas!  
960 [risos] [Pausa 0,3 segundos] Ah, é assim, claro que custa relembrar certas coisas, não  
961 é... contar e recontar aquilo que mais nos custa é como que reviver tudo, verbalizar-se  
962 um sofrimento interior que está sempre latente... Mas também acaba por servir de  
963 exorcismo aos nossos males. E olhe, que sirva para fazer alguma diferença que seja. É  
964 só isso que espero, pelo menos.

965 **E.:** **Claro, pelo menos é grande contribuição, e por isso agradeço-lhe, agradeço essa**  
966 **cooperação e disponibilidade da sua parte. Muito obrigado pelo tempo cedido e**  
967 **pela sua história.**

968 **A.:** Ora... Olhe, pode ser que ainda consiga ajudar a mudar o mundo de alguma forma,  
969 mesmo com esta idade!

970 **E.:** **Com certeza que sim. Até à próxima!**

971 **A.:** Até à próxima, e bem haja!





### **Transcrição da entrevista N°3 – Paula**

1 **E.: Ora, vamos então começar?**

2 **A.:** Vamos lá, sim.

3 **E.: Então, vou pedir-lhe que comece por me falar um pouco de si, a nível pessoal,**  
 4 **por exemplo, pode ser?**

5 **A.:** Sim, sim, diga-me o que quer saber que eu vou respondendo no melhor que sei!

6 **E.: Muito bem. É assim como que uma apresentação sua, de quem é, idade, a sua**  
 7 **orientação sexual, hum... os estudos... se é solteiro ou não... Assim dentro deste**  
 8 **seguimento. Pode ser?**

9 **A.:** Pode, pode, mas se me esquecer de alguma coisa vá-me elucidando, sim?

10 **E.: Claro. Esteja então à vontade.**

11 **A.:** Ham... ora bem, deixe cá ver... Então, nome não é para dizer, idade... tenho 73,  
 12 feitos já este ano, ham... escola... então, tenho uma Pós-Graduação em Engenharia de  
 13 Arquitectura, que conclui com os meus trinta e pouquinhos, porque fui trabalhando aqui  
 14 e ali ao mesmo tempo para juntar dinheiro para tirar o meu curso... E depois exerci  
 15 sempre nessa área, era o que mais eu amava fazer, era dar vida às coisas, era projectar  
 16 ideias, planear esboços, criar protótipos e depois, consoante os projectos que tinha em  
 17 mãos e os pedidos das pessoas, adequava conforme o requisitado, e dava vida a tudo  
 18 aquilo. De certo que compreende todo o esforço, o empenho, o tempo dedicado a uma  
 19 coisa dessas, porque depois também acompanhava as obras das construções destes  
 20 projectos, mas era uma coisa que me deixava... felicíssima! Daí fazê-lo sempre, ter  
 21 optado por não trabalhar em mais área nenhuma senão esta, que era a que me  
 22 completava, e felizmente tive essa sorte. Dava-me prazer dar forma às coisas e em  
 23 transformar aquilo que não se enquadrava em lado nenhum. Agora com esta idade já me  
 24 reformei, mas ainda participo em alguns projectos, dou alguns conselhos, contacto as  
 25 melhores empresas, escolho as mão-de-obra... coisas desse género. Mais... o que é que  
 26 falta dizer... Ah! Depois, em termos de... de orientação sexual... Bem, aí é... Então, eu  
 27 sou transsexual não é, e portanto... Eu sempre fui homem a vida toda, embora nunca me  
 28 sentisse bem, nem em termos de personalidade, nem comigo mesmo, em nada, em nada  
 29 me sentia homem. Sentia que estava no corpo errado, ou seja, eu sentia-me como se  
 30 fosse uma mulher. E se olhar bem para mim, com este aspecto esguio, alta, magra...  
 31 pareço mais mulher do que homem, também é verdade que sim. Quando era pequena  
 32 fazia praticamente só brincadeiras de menina. Brincava com bonecas, com coisinhas de

33 casa, com roupinhas das bonecas... Não ligava de todo aos brinquedos masculinos. Isto  
34 até aos meus 7 ou 8 anos. E olhe que os meus pais repararam e insistiram o máximo  
35 possível no contrário, e eu com medo do meu pai ia tentando disfarçar o melhor que  
36 podia. Depois, já um pouco mais tarde, quando ficava sozinha em casa, comecei a vestir  
37 roupas de mulher, vestia algumas coisas da minha mãe, experimentava saltos altos dela,  
38 e claro que me torcia toda, não tinha experiência nenhuma, mas adorava aquela  
39 sensação de poder, dava-me um certo *empowerment*, sabe? E a maquilhagem...  
40 Lembro-me do primeiro dia que experimentei maquilhagem sem ninguém me ver! Toda  
41 borrada, claro, mas a sensação que tive foi de que aquela imagem que eu via no espelho  
42 é que era imagem correcta. Ou seja, aquela pessoa que eu via, uma mulher, é que era  
43 aquilo que eu sentia ser! Não um menino, não um rapaz, não um futuro homem, mas  
44 sim uma mulher! E um dia, nessa altura creio que tinha eu doze anos, eu toda espertinha  
45 que os meus pais tinham saído de casa, porque iam à *matiné* frequentemente, fui vestir  
46 roupas da minha mãe, calcei os seus saltos, e maquillei-me o melhor que podia! Eu ia  
47 fazer a minha própria *matiné* em casa, para mim e para as minhas bonecas, e então  
48 liguei o rádio, e pus o som um pouco mais alto! O suficiente para eu ouvir e não os  
49 meus vizinhos, claro. Também não queria chamar atenções indesejadas que me  
50 pudessem delatar, obviamente. Tinha tudo programado, qual agente da CIA, apenas não  
51 contei com o facto de que eles chegassem mais cedo. E claro que não os ouvi, porque  
52 me estava a divertir como tudo e com o som um pouco mais alto, nem dei por eles... é  
53 que se não o tivesse ligado, os teria ouvido, claro. E lá estava eu, toda dançante, no meu  
54 quarto, lá em cima, até que me virei e no vão da porta vejo a minha mãe a olhar para  
55 mim com cara de múmia horrorizada, de mãos caídas, com o casaco longo de peles dela  
56 caído no chão, e branca como a cal, sem reacção! Ficou ela, e fiquei eu! Tinha sido  
57 apanhada! [*Pausa 0,2 segundos*] Ainda me recordo da sensação, senti um arrepio de  
58 medo gigante a percorrer-me a espinha, e na minha cabecinha tonta, incapaz de prever  
59 um desfecho daqueles, de pensar repetidamente: “*E agora!?*”. E depressa tive a  
60 resposta! A minha mãe, assim de repente, entra-me velozmente pelo meu quarto a  
61 dentro, fechou a porta do meu quarto atrás dela de imediato, agarrou-me pelo braço sem  
62 me fazer qualquer tipo de pergunta, sem sequer emitir um único som – e tudo isto em  
63 segundos – e arrastou-me para a casa de banho que eu tinha no meu quarto, e gritou-me  
64 assim numa espécie de sussurro, coisa que eu nunca vi, nem achei ser possível: “*Vais*  
65 *tirar isto tudo imediatamente, o mais rápido possível, antes que o teu pai entre aqui e te*  
66 *veja nesses preparos, porque podes ter a certeza que se ele te vir assim, será a última*

67 *coisa que vez na vida! Vamos, rápido, enquanto eu o distraio e desligo tudo! Já cá*  
68 *volto, rápido!”*. E assim foi, nem a questioneei porque sabia bem o pai que tinha, um pai  
69 austero, de disciplina rígida, e de poucas palavras. Com a minha mãe até se derretia  
70 mais, mas com os restantes, é escusado dizer que não era bem assim. Mas assim foi,  
71 despi tudo dela, descalcei os sapatos, tirei a maquilhagem toda o melhor que pude, e em  
72 menos de nada a minha mãe tinha voltado para o meu quarto. Agarrou em tudo o que  
73 era dela, pronta para o levar para o armário dela, mas começámos a ouvir o meu pai a  
74 subir as escadas... ou seja, devia vir cumprimentar-me, que ele era todo dessas coisas  
75 das boas maneiras e por aí. E vinha mesmo. Sei que ela só teve tempo de enfiar tudo  
76 debaixo da minha cama, para que o meu pai não visse e começasse a levantar questões  
77 para as quais não haveria resposta, pelo menos razoáveis, e ao mesmo tempo fingiu que  
78 tinha deixado cair um brinco. [Pausa 0,2 segundos] Aquela mulher era incrível. Sabe, e  
79 coincidiu mesmo com o momento em que o meu pai entrou no quarto! E lá estava ela,  
80 de gatas, acabadinha de guardar tudo debaixo da minha cama, escondida com uma breve  
81 reza a Deus, com ela a fingir que procurava o seu brinco acabado de cair, ao que o meu  
82 pai lhe perguntou: “[nome da mãe], mas por Deus, o que fazes tu nesses propósitos?”,  
83 ao que ela respondeu, levantando-se ao mesmo tempo: “Isto, [nome do marido], isto!  
84 Procurava isto!” e estendeu-lhe a mão na direcção da face dele, para que ele pudesse  
85 ver bem de perto o brinco que ela tinha na ponta dos dedos, quase como se quisesse  
86 captar toda a atenção e o olhar dele para aqueles dedinhos fininhos, todos juntos, a  
87 segurar num brinco para ele ver bem o que se tratava. Era aquilo e nada mais! E ainda o  
88 reforçou com uma explicação, dizendo “Sabes, é que quando abracei o nosso [nome da  
89 filha / entrevistada], ele colocou os braços à volta do meu pescoço e bateu no brinco, e  
90 o brinco saltou. Mas já o encontrei! E tu, o que fazes aqui, não devias estar a ir para a  
91 cama? Não estavas com uma dor de cabeça intensa?”. E aqui percebi porque é que eles  
92 tinham voltado mais cedo. O meu pai não estava lá muito bem por causa da dor de  
93 cabeça. [risos] E lembro-me bem, mas tão bem, de ter pensado naquele momento “Dor  
94 de cabeça estúpida. Estúpidos. Cambada de gente estúpida!” Agora rio-me, mas nesse  
95 dia não achei graça nenhuma. Ia acontecendo uma tragédia e tudo para causa de uma  
96 parva dor de cabeça. Sim, devia de ter uns 12 anos. [Pausa 0,2 segundos] Mas sim, a  
97 minha mãe distraiu-o e ele não deu conta das roupas nem de nada, mas depois veio dar-  
98 me um cumprimento, e foi quando os dois olharam bem para mim. Eu tinha limpo a  
99 maquilhagem sim, mas um dos olhos estava meio negro, meio esborratado, mais escuro,  
100 tinha assim uma tonalidade mais escura. Como se eu tivesse um olho negro. Consegu

101 imaginar? E eu sabia, porque ia pedir ajuda à minha mãe para me ajudar a tirar o resto  
102 melhor, mas com aquilo tudo claro que não deu. E na minha cabecinha, claro, só voltava  
103 a pensar “*Ai meu Deus, é desta! Ai minha mãe, e agora? E agora? Ele está a olhar para*  
104 *mim, ele vai perceber, ele já percebeu! E agora?*”. Fui invadido pelo pânico, mas  
105 completamente! Quase que vi os lábios dele a mexerem em câmara lenta! Ele  
106 perguntou-me logo: “*Mas o que é isso? Oh [nome da mulher], olha lá bem para ele...*  
107 *Parece que tem um olho negro... Mas que raio...*”. E nisto começou a aproximar-se de  
108 mim, a cara dele da minha. A minha mãe começou a ficar com um olhar de pânico  
109 quando viu a minha cara, que também se estava a tornar de pânico iminente, e ela assim  
110 de repente diz: “*Bateram-lhe! Sim, foi isso, esqueci-me de contar, sabia que me faltava*  
111 *partilhar algo, mas sim, foi isso! Ele estava a brincar com um amiguinho e eles depois*  
112 *desconfiaram a tiveram uma breve discussão assim mais acesa. Mas já está tudo bem,*  
113 *eles resolveram tudo, já são amigos de novo! Não te preocupes, não é nada, é próprio*  
114 *da idade! Anda, vamos tratar dessa dor de cabeça e de te pôr a descansar na cama!*”. E  
115 começou assim a puxá-lo para irem embora do quarto. O meu pai estranhou, e quis  
116 argumentar qualquer coisa, mas a minha mãe sabia bem como levar a dela avante com o  
117 meu pai. Enquanto saíam do quarto, a minha vontade era de me derreter como a gelatina  
118 e enfiar-me nas frinchas do chão, mas tive de me contentar em permanecer de pé o  
119 melhor que pude, com as pernas bambas, a tremer que nem varas verdes. Assim que  
120 fecharam a porta, só pensava: “*Ufa, consegui. Safei-me!*”. E tinha-me safado, sem  
121 dúvida, mas devido à minha mãe. Logo a seguir de saírem fui afundar-me na cama, a  
122 tentar acalmar os meus batimentos cardíacos, assustadoramente acelerados, e pouco  
123 depois voltou a minha mãe para me dar as boas noites, como o fazia todas as noites.  
124 Quando ela entrou, voltou a fechar a porta muito disfarçadamente, veio aconchegar-me  
125 e dar-me um beijo e apenas me disse “*Amanhã faltarás à escola. Passo uma nota em*  
126 *como estás doente e ficas em casa comigo. Temos muito que conversar. Agora dorme.*  
127 *Amanhã teremos um longo dia pela frente.*” Nem me senti no direito de contra-  
128 argumentar, apenas anui positivamente com a cabeça e volvei-me de lado para dormir.  
129 Sabia que realmente me esperava um grande dia pela frente. E assim foi, no dia seguinte  
130 o meu pai foi para o trabalho, a minha mãe ficou comigo em casa e quando estávamos  
131 os dois já sós, ela começou a conversar comigo. Lembro-me de ela se sentir meia,  
132 parece que incomodada, está a ver? Mas lá se recompôs e começou por me dizer:  
133 “*Filho, temos que falar sobre o que aconteceu ontem.*”, ao que eu concordei com um  
134 acenar de cabeça, e ela continuou: “*O que te deu para estares naqueles preparos? O*

135 *que se está a passar contigo? Estás a passar uma fase? Estás a explorar alguma...*  
136 *coisa?”* Senti-me verdadeiramente ouvida, e senti que se tinha de falar, que aquele era o  
137 momento, e era-o com uma pessoa que parecia estar verdadeiramente interessada no que  
138 eu tinha a dizer. Possivelmente compreenderia. E compreendeu. E então eu respondi-  
139 lhe: *“Não te sei explicar mãe, mas não é uma fase. Eu gosto de... ser assim... de ser*  
140 *aquilo que viste. Eu gosto de ser menina. Eu não quero ser um menino. Não gosto de*  
141 *ser menino, e não me sinto um menino. E não é uma fase mãe. Não é. Eu sei que não é.*  
142 *Sempre me senti assim... Compreendes, mãe?”*. Ela no fundo, bem lá no fundo, acho  
143 que sabia a resposta ao que me perguntou, mas devia ter sempre aquela réstia de  
144 esperança que fosse tudo um mal-entendido... Depois do que eu disse, ela ficou em  
145 silêncio durante um pouco, como se estivesse a assentar tudo aquilo que eu lhe tinha  
146 acabado de dizer, a digerir, e enquanto isso eu baixei a cabeça. Sentia que vinha aí uma  
147 enorme confusão e tinha as lágrimas a começarem a fazer-se sentir no canto dos olhos,  
148 que eu já não conseguia segurar mais. Foi então que senti a mão dela a levantar-me o  
149 queixo, a enxugar-me as lágrimas, e só por isso senti um conforto do tamanho do  
150 mundo. E nisto diz-me a minha mãe assim: *“Eu sempre reparei que tu eras mais*  
151 *propenso para as coisas de menina. As brincadeiras, os gostos, os gestos, a maneira de*  
152 *ser, as roupas que eu encontrava remexidas – sim, eu reparava, não penses lá que eras*  
153 *algum agente secreto que mexia em tudo o que era meu e que eu não dava conta! –*  
154 *mas... não sei, creio que sempre me disse a mim própria que seria normal, uma fase, ou*  
155 *algo assim... Mas na verdade acho que sempre estive foi bastante à vista.”* E calou-se,  
156 a olhar para mim, com um olhar terno, que só aquele olhar de mãe terna pode dar, como  
157 que um colinho de conforto com o olhar. Eu sem saber o que fazer ou dizer, apenas  
158 proferi a única coisa que me passava na cabeça desde o incidente da noite anterior: *“E*  
159 *agora? E agora, mãe?”*. E deixei cair mais umas lágrimas perdidas que ali tinham  
160 ficado, juntamente com o sentimento de medo e confusão que tinha. Ela voltou a  
161 enxugá-las e disse-me: *“Agora não sei filho, mas sei que o teu pai não pode saber. Ele*  
162 *não vai compreender, sabes como é que ele é, o que ele acha dessas coisas. E a mim*  
163 *também me faz confusão, mas acho que sempre me preparei um pouco mais com tudo o*  
164 *que já havia notado. Mas ele não pode saber, ele não vai perceber. Sozinho poderás ser*  
165 *o que quiseres, ou mesmo se for eu a estar por casa, assim aos poucos, porque também*  
166 *não é algo a que eu esteja completamente habituada, e que faça muita questão... mas se*  
167 *é assim que és feliz, então farei por te ajudar, se tiveres a certeza disso... Mas terás de*  
168 *te aguentar a ser menino, ou homem, enquanto viveres aqui connosco e perto do teu*

169 *pai, e mesmo na rua. Porque ninguém vai compreender, porque o teu pai vai morrer de*  
170 *vergonha, e porque por agora terá de ser assim. E ajudar-te-ei, mas terá de ser aqui,*  
171 *por enquanto será assim. Quando fores sozinho, fores à tua vida, aí decides tu. Mas*  
172 *aqui terá de ser assim. Desculpa filho.”* E foi. Apesar de tudo o que eu estava a sentir,  
173 de querer ser livre e ser quem queria ser, percebia tudo o que ela me havia dito. E até  
174 me sentia grata pela ajuda que ela me queria dar, pelo que me havia dito, pela  
175 compreensão possível que foi... Mas sentia-me prisioneira, sentia-me prisioneira num  
176 corpo que não era meu, não era aquilo com que eu me identificava. Mas tive que  
177 obedecer ao que me tinha pedido.

178 **E.: Então... escondeu o que queria ser verdadeiramente a pedido de outros, para**  
179 **não afectar terceiros, é isso?**

180 **A.:** Exacto, em bom português não diria melhor. Escondi porque a minha mãe me pediu  
181 e porque sabia o que esperar do meu pai, e mesmo do resto da família. E toda a  
182 polémica do diz que disse dos vizinhos, das pessoas alheias, de tudo isso. Por um lado, a  
183 minha mãe saber era muito bom, eu já não estava escondida num total segredo, ela  
184 sabia, alguém já sabia, mas não era suficiente, não me sentia totalmente liberta, livre,  
185 para ser feliz como queria ser.

186 **E.: E durante quanto tempo permaneceu nessa situação, sendo assim?**

187 **A.:** Então, enquanto fui crescendo, portanto, fui sempre escondendo esta parte de mim.  
188 A minha infância, a minha adolescência, a minha juventude, e mesmo quando ingressei  
189 o curso, e ainda quando comecei a trabalhar, no início ainda era homem. Até aí tudo  
190 bem, como quem diz, porque vivia o meu lado feminino em segredo. Já existiam alguns  
191 bares que as pessoas podiam ir vestidas como quisessem, que poderiam ser como  
192 quisessem, livres, e eu podia refugiar-me aí, pude fazê-lo durante bastante tempo, foi o  
193 que me ajudou a suportar mais o que sentia não poder suportar. Aguentei-o até ao fim  
194 do meu curso, e ao início do meu trabalho, isso pelos meus trintas e pouquinhos, e  
195 depois perto mesmo dos 40 tomei a decisão e mudei de sexo. Aliás, não foi só mudar de  
196 sexo. Antes ainda pus peito, mas pequeno, uma coisa discreta, como pode ver, e ainda  
197 fui logo fazendo tratamentos, para causa da voz, dos pelos... Bem, não é que tivesse  
198 uma voz muito grave, ou que fosse um casaco de pelo, mas queria ser mais fiel possível  
199 à imagem que criei para mim do que queria ser enquanto mulher. Basicamente, antes de  
200 iniciar esse processo, era homem durante o dia, entre todos os que me conheciam,  
201 sempre com medo que alguém detectasse algo em mim e que sofresse com isso, porque



202 bem se sabe como se viviam aqueles tempos no que diz respeito às temáticas e às  
203 pessoas LGBT, e à noite transformava-me em mulher. E modéstia à parte, que mulher.  
204 Ninguém diria que eu era homem. A sério, tinha uma peruca de cabelo super real, não  
205 era com aquelas de cabelo artificial que se notava à distância, tinha unhas daquelas  
206 postiças, que se punham e tiravam com cola quando se queria, porque depois não podia  
207 ir com aquilo para o trabalho não é, se não queria que ninguém soubesse.... Usava  
208 vestidos curtos e justos, com umas *collants* de vidro, com um belo de um salto alto, e  
209 ficava mesmo a matar. Mas não usava nada de ordinário, não queria parecer uma pega,  
210 daquelas mulheres vulgares, ou daquelas *drag queens* exuberantes. Nada disso, queria  
211 ser mulher. Não parecer, mas ser, sentir-me mulher. E olhe que viravam muitas cabeças  
212 quando eu passava. Tinha classe e sensualidade. Não vulgaridade. Mas claro, mulher à  
213 noite e homem de dia. Com a vida que eu tinha, com tudo o que tinha conquistado, não  
214 podia ser de outra maneira.

215 **E.: E nunca teve medo de poder ser descoberta? Nunca passou nenhuma situação**  
216 **desafiante nesse processo?**

217 **A.:** Bem, de facto passei sim, e foi isso que me deixou com a certeza de que era uma  
218 mulher estonteante. [*risos*]

219 **E.: Então? Partilhe comigo.**

220 **A.:** Bom, numa das noites que saí enquanto mulher, quando voltava para casa, cruzei-  
221 me com um colega arquitecto, o qual tinha fama de *Don Juan*, todo macho, todo de  
222 “não há cá mariquices para o meu lado”, que pegava as mulheres todas, tá a ver o estilo?  
223 Pronto, conforme me cruzei com ele fiquei logo aflita interiormente, porque pensei logo  
224 que me pudesse reconhecer. Passei e desviei o olhar para o lado do passeio, e baixei  
225 ligeiramente a cabeça. Não resultou. Ou melhor, se calhar resultou foi bem demais!  
226 [*risos*] Portanto, ele passa por mim, eu finjo não estar ali, praticamente, mas ele  
227 engraçou comigo. Começou a meter-se comigo, a chamar-me, e eu continuei a andar.  
228 Ele veio atrás de mim, até que acelerou e se meteu mesmo à minha frente, cara à cara.  
229 Pensei “*Já está! Foste apanhada!*”, mas não, afinal ele tinha era engraçado comigo!  
230 Vejam bem! Não me reconhece e ainda vai atrás de um homem! O Sr. Todo Macho,  
231 atrás de um homem! Vá que eu estava de mulher, e que mulher, mas continuava a ser  
232 um homem não é verdade? Aqui ainda não fazia tratamentos nenhuns, ainda não tinha  
233 começado, mas também sempre tive a voz mais fina que a maioria dos homens, por isso  
234 conseguia passar com um tom feminino facilmente. E ele começou a falar comigo, de

235 irmos beber um copo, que tinha o carro ali perto, que podia ir com ele, que queria  
236 conhecer-me, que era um anjo caído dos sonhos dele, aquelas coisas foleiras de engate  
237 que os homens acham que funcionam a torto e a direito. Mas olhe, o medo que tinha de  
238 ser reconhecida deu lugar ao gozo, à adrenalina, à aventura de ser levada como mulher  
239 por quem me conhecia como homem, e só pelo gozo, de ver até onde aquilo ia dar, se  
240 me reconheceria ou não, decidi alinhar. Naquele momento decidi que estava na hora de  
241 tentar. Era o passo seguinte, envolver-me com outros homens, porque até ali só me  
242 forçava a estar com mulheres. Pouco, muito pouco, mas fazia-o de tempos a tempos,  
243 para não haver falatório. É que eu gostava de homens, sou uma mulher que gosta de  
244 homens, mas como era homem durante o dia, se continuasse a gostar de homens durante  
245 o dia, isso faria de mim *gay*, ser homem e gostar de homens. Quando tinha de ser  
246 homem, tinha de gostar de mulheres, que não gostava. Percebe? Portanto, só podia  
247 gostar de homens à noite, enquanto era mulher, quando me sentia verdadeiramente na  
248 minha pele, sem ser julgada por isso! Como só tinha tido coisas muito casuais, umas  
249 duas ou três experiências com outros homens enquanto saía à noite enquanto mulher,  
250 com homens lá do bar, e que todos esses souberam de mim de início, nunca escondi  
251 nesses casos, porque queria experiências reais, mas como só tinha tido essas  
252 experiências, decidi arriscar naquele caso, com aquele meu colega. Se ele, que e era ele,  
253 não me tinha reconhecido, estava na altura de me aventurar. E lá fomos. Bebemos uns  
254 copos, eu sempre no meu melhor, sem me deixar levar facilmente, estivemos até perto  
255 das 3h da madrugada no bar. Durante a conversa usei o meu poder de mulher para o  
256 levar de encontro aos meus gostos e a concordar comigo para me conquistar, coisa  
257 típica de homem, concordar em tudo com a mulher a conquistar para a conquistar mais  
258 rápido, e então, já no fim, falei em temas LGBT, como fazer sexo ou ter experiências  
259 com pessoas como eu, transsexuais, isto é, sem ele no entanto saber de mim, e ele ainda  
260 que renitente, já com a ajuda do álcool, concordou comigo que seria algo, no mínimo,  
261 indiscreto, diferente. Porque para ele não era totalmente homem, se tivesse pelo  
262 menos partes de mulher, o que poderia tornar essa situação possível. No meu caso, eu  
263 usava umas formas de silicone dentro do *soutien*, porque como disse, ainda não tinha  
264 começado os tratamentos nem as operações. Mas olhe que as minhas pareciam muito  
265 reais, e se eu não tirasse o *soutien*, como foi o caso, nem se dava por isso. Mas sim, ele  
266 decidiu convidar-me para ir com ele até um hotel, já todo motivado, alegre e excitado  
267 pelo álcool, e por mim também, que eu também provoquei, e então eu decidi ir, ainda  
268 que receosa, mas também ansiosa. Fomos para um hotel, nada brejeiro, que também não

269 sou dessas, e fi-lo lutar bem pelo que queria, algo a que ele não estava habituado, e que  
270 na verdade acho que foi por isso que se dedicou e esforçou tanto, porque fui um desafio  
271 para ele, e ele estava mortinho para me despir e saltar para cima. E a verdade é que eu  
272 também já estava a ficar um pouco excitada com tudo aquilo também. Sentia-me  
273 poderosíssima.

274 **E.: Então envolveram-se fisicamente? Isto é, tiveram relações?**

275 **A.:** Pode crer que tivemos. Perdoe-me a linguagem, mas... a verdade é que o fodi bem  
276 fodido! [risos] Como nunca ninguém o havia feito antes, disso pode ter a certeza!  
277 [risos]

278 **E.: Então houve penetração da sua parte, certo? Explique-me melhor, por favor, se**  
279 **for possível.**

280 **A.:** Exacto! [risos] Bem, foi assim, quando íamos no elevador para irmos para o quarto,  
281 ele começou a beijar-me, e beija aqui, e beija ali, e agora o pescoço, e depois o ombro, e  
282 agora põe a mão aqui e depois ali, e agora no meu rabo, e depois na coxa, e agora puxa,  
283 e depois empurra, e nesta luta de movimentos e desejo, chegámos ao quarto. Aí ele  
284 começou a tirar a camisa, porque a gravata e o casaco já os tinha deixado no carro dele,  
285 a desapertar o cinto, descalçou-se em segundos e com as calças ainda vestidas veio  
286 direito a mim, sempre a fitar-me o olhar, e agarrou-me nas mãos e colocou-as dentro das  
287 calças deles, junto do pénis dele, e disse-me: “*Quero que sejas tu a tirá-las. Tira-as,*  
288 *arranca-me as calças, e mexe-lhe. Toca-me, agarra-me, que a seguir arranco-te esse*  
289 *vestido sem dares por ela e vou dar-te a melhor noite da tua vida.*” Não vou mentir,  
290 ainda hoje sinto um friozinho na barriga quando relembro essas palavras, foi uma  
291 situação muito intensa, muito nova, muito tudo! [risos] E deixei lá as mãos, se as deixei,  
292 já com ele bem erecto! [risos] Mas tentei explicar-lhe neste processo de tira, despe,  
293 puxa, beija, põe e tira que não poderia haver sexo vaginal, sem lhe dizer que não era  
294 mulher em todos os aspectos! Ele haveria de reparar quando tentasse penetrar uma  
295 vagina que não existia, não é verdade?! [risos] Mas sim, tentei pará-lo e fazê-lo  
296 perceber que toda a penetração teria de ser anal, incluindo a dele, porque eu posso ser  
297 penetrada mas também queria penetrar, naquele momento tinha tanto desejo quanto ele!  
298 E ele no calor do desejo, entre beijos e respirações mais ofegantes juntos assim do meu  
299 pescoço, disse-me “*Penetração anal? És virgem? Por mim melhor, neste momento até*  
300 *podias ser homem que não me escapas!*”. Aquilo foi demais para mim, mas no bom  
301 sentido! E eu aproveitei, sem lhe dizer nada, e desta vez fui eu que agarrei nas mãos

302 dele as coloquei no meu pénis, que também já começava a ficar mais erecto, não é? Já  
303 não dava para ficar escondido para trás! E dava já para perceber bem o que era aquilo  
304 que ele estava a agarrar para não ter dúvida, não fosse achar que eu estava a brincar!  
305 Ninguém resiste a uma coisa destas, meu Deus! Mas claro, aquilo foi muito forte para  
306 ele, e quando percebeu que na verdade eu era mesmo um homem, acho que engoliu tudo  
307 o que tinha dito! Ficou apavorado! Correu logo para junto da porta! Percebi logo qual  
308 era o medo dele. O Sr. Todo Macho estava prestes a ter sexo com um homem, ou  
309 melhor, com um homem em termos físicos, porque eu era mulher. Isso faria dele gay. E  
310 poder-se-ia saber por alguém. Ele ficava em risco. A sua reputação, a sua credibilidade,  
311 o seu orgulho, o seu preconceito, tudo. Percebi que se tratava disso, e queria ajudá-lo.  
312 Mas também percebi que ele continuava excitado, porque continuava erecto enquanto  
313 estava assustado com o que eu lhe explicava e olhava para mim em *lingerie*! Percebi  
314 que tinha uma hipótese, e queria muito fazer aquilo. Então tentei acalmá-lo, expliquei-  
315 lhe que era mulher, que queria fazer operação, que seria mulher em breve, que portanto  
316 não ia contar fazer comigo como se fosse um homem, porque era uma mulher e  
317 fisicamente iria sê-lo em breve, para não se preocupar porque não era gay, que não  
318 contava como se estivesse a fazer como um homem, que podíamos ter relações à  
319 vontade, que ninguém ia saber, que era um segredo só nosso, que poderíamos usufruir  
320 apenas do sexo que ambos queríamos, e estava prestes a ter o sonho de qualquer  
321 homem, que era fazer sexo casual, oral e anal, ainda por cima, e que era apenas sexo  
322 entre duas pessoas, que não ia mudar nada entre ele e a definição dele, que era apenas  
323 sexo entre dois seres humanos, que não ia mudar por isso, e tudo mais, pronto, tentei  
324 convencê-lo com estes argumentos, e fui tentando aproximar-me dele de novo, porque  
325 sabia que assim que me aproximasse que não me ia resistir, porque ao fim e ao cabo,  
326 depois daquilo se ele ainda estava erecto, pelo menos interessado ainda deveria estar,  
327 não é? Podia estar confuso, mas o corpo ainda se manifestava! E eu também queria  
328 tanto aquilo que avancei! Fui avançando para ele, fui falando num tom mais calmo,  
329 mais sensual, mais provocador, erguendo o peito coberto com a *lingerie* para perto dele,  
330 exibindo-me mais para ele, para focar a atenção dele no desejo. E consegui! [*risos*] Ele  
331 começou a ceder, a ficar menos tenso, a deixar-me aproximar, a deixar-me penetrar  
332 aquela barreira que tinha erguido, e a deixar-se seduzir novamente. Se antes eu tinha  
333 medo de ser descoberta, agora estava completamente livre, sentia-me uma verdadeira  
334 mulher mesmo sem o ser fisicamente, e estava dominada pelo desejo. Consegui retomar  
335 os beijos, com ele ainda meio reticente, e comecei a acariciá-lo, persuadindo-o

336 novamente, ao que ele começou aos poucos a corresponder. Quando dei por isso  
337 estávamos já em cima da cama e em menos de nada estava a ser penetrada, estava a ter  
338 relações com o homem que tanto preconceito tinha. E estava a ser excelente. Lá está,  
339 sentia-me totalmente mulher! Acho que o sexo, a sedução, este desejo tem um poder  
340 fenomenal, e neste caso fiquei mesmo com a certeza disso. Antes dele atingir o clímax  
341 tentei também explicar-lhe que gostaria de o penetrar para também atingir o clímax e  
342 porque, pronto, era o que eu fazia porque não tinha uma vagina ainda como queria e era  
343 assim que eu atingia o orgasmo. Sim, porque se esperasse que ele atingisse o clímax,  
344 então sabia que já não ia conseguir, porque o desejo fica satisfeito. Ele parou de  
345 imediato, ficou logo retraído, muito reticente, mas à medida que lhe fui falando disso ia-  
346 lhe tocando, fazendo-o experimentar novas sensações, novos toques, novos sítios, novas  
347 zonas, em conjunto, com muita provocação e muita calma... mas respeito também,  
348 porque também não o queria assustar, sabe? Mas ele começou a ceder, que não sei se  
349 sabe, mas que são mais sentidas ainda quando a pessoa já está perto do clímax, e acho  
350 que foi isso que o fez ceder, isso e talvez o álcool à mistura também, e nisto comecei  
351 por... pronto, vá, penetrá-lo manualmente, se é que me percebe, para não o assustar,  
352 dar-lhe prazer, fazê-lo entender que não havia mal por querer experimentar coisas novas  
353 e ter prazer, e lá ele se foi permitindo a mais, foi-se descontraindo, cedendo, e depois  
354 penetrei-o mesmo quando ele o permitiu. Quando terminámos já era de dia, e antes de  
355 se virar para o lado, disse-me que era a mulher mais linda que já havia visto e conhecido  
356 em toda a sua vida, que tinha aprendido muito nessa noite e que levava uma experiência  
357 para a vida. Foi uma noite e peras. Se não foi a melhor, foi a segunda melhor da minha  
358 vida. Muito intensa, muito forte, muitas emoções novas, muitas descobertas, afirmei-  
359 me, senti-me mulher de verdade, em todos os sentidos, mesmo tendo órgãos  
360 masculinos, e senti-me bem comigo mesmo, mais certa de que queria ter órgãos  
361 femininos o quanto antes, porque queria sentir tudo de todas as maneiras. [risos] Agora  
362 já estou como os heterónimos do Fernando Pessoa!

363 **E.: Estou a ver, foi um momento muito forte e importante para si! E de dia, depois,**  
364 **como procederam? Ele nunca descobriu quem era?**

365 **A.:** Sim, essa é a grande questão. De dia, quando acordamos, ainda entrelaçados um no  
366 outro, já o álcool tinha passado, lá nos ajeitamos, tapamos, e ele olhou para mim. Mas  
367 olhou mesmo fixamente, como se estivesse prestes a ter uma epifania. E disse-me que  
368 lhe parecia muito familiar. Eu não queria arrastar mais aquilo e tirei a peruca, limpei a

369 maquilhagem, tirei as pestanas falsas, o peito, as unhas, tudo isso...e fui honesta com  
370 ele. Assim que tirei tudo isso, ele abriu os olhos de imediato em puro pânico. Acalmei-o  
371 logo, disse-lhe que tudo o que tinha dito antes era verdade, que ninguém ia saber, que ia  
372 mesmo ser mulher, que assim ele também sabia o meu segredo, que nos  
373 salvaguardávamos os dois, que era uma coisa nossa, para não ficar em pânico, que ia  
374 correr tudo bem, para me compreender, que queria mesmo ser mulher, etc. Ele  
375 realmente entrou num modo de pânico ali a roçar os níveis do enfarte, mas depois  
376 acalmou-se, ouviu-me com atenção, conversámos a sério, e concordámos que seríamos  
377 o segredo um do outro, que estava tudo bem, mas que não nos poderíamos voltar a  
378 envolver, porque ele não se sentia bem com isso, e que quando me transformasse na  
379 íntegra que me tentaria apoiar face aos restantes colegas, e que talvez aí, quem sabe se  
380 teríamos outro encontro. Isto foi uma conversa muito interessante sabe, deu-me muito  
381 que pensar. Senti-me totalmente aceite, porque esperava uma reacção terrível,  
382 tempestiva, de discussão. Mas não, não foi nada assim. Senti que estava na altura.  
383 Pouco tempo depois, comecei a fazer os tratamentos, tinha ganho coragem e senti que  
384 tinha que fazer alguma coisa para mudar, para ser quem eu queria ser antes que um dia  
385 morresse, e portanto comecei a fazer os tratamentos. Decidi falar com os meus pais,  
386 ainda que a minha mãe soubesse, o meu pai e restante família não sabiam, e então decidi  
387 falar com os elementos principais, e quanto à família mais distante e aos vizinhos e etc.,  
388 borrfiei-me literalmente para todos eles. Claro, o meu pai não reagiu bem, cortámos  
389 relações, que já se tinham tornado escassas por eu o querer evitar constantemente para  
390 não me poder apanhar sem eu querer ou sem estar preparada, mas sim, ele não me  
391 aceitou, renegou-me como filha, disse que tinha tido um filho e não uma filha, que não  
392 compreendia o porquê de eu ser assim, que sempre desconfiou que eu tinha um pico a  
393 azedo, ao qual eu tive que me defender e explicar que por ser transsexual não significa  
394 que fosse gay, porque eu era mulher e gostava de homens como sendo mulher e não  
395 como sendo homem, porque não me identificava como homem, e que queria ser mulher  
396 na íntegra em breve, que iam passar a ter uma filha e não um filho, que tinha ganho  
397 coragem para ser finalmente feliz. Mas ele não percebia, de todo. Não disse que a minha  
398 mãe sempre soube, coisa que e ele por acaso questionou, porque sabia que isso iria criar  
399 um grande problema entre eles sem necessidade, e percebi que ela me ficou grata por  
400 isso, mas ela tentou ser mais compreensiva, explicar ao meu pai, tentar apoiar o melhor  
401 que podia e que soube, mas foi escusado, não resultou. Disse-me coisas que prefiro nem  
402 lembrar porque doeram mais do que as dores que tive das cirurgias que fiz, por isso...

403 essas permanecerão enterradas, mas pronto, cortamos relações e só quando ele adoeceu  
404 e percebeu que caminhava para a morte é que a minha mãe o convenceu a fazer as pazes  
405 comigo. Tenho pena, mas vivi quase quatro décadas a ser o que não queria ser, a não ser  
406 o meu verdadeiro eu pelos outros, com medo do que aconteceria, com medo dos “e se”  
407 pelos outros, por mim, por tudo. E decidi que já chegava, e se já lhes tinha dado quase  
408 quarenta anos dos meus, da minha vida, da minha essência, da minha felicidade, então  
409 estava na hora de me respeitarem e aceitarem a minha decisão. Se ele não aceitou, então  
410 teria de viver com isso. E assim foi, só nos “reconciliámos” no fim. E acho que foi mais  
411 uma coisa de consciência, alimentada pelo medo da morte. Não sei, honestamente, mas  
412 pronto, foi o que foi. A minha mãe, continuei a dar-me bem com ela e morreu poucos  
413 anos depois. Ela e o meu pai viviam um para o outro, tinham um amor muito bonito, e  
414 creio que quando ele morreu ela se foi muito abaixo por isso mesmo. Mas ainda me  
415 conheceram como mulher. E a minha mãe ainda chegou a dizer que tinha acabado por  
416 ter sorte, porque ao fim e ao cabo, tendo só um filho, conseguiu ter dois, saber o que era  
417 ter um menino e uma menina. Comoveu-me, essas palavras. E ainda chegou a ir às  
418 compras comigo, coisas que sempre quis fazer como mulher, ir às compras com a minha  
419 mãe, e que nunca tinha podido, e passei a poder! Foi fantástico! Mas pronto, também  
420 durou pouco... É que comecei a fazer os tratamentos assim, perto dos quarenta anos, se  
421 não me engano com trinta e oito, tratamentos de voz, de pelo, hormonas, estrogénio,  
422 etc., depois fiz os implantes mamários, e por último mudei de sexo. E até que acabei por  
423 me tornar mulher na íntegra. Foi um processo e tanto, só lhe digo. Tem mesmo que se  
424 querer, porque com tudo o que se passa... é... a sério, é muito doloroso, é muito caro, é  
425 muito penoso, é muito tudo. E é complicado também porque na nossa cabeça  
426 idealizamos as coisas que queremos, como achamos que vamos ficar, e por vezes sai o  
427 contrário e tudo fica muito complicado... mas felizmente, eu pelo menos, fiquei linda e  
428 maravilhosa, como queria! *[risos]* Valeu a pena passar tudo aquilo. Mas pronto, já não  
429 tive muito tempo com eles enquanto mulher, enquanto filha. Foi o que foi. Tentei retirar  
430 o melhor disso. Mas olhe, ainda encontrei o amor. O meu grande amor!

431 **E.: Refere-se ao seu marido, portanto?**

432 **A.: Nem mais! E sabe quem é o meu marido?**

433 **E.: Ham... Não, creio que não, mas acho que tenho uma pequena ideia. Refere-se**  
434 **ao facto de ser uma figura pública? Ou ao facto de ser alguém que já conhecia?**

435 **A.: É mais para a segunda hipótese! *[risos]***

436 **E.: Ah! Então sim, já tenho uma pequena ideia sim.**

437 **A.: Quer tentar adivinhar?**

438 **E.: Palpita-me que seja o Sr. Todo Macho, verdade? Acertei? [risos]**

439 **A.: Ora nem mais! [risos] Mas alguém diria?**

440 **E.: É verdade, uma história e tanto! Então, e como se desenvolveram as coisas**  
 441 **depois para se juntarem e casarem?**

442 **A.: Bem, quando decidi que ia mudar de sexo falei com ele, aliás, depois daquela noite**  
 443 **mantivemo-nos sempre em contacto, e fomo-nos tornando mais amigos, vá, mas não**  
 444 **tivemos mais encontros sexuais. Ainda nos encontrámos três vezes, sempre só com a**  
 445 **intenção de estarmos um pouco mais juntos, de conversarmos, mas acabámos sempre**  
 446 **aos beijos, mas não mais do que isso. Mas claro, ficou evidente que havia algo ali que**  
 447 **nos puxava um para o outro. E ele mudou muito, desde essa noite, ele deixou de ser o**  
 448 **Sr. Todo Macho e passou a ser mais compreensivo, mais calmo e tolerante, aliás,**  
 449 **quando se falava desse assunto ou se fazia alguma piada, ele até já defendia o que quer**  
 450 **que fosse dito que pudesse ser ofensivo. E olhava para mim. E ali partilhávamos aquele**  
 451 **momento que tínhamos tido, aquela cumplicidade que ficaria até hoje.**

452 **E.: E nisto, entretanto, fez então a operação que pretendia, certo?**

453 **A.: Exacto, entretanto perto dos meus quarenta, depois de tratamentos, terapias,**  
 454 **operações, cabelo crescido, depilações feitas, unhas arranjadas, tudo, tornei-me**  
 455 **oficialmente uma mulher! Foram uns dois anos e tal, quase três, neste processo todo.**  
 456 **Foi muito complicado, muita esperança, muito esforço, muito dinheiro, muitos médicos**  
 457 **e consultas, muitas conversas a ter com tudo e todos a explicar o que me**  
 458 **perguntavam... muita curiosidade, muita má-língua, muita tolerância e intolerância**  
 459 **também, muito tudo. É, foi muito de tudo. Mas sou o que sou, e foi um grande processo,**  
 460 **muito importante para mim, por tudo o que passei, por tudo o que conquistei, por me**  
 461 **tornar finalmente no que queria ser, por me sentir finalmente feliz. Fui afectada a nível**  
 462 **de trabalho, porque perdi alguns projectos, porque não aceitaram o que fiz, e muitos**  
 463 **colegas também, mas ao mesmo tempo que perdi alguns projectos, e também alguns**  
 464 **colegas, ganhei outros. Ambas as coisas. E valem o mundo. E foram projectos também**  
 465 **que me realizaram interiormente, que tiveram muito significado ainda mais por tudo**  
 466 **isso. Projectos e pessoas que duram até hoje. É mesmo assim, uns afastam-se e**  
 467 **perdemo-los, mas outros também se aproximam e são outras pessoas que ganhamos na**



468 nossa vida. E eu ganhei o [*nome do marido*], que sempre se manteve a meu lado.  
469 Acompanhou todo o processo o melhor que pôde, e jurámos voltar a estar juntos  
470 intimamente só quando eu fosse mulher, porque ele dizia que já me tinha conhecido  
471 como homem fisicamente, ainda que me apresentasse como mulher, e que se tinha  
472 gostado de mim assim, então que ia amar-me enquanto mulher integral. E foi mesmo.  
473 [*risos*] Isto é que foi um homem de palavra! [*risos*] Lembro-me da minha última  
474 consulta depois da minha última operação, da minha confirmação de poder iniciar a  
475 minha vida sexual sem que isso pudesse afectar-me negativamente, porque foi uma  
476 operação muito.... Complexa não é... Já viu o que fazem? Sabe como fazem para  
477 transformar um pénis numa vagina?

478 **E.: Sim, sim, por acaso sei, já acompanhei um processo.**

479 **A.:** Pronto, então não tenho de me alongar, mas sabe que isso é muito complexo,  
480 envolve muita coisa, e é irreversível. A pessoa tem que ser acompanhada durante uns  
481 dois anos, mais coisa menos coisa, por médicos, psicólogos, terapeutas, tudo isso e mais  
482 que fora, para que esta redesignação sexual seja consciente e não fruto de um capricho  
483 ou de uma loucura, mas sim de algo consciente e desejado. Foi por tudo que passei, e  
484 depois na recuperação da cirurgia, também é doloroso e complexo ainda, mas vale a  
485 pena, porque nos estamos a realizar. E quando senti que podia finalmente ter relações  
486 como uma mulher, ter orgasmos como uma mulher, não ter de ser eu a penetrar... foi  
487 incrível. E então eu e o [*nome do marido*] voltámos a encontrarmo-nos para sairmos, e  
488 recriámos a nossa primeira e única vez juntos sexualmente! Fomos sair para o mesmo  
489 bar, fomos para o mesmo hotel, curiosamente até conseguimos o mesmo quarto – diga  
490 lá que o destino não estava do nosso lado? [*risos*] – e até o mesmo vestido, saltos e  
491 *lingerie*! E pronto, tivemos então relações pela primeira vez como homem e mulher! E  
492 foi fenomenal. O desejo que estava guardado há tanto tempo, aquela tensão sexual que  
493 sempre tivemos desde essa noite, aquela vontade inadiável... só podia resultar numa  
494 coisa inesquecível! [*risos*] Curiosamente, fiquei mais nervosa aí do que na vez anterior!  
495 Vá-se lá perceber! [*risos*] Pouco tempo depois começámos mesmo a namorar, e um ano  
496 e meio após começámos a viver juntos! Ham... Depois... Sim, depois casei-me em  
497 Dezembro de 2010, e quisemo-nos casar nessa altura porque foi o ano em que a  
498 legislação de permissão do casamento homossexual foi aprovada. Ainda que eu já fosse  
499 reconhecida legalmente como mulher, e que o meu marido sendo homem,  
500 representássemos uma casal heterossexual, que a nível documental e legal fossemos só

501 homem e mulher, quis lutar pelos direitos LGBT, porque passei muito preconceito,  
502 muito trauma, muita intolerância, muita coisa que ninguém deveria de ter que passar.  
503 Também passei muitas coisas boas, mas as más têm sempre um peso maior, e na  
504 verdade foram bem mais... por isso é normal querer lutar por isso, pela diferença, pelo  
505 respeito e pela tolerância. E então jurámos casar legalmente, com papel, vá, que era o  
506 meu sonho, casar-me de branco, com vestido de noiva, só quando fosse permitido para  
507 todos. E assim foi. Nós e mais uns amigos nossos que também o fizeram, mas uns  
508 meses depois. Ora, foi em 2010, estamos em 2018, portanto foi há 18 anos. Agora tenho  
509 73, portanto, 73 menos 18... Então, tinha 55 anos na altura. Estava menos velha, toda  
510 catita ainda! E que linda que fui, foi uma coisa pequena, só para amigos e família mais  
511 chegada, com as pessoas que realmente importavam, e foi lindo, um momento lindo. O  
512 meu marido realizou-me, a todos os níveis. E continuamos a realizarmo-nos  
513 mutuamente, todos os dias, fazemos por isso, e não falo só em termos sexuais, mas em  
514 tudo mesmo.

515 **E.: Muito bem, isso é importante, sim. Mas e alguma vez pensaram em ter filhos?**  
516 **Em compor ou aumentar o vosso agregado familiar?**

517 **A.:** Pensar até que pensamos, mas sabe... eu com os meus quarenta, quarenta e um anos  
518 estava ainda a descobrir-me como mulher, e ainda nos queríamos descobrir um ao outro  
519 enquanto casal, enquanto homem e mulher. De repente estava nos meus 50. Não, não  
520 achámos que ter filhos fosse imperativo. Além disso o adotar não teria sido fácil,  
521 sabemos disso. Se tivesse surgido alguma situação, talvez tivesse acontecido, agora  
522 assim, não, não foi o caso. Além disso temos a sobrinha dele que é como se fosse uma  
523 filha para nós, e dá para colmatar essa sensação que por vezes surge de querermos ter  
524 tido um filho. É uma miúda perfeita, bastante compreensiva, muito meiga, muito  
525 preocupada com tudo e com todos, é boa na escola, muito sociável, muito tolerante e  
526 defensora de tudo o que respira... É o que digo, só faltava ser nossa filha de sangue.  
527 Não é, mas é como se fosse. E a mãe dela também tem uma excelente relação com ela,  
528 aliás, a mãe e o pai, e mais, com ela e connosco, porque às vezes poderiam não aceitar a  
529 nossa relação, a nossa situação, e nem deixar a filha dar-se tanto connosco, ou sequer  
530 com o tio, que vá ainda é mesmo do sangue dela, porque é irmão da mãe dela, mas não,  
531 por acaso não, temos uma relação excelente. É... ham... Acho que melhor não podia ter  
532 pedido. E vivemos sempre perto uns dos outros, excepto agora não é, que viemos para  
533 aqui há seis meses, mas sempre vivemos perto, o que facilitou tudo não é, o estarmos

534 sempre lá. É o que a miúda diz muitas vezes, ainda que a brincar, mas diz, diz que tem  
535 dois pais e duas mães, os pais dela verdadeiros, e depois a nós, eu e o meu marido, tio  
536 dela, e que portanto é uma sortuda. É o que digo, aquela miúda é um doce, é perfeita,  
537 pelo menos para nós. Miúda... de miúda já nada tem, já tem uns trinta, mas será sempre  
538 a nossa miúda! [Pausa 0,2 segundos] É, lá está, não podia ter pedido melhor. Sinto-me  
539 feliz e realizada.

540 **E.: Estou a ver. Então e agora decidiram vir para esta instituição. O que os levou a**  
541 **tomar essa decisão?**

542 **A.:** Bem, eu sempre tive casa alugada, porque com os gastos de todo este processo não  
543 poderia suportar o pagamento fixo de uma casa, até porque tive de mudar diversas  
544 vezes, e o contrato de forma de aluguer sempre me valeu muito mais a pena, e mesmo  
545 quando me juntei com o meu marido, e casámos e tudo mais, também vivemos sempre  
546 em casas com regime de aluguer, porque na altura que era jovem não me compensava  
547 comprar casa, dado que me mudava diversas vezes, e também não é agora com uma  
548 idade destas que me valia a pena comprar casa. Agora estamos os dois cansados,  
549 trabalhámos como arquitectos uma vida toda, amealhámos muito dinheiro, temos boas  
550 reformas, eu de 1.500€ e ele de 1.700€, mais coisa menos coisa, e queremos é luxo e  
551 descanso! Não é sopas, porque isso soa a velho! [risos] É mesmo luxo e descanso!  
552 Então decidimos procurar uma coisa que valesse a pena. Não uma instituição vá, banal,  
553 com todo o respeito que tenho a tais instituições, mas não queria isso, porque para isso  
554 não saía de casa. Queríamos mesmo era algo luxuoso, em que não tivéssemos de fazer  
555 nada, que tivesse piscina, actividades a sério como ténis, badminton, natação, golfe,  
556 paddel, jardins para se caminhar, ginásios com bons instrutores, spa, restaurante,  
557 cabeleireiro... tudo isto, e foi isto que encontrámos aqui, que escolhemos. Por isso é que  
558 viemos para aqui.

559 **E.: E o que é que motivou a escolha destas características? Ou seja, que percepção**  
560 **ou percepções é que tem acerca das instituições para levar à escolha dessas**  
561 **características?**

562 **A.:** Eu vou confessar-lhe, nunca pensei muito bem a favor dos lares. É que com tudo o  
563 que se ouvia falar das pessoas LGBT que iam para lares, e que até nem eram assumidas,  
564 ou apenas haver suspeição destas serem e não serem na verdade, mas tudo o que se  
565 ouvia era... desastroso! Sofriam horrores! E é claro que eu não queria uma coisa destas  
566 para mim! Nunca quis. Quem quereria? Ninguém! Nunca foi segredo nenhum que as

567 pessoas que residem nos lares, essencialmente nos públicos e naqueles de cariz assim  
568 muito social, já têm aquela imagem de debilitados, de mal tratados, de desrespeitados,  
569 de infelizes, de prontos para morrer. Seja por tudo o que se ouve e vê, seja pelo que se  
570 sabe e se conta, e mesmo sabendo que existem lares que não é assim, é uma imagem  
571 que tenho muito presente, por tudo o que sei, o que vi e ouvi. Mas também sei que não  
572 há lares assim, mas é praticamente tudo mais para o privado é que se começa a diferir  
573 nessa forma de tratar as pessoas, de as respeitar, de as cuidar... E nem toda a gente  
574 pode. Como por exemplo, este onde vivemos, isto não é um lar, é como que um *resort*  
575 residencial sénior, pelo menos é como lhe chamam aqui, e com direito a luxos, um  
576 conceito novo trazido lá das Américas, em que se pretende dar um bom estilo de vida,  
577 sem preocupações e com muito lazer a esta fase da vida de uma pessoa. É a valorização  
578 do idoso. Onde cada um é respeitado, pode ser quem quer, como quer, desde que  
579 respeite os outros também, e viver com tudo a que tem direito sem se ter de preocupar  
580 com nada. Seja de limpeza, seja de alimentação, seja de actividades, seja de saúde, seja  
581 de afazeres.... Mas claro, tudo por um bom dinheiro desembolsado. E olhe que aqui  
582 paga-se bastante bem. [Pausa 0,3 segundos] É assim, se calhar se me perguntar se eu  
583 tinha necessidade de tudo isto, se calhar até não tinha, mas trabalhei uma vida inteira  
584 para chegar até aqui, para ser o que sou e amealhar o que amealhei, aliás, eu e o meu  
585 marido, e já estou cansada para me preocupar com tantas questões e particularidades  
586 com que temos de nos preocupar numa casa, estava na altura de nos mimar, porque  
587 passei uma vida muito atribulada, e ao menos que a goze em pleno nesta altura, como  
588 mulher, sempre realizada. É como se estivesse sempre de férias, sabe? Aquela sensação  
589 de despreocupação, porque estamos de férias? Não nos preocupamos com a limpeza,  
590 nem com a comida, nem com nada! E temos sempre as visitas de quem quisermos,  
591 porque temos como que um pequeno apartamento! É um quarto com cama de casal, e  
592 uma wc, ou seja, é uma *suíte*, e depois temos varanda, que têm todas uma vista  
593 maravilhosa, cozinha e sala, sendo a cozinha aberta para a sala. É um apartamento  
594 amplo, moderno, espaçoso, e prático! Olhe, é como que um *aparthotel*! Mas com tudo  
595 incluído. Com o benefício de que já está tudo pago, não há surpresas extras, a não ser  
596 que as queiramos nós, e ainda podemos ter as nossas visitas sempre que quisermos,  
597 mesmo à noite, tendo as pessoas que apenas se identificar na entrada e respeitar apenas  
598 a questão da hora do silêncio. É isso que sinto, que estou de férias, e sinto que o mereci  
599 e muito. Aqui estamos rodeados de luxo, sem termos de nos preocupar com nada, pois  
600 até há empregados para tudo e, acima de tudo, respeito e liberdade. Aqui sinto-me livre

601 para ser quem sou. Eu e o meu marido. As pessoas respeitam-se, não só os funcionários,  
602 como também os outros residentes.

603 **E.: Então em termos da questão do seu processo de transsexualidade, isso teve peso**  
604 **na escolha do lar, é isso?**

605 **A.:** Claro. A minha preocupação maior sempre foi a questão de se saber que eu sou  
606 transsexual. Saber qual o impacto que isso poderia ter, tanto para mim, como para o  
607 meu marido, como para as pessoas da instituição que escolhêssemos, funcionários e  
608 residentes. Haveria respeito? As pessoas da instituição foram formadas para lidarem  
609 com estas questões? Haveria tolerância pela diferença? Haveria mais pessoas como eu?  
610 Com histórias como a nossa? Ia encontrar tolerância ou preconceito? Tratar-me-iam de  
611 igual forma ou seria discriminada? Eram tudo questões que tiveram o seu quê de peso  
612 na hora da nossa decisão. Porque já vi, eu no meu caso troquei de sexo também, mas  
613 há pessoas que se sentem bem sendo homens e apenas vestirem-se de mulher, assim  
614 como há mulheres que se sentem bem apenas a vestirem-se de homens, que se  
615 identificam com isso, que não precisam de fazer uma transformação ao nível dos  
616 órgãos, como eu senti que tinha de fazer para me sentir completa, e como outras tantos  
617 sentem também. Cada pessoa é uma pessoa e tem de ser respeitada por isso. A quem  
618 posso, ensino o valor de se ser tolerante e o peso e a importância do respeito, porque  
619 hoje sou eu e amanhã podes ser tu, e por isso temos que aprender a respeitar. Acho que  
620 é isso que faz muita falta neste mundo. E dado que já passei por tanto, de bom e de mau,  
621 mas muito de mau, é natural que receie ceder tudo o que é meu, mesmo por opção,  
622 porque na verdade nunca sabemos quem vamos encontrar. É que lá está, há sempre  
623 medos, passamos sempre por coisas que nos deixam ou com traumas, ou com receios,  
624 ou com experiências menos boas, sejamos LGBT ou não, Mas ainda mais quando  
625 somos LGBT, e lá está, isso ainda que achemos que as ultrapassamos, vão sempre pesar  
626 em decisões importantes, como estas, na escolha de algo tão importante e ao mesmo  
627 tempo simples quanto um local para viver. E isto pesou, claro que sim. Por isso antes de  
628 decidir, decidimos informarmo-nos e vir cá saber tudo, como se processava tudo, saber  
629 coisas particulares, como o nível de tolerância, o modo como tudo funcionava, o que  
630 estava incluído pelos preços, que opções tínhamos, etc., etc., e até acabei por me sentir  
631 tão à vontade que acabei por explicar a minha situação e os meus receios, as minhas  
632 dúvidas e preocupações, que foram todas esclarecidas ternamente pela senhora que

633 estava lá a atender-nos. Senti-me tão bem que o meu marido concordou e decidimos vir  
634 para cá, está a fazer seis meses.

635 **E.: Então esta está a revelar-se ser uma experiência positiva, independentemente**  
636 **das percepções que já detinha face às instituições?**

637 **A.:** Sim, sim, desde então tenho sentido que estou sempre de férias, lá está, é a única  
638 forma que tenho de descrever o que sinto! [*risos*] E durante o dia-a-dia sinto que tudo é  
639 normal, que não sou olhada de lado, que não sou discriminada, que não sou alvo de  
640 preconceitos. Bem, até pode ser que os haja, mas não me fazem sentir mal. E até tive  
641 uma experiência muito engraçada há uns dois meses ou quê, porque há uma funcionária  
642 aqui que soube da minha história e veio falar comigo, muito cuidadosa com as palavras,  
643 pedindo-me desculpa pela intromissão na minha privacidade, mas que sabia da minha  
644 história e que tinha uma sobrinha que tinha uns quinze anos ou dezasseis, já não me  
645 recordo com exactidão, e que a miúda acho que também não se identifica com ser  
646 rapariga, e então tem-se vestido de forma mais masculina, assumindo mesmo um corte  
647 tipicamente masculino de cabelo, as roupas, o calçado, o estilo todo, pronto, os trejeitos,  
648 tudo isso. E então que os pais estavam reticentes em aceitar, que têm combatido até ali o  
649 que podiam, que era complicado e que a miúda andava revoltada porque não queria ser  
650 miúda. Pronto, e então decidiu vir falar comigo para saber o que fazer, se era normal, o  
651 que devia dizer aos pais dela para fazerem, tudo isso, como funcionava todo o processo.  
652 Claro, eu aconselhei-a o melhor que pude, e disse-lhe que se a miúda quisesse vir falar  
653 comigo, que passei por tudo e provavelmente a compreendo melhor do que aqueles que  
654 a rodeiam, que se quisesse vir, para estar à vontade, mas disse-lhe para falar com um  
655 psicólogo porque apesar de tudo é quem tem competências para avaliar a situação. E  
656 cada caso é um caso. E a miúda efectivamente veio cá, já duas vezes, estivemos a  
657 conversar bastante. É muito engraçada, educada, super curiosa com tudo, faz-me  
658 imensas perguntas, e eu claro, tento orientá-la no melhor que sei. [*risos*] Diz que sou  
659 mais que terapeuta dela e que a percebo melhor que os restantes. Não sei se os pais  
660 acham muita piada, também não os conheci, mas ela continua a vir, é porque também  
661 não devo ser tão má assim! [*risos*] E a funcionária, tia da miúda, também alinha na  
662 coisa. Também participa muito, tenta inteirar-se mais da realidade de tudo, das  
663 perguntas, das dúvidas, de se actualizar para acompanhar o crescimento e o  
664 desenvolvimento da miúda, para apoiá-la o melhor que pode, o que acho muito bonito.  
665 É uma fase que pode ser muito confusa, quando percebemos que não gostamos do que

666 somos, mas não sabemos se podemos mudar, nem bem para o quê ou para quem. É  
667 preciso haver muito apoio e presença. Gostava de ter tido esse tipo de presença, de  
668 preocupação, de apoio. Tive a minha mãe, é certo, mas acho que hoje em dia também é  
669 diferente, acho que se envolvem mais e tentam compreender mais as pessoas, mas ainda  
670 existe muito preconceito... [Pausa 0,3 segundos] E na verdade não acho que ela queira  
671 fazer a operação em si, acho que é mais uma miúda que se identifica como um rapaz e  
672 que vive bem vestindo-se e agindo como se fosse um rapaz, e gosta de mulheres. Mas lá  
673 está, tem sofrido muito com o preconceito de alguns, porque ela diz-se sentir como um  
674 rapaz, e gostar de mulheres, mas se é mulher fisicamente, é vista como lésbica, porque é  
675 mulher fisicamente e gosta de outras mulheres. Na verdade, não acho que seja correcto  
676 rotular uma pessoa assim, como eu cheguei a ser, de gay, porque era homem  
677 fisicamente, embora me sentisse mulher, e gostava de homens. Pronto, era eu logo gay,  
678 e ela é logo lésbica. As coisas não podem ser rotuladas assim. Todos nós podemos não  
679 nos identificar com aquilo que vemos no espelho, mesmo que seja só em algum  
680 momento da nossa vida. Não temos de ser rotulados por isso. Quer dizer, percebo que  
681 seja uma questão mais complexa do que isso, que envolve muitas questões, porque  
682 senão todos nos poderíamos identificar com o que bem quiséssemos, até com uma  
683 planta ou com um panda, e pronto, agora só gosto de outras plantas ou de outros pandas,  
684 e vou andar pintada de verde, a apanhar sol na rua e colocar água nos pés, não, não é,  
685 também percebo que isso seja um bocado complicado de lidar e gerir, mas pronto,  
686 sentimentos e rótulos de caras só porque dá cá aquela palha... quer dizer... não acho  
687 correcto. E a rapariga até arranjou namorada, por isso ter namorada tão jovem, ser  
688 assumida face às suas escolhas, à maldade que existe logo assim tão jovem, e ter  
689 coragem para enfrentar isso todos os dias... para mim merece muito mérito. Tenho-a em  
690 muito boa conta por essa garra que tem. [Pausa 0,3 segundos] Mas já me desviei do que  
691 lhe dizia. Era o quê? Ah, sim! Experiência positiva! Sim, tem sido, e até como vê pareço  
692 estar a enquadrar-me bastante bem [*risos*], dou-me com todos, e o que mais tinha medo,  
693 de se saber a minha história e de ser alvo de algo negativo por isso mesmo, afinal  
694 transformou-se num trunfo, porque apesar de serem carinhosos comigo, ainda consigo  
695 ajudar diariamente esta miúda que na verdade não se sente miúda, a ultrapassar tudo  
696 com a melhor experiência que posso transmitir. Ainda me sinto mais à vontade por isso  
697 mesmo, sinto que não tenho de me condicionar a nada. Que posso ser quem quero ser, e  
698 mesmo com o meu marido, estamos à vontade, se quisermos andar de mão dada, se  
699 quisermos trocar umas carícias, uns beijinhos, estamos à vontade, ou se quisermos ter

700 privacidade no quarto também temos. Está a ver? Aqui não sou a mulher que era um  
701 homem, que é gay porque casou com um homem, que também se torna gay por ter  
702 casado com uma mulher que foi homem! Sou eu, a [nome pessoal] e apenas a [nome  
703 pessoal], uma mulher que é vista como tendo sido sempre mulher, que casou com um  
704 homem e que se amam, que gostam de estar juntos e são absolutamente normais. E isso  
705 para mim é muito importante. E mesmo ao nível da nossa privacidade, respeitam muito,  
706 e acho isso fabuloso!

707 **E.: Portanto, para si a privacidade também tem muito peso, é isso?**

708 **A.:** Sim, sim, sempre teve. Tanto que era na minha privacidade que eu me podia  
709 transformar na mulher que queria ser quando era miúda. Recorda-se do episódio que lhe  
710 contei no início, do quarto e da roupa, de ser apanhada?

711 **E.: Sim, sim, perfeitamente.**

712 **A.:** Pronto, lá está, se não tivesse o mínimo de privacidade possível, nunca poderia ter  
713 explorado esse meu lado. Nunca poderia ter percebido o que sei com tanta clareza  
714 actualmente. Por isso sim, para mim a privacidade é um aspecto que tem de ser prezado  
715 e respeitado, e que também teve peso na escolha de virmos para aqui. É preciso que seja  
716 respeitada. E quem diz privacidade diz intimidade. Por exemplo, eu no meu caso ainda  
717 mantenho relações sexuais com o meu marido, e gosto de saber que posso estar à  
718 vontade no meu quarto com ele sem termos de fazer tudo a correr, a não ser que isso  
719 seja mesmo uma opção nossa. Não há necessidade disso, há que haver respeito pelo  
720 espaço e intimidade do outro. E aqui felizmente prezam o respeito pelos residentes,  
721 ninguém entra no nosso apartamento a não ser que seja dada permissão por nós, e acho  
722 que mesmo o pessoal da instituição está preparada para aceitar a ideia de haver relações  
723 sexuais entre o pessoal residente, porque até Viagra têm disponível para requisição, por  
724 isso... E preservativos também! É verdade, já me passava essa! Nós actualmente já não  
725 usamos tanto, somos companheiro há 30 anos e sempre tivemos uma relação  
726 monógama, e enquanto mulher também só estive com ele, pelo que também fizemos  
727 exames na altura e estava tudo bem e acabámos por deixar de usar tanto, mas sei que é  
728 muito importante e que deve ser um item que nunca deve faltar nas relações, a verdade é  
729 essa. Mas acho que quando se está há tanto tempo junto como estamos, que se passou  
730 pelo que nós passámos, que só queremos e estivemos um com o outro... começa a não  
731 fazer tanto sentido. Ainda por cima eu também não posso engravidar, por isso... [risos]



732 Mas pronto, temos noção de que há riscos, mas nós somos precavidos e aqui também há  
733 precauções à venda para quem quiser! [*risos*]

734 **E.: Portanto agora sente-se realizada por completo?**

735 **A.:** Sim, sem dúvida que sim. Sinto que já posso morrer feliz.

736 **E.: Estamos mesmo no fim da entrevista. Há algo que queira acrescentar ao que já**  
737 **foi dito até aqui? Algo que se tenha esquecido de mencionar dentro dos temas que**  
738 **abordámos e que se tenha esquecido?**

739 **A.:** Não, ham... não, acho que já partilhei tudo o que era de facto relevante! [*risos*]

740 **E.: Muito bem, então chegámos ao fim desta entrevista. Muito obrigado pela sua**  
741 **colaboração, participação e disponibilidade.**

742 **A.:** De nada! Continuação de bom trabalho, já agora!

743 **E.: Muito obrigado, e bom resto de semana.**

744 **A.:** Igualmente.



## **Transcrição da entrevista N°4 – Manuel**

1 **E.: Então Sr. [nome do entrevistado], podemos começar?**

2 **A.:** Sim, podemos. Mas... isso dos nomes não aparecem mesmo, pois não?

3 **E.:** Não, não, fique descansado, porque como lhe disse e como tem no documento

4 que lhe dei, isto é anónimo. Ninguém saberá quem o Sr. é, fique descansado. Só a

5 sua história.

6 **A.:** Está bem, está bem... A história está bem. Muito bem.

7 **E.:** Muito bem, então para começar, gostaria que me falasse um pouco de si, assim

8 ao nível mais pessoal, pode ser? Que se descreva, que me fale um pouco do seu

9 percurso de vida.

10 **A.:** Sim, está bem. Sim. Bom, ham... então... ham... Eu tenho 66 anos... ham... sou

11 homossexual... Sou solteiro e bom rapaz, ham...[Risos] Bem, agora já não sou, mas

12 legalmente sou solteiro, nunca casei, mas agora conheci aqui uma pessoa, mas também

13 não casei por isso acho que se diz que continua solteiro, assim legalmente, como

14 aparece no nosso documento legal, o Bilhete de Identidade, não é? Quer dizer, agora é o

15 Cartão de Cidadão, mas a senhora percebeu!

16 **E.:** Sim. [Risos] Não se preocupe, continue, está a ir bem.

17 **A.:** Obrigado. Bem, continuando então, ham... Portanto, não sou casado, também não

18 tenho filhos... Ah! Tenho uma sobrinha que ajudei a criar, que é como se fosse minha

19 filha também, mas temos uma relação difícil, por causa disto de eu ser homossexual, de

20 ham... de ser contra o que a minha mãe e a minha irmã defendiam moralmente. A

21 minha mãe já morreu há dois anos, mas também participou bastante na educação da

22 minha sobrinha, porque a minha irmã era mãe solteira, e então a minha mãe e eu

23 ajudávamos muito no que podíamos. Ham... vivíamos todos juntos e acho que

24 repartimos essa tarefa entre todos e é como se ela fosse um pouco filha de cada um de

25 nós. Mas lá está, ela cresceu envolta nos valores morais católicos que defendem que a

26 homossexualidade é um crime, é imoral, é contra a nossa natureza, que é uma

27 abominação, entre outras coisas absurdas. Incutiram isso na rapariga e ainda que ela

28 gostasse muito de mim, à medida que foi crescendo e foi percebendo que eu era tudo

29 aquilo que lhe ensinaram a ser contra, a nossa relação foi-se... vá... desaparecendo.

30 Não é que levasse homens lá para casa ou que alguma vez tenha vivido com um, mas

31 quando elas descobriram que eu era homossexual, já o meu pai tinha morrido e eu ...

32 pronto, não me meteram fora de casa porque precisavam de toda a ajuda financeira

33 possível, porque como ele morreu, eu saí da escola na altura, tinha quase quinze anos, e  
34 deixei tudo para ir trabalhar para que não faltasse comida na mesa. Com a minha irmã  
35 grávida na altura, com um bebé a caminho, todo o dinheiro era preciso. A minha irmã  
36 na altura tinha quase 19 anos. Mas sim, já explico isso melhor, voltando ao que dizia,  
37 portanto... Ah, sim, não tenho filhos, mas tenho essa sobrinha, da minha irmã, a única  
38 que tenho, somos só nós dois, mas pronto, ainda que a tenha ajudado a criar, não é  
39 minha filha. Hum... que mais posso dizer... ham...

40 **E.: Fale-me por exemplo a níveis literários. Que escolaridade obteve, já que referiu**  
41 **que teve de deixar tudo, que teve de sair da escola com a morte do seu pai? Com**  
42 **que escolaridade ficou?**

43 **A.:** Ah, então... Só deu para conseguir concluir o 9º ano, aquilo que chamam o 9º ano  
44 agora. Ham... Depois a minha mãe falou com o chefe do meu pai no talho onde ele  
45 trabalhava e pediu-lhe para me por a fazer qualquer coisa, qualquer coisa que fosse  
46 desde que trouxesse dinheiro para casa. Lembro-me de estar ao lado dela, depois do  
47 último dia de aulas, três semanas depois da morte do meu pai, com ela toda vestida de  
48 preto e de lenço preto na cabeça, com um lenço de papel na mão esquerda e eu ao lado  
49 direito dela, com a mão direita dela em cima do meu ombro, como se me estivesse a  
50 mostrar ao chefe do talho para que ele visse que eu tinha capacidade para ficar ali nem  
51 que fosse a lavar montras. Detestei ver aqueles bichos todos cortados e esventrados. E o  
52 cheiro, detestei o cheiro. Mas enquanto observava aquilo tudo e pensava no que a minha  
53 dizia, lá ela fazia o choradinho de que como ele sabia, ela tinha ficado viúva, que o  
54 ganha-pão da casa tinha desaparecido, que a filha estava grávida e que o namorado a  
55 tinha deixado, que iam ficar na miséria, que o marido dela gostava muito do chefe, e  
56 que eu tinha de arranjar trabalho para remediar toda aquela desgraça alheia ao pobre do  
57 homem, e que ele era um bom homem e que precisava da ajuda dele, e por aí. *[Risos]*  
58 Recordo-me do ar enfadonho do pobre homem, como se para ajudar a minha mãe a sair  
59 da tragédia, se fosse ele por em trabalhos. Mas lá ele aceitou e acabei por ficar. E essa  
60 acabou por se tornar na minha profissão para o resto da vida. Não sempre ali, porque  
61 aquele talho acabou por fechar quando o dono morreu, depois quiseram fechar aquilo e  
62 transformar aquilo num restaurante, que depois faliu e entretanto perdi-lhe o rumo, mas  
63 trabalhei em talhos toda a vida até me reformar. Ham... Mas sim, fiquei e acabei por me  
64 habituar a tudo aquilo que tinha detestado à primeira vista. *[Pausa 0,3 segundos]* Ai,  
65 ai... Sobrevivência, a quanto obrigas...

66 **E.: Podia-me explicar o que quer dizer com isso em concreto, por favor?**

67 **A.:** O porquê desta afirmação? Ora, não é verdade? Pela sobrevivência não fazemos  
68 tudo o que é necessário? Foi o que eu fiz. Tive de abdicar da escola, que curiosamente  
69 até gostava, da minha infância, de poder ser criança, brincar mais e ter menos  
70 responsabilidades, de sair, de ir jogar com os meus amigos... Tudo isso. Tudo isso  
71 porque na ordem cronológica da história da minha família se quis que o meu pai  
72 morresse cedo, que a minha mãe enviuvasse e ganhasse um tostão aqui e outro ali como  
73 costureira, que a minha irmã sendo mais velha, que deveria de tomar conta de mim,  
74 antes engravidasse de um namorado parvo que depois a deixou, de envergonhar a minha  
75 mãe de morte com isso, e que depois descobrissem que eu sou homossexual, que lhe  
76 trouxe a morte total. Bem, não exactamente por esta ordem, mas percebeu. Aliás, o meu  
77 pai morreu sem saber que eu era homossexual mas ainda apanhou a minha irmã grávida.  
78 Ela sofreu muito com isso na altura. Ham... Teve até algumas complicações.

79 **E.: Então e quando é que se descobriu a sua orientação sexual? Portanto, o senhor**  
80 **tinha quase quinze anos quando o seu pai morreu, e foi depois disso, certo?**

81 **A.:** Exacto, descobriram depois disso. Portanto, lá está, ele morreu, saí da escola e  
82 comecei a trabalhar, mas completei o que é actualmente o 9º ano, e depois a escola  
83 terminou, entrámos de férias de verão. Comecei a trabalhar no verão, logo aquela altura  
84 que a malta passa o ano inteiro à espera... Ir para a praia, ir passear, passar o dia na rua  
85 com o pessoal, ir ao cinema quando havia dinheiro... Ou aqueles cinemas ao ar livre!  
86 Foi aí que percebi que gostava de rapazes. Quer dizer, eu sempre fui ensinado que o  
87 homem e a mulher é que pertenciam juntos, a tal história do Adão e Eva, e blá, blá, blá,  
88 e quando era novo sempre fui assim jeitosinho, pronto, não querendo deixar de ser  
89 modesto, mas tinha sucesso com as miúdas, mas não havia assim nenhuma que se  
90 destacasse e se fizesse brilhar, que eu dissesse assim “*Epa, quero esta miúda para*  
91 *mim!*”, não havia. Mas dizia eu, quando era novinho e estava ao pé de alguma miúda  
92 havia sempre alguém que dizia: “*Epa, olha que giros, que caszinho giro que faziam!*”,  
93 e enquanto as raparigas normalmente coravam, eu apenas pensava: “*Que estupidez! Mas*  
94 *porque é que alguém diria uma parvoíce dessas! As pessoas já não podem ser amigas!*”  
95 E ficava assim, pronto, ham, vá, indiferente. E acho que ainda me achavam mais *cool*  
96 por isso, quando na verdade só queria era disfarçar esse embaraço que sentia naquelas  
97 situações. Mas pronto, também não sabia porque é que não sentia nada de especial por  
98 elas. Senti durante muito tempo que ainda não tinha encontrado a tal. Cheguei a

99     namorar com bastantes, umas da turma, outras amigas dessas, outras de outras turmas,  
100     outras irmãs de amigos, outras do bairro, ali da zona... Pronto, ham, bastantes, mas tudo  
101     coisas que mal passavam de um mês, dois, no máximo três. E não houve nunca sexo,  
102     havia assim umas mexidas, uns beijos, mas nunca sexo, porque nunca senti excitação,  
103     ham... atracção, vá, nada disso. Sentia sempre que estava antes com uma amiga e que  
104     aquilo era apenas estranho. Tinha fama de *Don Juan* sem nunca passar de uns beijinhos.  
105     E não porque gostava das raparigas, mas porque era estranho não andar com uma ou  
106     andar atrás de uma. E pronto, um dia entre rapazes, a falarmos sobre, pronto, ham... né,  
107     coisas de rapazes! O que é que cada um fazia com quem, o que se gostava de quem,  
108     quem queria fazer o quê e com quem, onde e quando... pronto, essas coisas, eu sentia  
109     que não tinha nada para falar, porque não sentia que tivesse havido uma única rapariga  
110     que me atraísse para isso. E disse isso. Fui parvo em partilhar esse pensamento. De *Don*  
111     *Juan* passei a *difícil*, porque ninguém me agradava e era difícil de satisfazer, e de *difícil*  
112     passei a *virgem*, quando tive o azar de dizer numa outra conversa que nunca o tinha  
113     feito com uma rapariga e que me custava muito a ter uma erecção. Pronto, a conversa  
114     descambou e vai de lá alguém que diz: “*Ah, ah ah, se calhar não és difícil, se calhar és*  
115     *só gay! Por isso é que ninguém te agrada, porque a tua fome é de cus!*”. Confesso que  
116     sempre me senti bem entre os rapazes, que os agarrava facilmente, que tocava na  
117     brincadeira, que me sentia... ham... não sei, acho que diferente, mas não sabia porquê,  
118     talvez porque também nunca tinha pensado nisso dessa forma. Nessa altura isso não  
119     existia, não é. Era-se mal visto. Como os católicos defendiam, diziam que Deus dizia  
120     que isso era errado, que era pecado, que era imoral, que não podia existir, que era uma  
121     doença, outros diziam que éramos possuídos pelo demónio, pelo desejo, pela luxúria,  
122     que se era uma abominação, uma aberração da natureza, que era contra a natureza  
123     humana... Sei lá. Tanta coisa que se dizia. Mas claro, aquela boca resultou num silêncio  
124     constrangedor e eu fiquei tão aflito, sem saber porquê, que desatei a rir de nervos, dos  
125     olhares deles fixados e parados em mim, e o ambiente aliviou porque eles se seguiram a  
126     rir atrás de mim. E aí senti que tinha ganho tempo, não sabia bem para quê, mas que  
127     tinha de pensar no que tinha acontecido. E tanto pensei que senti que tinha arranjar outra  
128     namorada e tentar ter relações sexuais para deixar de ser o virgem ou suposto *gay* da  
129     história. Lá arranjei uma rapariga do bairro seguinte num daqueles bailes que se faziam,  
130     lá saímos, começamos a namorar, e pronto, com quase quinze anos ainda não ter tido  
131     relações ali era estranho, então senti que as tinha de ter, e claro, com uma rapariga. Lá  
132     chegou o dia em que íamos ter essa intimidade, e no momento pronto... ham... não...

133 Pronto, não consegui ficar erecto. Por mais que tentasse de tudo o pénis estava sempre  
134 mole. Para se usar um preservativo não dá, não é, não sei se sabe... mas pronto, por isso  
135 aquilo já se estava a tornar numa pressão insuportável. Ela viu-me a começar a ficar  
136 assim mais alterado, e deve ter achado que eram nervos, porque era mais velha e tinha  
137 mais experiência, e para ajudar começou, ham... ham... pronto, fazer-me sexo oral, e da  
138 posição em que ela estava parecia um rapaz e isso ajudou, fez-me começar a ficar mais  
139 erecto e lá acabei por conseguir pôr o preservativo e ter relações. Acredite quando lhe  
140 digo que deve ter sido a pior primeira vez que alguma vez pudesse ter imaginado para  
141 mim. Nem sei como consegui. E deve ter sido uma experiência terrível para ela  
142 também. Mas fiz, e já podia dizer que tinha feito. E disse, partilhei com o pessoal. E já  
143 não era o *gay*, já só era o *difícil* de agradar de novo. Que na verdade comecei a perceber  
144 que podia muito bem ser, isto é, *gay*. E era. E nisto já tinha feito os quinze anos.

145 **E.: Estou a ver. E como foi a sua vida depois de ter descoberto esse factor? A sua**  
146 **convivência com os rapazes a partir daí, algo mudou?**

147 **A.:** Sim, bem, acho que mesmo não quisesse algo mudaria sempre. A partir daí percebi  
148 que gostava da forma masculina, pelo menos ali tinha gostado. Aliás, afinal foi imaginar  
149 a figura masculina que no momento de perder a minha virgindade que me ajudou a  
150 manter a erecção, e mais, a concluir o acto sexual, não é. Mas claro, claro que a partir  
151 daí comecei a olhar para os meus amigos de outra maneira, não é. E eles às vezes  
152 notavam que eu estava a olhar para eles de forma fixa, mostravam-se incomodados, e  
153 chamavam-me mesmo à atenção, como se estivessem a ralhar comigo. E alguns já  
154 começavam a estranhar. Mas pronto, eu estava a lidar com aquilo em primeira mão, o  
155 melhor que podia, e disfarçava tanto quanto conseguia, por isso... Não sei, tentei o  
156 melhor que pude para não sofrer com os gozos, com a humilhação, para mas ninguém  
157 descobrir... tudo isso. [Pausa 0,3 segundos] Foi um período difícil... Muito difícil.  
158 Ham... Mas pronto, com o avançar do tempo começou a haver boatos, rumores de que  
159 eu era estranho, porque olhava para os rapazes, porque deixei de ter namoradas, porque  
160 só fiz sexo uma vez, porque isto e porque aquilo. E deixei de sair tanto com eles. Acho  
161 que decidi juntar o útil ao agradável. Se não saísse tanto com aqueles que me conheciam  
162 e notavam nesta parte que eu queria esconder, então não tinha de me esforçar tanto para  
163 tentar esconder uma coisa que eu já não conseguia esconder. Aliás, acho que uma parte  
164 de mim tinha medo, muito medo de mostrar, mas outra estava curiosa, queria explorar,  
165 saber mais, descobrir tudo sobre este novo eu que me parecia tão real e tão correcto e



166 que me fazia sentir tão bem. Mas que me iria trazer todos os problemas possíveis e  
167 imaginários. Mas isso, de deixar de sair com eles e tudo mais, fez levantar ainda mais  
168 suspeitas. Até no trabalho. Os rumores chegaram a afectar-me no trabalho. Mas o chefe  
169 nunca ligou muito, para meu bem. Mas sim, deixei de andar com aquele grupo, cingia-  
170 me ao mínimo possível e inventava tantas desculpas quanto podia. Nisto já eu tinha  
171 feito os meus dezasseis anos, já se tinha passado um ano neste rodopio. Passei a sair  
172 com uns rapazes que conhecia do bairro lá de cima E assim muito de vez em quando  
173 saia com aquele grupo. E foi depois nesse bairro que encontrei um rapaz que me  
174 parecia... ham... ‘familiar’. Percebe o que quero dizer? Familiar, que percebi que  
175 também poderia ser homossexual. E porquê? Porque agia um pouco como eu, tinha  
176 curiosidade no olhar, vontade do toque, à vontade com o meio masculino, e sempre  
177 disfarçava melhor que eu. Ele era mais velho uns dois anos, e como eu vim a descobrir,  
178 aquilo que eu achava, tinha razão. Ou seja, ele também era como eu. E um dia quando  
179 fomos sair, já tínhamos falado várias vezes, já tínhamos saído várias vezes, tinha já  
180 havido algumas brincadeiras, e nessa noite quando fomos sair, íamos ao cinema ao ar  
181 livre, uma coisa muito boa para casais namorarem e tal, e nessa noite ele sentou-se ao  
182 meu lado. Quem tinha carro, parava o carro lá no parque específico, e quem ia a pé,  
183 como nós, sentava-se lá na relva. Por acaso nessa noite chegámos já com muita gente lá  
184 sentada, acabamos por ficar num sítio mais distante de onde costumávamos ficar, mais  
185 escondido, mais escuro. Estendemos umas toalhas, levamos uns petiscos, umas bebidas,  
186 o tabaquinho e tal, e usufruímos ali aquele momento. E nessa noite, ele veio para a  
187 minha toalha. Senti logo um aperto na barriga, até me senti uma gaja. Tinha uma  
188 atracção por ele. Moreno, alto, musculado, olhos esverdeados... Mais velho... Claro,  
189 parecia saído de um filme, ainda para mais comigo nessa fase de exploração. Mas sim,  
190 estávamos sempre a brincar, puxa aqui, empurra ali, divertidos até o filme começar, e  
191 quando o filme começou, tinha eu o meu casaco em cima do colo, e ele também, mas  
192 parecia-me ter frio, por isso nem liguei. Estava eu com as pernas esticadas, quando sinto  
193 um toque leve na perna. Assim quase um toque experimental, a ver como é que eu  
194 reagia! E... ham... pronto, apanhou-me desprevenido, claro, e no início fiquei sem  
195 reacção. Depois ganhei coragem e olhei para ele, sempre a pensar no que é que devia  
196 fazer, em como agir, o que é que era suposto fazer numa situação daquelas! Como é que  
197 ele sabia que eu queria aquele toque? Que gostava de rapazes? Que não ia regir mal?  
198 Que não lhe ia bater ou fosse o que fosse? Pensei nisto tudo naqueles segundos que  
199 passaram, e estava aflito. Mas ele manteve a mão na minha perna, enquanto olhava

200 sempre para a frente, como se não fosse ele. Percebi que se eu quisesse que ele tirasse a  
201 mão, então seria eu a ter de a tirar. Mas não tirei. Juntei antes a minha mão à dele. E ali,  
202 enquanto estávamos de mãos dadas por baixo dos nossos casacos, olhei para ele, e ele  
203 olhou finalmente para mim, com um olhar terno, como se soubéssemos os dois nas  
204 nossas cabeças que só nós é que sabíamos o que estava a acontecer. Estávamos tão  
205 perto, tão próximos, e sem ninguém perceber. Estávamos a criar o início de algo lindo.  
206 Depois quando o filme acabou, ainda estivemos todos na brincadeira, nos comes e  
207 bebes, eles nas conquistas, e nós dois ficamos ali. Ele virou-se para mim e perguntou-se:  
208 “*Queres acompanhar-me a casa? Eles parecem-me entretidos ainda por mais umas*  
209 *horas, e não me apetece ficar aqui, prefiro outra companhia. O meu bairro fica depois*  
210 *do teu, mas podemos ir juntos até aí, se quiseres fazer-me companhia.*”, e piscou-me o  
211 olho. Percebi que era um convite subtil para estarmos sozinhos, e fiquei tão excitado  
212 que tive de me controlar para não se notar! Era novo naquelas andanças não é, e ainda  
213 por cima tinha uma paixoneta, uma atracção por ele e ele faz-me um convite daqueles...  
214 E eu estava com uma ansiedade para descobrir tudo o que podia daquele mundo e ainda  
215 para mais com alguém que era como eu! Então olhei para todos os lados, para ver se  
216 alguém tinha percebido o que tinha acabado de acontecer, se alguém ia reparar que  
217 íamos sair os dois juntos dali, sozinhos, um com o outro, e vi que estavam todos  
218 entretidos de facto. Aceitei o convite dele, já era uma e tal da manhã, e seguimos os dois  
219 caminho em direcção aos bairros. Estive o início do caminho em silêncio,  
220 envergonhado, cheio de imaginação e expectativas, também cheio de receio de sermos  
221 vistos, do que pudesse acontecer, que sentia uma agitação interna tal que achei por bem  
222 manter-me calado não fosse aquilo dar buraco! Ele apenas olhava para mim e se ria. A  
223 meio do caminho lá ele parou, numa zona mais recôndita, agarrou-me a mão e virou-me  
224 assim para ele. Achei honestamente que ele me ia beijar, que eu ia ter o meu primeiro  
225 beijo homossexual! Era estreante naquelas andanças, não é, por isso estava num misto  
226 de excitação com apavorado! Mas não, não me beijou. Aliás, fez isso de propósito  
227 porque assim que viu a minha cara ele disse-me: “*Estavas à espera que eu te fosse*  
228 *beijar não estavas? Querias não querias?*”. Fiquei super envergonhado. Morri  
229 completamente de vergonha. Ele começou-se a rir, mas não num tom de gozo, antes  
230 num tom de provocação. Mas fiquei tão acanhado, tão engasgado que só baixei a  
231 cabeça. Senti-me triste porque achei que me ia beijar, que eu queria e muito, e depois  
232 faz-me aquilo e ainda me diz uma coisa daquelas. Foi o constatar do óbvio e doeu um  
233 bocado. Ham... Ham... E acho que ele percebeu que fiquei triste, porque a seguir senti

234 a mão dele a entrelaçar os dedos nos meus, a roçar a minha mão, e como não levantei a  
235 cabeça, ele com a outra mão tocou-me na cara e fez-me olhar para ele, assim de frente.  
236 Ham... Algo que na verdade até foi difícil, porque ele era mais alto que eu, e fiquei  
237 mais inclinado do que propriamente de frente, mas deu para o efeito! [*Risos*] Mas sim, e  
238 quando olhei para ele aí sim, puxou-me para ele e beijou-me como se quisesse o mundo.  
239 Tinha sido o melhor beijo que já tinha sentido na vida, algo que também não queria  
240 dizer muito, dado que só tinha beijado mulheres até ali! [*Risos*] Mas sim, foi o meu  
241 primeiro beijo ‘gay’, com uma paixoneta que tinha, que confirmou o que eu sentia ser, e  
242 é claro que com tudo isso se tornou uma coisa importante. Teve muito peso. Vai ser  
243 sempre o meu primeiro, não é, e ainda por cima eu era bem novo, com dezasseis anos já  
244 não somos crianças, mas também ainda tinha muito por viver. Sessenta e seis anos  
245 tenho eu agora e ainda sinto isso quando relembro essa questão. Aliás, foi há cinquenta  
246 anos. Meio século, uma vida.

247 **E.: Sim, sim, percebo. Então e depois, ficaram juntos? Ou foi uma coisa dessa**  
248 **noite?**

249 **A.:** Não, não, ainda ficámos juntos um tempo. Aí cerca de um ano. Ele depois mudou de  
250 escola e as coisas acabaram por não resultar. Foi para a universidade e só eu acabei por  
251 não ser suficiente. Foi uma altura complicada, mas depois ultrapassei. Nisso já eu tinha  
252 os meus dezassete anos, estava a sair com outro rapaz que tinha conhecido no verão,  
253 altura em que se descobriu que eu era homossexual. Foi um tempo complicado, um  
254 conjunto de coisas difíceis de lidar. A família foi o descalabro, porque a minha mãe já  
255 tinha tido enormes discussões com a minha irmã por causa dela ter sido engravidada e  
256 deixada, por causa da vergonha, e tudo mais, e depois comigo foi o último prego do  
257 caixão para ela, coitada. Tudo o que elas me disseram custou-me muito. Mais a minha  
258 irmã, porque a minha mãe já era certo ela ser assim, mas a minha irmã, apesar de ter  
259 essa educação, como eu, sempre estive ao lado dela, sempre a ajudei, mesmo a criar a  
260 filha e tudo mais, nunca pensei que ela não fosse capaz de me compreender e apoiar.  
261 Afinal era igual à minha mãe. Aliás, foi através da minha ‘desgraça’ que ela melhorou a  
262 relação dela com a nossa mãe. Acho que a minha mãe avaliou as duas coisas na balança  
263 e preferiu ter uma filha nova grávida e abandonada, do que ter um filho ‘gay’. A filha  
264 sempre tinha remédio, bastava encontrar marido. Eu tinha uma doença incurável. Não  
265 soube lidar com isso. E eu também... também foi difícil para mim. E estive para sair de  
266 casa, mas o dinheiro era pouco e eu era muito novo ainda, e com dezassete anos ia para

267 aonde? E com a criança já nascida e em crescimento, em que precisava de tudo e mais  
268 que fora, como é que eu as ia deixar na mão com dificuldades? Mesmo com tudo o que  
269 me disseram, mesmo da forma que me trataram, não era capaz de lhes fazer isso. Se a  
270 educação católica me ensinou algo é que temos de saber perdoar, que relevar é divino. E  
271 foi o que fiz. Acabámos por acordar que eu ficaria ali a viver, mas que não levaria  
272 ninguém lá para casa, nem falaria de nada sobre isso. Ali, eu seria o filho, o [*nome do*  
273 *entrevistado*], não o ‘gay’, ali isso não podia existir. E teria de ser o mais discreto  
274 possível na rua. Acabei por acatar o melhor que pude para que tudo funcionasse em  
275 condições, dado que tínhamos de nos aguentar a conviver uns com os outros... Mas no  
276 trabalho também tive problemas. Já trabalhava naquilo há quase três anos, já tinha  
277 desenvolvido laços com as pessoas, uma rotina, tudo, mas andava muito em baixo com  
278 os comentários que se faziam, com as coisas que se diziam de mim, com o que tinha de  
279 ouvir, as humilhações... e o meu chefe, que foi um grande apoio, veio ter comigo à  
280 parte, chamou-me e disse-me: “[*Nome do entrevistado*], *ouve, é assim, aqui não me*  
281 *interessa se és gay, se és alien, ou se é o rei da vida do além, és o que és e isso ninguém*  
282 *tem nada a ver, mas a partir do momento em que entras daquela porta para dentro,*  
283 *todos os problemas têm de ficar lá fora. Não podes andar assim. Com os teus colegas e*  
284 *com os clientes, se algo acontecer, falo eu, mas lá fora tens de ganhar tomates e*  
285 *afirmar-te se é isso que queres ser. Sejas o que fores, lembra-te, ninguém tem nada a*  
286 *ver com isso e ninguém te pode afectar a não ser que os deixes.”. Palavras duras e*  
287 *inspiradoras. Aquilo que precisava de ouvir naquele momento. E a partir daí foi assim*  
288 *que vivi. Não só ali, porque depois quando o senhor morreu o talho fechou, mas*  
289 *também nos outros talhos onde estive até me reformar, que a minha reputação seguia-*  
290 *me, e também em tudo na vida. Decidi adoptar aquela postura até hoje.*

291 **E.: Muito bem, percebo. E a sua reforma, está ligada com a questão da cadeira de**  
292 **rodas?**

293 **A.:** Ah, pois, isso... Passo tanto tempo aqui que me esqueço do óbvio. Não, por acaso  
294 não, foi pouco tempo depois de me ter reformado, tive um acidente de viação e fiquei  
295 com problemas graves na anca e nas articulações. Eu ainda consigo andar, mas com  
296 muita dificuldade e com muita dor. Por isso optou-se por esta escolha, porque com a  
297 cadeira de rodas sempre poupo o resto que me sobra. Tenho é que fazer muita  
298 fisioterapia todos os dias e medicação e tratamentos para as dores e tudo mais. Mas vivo  
299 bem. Podia ter morrido, por isso...

300 **E.: Claro. Então e foi por isso que veio para este lar?**

301 **A.:** Ham... sim e não. Sim, foi esse o motivo, mas não, porque não foi por minha  
302 vontade.

303 **E.: Então? Pode explicar-me?**

304 **A.:** Sim, sim, claro. Já estou habituado a essa questão. Então, depois do acidente ainda  
305 estive em casa durante um tempo, mas como precisava destes cuidados, a minha irmã  
306 com a minha sobrinha, que tem namorado a viver lá em casa, uma casa pequena,  
307 decidiram que o melhor para mim era vir para aqui. Como não queria, fizeram-me a  
308 vida num inferno. Acabei por decidir que estava naquela vida há demasiado tempo e  
309 decidi aceitar acabar com aquilo e vir para o lar. Não é que eu quisesse ir... Não gostava  
310 muito da ideia de ir para um lar, um sítio que não podia ser eu próprio, um sítio que não  
311 era a minha casa, um sítio que não conhecia ninguém, onde havia regras que não eram  
312 as minhas, horários para tudo, pronto, tudo que não me agradava. Tanto que quando a  
313 minha mãe morreu, antes de morrer, nunca a ponderei meter num lar. E rejeitei sempre a  
314 ideia para mim, até deixar de aguentar aquele inferno em casa, e decidir render-me,  
315 porque aqui pelo menos poderia tentar ter alguma paz.

316 **E.: Era essa percepção que tinha face à ideia dos lares, portanto?**

317 **A.:** Sim, quer dizer, era, mas agora mudou muita coisa. Quando vim para este lar, vim  
318 porque era o que minha reforma dava para ser, tenho 400€ de reforma e por isso, não dá  
319 para muito, e quanto menos temos para dar, piores costumam ser os lares. Pelo menos é  
320 o que eu acho. Tanto que se eu tivesse um bruto dinheirão, estava antes num hotel, num  
321 *resort*, num sítio qualquer do que aqui. Mas pronto, o que tenho foi para o que deu, e  
322 aqui estou. Mas surpreendeu-me pela positiva. Quando vim para aqui, a minha irmã foi  
323 falar com a senhora Directora, e sem eu querer ou ter opinião sobre o assunto, ela disse-  
324 lhe que eu era homossexual, sem me avisar ou perguntar sequer. Não é que eu fosse  
325 esconder, quer dizer, se calhar, não sei, mas tinha de ser uma decisão minha, não dela. E  
326 claro que fiquei logo assustado. Sempre se ouviu falar de como os velhos eram tratados,  
327 quanto mais os *gays*. O que é que eu ia fazer à minha vida? Iam maltratar-me? Ia ser  
328 desrespeitado, humilhado, posto de parte? E quem é que me ajudava? Sei lá, passou-me  
329 tudo pela cabeça. Porque ainda para cima, estando mais dependente, porque como estou  
330 numa cadeira de rodas tenho de depender mais dos outros para certas coisas, mas  
331 estando mais dependente, saberem que eu sou homossexual... e se fossem

332 preconceituosos ou odiosos ou fosse o que fosse, iam fazer-me mal. E toda a gente sabe  
333 que os próprios velhos são intoleráveis face a essas coisas, não aceitam. Podem fingir  
334 que não se importam porque apenas têm medo de arranjar confusão, mas são raros  
335 aqueles que realmente não se importam com isso. Há que perceber também que eram  
336 outros tempos, por isso também têm outras cabeças, mas ainda assim é complicado. Não  
337 era uma decisão que lhe cabia.

338 **E.: Compreendo. Mas disse que a instituição o surpreendeu pela positiva. Porquê?**

339 **A.:** Ah, sim! Bem, porque afinal os meus medos não precisavam de ser assim tão fortes.  
340 Quando o processo de entrada ficou concluído, se assinou tudo e se tratou de tudo, a  
341 minha irmã foi-se embora e a senhora Directora quis falar comigo, só nós dois. Pensei  
342 logo que aquilo ia dar merda não é, desculpe lá, mas era mesmo isso. Pensei que ia  
343 advertir-me logo ou pôr-me no lugar, sei lá, passou-me tudo pela cabeça. Mas afinal não  
344 tinha razões para isso. Afinal a senhora Directora era uma pessoa aberta e compreensiva  
345 e falou comigo abertamente sobre o que eu sentia, sobre a minha situação, pela minha  
346 versão da história, sobre os meus medos, sobre o que é que eu esperava encontrar, sobre  
347 as maneiras de agir e pensar das pessoas que ali estavam e trabalhavam, como eram os  
348 outros utentes em relação a esse tema... Ham... Ah! E que havia outro senhor que era  
349 homossexual também, mais velho que eu, mas que sabia que isso não queria dizer nada,  
350 apenas para eu saber e sentir que não era diferente ali, não era o único, mas que pronto,  
351 era como tudo, que podíamos nem nos dar bem, quanto mais... Bom, tudo isso. E devo  
352 confessar que foi muito bom, que me encheu o coração saber que havia finalmente  
353 alguém que, mesmo no fim da minha vida, nesta etapa da minha vida, me ouvia a sério  
354 e falava comigo para saber de verdade o que eu queria e o que sentia. Senti de imediato  
355 que tinha alguém com quem contar. E se a senhora Directora vier a ler isto, um grande  
356 beijinho e obrigado por tudo, levo-a no meu coração! Já lhe disse isto, mas nunca são  
357 vezes demais! [*Risos*]

358 **E.: Compreendo. Sentiu-se aceite, então? Mais descansado face ao seu futuro**  
359 **quotidiano?**

360 **A.:** Sim, senti-me, sem dúvida que senti. Até aqui sempre me senti bem tratado,  
361 respeitado dentro do possível, mesmo na minha privacidade. Se quero ficar no quarto,  
362 conversam comigo para perceber se se passa alguma coisa ou se ‘tou bem e respeitam.  
363 Tentam ajudar no que podem, preocupam-se connosco, e tentam animarmos assim que  
364 nos vêm mais cabisbaixos. Não, por acaso foi uma agradável surpresa, não era de todo o

365 que contava encontrar. E disse isso à senhora Directora, já umas duas vezes, o que acho  
366 sobre os lares, a opinião que tinha, e mais sendo um lar que não é privado e que não é  
367 todo cheio de luxos e coisas e tal, e ela diz-me sempre que não é por ser um lar público  
368 que não podem tentar fazer a diferença. Acho que é muito bom, é preciso haver mais  
369 pessoas assim, a querer fazer a diferença e a tratar os idosos, não é os gays, são todos os  
370 idosos, com seres humanos dignos. Aliás, só tive uma vez uma situação com outro  
371 senhor que me faltou ao respeito, um senhor mais velho, que era novo aqui, bem, pelo  
372 menos mais recente do que a minha entrada, e os outros utentes defenderam-me porque  
373 não fiz mal nenhum a ninguém, e ele foi chamado à atenção pela senhora Directora, que  
374 conversou com ele sobre este tema, e então acabámos por ficar em pisos diferentes, ele  
375 passou para o debaixo e eu fiquei aqui.

376 **E.: Então sente que a sua percepção sobre as instituições mudou?**

377 **A.:** É assim, em parte sim, com esta sim, mas mantenho o que acho face às restantes. Só  
378 Deus sabe o que se encontra aí por esse mundo fora. Mas aqui felizmente posso dizer  
379 que face a esta instituição, sim, mudei de opinião. E mais, ainda encontrei um novo  
380 amor. E aqui posso ter a minha relação, pudemo-nos assumir, dizer o que somos, e ser  
381 feliz.

382 **E.: Como se conheceram então? Como é que a vossa relação surgiu?**

383 **A.:** Então, no dia que cheguei estranhei tudo, andei muito no meu canto, isolava-me um  
384 pouco... A senhora Directora então achou por bem andar a apresentar-me a algumas  
385 pessoas. E ele foi um deles. Curiosamente demo-nos logo bem. Começamos a falar mais  
386 vezes, depois todos os dias, sobre o que vivemos, como vivemos, as coisas que  
387 passámos por causa da nossa orientação sexual, a questão do choque, as famílias, os  
388 amigos, os trabalhos como foram afectados, as relações que tivemos, as intimidades  
389 com os outros, eu até lhe contei sobre o me esforçar a estar com raparigas, veja bem,  
390 algo que ele achou hilariante. Bem, essas coisas todas, falamos disso tudo, e fomo-nos  
391 aproximando. Acabámos por criar um carinho um com o outro e ainda que houvesse  
392 desejo, ham, ao nível sexual, sim, mas ainda que houvesse, era aquele sentimento de  
393 carinho, de ternura, que se notava, sabe? Acho que já passei aqueles anos de paixões  
394 loucas e avassaladoras, que mal se dorme com o desejo de se estar com o outro, que mal  
395 se respira, que não se tem fome, que se sonha acordado... essas coisas de adolescência.  
396 Agora ainda há desejo sexual, mas sinto que estou noutra fase da minha vida. Sinto que  
397 estou mais calmo, que quero mais é a companhia, a presença do outro, o ser amado, o

398 não estar só, o ter alguém com quem partilhar o dia-a-dia, ter aquilo que acabei por não  
399 ter antes, porque ou era muito jovem, e podia haver sentimentos assim, mas era tudo  
400 mais carnal, ou era tudo relações mais fugazes que não permitem solidificar esses  
401 sentimentos.

402 **E.: Então agora crê que tem uma vida sexual menos frequente, é isso?**

403 **A.:** Ham... é assim... Não é que seja assim menos frequente... Quer dizer, sinto  
404 necessidade de fazer menos vezes, mas as que faço já não são movidas pelas hormonas  
405 da adolescência, em que queremos fazer com tudo e com todos. Aqui nesta fase... são  
406 movidas pela vontade certa do coração, do amor, do querer estar com aquela pessoa  
407 porque a amamos e queremos amá-la de forma ainda mais especial naquele momento,  
408 de forma mais intensa. Lá está, queremos ‘fazer o amor’.

409 **E.: Estou a perceber. E aqui na instituição consegue fazê-lo? Isto é, é permitido?**  
410 **Têm de fazer às escondidas ou é aceite?**

411 **A.:** Olhe, ham... é engraçado porque sei que não costuma acontecer no lares, mas... Ou  
412 melhor, expressei-me mal. O que quero dizer é que existe, portanto, nos lares existe, ou  
413 seja, os utentes, que há pessoas de todas as idades, muitos ainda sentem o mesmo que  
414 eu, uns mais, outros menos, e acredite que sei, porque vejo-o aqui, mas muitos têm  
415 medo, e outros nem noção têm, mas muitos têm medo! Medo de serem gozados, medo  
416 de serem maltratados, medo da rejeição do companheiro depois ou antes... e isto seja  
417 pelas pessoas que vivem aqui, seja pelos que trabalham aqui. A verdade é que há muitos  
418 que já estão gagás, mas há outros que não estão, têm apenas problemas físicos, mentais  
419 ou dependências, tirando alguns casos que vêm para os lares para serem tratados com  
420 algum problema, que não há condições em casa para se ficar com os velhotes, outros  
421 que nem tão velhotes são assim, e depois acabam por ficar por cá, porque depois as  
422 famílias já não os querem, são literalmente abandonados porque depois sabe bem à  
423 família não ter que se preocupar, como eu, que a minha família nem me vem ver, como  
424 tantas outras, e depois de tratados, muitos tornam-se pessoas novamente independentes  
425 e bem de cabeça, mas ficam por cá, no meio destes todos. Num lar há de tudo, já vi de  
426 tudo, e apenas sei que todos eles podem ou não ter vontade sexual, uns mais, outros  
427 menos, mas todos têm sempre medo de: primeiro, contar à pessoa; e segundo, mostrar  
428 vontade, porque pode ser ridicularizado, maltratado, humilhado, de ser tratado como um  
429 inválido, um ser que já morreu, e que agora só respira, come e dorme, e não existe para  
430 mais nada, não tem vontade de mais nada. É o que eu acho. Mas aqui, para não perder o



431 rumo ao que me perguntou, felizmente fiquei com uma réstia de esperança. Porque aqui  
432 as pessoas podem namorar e ter alguma privacidade. É assim, há sempre aquela  
433 possibilidade de haver alguma pessoa que entre ou que não perceba ou que... pronto.  
434 Mas aqui os quartos são todos de dois, para duas pessoas, e só por aí a pessoa já perde  
435 alguma privacidade, porque já está a partilhar o seu espaço com o outro, que  
436 maioritariamente, aí umas 90% ou 95% das vezes nem sequer conhece. Por isso pronto,  
437 por aí já se perde a sua privacidade, depois muitos perdem também na higiene, que  
438 dependem das funcionárias para a higiene pessoal, e por isso são obrigados a mostrar o  
439 corpo aos outros sem querer que isso aconteça, como já aconteceu comigo, mas agora  
440 arranjam-me uma cadeira para ir sozinho tomar banho, uma própria que pode ir à  
441 água, mas pronto, quantos e quantas precisam de se expor aos outros sem o quererem? É  
442 complicado, estas coisas de se envelhecer e tudo mais... é muito complicado. Somos  
443 como um bem, uma casa, um artigo, que com o tempo perde o seu valor no mercado,  
444 vamos sendo desvalorizados face ao preço de origem e ao que conseguimos conquistar  
445 em vida. Chegamos a esta idade e somos... nada. Nascemos como nada e como nada  
446 morremos, deixando para trás todo o valor que conquistamos no meio destes dois  
447 marcos. Um pensamento do caraças, este.

448 **E.: Sim, é verdade. Mas dizia que aqui o tinha surpreendido pela positiva face à**  
449 **privacidade. Algum motivo pessoal?**

450 **A.:** Ah, sim, sim! Desviei-me do assunto! Desculpe. Sim, ham, então, digo-o porque já  
451 tive momentos íntimos com o meu companheiro aqui. Aliás, quando começamos a  
452 namorar, vá, leia-se, a ser sérios um com o outro, se é que queiramos rotular isto, fui  
453 falar com a senhora Directora para saber o que fazer, porque também não queria ofender  
454 ninguém, nem incomodar ninguém. Então fui contar-lhe, explicar-lhe tudo o que se  
455 estava a passar, o que queríamos fazer, como podíamos estar juntos, se era possível  
456 assim sequer... Ham... Pronto, ela falou comigo, percebeu tudo muito bem,  
457 compreendeu, aceitou e apoiou até, e para facilitar perguntou-me se queríamos ficar os  
458 dois num quarto juntos, porque assim sempre podíamos estar juntos mais vezes.  
459 Conversei com ele, ele concordou, porque também em boa verdade facilitaria tudo  
460 muito mais, e voltei a falar com ela para lhe comunicar a decisão, e ela apenas me pediu  
461 para junto dos outros velhotes sermos mais contidos, mais discretos, apenas para evitar  
462 ferir-se susceptibilidades alheias. Ham... Mas pronto, disse também que dentro do  
463 quarto podíamos fazer o que quiséssemos, e até disse que ia falar com o pessoal

464 trabalhador da instituição para ficarem a par e sensibilizados para a questão, para evitar  
465 transtornos, gozos e coisas desse género. E sim, ham... assim foi, vimos sair daqui um  
466 grande apoio, muita compreensão, e cumprimos sempre com tudo para também não  
467 invadirmos o espaço de ninguém, não arranjarmos problemas. Aliás, para mim a  
468 senhora Directora tem feito até um trabalho excelente em tudo mesmo, porque para  
469 além disto tudo que lhe disse, ela faz disto o melhor que pode para tudo e para todos, é  
470 fantástica mesmo. E uma grande base para mim, um grande apoio. Aliás, se não fosse  
471 ela, quando a minha irmã descobriu que estava numa relação aqui decidiu cá vir e fazer  
472 um escândalo, chamou-me tudo e mais alguma coisa, insultou os trabalhadores, exigiu  
473 falar com a senhora Directora, disse-lhe que não podia permitir aquilo, que não podia  
474 manchar a família, a honra da mãe e do pai, que me queria mudar de lar, bem, uma data  
475 de parvoíces pegadas. Claro, fiquei tão assutado que só me apeteceu chorar. Primeiro  
476 não quis ir para ali, estava cheio de medo, depois decidi ir para ali porque não aguentava  
477 mais estar no inferno daquela casa com aquelas pessoas, chego aqui e passo a adorar  
478 isto e tudo o que conquistei aqui, e quando estou feliz, vem esta para me desgraçar a  
479 vida novamente. Velha rija, é o que ela é. Rija, rude e má. Não admira que esteja  
480 sozinha. Mas digo-lhe, assim que a senhora Directora apareceu, olhe, senti um alívio do  
481 tamanho do mundo. Pôs logo a minha irmã no lugar dela. Nem deu abébias para mais.  
482 Mandou-a logo para a rua, disse-lhe duas com três, que ela não podia decidir a minha  
483 vida, que eu era maior de idade, maior e vacinado, que eu podia ser feliz ali se assim  
484 quisesse que fosse, bom, deixou-a furiosa, mas conseguiu metê-la na rua. E que feliz  
485 que fiquei. Nesse dia até comemorei no meu quarto com o meu companheiro! [*Risos*]

486 **E.: Muito bem, folgo em sabê-lo. Já agora, qual é a sua percepção face aos**  
487 **comportamentos sexuais de risco?**

488 **A.:** Ah, está a perguntar se eu uso protecção? [*Risos*]

489 **E.: Bom, acaba por ser uma parte da pergunta, mas gostava de saber é que noção é**  
490 **que tem acerca desta questão, se tem noção dos perigos que existem na**  
491 **sexualidade, porque mesmo nesta idade nem sempre se usa preservativo.**

492 **A.:** Ah sim, claro. Estou a ver onde quer chegar. Bem, é assim, primeiro... ham, eu não  
493 acredito em relações sexuais com vários parceiros ao mesmo tempo, ou seja, eu e o  
494 [*nome do companheiro*], que é o meu companheiro, só estamos um com o outro, mas  
495 sim, ham, sei que isso não chega, até porque não sabemos quem já tivemos na vida um  
496 do outro, mas sim, sou honesto e assumo que nem sempre usamos. É verdade. Ham...

497 Por vezes conseguimos comprar ou pedimos aqui, que se pedirmos compram-nos, mas  
498 sai do nosso bolso, mas pronto, compram, mas por vezes quando não há... olhe, nesses  
499 momento acabou por não dar para esperar e não se usou. Por isso é assim, é um misto.  
500 Tenho noção que existem doenças, que há essas coisas todas, que não acontecem só aos  
501 outros, mas por vezes pensamos: *“Ah, é só desta vez! Também não faz mal nenhum, já*  
502 *estamos juntos há algum tempo e só estamos um com o outro.”* E pronto, acabamos por  
503 não usar. Mas eu sei que é um erro. Mas também olhe, já está, já está. Até agora ainda  
504 não morri, e quando morrer, sei que agora fui feliz.

505 **E.: Claro, nem sou ninguém para julgar, é apenas um tema a debater pertencente**  
506 **aos temas da entrevista. Mas olhe, estamos mesmo no fim, há algo que queira**  
507 **acrescentar? Algo que se possa ter esquecido e que queira dizer?**

508 **A.:** Ham... honestamente creio que não, falei do que me lembrei, respondi ao que me  
509 perguntou... Ham... Acho até é que falei demais! [*Risos*]

510 **E.: Não, não. Não se preocupe porque a ideia era falar, claro.**

511 **A.:** Ainda bem, fico mais descansado. Detesto sentir que sou chato. Mas olhe, não, acho  
512 que não me lembro de mais nada para acrescentar...

513 **E.: Pronto. Então terminamos aqui a sua entrevista. Pode ser?**

514 **A.:** Pode, pode claro! Então olhe, obrigado e que corra tudo bem no seu trabalho, sim?

515 **E.: Muito obrigado e agradeço também a colaboração. Até à próxima.**

516 **A.:** Até à próxima! Felicidades!



## **Transcrição da entrevista Nº5 – Maria**

1 **E.: Ora bem, sente-se bem para podermos começar?**

2 **A.:** Sim, podemos começar. Por mim...

3 **E.: Muito bem. Para começar, gostaria que me falasse um pouco de si, que me**

4 **falasse um pouco do seu percurso de vida.**

5 **A.:** Do meu percurso de vida? Ham... A minha história, a minha vida, é isso?

6 **E.: Sim, exacto.**

7 **A.:** Ham... Bem... Ham.... Então... Sou transsexual, mas acho que isso sabe... E

8 também acho que deve saber o que isso significa... *[risos]* Ham... Mas sim, nasci

9 homem e nunca tive dinheiro suficiente para me converter em mulher fisicamente, ou

10 melhor, na íntegra, vá genitalmente, mas identifico-me como mulher e... se puder, é

11 assim que ando vestida, e é pelo meu nome que gosto de ser tratada. Tenho 62 anos...

12 Ham... Sou só, ou seja, não tenho companheiro, filhos, pais... não tenho família de

13 todo. Ham...

14 **E.: Então cresceu sem pais, é isso?**

15 **A.:** Sim, ham, os meus pais abandonaram-me quando eu era nova... Deixaram-me ao

16 encargo de uma tia, mas a mulher já tinha uns sete ou oito filhos e por isso... sete, acho

17 que eram sete... ou eram oito e um morreu... olhe, já não sei, nunca gostei deles por

18 isso, nem quero saber. Não éramos próximos, nem nunca fizeram questão de o ser. Mas

19 sete, acho que eram sete. Oito tinha a irmã dela e morreram-lhe dois. Assim é que é.

20 **E.: Então cresceu aos cuidados da sua tia, com uma família bem grande.**

21 **A.:** Sim, cresci, mas é como se não tivesse crescido.

22 **E.: Então? Pode explicar-me?**

23 **A.:** Ham... Sim, claro. Não há muito para explicar, na verdade. É mais o facto de que

24 ela já tinha aquela criançada toda e portanto... eu fui só mais uma criança ali. Mais uma

25 no meio daqueles choros, berreiros, sujidade, fome, negligência... tudo isso. Para mim,

26 basicamente, sim, é verdade que éramos uma família muito grande em termos de

27 número de pessoas, mas eram mais os que precisavam de cuidados do que os cuidadores

28 que haviam! Para além dos meus pais, que desapareceram depois de me deixarem com a

29 minha tia, creio que tinha eu uns quatro ou cinco anos, havia a minha tia e a irmã dela, a

30 minha outra tia. Para além delas, havia aquela catrefada de filhos que cada uma tinha. E

31 eu fui só mais uma. Eram muitos miúdos ali, miúdos e miúdas, tudo ao mesmo tempo, é

32 normal que a mulher não chegasse a tudo e a todos. E olhe que esta tia, a que ficou  
33 comigo, ainda era a que tinha mais cuidado com as crianças, comparando com a minha  
34 mãe e com a outra tia, por isso se esta foi o que foi, imagine a qualidade das outras  
35 duas. E mais a mais, os outros eram mesmo filhos e filhas dela, eu não. Eu era a pelintra  
36 que estava ali a mais, por caridade. Nunca me senti incluída, em nada mesmo, por  
37 isso... é mais como se tivesse crescido numa casa, numa espécie de abrigo ou algo  
38 assim, porque tirando o ter laços de sangue com eles, nada nos ligava. Éramos uma data  
39 de fulanos e fulanas a viver juntos, com o mesmo tecto na cabeça, num raio de um  
40 terreno que oscilava entre quinta e barraca rústica, a partilhar espaços que já eram  
41 demasiado partilhados e a viver na luta do cada um por si porque nada chegava para  
42 todos. Assim que consegui, vim-me embora. Vim para uma zona que era o que  
43 procurava, mais cidade do que campo.

44 **E.: Estou a ver. E como foi esse processo?**

45 **A.:** O quê, de me vir embora?

46 **E.: Sim, como tomou essa decisão?**

47 **A.:** Não foi muito difícil, na verdade. Saí de lá estava eu no meu 9º ano. Tinha uns 14  
48 ou 15 anos, não me recordo bem, mas também nem interessa. Eu odiava a escola,  
49 atenção, e ainda odeio todo aquele sistema, as pessoas, como são mesquinhas e más e  
50 vivem do podre dos outros e tudo isso, mas nessa altura preferia ir para a escola do que  
51 estar ali naquela casa, naquele ambiente, com aquela confusão e treta de gente. E a  
52 escola não era propriamente ali ao lado. Andava todos os dias a pé quase uma hora para  
53 lá e outra para cá para ir para a escola. Era a escola mais próxima que tínhamos, e tinha  
54 de ser assim. Eu era das mais novas, e os mais novos deviam andar na escola, porque  
55 enquanto andavam na escola não davam gastos e despesas em casa. Mas dos que íamos,  
56 íamos todos juntos a pé para a escola. Íamos e vínhamos. Depois os mais velhos, esses  
57 já mal frequentavam a escola e ajudavam em tudo o que podiam em casa. Iam pedir,  
58 iam trabalhar, tratavam do terreno, ou lá da pseudo horta que aquela mulher engendrou,  
59 tratavam dos outros mais pequenos – mal e porcamente, para que fique registado,  
60 porque afinal também eram crianças não é, eram crianças a tratar de outras crianças, a  
61 brincar aos pais e às mães – ou que ficavam a limpar fosse a casa, fosse o terreno, fosse  
62 a fazer refeições... Pronto, imagina o cenário, não é? Parece um filme de crianças ou  
63 famílias refugiadas da guerra a viver em terrenos baldios como gente do campo. Não era  
64 bem, mas quase, pouco faltou para o ser. Mas bem, já nessa altura eu me dava mal com

65 os rapazes daquela criançada toda, porque aí já eu tinha interesse no lado feminino das  
66 coisas, ou seja, preferia as brincadeiras delas, brincava mais com elas, e até quando  
67 podia vestia as roupas das minhas primas, vestia, e uma vez vesti as da minha tia. É  
68 claro que gerei a maior confusão possível e imaginária. Isto porque os cabrõezinhos dos  
69 meus primos viram e foram contar à minha tia, e claro, levei umas belas senhoras donas  
70 chapadas. Ninguém podia entrar no quarto da mulher. [Pausa 0,3 segundos] Ainda hoje  
71 é tabu uma pessoa ser transsexual, quanto mais naquele tempo e com aquela idade, que  
72 nem havia nome para isso. Era-se logo aberração e pronto, doente, a precisar de  
73 tratamento mental. Mostrar-se interesse por uma coisa daquelas, tão simples quanto ter  
74 interesse em vestir a roupa do sexo oposto, era um crime punível da maior surra  
75 possível que o nosso encarregado se pudesse disponibilizar a dar. E soubesse quem  
76 soubesse, era sempre bem merecida, que era para ver se aprendia a ser normal. Por isso,  
77 assim que pude, saí de lá de casa e da escola. Arranjei trabalho em bares, restaurantes,  
78 coisas assim. Coisas temporárias, mas que iam dando para me manter em alguma casa,  
79 indo comendo, coisas assim. Foi dando para ir vivendo assim até me tornar maior de  
80 idade e poder passar a receber melhor e a trabalhar melhor em alguns sítios. Às vezes  
81 dava para ser quem eu queria, uma mulher, outras nem por isso. Mas ao menos já era  
82 quem queria ser e fazia por isso o máximo possível.

83 **E.: Compreendo. Então e manteve-se sempre nesse registo em relação aos**  
84 **empregos? Ou seja, foi sempre trabalhando nessa área até se reformar?**

85 **A.:** Ah! Bem, sim. Sempre trabalhei nessas áreas. Também, com o nono ano, dava para  
86 quê mais? Era difícil arranjar qualquer coisa melhor. Porque ou implicavam com a  
87 escolaridade, ou com a idade, ou com os conhecimentos que tinha, ou com o sexo que  
88 tinha, ou com o às vezes aparecer transvestido... Bom, nem sempre foi fácil. E depois  
89 encontrei um bar no qual estive uns bons anos, o [nome do bar], onde trabalhei muitos  
90 anos lá, mesmo muitos, desde os meus 27 anos. Aquilo fechou... ham... olhe, tinha eu  
91 42 anos, por isso está ver quantos anos lá estive. Foi o meu melhor emprego. Quinze  
92 anos, estive lá eu a trabalhar. E o dono foi muito meu amigo. Eu podia ir trabalhar  
93 vestida quer fosse de homem ou de mulher, mas é claro que preferia ir sempre como  
94 aquilo que me senta – uma mulher! Aquilo era um bar nocturno com conotações LGBT,  
95 dava para lá ir fosse quem fosse, quer quisessem ir de homem, quer fosse de mulher,  
96 fosse gay ou lésbica, ou até o santo das santas. E foi ali que me encontrei e me senti  
97 encaixada. Eram noites muito activas, muito trabalho, muitos engates, saí dali muitas



98 vezes com outros homens depois dos meus turnos, ham... eram muitas noitadas até de  
99 manhã, muito álcool, muito sexo, muito tudo. Vivia aquilo ao máximo. Aliás, vivíamos.  
100 Trabalhava até de manhã, e depois durante a manhã / tarde dormia o máximo que podia,  
101 hidratava-me tanto quanto fosse possível, porque o álcool nas noites era mais que muito,  
102 o sexo desaforado, tudo... e depois alimentava-me, tratava do que fosse necessário e  
103 depois ia trabalhar outra vez até de manhã. Eram quase ciclos naquilo. E muito viciosos.  
104 Vivia mesmo para aquilo. Até aquela porra ter fechado. Aí é que fiquei mesmo na lama.  
105 Foi uma bela merda, foi o que foi. Epa, 'tou só a dizer asneiras não é? Desculpe lá.  
106 Acho que deve ser o meu lado masculino, manifesta-se algumas vezes. Ou a minha  
107 revolta. Ou os dois, não sei.

108 **E.: Não tem problema, está à vontade. Mas dizia, o bar fechou quando tinha 42**  
109 **anos, se bem me recordo do que referiu atrás. Certo?**

110 **A.: Sim, sim, isso mesmo. Porquê?**

111 **E.: Então e o que fez a seguir ao bar ter fechado? Teve de encontrar outro**  
112 **trabalho? Como se organizou?**

113 **A.:** Ah, sim, bem, ham... numa das noitadas que fui para casa com uma companhia  
114 engatada, eu vestida de mulher, eu e o tipo fomos para casa dele, enrolámo-nos e depois  
115 no fim ele tirou dinheiro da carteira e deu-mo, como se estivesse a pagar a uma  
116 prostituta. Senti-me ofendida, gritei com ele e tudo. E por pouco não lhe dei um gancho  
117 naquele focinho. Fiquei danada mesmo. Mas depois ele explicou-me que ter estado com  
118 uma mulher tão bonita que não podia não me dar qualquer coisa pelo bem que lhe fiz  
119 sentir, pela noite que passámos, e que me queria voltar a ver. Olhe, nem quis saber,  
120 arranquei-lhe o dinheiro da mão e fui-me embora. Ao menos tinha dinheiro para o táxi e  
121 ainda sobrou. Mas sim, isto para dizer que a situação se voltou a repetir com outro  
122 homem, algo que me fez reflectir e muito. E depois uma outras vezes depois dessa. E  
123 olhe que o que me davam não era propriamente pouco. Acabei por fazer um pouco disso  
124 vida quando o bar fechou. Ainda quando o bar estava aberto, acho que passava a palavra  
125 de que eu dava bom sexo, boas experiências, porque afinal eu era uma mulher-homem,  
126 uma aberração, uma curiosidade, um ser diferente que queriam ver, tocar, sentir... e  
127 acho que as pessoas sentiam que pagar-me me fazia sentir menos... aberração. Acho  
128 que foi mais numa de... se ao menos me pagam, não se sentiam tão mal de irem  
129 experimentar o circo dos horrores. E eu sentia um misto, de raiva e indignação, com  
130 uma satisfação de receber aquele extra. Sempre fui, enquanto homem, de traços

131 marcantes, fortes, em que mesmo vestida de mulher se notava que havia algo de homem  
132 em mim. Mas não era por isso que tinha de ser tratada como uma experiência não é...  
133 Ham... Era essa parte que me revoltava. É o que lhe digo, o que sentia é que estavam  
134 comigo como se fosse uma experiência, uma forma de... pronto... de se conhecer o que  
135 não se conhecia. E acho que a forma de não se sentirem tão mal com eles próprios era  
136 pagarem-me a mim. Era como um serviço, que se experimentava e pronto. Mas até me  
137 deu muito jeito, digo-lhe já.

138 **E.: Sim? Então?**

139 **A.:** Oh, então, sempre juntava mais esse, ou sempre era mais esse que podia utilizar  
140 para o que queria... Mas o pior foi depois, porque aí é que lhe perdi o controlo todo.

141 **E.: Do dinheiro?**

142 **A.:** Sim, do dinheiro. [Pausa 0,4 segundos] E da minha vida... Ham... De tudo mesmo,  
143 pronto.

144 **E.: Podia explicar melhor ou exemplificar?**

145 **A.:** Pois, não se sabendo é difícil perceber-se... Ham... Pronto, não é vergonha  
146 nenhuma, não é que seja propriamente segredo... Quer dizer, claro que tenho alguma  
147 vergonha, claro que se pudesse faria tudo de outra maneira, voltava atrás no tempo e  
148 mudava tudo, mas agora é o que é, não posso mudar, por isso mais vale aceitar tudo o  
149 que aconteceu e pôr uma página em branco a separar esse período da minha vida.

150 **E.: Compreendo. Então e o que aconteceu?**

151 **A.:** Ah... é assim... Como lhe disse, ham... havia muitas noitadas, não é... e uma vez  
152 eu participei numa, o meu turno era para sair mais cedo, em vez de sair mais de manhã,  
153 saí mais de madrugada e fui convidada para uma festa. Eu estava a trabalhar vestida de  
154 mulher, como a mulher que sempre idealizei ser, toda aperaltada, maquilhada, talvez um  
155 pouco... ham... espampanante, talvez, mas pronto, sentia-me um máximo nessa noite, e  
156 ia sair mais cedo, ia usufruir. Eu sempre gostei de festas e naquela noite, que eu já tinha  
157 um bocado de fama de... de... diferente, de excêntrica, de... pronto, mulher-homem,  
158 travesti, pronto, e então nessa noite um homem mais velho que eu, ele devia ter aí os  
159 seus quarenta e tal anos, e veio falar comigo, a convidar-me e a aliciar-me para ir à  
160 festa, que me ia divertir muito, que havia muita gente como eu, que haviam outros que  
161 por quem tinha sabido de mim que iam lá estar e que me queriam rever, que tinha  
162 muitos fãs que me queriam conhecer também... homens doidos por mim, que queriam

163 estar comigo... E claro, deixei-me levar. Tinha eu trinta e tal anos, e sete ou oito, acho  
164 eu... Sentir que finalmente me estava a encaixar naquilo que sentia ser tão certo, ser  
165 mulher mesmo sendo fisicamente homem, e ser procurada por ser assim mesmo, ser  
166 desejada, ser amada, cortejada... Percebes? Aquilo deixou-me nas nuvens, com os pés  
167 demasiado fugidos da terra. Na festa, depois quando cheguei, deparei-me de facto com  
168 homens com quem já tinha estado, com outros que não tiravam os olhos de cima de  
169 mim, com outros que já estavam enrolados... e droga. Muita droga. Droga e álcool.  
170 Melhor, droga, álcool e sexo. Era o que sentia, via, ouvia e respirava assim que passava  
171 daquela porta para dentro. E eu passei.

172 **E.: Portanto, isso quer dizer que...? Experimentou de tudo um pouco, foi isso?**

173 **A.:** Exacto, quando em Roma, sê romano! Entrei na festa e senti que entrava num  
174 mundo novo, mais forte, mais intenso, mais... mais... mais... mais tudo! Eu queria  
175 sentir tudo aquilo! Queria ser desejada, queria ser cortejada profundamente, queria.... E  
176 fui. Claro está. Quando dei por mim, estava a ser apresentada às pessoas, aos cantos da  
177 casa, bem grande, por sinal, às pessoas novamente, e depois às drogas. Acabei por  
178 conhecê-los a todos melhor. Experimentei as drogas que conheci, enrolei-me com  
179 pessoas que me foram apresentadas, e aprofundi o conhecimento dos quartos, das casas  
180 de banho e de tudo o que houvesse. Com a droga e com o álcool, com todo aquele  
181 excesso, todos os que lá estavam, não era só eu, estavam totalmente alterados. Ham...  
182 Havia muito de tudo no ar. Muitas hormonas aos saltos, muitas desinibições, muitos à  
183 vontades... Olhava-se para um lado, via-se pessoas a dançar de álcool na mão, a  
184 roçarem-se uns nos outros, olhava-se para o outro lado, via-se pessoas a *snifar* drogas,  
185 nos quartos ou nas casas de banho até havia quem injectasse, e fora isso, via-se muita  
186 gente desinibida, despida, ou parcialmente despida, enrolados uns com os outros.  
187 Quando dei por mim, estava no meio disso tudo. Acabei a noite numa orgia, meia  
188 pedrada da droga que experimentei, muito solta e desinibida, por causa das misturas que  
189 fiz, e acabei com um bolso cheio de dinheiro. Antes de me vir embora, o tal homem que  
190 me tinha convidado apareceu junto da porta do quarto em que me encontrava, lá no  
191 meio daquela orgia medonha – sim, porque despertas e ressacadas, tudo perde o seu  
192 encanto – e veio ter comigo, super satisfeito comigo, que lhe tinha dado uma grande  
193 noite, e entregou-me um envelope de dinheiro para a mão. Era ele o dono da casa onde  
194 estávamos. Não percebi o que tinha querido dizer com aquilo, de lhe ter dado uma  
195 grande noite, porque não me lembrava se tinha dormido com ele, se era por ter atraído

196 aquela gente toda, não sei, e até hoje não sei, mas nem quis saber porque ganhei imenso  
197 dinheiro naquela noite e tinha adorado tudo o que tinha sentido, do que me lembrava,  
198 claro. Incluindo a tão temida droga.

199 **E.: Então repetiu a experiência?**

200 **A.:** As festas ou a droga? Eh, quer dizer, não é escolha que se faça, foram ambas, voltei  
201 a repetir ambas, aliás, tudo. Ganhei-lhe o gosto, pronto, a verdade é essa, a todas  
202 aquelas sensações, a tudo aquilo que envolvia, e passei a ir mais vezes. Passei de ir  
203 quando podia, para ir assim já mais de vez em quando, desmarcando mais coisas para ir  
204 antes às festas, para o ir já mais frequentemente, faltando a alguns turnos da noite, para  
205 o ir e ser presença assídua nas festas dele. Desse tal homem. E quando as festas dele já  
206 não chegavam, nisto já o bar tinha fechado, passei a tentar encontrar festas semelhantes  
207 noutros lados.

208 **E.: Estou a ver. Sentia que precisava cada vez mais daquelas sensações?**

209 **A.:** Sim. Completamente. Nessa primeira festa, experimentei a droga, coisas leves, mas  
210 que nunca tinha experimentado. Não é que lá no bar não houvesse, porque havia e eu  
211 sabia, mas nunca me tinha sentido tentada para isso. Mas naquela festa quis. E depois  
212 quis mais, ainda o bar onde trabalhava estava aberto, começou nessa altura, e depois  
213 comecei a ficar viciada. As coisas leves já não chegavam e precisava de mais. De mais,  
214 de algo mais forte, que durasse mais tempo e que fizesse maior efeito. E de mais festas  
215 daquelas, de sexo, álcool e drogas. Quando dei por mim, percebi que me andava a...  
216 ham... a... a prostituir, vá, porque aí não era bem prostituir, porque eram essas tais  
217 noitadas que eu fazia com alguns homens lá do bar que depois me pagavam, e depois  
218 eram as festas também, e... E pronto, queria mais de tudo, queria mais festas daquelas,  
219 queria mais álcool, queria mais sexo e queria mais drogas. E queria dinheiro. Muito,  
220 queria muito receber muito dinheiro. E aí, para receber mais, depois nas festas, que foi  
221 onde comecei a investir mais, em vez de investir nas noites do bar, ou fazia com mais  
222 do que um homem nessas noites das festas, ou fazia com vários ao mesmo tempo para  
223 receber grandes quantias de dinheiro. Comecei a fazer disso negócio e a estabelecer  
224 mesmo valores, que por sinal até eram bem altos, e olhe, bastante procurados também.  
225 Vinham pessoas de todo o lado, forma e feitio para virem estar comigo, que me  
226 procuravam. Aliás, ficaria surpreendida por saber quantos homens que se mostram  
227 todos de peito aberto, todos machos e aparentemente homofóbicos, que são na verdade  
228 os maiores rabetas ou os maiores tarados, com fetiches perversos, que só uma mulher-

229 homem os sabe ou pode satisfazer sem se sentirem julgados ou mal com eles próprios.  
230 Que os compreende verdadeiramente. E eles sabiam-no. Repare, sou mulher porque me  
231 sinto e visto assim, logo sou o que procuram, uma mulher para terem relações com  
232 fetiches e homens que ninguém quer, e depois sou homem fisicamente, por isso sei o  
233 que sentem, onde tocar, onde evitar, pronto, conheço o corpo masculino porque também  
234 tenho um e sei o que é pensar ou sentir como um homem. A diferença é que me sinto  
235 mulher e isso é todo um conjunto muito atractivo para mais gente do que se imagina.  
236 Tinha cada vez menos limites, cada vez mais procura, ganhava cada vez mais e adorava  
237 aquilo. É mesmo indescritível. Aquilo era tudo gente perversa sexualmente, e não  
238 imagina o que me passou pelas mãos.

239 **E.: Acredito, sim. Então sendo assim, passou a fazer do sexo um negócio? Isto**  
240 **ainda o bar estava aberto, certo?**

241 A.: Sim, sim, ainda o bar estava aberto, no início da minha frequência nas festas. Eu  
242 tornei essa curiosidade que me rodeava naquele ambiente num proveito próprio. Passou  
243 a ser um negócio. É que a verdade é que primeiro me senti muito ofendida quando isso  
244 aconteceu. Mas depois comecei a perceber que me procuravam exactamente para isso, e  
245 muitos clientes habituais também, que iam e vinham muitas vezes, que queriam gastar  
246 dinheiro comigo, e que gostavam do que eu lhes tinha para oferecer. Porque não fazer  
247 disso um negócio, já que se estava a tornar tão lucrativo e era o que ambas as partes  
248 queriam?

249 **E.: Estou a ver. E depois do bar fechar? Manteve esse negócio ou arranjou alguma**  
250 **outra coisa? Ou os dois?**

251 A.: Depois do bar fechar ainda tentei arranjar trabalhos, e ainda trabalhei em alguns  
252 bares nocturnos, mas já não eram assim mais LGBT, eram mais... nocturnos normais,  
253 vá. E a maioria das vezes tinha de ir como homem. E quando sabiam que não era de  
254 todo só homem, acabava despedida. Mas ou ganhava pouco, ou acabava mal, e acabei  
255 por me concentrar apenas no negócio de sexo, que dava cada vez mais dinheiro e tinha  
256 cada vez mais procura. Cheguei a ter três e quatro relações sexuais por dia, em que  
257 podiam ser com apenas um companheiro, ou com dois, três, quatro ou cinco. Cheguei a  
258 ter de seis. Quantos mais, mais caro era, mais pessoas que tinham de pagar mais e de  
259 uma só vez. E como muitos ficavam tão excitados, ou por eu ser só uma, ou por ser uma  
260 situação nova, costumava durar pouco tempo. Portanto, era dinheiro rápido, fácil, e

261 numa boa quantia a entrar. Claro que depois a droga é que se tornou o meu problema  
262 maior.

263 **E.: Poderia explicitar?**

264 **A.:** Sim, então... ham... O vício... pronto, toda a gente sabe o poder que a droga tem,  
265 ou o poder que qualquer vício tem. Portanto, o bar nesta altura já tinha fechado, como  
266 lhe disse, que fiquei pouco tempo noutros trabalhos, o que cortou uma parte do meu  
267 rendimento fixo. Portanto, agora só contava com o negócio do sexo. Mas comecei a ter  
268 mais gastos do que ganhos, porque os vícios, o álcool, a droga, todas estas coisas que  
269 tinha de ter para fornecer os meus serviços às pessoas que me procuravam depois das  
270 festas e que queriam repetir... tudo isso tem custos muito elevados de se manter. Não só  
271 por isso mas também porque acabei por criar o meu próprio vício, eu própria já não  
272 sabia ter relações sem recorrer à droga. Não corria da mesma maneira se não *snifasse*  
273 uma linha de coca. Cocaína, sabe os termos? Não sei, mas pronto, coca é cocaína.

274 **E.: Sim, sim, estou a acompanhar, não se preocupe.**

275 **A.:** Pronto, e é isso, se não usasse coca não corria da mesma maneira, sentia que não era  
276 tão bom, que ficava muito além do que era esperado de mim e do que eu poderia dar  
277 depois, e também mesmo do que eu queria sentir. E a coca começou a não chegar. Uma  
278 linha era pouco, duas duravam menos do que três, e três linhas não davam tanta  
279 potência como quatro. As quantidades aumentaram, não só para mim como para os  
280 outros que procuravam os meus serviços, os valores das drogas também subiram, os  
281 efeitos pareciam menores e menos potentes, e comecei a procurar soluções para manter  
282 isto, porque tinha jurado nunca me meter nessas merdas injectáveis. Quando dei por  
283 mim, não tinha quase dinheiro nenhum, e pagar a casa, rendas, água, luz, gás... tudo  
284 isso se começou a tornar num problema, numa dificuldade. Preferia não comer para  
285 poder ter dinheiro para comprar mais que não fosse umas gramas de coca. Preferia  
286 tomar banho menos vezes para poder poupar também esse gasto. Já não precisava de ter  
287 luz porque não usava televisão, não usava eletricidade para cozinhar nada, para fazer  
288 nada, porque passava a maior parte do tempo em encontros sexuais para poder ser paga  
289 e consumir droga. Mas até aí começou a escassear. Como tinha menos dinheiro, e como  
290 consumia cada vez mais droga, deixei de ser procurada pelo fascínio que havia por mim  
291 ao início, e passei a ser procurada por ter droga e por ter um bom sexo, mas  
292 principalmente pela droga. E se calhar o sexo até nem era nada de jeito, mas a droga  
293 assim o fazia parecer. Depois como também tinha cada vez menos dinheiro para

294 comprar droga e, consequentemente, tinha cada vez menos droga, havia cada vez menos  
295 procura e cada vez menos sexo. Comecei a ficar sem negócio, sem dinheiro e sem  
296 droga. A prostituição já não chegava, a droga chamava cada vez mais por mim, por  
297 maiores quantidades, e acabei por ficar na miséria. Trocava os bens que tinha em casa  
298 por umas gramas mais de cocaína, até ficar quase só entre as paredes da minha casa. O  
299 recheio da casa tinha ido quase todo. E a casa acabou por ir também. Já não conseguia  
300 pagar contas, nada, não havia dinheiro já nem para a droga, e acabei por ficar sem a  
301 casa. Eu, que tinha conseguido orientar-me sozinha desde os meus catorze ou quinze  
302 anos, que tinha ido para a cidade sozinha, trabalhar e conquistar tudo o que tinha até  
303 àquela data, que tinha conseguido desenvencilhar-me sozinha, que tinha conseguido  
304 conquistar tudo aquilo que tinha almejado para mim... agora encontrava-me naquilo.  
305 Naquela situação, naquela miséria. E lembro-me de não querer saber nada daquilo,  
306 porque o que me preocupava era não ter droga. Passei a dormir na rua, o negócio  
307 praticamente desapareceu, e passei a prostituir-me nas ruas, na força da palavra, para  
308 poder ganhar um tostão que fosse. E não, não era para comer, era para o vício. Lembro-  
309 me de olhar rressacada no reflexo de uma *vitrine* e de pensar que não me conhecia, que  
310 não sabia quem era aquela pessoa que ali estava, que aquela não era eu, não era assim  
311 que eu era. Como é que me tinha transformado naquilo, não é? Mas ainda assim  
312 continuei a não querer saber. E continuei naquele mundo.

313 **E.: Então e como veio aqui para o lar, sendo assim?**

314 **A.:** Ah, sim, pois, então... A história disso é um pouco complicada, mas vou tentar  
315 explicar. Então, ham... como eu vivia na rua, mal tinha dinheiro fosse para o que fosse,  
316 não é, e... e a droga continuava a ser mais importante e a prostituição já não chegava,  
317 pronto, a verdade é essa, porque a procura transsexual já não era tão grande assim, e  
318 perdi todo o encanto que tinha quando tudo começou, a verdade é essa, já ninguém me  
319 procurava, daqueles com quem estive e com quem tudo começou. Agora envolvia-me  
320 fosse com quem fosse, tudo a troco de uns tostões ou de umas gramas. Com a falta de  
321 dinheiro e com a necessidade do vício, acabei por me envolver nuns esquemas de droga.  
322 Ou seja, acabei por aceitar meter-me em negócios de droga que havia lá na zona e um  
323 dia houve uma operação policial e fui apanhada. [Pausa 0,5 segundos] Desculpa, é que...  
324 Pronto... Não é que seja vergonha, porque tomei as decisões que tomei com base num  
325 ciclo de vícios, num ciclo de tudo o que me dominou... Mas custa sempre reviver as  
326 coisas de que nos arrependemos e que nos destruiu a nossa vida, percebes? Só vivemos

327 uma vez e eu sinto que só agora, aos 62 anos, é que parece que estou a viver  
328 verdadeiramente com os pés assentes na terra. Por tudo o que passei e por tudo o que  
329 desperdicei. Sinto que tenho de viver tudo o que perdi, e sei que não vai mudar nada,  
330 mas tento ser melhor a cada dia que passa e usufruir de tudo.

331 **E.: Compreendo. Então e depois de ser apanhada na operação policial? Mudou**  
332 **algo?**

333 **A.:** Sim... Mas para pior, claro. Não bastava ter sido apanhada naquilo tudo como ainda  
334 o que se sucedeu àquilo foi o pior que poderia ter desejado para mim.

335 **E.: Pode explicitar?**

336 **A.:** Sim, ham... Então, ham... Fui apanhada, não é, e depois de ser apanhada fui a  
337 julgamento. Fui presente ao juiz e acabei por ser condenada, apanhei cinco anos de  
338 cadeia. E não foi mais porque colaborei. Mas o que eu não sabia é que ia ser presa numa  
339 prisão de homens. [Pausa 0,4 segundos] Foi um dos piores dias da minha vida. Aliás,  
340 esses cinco anos a que fui condenada... Acabaram comigo. Bati no fundo, aí. Mas  
341 completamente. [Pausa 0,3 segundos] É que repare, eu vivo como mulher! Mesmo a  
342 viver na rua, com o pior do meu aspeto, da minha higiene, no meu pior de tudo, eu  
343 continuava a ser mulher, continuava a ser aquilo com que me identificava e que sempre  
344 quis ser! Continuava a ser eu a mandar em mim, dentro do possível... E de repente dou  
345 por mim apanhada naquela situação, completamente perdida porque nunca tinha  
346 passado por nada assim, completamente assustada, e pior, levada a crer que se  
347 colaborasse sairia praticamente ilesa de tudo aquilo! Apanhei uma pena menor, é  
348 verdade, mas nunca me disseram que cumpriria uma pena num estabelecimento  
349 prisional masculino! Nunca me passou pela cabeça! Porque eu vejo-me como mulher, e  
350 nunca me vi assim como... ham... como mais... mais masculino, mesmo quando não  
351 me podia vestir de mulher! E com esse julgamento, dianta da pena do juiz, percebi que  
352 afinal os outros não me veriam nunca como mulher, não me veriam nunca como eu me  
353 vejo! Por mais que me sentisse mulher, que vivesse como mulher, fisicamente era um  
354 homem, e teria por isso mesmo que passar a minha pena numa prisão masculina. E aí  
355 começou o meu pior pesadelo.

356 **E.: Estou a ver. E não houve forma de contornar esse argumento? De alegar algo**  
357 **para não cumprir a pena num estabelecimento prisional masculino?**



358 **A.:** Acredite, não. Porque fisicamente não era mulher. E portanto ninguém quis saber do  
359 resto. De como nos sentimos, do que sentimos ser para além do físico. Percebo que seja  
360 um assunto complicado, ainda mais há uns anos atrás, mas ainda assim... o próprio juiz  
361 que apanhei foi uma abécula. Chegou a dizer-me que isso ainda me faria melhor porque  
362 assim poderia finalmente virar homem. Lá está, só existe homem ou mulher, e o que  
363 está pelo intermeio não pesa, não é considerado, não existe. Acho que não pode ser tudo  
364 tão preto no branco, porque repara, eu nunca tive cabeça para conseguir juntar o  
365 dinheiro para poder investir em peito e nos tratamentos, e na transformação dos órgãos  
366 genitais, não é, para ser totalmente mulher em termos físicos, mas isso não quer dizer  
367 que eu não fosse mulher! Eu sou mulher! Não sou totalmente fisicamente, mas sou  
368 mulher! É que ainda por cima, infelizmente, os travestis também só são reconhecidos  
369 como o sexo que querem ser se forem totalmente transformados fisicamente, para  
370 alterarmos depois nos documentos legais, que também isso é uma trapalhada! Eu sei  
371 disto! Eu informei-me de tudo isto! Sempre fui uma mulher inteligente e fui saber tudo  
372 isto! Só fui burra porque não tive cabeça! Mas tenho conhecimentos, alguns estudos!  
373 Mas percebes? Ou seja, eu aos olhos dos outros só sou verdadeiramente mulher se tiver  
374 uma par de mamas e uma vagina! Se tiver, ham, um pénis, pronto, não sou mulher coisa  
375 nenhuma, sou homem! Ou no máximo, um *gay* mal resolvido ou travesti, e pronto, é  
376 assim que os outros decidem o que eu sou. Pelo aspeto, pelo que se vê no exterior.  
377 Percebes?

378 **E.:** Sim, sim. Estou a perceber. Mas disse que esse foi o pior período da sua vida.  
379 Assim mais em concreto, porquê? Pelo estabelecimento prisional ser masculino?

380 **A.:** Sim, claro, foi. E foi por tudo, claro! Então, ham, porque foi... por tudo aquilo que  
381 lhe disse! Portanto, esta falta de reconhecimento dos transsexuais, da falta de noção de  
382 que nem tudo é preto no branco! De que há mais coisas entre estes dois polos físicos,  
383 não é? Repara, eu sou mulher! Para mim, eu vejo-me, sinto-me e vivo como mulher!  
384 Mas como só eu, ou muitos poucos me vêm assim, e como fisicamente tenho um pénis,  
385 sou homem. Logo, isso é motivo que chegue para ir para uma prisão masculina! E fui! E  
386 é claro que não correu bem, porque eu de homem nada tenho, só o raio do pénis, que  
387 nem para mijar em pé serve! Até nisso sou como as mulheres, faço-o sentado e com ele  
388 entre as pernas! Portanto, imagina o meu pânico ao saber naquele instante, em que é  
389 decidido os veredictos finais, que vou para uma prisão de homens, quando eu de homem  
390 nada tenho sem ser o físico. Claro que não correu bem. Foi um período muito negro,

391 porque ali então, por mais que me tentasse manter mulher, não conseguia, porque nem o  
392 meu aspeto de mulher consegui manter. Até isso me foi tirado. O máximo que consegui  
393 fazer foi adicionar um lenço ou uma pulseira, pouco mais do que isso. Ou maquilhagem  
394 também, por exemplo. E por causa disso não era compreendida. Fui muito gozada,  
395 humilhada, perseguida, maltratada... Ham... E vista como o gay, como o travesti, como  
396 o rabeta, como o chupa-pilas, peço desculpa as expressões, mas a verdade é essa, era  
397 isso que me chamavam... E... Ham... Eu... Ham... [Pausa 0,6 segundos] Eu fui  
398 violada. [Pausa 0,5 segundos]

399 **E.: Quer fazer uma pausa?**

400 **A.:** Ham... Não... Não é preciso... Apenas... Apenas custa, custa reviver e falar destas  
401 coisas, percebes. Porque sabes que podias ter feito outras coisas, ter evitado o caminho  
402 que te levou àquela situação, àquela espiral destrutiva cíclica que nunca mais acabava.  
403 Podia ter feito tudo de outra maneira e não ter tido de passar por nada disto. Isso é que  
404 custa. Ter passado por tudo aquilo por não ter tido cabeça. Ter desperdiçado tudo, a  
405 minha vida, por causa disso, desse vício.

406 **E.: Compreendo. E foi por causa dessa situação que esse foi o pior período da sua**  
407 **vida?**

408 **A.:** Sim. Principalmente por isso, mas não só. Mas sim. Um dia no pátio, veio um grupo  
409 ter comigo, já eu estava lá há uns seis ou sete meses, e já era alvo de perseguição  
410 constante, e começaram a andar atrás de mim. A dizerem-me que eu gostava de homens,  
411 que eu era *gay*, que eu era isto e aquilo, que queria era chupar pilas, que queria era que  
412 me comessem, e que então me iriam fazer a vontade. Começaram a apalpar-me os  
413 genitais, a agarrar-me, a... ham... a dizer-me coisas porcas, terríveis mesmo, ham... E  
414 pronto, estavam a fazer o que queriam e ninguém fazia nada. Comecei a pedir ajuda e lá  
415 um guarda veio e me ajudou. Mas de pouco serviu. No dia seguinte trocaram-me de cela  
416 e... adivinha... onde fui parar? Sem nenhuma justificação, sem fosse o que fosse, fui  
417 posta na cela do cabecilha do grupo que me fez tudo aquilo no dia anterior. Não sei  
418 como, não sei como aconteceu, que contactos foram usados, que poder foi usado... não  
419 sei, até porque eu era mal vista até pelos *gays* que lá estavam naquela altura. Porque é  
420 como se eu não pertencesse a nenhum mundo. Não era o normal esperado, ou seja,  
421 heterossexual, mas também não era *gay*. Era apenas um homem que queria ser mulher,  
422 mas que não era nem uma coisa, nem outra. Automaticamente era diferente dos outros e  
423 ainda mais alvo de discriminação, mais humilhada, mais perseguida. Era um grupo

424 ainda mais minoritário que os gays, porque era só eu. E portanto nem me dava com  
425 ninguém, nem ninguém se queria dar comigo. Porque darem-se comigo implicava  
426 passarem a pertencer ao grupo minoritário com quem os grandes implicavam. E quem é  
427 que quer ter um alvo nas costas que quando se está preso e já se tem de ter mil olhos no  
428 corpo todo para sobreviver no dia-a-dia? Quem é que abdicaria do seu anonimato,  
429 daqueles que passavam despercebidos, quem é que abdicaria do seu poder, daqueles que  
430 mandavam lá no sítio, ou quem é que abdicaria da sua paz, daqueles que não armavam  
431 confusão com ninguém, para se colocar numa guerra que não lhes pertencia, por uma  
432 pessoa que não lhes tinha nada a oferecer? Ninguém. Nem eu o faria se não tivesse sido  
433 comigo. [Pausa 0,3 segundos] Só sei que ninguém queria ter nada a ver comigo, e  
434 portanto nunca tive proteção nenhuma. De algum modo acabei naquela cela com aquele  
435 sujeito naquele dia. E aí não tive como escapar. Nessa noite acabei por ser violada.  
436 [Pausa 0,5 segundos] E noutras quantas noites depois dessa. Até ao dia que saí da  
437 prisão, que cumpri a totalidade da minha pena, perdi a conta das vezes que isso se  
438 repetiu. [Pausa 0,5 segundos] Ham... Acho que a única coisa boa que pode ter resultado  
439 da prisão foi ter-me limpo do mundo da droga. Como não tinha dinheiro, nem droga,  
440 fosse para mim, fosse para subornar alguém ou trocar por algo, também não consumia.  
441 Os primeiros tempos foram... horríveis. E acho que nem essa palavra descreve o que  
442 vivi. Tive de ser assistida algumas vezes até, das ressacas que o corpo sentia. Até  
443 porque naquela fase já consumia muito, grandes quantidades, por isso ainda o corpo se  
444 ressentiu mais. Mas pronto, deve ser essa a única coisa boa de todo o mal que vivi.  
445 Quando saí, já não tocava na droga. E até hoje, felizmente, nunca mais voltei a tocar.

446 **E.: Então e quando saiu da prisão, o fez da sua vida? Como se organizou?**

447 **A.:** Bem... ham... Quando saí da prisão decidi que queria procurar melhor para mim.  
448 Que não queria continuar nas ruas ou naquele estilo de vida porque ia acabar por voltar  
449 a entrar na vida que tinha conseguido fugir. Então procurei alternativas, pessoas, ajudas,  
450 associações, tudo, para poder sair das ruas. Acabei por encontrar este lar, que foi a única  
451 mão que me foi estendida. Foi assim que vim para aqui, que creio que era isso que me  
452 tinha perguntado há não sei quantas perguntas atrás, mas eu também para lhe explicar  
453 como vim para aqui tinha de lhe explicar a história, e acho que me posso ter desviado  
454 um bocado, mas não me esqueci da pergunta. Quer dizer, esqueci, mas voltei a focar a  
455 questão.

456 **E.: Sim, sim, tinha-lhe perguntado há pouco como é que tinha vindo aqui parar ao**  
457 **lar, e sendo assim já percebi.**

458 **A.:** Sim, foi assim que vim aqui parar. E olhe que era algo que nem sequer havia  
459 considerado quando era nova. Quando procurei ajuda indicaram-me este lar, mas nunca  
460 tinha pensado nisso. Ir para um lar com sessenta e um anos era algo que para mim  
461 estava fora de questão. Ainda era muito nova para ir para um lar. Ainda por cima para  
462 um lar. E por mim própria. Um sítio que sempre ouvi falar como algo que não queremos  
463 para nós próprios se estivermos sãos mentalmente. Por tudo o que se lê, vê ou fala, um  
464 lar não era o que idealizava para mim. Para mim um lar era abdicar de quem nós somos  
465 para se viver nas regras de outros. Para se abdicar da nossa liberdade, das nossas  
466 vontades, das nossas vidas. Não era de todo algo que quisesse para mim. Mas foi  
467 justamente isto que aconteceu e que me salvou.

468 **E.: Portanto, tinha uma percepção negativa acerca dos lares?**

469 **A.:** Sim, tinha. Mas ainda bem que errei. Pelo menos aqui não acho isso. Aqui  
470 aceitaram acolher-me, pago muito pouco, e tenho tudo, ham... tenho apenas que pagar  
471 uma verba, muito menos do que os restantes utentes, porque ham... pronto, sempre  
472 serve para ajudar em qualquer coisa que têm de gastar para mim, principalmente para a  
473 minha medicação dos retrovirais, porque... Ham... Pronto, quando foi ou onde não sei,  
474 mas quando este lar me aceitou, depois de ter dado a conhecer a minha história e de ter  
475 tratado de tudo para ficar aqui, tive de fazer exames, principalmente para garantir a  
476 veracidade da minha história de estar limpa da droga, e tudo mais, e nesses exames  
477 descobri que tinha contraído HIV. Lá está, quando e onde ou com quem, não sei, não  
478 faço ideia, porque fosse nas festas que ia, nas noitadas que tinha e que fazia, na  
479 prostituição, na droga ou na prisão, ham, das vezes que fui forçada a ter sexo, ham, nem  
480 sempre tive cuidado. Nem sempre tive sexo protegido. Fosse pela droga que me toldava  
481 o juízo do que deveria fazer ou não, para me proteger a mim, e mesmo os outros, mas  
482 principalmente a mim, ou fosse por, sei lá, pela excitação que me fizesse ficar cega e  
483 esquecer as protecções... E pronto, não acontece só aos outros. Infelizmente, aconteceu-  
484 me a mim. Não é que desejasse aos outros, mas também não o queria para mim. E agora  
485 sei lá quem é que me passou e a quem é que eu passei. A quem pude e consegui,  
486 contactei e falei, falei e disse o que se passava, para fazerem exames... claro que criei o  
487 caos, e tenho criado porque ainda contacto pessoa, tento fazê-lo, mas não é fácil. Nem  
488 encontrar as pessoas, nem dar as notícias. Mas também, ainda que tenha vergonha, sei

489 que tenho de o fazer. Principalmente para evitar o contágio e o espalhar da doença. Eu  
490 não sabia que tinha. Muitos que também têm se calhar também não sabem. Por isso  
491 tenho que fazer o meu papel e lutar para tentar controlar um pouco essa disseminação  
492 desenfreada da doença. Ainda por cima HIV... meu Deus...

493 **E.: Portanto... Tem noção dos comportamentos sexuais de risco.**

494 **A.:** Tenho. Tenho muito. Agora. Lá está, repara, antes fazia sexo a torto e a direito,  
495 gostava, era cortejada, era uma novidade, era procurada, era paga, tudo isso, e não havia  
496 aquela preocupação com essas coisas. Não acontecia a mim, só aos outros. E nesses  
497 momentos nunca nos preocupamos com isso. A partir do momento em que fui forçada a  
498 ter sexo, na prisão, deixei de procurar sexo. Desde essa altura que não voltei a ter uma  
499 única relação sexual. Nem tenho interesse para isso. Fiquei com um trauma muito  
500 grande e não consigo sequer pensar em voltar a estar intimamente com ninguém. Não  
501 consigo, pura e simplesmente não consigo. Na prisão, para me distrair desses  
502 acontecimentos e da abstinência da droga, virei-me muito para o conhecimento. Estudei  
503 muito. Li muito. Li tudo o que pude, estudei muito, investi muito na minha educação.  
504 Curioso como odiava a escola e na verdade foi tudo o que me ajudou a andar com a  
505 minha vida para a frente. Ainda hoje é ao que me agarro para não ter de pensar em tudo  
506 o que aconteceu. Vivo a minha vida, não quero mais parceiro nenhum, e não digo que  
507 não possa acontecer daqui uns anos, talvez, encontrar alguém que faça valer a pena, mas  
508 não quero. Por tudo o que passei, por ter HIV, por tudo o que isso implica... Por tudo  
509 mesmo. É uma complicação tremenda, tudo o que esta porcaria envolve. Os cuidados,  
510 os tratamentos, as medicações, as pessoas, tudo. Não, não quero mais nada disso, prefiro  
511 não ter mais ninguém e viver sossegada na minha vida, com os meus livros. Já basta as  
512 preocupações que tenho em tentar recompor minimamente tudo isto com as possíveis  
513 pessoas infetadas, fora as que não consigo contactar e que não sei nada delas, e que sei  
514 que será impossível avisar todos, porque até eu não me lembro de muitos, quanto mais,  
515 mas pronto, quanto mais agora também ainda me preocupar com questões amorosas.  
516 Não, não quero nada disso. Já basta ter de cuidar também do meu dia-a-dia aqui no lar,  
517 ainda por cima que foi o único que me deu a mão.

518 **E.: O seu dia-a-dia aqui no lar é afetado pelo HIV, é isso que sente?**

519 **A.:** Sim. Sem dúvida. Estou sempre com medo de infetar mais alguém, de ser  
520 maltratada, de ser humilhada uma vez mais, de ser perseguida, de piorar... por isso  
521 intimidade sexual não creio vir a ter. Mas a Diretora do lar foi fantástica comigo. Desde

522 o momento em que soube da minha história que me deu a mão e que me ajudou em  
523 tudo. Quando saíram os resultados dos exames e deu que eu tinha HIV, ela foi a  
524 primeira a dizer que se arranjaría uma solução, porque me quis isolar. E arranjou.  
525 Tratou de designar uma funcionária só para mim, um quarto só para mim, um mais  
526 pequeno e mais isolado, porque era o único individual que sobrava também, mas pronto,  
527 é só meu, com a minha casa de banho, tudo de alimentação servido em loiças e talheres  
528 descartáveis para garantir que não há contágios, porque assim usa-se e vai direto para o  
529 lixo, e também tenho atenção médica mais focada em mim. Quer dizer, caiu-me um  
530 anjo do céu. Tenho respeito, carinho, preocupação... Finalmente começou algo a dar  
531 certo, a correr bem, a mostrar uma luz que brilha ao fundo do túnel. Ao fim e ao cabo  
532 ainda sou nova. Tenho atualmente sessenta e dois anos mas não sou velha. Não me sinto  
533 velha. Também não me sinto jovem, e estou mais debilitada com tudo isto que passei e  
534 mais a porra do HIV e tudo mais, mas finalmente sinto a minha sorte a mudar, devido a  
535 uma pessoa que me ajudou como um anjo, a Diretora desta instituição. Para mim é o  
536 meu anjo. Devo-lhe muito. Desde o momento em que lhe contei a minha história, o que  
537 sou, como me sinto, como queria ser vista... tudo! Foi impecável! Até agora tem sido  
538 tudo muito pacato. Noto alguma renitência e reserva das pessoas que trabalham  
539 diretamente comigo, que me ajudam, que me “servem”, que me fazem seja o que for,  
540 noto que há cautela, que há cuidado e receio comigo, como se tivessem medo de eu  
541 passar seja o que for só pelo ar, ou pronto... Mas sim, há de haver sempre algum  
542 preconceito, mesmo que não queiram transparece-lo, mas há. Sempre. Ainda para mais  
543 sendo eu a transsexual cá do sítio. Passei a ter de me vestir de forma mais masculina,  
544 mas dentro do meu quarto posso estar vestida como quiser. Combinámos isso porque há  
545 muita gente velha aqui e são suscetíveis a essas coisas, por isso resguardo o meu  
546 verdadeiro ser e querer ser para a minha privacidade do quarto. Aí posso estar vestida de  
547 mulher, ser mulher, e passar os meus tempos livres ou na cama ou no cadeirão/sofá a  
548 ler, mas cá fora não posso andar assim. Posso até passar mais tempo no quarto do que os  
549 outros por causa disso. Foi esse o acordo. Principalmente para não criar problema nem  
550 preconceitos nem nada do género. Acedi porque também não quero viver mais na rua.  
551 Foi um meio termos e todos temos o que queremos e precisamos de algum modo. Foi  
552 melhor assim. E felizmente não tenho tido assim... ham... vá, problemas.

553 **E.: Então crê que vive o seu dia-a-dia de forma pacífica? Como é o seu quotidiano**  
554 **aqui na instituição?**

555 **A.:** Sim, acaba por ser isso. Continuo a ser a mulher-homem, homem em público,  
556 mulher em privado, ainda que quisesse ser sempre mulher em cem por cento do tempo e  
557 ser reconhecida pelos outros como tal, mas pronto, como te disse, foi o meio-termo que  
558 se arranjou para a condição de eu ficar aqui, algo que eu queria muito, porque não  
559 queria voltar para a rua. Se voltasse, sei que não duraria muito tempo a voltar a entrar na  
560 vida que tinha, na droga e na prostituição, e não queria isso para mim outra vez. Passei  
561 por tanto, por tanto sofrimento e tantos maus momentos, tantos traumas, para depois  
562 voltar a passar por tudo outra vez? Não, não queria. Até do vício da droga me livreí, por  
563 isso, não, preferi assim. Assim evito a tentação. Quero ser melhor, livrar-me mesmo de  
564 tudo isso. E acho que me sinto verdadeiramente feliz aqui. Com este meio-termo todos  
565 temos o que queremos e finalmente tenho um tecto sobre a minha cabeça, comida,  
566 higiene, privacidade, respeito dentro do possível, tratamento de uma doença que nem  
567 sabia ter... Não, prefiro assim realmente. Por isso sim, acabo por viver a minha vidinha,  
568 tudo de forma pacífica. E acho que sou feliz assim. A sério. Começo a aproveitar as  
569 coisas simples da vida e a viver, a aprender a viver. Sabes o que se diz, mais vale tarde  
570 do que nunca.

571 **E.:** Sim, conheço a expressão. Fico feliz por si. Agora, estamos mesmo no fim da  
572 entrevista. Quer acrescentar alguma coisa? Algo que se possa ter esquecido?

573 **A.:** Ham... Não sei, não tenho a certeza, mas acho que não. Bem, mas passou a correr!  
574 Foi bom colocar isto numa perspectiva... vá, diferente. Ser eu a contar a minha história,  
575 a pôr-me de fora em modo de narradora... Interessante. Lá está, não é que seja segredo  
576 a minha história, mas há sempre aquela vergonha em falarmos daquilo que nos  
577 atormenta. O medo de sermos julgados pelo que fizemos, pelo que decidimos, pelos  
578 caminhos que tomámos. Ham... Bem, se calhar até tenho algo que pudesse acrescentar,  
579 mas de momento não me ocorre nada mais... Ham... [Pausa 0,3 segundos] Não, acho  
580 que não há mais nada para acrescentar. Apenas que não devemos ter medo de contar  
581 aquilo que fomos ou que somos, porque é isso que nos define, que nos molda, que nos  
582 faz ser ou tornar no que somos. Foi o que me aconteceu. Se pudesse voltaria atrás e faria  
583 tudo de forma diferente, mas uma vez que não posso, fico-me pelo tentar aceitar tudo o  
584 que fiz, os meus erros, as minhas desgraças, as minhas decisões que me levaram a  
585 passar o que passei, a viver o que vivi, a sofrer o que sofri, para não sofrer mais com os  
586 “e se’s”. E se tivesse sido diferente, e se tivesse feito assim, e se tivesse feito assado...  
587 Isso só nos faz ficar presos no passado e não nos permite combater o que sentimos nem

588 avançar. Ao aceitarmos que vivemos o que vivemos pelas escolhas que fizemos sempre  
589 nos ajuda a seguir em frente e a lutar por algo diferente daquilo que passámos e que não  
590 queremos voltar a repetir. Mesmo com o HIV, foi isso que aprendi. Cada dia é um dia  
591 novo, uma nova batalha e uma nova aprendizagem, onde tenho de lidar com o que sou,  
592 com o que me tornei pelas minhas escolhas, e trabalhar esse sentimento, procurando  
593 sempre ser melhor e não cair nos mesmos erros nem nas mesmas más decisões. [Pausa  
594 0,3 segundos] Sim. Ham... Acho que só isso. Que nos sirva de lição de vida, pelo  
595 menos, para não repetirmos.

596 **E.: Muito bem, fica registado. Então vamos terminar a nossa entrevista, ou quer**  
597 **acrescentar mais alguma coisa?**

598 **A.:** Sim, sim, tudo bem. Não. Acho que não quero acrescentar mais nada. Não, não,  
599 disse tudo o que queria.

600 **E.: Obrigado então pela sua colaboração, pela partilha da sua história e pela sua**  
601 **disponibilidade.**

602 **A.:** Ham... De nada, de nada, obrigado eu. Foi uma experiência interessante.

603 **E.: Obrigado. Até breve.**

604 **A.:** Até breve!





## **Transcrição da entrevista N°6 – Joaquim**

1 **E.: Então, o que lhe parece, podemos começar?**

2 **A.:** Sim, podemos, vamos lá começar.

3 **E.: Muito bem. Para começar, gostaria que me falasse um pouco de si, que me**

4 **falasse um pouco do seu percurso de vida.**

5 **A.:** Hum... Sim, tudo bem. Então... Ham... O que quer saber em concreto?

6 **E.: Ham... A sua idade, por exemplo, podemos começar pela sua idade.**

7 **A.:** Ah, sim, estou a ver. Ham, bom, então, tenho setenta e cinco anos.

8 **E.: Muito bem, então e em termos escolares, por exemplo, que escolaridade é que**

9 **tem?**

10 **A.:** Ah, sim, estou a ver, são aquelas perguntas de caracterização, não é? Sim, ‘tou a ver.

11 Ham, sim, então, tenho uma licenciatura, em Biologia, e escolhi essa área porque

12 sempre gostei de ciências e de coisas relacionadas com a natureza e então enveredei por

13 esta área. Ainda... ham, também, ainda frequentei um mestrado na mesma área, mas

14 durou pouco tempo. Na altura quis investir na minha formação, até porque estava há

15 algum tempo sem encontrar um bom trabalho na área, e então para não estar sem fazer

16 nada decidi investir nisso, sempre seria uma mais-valia, mas depois acabou por surgir

17 uma boa oportunidade de trabalho e acabei por desistir do mestrado poucos meses

18 depois de ter começado. Compensou-me mais do que ter terminado essa outra

19 graduação. Até acabei por trabalhar fora do país e tudo. Tive uns anos a trabalhar fora,

20 outros desempregado, mas compensou-me muito essas oportunidades de trabalho.

21 **E.: Muito bem. Então e em termos familiares? É casado? Tem filhos?**

22 **A.:** Não, não, isso não. Quer dizer, é assim, mais ou menos. Actualmente não sou

23 casado, mas já fui, e com uma mulher, sim, eu sei, mas agora só tenho um companheiro,

24 e tenho uma filha sim, desse casamento, mas não tenho mais nenhum filho, até porque

25 sou homossexual e isso torna-se mais difícil de realizar. [*Risos*] Gostava de ter tido mais

26 filhos, e ainda ponderei a adoção, mas devido à minha situação... Pronto, não cheguei a

27 avançar com a ideia e agora apenas tenho uma filhota. Vale por muitos, e é linda, mas

28 gostava de ter tido mais. Mas pronto, a vida é mesmo assim.

29 **E.: Sim? E que situação, se é possível responder, é que o impossibilitou de avançar**

30 **com esse desejo?**

31 **A.:** Ham, bem... não sei se está familiarizada com este tipo de relações... mas... eu  
32 estive numa relação que começou com duas pessoas, depois passámos a ser três, e  
33 acabamos com quatro pessoas e uma filha de todos.

34 **E.:** Sim, creio que se é o que me está a explicar, participou numa relação  
35 poliamorosa, fez parte de uma família poli. Certo?

36 **A.:** Exato, é isso mesmo. Não há muita gente que saiba o que isso é, mas sim, foi isso. E  
37 a não ser que se tenha um filho biológico, a adoção torna-se muito complicada de  
38 acontecer. Por isso ficámos só com a [*nome da filha*].

39 **E.:** Estou a ver. Então e como é que surgiu essa relação poliamorosa?

40 **A.:** Ham... então, quando eu era jovem cresci rodeado de rapazes e de raparigas, e até  
41 sabia apreciar as raparigas. E foi isso que também nos era ensinado, sabe. Os rapazes  
42 gostam de raparigas e as raparigas gostam de rapazes. E eu cumpria com o que me tinha  
43 sido passado, mas houve uma altura que comecei a perceber que gostava de rapazes, era  
44 eu adolescente, mas sempre pus essa parte de lado. Acabei por namorar com uma amiga  
45 que eu tinha na altura, na verdade a minha melhor amiga, que crescemos juntos e tudo, e  
46 ao fim de algum tempo de namorados, com a pressão da minha família, acabei por a  
47 pedir em casamento. Nisto já estava a completar a minha licenciatura, e então depois  
48 disso casámos. Como sentia um grande carinho por ela, mas também gostava de  
49 homens, achei que gostava de ambos. Tive uma fase que achei que era bissexual. Mas  
50 afinal não. Depois de estarmos casados, ao fim de um tempo, na altura quando me  
51 inscrevi no mestrado, começamos a ter algumas dificuldades, porque me custava cada  
52 vez mais manter intimidade com ela. Éramos os primeiros namorados um do outro e  
53 nunca soubemos o que era estar com outras pessoas. Acho que isso também estava a  
54 ajudar a fazer arrefecer a relação... Mas, ham... nisto ela quer começar a tentar  
55 engravidar. Tinha eu uns vinte e cinco anos, mais coisa menos coisa, e eu também me  
56 agradava a ideia de ter um filho ou uma filha, porque sempre gostei de crianças. Pronto,  
57 mas não estava a perceber bem aquela situação, porque queria ter um filho, que na  
58 verdade era uma filha, gostava da minha mulher mas não sentia que gostasse da mesma  
59 maneira que gostava de homens, e cobiçava os corpos masculinos em segredo porque  
60 não podia revelar isso a ninguém nem desgraçar o meu casamento. Ia desmoronar uma  
61 data de outras coisas. Haveria de ser lindo não é. Completamente impensável. Mas olhe,  
62 foi exactamente isso que aconteceu! O impensável! Porque depois nessa altura, quando  
63 andávamos a tentar engravidar, nós já andávamos com mais problemas, mais distantes,

64 mais frustrados por tudo e com tudo, e principalmente com a história da gravidez, e  
65 mesmo entre nós, tínhamos menos paciência. Então um dia cheguei a casa mais cedo, e  
66 pronto, ham, dei com a minha mulher na cama com outro homem. É verdade que  
67 usavam proteção, mas naquele momento não soube o que pensar. Se devia ficar feliz por  
68 sentir que não era o único insatisfeito com aquela relação, se preocupado com o que ia  
69 acontecer a seguir, se magoado porque apesar de tudo eu não a tinha traído, por mais  
70 vontade que tivesse de estar com outros homens, ou mesmo se feliz por ter sido ela a  
71 fazê-lo e eu ter uma desculpa para acabar com tudo se assim o quisesse. E enquanto eu  
72 pensava em tudo isto, enquanto processava o que estava a ver, estava e continuava  
73 estático à frente deles. Ela tapou-se, assustada, em pânico para eu não me passar, para  
74 ter calma, etc., etc., etc., e ele muito calmo, apenas me estendeu a mão e me disse para  
75 me juntar a eles. Apanhou-me verdadeiramente de surpresa. Aliás, não só a mim, como  
76 também a ela. Mas aquela frase fez-me desbloquear daquela absorção da situação que  
77 eu estava a fazer. Só tive tempo de perguntar “*Ham? O quê?*”. E logo a seguir senti a  
78 mão dele a tocar a minha, tinha ele a avançar lentamente para mim, como se estivesse a  
79 ser cauteloso, para me puxar para a cama, para o meio deles. Acho que estava em  
80 choque, mas deixei-me ir. E lembro-me dele dizer: “*Se ainda não fugiste, nem*  
81 *enlouqueceste, pode ser que gostes de te juntar a nós. Experimenta, e depois logo*  
82 *decides o que fazer. Eu gosto de ambos, pode ser que tu também gostes.*” E aquilo  
83 mexeu comigo, deixou-me revoltado e intrigado ao mesmo tempo. Fiquei tão confuso  
84 que ao mesmo tempo que me apetecia sair dali intempestivamente e a partir tudo,  
85 também me apetecia entregar-me ao momento e descobrir as palavras dele. Afinal não  
86 era todos os dias que iria ter a oportunidade de ir para a cama com um homem de forma  
87 justificada, em que ela presenciasse tudo e não levantasse suspeitas sobre nada mais.  
88 Em que não parecesse ser homossexual, mas sim uma experiência. E já agora, o que era  
89 aquilo de: “*Eu gosto dos dois, pode ser que tu também gostes*”? Mas quem raio é que  
90 diz uma coisa daquelas? A sério, aquilo mexeu comigo e acabei por me deixar ir e  
91 explorar toda aquela situação no melhor que pude. Acabamos por ter uma grande...  
92 ham... pronto, um grande momento de prazer, de fazer coisas que nem achei ser  
93 possível, e depois quando acabámos, eu disse-lhe logo, à minha mulher, que tínhamos  
94 de falar, e que ele tinha de ir embora. Lá ele se foi embora, e nós recompusemo-nos, e  
95 começamos a falar. Questionei-a sobre várias coisas, pronto, como é que ela o tinha  
96 conhecido, como é que aquilo tinha chegado àquela situação, como é que se tinham  
97 envolvido, como é que ele gostava de ambos os sexos, como é que ela podia ter-me

108 traído, como é que tudo e mais alguma coisa. Perguntei-lhe tudo e mais o possível e  
109 imaginário. Ela explicou-me que as coisas entre nós não estavam muito bem, que  
110 fazíamos poucas relações, que não andávamos muito próximos, pronto, que estávamos  
111 mais distantes e etc., e que o conheceu no trabalho dela, e que as coisas surgiram, mas  
112 que não sabia que ele era bissexual, achava que ele era heterossexual, e que aí ficou tão  
113 surpresa quanto eu. Mas que pronto, apesar de tudo que me amava, mas que também o  
114 amava a ele. Queria os dois na vida dela, que era possível, que sabia de um caso de uns  
115 tipos quaisquer que viviam numa relação poliamorosa, e que era possível haver, que  
116 resultava se as pessoas se amassem, que bastava querer e que ainda haveria mais amor e  
117 que queria isso porque não queria perder nenhum dos dois. Claro que lhe pedi tempo  
118 para pensar em tudo aquilo. Ao mesmo tempo que tudo aquilo me chocou, também me  
119 despertou os sentidos, fiquei confuso e curioso. Confuso porque não sabia nem tinha  
120 percebido nada daquilo por parte dela, nem que fosse sequer possível ela querer uma  
121 coisa assim, e curioso porque toda aquela ideia me agradou. Ter a minha mulher que  
122 dava para manter a minha melhor amiga e termos juntos os filhos que queríamos ter, e  
123 ao mesmo tempo termos outra pessoa na relação que por gostar de ambos os sexos, que  
124 nos satisfazeria aos dois, sem eu também ter de dar a minha parte de homossexual.  
125 Disse-lhe que precisava de tempo para refletir sobre isso, para pensar em tudo muito  
126 bem, mas continuava magoado com ela e que ela não podia vê-lo enquanto isto não se  
127 resolvesse. Não sabia bem o que pensar nem como é que aquilo poderia realmente  
128 resultar, ou sequer se queria mesmo a cem por cento uma coisa assim. Então e se eu não  
129 gostasse dele? Só tínhamos tido um momento de prazer juntos. Não tínhamos vivido  
130 juntos, não tínhamos tido outros encontros, não tínhamos conhecido mais nada um do  
131 outro, não conhecia os seus gostos, os seus desejos, as suas vontades, a sua  
personalidade, os seus defeitos, o seu feitio, o seu trabalho, a sua idade, nem o seu nome  
sequer. Nada, não sabia nada. Mas então porque é que me sentia tão atraído por aquela  
ideia? Pelo que único momento que o conheci e vivi com ele, ou seja, aquela relação  
sexual que tivemos os três, porque é que isso não me saía da cabeça? E eu, sairia da  
cabeça dele? Ia pôr-me numa relação a três sem saber o que ele sentia por mim? Se se  
sentia atraído por mim? Se iria gostar de mim? E se só gostasse mesmo da minha  
mulher e eu depois acabasse sozinho? E se entretanto tivéssemos o filho que andávamos  
a tentar ter, onde cabia o papel dele no meio disto tudo? Que papel iria ter ele nesse  
nascimento e criar dessa vida humana? Ela era a mãe, eu era o pai, e ele seria o quê,  
nesta relação de três? O outro pai, um tio, um primo, o padrasto? Eram tudo questões

132 que me assombravam quando pensava nessa possibilidade. Era tão mais fácil continuar  
133 só assim, nós dois, e pronto, corresse bem ou mal, ficávamos só juntos ou separávamo-  
134 nos, e pronto, agora numa relação de três, como é que ia correr? Percebe? Se uma  
135 relação de duas pessoas já dá pano para mangas, quanto mais uma relação de três, com a  
136 perspectiva de termos um filho!

137 **E.: Compreendo. Mas pelo que referiu atrás, esteve numa relação poliamorosa.**  
138 **Portanto, decidiu a favor da entrada desse terceiro elemento na vossa relação,**  
139 **certo?**

140 **A.:** Sim, sim. Acabei por expor todas as minhas dúvidas à minha mulher e juntos  
141 passámos três dias a debater essa possibilidade. Concordei com dar uma hipótese à  
142 relação a três, mas na condição de sairmos juntos durante uns meses, que durou na  
143 verdade quase um ano, sem que houvesse relações sexuais para nos toldarem o  
144 discernimento da decisão, porque já se sabe que o bom sexo é meio caminho andado  
145 para a conquista das coisas. Isso, na minha opinião, iria dar-nos tempo aos três para nos  
146 conhecermos melhor e decidir se realmente gostávamos uns dos outros a sério para  
147 fazer valer a relação a três e todos os problemas que surgiriam daí. Sim, porque não  
148 seria simples de certeza. E pronto, lá foi o que decidimos fazer. Chamámo-lo lá a casa,  
149 comunicamos-lhe o que tínhamos falado e decidido, e quisemos saber a opinião dele em  
150 relação a isto tudo. Porque ele poderia não querer fazer parte de uma coisa assim, não é.  
151 Nós dois, eu e a minha mulher, falámos entre nós dois, sobre a vontade que ela tinha de  
152 não perder ninguém e manter a relação com os dois, resultando numa relação a três, mas  
153 ainda não tínhamos falado com ele para sabermos a opinião dele. Acabou por ser  
154 positiva, mesmo sabendo da ideia de tentarmos ter um bebé brevemente, e começamos a  
155 sair juntos. Ele disse que fosse o que fosse, que só vivíamos uma vez e que era uma  
156 pessoa muito aberta a experiências, e portanto que iria tentar. Se resultasse, óptimo, se  
157 não resultasse como queríamos mas houvesse sentimento e empenho, que faríamos por  
158 isso, e se não resultasse mesmo, então amigos à mesma. Confesso que aquela forma de  
159 viver a vida me assustou e me fascinou ao mesmo tempo. Era assustador a liberdade que  
160 ele transparecia ter. Mas pronto, assim tentámos, e assim conseguimos.

161 **E.: Então e a questão do filho, como foi resolvida?**

162 **A.:** Ah, sim, então, ham, o filho afinal foi uma filha, e foi muito bem resolvida. Passado  
163 aí umas duas ou três semanas de começarmos a sair juntos, ela começou a andar muito  
164 enjoada e decidimos fazer exames para ver se ela tinha conseguido engravidar. Pronto,

165 resumindo, deu positivo, ficámos muito felizes, mas depois fiquei preocupado porque  
166 receava que pudesse não ser minha. A verdade é esta, tudo aquilo era uma loucura.  
167 Quem me dizia a mim que não seria minha? Mas pronto, conversámos, ela disse que  
168 não, que nunca tinha feito sexo com ele sem proteção, e que a filha era mesmo minha.  
169 Ainda assim, quando ela nasceu, tinha eu vinte e oito anos, aproveitámos e tiramos as  
170 teimas. Felizmente, era mesmo minha! [*Risos*] Actualmente ela já tem quarenta e sete  
171 anos, e vive a sua vidinha muito bem, muito bem resolvida, não ficou danificada em  
172 nada por causa de nós, e até já tem os seus filhotes. Um menino e uma menina. Somos  
173 uns avós babados, mas ela vive longe, o que não facilita a convivência com as crianças.  
174 Não tenho mais filhos, mas podia ter os meus netos. Mas pronto, não faz mal. Mas é  
175 engraçado, ela saiu mais ciumenta e por isso diz que não se imagina numa relação  
176 poliamorosa. [*Risos*] Quanto a isso apenas lhe respondi que eu também não, nunca tinha  
177 imaginado e olhem agora onde eu andava! Mas não, isso foi bem resolvido. Mesmo  
178 entre nós os três, ela era a mãe, e nós éramos os pais. Eu era o pai [*nome do*  
179 *entrevistado*], e ele era o pai [*nome do companheiro*]. Foi uma miúda muito amada,  
180 muito bem-educada, porque todos nós concordávamos com os valores partilhados entre  
181 os três, o que poupou muito conflito, e teve sempre muito apoio em tudo. Porque não  
182 éramos só dois, éramos três. Estava sempre acompanhada, revezávamo-nos entre os três  
183 para ela não estar sozinha, para não precisar de nada, ser acompanhada em tudo a todos  
184 os níveis, e cresceu sempre feliz, com uma mente muito aberta para tudo, muito  
185 tolerante. Lá está, porque ela cresceu naquele ambiente, não conhecia nenhum ambiente  
186 diferente deste, não sabia o que era ter uma relação de pais monogâmicos. Claro que  
187 acabámos por sofrer um pouco com a exposição porque ela, à medida que ia crescendo,  
188 os coleguinhas da escola iam sabendo que ela tinha uma mãe e dois pais. Era algo que  
189 fazia muita confusão a toda a gente. Não condeno, até a mim me tinha feito confusão na  
190 altura, mas era uma escolha nossa, por isso, acho que tinha de haver respeito. Mas  
191 pronto, resolvemos sempre todos os problemas, as faltas de respeito, sempre a  
192 protegemos muito nesse sentido também, o melhor possível para que ela não fosse  
193 afetada, não fosse alvo de gozos, humilhações, perseguições, maldades, fosse o que  
194 fosse, porque os miúdos são cruéis, e os pais deles às vezes também ou ainda piores.  
195 Mas ela até cresceu bem. Viveu sempre rodeada de amor e carinho, porque nos dávamos  
196 sempre bem, e se havia algum conflito, porque ninguém está livre disso, ou então é um  
197 ser amorfo, pronto, não o resolvíamos diante dela. Fazíamos-lo em privado. E  
198 continuamos a fazer relações a três, algo que se tornou mais intenso ainda, porque nos



199 conhecíamos cada vez melhor, porque sabíamos cada vez mais o que é que cada um  
200 gostava e isso também nos juntou mais.

201 **E.:** Estou a ver. Então e o quarto elemento que referiu no início? Como é que se  
202 juntou à relação?

203 **A.:** Ah, sim, ham, pronto, então, ao fim de... ham... deixe-me lá ver... ham... ao fim  
204 de uns dez anos juntos, uns dez, onze, doze, olhe, não sei ao certo, começámos a  
205 aproximarmo-nos mais de uns e menos de outros. Ou seja, a minha mulher andava mais  
206 cansada, andava com problemas no trabalho, porque tive mudado de trabalho agora  
207 andava a trabalhar mais horas e exigia mais dela, e então passava menos tempo em casa,  
208 e quando passava pronto, nem sempre tinha cabeça para tudo o que queríamos fazer,  
209 como fazer planos a três, relações sexuais, passear, ir jantar fora como casal, leia-se, os  
210 três, pronto, tudo isso. Acho que acabou por se distanciar de nós. Mas atenção, não era  
211 por sermos um casal de três que significava que tínhamos de fazer tudo a três. Fazíamos  
212 por isso, mas se nos desse vontade de fazer coisas a dois, também fazíamos. Mas claro,  
213 isso também pode traduzir-se num ciúminho por parte de quem fica de fora. E acabámos  
214 por nos aproximar mais eu e o [*nome do companheiro*], do que os três em concreto.  
215 Pronto, com o tempo já tínhamos relações sexuais só os dois, planos a dois com a nossa  
216 filha, pronto, esse tipo de coisa. Cada vez mais coisas a dois do que a três, como  
217 tínhamos no início da nossa relação poliamorosa. E ham... Lembro-me que há um dia  
218 em que ela chega e nós dois decidimos falar com ela para nos aproximarmos de novo,  
219 porque se continuássemos assim, creio que iríamos acabar por nos separar, mais ano  
220 menos ano. Quando falámos com ela, explicámos tudo isso que lhe referi agora, e ela  
221 percebeu, e disse que também tinha de ser honesta. Acontece então que ela tinha voltado  
222 a conhecer outra pessoa, também no trabalho, que também era bissexual,  
223 aparentemente, e que também gostava dela como gostava de nós. Nisto acabamos por  
224 debater tudo isto, como é que seria, como é que iria resultar, porque dois já difícil, três é  
225 complicado demais, e quatro seria praticamente impossível. Que papel é que teria nas  
226 nossas vidas, na vida da nossa filha, agora adolescente quase adulta, nos seus dezasseis  
227 ou dezassete anos, creio eu, como é que ia participar na vida dela, e em tudo, pronto. E  
228 mesmo nas relações sexuais, como é tal seria. Ou sequer se seria, se faríamos uma  
229 relação mesmo a quatro, a todos os níveis, incluindo intimamente, ou se ela faria dali  
230 uma relação a dois. Decidimos então conhecê-lo, e ele acabou por gostar de nós, ela  
231 também queria manter a relação connosco, e é claro que nisto tudo houve alguns

232 ciúmes, que foram resolvidos dentro do melhor possível, e dia após dia, íamos tentando  
233 fazer com que resultasse. No sítio que vivíamos, num terreno com uma vivenda,  
234 tínhamos espaço para todos nós, por exemplo, tínhamos dois quartos de casal e cinco  
235 quartos individuais. Com tudo o que ganhávamos, conseguimos sempre fazer obras  
236 sempre que precisamos de aumentar espaço, e foi o que fizemos. Num dos quartos de  
237 casal tínhamos uma cama gigante, mas gigante mesmo, para que fosse possível  
238 dormirmos os quatro juntos, isto se assim o quiséssemos. Depois no outro quarto de  
239 casal, a cama era mais pequena, se quiséssemos dormir menos, ou uns num quarto e  
240 outros noutro, se houvesse algum jogo, algum arrufo, fosse o que fosse, e depois nos  
241 cinco quartos individuais, era um para cada um, ou seja, um para cada um de nós os  
242 quatro, caso quiséssemos estar sozinhos ou estivéssemos zangados ou fosse pelo que  
243 fosse, era importante termos os nosso espaço individual para cada um de nós, e o outro  
244 quarto, o quinto quarto individual, era o quarto da nossa filhota. Os quartos individuais  
245 eram no piso de baixo da vivenda, juntamente com a sala, a cozinha, e as três wc's, e os  
246 outros dois quartos de casal eram no piso de cima, juntamente com duas wc's e um  
247 terraço. Como esses eram mais... vá, ham, os quartos do amor, vá, quisemos proteger  
248 um pouco mais a nossa intimidade da vivência da nossa filha, para podermos ter mais  
249 privacidade e para que ela também não tivesse de crescer demasiado rápido numa  
250 realidade de uma sexualidade elevada. Ham, mas sim, acabámos por ser então quatro  
251 elementos nessa relação, mais a nossa filha, que agora era a filha de todos. E ela até  
252 reagiu bem à entrada desse quarto elemento na família. Avaliamos tudo muito bem,  
253 mesmo a forma como eles se davam, como ele a tratava... tudo isso. Só depois de  
254 passar a todos esses parâmetros que tínhamos estabelecido, tal como tínhamos  
255 estabelecido para o terceiro elemento na altura, só depois disso é que ele passou a  
256 pertencer à família e a viver lá em casa. Mas acho, agora pensando bem, acho que a  
257 minha mulher percebeu que eu devia ser mais homossexual do que bissexual, como eu  
258 fiz crer na altura, no início, porque quando éramos íntimos os quatro, eu desfrutava mais  
259 deles do que dela. Portanto... pronto, acho que era um pouco óbvio. Mas acho que  
260 nunca me apontou nada nesse aspecto porque sempre teve o dela, nunca lhe faltou, por  
261 isso... [Risos]

262 **E.: Sim, sim, estou a ver. Então, mas atualmente só vive com o seu companheiro,**  
263 **como referiu no início. O que aconteceu para a relação poliamorosa se desfazer?**

264 **A.:** Ham... Bom, é assim, eu acho que é possível sim, uma relação poliamorosa manter-  
265 se até ao fim, mas acho que isso depende das pessoas. Ou seja, depende no sentido em  
266 depende das pessoas, do que elas fazem, das suas atitudes, dos seus esforços, dos seus  
267 empenhos... Mas ao mesmo tempo também depende das orientações sexuais das  
268 pessoas. Ou seja, deixe-me explicar aqui, reformular aqui isto melhor para perceber,  
269 pelo menos no nosso caso. Então, lembra-se de eu lhe ter dito que na altura que  
270 apareceu o quarto elemento, eu e o [*nome do companheiro / terceiro elemento*] nos  
271 estávamos a aproximar cada vez mais?

272 **E.:** Sim, sim, recordo-me sim.

273 **A.:** Pronto, continuámos muito próximos na mesma, mesmo com a aproximação da  
274 minha mulher, e mesmo com a entrada do quarto elemento, e depois com o desenvolver  
275 dessa relação. E acontece que eu e ele continuámos a melhorar a nossa relação os dois,  
276 enquanto que creio que o quarto elemento era mais heterossexual com curiosidade  
277 sexual e aberto a experiências, do que propriamente bissexual, como o terceiro  
278 elemento. Quando estávamos juntos os quatro sexualmente, e sim, sei que soa mais a  
279 fazer uma orgia do que participar numa relação de fazer amor, mas era isso que  
280 fazíamos, mas dizia, quando estávamos juntos os quatro, enquanto que eu ficava mais  
281 junto e dedicado ao terceiro elemento, a minha mulher e o quarto elemento focavam-se  
282 também mais um no outro. Pronto, acariciávamo-nos os quatro, e tal, e pronto, mas com  
283 o tempo começamos a dedicarmo-nos mais a outros elementos especificamente. Foi o  
284 que aconteceu. Até que chegou a uma altura em que decidimos sentar-nos a conversar  
285 sobre isso, já a nossa filha tinha saído para a universidade, o que também facilitou tudo,  
286 mas sim, conversámos e decidimos que se calhar tínhamos de tentar perceber se a  
287 relação a quatro ainda funcionava, ou se deveríamos focarmo-nos uns nos outros e  
288 sermos mesmo felizes uns com os outros. Durante um ano ou que foi ainda aguentámos  
289 os quatro, mas depois... pronto, pouco tempo depois disso já não dava muito resultado.  
290 Acabámos por separar-nos os quatro, mas tudo amigavelmente, porque concordávamos  
291 os quatro que não estava a ser o mesmo, e decidimos mudar os quatro de casa e ir para  
292 apartamentos mais para a zona urbana. Venderíamos a vivenda, viveríamos perto uns  
293 dos outros, porque apesar de tudo, ainda que não funcionasse sexualmente e em termos  
294 de relação, continuávamos a ter uma boa relação, a sermos amigos, apenas já não havia  
295 aquele sentimento... e também a nossa filha compreendeu e apoiou tudo isto, todo este  
296 processo, e continuamos a dar-nos todos bem, a juntarmo-nos ao fim-de-semana para

297 fazermos alguma refeição todos juntos, e também resultou em melhorarmos as nossas  
298 relações. A minha mulher, pronto, vá, ex-mulher, ficou com o quarto elemento que tinha  
299 entrado na nossa relação, e eu acabei por ficar com o terceiro elemento da nossa relação.  
300 Nisto também acabei por assumir a minha homossexualidade, não é, agora não havia  
301 mulher nenhuma que justificasse a minha bissexualidade inexistente! [*Risos*] Acho que  
302 já não chocou ninguém, porque a esta altura, nesta fase das nossas vidas, já todos  
303 tinham sido chocados em todos os aspetos antes de chegarmos àquela fase! Agora já  
304 não havia novidades chocantes! [*Risos*]

305 **E.: Sim, estou a ver! [*Risos*] Então agora vive apenas com o seu companheiro,**  
306 **certo?**

307 **A.:** Sim, sim, agora somos só nós dois. E não ponderamos a entrada de mais ninguém  
308 na relação. Nesta fase, para nós pelo menos, já não faz tanto sentido procurarmos  
309 pessoas para integrarem a nossa relação. Já somos dois há muitos anos, porque ficámos  
310 juntos, só nós dois, desde essa altura, desde o fim dessa relação, e por isso não justifica  
311 arranjar-se outro elemento para tal. Conhecemo-nos demasiado bem para necessitarmos  
312 de outro elemento para apimentar, ou seja o que for, a nossa relação. Agora namoramos  
313 os dois, bastante até, e aproveitamos ao máximo a vida, vivemos ao máximo e  
314 namoramos ao máximo. Sei lá eu quando vou morrer. Até lá aproveitamos para viver na  
315 nossa casinha, os dois, o melhor que podermos!

316 **E.: Então a ideia de um lar não lhe passa pela ideia, por exemplo?**

317 **A.:** Um lar? Como assim? De ir para um lar? Não, nem pensar. De todo, mesmo. Quer  
318 dizer, acho que ninguém pondera isso assim. Não é algo que pondere para mim, pelo  
319 menos.

320 **E.: Que perceção é que tem sobre os lares para ter essa opinião, se é que é possível**  
321 **perguntar?**

322 **A.:** Oh, então, estou velho mas não estou morto! Vou para um lar fazer o quê? Porque é  
323 que haveria de querer ir para um lar se só a ideia de um me tolda logo a felicidade? Não,  
324 gosto de lares. Não gosto por tudo o que conheço deles. Já viu bem as notícias que  
325 vemos sobre isso? “*Idoso é espancado por...*” ; “*Idoso é humilhado ou maltratado*  
326 *por...*” ; “*Idoso é negligenciado devido a...*” ; “*Idoso gay é perseguido porque...*”.  
327 Não, nem pensar. E repare, até acredito que sejam casos pontuais, que possam ser casos  
328 ou situações que tenham acontecido aqui e ali, notícias que sejam exageradas pelos

329 jornais ou pelos noticiários para vender mais, e que até haja lares que não sejam ou não  
330 funcionem assim, mas repare, se eu posso viver em casa, com o meu companheiro, que  
331 para mim é como meu marido, que não tenho de me sujeitar a uma coisa dessas, porque  
332 é que eu haveria de ponderar um lar? Uma coisa era eu não ter mesmo ninguém, não ter  
333 condições de viver sozinho, não ter forma de me sustentar, não conseguir manter-me  
334 aqui em casa, agora, isso não é o caso! Se eu ganho de reforma perto de 1.300€, mais a  
335 reforma do meu companheiro, que também é perto destes valores, juntos temos mais do  
336 que condições, pelo menos económicas, para não precisarmos de nada. Olhe, temos  
337 empregada para nos limpar a casa, pelo que não nos preocupamos com nada disso, a  
338 nossa roupa é toda passada e lavada por uma senhora a quem pagamos esse serviço, que  
339 vem cá a casa buscar e trazer tudo todos os dias para tratar, e o comer, ora vamos comer  
340 fora, ora encomendamos alguma coisa para comermos aqui em casa, ou cozinhamos nós  
341 se nos apetecer, mas pronto, como vê, não precisamos de nos preocupar com quase  
342 nada. Podemos usufruir a vida com o descanso e o prazer que temos direito de usufruir  
343 nesta fase das nossas vidas. Porque é que iria para um lar para depois seguir as regras  
344 dos outros? Comer o que me querem dar? Às horas que impõe para todos? Seja para  
345 comer, seja para os banhos, seja para dormir, seja para ter visitas, seja para passear e  
346 entrar, seja para tudo? Quero ver televisão, só existem os quatro canais, porque para eles  
347 aquilo é tudo uma cambada de velhos que só gostam de ver os quatro canais e os  
348 programas da manhã e da tarde de entreter o arco-da-velha, porque não há filmes, não  
349 há séries, não há canais diferentes, nada. Se queremos ir passear, temos de dizer a umas  
350 cinquenta pessoas onde é que vamos, a que horas vamos, porque é que vamos, a que  
351 horas voltamos, com quem vamos, e é se for autorizado sairmos, porque se algum deles  
352 decidir que não podemos sair seja porque motivo for, então não podemos sair e pronto.  
353 Seja porque está a chover e podemos escorregar e cair, partir a anca e morrer de  
354 hipotermia no chão à espera de ajuda, seja porque nos podemos perder e depois  
355 ninguém sabe de nós, seja porque está calor e podemos desidratar e não podemos andar  
356 ao calor, seja porque podemos tropeçar ou ser atropelados... Sei lá, até pode ser porque  
357 o Papa espirra e faz vento aqui e apanhamos essa corrente de ar e ficamos com uma  
358 pneumonia qualquer, e pronto, têm de tratar de nós senão podemos morrer. Quer dizer,  
359 isto é um absurdo! E a comida! Quanto muito há a opção de carne ou peixe, quando há,  
360 temos de comer tudo, de comer sopa, fruta, de comer o que nos dão porque ali não é  
361 nenhum restaurante, tudo com adoçante porque o açúcar faz mal, ou tudo sem sal  
362 porque o sal faz mal, ou sem limão ou sem temperos porque depois faz azia, refluxo,

363 dores de estômago, ou raio que parta que seja! Quer dizer, e se não quiser comer nada  
364 daquilo? Ou àquelas horas? E se não me apetecer comer nada sequer? Não, isso mexe  
365 comigo profundamente. E as horas do deitar e do acordar. Meu Deus, mas o que é isso!  
366 E se eu não quiser acordar àquela hora? E se quiser acordar mais cedo? Posso andar ali  
367 a fazer a minha vida, a despachar-me para depois ir fazer o que quiser? Ir logo tomar o  
368 pequeno-almoço? Ir passear? Ou se me apetecer ficar na cama, posso ficar a dormir até  
369 mais tarde? Quando acordar ainda vou ter direito a pequeno-almoço? E posso sequer? E  
370 se não houver nada daquilo que quero? Tenho que comer apenas o que há porque assim  
371 querem que seja? E tenho de comer naquele sítio, naquele refeitório, com aquele cheiro  
372 horrível a comida, a alumínio ou inox ou lá raio que parta que seja? Não, não. Então eu  
373 em casa às vezes acordo seja tarde ou seja cedo, vou fazer o pequeno-almoço que me  
374 apetece e às vezes vou comer na cama, com o meu tabuleiro, ou no sofá, a ver televisão,  
375 seja no quarto, seja na sala, seja na cozinha! Como à hora que quero, o que quero, e  
376 como quero. Esta arbitrariedade é um poder gigante. É de um valor fenomenal que não  
377 tem preço. Que ninguém nos deveria poder tirar. É isto que nos faz ser quem somos,  
378 todos seres individuais uns dos outros, diferentes uns dos outros, com horários, gostos,  
379 vontades, desejos, tudo, tudo diferente uns dos outros. Porque é que teria de fazê-lo de  
380 forma igual a toda a gente? Percebo que seja mais fácil para as pessoas que trabalham  
381 num lar, até porque eu sou uma pessoa muito independente, e que ‘tou muito bem de  
382 saúde, ainda muito ágil, muito bem, mas sei que há pessoas que não estão e que aí é  
383 difícil e tem que haver alguma ordem para se chegar a tudo e a todos, mas a mim faz-me  
384 tudo muita confusão. E a pessoas, meu Deus, as funcionárias então... a forma como  
385 falam com os velhotes! Ou falam de forma bruta, como se fossem uns nacos velhos ou  
386 objectos, ou falam como se fossem crianças, infantilizam-nos de uma forma absurda!  
387 Não acho normal! E depois gozam com tudo, são mexeriqueiras, falam mal de tudo e de  
388 todos, das vidas das pessoas, não respeitam a privacidade que as pessoas têm, que por  
389 sua vez já têm de partilhar quartos não sei quantas outras pessoas, nem podem escolher  
390 com quem querem ficar ou se querem sequer partilhar o quarto! E os casais? E as  
391 pessoas que são homossexuais ou lésbicas ou seja lá o que for? Como é que essas  
392 pessoas vivem o dia-a-dia delas? Olhe, eu não sei se me sentiria à vontade para ser o  
393 meu eu todos os dias! E se me humilhassem? Se me perseguissem por causa disso? Se  
394 fosse alvo de fosse o que fosse? Opa, não, não acho que haja necessidade alguma de  
395 passar por algo assim. De todo. Até porque depois como é que fazia com o meu  
396 companheiro? Como é que vivíamos os dois a nossa intimidade? Podíamos ficar juntos

397 no mesmo quarto? Podíamos ficar sequer juntos no mesmo lar? E podíamos namorar  
398 ali, como namoramos em casa? Podíamos fazer a nossa rotina, manter os nossos  
399 hábitos, fazermos as coisas que gostamos, que nos fazem felizes, irmos passear,  
400 comermos o que quiséssemos, onde quiséssemos e às horas que quiséssemos, como  
401 fazemos aqui em casa? E a nossa privacidade? Podíamos ficar a namorar? Podíamos  
402 andar de mãos dadas? Podíamos trocar beijinhos? Podíamos estar no quarto a fazer  
403 amor? Olhe agora o caso, por acaso íamos os dois para o mesmo lar, e vá, até podíamos  
404 ter o mesmo quarto, e por obra e milagre do Espírito Santo, até podíamos namorar, e  
405 agora de repente tínhamos interesse em criar uma relação novamente poliamorosa com  
406 outro elemento, que por acaso e pela raridade do mundo, também fosse homossexual,  
407 vá, ou bissexual, ou transsexual que gostasse de homens, e que quisesse estar connosco  
408 porque se interessou em nós, porque demos abertura para isso, porque nos interessámos  
409 nele também, e os três, juntos, queríamos criar uma relação a três! Acha que isso seria  
410 possível sequer? Não!! Mas é claro que não! Algo assim num lar, uma coisa dessas  
411 dificilmente é bem aceite no mundo de adultos aqui fora, quanto mais num lar onde há  
412 mais mentes conservadoras e preconceituosas que sabe Deus o que lhes passa pela  
413 cabeça! Não, seria muito complicado! E fosse homem ou fosse mulher! Uma relação  
414 poliamorosa implica sempre haver mais do que dois elementos numa relação, pelo que  
415 isso já uma coisa fora da normalidade, e que já mexe muito com as mentes das outras  
416 pessoas e portanto, já cria comichões, quanto mais agora ser uma relação só de três  
417 homens, ou só de três mulheres, ou de não sei quantos homens e não sei de quantos  
418 mulheres! Isso é uma coisa que é pouco vista, que é muito condenável, que é mal vista  
419 pelos que estão de fora! E às vezes é até condenável por pessoas que gostavam de ter a  
420 coragem de fazer o mesmo ou de ter a coragem de participarem numa coisa deste  
421 género. Por isso agora digo, acha mesmo que isso, tudo isto que referi, cativa alguém a  
422 ir para um lar se puder ficar em casa? Eu não iria. E não vou. Se puder fazer de tudo  
423 para o evitar, não vou mesmo. E desculpe que sei que me exaltei um pouco, mas é um  
424 assunto que mexe muito comigo.

425 **E.:** Compreendo. Não tem problema. Já fiquei com uma percepção da sua noção  
426 acerca dos lares.

427 **A.:** Sim, pronto, bem, é isso que eu acho, pelo menos. Prefiro viver em casa, com o meu  
428 companheiro, viver como quero e ao máximo, até ao fim, namorar muito, usufruir  
429 muito.

430 **E.: Claro. Então e nesta fase da sua vida, a sexualidade continua a ter importância**  
431 **para si?**

432 **A.:** Claro, sim, sem dúvida! Porque é como lhe digo, quero e faço questão de continuar  
433 a namorar, e muito, a usufruir, a viajar, a viver bem, e a partilhar tudo com o meu  
434 companheiro. Estamos juntos desde a nossa relação a quatro e por isso... Claro que a  
435 sexualidade continua a ter muito peso. Foi o meu companheiro desde sempre, e sempre  
436 tivemos uma sexualidade muito forte, muito ativa, muito intensa. Tanto ele como eu. E  
437 repare, praticamente tudo o que aprendi, foi com ele, não é? Não me posso esquecer que  
438 na altura eu namorei com uma mulher, casei com uma mulher, tive uma filha com uma  
439 mulher, e tive relações com uma mulher. Porque achei que tinha de o fazer, porque fui  
440 ensinado a que era assim que tinha de ser e que não havia uma outra alternativa. Foi  
441 com ele que descobri tudo pela primeira vez, que aprendi tudo, que aprendi como amar  
442 outro homem. E mantemo-nos juntos até hoje. Por isso sim, para mim mantém-se como  
443 uma coisa importante, e creio que se há-de manter sempre, porque o sentimento é muito  
444 forte.

445 **E.: Sim, compreendo. E que noção tem acerca dos comportamentos sexuais de**  
446 **risco?**

447 **A.:** Oh, bem, ham, tenho algum não é, sei que os riscos existem. Eu com a minha  
448 mulher, aliás, ex-mulher, usei sempre preservativo, tivemos sempre precaução, até  
449 percebermos que queríamos ser pais e que éramos exclusivos. Aí deixamos de usar  
450 precauções. Mas por exemplo, quando descobri que ela estava envolvida com o terceiro  
451 elemento, por acaso a grande preocupação que tive foi se ela usava proteção, não só  
452 porque não queria que o filho que queríamos ter fosse de outra pessoa, como também  
453 não queria depois saber que tinha apanhado alguma doença que fosse por causa deles.  
454 Na altura exigi fazermos exames a tudo nesse sentido, para descobrir se ela tinha sido  
455 sincera quando me disse que tinha usado sempre proteção, e para saber se estava eu  
456 mesmo salvaguardado nesse sentido. Os exames chegaram, e deram todos normais, ou  
457 seja, nenhum de nós tinha contraído nada em termos de doenças. Depois quando se  
458 decidiu que o terceiro elemento iria juntar-se a nós na relação, ou seja, o meu atual  
459 companheiro, desde essa altura, também ele se submeteu a exames para se tirar tudo a  
460 limpo e se garantir que não haveria surpresas nenhuma depois para nós. Os resultados  
461 vieram e também deram todos como normais, dentro do expectável. Ainda assim,  
462 decidimos usar sempre preservativos entre nós, porque foi mesmo uma exigência



463 minha. Porque é assim, se de dois passamos a três inesperadamente, então qualquer um  
464 poderia acabar por se envolver com outro qualquer e haver desproteção nesses  
465 momentos. Logo, assim estaríamos sempre protegidos dentro da nossa relação. Ou seja,  
466 como entre nós os três usávamos sempre preservativo, a não ser eu e a minha mulher  
467 quando era para engravidar, assim estaríamos sempre precavidos se tivesse havido  
468 algum deslize por parte de algum de nós com outra pessoa qualquer. E ainda bem que  
469 assim foi, porque assim sempre nos protegemos fielmente. E pronto, depois quando  
470 apareceu o quarto elemento repetimos o processo todo. Todos fizemos exames, nós os  
471 quatro, e continuamos a usar preservativo entre todos. Depois, pelo menos anualmente  
472 fazíamos sempre exames de rotina para garantir que todos estávamos bem de saúde e  
473 que não seríamos riscos uns para os outros. Aliás, ainda agora, com o [*nome do*  
474 *companheiro*], continuamos a fazer isso. Usamos preservativo, ainda que seja honesto e  
475 haja algumas vezes que passem esquecidas, tenho que dar a mão à palmatória, e também  
476 continuamos a fazer exames anualmente para garantirmos a nossa saúde. Já a minha ex-  
477 mulher também faz o mesmo com o companheiro dela, que era o quarto elemento da  
478 relação. Lá está, é uma forma de precaução, mas às vezes pode não ser suficiente. Mas  
479 tentámos e tentamos sempre ter esse cuidado.

480 **E.: Muito bem. Estamos a chegar ao fim da nossa entrevista. Quer acrescentar**  
481 **algo que se tenha esquecido, relativamente a algum tema que tenha sido abordado,**  
482 **ou que se lembre e queira registar?**

483 **A.:** Ham... Oh, só fazer talvez aqui uma ressalva... Quando falo nas pessoas como  
484 terceiro ou quarto elemento, não é que as pessoas tivessem essa categorização dentro da  
485 relação. Faço-me entender? Portanto, não é que fossem o terceiro ou o quarto dentro da  
486 relação. Não, não é nada disso. Fi-lo e disse-o no sentido de tentar simplificar a  
487 explicação da situação em si, porque explicar isto a uma pessoa de fora, que não  
488 acompanhou a história, e em que também não aparecem nomes e não posso nem quero  
489 dizer nomes para poder distinguir as pessoas, tive de arranjar uma forma de tentar  
490 simplificar aquilo que queria explicar para que fosse compreensível sem se tornar numa  
491 salganhada, numa confusão de indivíduos, sem que se percebesse bem o que se tinha  
492 passado ou como aconteceu ou funcionou tudo isto. Percebe?

493 **E.: Sim, sim, claro. Fique descansado, eu percebi. Mas a ressalva ficou registada.**

494 **A.:** Pronto, obrigado então. Era só isso que queria deixar claro, lembrei-me disso há  
495 bocado.

496 **E.:** Bem, então vamos terminar aqui a nossa entrevista. E gostaria de aproveitar  
497 para lhe agradecer a sua participação, colaboração e disponibilidade.  
498 **A.:** De nada.



## **Transcrição da entrevista N°7 – Mário**

1 **E.: Ora, sente-se pronto para começar?**

2 **A.: Sim, sim, sinto.**

3 **E.: Muito bem. Para começar, gostaria que me falasse um pouco de si, que me**  
4 **falasse um pouco do seu percurso de vida.**

5 A.: Sim, ham... bem, ham... Tenho setenta e um anos e sou pescador, quer dizer, agora  
6 não, já não, porque já me reformei, mas assim muito de vez em quando ainda vou ao  
7 mar... Sempre fui. Pescador. Sempre fui pescador. É uma profissão de família, já o meu  
8 pai e o meu avô eram, e eu tive de ser também, porque era negócio de família. E  
9 comecei cedo. Por acaso como cresci rodeado desta vida, não me fez muita espécie, 'tá  
10 a perceber, mas na verdade gostava de coisas mais ligadas à agricultura. Mas pronto, na  
11 altura o mar dava muitas épocas de dinheiro, não havia estas leis que há agora, das  
12 proibições disto e daquilo, e então quantas mais mãos fossem para o mar no bote,  
13 melhor. Íamos pescar, apanhávamos tanto peixe quanto fosse possível, de tamanho e de  
14 variedade, mas focávamo-nos mais naqueles que sabíamos que valiam mais cá fora e  
15 que eram mais procurados, e ham... ficávamos dias inteiros fora. Acordávamos de  
16 madrugada, comíamos bem o que houvesse, levávamos umas merendas com a gente, e  
17 lá íamos para o mar, madrugada fora, até deixar de dar peixe. Havia dias que valiam por  
18 dois ou três, mas também havia outros que nem na manhã o peixe picava. Sabíamos  
19 logo quando é que já não valia a pena insistir, ficar ali a moer naquilo, porque era  
20 desperdício de isco, e de combustível também. Estas coisas também são gastos, não é,  
21 ham... Tudo se gasta e tudo se poupa. Por isso sempre fomos de aproveitar o que era da  
22 gente, sempre evitámos de gastar em vão. E lutávamos muito, todos os pescadores no  
23 geral, mas a gentes três, o meu pai, o meu avô e eu, lutávamos muito para termos o  
24 maior lucro possível. E chegámos a trazer muito dinheiro para casa, para as nossas  
25 famílias. Mas digo-lhe, tornou-se muito ingrato com o passar dos anos. Sempre foi uma  
26 vida mais sofredora, mais difícil, e depois de tanta luta e tanto esforço, tantos riscos que  
27 passávamos, porque íamos para o mar mesmo com más condições temporais, se isso  
28 assim fosse preciso, para quê? Para depois também ter uma reforma de uma miséria?  
29 Acabo com trezentos e poucos euros... Se não fosse o meu filho, bem que me tinha de  
30 desenrascar à fava.

31 **E.: Compreendo, é complicado. Então e é casado? Um filho já percebi que tem,**  
32 **mas tem mais?**

33 A.: Não moça, agora já não sou casado, mas já fui, e fui com uma mulher. Sabe que isto  
34 os pescadores aqui, e mesmo no geral, e mesmo na minha família, aí então... é tudo  
35 muito conservador. Não se podia gostar de homens. Que é o meu caso. Agora veja lá,  
36 pense lá, pense lá no que seria ir para o mar num barco, às vezes pequenos, outras vezes  
37 médio, outras vezes grande, dependia de quem ia e das alianças que fazíamos para  
38 termos mais mãos e mais lucro, que depois era dividido por todos, mas pronto, num  
39 barco, fosse de que tamanho fosse, ir para o mar cheio de homens, um dia inteiro e às  
40 vezes mais do que isso. Em que um dos homens era *gay*. Imagina o caos que se  
41 levantava? Uma pessoa levava logo uma tarefa, como eu cheguei a levar! Mas isto  
42 repare lá, nem era um cenário possível, essas coisas ali naquele trabalho não existiam.  
43 Homens ali... era tudo macho, eram todos machos que deixavam as mulheres em casa  
44 para irem trabalhar um dia em inteiro fora enquanto elas ficavam com as casas, com as  
45 refeições e com os filhos. Quando voltavam tinham que ter uma refeição na mesa e sexo  
46 antes do outro dia começar. Lembro-me do meu pai ser assim, e de como ele, era o meu  
47 avô também. E outros colegas também, que também se tornavam nossos vizinhos. Claro  
48 que eu sabia que era... pronto, que gostava de homens, aí talvez desde os meus treze ou  
49 catorze anos, mais coisa ou menos coisa. Mas com a família que eu tinha, como é que  
50 podia dizer uma coisa dessas? Que gostava de homens? Não, não, não, nem era possível  
51 sequer. Claro que tive de manter esse meu lado escondido, não disse a ninguém nunca, e  
52 casei com uma mulher lá filha de um outro pescador amigo do meu pai e do meu avô. A  
53 mulher até nem era feia, pelo contrário, era bonita, e jeitosa, um bocadinho assim roliça,  
54 mas pronto, não passava disso. Não me atraía. Casei com ela não foi pelos bonitos olhos  
55 azuis dela, casei sim por mim, para me proteger, para me esconder, e também por ela,  
56 porque era nova e ainda não tinha casado. Juntou-se o útil ao agradável e juntaram-nos  
57 os dois. Pronto, depois lá juntámos os trapinhos e começou-se as conversas das porras  
58 dos netos e doas netas, principalmente da minha mãe e da mãe dela. Mas acho que a  
59 família dela era pior. Mas pronto, ham... Lá a gente começou a tentar fabricar o raio das  
60 crianças, que na altura me custou mais que tudo, e também não me atraía por ela, por  
61 isso tinha que justificar a minha falta de interesse. A miúda até era meiga, lá acreditava  
62 quando eu lhe dizia que não tinha vontade porque estava cansado, que tinha tido um dia  
63 muito cansativo, ou que tinha dificuldade em... em... ham... em... pronto, em ter  
64 relações, em manter, porque andava stressado com a pesca e com problemas de dinheiro  
65 e etc., por aí, pronto. Mas quando as desculpas começavam a falhar, lá tinha de “o tirar  
66 para fora” e obrigá-lo a trabalhar contra vontade. E foi assim que tive os meus dois

67 filhos. Acabaram por ser as minhas bênçãos, ainda hoje a um deles devo quase tudo,  
68 mas que foi difícil foi. Até porque fui pai com os meus vinte e um anos, do meu  
69 primeiro filho, e com quase vinte e três do segundo filho, e na altura foi muito difícil  
70 para mim, porque estava a tentar descobrir-me e a lidar com muita coisa. Acho que  
71 acabei por não estar tão presente quanto devia ter estado, mas compensei depois. Com  
72 eles já depois dos cinco anos passei a estar muito mais presente. E fui um pai muito  
73 diferente do que o meu pai e o meu avô foram para mim. Fui mais compreensivo, mais  
74 meigo, mais presente, mais liberal. Por exemplo, em relação aos trabalhos. A pesca era  
75 tradição, mas nenhum deles gostava disto para fazer disto vida. Ia obrigá-los a trabalhar  
76 nisto para quê? Para não serem felizes? Não, achei melhor não o fazer, e deixei-os  
77 seguirem os seus caminhos. Se eles forem felizes, eu também sou.

78 **E.: Muito bem. Então e diga-me, o senhor começou cedo na pesca. Com que idade**  
79 **começou? Que escolaridade completou?**

80 **A.:** Então ham... A escola, deixei no quarto ano, como comecei cedo na pesca com  
81 eles... Acho que tinha aí os meus nove ou dez anos, quando deixei a escola. Mas não  
82 deixei porque quis. Eu gostava da escola até, e acho que podia compreender melhor as  
83 coisas, muitas coisas, e até ter mais sabedoria e mesmo falar melhor, pronto, para além  
84 da sabedoria da vida, porque essa até tenho muita com tudo o que vivi, mas no fundo  
85 todos nós vivemos sempre algo que nos faz pensar isso, que somos mais vividos ou  
86 sabidos que alguém. Mas pronto, sabedoria e experiência da outra que não a da escola,  
87 tenho muita.

88 **E.: Estou a ver. Diga-me, mais atrás na nossa conversa disse que chegou a levar**  
89 **uma tarefa” por causa da sua orientação sexual. Certo?**

90 **A.:** Sim, sim, certíssimo.

91 **E.: E isso está relacionado com o seu divórcio, ou são situações independentes uma**  
92 **da outra?**

93 **A.:** Eh, é assim moça, acabam por estar ligadas. São coisas que aconteceram à sua  
94 maneira, mas sim, acabam por estarem ligadas.

95 **E.: Poderia explicá-las?**

96 **A.:** Ham... sim, sim, claro. Ham, então... Eu levei a tarei depois de ter sido apanhado  
97 com outro homem, e depois disso divorciei-me. Ham... Pronto, andávamos ao mar, e  
98 como os “lobos-do-mar” se estavam a começar a reformar aos magotes, ou seja, os avôs

99 e por aí, os homens mais velhos que já tinham dificuldades em ir ao mar, e aí o meu avô  
100 até já tinha morrido, tinha morrido pouco tempo antes disso começar, tinha eu já os  
101 meus trinta ou quês, talvez mais, não tenho a certeza, os pais, como o meu, e os jovens,  
102 e outros parentescos, mas é para perceber melhor em termos de gerações, porque ali  
103 estava uma salganhada de gerações, malta de todas as idades, e então a malta mais nova  
104 ia-se juntando para irmos ao mar. Nisto, há um dia que a malta se junta para ir ao mar, e  
105 aparece um rapaz novo, que era novo ali, primo de um pescador dali já de longa data.  
106 Apresentou-se ali, conheci o rapaz, uns três ou quatro anos mais novo que eu, mas o  
107 jovem parecia ali caído de paraquedas. Dava para ver que estava desenquadrado, que  
108 nunca tinha feito aquilo na vida, que estava perdido ou quê. Como estavam todos nos  
109 seus afazeres, aproximei-me lá do moço e comecei a falar com ele. Ajudei-o a  
110 preparar as redes e os materiais para irmos embarcar, expliquei-lhe a função de algumas  
111 coisas, preparei-o para outras, porque pronto, estava a dar-me pena ver assim o rapaz. E  
112 assim que o primo dele viu, disse-me logo: *“Epa [nome do entrevistado], tens jeito para*  
113 *educar crianças! Sendo assim, ele vai tornar-se no teu aprendiz. Pronto, problema*  
114 *resolvido! Oh [nome do rapaz], já ‘tás entregue e despachado! Faz boa figura, ham!’”*.  
115 E pronto, fiquei encarregue de encaminhar o rapaz. Começamos a fazer embarcações  
116 juntos, a passar mais tempo juntos, a conviver mais, pronto, e então numa tarde que  
117 estamos só os dois junto do bote, ele começa a desabafar comigo, a falar-me sobre onde  
118 vivia, o que é que estava ali a fazer, porque é que tinha vindo... E nisto diz-me que  
119 sentia que podia mesmo falar comigo, que lhe parecia... liberal, mais moderno, mais  
120 fácil de falar do que outros, mais compreensivo. Por isso ia arriscar as chances dele  
121 comigo. O verdadeiro motivo dele ter vindo passar o verão ali era porque... Bem, ele  
122 achava que gostava de homens. Os pais dele souberam, apanharam-no aos beijos com  
123 um rapaz, creio eu que foi algo assim, e mandaram-no para lá, para o pé de nós, porque  
124 achavam que viver uma profissão de homens 24h sobre 24h o ia fazer esquecer essa  
125 loucura de gostar de outros homens. Que ninguém sabia, nem o primo dele, apenas ele  
126 próprio e os pais, e queriam dar-lhe uma lição, para verem se ele aprendia o que era vida  
127 dura, porque isso ia fazer dele um homem. Um homem que gostasse de mulheres. Não  
128 ia. E eu sabia que não ia. Porque a maior prova disso mesmo era eu, euzinho, ali na  
129 frente do rapaz, que percebia melhor do que ninguém o que ele me estava a dizer, e que  
130 sabia que quando somos o que somos, não há nada no mundo que nos transforme no que  
131 os outros querem. Se nós éramos homossexuais, não íamos passar a querer mulheres do  
132 pé para a mão, mesmo que não o pudéssemos dizer ou mostrar. E é claro que para mim



133 aquilo mexeu-me com os nervos. Ele achava que gostava de homens, eu sabia que  
134 gostava de homens. Como é que íamos passar aquilo? Eu já o achava giro, depois de  
135 saber disso, ainda mais interessado fiquei. Já sentia que não sabia como disfarçar em  
136 certas situações aquele olhar fixo que fazemos quando queremos ficar a olhar para  
137 alguém de quem gostamos ou estamos atraídos. Lembro-me de nesse momento ficar  
138 sem palavras e de estar a olhar para ele fixamente ao pé do bote, sem conseguir  
139 disfarçar o meu ar. Ele reparou, claro, e perguntou-se se estava tudo bem. E eu lá reagi e  
140 disse-lhe que por mim estava tudo bem, se ele gostasse de homens, que cada um era  
141 como era, que não tinha de se sentir mal ou diferente por causa disso, que tinham de o  
142 saber respeitar, que se quisesse explorar ele é que sabia, pronto, esse tipo de coisas.  
143 Tentei fazer com que o rapaz se sentisse mais apoiado, mais compreendido, mais...  
144 ham... mais aceite, vá, mais integrado. Era preciso uma coragem do tamanho do mundo  
145 para se conseguir assumir assim perante outra pessoa. ‘Tá bem que era só eu, mas pense  
146 lá, quem é que lhe dizia a ele que eu era tolerante mesmo? Que ia guardar segredo? Que  
147 ia reagir bem e que não me ia passar e bater-lhe ou entregá-lo aos outros? Quer dizer...  
148 não é? Não sabia. Eu era só um, se calhar isso também o descansou, não sei, mas a  
149 verdade é que basta uma pessoa, uma única pessoa, para nos estragar a vida toda, seja  
150 de que maneira for. E eu podia pô-lo em risco. Mesmo assim arriscou falar comigo,  
151 partilhar uma coisa íntima e intensa comigo. Era um risco, e mesmo assim deu esse  
152 passo. Eu não sei se dava. Aliás, tanto que não dava que não dei, não até ser apanhado  
153 em flagrante. Mas pronto, continuando, ham... ah, sim, então, nesse momento lá  
154 conversámos mais um bocado sobre esse assunto, sobre essa questão tudo de quem  
155 gosta do quê, e de como isso funciona, e por aí, mas nunca lhe revelei que gostava de  
156 homens também. Acho que ele deve ter ficado desconfiado porque desde aí tornámo-  
157 nos ainda mais próximos. Chegávamos mais cedo que os outros, partíamos mais tarde  
158 que os outros... fazíamos mais tarefas juntos... tudo porque queríamos estar um com o  
159 outro. Gostávamos da companhia um do outro. E sabíamos isso. Nós dois sabíamos  
160 disso. Quando era preciso fazer alguma coisa que assim os outros não queriam, ou  
161 propunha-me eu a fazer e ele dizia logo que também ajudava porque queria aprender, ou  
162 dizia ele que assumia essa tarefa e eu dizia que o ajudava para o ensinar. Pronto, como  
163 eram coisas que ninguém queria fazer, como desemaranhar as redes, por exemplo, ou  
164 lavar os materiais e passá-los por água doce, que o sal corrói tudo, ou preparar grande  
165 parte das coisas para o dia seguinte, ou mesmo pôr-se as embarcações em terra se viesse  
166 dia de descanso ou de temporal que a embarcação ficasse melhor se ficasse em terra, era

167 tudo coisas que dá muito trabalho, e ou eu ou ele ficávamos a fazer isso, e eles iam mais  
168 cedo para as suas casas, iam ter com as famílias, com as mulheres, com... tudo, pronto,  
169 iam descansar, fosse o que fosse. Ninguém desconfiava, porque veja lá, um era o  
170 aprendiz, eu era o mestre. Vá que eu tinha os meus trinta anos ou pouco mais, mas já  
171 andava no mar desde os meus dez anos, mais coisa ou menos coisa, por isso já tinha  
172 vinte anos de experiência, de mãos na massa, se pés na água, de sabedoria marítima, e a  
173 somar a esses vinte anos, some-lhe o que resta, porque cresci nisto, né, o meu pai e o  
174 meu avô eram dessa vida e eu cresci nisso, por isso tinha sabedoria e experiência  
175 suficiente para poder ser o mestre de alguém, ensinar. E era isso que viam, quando  
176 olhavam para nós viam um mestre dedicado a ensinar o seu aprendiz que gostava muito  
177 daquele novo trabalho que tinha ido aprender, e que era muito dedicado, que  
178 acompanhava o seu mestre em tudo e se empenhava mais do que ninguém, que tinha  
179 muita estaleca para isso. Portanto, como desconfiar de uma coisa que ninguém via  
180 maldade, que não era visível? Que não era fácil de perceber? Ninguém olhava para nós  
181 e dizia que éramos os dois homossexuais, e que pelo menos eu estava interessado nele.  
182 Por mais que eu achasse que sim, que eu tivesse medo que nos descobrissem, o que  
183 éramos, que nos fizessem mal, que percebessem tudo, aquilo eram tudo medos da minha  
184 cabeça. Portanto, continuei a acompanhar o rapaz, e assim fomos estando cada vez mais  
185 próximos. Epá, vem de lá um dia, houve um dos nossos que apanhou uma gripe da  
186 breca, e já andava tudo constipado, tudo ranhoso e cheio de tosse cavernosa e... também  
187 aquilo era tudo gente velha do mar, fumadora que nem chaminés, sem cuidados quase  
188 nenhuns de saúde, claro que andava tudo doente. Pronto, estavam quase todos doentes.  
189 Dos quase trinta homens que ali embarcavam praticamente diariamente, só estavam  
190 bons aí uns seis ou sete, algo assim. Nesse dia só foram três embarcações para o mar.  
191 sete, acho que só estavam bons para ir ao mar sete pescadores. Uma embarcação levava  
192 dois homens, pai e filho. Noutra embarcação iam outros três homens, o meu pai, um  
193 filho de um pescador que estava muito mal, e o primo do rapaz que eu ensinava. E  
194 depois, na outra embarcação ia eu e o tal rapaz que eu estava incumbido de ensinar. O  
195 primo dele ainda perguntou se queríamos que ele viesse na nossa embarcação para nos  
196 ajudar, mas disse-lhe que não era preciso, que nos íamos desenrascar, que lhe queria  
197 mostrar, ao miúdo, que às vezes temos de ir para o mar sozinho e temos de saber o que  
198 fazer, como agir, o que pensar, que medidas tomar, pronto, tudo isso. Preguei-lhe uma  
199 tanga do caraças. E que também ele faria mais fácil na embarcação com o meu pai  
200 porque o outro pescador que lá ia, o filho do pescador que estava muito mal, iria

201 precisar de aprender o mesmo caso acontecesse algo ao pai dele. Pronto, a verdade é  
202 que não queria dizer nada com aquilo, não queria rogar pragas a ninguém, nem mentir,  
203 nem inventar nada, nem seja o que for, mas a verdade é que queria estar a sós com o  
204 rapaz. Queria ver o que é que podia sair dali. Se a atracção era só minha, só da minha  
205 parte, se eram coisas da minha cabeça. Naquela altura já eu andava a sonhar acordado  
206 com ele, já tinha dificuldade em me concentrar no que me rodeava. E em casa, ao  
207 mesmo tempo que conseguia justificar o porquê de passar cada vez menos em casa,  
208 porque tinha sido incumbido pelos outros pescadores de ser mestre de um aprendiz, que  
209 isso estava a tirar-me muito tempo, que ele era muito empenhado e curioso, que exigia  
210 horas extras, e etc., etc., etc., ao mesmo tempo que tinha essa desculpa válida, porque  
211 nem tinha sido escolhido por mim, mas sim tinha-me sido dado a fazer, ao mesmo  
212 tempo que isso, também continuava a ser difícil de pensar em desculpas para continuar  
213 a justificar a minha falta de interesse na minha mulher, e de compensar a presença com  
214 os meus filhos, agora já com os seus dez anos, ou quase isso, que já iam notando as  
215 ausências mais prolongadas do que o costume, mas que eu compensava sempre que  
216 podia, em triplo, porque assim que estava com eles, era tudo para eles. Vivia para eles,  
217 mesmo. Porque amava os meus filhos, sempre ameí e sempre vou amar, mas porque  
218 assim também não tinha de viver para a minha mulher, uma mulher presa injustamente a  
219 uma relação com um homem que nunca a amaria nem a desejaria, sem que ela tivesse  
220 culpa, sem que ela pudesse perceber que o problema não era ela, era eu, porque se  
221 alguma vez ela pudesse perceber que o problema não era ela, era eu, então eu teria de  
222 justificar o porquê de eu ser o problema. Ou seja, tinha de dizer que eu não era  
223 heterossexual, que não gostava de mulheres, que tudo aquilo tinha sido um teatro, uma  
224 mentira pegada, e que ela tinha desperdiçado grande parte da sua vida a tentar amar uma  
225 pessoa que nunca a poderia amar da mesma maneira, que nunca lhe poderia dar o que  
226 ela queria. [Pausa 0,3 segundos] Foi muito egoísta da minha parte. Quando tudo acabou,  
227 quando eu fui apanhado e depois me assumi, quando terminámos a nossa relação e tudo  
228 isso, que já lá chego, pude conversar com ela e dizer-lhe tudo isso, tudo que disse  
229 agora... E pedi-lhe desculpa por tudo. Porque apesar de tudo, eu devia ter sido honesto  
230 não só com ela, mas principalmente comigo mesmo, e não ter roubado o tempo de vida  
231 de uma pessoa quando na verdade não gostava dela dessa maneira, nem nunca iria  
232 gostar. Quanto muito era minha amiga, a mãe dos meus filhos, que foi a única coisa boa  
233 que resultou daí, mas nada e nunca mais que isso. Ao fim e ao cabo, ela tinha perdido  
234 quase trinta anos da vida dela, que ela era mais nova do que eu três anos, e uns treze ou

235 catorze anos comigo, na nossa relação, com uma pessoa que nunca iria ser o que ela  
236 queria nem nunca ia gostar da mesma maneira dela como ela gostava de mim, que  
237 infelizmente era muito, mesmo muito. Lembro-me dela se esforçar todos os dias mais  
238 do que mil por cento para tentar chegar a mim e me agradar em tudo, desde a comida, a  
239 ser dona de casa, a preparar-me tudo, a tratar dos filhos, tudo, fosse mesmo o que fosse.  
240 Ela achava que o facto de eu não ter interesse nela era porque o problema era dela.  
241 Como a nossa relação tinha sido arranjada pelos nossos pais, ela achava que o problema  
242 era dela, que ela é que não sabia satisfazer um homem, que não sabia ser mulher ou  
243 dona de casa, que não sabia ser boa na cama, porque nunca me agradava o suficiente,  
244 que não era bonita o suficiente para que eu a quisesse ver nua... Pronto, não foi justo. Eu  
245 com medo de enfrentar os meus problemas, a minha sexualidade, com medo das  
246 reacções dos outros, com medo do que me podia acontecer, com medo da minha família  
247 e do que se dizia e fazia naquele tempo, ainda para mais naquele meio conservador e  
248 todo durão, escondi-me atrás da vida de outra pessoa, e utilizei-a gravemente como meu  
249 escudo, gastei os anos de vida com uma pessoa que para além desta trapalhada toda,  
250 gostava mesmo de mim, e apanhou um desgosto de morte quando soube. É grave.  
251 Usarmos outra pessoa para nos escondermos daquilo que somos, e que sabemos que  
252 somos, que não podemos fugir, que não o podemos negar mais tarde ou mais cedo, é  
253 uma coisa muito grave de se fazer. Porque não é bom nem para nós, porque perdemos  
254 anos de felicidade connosco próprios, não somos nós próprios, como também gastamos  
255 e consumimos os anos de vida da outra pessoa, que acha que é feliz connosco mas na  
256 verdade nem pensamos nela durante o dia-a-dia, quando a vemos é-nos indiferente, não  
257 nos provoca reacção nenhuma, que não nos aquece nem nos arrefece, e que temos de  
258 fazer um frete cada vez que temos de ter intimidade. É mau, é muito mau. Não se faz,  
259 não é justo para ninguém. Fui tarde, devia ter feito a coisa certa mais cedo. Felizmente  
260 não fui tarde demais, porque ela ainda pôde refazer a vida dela, mas ao mesmo tempo,  
261 infelizmente fui, porque devia ter sido honesto comigo com todos os envolvidos mais  
262 cedo. Teria poupado muita gente ao sofrimento, eu incluído. E foi muito chato para ela  
263 refazer a vida dela. Porque depois ela era a mulher já trintona, velha já para casar outra  
264 vez, já desflorada, que tinha sido enganada e casada com o *gay*, e que já vinha não com  
265 um, mas com dois filhos de bagagem. Neste meio e naquele tempo... isso pesava.  
266 Infelizmente, era assim que as coisas funcionavam. Ficou logo manchada, com uma  
267 reputação dos diabos. Ficou tão afectada como eu. Só não levou a tareia física, como eu  
268 levei, porque a emocional levou-a e bem. Acabei por ficar eu com os filhos, o que lhe

269 facilitou o início de outra relação amorosa dela, com quem ela ficou até morrer. Morreu  
270 há uns sete anos, salvo erro. Mas durante muito tempo, foi sempre a mulher do *gay* que  
271 foi enganada e tinha dois filhos de uma aberração. Consegui mudar isso ao ficar com os  
272 filhos, ao tomar conta deles, porque era o mínimo que lhe podia fazer para ajudar,  
273 porque ninguém ali quer uma mulher já desflorada por outro homem, mas como era um  
274 *gay*, até passava como não sendo homem, não contar bem como desfloração. E pronto,  
275 ao não ter filhos de outro homem, sempre facilitaria. Acabou por ir viver longe dali com  
276 outro filho de um pescador que não queria fazer da pesca vida e foi para outra terra, e  
277 como gostava dela, juntaram-se e foram para lá. Soube que ela depois voltou a ter um  
278 ou dois filhos, mas depois até à data da morte dela não soube mais nada. Pronto, os  
279 meus filhos depois quando cresceram e lhes expliquei tudo isso, não perceberam muito  
280 bem o porquê de tudo isto, mas o meu filho mais velho perdoou-me não ter tido relação  
281 nenhum com a mãe depois disso, e aceitou-me, tanto quanto possível, mas o meu mais  
282 novo... Diabo, que guerra esta. Não me perdoou nem compreendeu. Até hoje me culpa  
283 por tudo o que aconteceu, por não ter tido uma mãe. Porque preferia ter tido uma mãe  
284 viúva ou deixada, do que ter um pai *gay* que afastou a mãe, e assim não ter nem um pai  
285 nem uma mãe. Para ele eu fui o culpado. E de certo modo percebo. Por isso é que  
286 continuo a tentar fazer as pazes com ele, continuo atrás dele sempre que possível, para  
287 que ele me perdoe. Nunca foi com intenção de os deixar sem mãe. Pelo contrário, a  
288 intenção sempre foi de fazer compensar a mãe pelos anos de vida e de felicidade que lhe  
289 roubei. A realidade daquela altura era que uma mulher com filhos de outro homem teria  
290 dificuldade de arranjar outro companheiro para poder ser feliz e ter outra relação, e eu  
291 tentei aliviar esse peso. Fiquei com os dois filhos para ela poder ser “solteira e livre”  
292 outra vez, para poder refazer a vida que eu lhe tirei. Por sua vez, para refazer esse erro,  
293 cometi outro, acabei por tirar a oportunidade deles terem uma mãe, pelo qual sou  
294 crucificado. Foi um erro. Um dos tantos que tento resolver e compensar. Mas há coisas  
295 que por mais que se faça e lute, não se podem refazer.

296 **E.: Compreendo o que diz. E foi aí que conseguiu aproximar-se como queria desse**  
297 **rapaz, nesse dia que foi só com ele na embarcação para o mar?**

298 **A.:** Ah, pois, sim, desculpe lá moça, perdi o fio à meada não foi?

299 **E.: Não tem importância, continue à vontade.**

300 **A.:** Sim, sim, pois, ham... Pois, fomos então só os dois na embarcação nesse dia,  
301 enquanto que os outros cinco homens se dividiram nas outras duas embarcações, como

302 lhe tinha dito, e nesse dia as minhas esperanças estavam ao rubro. Decidi que ia tentar  
303 perceber o interesse dele em estar comigo, se era da mesma forma que eu tinha interesse  
304 em estar com ele, ou se era mesmo por pura amizade ou vontade de aprender. Depressa  
305 percebi que não, que o interesse era mútuo. Assim que nos afastámos da costa e das  
306 outras embarcações, veio ter comigo ao leme, e pediu-me para o ensinar a dirigir o bote,  
307 que era das poucas coisas que ainda não tinha aprendido a manobrar. Até aí tudo bem,  
308 tudo normal, não fosse ele ter-se posto atrás de mim, colado a mim, a tocar-me, a roçar  
309 as pernas dele em mim, com as mãos dele a rodearem-me o corpo até chegarem ao  
310 leme, para o agarrar, tocando assim nas minhas mãos, assim, ‘tá a ver? [Faz o gesto].

311 **E.: Sim, sim, estou. E depois, o que aconteceu a partir daí?**

312 **A.:** Oh, então... depois... pronto. Fiquei nervoso não é. Fiquei sem resposta, sem  
313 reacção. Eu comecei a tirar velocidade ao bote, e parei mesmo, só não pus a fatecha, por  
314 isso ficámos com o barco a ser levado conforme a maré. Foi só o que eu tive tempo de  
315 fazer. De parar o bote. Nisto virei-me para ele. Queria saber o que é que ele estava a  
316 fazer. Tirar uma espécie de satisfações. Quando me estava a virar ele encostou a cabeça  
317 dele ao meu pescoço, e quando me consegui virar ele começou a dar-me assim, uns  
318 beijinhos ao de leve, sem nunca me deixar fugir ou falar. Pronto, depressa começámos a  
319 beijar-nos um ao outro, e passear as mãos, e pronto, depressa também percebi que afinal  
320 que não era só eu que tinha interesse nele. Que também ele tinha interesse em mim, que  
321 também me desejava, que também me queria. Tanto ou mais como eu o quis a ele. Mas  
322 lá ‘tá, pense lá, como é que íamos sair daquela embrulhada? O que é que íamos fazer?  
323 Íamos assumir uma relação a seguir àquele momento? Íamos encontrar-nos às  
324 escondidas? Íamos formar família? As pessoas iriam saber de nós? Os meus filhos,  
325 como é que ia ser? Pronto, passaram-se-me assim umas vinte mil perguntas pela cabeça.  
326 Tanto que nem dei pelo beijo acabar, nem sabia o que fazer. Mas ainda estivemos  
327 naquilo um bom bocado, aí uns bons vinte minutos ou mais, à vontade, mesmo. Mas  
328 pronto, depois tive de pôr a fatecha, não fosse o barco ser levado para fora de zona e  
329 ainda nos encontrarmos com alguma das nossas embarcações, e depois aí era pior a  
330 emenda que o soneto! Lá nos desagarrámos, lá começamos a conversar sobre tudo  
331 aquilo que se estava a passar ali, sobre as nossas escolhas, os nossos gostos, a nossa  
332 sexualidade, o que é que queríamos e o que é que iríamos fazer dali para a frente.  
333 Decidimos que não éramos indiferentes um ao outro, que queríamos estar juntos mas  
334 que o teríamos de fazer secretamente, porque não podíamos assumir nada disto. Não é?

335 Muito menos ali. E pronto, assim continuámos, lá nos íamos mantendo assim, a  
336 encontrar em segredo, a estar juntos sem ninguém saber. Ainda andámos assim uns dois  
337 ou três anos. Mas sabe o que se diz... as coisas começam a ficar mais desleixadas  
338 quando achamos que dominamos o nosso jogo e que ninguém nos vai apanhar.  
339 Começamos a achar que já dominamos aquele esconde-esconde e vamos ficando mais à  
340 vontade, mais confortáveis em certas situações que devíamos de continuar a ter cuidado.  
341 E foi o que aconteceu, começamos a desleixar-nos nos cuidados. E um dia, quando  
342 saímos juntos, estávamos a namorar na cabina, e não demos por outra embarcação das  
343 nossas se aproximar da gente. Por norma seguíamos para mar juntas, e depois  
344 separávamo-nos para expandir o máximo de mar possível, e depois íamos ter umas com  
345 as outras para seguirmos juntas para terra e nos ajudarmos uns aos outros a puxar as  
346 embarcações para terra, a lavar os botes, a desemaranhar as redes, a preparar as coisas  
347 para o dia a seguir. Pronto, nesse dia não demos pela embarcação se aproximar da gente,  
348 e lá estávamos enrolados na cabina. Claro que fomos apanhados. Gerou uma confusão  
349 dos diabos. Epá, é que foi mesmo uma confusão dos diabos! Foi logo ali uma alta  
350 discussão, e decidimos ir para terra, para se resolver as coisas calmamente, ou tentar, e  
351 quando lá seguimos para terra, quando chegámos à poita, pronto, já todos sabiam, já  
352 estava ali uma data de gente reunida. Conclusão: a maior confusão quando chegámos.  
353 Estava lá já o meu pai, o primo do rapaz, os outros pescadores, e aqueles que chegaram  
354 connosco que nos apanharam. Pronto, vá de insultos, de nomes, de ficarem agressivos.  
355 Tentámos assumir-nos e defender-nos, explicar que a gente queríamos ficar juntos, que  
356 gostávamos um do outro, mas qual quê. O primo dele tentou agredi-lo, queria puxá-lo  
357 pelo braço para o levar de volta para os pais, porque não queria ficar associado a ele, ser  
358 afectado por causa do primo *gay*, que lhe ia estragar a reputação, e eu não deixei. Meti-  
359 me e puxei-o eu para mim, mas qual quê. Vieram logo todos para cima de nós para nos  
360 tentar separar, para nos agarrarem e fazerem mal, e como nos defendemos, começaram a  
361 bater-nos. Vá de murros, vá de pontapés, vá de puxões, tudo, tudo valia para se  
362 conseguir o que se queria. Claro, ficámos assim um bocado em mau estado. Olhe, esta  
363 cicatriz que eu tenho aqui é disso. Mas pronto, logo a seguir foram-se todos embora, nós  
364 fomos para minha casa, onde a minha mulher já estava à minha espera, já sabia também,  
365 e ainda quis pôr o rapaz na rua. Pedi-lhe para não o fazer, para esperar que a gente  
366 explicasse, porque ali estávamos protegidos, para ela ter calma, para me ouvir, e pronto,  
367 lá ela me deixou explicar, pôs as crianças no quarto, e depois pronto, tive aquela  
368 conversa com ela do que lhe disse há bocado, mais atrás. Falámos de tudo isso e ela

369 acabou por ficar magoada, triste, desiludida, mas acho que compreendeu, que ficou ao  
370 mesmo tempo aliviada, porque começou a perceber que não era ela que tinha algum  
371 problema, que era eu. Isso não a impediu de ter uma desilusão, de ficar de rastos, mas  
372 acho que aliviou um bocado a sensação que os pensamentos que ela tinha.

373 **E.: Então foi aí que se divorciou?**

374 **A.:** Sim, foi logo depois disso. Levou algum tempo ainda, mas lá nos divorciámos.  
375 Depois como já lhe disse, ela fez e seguiu a vida dela, e eu fiz e segui a minha.

376 **E.: E juntou-se com o tal rapaz, ou ficou solteiro depois dessa situação?**

377 **A.:** Não, não, nós juntámo-nos. Depois das águas acalmarem, acabámos por nos  
378 conseguirmos juntar, mas não durou tanto quando gostaria. Assumimos, acabámos por  
379 sair dali porque estava a ser demasiado difícil viver ali sem sermos alvos  
380 constantemente de tudo e de todos, e como queríamos paz, até para eu criar os meus  
381 filhos, que como lhe disse, ficaram comigo, decidimos sair dali e mudar de casa. Lá  
382 mudámos e ainda estivemos juntos uns dez anos ou quê. Foi o meu grande amor e o  
383 meu maior desgosto, porque não pude ser feliz. Acabou porque aí já os meus filhos  
384 tinham perto dos vinte ou vintes, não me recordo bem, e como estavam a ser cada vez  
385 mais alvo de perseguição por causa de nós, decidimos acabar a nossa relação. Acho que  
386 foi uma piada do karma. Tirei anos de vida de felicidade de outras pessoas, e agora era a  
387 minha vez de não poder ser feliz. Não aguentava ver os meus filhos serem tratados  
388 daquela maneira pelas outras pessoas por causa de mim. Não era justo para eles. Não  
389 mereciam. Não tinham feito nada para merecer aquilo. Era a minha vez de abdicar do  
390 que queria e do que me fazia feliz para que os outros pudessem ser felizes agora. E  
391 pronto, já não falando só disso, mas também do facto deles não aceitarem assim tão bem  
392 esta coisa da homossexualidade. O meu mais velho até percebe mais ou menos, tenta o  
393 melhor que pode, ainda hoje que é com quem vivo, mas o meu mais novo não, sempre  
394 me culpou por tudo. Desde o não ter tido mãe, o ter tido de passar por todas as coisas  
395 más que passou, o insucesso que teve em tudo o que fez, as perseguições e as reputações  
396 de que foi alvo. Ainda hoje, temos uma relação muito difícil, e ainda tento fazer as  
397 pazes com ele, que me perdoe por tudo, e até o irmão já tentou falar com ele, mas é  
398 muito difícil. Ele fechou-se e tornou-se numa pessoa triste e insensível, infeliz e amarga.  
399 Até hoje fiz tudo o que pude para remediar isso, mas não consegui ainda. É o desejo que  
400 tenho ainda. É conseguir ser feliz até morrer e resolver-me com o meu filho.



401 **E.:** Compreendo. E uma vez que vive com o seu filho mais velho e não numa  
402 instituição, diga-me, o que é que pensa sobre as instituições? Os lares? Que  
403 imagem é que tem deles?

404 **A.:** Tá a brincar, com certeza, não 'tá? Os lares aterrorizam-me profundamente, nem  
405 brinque! Porque é que acha que prefiro viver com o meu filho?

406 **E.:** E que imagem é que tem dos lares para ter essa opinião? O que é que  
407 contribuiu para essa percepção?

408 **A.:** Oh, então pense lá comigo, veja lá. Se aqueles que me conheciam, alguns sangue do  
409 meu sangue, outros com quem cresci, que me conheciam e rodeavam desde pequeno, se  
410 esses reagiram daquela maneira quando souberam que eu era gay, que me deram aquela  
411 tarefa e me perseguiram, então ia para um lar fazer o quê? Eu do que acho, daquilo que  
412 sei, os lares até podem aceitar pessoas *gay*, ou seja do que for, mas sei que lá dentro  
413 depois não podemos ser aquilo que a gente somos, ou que o que agente quer ser. Agora  
414 quero dormir com o meu namorado ou marido ou seja o que for, acha que vão deixar?  
415 Quantos notícias sobre isso já saíram? Quantas porras se ouve por causa deste e daquele  
416 que no lar foi agredido ou perseguido porque era gay, porque era mais feminino, porque  
417 foi apanhado a fazer isto, aquilo ou outro? Não, não, não é uma coisa que queira para  
418 mim. É assim, também sou realista. Eu actualmente não tinha condições para me  
419 governar sozinho. Se não fosse pelo meu filho, então nem casa tinha, provavelmente.  
420 Sim, porque pelo meu outro filho bem que podia até viver na rua. Não lhe fazia  
421 diferença nenhuma, desde que estivesse longe dele. Por isso se não fosse por este meu  
422 filho meu velho, bem que podia andar na lama com esta porra toda. Mas pronto, se não  
423 houvesse ele, ou no dia que ele não me quisesse na casa dele, claro que tenho de me  
424 resignar e aceitar o meu destino, ir para um lar ou o que quer que seja. Acho que sempre  
425 deve ser melhor do que viver na rua, pronto, não é? Mas que nunca me assumia aí, não,  
426 nunca. Para que é que me ia sujeitar à humilhação e aos maus tratos? Não preciso disso  
427 para nada. Ficava sossegadinho no meu canto, sem levantar suspeitas, sem dar azos a  
428 confusões, e pronto, quando morresse, morria. Claro que me resignava, que remédio.  
429 Mas moça, pode crer que não me assumia ali. Atão se levei uma tarefa daquela gente  
430 toda, que me conhecia de pequeno e era minha família e amigos, ali atão era mesmo a  
431 pedir para ser alvo d'outra tarefa. Fosse lá das gentes graúdas, fosse lá das auxiliares,  
432 que do que sei são brutas e maltratam como tudo, ou dos outros velhos. Ou no mínimo  
433 gozo e humilhação, de perseguição constante, como já fui. Não, isso é uma ideia que me

434 aterroriza profundamente, nem pensar. Ia ter que andar sempre escondido, não ia poder  
435 ser quem sou, quem demorei tanto tempo para poder ser. Não ia ter a mesma vida, poder  
436 fazer as mesmas coisas. Não, no que depender de mim, farei o possível para o evitar. Se  
437 não der, olhe, resigno-me.

438 **E.: Portanto, no que depender de si, da sua escolha, essa seria a última opção a**  
439 **recorrer.**

440 **A.:** Exacto, se puder ser eu a decidir, não vou, será a minha última opção. E logo atrás  
441 dessa fica a opção de viver na rua. Por isso... já 'tou como o outro, venha o Diabo e  
442 escolha qual delas seria a melhor. Porque pronto, o dinheiro é um problema, a minha  
443 reforma não dá nem para me governar sozinho, quanto mais investir num lar  
444 porreirinho. Mais que não fosse, onde desse para eu poder ser quem sou. Até podia não  
445 arranjar mais companheiros, coisa que já não faço aqui por respeito aos meus filhos, que  
446 prometi que não o fazia, mas ao menos não tinha de ter medo de que soubessem que  
447 gosto de homens, não é? Por isso acho que só resta poder viver aqui enquanto der, e  
448 quando não der, olhe moça, lá me resignarei para ir para o raio do lar, mas vou ter de  
449 mudar aquilo que sou. Pelo menos sempre me protejo de outra tarefa ou seja lá do que  
450 for que as pessoas intolerantes fazem hoje em dia. Isto deve ir mudando com as  
451 gerações, sei lá.

452 **E.: Compreendo. Então não pretende mesmo ter mais nenhum companheiro?**

453 **A.:** Não, não pretendo ter mais ninguém. Pronto, é assim, não é que não quisesse,  
454 porque até gostava de ser mais feliz, de voltar a viver o amor, e de fazer, e de ter noites  
455 acompanhado. Ter alguém ao meu lado. Mas assim é difícil. Até aqui em casa do meu  
456 filho, que é meu filho, quanto mais num lar, que ninguém me é nada. Acha que iam  
457 perceber? Que iam aceitar? Que ia poder namorar? É que isto os velhos ainda namoram,  
458 se é que me entende! Mas não, assim não dá... Porque estou sempre em guerra com  
459 toda a gente para poder ser eu feliz. E depois de tudo o que fiz os meus passar, não me  
460 sinto no direito de impor a minha felicidade à dos outros que sofreriam com isso, como  
461 os meus filhos. Pronto, o mais velho ainda é mais tolerante. Pediu-me que se me tivesse  
462 de envolver com alguém, que não o fizesse aqui pelo menos. Mas o mais novo, é para  
463 esquecer. Esse como forma de me aproximar dele e podermos pelo menos conversar um  
464 pouco, aceitar as minhas chamadas, que isto agora com os telemóveis que há hoje é tudo  
465 mais fácil e prático, e assim já consigo ir falando com ele, mas para isso tive de  
466 prometer que nunca mais me aproximava de nenhum homem. Ia ser o pai homem

467 normal que não gosta de homens que ele queria ter tido. Acabo por ser um pouco  
468 infeliz, porque gostava de ter tido as minhas relações e que terminassem antes porque  
469 não deu certo entre a gente, do que não ter podido sequer ter tido relações por causa dos  
470 outros. Mas eles sofreram tanto por causa de mim, quem sou eu para os obrigar a não  
471 serem felizes mais uma vez?

472 **E.: Claro, estou a perceber. Então mas se pudesse ter outros companheiros,**  
473 **esquecendo toda esta vertente que falou, tinha?**

474 **A.:** Tinha. Aliás, nunca tinha acabado a relação com o tal rapaz. Que veja lá, só acabou  
475 porque tivemos de nos separar por causa dos meus filhos. Ainda nos encontrámos umas  
476 vezes depois disso, mas não podia passar disso. Tinha feito essa promessa! Como ele  
477 queria voltar a assumir a nossa relação, porque para ele os meus filhos já eram crescidos  
478 e eles só tinham de saber lidar com a situação, só tinham de aceitar se quisessem fazer  
479 parte das nossas vidas, e se não quisessem, que fossem às vidas deles. Eu não  
480 concordava a cem por cento com isso, mas percebia o lado dele, mas como tinha feito  
481 aquela promessa de que os ia fazer felizes, de que os ia compensar, não pude aceitar  
482 voltar a ter relação com ele. Ele ainda esperou uns dois anos, mas depois ele não pôde  
483 esperar mais. Tivemos uma conversa final, em que ele me disse que não podia esperar  
484 mais por mim, que eu me decidisse pela minha felicidade – ele – ou pela minha  
485 obrigação – os meus filhos –, e que tinha conhecido outra pessoa, que essa pessoa  
486 gostava muito dele e que queria começar uma relação com ele, mas que ele ainda me  
487 amava e que aquela era a nossa última oportunidade de ficarmos juntos se eu assim  
488 quisesse. Claro que a minha decisão está à vista, uma vez que não ‘tou com ele. Ele  
489 acabou por refazer a vida dele, e olhe, ainda hoje está com essa pessoa. Eu, pronto, é o  
490 que se vê. Promessas são promessas, mas que saudades tenho de uma noite de pezinhos  
491 quentes a meu lado. Tive que abdicar da minha felicidade pelos meus filhos, pelo mais  
492 velho, para poder continuar a viver com ele e não ir para um lar, e pelo mais novo, para  
493 tentar fazermos as pazes. Olhe, não é que deixe de ser eu, gay, mas apenas está  
494 escondido. Está inativo, adormecido. Mas pelos meus filhos, para os compensar o que  
495 passaram, faço-o.

496 **E.: Para além da falta que sente de ter companheiros, sente falta de ter intimidade**  
497 **com outras pessoas?**

498 **A.:** Claro. Eu vivo para mim. E para os meus filhos, mas é diferente. A gente quando  
499 quer ter alguma intimidade e não podemos, viramo-nos para a nossa satisfação, pronto.

500 É normal, no meu caso então há muito tempo que não tenho ninguém. Desde esse rapaz,  
501 desde que acabamos a nossa relação. A intimidade faz falta, começa a pesar ao fim de  
502 tanto tempo de solidão.

503 **E.: E a sexualidade, que peso tem para si?**

504 **A.:** Ham... tem, claro que tem. A frequência desapareceu não é, por causa de tudo isto  
505 que lhe disse, da promessa de não ter mais ninguém, mas claro que faz falta na mesma.  
506 Não sei como é que são as outras pessoas, mas eu sinto saudades de ter intimidade, essa  
507 intimidade, com quem nos faz feliz e sentir bem. Claro que é importante. Faz parte da  
508 gente, do ser humano, não é? Pronto, para mim é importante. Mas não tendo outras  
509 pessoas, olhe, foco-me em mim.

510 **E.: Muito bem. E que noção tem acerca dos comportamentos sexuais de risco?**

511 **A.:** Ham... Como assim?

512 **E.: Das doenças sexualmente transmissíveis, dos riscos que se corre, os**  
513 **comportamentos que se têm, se há protecção, se não há. O que pensa disso?**

514 **A.:** Ah! Sim, oh, a gente sempre teve cuidado. Quer dizer, houve algumas vezes que não  
515 usámos protecção. Mas isto porque toda a gente sabia ali da vida uns dos outros. Se eu  
516 fosse à farmácia ali da zona, se fosse comprar preservativos, logo a seguir ou ao fim do  
517 dia, já se sabia que eu tinha comprado. Depois se não usasse com a minha mulher, havia  
518 falatório. E isso sabia-se porque bastava alguém ir ter com ela e perguntar se a noite  
519 tinha sido boa, como chegou a acontecer, ou ela ir depois à farmácia comprar remédios  
520 para os putos e depois perguntarem-lhe se ela tinha gostado dos preservativos que eu  
521 tinha levado, se tinha sido uma boa noite. A sério moça, isso é tão certo como eu estar  
522 aqui vivinho da silva a falar consigo. As pessoas daqueles meios sabem tudo, falam de  
523 tudo, têm de saber da vida de todos. E claro, depois nessa vez que me aconteceu isso a  
524 mim, que fui comprar preservativos para estar com o rapaz, quando cheguei a casa,  
525 ainda não se sabia nada, mas à noite e no dia a seguir a minha mulher interrogou-me  
526 logo para saber se eu tinha comprado preservativos, porque é que ainda não os tínhamos  
527 usado. Porque também não queríamos ter mais filhos, então usávamos. Mas agora veja  
528 lá, as desculpas que tive de dar para justificar aquilo. Tinha-os todos contados por ela.  
529 Não pude tirar daí nem um. E tive de fazer essas vezes com ela, não tinha como fugir.  
530 Afinal não tinha sido eu a comprar? Pronto, tive de usar com ela. Ela andou feliz da  
531 vida, eu andei desesperado, e o rapaz tirava-me gozo sempre que íamos preparar as

532 coisas. E tive de passar a comprar fora ali da zona, onde não me conhecessem, para  
533 poder comprar sem ser apanhado e falado por isso. E comprava logo algumas  
534 embalagens, dentro do possível, para evitar também ter de justificar as voltas extras e  
535 longas dali. Porra, que ali tudo se sabia e se falava. Mas pronto, quando dava,  
536 usávamos, quando não dava, não usávamos. Mas também só tínhamos relações os dois  
537 um com o outro, assim e mais frequente também. Com a minha mulher usava sempre  
538 porque não queria correr o risco de ter mais filhos, desse por onde desse, mas a  
539 frequente era rara. Já ficava muito custoso. Se tivéssemos duas a três vezes relações por  
540 mês, acredite moça, já era muito. Mas sempre fui saudável. Entretanto também não me  
541 envolvi com mais ninguém, por isso... Olhe, acho que até não correu mal de todo, ainda  
542 tenho algumas ideias sobre a coisa.

543 **E.: Muito bem. Estamos a chegar ao fim da nossa entrevista. Quer acrescentar**  
544 **algo que se tenha esquecido, relativamente a algum tema que tenha sido abordado,**  
545 **ou que se lembre e queira registar?**

546 **A.:** Ham... Não, não creio. Apenas que gostava que as coisas tivessem sido diferentes,  
547 que não tivesse tido de enganar ninguém e de fazer sofrer ninguém. Porque se não o  
548 tivesse feito, não sentia que tinha de os compensar pelo que fiz, e ter de abdicar da  
549 minha felicidade para os compensar. Podia ser eu a ser feliz, mesmo feliz, com a pessoa  
550 que tinha mesmo amado de coração. Podíamos ainda 'tar juntos. Por isso que se tire  
551 daqui essa lição, só isso. Sermos verdadeiros com a gentes mesmos, não enganarmos  
552 ninguém, nem desperdiçarmos a vida dos outros se não gostamos deles como eles  
553 gostam de nós, e não devermos nada a ninguém. Aí sei que podemos ser felizes a sério.  
554 Só isso. Acho que isso é importante de se memorizar.

555 **E.: Bem, então vamos terminar aqui a nossa entrevista. E gostaria de aproveitar**  
556 **para lhe agradecer a sua participação, colaboração e disponibilidade.**

557 **A.:** De nada, obrigado também eu.



## **Transcrição da entrevista N°8 – Isabel**

1 **E.: Muito bem, quer começar agora?**

2 **A.:** Ham... Sim, pode ser.

3 **E.: Muito bem. Para começar, gostaria que me falasse um pouco de si, que me**  
4 **falasse um pouco do seu percurso de vida. A sua idade, o seu estado civil,**  
5 **escolaridade, a sua vida até aqui, por aí.**

6 **A.:** Ham, ham... Então... Então... Tenho sessenta e nove anos... ham... Tenho uma  
7 companheira, a quem chamo de minha mulher, ainda que não sejamos casadas, mas é o  
8 que sinto que somos, pronto, que ela é para mim, por isso pronto, vou passar a dizer que  
9 é a minha mulher, está bem? Pode ser não pode?

10 **E.: Sim, claro, claro.**

11 **A.:** Pronto, ham, então... ham... a escola... Sim, tenho o sétimo ano de escolaridade, da  
12 antiga escola, que agora equivale ao décimo segundo ano, se não estou em erro. Ham...  
13 Estive para ir para a faculdade, mas não quis, queria ficar um ano a trabalhar, para ter  
14 mais experiência, ganhar alguma estaleca, ter eu o meu dinheiro já para algumas  
15 coisas... Mas comecei realmente a trabalhar e já não tive vontade de voltar à escola. Já  
16 não quis fazer mais daquilo, já não tinha paciência para a escola, para mais escola,  
17 porque ainda por cima comecei a trabalhar num centro de emprego e a receber bem, isto  
18 ainda lá em Angola, porque eu nasci e vivi lá, como técnica de emprego, acho que é  
19 aquilo que chama cá de IEFP, porque depois quando vim para cá trabalhei aí como área  
20 equivalente de lá. Acabei por não querer seguir mais escola porque também os tempos  
21 eram outros, acho que hoje se dá muito mais importância a isso do que na minha altura,  
22 mas também é mais desvalorizado no mercado de trabalho, mas pronto, eu queria ser  
23 independente. Ter o meu dinheiro, ter as minhas coisinhas, fazer o que queria... E os  
24 meus pais perceberam, e sempre me apoiaram em todas as decisões que eu tomava. Em  
25 tudo o que decidi até aqui, sempre estiveram ao meu lado. Posso dizer que fui e sou uma  
26 sortuda. Até as namoradas que fui tendo, e mesmo quando me assumi, pude falar com  
27 eles. Pude sempre desabafar com a minha mãe, que depois da primeira vez falou com o  
28 meu pai, e foi sempre muito receptivo e carinhoso, aliás, foram sempre os dois, muito  
29 compreensivos e apoiantes. Tenho amigas e amigos também não heterossexuais, não é,  
30 por acaso já perdi um bocado a ligação com eles, quando me mudei para cá, mas... e as  
31 histórias deles, meu Deus, o que eles passaram... Desde valentes enxertos de porrada, a  
32 cintos, a chicotes, a panelas, a queima de cigarros, a igrejas transformadoras da



33 orientação sexual, a manicómios, a tudo o que fosse possível ser utilizado para se acabar  
34 com a monstruosidade de se ter um filho que não fosse hétero. Quer dizer... que  
35 aberrações. Esses sim, esses pais é que foram efetivamente aberrações. Então agora as  
36 pessoas nascem como nascem, sem terem culpa do que vão gostar, de quem vão gostar,  
37 e se não fizeram nada de mal a ninguém, porque não podem ser respeitadas e felizes?  
38 Sinceramente. Felizmente, e por saber dessas coisas todas, fico muito feliz por saber os  
39 pais que tive. Não podia ter tido mais sorte na vida como a sorte que tive nos pais que  
40 me calharam. Acho que isso muda tudo, toda a base familiar, toda a nossa educação, a  
41 liberdade de podermos escolher ser quem quisermos, amarmos quem quisermos, sem  
42 termos medos alguns... E ainda termos uma grande rede familiar a apoiar-nos... Quer  
43 dizer, acho fantástico mesmo. Não é qualquer pessoa que o fazia. Principalmente  
44 naquela altura.

45 **E.: Claro, compreendo. Então a sua mulher foi apresentada aos seus pais também?**

46 **A.:** Sim, claro, felizmente ainda fui a tempo de a apresentar aos meus pais. Eles  
47 morreram uns sete ou oito anos depois de começarmos a nossa relação. Tinha eu uns  
48 quarenta e dois ou quarenta e três anos nessa altura... Tiveram um acidente de carro.  
49 [Pausa 0,5 segundos] O meu pai, ham... Ele... Ele morreu logo no acidente. Disseram-  
50 me que foi morte imediata. Ham... E a minha mãe foi levada para o hospital, muito mal,  
51 num estado muito grave, mas no dia a seguir já... já não conseguiu aguentar... Pronto,  
52 morreu também. [Pausa 0,6 segundos] Nesse dia fiquei órfã. Completamente só. Estive  
53 rodeada por tanta gente, incluindo a minha mulher, e acho que nunca me senti tão  
54 sozinha. Acho que foi a maior dor que senti na vida. Ainda não tinha assimilado a  
55 notícia da morte do meu pai e ainda estava na esperança de poder salvar a minha mãe e  
56 me agarrar a ela com unhas e dentes... e... ham... nem isso pude ter... [Pausa 0,4  
57 segundos] Levaram-me os meus pais, deixaram-se sem eles quando eu mais precisava  
58 deles. Um filha da puta bêbedo que se despistou e embateu de frente no carro dos meus  
59 pais, estavam eles a caminho de casa deles, depois de terem estado connosco a jantar cá  
60 em casa. Quando nos ligaram para casa a avisar o que se tinha passado... o meu número  
61 estava na lista dos contactos do meu pai, com que ele andava sempre, e ligaram para  
62 mim... quando atendi, nem quis acreditar. Não podia ser, não podia ser possível uma  
63 coisa daquelas. Eles tinham acabado de estar ali, ao meu lado, ao pé de mim. Tinha  
64 acabado de me abraçar com tanta força que ainda os podia sentir! [Pausa 0,4 segundos]  
65 Como é que me podiam estar a ligar a dizer que eles tinham tido um acidente e que eu

66 tinha de ir para lá o mais rápido possível porque não me podiam dar informações?  
67 Como é que aquilo podia estar a acontecer? E claro, quando nos dizem as coisas assim,  
68 já sabemos o que é que isso significa. Mas nada me preparou para o que eu encontrei.  
69 Nada. [Pausa 0,6 segundos] Simplesmente não podia acreditar no que estava a  
70 acontecer. Ainda por cima depois do que eu e a [*nome da sua mulher*], a minha mulher,  
71 estávamos a passar... Faz agora trinta e quatro anos que estamos juntas, há trinta e  
72 quatro anos que estamos juntas. Uma vida, não é? Nessa altura, já há uns dois anos que  
73 estávamos a tentar engravidar, mas estávamos a ter muitas dificuldades. Eles sempre  
74 acompanharam tudo. Adoravam a minha mulher, e ela adorava-os a eles. Estavam  
75 radiantes com a ideia de finalmente irem ter um neto ou uma neta, ou os que viessem! A  
76 minha mulher é mais nova do que eu dois anos, então recorremos à ajuda de um amigo  
77 nosso, em quem confiamos muito, que achámos ser ideal e que escolhemos a dedo para  
78 tentarmos engravidar. Ela é que foi a “vítima” porque era mais provável dar resultados  
79 nela, por ser mais nova, por ter menos problemas de saúde, pronto, por reunir os fatores  
80 considerados mais favoráveis à gravidez. E nessa altura até foram eles, os meus pais,  
81 que nos ajudaram com os gastos de tudo o que foi sendo preciso... Eles estiveram  
82 juntos, ela engravidou, tinha ela uns trinta e nove anos ou quarenta, algo assim, e  
83 arriscámos, fazer tudo o que fosse necessário para dar certo, e deu, resultou, ela ficou  
84 grávida, mas depois... Pronto, não deu. [Pausa 0,4 segundos] Ela sofreu um aborto  
85 espontâneo, passados uns dois meses e pouco. Justificaram-no com a idade ser  
86 avançada, que era uma escolha de risco, que já sabíamos à partida, que algo podia ter  
87 corrido mal, pronto, fosse o que fosse, não correu bem. [Pausa 0,3 segundos] Nesse dia,  
88 julguei ter sentido a maior dor da minha vida. Decidimos ao fim de um tempo desistir  
89 da ideia de termos filhos, de pararmos de tentar, de considerar outras hipóteses. Se ela já  
90 não tinha conseguido avançar com a gravidez, então eu que era mais velha e que tinha  
91 alguns problemas de saúde, acho que seria ainda menos provável que desse certo, ou  
92 que pelo menos o bebé viesse todo saudável. Acabámos por desistir da ideia. A adoção  
93 estava fora de questão, porque naquela altura nem sequer era permitido haver casamento  
94 homossexual, quanto mais adotar em casal que não fosse hétero! Pensámos em tantas  
95 teorias, em tanta coisa, em coisas mirabolantes, mas depois do aborto decidimos que se  
96 calhar era um sinal para deixarmos de tentar ter filhos, que não era uma coisa que nos  
97 estava destinada, que provavelmente era um sinal de que algo iria correr mal, muito  
98 mal, que não estaríamos à altura, preparadas para lidar com aquilo... Não sei, agarrámo-  
99 nos a tudo para justificar aquela maldade do destino, aquela proibição da vida, por

100 querermos algo daquela forma e não ser possível. Acabámos por desistir da ideia. Foi  
101 algo que nos abalou muito a todos, não só a nós, como aos meus pais. Estávamos todos  
102 delirantes com isto. Por isso... e depois quando recebo aquela notícia do acidente  
103 deles... não fiquei em mim. Senti que morri e viajei do meu corpo durante aquele tempo  
104 todo. Lembro-me de pouca coisa até. Acho que bloqueei as coisas para não sofrer. Não  
105 sei. Mas deu cabo de mim. E aí foi a maior dor que senti em toda a minha vida e no meu  
106 mundo. Não soube lidar com aquilo. Ainda hoje tenho dificuldade. Apesar de me sentir  
107 só, a minha mulher nunca me deixou, mesmo sendo difícil para ela também, ela pôs-me  
108 sempre em primeiro lugar e lutou por mim como ninguém. Se não fosse ela... acho que  
109 não estaria aqui hoje com a dor e o sofrimento que senti nesse dia e nessa altura.

110 **E.: Então, foram sempre o apoio uma da outra em todas estas situações mais**  
111 **delicadas.**

112 **A.:** Claro, se fomos. E é muito bom, mesmo muito bom. E já passámos por tanta  
113 coisa... Somos o pilar uma da outra. Irmãos... não tenho, sou filha única, os meus pais  
114 já morreram, tios só tenho um, que era irmão do meu pai e também faleceu pouco tempo  
115 depois do meu pai, quase dois anos depois, com um enfarte, e mais não tenho. Tive uma  
116 família pequena e agora, pronto, só a tenho a ela. Ela tem pai ainda, mas não a  
117 aceitaram, aliás, ela é uma das histórias exemplo de maus tratos e de negação da  
118 aceitação da orientação sexual que referi no início, porque os pais dela não a aceitavam  
119 nem por nada. Acabaram por cortar relações porque não era possível haver nem um  
120 pingo de harmonia. Sabem que ela está comigo porque os encontrámos uma vez quando  
121 estávamos às compras para as coisas de Natal. Fingiram que não a viram e depois  
122 quando perceberam que estava comigo ficaram em choque e não conseguiram disfarçar  
123 mais. Foi um bocado mau, foi uma situação bastante constrangedora. Aliás, nem me  
124 cumprimentaram. Estiquei-lhes a mão para os cumprimentar e olharam para mim como  
125 se fosse uma doença pestilenta prestes a criar uma epidemia mundial. Portanto, pronto,  
126 acabou por nem passar do “Olá.” e do “Adeus, até nunca.”, ou coisa que lhes valha.  
127 Irmãos ela também não tem, e com o resto da família ela nem se dá, muito menos  
128 depois de nunca a terem ajudado quando se soube o que a família a estava a fazer passar  
129 depois dela ser apanhada com uma namoradinha da escola. Por isso sim, somos o pilar  
130 uma da outra. Somos o nosso mundinho privado.

131 **E.: Fale-me sobre a vossa história. Como se conheceram, por momentos marcantes**  
132 **que tenham passado, idealizações, planos para o futuro, a vossa velhice...**

133 A.: Claro, com certeza. Eu por mim falava sempre dela! Se lhe digo que disse isto,  
134 nunca mais se cala! [*Risos*] Não, estou a brincar, ela sabe disso. Ela é uma pessoa  
135 fantástica. Conhecemo-nos depois de eu ter saído do secundário, mas aí não deu em  
136 nada sério, ficámos apenas amigas, com um grande amor e carinho uma pela outra.  
137 Fomos tendo namoradinhas aqui e ali, mas íamos sempre falando e encontrando-nos  
138 uma com a outra. Basicamente, estivemos desencontradas. Quando eu estava solteira,  
139 tinha ela namorada, e quando estava ela solteira, estava eu comprometida. Como nunca  
140 fomos do tipo de trair ou não pensar na pessoa que estava connosco, olhe, fomos  
141 estando desencontradas. Até que chegou o dia em que... Pronto, decidi que perder  
142 tempo com pessoas que não eram quem eu queria verdadeiramente, não o ia fazer. Não  
143 é que fosse infeliz com essas pessoas, passei até muitos bons momentos, mas nenhuma  
144 delas era ela. Então um dia fui ter com ela, ao trabalho dela, tinha já eu trinta e cinco  
145 anos, e decidida a acabar com este ata e desata, disse-lhe que quando pudesse, que  
146 precisava de falar com ela, quando é que ela tinha uma folga ou um intervalo. Ela ficou  
147 surpreendida, claro, e acho que curiosa também, e disse-me que ia ter um intervalo para  
148 almoçar dali a quase uma hora, que ia almoçar com a namorada, mas que podia dar-me  
149 uns minutos antes para falarmos. Assim foi, fui fazer tempo até ela sair para ir almoçar,  
150 e à hora combinada eu já estava lá à espera dela, que também não tardou em chegar.  
151 Fomos até a uns bancos ali na zona ribeirinha e ficámos lá a falar. Disse-lhe que ia ser  
152 directa para também não lhe roubar mais tempo e disse-lhe que estava farta de andar  
153 desencontrada dela, porque sabia no meu fundo que ela era a única de quem gostava a  
154 sério, com quem queria estar de verdade, e que sabia que ela estava numa relação há já  
155 algum tempo, mas que ia esperar por ela demorasse o que demorasse. Era com ela com  
156 quem queria ficar, e por isso... mesmo que ela nunca acabasse aquela relação, eu iria  
157 ficar à espera dela, porque não fazia sentido estar com mais ninguém entretanto só  
158 porque ela ia estando em relações quando eu não estava. Era com ela com quem queria  
159 estar e ser feliz, e por isso ia ficar à espera dela nem que fosse até ao fim dos meus dias.  
160 Que ela tomasse a melhor decisão para ela, que não queria apressar nada, que não queria  
161 influenciar nada da relação dela, mas queria que me perdoasse por todas as vezes que  
162 nunca estive disponível para iniciarmos a nossa vida juntas e que soubesse que ela era o  
163 amor verdadeiro da minha vida e que ia esperar por ela, fosse quanto tempo fosse. Que  
164 só queria que ela soubesse aquilo tudo. Ela ficou sem reacção, completamente espantada  
165 a olhar para mim. Eu não quis obrigá-la a nada, nem apressar nada, por isso levantei-  
166 me, dei-lhe um beijo na bochecha, mas sim, pertinho dos lábios, só para criar uma

167 pequena provocaçãozinha, para não se esquecer do que estava à espera dela, [risos] e  
168 depois fui embora. Felizmente não durou assim tanto tempo para ela decidir. Ao fim de  
169 cerca de uma semana ela veio ter comigo, disse-me que tinha acabado a relação dela e  
170 que estava na altura de “acertarmos os nossos relógios em conjunto para darem horas  
171 juntos”. Esta frase ficou-me marcada até hoje. [Risos] E pronto, trinta e quatro anos  
172 depois, ainda cá estamos, juntinhas da Silva, sem nos largarmos como se fosse o dia em  
173 que nos juntámos todos os dias. Lutámos tanto para podermos acertar os nossos passos  
174 uma com a outra que só podia mesmo dar certo! [Risos] Felizmente deu! Imagina o que  
175 era aquela espera toda, aqueles anos todos a passarem por nós, tanto sofrimento e drama  
176 para depois não ficarmos bem juntas ou não dar certo? Que desastre seria! [Risos] Mas  
177 pronto, felizmente deu certo, muito certo! [Risos] Mas pronto, depois até aqui, tirando  
178 coisas assim do dia-a-dia, os momentos mais marcantes por que passamos foram mesmo  
179 “apenas” aqueles que lhe referi, da nossa tentativa e esperança de engravidarmos que  
180 resultou no aborto, na desistência da ideia, e depois com a morte dos meus pais. Foi o  
181 pior para nós. Para nós duas mesmo. Porque os meus pais depois é como se fossem os  
182 pais dela também. Aliás, ela chamava-os mesmo de *pai* e *mãe*, e eles muitas vezes  
183 chamavam-na de *filha* também, a sério, tanto que às vezes até ficávamos confusas sobre  
184 quem é que eles chamavam de nós duas, ou a quem é que se dirigiam de nós as duas! E  
185 dessas vezes, quando se referiam a ela, eu dizia: “*Olha, afinal tenho uma irmã e não*  
186 *sabia! E na verdade a minha irmã é a minha suposta mulher! Oh, o escândalo!*”.  
187 [Risos] E depois desatávamos todos a rir! [Pausa 0,4 segundos] Éramos todos uma  
188 grande família feliz, na verdade. Daí nos ter custado tanto tudo isto. Os meus pais eram  
189 os nossos maiores fãs. Fãs e defensores. Ninguém podia dizer fosse o que fosse de nós  
190 que eles metiam-se logo ao barulho, como se fossem seguranças privados! Lembro-me  
191 de uma vez terem começado a perseguir-me no trabalho, quando me mudei para aqui,  
192 no início de quando comecei, quando se soube da minha orientação sexual, porque  
193 também não escondi, nunca quis deixar de ser quem sou, porque não é crime nenhum  
194 gostar de mulheres, e se os meus pais me aceitavam e se me amavam assim, então quem  
195 eram as outras pessoas para serem e agirem assim? Mas pronto, e então começaram lá  
196 uns zunzuns, umas bocas, umas piadolas foleiras, e por aí. Um dia passei-me e meti-os a  
197 todos no sítio. Depois quando cheguei a casa liguei para eles a contar-lhes o que se tinha  
198 passado. Não bastava já eu ter posto as pessoas no sítio, que os meus pais no dia a  
199 seguir ainda lá foram repreender as pessoas! Meu Deus, que vergonha passei! [Risos]  
200 Foi com boa intenção, mas senti-me uma verdadeira criança na escolinha! [Risos]

201 [Pausa 0,5 segundos] É, eles sempre foram espetaculares. Sinto a falta deles todos os  
202 dias. Fazem-nos muita falta na nossa vida, no nosso dia-a-dia. E vão fazer até ao dia em  
203 que morrermos. [Pausa 0,3 segundos] Ainda mantemos a casa deles. Não fomos capazes  
204 de a vender. Nem acho que seja capaz de o fazer alguma vez. A casa está  
205 completamente igual à forma como eles a deixaram. Completamente. E quando me sinto  
206 mal, em baixo ou que precise de forças... é à casa deles onde vou. Fico lá sentada no  
207 sofá deles, agarrada às coisas que têm o cheiro deles... Choro horas seguidas sem parar.  
208 Mas saio de lá a sentir-me bem. [Pausa 0,3 segundos] Hei-de morrer e deixar a minha  
209 casa e a dos meus pais à minha mulher. Se ela morrer primeiro, também não devo  
210 demorar muito a ir logo a seguir, mas as casas ficam cá. Ainda não sabemos muito bem  
211 que solução arranjar para esta questão...

212 **E.: Compreendo. Diga-me, e em relação às instituições, como por exemplo os lares,**  
213 **que ideia / noção é que tem destes?**

214 **A.:** Como assim... que ideia é que eu tenho dos lares?

215 **E.: Sim. Por exemplo, imagina-se a vender as suas casas e a ir para um lar?**

216 **A.:** Ah, sim, já percebi, não tinha a certeza se era isso! Ham... Mas sim... a ideia que eu  
217 tenho... Bem, então é assim, a verdade é que eu nunca parei muito para pensar nisso...  
218 A maioria das pessoas tem de passar por esse pensamento quando tem familiares mais  
219 velhos que possam precisar desses cuidados... Aí creio que já haja mais algum tipo de  
220 pensamento formado a esse respeito... Eu como não tive de passar por isso, porque os  
221 meus avós morreram cedo, os da parte do pai morreram os dois quando ele ainda era  
222 jovem, e os da parte da mãe morreram pouco depois do acidente, e na altura eram bem  
223 independentes, estavam bem de saúde, mas esta questão do... do acidente que matou os  
224 meus pais... pronto, acabou com todos nós. Eles não aguentaram. E eu nem sei como  
225 aguntei, mas pronto, aqui estou. De qualquer das formas nunca fui muito próxima  
226 deles, nem dos avós maternos, nem dos avós paternos, porque eles não eram muito....  
227 Vá.... Tolerantes. Como não aceitavam a minha orientação sexual, os meus pais  
228 afastaram-se deles. Tanto de um lado, como do outro. Decidiram ficar do meu lado e  
229 lutar comigo, apoiarem-me e virarem as costas aos seus próprios pais porque não me  
230 aceitavam e me queriam mudar, do que fingir que estava tudo bem. [Pausa 0,6  
231 segundos] Quem é que não sofreria com a morte de duas pessoas assim? Foram pais  
232 fantásticos. Para mim, os melhores do mundo. Por isso sim, é uma coisa que nunca me  
233 fez pensar muito. Porque dizia eu, ham, os meus avós não tinha grande relação com

234 eles, mas também não precisei de me preocupar com a ida deles para um lar, porque não  
235 houve necessidade disso, nem se chegou a tanto. E depois pronto, a situação dos meus  
236 pais, que também não envelheceram tanto quanto deviam ter envelhecido, mas também  
237 acho que se envelhecessem a ponto de precisar de cuidados mais redobrados.... Não sei,  
238 acho que me agrada mais a ideia deles envelhecerem em casa, rodeados das coisinhas  
239 deles, nem que contratasse alguém para ir lá durante o dia facultar as coisas mais  
240 importantes, como o tratar da limpeza da casa, o tratar das refeições, das roupas... essas  
241 coisas. Claro que há situações mais... pronto, mais delicadas não é, que devem precisar  
242 de mais atenção e que se calhar só um lar é que consegue ajudar nisso, mas sou sincera,  
243 apesar de não ter propriamente uma ideia formada sobre isso... a ideia de envelhecer em  
244 casa, agrada-me bastante. Porque é sempre a nossa casa, não é? É o nosso espaço, as  
245 nossas coisas, as nossas rotinas, as nossas maneiras de fazermos as nossas coisas, a  
246 nossa liberdade... Não sei, não é que tenha propriamente nada contra lares em concreto,  
247 e reconheço que provavelmente até ajudam muitas pessoas, mas no meu caso... Do que  
248 vi e acho e penso... acho que a ideia de se ir envelhecendo em casa, perto dos nossos,  
249 com as nossas coisinhas... Tudo isso me agrada bem mais do que a ideia de ir para um  
250 lar rodeada de gente desconhecida, como se fosse um acampamento comunitário, que  
251 não é igual à nossa casa em nada, nem na comida... nada. Eu se quiser fazer uma sesta  
252 no sofá a ver um filme e depois ir sair, passear a algum lado e ir comer porcarias, *fast-*  
253 *food*, gelados, sei lá, qualquer coisa, aí posso! Como é que faria num lar? Não sei, não  
254 sei bem como funciona mas duvido que tivesse tanta liberdade assim para fazer as  
255 coisas da maneira que quisesse e bem me apetecesse... Mas pronto, acho que acima de  
256 tudo, ainda assim, aquilo que mais me faz confusão é a ideia da minha mulher. Não  
257 somos legalmente casadas, apenas estamos juntas, como se fôssemos casadas, pronto,  
258 vá, mas a verdade é que estamos juntas. Como é que isso funciona num lar? Posso ir  
259 para um lar com a minha mulher? Isto é, podemos ficar juntas, no mesmo quarto?  
260 Podemos ter um espaço só para nós ou...? E há lares só para pessoas homossexuais? Eu  
261 nunca pensei nisso... Também porque acho que como é uma coisa que nunca precisei,  
262 que nunca pensei nisso... Acho que é daquelas coisas que só pensamos quando  
263 precisamos, porque até lá... passa simplesmente despercebida. É uma boa questão.  
264 Agora deixou-me a pensar... Se precisar, para onde é que vou? E como é que faço?  
265 Olhe esta agora... Tenho que me informar sobre isso, porque não quero ir para um lar e  
266 ficar sem a minha mulher, não poder estar com ela!

267 **E.: Claro, compreendo. Sendo assim perspectiva uma possível futura**  
268 **institucionalização? Ou descarta por completo?**

269 **A.:** Bem... ham... Quer dizer... Não propriamente... prefiro viver na minha casa, com  
270 a minha mulher! Como é que faria num lar? Quer dizer, não sei se há lares só para  
271 homossexuais, mas se houver, como é que faço para ir? As condições? Há vagas? Há  
272 restrições? E se não houver, vou para um lar “normal” que pode não aceitar pessoas  
273 com orientações sexuais diferentes? Não sei como é que isso pode funcionar bem...  
274 Porque até posso ser aceite por uns e não por outros... e depois, como é que lido com o  
275 conflito se tenho de viver ali? Não sei, não sei bem como é que isso pode resultar sem  
276 dar problemas... E a minha mulher? Poderíamos ficar juntas? É que esta questão para  
277 mim é a principal. Se precisarmos de um lar, uma de nós, a outra vai querer ficar lá,  
278 onde a outra está, a acompanhar todos os dias, como se vivêssemos em casa, percebe?  
279 Onde está uma, está a outra! O nosso dia-a-dia, como é que ia ser? Acho que isso me  
280 assusta um bocado. Todas essas questões são importantes, de ter a minha casa, a minha  
281 rotina, a minha maneira de fazer as coisas, a minha comidinha que nem sempre é a  
282 melhor, reconheço, mas que me sabe tão bem... tudo isto e muito mais mexe já comigo  
283 só de pensar, mas o que me aperta o coração é mesmo a questão da minha mulher, de se  
284 podemos ficar juntas ou não, e manter a nossa normalidade do dia-a-dia que temos  
285 aqui... Sabe, mesmo as coisas mais simples... o dar as mãos, estarmos agarradas,  
286 darmos uns beijinhos, termos a nossa intimidade, tomarmos banho juntas, o trocarmos  
287 carinhos, a nossa cumplicidade, lermos os nossos livros no sofá, com as nossas pernas  
288 embrulhadas uma na outra, com a nossa mantinha na posição que mais gostamos...  
289 Quer dizer... todas estas coisas podem não querer dizer nada às outras pessoas, mas  
290 aquilo que significam para nós... Percebe? São as nossas rotinas, são tudo coisas que  
291 têm significados, sentidos, simbolismos para nós, e que talvez só nós duas percebamos,  
292 mas é nosso. É tão nosso que faz todo o sentido do mundo ser assim. Mesmo a  
293 comermos as nossas refeições, temos a nossa maneira de o fazer. Não só de preparar as  
294 refeições, mas também da forma de comer. A posição em que nos sentamos. Temos a  
295 nossa bancada da cozinha que gostamos de tomar lá o pequeno-almoço, e enquanto  
296 comemos as duas ao mesmo tempo, temos o jornal no meio, e vamos lendo-o ao mesmo  
297 tempo! Quando acordamos, eu deixo logo as nossas bebidas preparadas, e vou logo  
298 buscar o jornal, todas as manhãs, enquanto ela prepara as torradas e as coisas na  
299 bancada, depois eu chego e trago também os nossos bolinhos preferidos. E depois



300 pronto, ela fica do lado esquerdo, eu do lado direito, uma ao lado da outra, com as  
301 nossas torradas e bebidas nos nossos respectivos lados, e com o jornal no meio. Vamos  
302 comendo e vamos lendo ao mesmo tempo. Depois vamos passear, caminhar um bocado  
303 de manhã, e depois vamos almoçar qualquer coisa a qualquer lado. Somos pessoas  
304 simples, um rodizio de *pizzas* para nós é perfeito. Depois vamos para casa, vemos a  
305 nossa série, um filme, ler, o que seja, e comemos o nosso bolinho. Depois disso fazemos  
306 algum exercício, vamos até ao ginásio, e depois vamos comer qualquer coisa. Às vezes  
307 vamos buscar comer a algum lado, senão, também comemos fora ou cozinhamos algo  
308 em casa. Esta é mais ou menos a nossa rotina, os hábitos que tanto presamos. Não é  
309 sempre assim, mas quase sempre. Como já estamos as duas reformadas, temos tudo  
310 praticamente pago, só uma coisita ou outra ainda, dá para usufruirmos bem a nossa  
311 vidinha. Eu ganho de reforma cerca de 900€, ela um pouquinho mais, e como já temos a  
312 nossa casa paga e a dos meus pais também, não temos mais essa despesa, por isso até  
313 vivemos bem. Não vivemos com grandes luxos, mas vivemos muito bem, vivemos  
314 como queremos. Estamos naquela fase em que temos de aproveitar bem depois de tudo  
315 aquilo que trabalhámos para termos o que temos. E também para namorar muito, para  
316 sairmos e passearmos muito, para convivemos com os nossos amigos, com os nossos  
317 afilhados, que felizmente os nossos amigos foram pais, muitos deles, e como não  
318 tivemos filhos pediram-nos quase todos para sermos as madrinhas das crianças, por isso  
319 é como se fossemos uma espécie de mães para aquela criançada toda! Temos montes de  
320 dias as crianças todas ou quase todas aqui em casa para virem estar com as madrinhas e  
321 tomarmos conta delas! [*Risos*] Não é nada mau! Ham... Mas por isso digo... Como é  
322 que poderia ponderar a minha ida para um lar depois disto tudo que acabei de lhe  
323 contar? Como é que ia lidar com a perda e a mudança de todas estas coisas? Tudo isto  
324 que tem tanto significado para nós? Sim, não só para mim, mas para a minha mulher  
325 também! E as pessoas, percebe, como é que ia ser com as outras pessoas? Há respeito?  
326 E tolerância? E compreensão? Ter outras pessoas que não conheço a viver comigo, a  
327 partilhar tudo, a ter funcionárias que falam connosco à bebé, como se não os  
328 percebêssemos bem se falassem de outra forma, e sei que tentam ser carinhosas,  
329 algumas pelo menos, mas é um bocado insultuoso, isso... Acho também que não há  
330 muita gente bem formada para trabalhar em sítios desses. Há assim... um bocado de  
331 falta de tacto e de formação de certas pessoas para se lidar com certos casos, como estes  
332 por exemplo, de pessoas que não são hétero. [Pausa 0,3 segundos] Estas coisas mexem  
333 um bocado comigo, compreenda. Nunca tive de pensar nisso. Sempre vivi o dia-a-dia

334 sem pensar nessas coisas. Não é que pense que seja eterna, que seja imortal, não penso,  
335 mas também não penso nem anseio ficar gagá e ir esperar a morte sozinha e abandonada  
336 no local qualquer que nem é a minha casa. [Pausa 0,4 segundos] Lá está, se não houver  
337 outra solução, o que mais peço é que dê para ficar com a minha mulher. Consigo  
338 abdicar de tudo o resto, mesmo que me custe muito, mas desde que possa ficar com a  
339 minha mulher.

340 **E.: Compreendo, sim. Portanto, se alguma vez decidisse entrar numa instituição**  
341 **assim, a decisão seria apenas sua?**

342 **A.:** Sim, claro. Ham... Quer dizer, é assim, minha ou da minha mulher. Sei que se me  
343 acontecer algo, se não ficar bem da cabeça ou se ficar numa condição que precise de  
344 ajuda especializada... Pronto, se não houvesse outra solução... A decisão teria sempre  
345 de ser minha. Mas se por algum motivo não poder decidir, se não estiver em condições  
346 para o fazer... Bom... Sei que poderia confiar na minha mulher para decidir por mim.  
347 Ela conhece-me bem, às vezes até demais, para saber o que eu quereria que fosse feito  
348 se eu não pudesse decidir. Por isso, a decisão seria sempre minha, mas... e no máximo,  
349 vá, também da minha mulher. Mais do que isso não. Bem, mas também já não existe  
350 mais ninguém que pudesse tomar essa decisão por mim, vendo bem as coisas... Mas  
351 sim, seria isso.

352 **E.: Muito bem. E que factores poderiam influenciar a sua decisão? Por exemplo, os**  
353 **valores mensais da instituição, o tipo de instituição, a localização dela, se a deixa**  
354 **ficar com a sua mulher, a sua orientação sexual... Esse tipo de coisas.**

355 **A.:** Ah, sim, sim... Ham, bem é como lhe digo... Se realmente tivesse de ir, em último  
356 caso... Pronto, a localização acho que teria de ser num sítio que gostasse, mas isso  
357 ainda era ao menos, porque só teria amigos para me visitarem, porque como lhe disse,  
358 família já não tenho. Ham... os valores... Sim, teria de ser algo que fosse bom, que me  
359 agradasse nas suas condições e nos seus serviços prestados, no pessoal trabalhador...  
360 Algo que não fosse demasiado caro para poder ter algum dinheiro para mim ainda, para  
361 o que quisesse, mas que desse para ser algo bom. Não sei bem como é que isso  
362 funciona, mas penso que seja algo do género de darmos parte do nosso dinheiro para a  
363 mensalidade, não é? Pois, não sei, deve ser algo assim. Por isso... lá está... Não sei se  
364 daria para algum tipo de lar privado ou assim, não sei como é que isso funciona, nem  
365 mensalidades, nem as diferenças em si, mas tenho a ideia de que um lar privado deve  
366 ser melhor, mais... mais parecido com uma casa, não sei, não faço ideia. Parto do

367 princípio de que se se paga mais, é porque deve de poder ter e oferecer mais condições a  
368 quem lá está... Creio eu, lá está. Ham... a orientação sexual, sim, pois... aí não lhe sei  
369 responder, porque acho que não conseguiria não ser eu mesma! Mas também não sei o  
370 que é ter de viver em segredo, oprimida, com medo, ser humilhada... Não sei o que isso  
371 é, a verdade é essa! Durante toda a minha vida sempre foi uma coisa pela qual mal  
372 passei! Aliás, sempre me assumi, sempre tive muito amor e carinho! Sempre tive os  
373 meus pais que sempre lutaram comigo e por mim! Nunca me deixaram acontecer coisas  
374 más, aliás, de como é exemplo aquilo que lhe contei à pouco, de eles lá terem ido ao  
375 meu trabalho comigo já adulta, não é! [Risos] Não sei o que isso é, mas a minha mulher  
376 sabe. Não a sujeitaria a passar por isso de novo. Nem eu queria saber o que é afinal  
377 passar por isso, muito menos no meu fim de vida, nesta altura e fase da minha vida. Não  
378 faz qualquer sentido.

379 **E.: Claro, compreendo. E a vossa intimidade, também seria um factor? Há pouco**  
380 **referiu que esta era uma fase para aproveitar, usufruir e namorar. A intimidade**  
381 **faria então parte desses factores?**

382 A.: Claro! Ham... A nossa intimidade é muito importante para mim. Sem dúvida. Para  
383 nós, aliás. Nós gostamos muito de namorar, e... ham... pronto, manter a nossa  
384 sexualidade viva. Faz sentido para nós, somos o amor da vida uma da outra, queremos  
385 sempre estar juntas, queremos manter a nossa faísca acesa. Não está bem a ver, nós  
386 quando estamos juntas, a atracção física, as faíscas que soltamos, são completamente  
387 visíveis a olho nu. O desejo que temos uma pela outra é completamente notório. Todas  
388 as pessoas que estão connosco dizem-nos sempre o mesmo. Por isso... não sei, não sei o  
389 que lhe diga. Sei que a sexualidade vai variando com a idade, com as fases das nossas  
390 vidas, com o que vamos passando, mas acho que a nossa... muito honestamente... acho  
391 que se tem mantido igual. Talvez até melhor, porque agora, e com o passar dos anos,  
392 conseguimos ir aprofundando o conhecimento do corpo uma da outra e... pronto...  
393 sabemos o que cada uma gosta mais, o que queremos... Esse tipo de coisas. Não lhe  
394 digo que faça todos os dias, porque há dias que temos coisas para fazer, porque estar-se  
395 reformada não é só sopas e descanso, há coisas que se tem de continuar a fazer e  
396 assuntos a tratar, ou às vezes ficamos com alguns miúdos, nos nossos afilhados, cá  
397 connosco, pronto, todos os dias, mesmo todos, não, não vou ser hipócrita e dizer que  
398 sim, porque não faço, mas.... Mas fazemos muito frequentemente, sim, isso sim. Por  
399 isso sim, é um factor para nós, seria algo que pesaria muito também se fosse para um

400 lar... Lá está, primeiro tinha que ter a minha mulher comigo, e depois... Pronto,  
401 gostaria de ter o meu quarto, o meu espaço, a minha casa de banho, a minha zona de  
402 refeições, a minha privacidade... Gostava de poder até estar de mãos dadas com a  
403 minha mulher, apenas isso, sem resultar em opressão ou conflito por parte das outras  
404 pessoas, quanto mais conseguir ter privacidade para poder fazer amor! Não sei se isso  
405 seria possível, se dá para as pessoas terem a sua privacidade, terem o seu quatinho  
406 como casais, estarem juntas sem serem interrompidas ou.... Não sei. Mas no meu caso  
407 sei que gostaria de poder ter um espaço só meu e da minha mulher, sermos respeitadas  
408 por sermos como somos, e podermos estar juntas nesse sentido. Nesse e em todos. Não  
409 sei como funciona, mas eu pelo menos gostaria de que fosse assim, no mínimo...

410 **E.: Claro, estou a ver. E diga-me, já que a intimidade tem tanta importância para**  
411 **si, que noção é tem acerca dos comportamentos sexuais de risco?**

412 **A.:** Ham... Olhe, é assim, eu tenho noção, sim, de que existem doenças sexualmente  
413 transmissíveis, de que há muita porcaria prontinha a ser passada uns pelos outros, sim...  
414 mas... Ham... Bem, não sei se sabe, existem preservativos femininos. Existem já há uns  
415 vinte e poucos anos, se não estou em erro... Mas pronto, nem sempre era fácil  
416 encontrar-se um, ou nem sempre dava tempo de se usar, ou às vezes havia vergonha de  
417 se usar ou mesmo de se ir comprar... Por isso, sim, eu tenho noção sim, dos riscos, do  
418 que existe, dos cuidados a ter... Pronto, sempre fiz o melhor que pude, sempre usei o  
419 melhor que encontrei e pude usar, e sempre tive cuidados com as minhas parceiras  
420 todas. Mas pronto, houve vezes que... ham... pronto, devia ter tido mais cuidado.  
421 Percebe, não é? Ham... Mas também com a minha mulher já estamos juntas há trinta e  
422 quatro anos, já não tivemos mais parceiras desde aí, e também só temos uma relação as  
423 duas, por isso... Sei que uma relação monógama ajuda na diminuição do contágio de  
424 doenças, mas que mesmo assim é preciso haver cuidado, mas pronto, acho que quando  
425 se está há tanto tempo numa relação como nós, da maneira que nós estamos, que  
426 vivemos mesmo uma para a outra... Esses cuidados ficaram um bocado de parte...  
427 Ham... Mas pronto, sim, tenho noção de há riscos, de há doenças, de há também  
428 pessoas maldosas que sabem que têm doenças e que fazem questão de não usar  
429 protecção quando têm relações sexuais com outras pessoas... Ham... Nós temos um  
430 casal homossexual nosso amigo, já há uns cinco ou seis anos, e eles estão junto há quase  
431 vinte anos, e pronto, no meio dessas quase duas décadas, houve um que “pulou fora da  
432 cerca” só por uma noite e com a tesão e o desejo de tudo, porque eles andavam

433 zangados e pronto, aconteceu... mas ham... nessa noite acabou por não usar protecção.  
434 Claro que podia ter não acontecido nada, mas de facto aconteceu... Acabou por contrair  
435 Sida, mas só o soube uns sete ou oito meses depois. Já o marido tinha ficado contagiado  
436 também. Qual era a necessidade disso? Acabou por descobrir numa ida ao médico,  
437 porque se sentia doente e não havia explicação para tal. Acabou por saber disso e que  
438 tinha sido traído, porque depois confrontou o companheiro e acabou se saber tudo. Foi  
439 muito complicado... Nós no nosso grupo de amigos não os julgamos, porque não somos  
440 ninguém para o fazer, não somos melhores nem piores, mas lá está, é aquele tal  
441 pensamento de que só acontece aos outros. Mas que mesmo assim, quando temos casos  
442 mesmo à frente do nosso nariz, que às vezes nos puxam para a noção da realidade, e  
443 ainda assim não temos sempre tanto cuidado como deveríamos ter... Mas tenho noção  
444 sim. Plenamente.

445 **E.: Muito bem, compreendo, sim. Estamos a chegar ao fim da nossa entrevista.**  
446 **Quer acrescentar algo que se tenha esquecido, relativamente a algum tema que**  
447 **tenha sido abordado, ou que se lembre e queira registar?**

448 **A.:** Ham... Não sei, não me lembro de nada assim em concreto... Creio que não...  
449 Ham... Mas gostava muito de lhe dizer que gostei muito da sua ideia, destes temas,  
450 porque realmente nunca ninguém me tinha feito pensar sobre essa questão, de se  
451 envelhecer homossexualmente e de se precisar de um lar depois... Acho que nunca  
452 tinha pensado nisso. Não é que não existisse, porque sei que existe, apenas nunca  
453 reflecti sobre isso... E é daquelas coisas, as pessoas sabem que existem homossexuais, e  
454 que os há de todas as idades, desde os jovens aos mais velhos, mas realmente nunca  
455 pensamos nisso. É como todos os seres humanos, sabemos que vamos envelhecer, que  
456 todos vamos precisar de um lar eventualmente, e talvez até tenhamos a sorte de não  
457 precisar, porque não há nada como a nossa casa, a nossa liberdade, a nossa rotina, mas  
458 se precisarmos, acho que nenhum lar está feito para atender a todas as características  
459 que as pessoas têm que as tornam únicas! É como se fossemos todos iguais e somos  
460 tratados desse modo. E isso nos hétero. Por isso, nos homossexuais ainda deve ser mais  
461 complicado. Foi uma questão que me fez pensar muito sobre isso, sabe? Porque só  
462 pensamos em certas coisas quando precisarmos delas, e depois aí pode não haver tempo  
463 de se conseguir aquilo que se precisa e se quer verdadeiramente, como um lar que aceite  
464 pessoas como eu, de orientação sexual diferente, para que não seja perseguida ou  
465 oprimida noutro ambiente. Mas depois também ponho aí outra questão... E os hétero

466 que quiserem ir para um lar homo? Isso é possível? Nem sei sequer se há lares só homo,  
467 mas pronto, fica a questão. Deu para reflectir! Gostei muito por isso, deu para abrir os  
468 olhos para algumas questões!

469 **E.: Obrigado. [Risos] Farei por explorar isso também.**

470 **A.:** Boa! Acho que é importante, sim, faça isso. Eu já sou velha, mais velha, vá, se  
471 calhar já não apanho uma transformação assim, se não houver já algo do género, mas  
472 talvez dê para se criar ou melhorar algo, se já existir, para se ajustar a todas as  
473 necessidades das pessoas mais novas que estão a caminho do envelhecimento e que  
474 podem precisar disso no futuro.

475 **E.: Claro, compreendo. Mais alguma coisa que queira acrescentar?**

476 **A.:** Não, não. Acho que agora sim, ficou tudo dito! [Risos]

477 **E.: Muito bem, então vamos terminar aqui a nossa entrevista. E gostaria de**  
478 **aproveitar para lhe agradecer a sua participação, colaboração e disponibilidade.**

479 **A.:** Ham... obrigado. De nada.



## **Transcrição da entrevista N°9 – António**



1 **E.: Ora, vamos começar a nossa entrevista?**

2 **A.:** Sim, ham... Vamos, podemos começar.

3 **E.: Muito bem. Para começar, gostaria que me falasse um pouco de si, que me**  
4 **falasse um pouco do seu percurso de vida até aqui. Fale-me da sua idade, da sua**  
5 **escolaridade, do seu estado civil, da sua família, do seu trabalho... Esse tipo de**  
6 **coisas. Pode ser?**

7 **A.:** Sim, sim. Ham, ham... Então... Tenho sessenta anos, fiz este ano, ham...  
8 escolaridade... sim, tenho o décimo segundo ano. Acabei o secundário e depois prestei  
9 provas para a Polícia assim que foi possível. Queria ser polícia e ajudar as pessoas.  
10 Queria proteger aqueles que sentem que não podem ser protegidos... que não são  
11 compreendidos, que sentem que a lei não toma conta deles. Eu queria fazer a diferença,  
12 e foi isso que entrei para a Polícia. Ou melhor, prestei provas para entrar, porque era  
13 isso que queria, e consegui.

14 **E.: Alguma vez revelou a sua orientação sexual durante esse processo?**

15 **A.:** Ham... não. Sem dúvida que não. Quando eu entrei não se falava dessas coisas. Não  
16 era possível sequer entrar-se se se soubesse uma coisa dessas. Se se soubesse que uma  
17 pessoa era gay ou fosse o que fosse, que não fosse hétero, uma pessoa era logo corrida,  
18 e era crime até. Provavelmente acabava-se espancado ou algo do género também. Por  
19 isso é claro que nunca me atrevi a mostrar o mínimo sinal da minha orientação sexual.  
20 Ham... Era como se eu não existisse. Vejamos, aquilo era o meu sonho, não é, eu queria  
21 tanto pertencer àquela força que faria o que fosse preciso, incluindo esconder quem sou  
22 e viver a vida com se fosse outra pessoa, até porque nem havia outra possibilidade  
23 sequer, não é, mas não ia deixar que nada abalasse aquelas vontade que eu tinha. E  
24 assim foi, estive a fazer preparações durante um ano e quase dois, para depois quando  
25 concorresse dar o melhor que pudesse para garantir uma maior probabilidade de  
26 entrada! E consegui. Mas tive de esconder sempre a pessoa que sou. E escondi-o até há  
27 uns bons anos.

28 **E.: Então acabou por se assumir depois?**

29 **A.:** Sim, acabei por fazê-lo. E numa situação nada esperada. Acho que fui mais  
30 empurrado para o fazer, mas fi-lo.

31 **E.: Então? Poderia explicar?**

32 **A.:** Ham... Sim, claro. Ham... Então... Pronto, como lhe disse para entrar na Polícia,  
33 eu tive que deixar de ser quem sou, fingir ser outra pessoa, ou seja, passei a ser como se  
34 fosse um hétero. Arranjei namorada, fingi gostar de mulheres, arranjei as desculpas que  
35 podia para evitar ir a sítios de engate com os meus colegas, mortinhos para caírem em  
36 cima de mulheres, quando eu nem as podia ver. Lá estabilizei com uma namorada,  
37 porque se já mal podia aguentar uma que me queria como se quer um homem hétero,  
38 então quanto mais aguentar umas tantas e passar a imagem de *engatatão*. Não, não ia  
39 ser capaz disso. Estabilizei com essa namorada e pronto, quando me perguntavam  
40 porque é que não via outras miúdas ou fosse o que fosse, dizia-lhes que gostava de ser  
41 fiel e que ela é que era mesmo o amor da minha vida. Ou seja, eu era gozado na mesma,  
42 mas ao menos era gozado porque era fiel, porque era um namorado empenhado. Mas  
43 antes disso do que ser gozado e humilhado e alvo de coisas piores por causa de  
44 descobrirem que eu era gay. Passado uns tempos, tive de “provar” essa minha posição,  
45 esse meu empenho e devoção à minha namorada. Estava então na altura de ter de a  
46 pedir em casamento, de provar o que dizia nas minhas desculpas, de avançar na relação,  
47 de aprimorar o meu disfarce. Mas pronto, não é... Não foi muito fácil. Aliás, cada vez  
48 menos era fácil conseguir manter aquele teatro todo, aquela fachada para poder integrar  
49 no meu sonho, para poder pertencer à Polícia. É ridículo não é? Eu sei, hoje não faria de  
50 forma igual, mas também hoje não seria necessário, já há uma maior tolerância, há mais  
51 compreensão, mais... ham... talvez aceitação, sim, talvez seja essa a palavra. Mas  
52 naquela altura não havia. Estamos a falar do ano de mil novecentos e setenta e qualquer  
53 coisa. Ainda era tudo muito diferente, embora houvesse muita gente gay, ou muita gente  
54 trans... E ainda que se vivesse ainda a era Hippie, muita paz e amor, muito *rock and*  
55 *roll*, muitas comunidades, algumas drogas, muita gente a assumir-se... Ainda assim,  
56 não era tudo flores. Muito poucos eram aqueles que eram tratados com respeito, que  
57 eram realmente felizes, que não eram perseguidos por ninguém, que não eram  
58 maltratados... entre outras coisas, claro. Ou se assumia e se lidava com as  
59 consequências, maioritariamente negativas, ou se vivia fechado, constrangido, oprimido  
60 pelo medo e pelo receio das reações das pessoas. Vivia-se sempre com muito medo,  
61 muita contenção das nossas ações e atitudes, com a mania da perseguição com medo  
62 que nos descobrissem... Eram tempos muito difíceis. Agora já é diferente, mas não era  
63 nada fácil há umas décadas atrás, por isso tive de disfarçar o melhor que pude. Lá casei

64 com a namorada, pedi a mão dela ao pai, a família ficou radiante, e em sofrimento,  
65 porque apenas o fiz por obrigação, para me esconder atrás de toda a situação, e depois  
66 pedia-a em casamento numa festa em que reunimos a família para o efeito, apenas ela  
67 não sabia. Se tivesse sido hétero, acho que seria um sonho romântico para qualquer  
68 mulher, ela pelo menos delirou, mas na verdade... pronto, era tudo menos aquilo que  
69 queria realmente. Casámos em 1982, tinha eu vinte e quatro anos. Naquela altura já era  
70 considerado uma idade tardia para se casar, mas pronto, lá foi. Depois, não bastando o  
71 sofrimento de ser obrigado a ter relações numa relação hétero, começaram a vir os  
72 filhos. Três, mais precisamente. Tivemos três filhos, todos meninos. Tinha eu vinte e  
73 sete quando nasceu o primeiro, trinta quando nasceu o segundo, e tinha acabado de fazer  
74 os trinta e cinco quando nasceu o terceiro. [Pausa 0,3 segundos] Não me interprete mal,  
75 eu amo os meus filhos, mas não os queria ter tido assim, numa relação que não tinha  
76 amor nenhum da minha parte. Não é que ela me amasse incondicionalmente, ou que eu  
77 fosse o amor da vida dela, mas sim, ela gostava de mim. Tinha aceitado fazer vida  
78 comigo, criar uma relação estável, e gerar frutos daí. Mas eu não gostava dela. Gostava  
79 o mínimo para poder viver com ela. Já que tinha de viver com uma mulher, fazer vida  
80 com ela, ao menos que fosse alguém que pudesse ser minimamente aceitável, suportável  
81 no dia-a-dia, que compreendesse que passava horas fora por causa do trabalho, que  
82 sempre me fazia sentir que estava a fazer uma pausa da vida caseira teatral. Portanto,  
83 eles vieram de uma relação que aconteceu por disfarce, por obrigação. Isso é o que me  
84 custa. [Pausa 0,3 segundos] Acabei por me assumir com os meus quarenta anos. Isto  
85 porque entretanto com o meu trabalho fui conhecendo várias pessoas, e acabei por  
86 conhecer um homem que era *gay*. Fomos chamados a um bar por causa de uns desacatos  
87 entre três civis, ou seja, um hétero e dois *gays*. Lá no local depois explicaram-nos tudo,  
88 e como os meus colegas não queriam lidar com os *gays*, foram registar o depoimento do  
89 homem hétero e eu fui registar o depoimento dos dois homens *gays*. Na altura fui  
90 gozado inclusivamente por isso. Mas pronto, lá o fiz e ignorei-os. Um deles lá acabou  
91 por me agradecer, fartou-se de me elogiar, e acho que tentou fazer ali um *flirtzinho*, mas  
92 pronto, por mais *sexy* que achasse que isso foi, não podia descair nem por um milésimo  
93 de segundo, não pelo menos ali. Não podia correr o risco de deixar passar qualquer pista  
94 de que não era realmente hétero, percebe?

95 **E.: Sim, sim, percebo. E depois, teve algum contacto com esse senhor do *flirt*, ou**  
96 **ficou por ali?**

97     **A.:** Curiosamente, não. Ou melhor, ali não, logo ali no momento não. Acabei por me ir  
98     embora, voltamos para a esquadra, e passado aí... quê... uma semana se calhar. Sim,  
99     isso. Passado aí uma semana acabei por ser chamado a uma situação semelhante, eu  
100    mais uns colegas. E por acaso pensei nele, mas pensei que seria muito improvável voltar  
101    a vê-lo, por isso pus essa ideia de parte. Curiosamente, quando lá chego, era exatamente  
102    ele que lá estava, mais o amigo da outra vez, que tinham arranjado discussão com um  
103    outro homem, este hétero também, como na situação anterior, o qual acusavam de ser  
104    preconceituoso, porque não os quis atender no bar deles, e pô-los na rua, ameaçando-os  
105    de agressão física, e pronto, tudo isso levou a que fôssemos lá chamados. Mais uma vez,  
106    o meu colega não quis ficar com os gays, e foi recolher o depoimento do homem do bar,  
107    o hétero, e eu fiquei novamente com aqueles dois pares de jarras. Quando lá cheguei  
108    disse-lhe: *“Bem, isto já se ‘tá a tornar recorrente, não?”*, ao qual ele me respondeu: *“É.*  
109    *Se calhar é o destino. Se calhar é suposto encontrarmo-nos mais vezes. Ou acabarmos*  
110    *juntos.”*, e juntamente com aquela audácia ainda me pisca o olho. Fiquei fora de mim.  
111    Aquilo era tudo novo para mim. Apesar de gostar de homens... pronto, nunca tinha  
112    estado com um. Nem sequer um beijo tinha trocado... Não poderia correr o risco de ser  
113    apanhado de maneira nenhuma, de criar polémica, de ficar sem o meu emprego de  
114    sonho! Encarava o meu papel de hétero à séria. Mas também, poucos conheci que  
115    fossem como eu. Se conheci dois foram muitos. E aquele mexeu verdadeiramente  
116    comigo! Mas claro, o meu colega ficou a olhar para mim, tal como os outros civis em  
117    volta que ouviram, à espera da minha reação! Era impensável um *gay* dizer aquilo a um  
118    hétero, quanto mais um polícia! Custou-me, mas tive de fazer o meu papel e agir como  
119    se aquilo me tivesse ofendido, que na verdade não ofendeu, antes me engrandeceu o  
120    ego! Mas sim, ham, lá tive de me armar em mauzão, e dizer-lhe que por causa daquelas  
121    *piadolas* que o ia ter de levar para a esquadra, para passar uma noite na cela por  
122    desrespeito a um agente de autoridade. Acho que impus o meu respeito, pelo menos  
123    perante os que estavam ali à nossa volta, porque ficaram todos com um ar extremo de  
124    satisfação. Houve ainda um que disse algo como *“Bem feito! Gays de merda! Já nem se*  
125    *pode andar na sua vida que se atiram a todos, porra!”*. Ali concordei, fiz o meu papel.  
126    Mas corroí-me todo por dentro! Afinal também era gay, e não me atirava a todos. Não  
127    podiam por toda a gente no mesmo saco. Irritou-me mesmo. Saí dali, como se estivesse  
128    irritado com o rapaz gay que me disse o piropo e levei-o para o carro para o levar para a  
129    esquadra, mas na verdade estava irritado com aquele comentário preconceituoso.

130 Quando o fui pôr no carro, antes de lhe baixar a cabeça, diz-me assim mais inclinado  
131 para a minha cara, bem perto de mim, assim, ‘tá a ver? [Faz o gesto] Assim. E aí diz:  
132 “*Confessa, até gostaste. De maução não tens nada. O meu radar nunca falhar. Quando*  
133 *quiseres saber o que é estar com um homem a sério, tens os meus dados e sabes onde*  
134 *me encontrar.*”. Ham... Pronto, nem preciso de dizer que aquilo me deixou  
135 excitadíssimo. Sabia que ali ninguém nos via, porque estava na lateral do carro, mais  
136 baixo, curvo, vá, para o colocar dentro da viatura, muito menos ouviam, mas o medo de  
137 ser apanhado e o poder das palavras que ele me disse... Bom, aquilo foi intenso!  
138 Percebi que tinha começado ali uma paixoneta. Tive de me ir sentar de imediato no  
139 carro para não se perceber o volume que ficou nas minhas calças com aquelas palavras.  
140 [Pausa 0,3 segundos] Isto parece parvo, mas é a sério. Basicamente eu era um virgem de  
141 trinta e poucos anos no que dizia respeito aos homens, que eram a minha verdadeira  
142 paixão, com quem nunca tinha estado, com quem ansiava profundamente estar, e que  
143 era completamente ignorante no que diz respeito àquilo tudo, àquelas coisas, àquelas  
144 andanças do namoriscar, do engate, do ser atrevido, do não ter papas na língua, de não  
145 ter medo de dizer coisas daquelas e de arriscar conquistar outro homem assim, às cegas.  
146 Tudo aquilo mexeu muito comigo, fiquei muito entusiasmado com tudo aquilo, com  
147 tudo o que se tinha passado, porque afinal eram os meus primeiros passos no mundo  
148 gay, e eram passos de bebé, que não tinham partido de mim, mas eram os meus  
149 primeiros passos, e estava tão entusiasmado que nem o volume das minhas calças estava  
150 a conseguir disfarçar convenientemente! Só desapareceu quando fui invadido pelo medo  
151 de ver o meu colega vir na nossa direção, na direção do carro, para vir para o carro para  
152 voltarmos para a esquadra. Aí sim. O medo, o pavor, o terror de ser descoberto naquele  
153 instante passou-me pela cabeça e vi tudo o que me podia acontecer se não disfarçasse de  
154 imediato, desse por onde desse. Acho que o terror em si teve força suficiente, porque em  
155 segundos o volume desapareceu. [Pausa 0,3 segundos] O medo tem um poder incrível  
156 nas pessoas. Nas suas ações. Nas suas atitudes. Nos seus pensamentos. Em tudo,  
157 mesmo. E eu não fui exceção.

158 **E.: Então já não voltou a ter contacto com esse senhor, por causa do medo?**

159 **A.:** Oh, eu tive medo, sim, pode crer bem que tive, e se tive. Mas não foi a última vez  
160 que o vi. Passei o tempo todo a rever todo aquele acontecimento na minha cabeça.  
161 Inclusivamente, nesse dia fui para casa mais à noite, e quando cheguei já os miúdos

162 dormiam. Aquilo não me saía da cabeça. De tal ordem que pensei... ham... pronto, ir  
163 para a casa de banho ter um momento privado, meu... Mas apareceu a minha mulher, e  
164 eu já estava tão excitado que nem vi mais nada à frente. Acabei por agarrá-la e...  
165 acabamos a fazer amor. [Pausa 0,3 segundos] Acho que ela ficou tão surpreendida como  
166 eu. Acredite. Mas por aí percebi o poder que aquele homem tinha em mim, e mal o  
167 conhecia. Aliás, mal nos conhecíamos. Aquilo com o passar dos dias começou a deixar-  
168 me maluco, porque não me saía mesmo da cabeça. Passado aí um mês, comecei a  
169 esforçar-me por esquecer aquele episódio. Azar o meu, voltei a encontrá-lo. Desta vez ia  
170 eu sozinho na rua, sem estar fardado, já tinha saído do trabalho, perto da hora de jantar,  
171 e tinha ido buscar uns churrascos para o jantar, frangos e assim, ia jantar com uns  
172 amigos. Ele fez questão de me parar na rua, com um braço no meu peito. Achei que ia  
173 deixar cair tudo no chão. Não podia acreditar no que via. [Pausa 0,3 segundos] É que  
174 desta vez não havia ali ninguém do meu trabalho, aliás, mal havia até pessoas na rua,  
175 naquela zona pelo menos, quanto mais. Acontece que ali era o bairro dele. Vivíamos  
176 perto um do outro e não sabíamos. Irónico, não é? Nunca tinha olhado para os dados  
177 pessoais dele, não é coisa que faça com ninguém, por isso... Se o tivesse feito mais  
178 cedo, talvez o tivesse vindo procurar inocentemente... Mas o que é facto é que nos  
179 encontrámos ali, mais uma vez. Comecei a crer que era o destino! [risos] E, sim, ham,  
180 ele começou a falar comigo, a dizer que tinha saudades minhas, a piscar-me o olho, e a  
181 perguntar-me se eu tinha pensado no que ele me tinha dito. Fiquei atrapalhado, mas  
182 lembrei-me que estava na rua e que não me podia desleixar e deixar cair o meu disfarce  
183 de hétero para o caso de alguém conhecido estar a ver. Aquilo era um sofrimento atroz,  
184 viver assim todos os dias, rodeado de medo, de opressão, da mania da perseguição, de  
185 que todos estão a olhar para nós, através de nós, e que sabem quem somos na verdade. É  
186 cansativo. E aterrorizante. Mas sim, ham, disfarcei e pedi-lhe para parar com isso, que  
187 estava equivocado, que eu não era quem ele pensava e dizia ser... Pronto, essas coisas.  
188 Ele insistia, dizia que sabia ver quem era gay também ou não, e que eu não lhe escapava  
189 ao radar. Acabou por me dizer onde costumava estar durante a semana, para que fosse lá  
190 se o quisesse encontrar, porque ia fazer-me feliz, que ia satisfazer-me a curiosidade que  
191 eu tinha para poder sair do armário, sim, porque não sei como, percebeu que eu nunca  
192 tinha estado com ninguém. Ou ele era mesmo bom a ler as pessoas, ou eu era realmente  
193 muito evidente para os outros, coisa que eu não acho que fosse, porque até lá ninguém  
194 tinha dito ou comentado fosse o que fosse. Ham... Lá me disse onde estaria e que

195 gostava muito de me ver, que queria estar comigo... essas coisas, pronto, a tentar  
196 aliciar-me a ir ter com ele.

197 **E.: E conseguiu? Aliciá-lo?**

198 **A.:** Conseguiu. Se conseguiu. Fiquei com ele preso na minha mente dias a fio, e raros  
199 eram os segundos que não o tinha na mente. Parecia uma adolescente parvinha  
200 apaixonada, que mal conseguia ficar longe do telefone de casa a falar com a  
201 paixãozinha. Detestei isso em mim, mas mal o consegui evitar. Até andava distraído no  
202 dia-a-dia, e isso já me estava a afetar porque as pessoas à minha volta já me notavam  
203 mais distraído, mais cabeça no ar. Não era de mim ser assim, e eu nem conseguia evitar  
204 não ser assim. Decidi que se calhar o melhor era arranjar forma de o ver, porque achei  
205 que isso iria fazer com a curiosidade desaparecesse e ele também saísse da minha  
206 cabeça. Ham... Lá consegui ir vê-lo ao fim da noite, já com poucas pessoas na rua, para  
207 que ninguém me visse, ou me reconhecesse e depois tivesse que explicar o porque de  
208 estar ali quando também já tinha mentido em casa. Encontrei-o, e depois de tanto  
209 falarmos como se fôssemos apenas conhecidos, por causa das aparências, lá acabei por  
210 ir a casa dele. Cativou-me de tal maneira que não consegui resistir em querer ficar com  
211 ele de uma maneira... mais... privada. Entrou ele primeiro, deixou-me a porta  
212 encostada, e depois de me certificar que não havia ninguém ali que pudesse estar a ver,  
213 entrei eu a seguir. Senti-me todo a tremer. Mas fui, não consegui não ir com ele. Aquela  
214 curiosidade estava a matar-me, precisava de viver aquilo, de ceder às minhas tentações,  
215 de saber o que era estar realmente com um homem, por vontade, por desejo, e não estar  
216 novamente com alguém por obrigação. Aliás, acho que isso é o pior que podemos fazer  
217 a nós próprios. Mas foi o que fiz.

218 **E.: E então acabou por passar a noite com ele? Estiveram juntos intimamente?**

219 **A.:** Sim, passei. E sim, ‘tivemos. E foi das melhores noites da minha vida. Afinal foi a  
220 minha primeira vez. Com um homem, isto é. Deixei de dar passinhos de bebé no mundo  
221 gay e passei mesmo a mergulhar de cabeça. E nunca me senti tão bem e tão feliz em  
222 toda a minha vida. A partir dali, soube que era para durar. Passamos a encontrar-nos  
223 com mais frequência, a estar juntos mais vezes, e chegámos mesmo a estar juntos em  
224 minha casa. E isso ia dando para o torto. Ou melhor, acabou por dar mesmo.

225 **E.: Então, o que aconteceu?**

226 **A.:** Uma vez quando estávamos a sair de casa apareceu a minha mulher com os nossos  
227 filhos, tinha ela ido às compras com eles depois de um almoço em casa dos pais dela.  
228 Eu disse que estava a trabalhar para não ir com eles, e aproveitei para ir lá para casa  
229 com ele. Acho que nos começámos a desleixar, e nesse dia ao sairmos, íamos a sair da  
230 porta para ele se ir embora, estava ela a entrar com as chaves dela, em nossa casa.  
231 Conclusão, tive de inventar uma coisa estapafúrdia de última hora. Disse-lhe que tinha  
232 saído para ir almoçar, porque afinal não tinha sido preciso no caso em que era suposto  
233 ficar, e que como eles já estavam nos pais dela e eu tinha dito para não contarem  
234 comigo, fui almoçar qualquer coisa rápida num restaurante, e que tinha encontrado  
235 aquele amigo que já não via há muitos anos, e por isso é que ela não o conhecia.  
236 Apresentei-o a ela, e ela nem desconfiou, pensei eu, porque ele nem parecia *gay*,  
237 olhando assim à primeira vista nem se dava conta, porque nem se vestia mais de forma  
238 feminina nem se comportava ou gesticulava dessa forma. Deu para a desculpa ser mais  
239 credível. Portanto, lá consegui que ela acreditasse em mim. Mas houve uma coisa que  
240 me incomodou logo naquele momento. Foi a maneira como eles se olharam os dois.  
241 Pareciam ter ficado fascinados um com o outro. O que eu sabia que não podia ser, afinal  
242 ele estava comigo, um homem, e nunca tinha manifestado interesse por mulheres, por  
243 isso... podia ficar descansado. Achava eu.

244 **E.: Então? Foi traído por um deles, é isso?**

245 **A.:** Não, não. Na verdade foi mesmo pelos dois. Não por um, mas pelos dois. E um com  
246 o outro.

247 **E.: Mas como é que isso aconteceu?**

248 **A.:** Bem, afinal a sensação que eu tinha de que eles estavam fascinados um com o  
249 outro... afinal vi bem. Tinha razão. Acontece que ele fez por saber mais coisas sobre  
250 ela, sempre naquela de me querer conhecer melhor através disso, da vida que eu levava,  
251 o que passava por me esconder, tudo isso. E eu acreditei. Afinal era para ele ter mais  
252 informações sobre ela. E um dia que saí mais cedo do trabalho, cheguei a casa, tinha  
253 decidido ir passar um tempo com os miúdos, ir com eles passear, comer um gelado, esse  
254 tipo de coisas, para me aproximar mais deles, porque não fui assim tão presente quanto  
255 isso. E quando cheguei a casa, afinal não estavam os meus filhos, estavam a passar a  
256 tarde com os avós e iam lá dormir. Encontrei antes a minha mulher. E o meu amante. Os  
257 dois na minha cama. [Pausa 0,4 segundos] Eu sei que não posso ficar propriamente



258 zangado, mas a verdade é que fiquei. Sei que eu tinha traído primeiro, mas não  
259 considero bem trair, porque eu nunca gostei de mulheres. Estava com uma por puro  
260 disfarce, não por gosto. Encontrei nele a oportunidade de ser verdadeiramente quem eu  
261 queria ser, de estar com quem eu queria estar. Para afinal não dar em nada. Para afinal  
262 ser traído pela minha mulher, com o meu amante. Afinal o meu amante não era gay,  
263 porque também gostava de mulheres e eu nunca soube, e estávamos juntos desde os  
264 meus trinta e seis anos, até aos meus quarenta, fomos amantes quatro anos, e nunca  
265 soube que ele afinal era bissexual. E afinal a minha mulher também sabia de mim,  
266 porque ao estar com ele, ele contou-lhe tudo, mas na condição de ela fingir não saber de  
267 nada. Bom, só lhe posso dizer que se gerou ali um caos... Acabei por sair de casa, e os  
268 meus filhos ficaram com ela. Ela disse que ia contar tudo a toda a gente, que ia ser  
269 despedido, que ia ser isto e aquilo, e então decidi que desse o que desse que iria ser eu a  
270 assumir, e não ela. Tudo porque eu se se soubesse o que tinha acontecido, eu seria o  
271 *gay*, o *paneleiro*, o *roto*, e ia sofrer com isso, mas ela também ia, porque ia ser a *puta*, a  
272 *traidora* que tinha marido e que se envolveu com outro homem, porque não tinha sido  
273 mulher suficiente para agarrar o marido gay e transformá-lo no marido hétero. Onde  
274 vivíamos, quem nos rodeava, era assim que funcionava ali. Infelizmente. Mas eu apesar  
275 daquilo tudo também não quis saber. Tinha ficado magoado, mais por ele, porque ele  
276 era mesmo especial para mim. Era o meu primeiro tudo. E queria que fosse o último.  
277 Mas não foi.

278 **E.: Compreendo. Então depois disso saiu de casa e assumiu-se, é isso?**

279 **A.:** Sim, depois disso saí de casa e assumi-me, aos poucos, nos vários campos da minha  
280 vida. O pior foi mesmo no trabalho. Fui transferido para outra zona e ainda fui agredido.  
281 Não fui despedido pelos laços de amizade que tinha criado. Mas acho que foi mesmo  
282 por uma unha negra. Lembro-me que uma vez no trabalho, nos balneários, estavam  
283 todos despídos, a vestirem-se, a tomar banho, fosse o que fosse, e eu estava a olhar para  
284 um colega, e isto logo no início. E deram por mim a olhar fixamente para o fundo das  
285 costas dele, pronto, para a zona do rabo. Caíram-me logo em cima, insultaram-me,  
286 chamaram-me gay, montes de nomes, e eu safei-me ao dizer que não estava a olhar para  
287 ele, para o corpo dele em si, mas sim para o sinal que ele tinha no fundo das costas –  
288 felizmente reparei nesse pormenor! –, porque tinha um amigo que tinha um sinal assim  
289 e afinal era uma porcaria de um cancro e só se safou por eu ter reparado! Valeu-me eles

290 terem acreditado, mas safei-me por pouco, acredite. Por isso é que a partir daí tive  
291 sempre o maior cuidado em manter o meu disfarce, porque sabia que assim que fosse  
292 apanhado, sabia bem que ia sofrer e o que me esperava. E foi o que aconteceu. Sofri  
293 horrores. Mandaram-me ir ao meu cacifo buscar as minhas coisas e lá dentro  
294 apanharam-me e amarraram-me as mãos para me baterem. Fiquei em mau estado, estive  
295 no hospital durante algum tempo até. E sozinho. Agora que era assumido já não tinha  
296 ninguém para se preocupar comigo, para gostar de mim. E os meus filhos foram  
297 afastados de mim. A nossa relação ficou ainda mais fraca. E fui transferido para a pior  
298 esquadra que havia, para os piores serviços que haviam, na condição de ser discreto e de  
299 deixar a minha vida pessoal fora da esquadra, porque ali a minha sorte não ia ser a  
300 mesma e o meu sonho ia desaparecer de vez, mesmo sendo dos melhores.

301 **E.: E depois disso, como se desenrascou? Onde ficou?**

302 **A.:** Depois disso acabei por alugar um apartamento, fiquei a viver sozinho, longe da  
303 zona de onde morava, longe da minha família, que agora também não queria saber de  
304 mim, que tinha vergonha de mim, e também perdi muito mais a ligação com os meus  
305 filhos. Mas pronto, desenrasquei-me. Mantive a minha vida fora da minha área de  
306 trabalho, e mal voltei a ter companheiros. Fui tendo um ou outro, mas nada de sério nem  
307 estável ou duradouro, só coisas casuais. Afinal a pessoa de quem gostava a sério tinha  
308 acabado de me apunhalar as costas e de me dar o maior desgosto que podia ter. Isso fez-  
309 me ver as relações de forma muito diferente. Deixei de querer ter relações sérias.  
310 Apenas coisas pontuais. E passei a dar mais atenção ainda ao trabalho. Afinal era o meu  
311 sonho e deixei cair o meu disfarce por uma tentação parva que afinal deu no que deu.  
312 Não iria voltar a cometer esse erro, e não voltei. E não pretendo voltar a cometer até me  
313 reformar. Depois disso, logo se vê como será, a reforma, a velhice, tudo isso. Pode ser  
314 que seja mais descansada.

315 **E.: Estou a ver. E depois de se reformar, nalguma fase posterior, alguma vez**  
316 **pensou na ideia de viver num lar?**

317 **A.:** Viver num lar... Não. Sem qualquer hesitação. Não mesmo. E digo-lhe já porquê:  
318 porque não quero voltar a ter de ser oprimido. Os tempos mudaram e as mentalidades  
319 também, é verdade, algumas pelo menos, e agora no trabalho também se sabe da minha  
320 orientação sexual, mas desde que não misture as coisas, corre tudo minimamente bem,  
321 mas aprendi com os meus erros. Não quero ter de voltar a esconder-me, a fingir ser uma

322 pessoa que não sou, a ter medo de mostrar quem sou. Posso não ter companheiros, mas  
323 não quero voltar a negar quem sou. Vivi assim quase quarenta anos. Ninguém merece  
324 perder tanto tempo de uma vida para uma mentira. [Pausa 0,4 segundos] Sou sincero, é  
325 um pensamento que já me passou pela cabeça. Já pensei muitas vezes o que é que faria  
326 se precisasse de ir para um lar. Porque agora não tenho família que me ajude, que tome  
327 conta de mim, nem os filhos, porque a nossa relação é muito fraquinha. Eles depois  
328 também não lidaram muito bem que essa parte de me assumir, o que não ajudou. Por  
329 isso... Sei que se precisar, se e quando a hora vier, vou ter de aceitar a minha ida para  
330 um lar, mas não quero. De todo. Não é uma coisa que me deixe resignado, deixa-me  
331 mesmo revoltado. Tenho medo, porque não quero voltar a ter de me esconder. É a  
332 última fase da minha vida e quero vivê-la como sou, já perdi quase quarenta anos numa  
333 mentira, não quero também ter de perder mais uns tantos na última fase da minha vida  
334 quando deveria poder ser feliz a ser quem sou verdadeiramente.

335 **E.: Que ideia tem sobre os lares para ter essa noção? O que contribuiu para isso?**

336 **A.:** Olhe, o que contribuiu é muito simples. Eu sou de um tempo que sei o que se fazia  
337 às pessoas que eram gays, bissexuais, lésbicas, transsexuais, tudo isso. É que estas  
338 pessoas sempre existiram, desde sempre, desde o início da espécie humana que houve  
339 pessoas assim, agora, a sua divulgação é que foi sempre diferente. Por isso... Eu assisti  
340 ao evoluir disto. Sei que muita coisa mudou, mas não é o suficiente. Vivi rodeado de  
341 héteros a minha vida toda, tive de agir como um quase quarenta anos, e agora ia pôr-me  
342 num lar rodeado de mais não sei quantos héteros, provavelmente mais nenhum como eu,  
343 e sofrer mais opressão? Mais perseguição? Mais medo? Eu bem sei as histórias que  
344 ouvi, os casos que aconteceram, os casos que fomos averiguar em que depois as pessoas  
345 mentiam a dizer que não tinha sido nada porque tinham medo de assumir, de contar, e  
346 depois ainda levarem mais. Não, eu sei bem o que não quero, e isso é uma das coisas  
347 que não quero.

348 **E.: Compreendo. Teria medo do seu dia-a-dia na instituição e das pessoas que o**  
349 **rodeassem, das suas acções, é isso?**

350 **A.:** Sim, claro. É como lhe digo, respondo sem hesitar. Que necessidade tenho de ir para  
351 um lar, a não ser por última instância e por obrigação, se sei o que costuma acontecer  
352 lá? É que isto da aceitação, da modernidade, das novas mentalidades... tudo isto é  
353 muito bonito, mas pouco acontece de verdade, pouco mudou a sério. Porque há de haver

354 sempre alguém que seja homofóbico, e essa única pessoa pode ser o suficiente para criar  
355 redes de ódio entre as outras pessoas, porque basta uma maçã podre para estragar o resto  
356 da fruta, seja outro velhote que lá esteja como eu, seja uma funcionária, seja da cozinha,  
357 seja da higiene, seja do que raio for. Percebe? E eu não vou passar por isso. Não quero.  
358 Pretendo adiar essa possibilidade o mais possível. E digo possibilidade porque sempre  
359 me ensinaram que não podemos dizer que dessa água não beberei, porque não sei o que  
360 me aguarda no futuro. Amanhã acontece-me qualquer coisa e preciso de ir para um lar,  
361 e como é? Percebe? Mas não, é adiar o mais possível.

362 **E.: Compreendo. Mas supondo que um dia precisaria... Que fatores iam contar**  
363 **para escolher o lar? E seria o senhor a escolher?**

364 **A.:** Ah... não suponha isso, por favor! [*Risos*] Ham... Mas pronto, eu faço-lhe o  
365 jeitinho... Ham... Mas sim, isso seria sempre eu a escolher, a não ser que estivesse  
366 chéché do dia para a noite e não pudesse decidir nada. Aí talvez fosse a única situação  
367 em que não dependesse de mim. Mas no que depender, sim, será uma decisão minha.  
368 Mas sim, fatores... Então olhe, tinha de ser algo que pudesse pagar, porque não sei qual  
369 será a minha reforma, mas tinha que puder pagar... Ham... Sim, tinha de ter as  
370 melhores condições possíveis, porque não passei tanto tempo na Polícia, a “dar o corpo  
371 às balas” pelos outros, para depois não usufruir da minha velhice em paz e no melhor  
372 possível. Ham... Idealmente teria de aceitar pessoas gays e afins, e se possível ser mais  
373 assim do que ter héteros. Ou até podia ter, desde que houvesse garantia de eles eram  
374 realmente compreensivos e tolerantes da diferença, para poder ser o que sou à vontade,  
375 ‘tá a ver? Ham... Que as pessoas ‘tivessem todas elas formadas para lidarem com a  
376 diferença, e não só com o não hétero, que acho que nem isso há assim uma grande  
377 formação. E não tratem os velhos como se fossem idiotas cheios de baba à espera  
378 morrer. A formação, a educação, o conhecimento... todo esse tipo de coisas nesta área,  
379 acho que é preciso investir-se mais nisso, que é preciso mudar-se muita coisa ainda. E a  
380 intimidade. E gostava de poder ter à vontade para poder ter intimidade se gostasse de  
381 alguém. Vá, privacidade, nos termos da palavra. Essencialmente acho que era isso que  
382 ia contar... Sim, acho que sim.

383 **E.: E quanto à sexualidade, tem alguma importância para si?**

384 **A.:** Ham... No lar ou...?

385 **E.:** No geral mesmo, mas também num lar. Como seria para si? Que importância  
386 tem para si?

387 **A.:** Ham... Bem... É assim, não vou ser aqui todo politicamente correto... Ham... O  
388 sexo faz falta. É importante para o ser humano. Não é só para a reprodução, como a  
389 igreja ensina, percebe, claro que também é importante para isso, mas também é para o  
390 prazer, para sermos felizes, para nos satisfazermos. Eu... Ham... Para mim tem  
391 importância. Continua a ter importância, mesmo não tendo relações mais frequentes ou  
392 mais sérias, ou mais duradouras, seja. Serve-me para ter relações casuais, para ir  
393 satisfazendo a vontade de estar com alguém, a necessidade de sentir a proximidade do  
394 outro, do toque, do calor do corpo... Mas sim, já não faço com tanta frequência, mas  
395 também nunca fiz assim muito. Fazia poucas vezes com a minha mulher, como disfarce  
396 e por obrigação, em obter grande prazer em troca, porque tinha de imaginar mil e uma  
397 artimanhas na minha cabeça para poder ter vontade de estar com ela intimamente, de  
398 poder ter vontade de fazer sexo com uma mulher. Basicamente aqui a imaginação tem  
399 um papel muito grande, porque era isso que ajudava a conseguir prosseguir com isso,  
400 imaginando homens e coisas desse tipo, mas pronto, para mim essas vezes nem contam,  
401 não acho que algo forçado deva contar nesse sentido. Depois tive a relação com o meu  
402 amante, que aí sim, fiz muitas vezes, tantas quanto pude, até a relação der dado para o  
403 torto, mas também valeu o que valeu. Valeu mais por ter sido o meu primeiro em tudo,  
404 a começar pela entrada no mundo homossexual. Teve mais peso por aí. E depois pronto,  
405 fui tendo relações mais casuais depois desse desgosto. Mas claro, o sexo tem sempre  
406 importância. É claro que se calhar para mim tem mais importância do que para outras  
407 pessoas, ou menos, em comparação a outras pessoas, mas tem sempre. E para mim não  
408 é exceção. É algo que nos faz sentir bem, bem no geral, conosco próprios também,  
409 mas pronto, cada um é como é. Ham... E sim, num lar também é uma coisa que faz  
410 falta. As pessoas que vivem num lar têm diversas idades, não são só pessoas a morrer de  
411 velhice. E mesmo assim continua a haver essa necessidade. Eu tenho sessenta anos,  
412 caminho para o aumento da idade, e não me vejo a perder o interesse nesse sentido.  
413 Posso se calhar não fazer com tanta frequência, ou não conseguir fazer sozinho e  
414 precisar da ajuda de um ou outro medicamento, gel, pomadas, tudo o que vai existindo  
415 para melhorar a vida sexual de uma pessoa, seja de que idade for, e posso se calhar até  
416 já não fazer sexo da mesma maneira que fazia quando era mais novo, que de certeza que  
417 isso vai mudar, mas sei que a sexualidade continua a ter importância nessa fase da nossa

418 vida. Não é por estarmos velhos, mais velhos a cada dia que passa, que vamos perder  
419 tudo a que temos direito, que vamos obrigatoriamente perder o interesse em tudo aquilo  
420 que nos faz felizes. Vi muitos velhotes nos casos que averigui que depois em conversa  
421 com eles falei um pouco sobre a forma como eram tratados, e eles diziam e com razão:  
422 *“Uma pessoa chega a velha e olhe, mais vale morrer. Não podemos fumar porque faz*  
423 *mal, porque ficamos sem pulmões e aceleram a morte por problemas respiratórios, não*  
424 *podemos beber porque faz mal, porque nos dá cabo do fígado e aumenta as*  
425 *complicações a esse nível, não podemos comer doces e comidas de porcaria, nem*  
426 *sequer com sal, porque faz mal à tensão, não podemos fazer sexo porque isso nem*  
427 *sequer existe na nossa idade, e não podemos passear porque nos podemos perder ou*  
428 *sermos enganados. Resta-nos o quê?”*. Não sei se foi exactamente assim, palavra por  
429 palavra, mas foi mais ou menos isso. E isto marcou-me muito. É um dos principais  
430 motivos que me fez reflectir sobre a ida para um lar, sobre a questão de se envelhecer.  
431 Não é que tudo isto não aconteça na velhice em casa, mas num lar é muito mais  
432 acentuado, temos muitos mais olhos e mãos para garantir que isto funciona assim. Em  
433 casa temos mais liberdade, por norma, e se formos também mais independentes, e  
434 também se tivermos uma boa família, que nos apoie e perceba. Se for castradora acaba  
435 por ir dar ao mesmo, ou quase pelo menos, como um lar. Seja num lado, seja noutro,  
436 mas principalmente no lar, que há mais falta de privacidade e de intimidade, porque é  
437 assumida como algo que não existe, que não é necessária, acho que devia ser algo  
438 mudado, que devia ser algo que deveria ser investigado, modificado, reestruturado e  
439 passado em modo de formação às pessoas que trabalham nestes meios. Acho que  
440 ajudava a mudar muita coisa. Mas isso também é uma coisa que tinha de ser feita e  
441 pensada como deve ser, com pés e cabeça, para não dar bodega. Agora, que é uma coisa  
442 que devia ser mudada e analisada, devia, porque alguém tem que prestar atenção a esta  
443 questão e fazer por mudar esta realidade. Eu se for para um lar, que não sei o dia de  
444 amanhã e até posso ir já para a semana se não tiver outra opção, ainda sou relativamente  
445 novo. Bolas, quer dizer, tenho sessenta anos, não é? A ideia é poder continuar a fazer  
446 tudo o que faria se vivesse como vivo, em casa, com as minhas rotinas, as minhas  
447 maneiras de fazer as minhas coisas, no meu espaço, o meu dia-a-dia. Se quiser ter sexo,  
448 então... porque não? Muitas pessoas se calhar já nem conseguem, outras nem pensam  
449 que isso é uma possibilidade, outras até têm medo de pensar nisso só para não serem  
450 gozadas, mas é uma realidade, e tem de ser vista como existente. Mas não é isso que

451 acontece. [Pausa 0,3 segundos] Eu sei que isso muda de pessoa para pessoa, mas se  
452 formos tratar todos como iguais que não fazem sexo e não têm interesse nenhum nisso,  
453 que não é sequer uma possibilidade, então é isso que vai acontecer. As pessoas vão ter  
454 medo de manifestar essa vontade, de serem ridicularizados por quererem algo do tipo, de  
455 serem humilhados. Percebe? É isto que eu acho. Mas sei que se fosse eu a ir para um  
456 lar, que é coisa que detesto considerar, que pelo menos iria querer manter as coisas  
457 minimamente iguais à minha vida como é aqui, em minha casa. Dentro do possível, pelo  
458 menos. E iria querer poder ser eu próprio, sem ter medo de dizer que sou homossexual e  
459 que, se me interessasse por alguém, que iria querer ter relações com essa pessoa sem ter  
460 de ter medo de ser reprovado, odiado, alvo de preconceito, de gozo... E queria poder  
461 fazê-lo com dignidade, com respeito pelo meu espaço, pela minha privacidade. Poder  
462 ter a minha intimidade com quem eu quero, na minha privacidade, no meu espaço, e ser  
463 respeitado, porque não faria mal a ninguém. Percebe? E nestas idades, com o avançar da  
464 idade, aliás, a parte sexual também vai mudando. Já não é aquele sexo ham... fogoso,  
465 sim, pronto, que se tem na juventude. Há transformações nisso. Torna-se mais gentil,  
466 mais meigo, mais numa troca de toques, de carinhos mais fortes, de querer calor  
467 humano, do corpo do outro, para também não nos sentirmos tão sós nessa fase da nossa  
468 vida em que não nos é reconhecido, nem é bem visto, a ideia ou a hipótese de  
469 refazermos a nossa vida, de encontramos namorados, de querermos casar uma última  
470 vez, ou de querermos realmente voltar a ter relações. E vivem tão embrenhados nesta  
471 cultura, nesta realidade, neste modo de se viver e ver as coisas e as pessoas com estas  
472 idades, que os próprios velhotes nem ponderam a existência de outra possibilidade e  
473 resignam-se com uma vida amorfa. E que muitos nem são assim tão velhotes quanto  
474 isso, ou mesmo sendo isso não quer dizer nada. [Pausa 0,3 segundos] Não é  
475 reconhecido, não é bem visto, e pouco é aceite esta realidade, e às vezes quando é, das  
476 poucas vezes que é, muitas delas as pessoas são tratadas como meninos pequeninos  
477 outra vez, desvalorizadas, não é, do estilo: "*Ah, deixem lá, só estão ali nos apalpões ou*  
478 *nos esfreganços.*", isto é desvalorizar. Se calhar as relações não tão intensas, mais  
479 calmas, com penetração mais leve, ou sem ela, porque há outras coisas, como as mãos,  
480 os objectos sexuais, os esfreganços, ou mesmo os apalpões. São tudo coisas que  
481 definem a sexualidade de cada um. Não fazemos todos sexo da mesma forma, não é? E  
482 quem diz que eu não posso gostar de fazer só uns esfreganços? Ou de uns apalpões? Ou  
483 que gosto ou não de penetração? Ninguém é ninguém para dizer ou definir como é que

484 cada um pode e deve definir a sua sexualidade, como a deve realizar, desde que seja  
485 consentida entre as pessoas envolvidas. Olhe, vou dar-lhe o exemplo, tenha um casal  
486 amigo, eles por acaso são hétero, mas são muito modernos, muito para a frente. Ele tem  
487 setenta e sete, ela tem setenta e um, e às vezes vou a casa deles lanchar, e eles adoram  
488 saber sobre a minha vida sexual. A diferença fascina-os, adoram perceber como esta  
489 diferença de ser gay funciona, e falo a sério, são pessoas muito diferentes daquilo que se  
490 encontra nas mentalidades das pessoas hétero das mesmas idades das deles. Mas pronto,  
491 falamos sobre isso, muitas vezes pedem-me conselhos, ou pedem-me que lhes compre  
492 alguns produtos para manterem a sexualidade deles, porque se amam e não estão  
493 prontos para abdicar dessa componente da vida deles. E isto dito pelas palavras deles.  
494 Sabe o que já lhes comprei? Lubrificantes, porque ela diz que com a idade a secura  
495 vaginal dificulta o acto, e por isso é preciso lubrificante, porque os ajuda muito. Mas  
496 sim, ham, lubrificantes, Viagra para ele, comprimidos afrodisíacos, dois vibradores, um  
497 par de algemas, algumas roupas atrevidas, e sei lá mais o quê, que já perdi a conta. Isto  
498 num espaço de uns cinco ou seis anos. Começamos a nossa amizade há muito mais  
499 tempo, aí uns oito anos, mais coisa menos coisa, mas só há uns cinco ou seis anos é que  
500 ganharam confiança para me pedirem ajuda e falarem sobre estas coisas porque uma vez  
501 foram comprar lubrificante e foram gozados pela senhora da farmácia. Acabaram por  
502 não trazer nada. Ganharam medo, vergonha, e falaram comigo sobre o que aconteceu.  
503 Eu disponibilizei-me para os ajudar e desde então sou eu que os ajudo com essas coisas,  
504 porque eles foram completamente desacreditados e humilhados. Eu não quero ter passar  
505 por isso. Nem na idade deles, nem na minha, nem nunca. Nem em minha casa, nem num  
506 lar, nem em lado nenhum. O sexo tem a importância que tem e vale o que vale para cada  
507 um. Acho que tem é de ser respeitado e aceite como uma coisa normal dessa idade.

508 **E.: Percebo, sim. Muito bem, e no que diz respeito a comportamentos sexuais de**  
509 **risco, que noção é que o senhor tem acerca disto?**

510 **A.:** Ham... Comportamentos sexuais de risco? Ham... Sim, sei o que isso é, sim. Claro  
511 que sim. A ideia que tenho foi das coisas que vi e soube através dos anos, ao longo dos  
512 anos que vivi e fui tendo relações, que fui conhecendo pessoas e as suas histórias... Eu  
513 com o meu amante tive relações sempre protegidas, mas com a minha mulher não tinha.  
514 Por sua vez, a minha mulher não teve relações protegidas com nenhum dos dois, fazia  
515 coito interrompido, porque o preservativo provoca-lhe irritações na área genital. Ham...



516 Portanto, acabava por não ficar protegido à mesma. Depois de saber disso fui fazer  
517 exames, em pânico, não é, porque nessa altura ouvia-se muito falar em doenças  
518 passadas pelo sexo, altamente contagiosas e resistentes, como a Sida, havia um grande  
519 número de casos de Sida que começavam a ser cada vez mais falados, e começou-se a  
520 ver o que é que isso provocava, não é, mortes lentas, dolorosas, em que qualquer pessoa  
521 olhava para nós e sabia logo que estávamos doentes, porque era uma coisa visível de  
522 aspeto, e era terrível. Prendemos duas pessoas com Sida nos anos setenta ou que foi, ou  
523 oitenta, não sei já ao certo, que andavam na droga e na prostituição, e o aspecto delas na  
524 altura era evidente. Percebia-se de caras que eram pessoas que tinham Sida. Percebia-se  
525 que viviam da droga porque eram magrinhas, chupadinhas, com ar muito desgastado,  
526 dentes podres, um aspeto descuidado, pronto, tudo isso, e depois aquelas feridas no  
527 corpo, aquele ar mesmo de pessoa doente que a Sida fazia transparecer... Aquilo era de  
528 caras mesmo, muito evidente. Agora já não é tanto assim. Já prendemos duas ou três  
529 pessoas que só soubemos que tinham Sida porque ou nos disseram, ou vimos pelos  
530 resultados dos exames que foram pedidos para esses casos. Muita coisa mudou. E isso  
531 acho que ainda se torna mais um risco. É uma doença que antes era visível, que antes se  
532 dava para nos fazer aperceber que a outra pessoa não estaria bem de algum modo. Isso  
533 evitava que houvesse sexo até, quanto mais desprotegido ou não. Mas agora não, agora  
534 não é tanto assim. As pessoas atualmente podem ter Sida e aparentarem ser pessoas  
535 minimamente saudáveis. Tornou-se numa doença invisível, silenciosa, muda, que  
536 ninguém dá conta a não ser que saiba já que a tem, ou que se tenha mesmo precauções  
537 para evitar uma coisa dessas. Na pior das hipóteses, acontece como aconteceu comigo,  
538 que me protegia de um modo mas não me protegia do outro. Com ele, ele tinha sempre  
539 proteção e usávamos proteção para estarmos juntos sexualmente, mas com a minha  
540 mulher não, porque ela ficava naquele estado, como lhe disse. Portanto, acabei por ficar  
541 desprotegido à mesma. Felizmente não aconteceu nada, mas nunca mais repeti o erro.  
542 Fiquei tão assustado que nunca mais fiz relação alguma sem proteção que fosse, ainda  
543 por cima depois do surto que houve nessa altura. Não me pus a jeito mais vez nenhuma  
544 por ninguém. Por isso... ham... sim, tenho noção do que são comportamentos sexuais  
545 de risco, e foi através da minha história, da minha própria experiência, que obtive a  
546 minha noção acerca desse tema, para além claro das notícias, dos filmes, de tudo isso  
547 que ia surgindo ao longo dos tempos. Tentei precaver-me o melhor que pude depois de  
548 ter passado pelo susto durante uma época de surtos desses tipos de doenças,

549 principalmente entre homossexuais. Posso dizer que depois de um lapso, aprendi a  
550 minha lição.

551 **E.: Muito bem, estou a ver. Senhor [*nome do entrevistado*], estamos a chegar ao fim**  
552 **da nossa entrevista. Quer acrescentar algo que se tenha esquecido, relativamente a**  
553 **algum tema que tenha sido abordado, ou que se lembre e queira registar?**

554 **A.:** Hum... Não, não creio ter mais nada a acrescentar que me lembre de momento.  
555 Ham... [Pausa 0,5 segundos] Não, não creio ter mais nada a acrescentar.

556 **E.: Bem, então vamos terminar aqui a nossa entrevista. E gostaria de aproveitar**  
557 **para lhe agradecer a sua participação, colaboração e disponibilidade.**

558 **A.:** Ham... De nada. Continuação de bom trabalho.